"O CRISTO VIVO"

8ª Convenção Mundial de Escolas Dominicais

Rio de Janeiro, 25 a 31 de Julho de 1932

"O CRISTO VIVO"

Relatório Oficial da 11.ª Convenção Mundial de Escolas Dominicais

Rio de Janeiro, 25 a 31 de Julho de 1932

Redator do Vo lume em Português

Rev. Galdino Moreira

Editado pelo Conselho Evangélico de Educação Religiosa do Brasil

AV. ERASMO BRAGA, 12 — SALA 3

—— Rio de Janeiro ——

RECONHECIMENTOS

O histórico desta notavel Convenção foi preparado primeiramente
ingua inglesa, pois os discursos e relatórios, na sua maioria, foram
sentados nessa lingua. Publicou-se esse relatório nos Estados Unidos
América do Norte com o titulo:

THE LIVING CHRIST

in the

World Fellowship of Religious Education

Official Record of the
Eleventh World's Sunday School Convention
Held in Rio de Janeiro

Compiled by

William Charles Poole, Ph. D., D. D.

O trabalho de organizar e compilar os materiais desse livro foi
nfiado ao Rev. Dr. William C. Poole, Pastor da 1ª Igreja Metodista
Buenos Aires, e ex-Presidente da Associação Mundial de Escolas
ominicais, quem presidiu ás sessões da Decima Convenção Mundial
Escolas Dominicais realizada em Los Angeles de California em 1928.

Deve-se ao Dr. Poole e á sua eficiente secretária, Miss Annie
ickie, a vívida apresentação em inglês desta significativa reunião
undial no Rio de Janeiro.

A tradução para o Português

Recebidos do Dr. Poole, os manuscritos, primorosamente preparados na lingua inglesa, a Secretaría do Conselho Evangélico de Educação Religiosa do Brasil organizou um eficiente corpo de tradutores, cujos nomes seguem, e escolheu como redator do volume em Português o Rev. Galdino Moreira, sendo o trabalho da revisão de provas na ortografia oficial confiada ao Rev. Rodolfo Anders.

Os tradutores

Lyman Allyn
Rev. Rodolfo Anders
José L. F. Braga Jr.
José L. F. Braga Neto
Mrs. Myron Clark
Adolfo Machado Correia
João de Cabedo
Rev. Carlos Godinho
David Ferreira
Rev. Jorge Goulart
Srta. Maria Pinheiro Guimarães
Rev. H. S. Harris
Benjamin H. Hunnicutt
Da. Isabel Menezes
Rev. Benjamim Morais
Rev. Epaminondas Moura
Rev. Julio Nogueira
Srta. Carmen Orecchia
Augusto Ottoni
Bethuel Peixoto
Rev. Bernardino Pereira
F. Miranda Pinto
Miss Ruth B. See
Edgar Soren
Oscar Machado da Silva
Severino Silva
Srta. Ruth B. Teixeira
Sra. Edmundo Vidal
Miss Margaret Weaver
Mrs. W. G. Wills

A todos os profundos agradecimentos da Associação Mundial de Escolas Dominicais e do Conselho Evangélico de Educação Religiosa do Brasil.

Herbert S. Harris

Secretário para o Brasil
da Associação Mundial de EE. DD.

Secretário Geral
do Conselho Evangélico de
Educação Religiosa do Brasil

CONTEÚDO

1ª Parte — Introdução e Abertura da Convenção

2ª Parte — Temas e Tópicos Gerais

7ª Parte — Apêndice

ILUSTRAÇÕES

PRIMEIRA PARTE

INTRODUÇÃO E ABERTURA DA CONVENÇÃO

PREÂMBULO

A Undécima Convenção Mundial de Escolas Dominicais realizada no Rio de Janeiro, representou, como bem o disse seu Presidente, Sr. Harold Mackintosh, "o maior e o mais poderoso movimento voluntário mundial cooperador da Educação Cristã da geração vindoura".

Contribuiu esta Convenção principalmente para o Brasil, país onde foi realizada. Foi justamente o convite dos líderes da Escola Dominical do Brasil, por mais de uma vez repetido, que a trouxe para alí, onde se encontra a mais forte comunidade protestante da América Latina. Entretanto, os 1626 delegados inscritos, representando 33 diferentes países, serão os portadores da influência da Convenção em todo o mundo.

Ter conseguido reunir, com tanto sucesso, uma Convenção Mundial tão bem frequentada, numa ocasião dificultosa como esta, é, por si só, um fato que bem representa a vitalidade das fôrças mundiais da Escola Dominical. A guerra civil assolava o Brasil, ao passo que outros movimentos armados e revoluções políticas existiam em diversas outras nações Sul-Americanas. Em certos locais as condições eram tão sérias, que diversas linhas troncos de importantes estradas de ferro tiveram o seu tráfego inteiramente paralizado, estando outras com o seu movimento muito reduzido. Além dêstes distúrbios Sul-Americanos, a maior e a mais generalizada das depressões econômicas por que o mundo já passou veio reduzir sèriamente os recursos financeiros de muitos que pretendiam comparecer á Convenção, para não falar já na dificuldade que houve, na questão de câmbio, aos que tiveram a ventura de poder ir ao Rio. Entretanto, quando se reuniu a Convenção, estavam presentes delegados de todos os continentes do globo.

O espírito reinante era de grande alcance e cheio de esperanças. As mensagens revelaram convicções profundas, em geral pouco aparentes em reuniões mundiais desta espécie. Nem um só orador se mostrou pessimista. *O Cristo Vivo*, a Esperança e a Luz do mundo, foi, não só o tema da Convenção, mas também a nota dominante no correr de sua realização.

O presente volume representa o histórico desta notável Convenção. Foi feito mais ou menos á luz dos mesmos dados, informações e apreciações que serviram á edição no idioma inglês, organizado esplêndidamente pela experiente e culta pena do Rev. Dr. W. C. Poole, atual pastor da 1ª Igreja Metodista de Buenos-Aires, na Argentina, e ex-pastor da magnífica "Christ Church", de Londres.

A atual edição em português foi feita pelo Conselho Evangélico de Educação Religiosa do Brasil, sob a redactoração de seu presidente, o Rev. Galdino Moreira, e com o auxílio de ilustres colaboradores nacionais.

Estamos seguros que será de utilidade permanente aos obreiros da América Latina e aos que podem ler o lindo idioma de Camões êste edificante volume.

O Cristo Vivo o ha de abençoar!

Robert M. Hopkins.

O LOCAL DAS SESSÕES DA CONVENÇÃO

Ha quatro belos portos que se rivalizam entre si, na estima do undo, sem que um seja classificado como o primeiro em lugar do utro. São Nápoles, Sydney, São Francisco de Califórnia e Rio de aneiro. Todos os que têm visitado êsses lugares concordam, porém, n atribuir ao porto do Rio de Janeiro a honra da proeminência.

No esplendor do colorido natural tem esta grande cidade da América o Sul algo de miraculoso, que a coloca acima da rivalidade com qualuer outra cidade do Universo. Aquí, os píncaros graníticos, o mar e turquesas, a floresta tropical e a cidade matizada com o colorido o arco-iris se encontram e se harmonizam.

Vista pela primeira vez, quando o dia está radiante e fresco, com geiras nuvens cobrindo as grimpas das montanhas; ou quando no ardente stio, ao pôr do Sol, os últimos raios acariciam os cumes e quebradas ue contornam a espaçosa baía; ou ainda quando os raios do plenilúnio e entrelaçam, adornando as cimeiras do Pão de Assucar e do Corcovado, m, em qualquer variedade de panorama, a impressão de sua incompaivel beleza se fixa sobre a nossa retina.

Esta cidade de encantos que se abeira da gloriosa baía de Guanabara, rcada de montanhas e marchetada de graciosas ilhas, inspira os poetas, porque a beleza é um gôzo eterno". A beleza do Rio de Janeiro dá ondulação da Guanabara uma espécie de ritmo artístico. A severa ureza de seu céu é deslumbrante em seu brilho azulado. A' mágica gitação da tarde e do despedir do dia, segue-se o misterioso e romântico lêncio da noite. O drama do seu ocaso leva a mente humana a arquitar palácios fictícios, imaginários, como os castelos nubígenos, no cidente.

Numa cidade como o Rio de Janeiro, o efeito da luz cria um parama de variável encanto. Cada mudança registra-se em encantadores spectos de paisagem. Além da barra, em franco oceano, sucedem-se as ndas, semelhantes a muralhas de pedra, produzindo fragoroso estrépito, nquanto que nas protetoras enseadas as ondas do remanso assemelham-se jóias de água-marinhas e lapis-lazuli negligentemente espalhadas!...

Poderá qualquer outra cidade oferecer visão tão deslumbrante, como sta das elevadas montanhas do Rio, vistas de longe? Da serra da ijuca contemplam-se com facinação e delírio, emaranhados vinhedos. s ramos das florestas virgens, no conjunto, formam soberbos tapetes stendidos sobre arquibancadas naturais de inconcebíveis dimensões, e, ais além, em êxtase, perde-se a vista através da baía...

A cidade foi fundada em 1565 por Estácio de Sá. Os historiadores iscordam ainda sobre quem primeiro pisou esta bela terra, penetrando este abrigo seguro, nesta obra prima da natureza, guardada por gigantescas sentinelas graníticas que montam guarda á sua entrada. Estas, nevoadas, de excelente grandeza, mergulham no mar os seus pés cobertos e denso matagal.

No Rio de Janeiro as côres parecem chegar ao excesso. A purpúrea da-quaresma aquí cresce altaneira. Os *flamboyants* vivos são ntes sombrosos. Os ipês engalanam-se de amarelo canário. O nificante jacinto compete com a mimosa violeta e com o copioso icá na ostentação das côres. Árvores floridas crescem com um luxo não se pode imaginar. São conspícuas as magníficas acácias as, como chuveiros de ouro. Florações escarlates, alvas, *salmon* e urinas, saturam os bosques de atraente perfume. O Rio, na pri-era, é mágico. Seus arrabaldes e passeios enlevam a mente e fasci-o espírito. Cataratas de rosas como que caem das muralhas e latadas. íferos arbustos brilham rociados, a derramar seu incenso, saudando anhã.

A palmeira imperial é uma distinta feição do Rio, que se descobre alcance da vista. São mastros colossais de cabeleira hirsuta, que mentam jardins e avenidas. As residências, tanto em estilos de otas como de hodiernas eras, são ornadas e extremamente pitorescas. as delas, como ninhos de sonoros pássaros, acham-se localizadas na sta de arborizados montes escarpados. Os jardins são verdadeiros nbros de beleza, ricos em jasmins, bigôneas, angélicas, azaléias, ntemos, camélias e cravos; verdadeiros jardins-pomares, onde os is melodiosos trinam agudos cantos e onde as travêssas borboletas natiz orgulhoso voam alegremente.

Êste local de nossas reuniões jamais poderá ser olvidado! — A lua cente espalha-se em argênteas figuras pelas alvas praias. As brizas eiras guiam alvas nuvens para os extensos prados azues. As estrelas tam guarda em quieta vigília, através as balsâmicas noites...

Mas, chegou um novo dia. A grande Convenção terminou. Devemos essar aos nossos lares. Si nos recordamos de que é sempre alegre ar, todavia, é triste deixar esta cidade, beijada carinhosamente de ornada de névoas, espanada pela briza e banhada de beleza — O de Janeiro.

CONVOCAÇÃO OFICIAL

Em prol das crianças do mundo e dos interêsses da Educação Cristã, ocamos a 11ª Convenção Mundial de Escolas Dominicais, para se ir na cidade do Rio de Janeiro, Brasil, de 25 a 31 de Julho de da presente era de Nosso Senhor Jesus Cristo.

As Convenções que desde 1889 se realizaram em Londres, São Luiz. salém, Roma, Washington, Zurich, Tokio, Glasgow e Los Angeles, aberto um caminho cada vez mais amplo a uma confraternização dial na tarefa da Educação Cristã.

A 11ª Convenção será a primeira a realizar-se ao sul do Equador, além disso, o primeiro grupo de representação mundial, e de natureza

cristã, a reunir-se na América do Sul. Sendo a presente época de grandes modificações na vida e no pensamento de milhares de latino-americanos, tem esta Convenção ótima oportunidade especial para contribuir com sua parte no progresso do Cristianismo Evangélico do mundo.

O tema escolhido para esta Convenção é — "O CRISTO VIVO", e constitue um repto para todos os cristãos do mundo.

Nunca foi tão necessário, como agora, frisar a importância da Educação Cristã da Infância e da Juventude. Nela se encontra a reação cristã contra o espírito materialista de nossos tempos. O moderado e simples método de Educação Cristã é a maior fôrça que a Igreja de Cristo possue para assegurar a redenção dos homens em Jesus Cristo.

Sòmente á medida que, pela Educação Cristã, guiarmos os jovens á fé no CRISTO VIVO é que poderemos ter esperanças de ganhar o mundo para Cristo e para o Reino dos Céus.

Londres, 22 de Julho de 1931.

HAROLD MACKINTOSH,
Presidente da Associação Mundial de EE. DD.

L. A. WEIGLE,
Presidente da Comissão Executiva

JAMES KELLY,
Secretário Geral da Secção Européia

ROBERT M. HOPKINS,
Secretário Geral da Secção Americana

CONVITE DO CONSELHO EVANGÉLICO DE EDUCAÇÃO RELIGIOSA DO BRASIL

Aos Obreiros e Cristãos de Todo o Mundo:
Saüdações.

De acôrdo com o desejo expresso pelos supremos concílios de quasi todas as denominações evangélicas do Brasil, a União de EE. DD. enviou a todas as Convenções Mundiais, a começar com a de Tókio, em 1920, o seu convite aos obreiros das EE. DD. do mundo, para realizarem uma Convenção Mundial na cidade do Rio de Janeiro, a bela Capital da nossa Pátria.

Grande foi o nosso regozijo quando, no encerramento da Convenção, em Los Angeles, 1928, um cabograma nos trouxe a notícia alviçareira de que o convite fôra aceito e que em 1932 teriamos o alto privilégio de hospedar os nossos colegas vindos de todas as terras, empenhados conosco na maior tarefa que Deus confia aos homens, a de dirigir a infância e a mocidade de todas as nações nos caminhos da vida e do serviço cristãos.

"Na multidão de conselhos ha sabedoria" — e, certamente, não ha problemas que, para sua solução, requeiram mais sabedoria, do que os da educação religiosa, porque êstes, quando devidamente resolvidos e as soluções rigorosamente aplicadas, solucionarão os grandes problemas sociais, industriais, econômicos e outros problemas prementes da intensa vida hodierna.

Nós vos convidamos, portanto, a virdes á nossa Capital, em 1932, para repartirdes conosco, e uns com os outros, a experiência e a sabedoria que adquiristes ao enfrentar os problemas que sempre surgem ao lado dos programas que visam a formação do caráter cristão, e, juntos, inspirar-nos-emos nas palavras dos principais educadores cristãos do mundo, e estudaremos aos pés de Cristo, e daqueles que mais receberam do Seu Espírito e aprenderam o Seu método — tudo com o fim de exaltar *"O Cristo Vivo"*, nesta e em todas as terras e fazê-lo Rei em todas as esferas da vida mundial.

Com êste objetivo vos rogamos que nos honreis com a vossa visita e nós nos regozijaremos com a oportunidade de vos estender, em sinal de afeto cristão e de hospitalidade brasileira, a dextra de camaradagem e de boas-vindas, — boas-vindas aos nossos lares, ás nossas Igrejas, ás nossas escolas e instituïções evangélicas; boas-vindas á nossa linda cidade, com a sua baía e suas montanhas de fama mundial, e, sobretudo, boas-vindas aos nossos corações, que pulsam em unísono, com os de todos os que "O amam e aguardam a sua vinda" — corações ansiosos de servir a cada um e a todos vós em camaradagem e amor cristão.

Enviai-nos os vossos obreiros mais experimentados, os melhormente bem sucedidos e os mais esperançosos na tarefa educacional evangélica e juntos construïremos novas estradas reais para o *Cristo Vivo,* a serem trilhadas, na companhia do Mestre, pelas criancinhas e pelos jovens entusiastas, enquanto êles conosco levam avante o glorioso afã de tornar o Reino de Cristo supremo sobre toda a terra.

(aa) Galdino Moreira, Presidente do
Conselho Evangélico de Educação Religiosa do Brasil.
J. L. Fernandes Braga Junior, Presidente da
Junta Executiva da Convenção Mundial.
Rio de Janeiro, 16 de Março de 1931.

INTRODUÇÃO HISTÓRICA

ONZE CONVENÇÕES MUNDIAIS

1 — *Convenção Mundial de Escolas Dominicais,* Londres, Inglaterra, 1 a 6 de Julho de 1889.

O número total de delegados registrados foi de 904, como segue: 360 dos Estados Unidos, 69 do Canadá, 440 da Grã Bretanha e Irlanda, 35 de outros países.

O número de membros da Escola Dominical no mundo, por essa ocasião, era computado em 19.715.781. A Índia ocupou atenção especial. Antes do encerramento da Convenção, os representantes da Convenção e os representantes da Escola Dominical Britânica designaram o Dr. James Phillips como missionário da E. D. á Índia. Foi eleito presidente Sir Francis Belsey.

Resultado imediato da reunião: A Índia foi organizada como fôrça de educação religiosa.

II — *Convenção Mundial de Escolas Dominicais*. St. Louis, Mo., de 30 de Agosto a 5 de Setembro de 1893. Foi esta uma Convenção combinada das Associações Mundial e Internacional, sendo que a Convenção Mundial ocupou os últimos três dias. O número total de representantes, nas duas convenções, foi de 882, 55 dos quais eram da Grã-Bretanha e os demais de países estrangeiros; a saber: Alemanha, Índia, Suécia e um delegado de Burma.

O Dr. Phillips, representando a Índia, esteve presente e fez um veemente apêlo a favor do Japão. 223 dólares foram contribuídos espontâneamente, sendo a mór parte atirada sobre a plataforma, donde falava o Dr. Phillips, para o fim de se colocar um Secretário no Japão, conforme a recomendação do orador. Como resultado dêsse apêlo emocionante, o Sr. T. C. Ikahara, japonês educado na América do Norte, foi enviado posteriormente como secretário ao Japão. Como resultado do interêsse despertado pelo Sr. Ikahara e por aqueles cujo interêsse êle despertou no seu trabalho, o Sr. Frank L. Brown, o Dr. H. M. Hamill e outros visitaram o Oriente várias vezes, mais tarde, e organizaram escolas dominicais no Japão, Coréia, China e Ilhas Filipinas. O Sr. B. F. Jacobs foi eleito presidente da Junta Executiva.

Resultado importante: Japão, Coréia, China e as Filipinas organizaram-se também, como a Índia, antes.

III — *Convenção Mundial de Escolas Dominicais,* Londres, Inglaterra, 11 a 16 de Julho de 1898. Os delegados da América do Norte, em número superior a duzentos, partiram de Boston a 29 de Junho de 1898, em um navio fretado especialmente, o *Catalônia*. A viagem tornou-se memorável por um incêndio no porão do navio. O primeiro aviso de que alguma cousa não ia bem foi dado pela oficialidade de bordo, dizendo que o refrigerador não estava funcionando. Uma investigação revelou que a carga de algodão estava incendiando. Os delegados foram despertados á meia noite e permaneceram no convés até o clarear do dia, enquanto a tripulação, assistida por muitos passageiros, combatia as chamas. Finalmente foi alijado o último fardo de algodão incendiado e todos juntos cantaram "Louvai ao Senhor, de quem procedem todas as bênçãos".

A Convenção registou o número de 1.154 delegados, sendo 299 da América do Norte, representando 30 Estados e províncias. A maior parte dos delegados eram da Grã-Bretanha, embora a Áustria, Bélgica, França, Alemanha, Holanda, Itália, Noruega, Suécia e Suissa estivessem representadas. O Sr. Edward Towers foi eleito presidente da Junta Executiva.

Resultado importante: Desenvolvimento do trabalho da Escola Dominical no continente europeu.

IV — *Convenção Mundial de Escolas Dominicais*, Jerusalém, 17 a 19 de Abril de 1904. A 8 de Março de 1904, 817 delegados partiram de Hoboken, no *Grosser Kürfürst*, do North German Lloyd Steamship. A não ser nas viagens terrestres pela Terra Santa e Egito, os delegados permaneceram todo o tempo a bordo. Quarenta e três Estados, sete províncias e nove nações estiveram representadas naquele país. Houve paradas nos portos missionários da rota, onde se realizaram inspiradoras reuniões. Levantaram-se ofertas aproximadas a quatro mil dólares para o trabalho missionário representado nesses lugares. A Convenção reuniu-se em dois pavilhões, erguidos ao norte da muralha setentrional de Jerusalém, ao pé do Calvário, á vista do Monte das Oliveiras. 1.526 delegados foram inscritos. 25 países e 50 denominações religiosas estavam representados. O navio aportou, na sua rota, em Madeira Gibraltar, Algéria, Malta, Atenas, Smirna, Constantinopla, Haifa, Jope, Alexandria, Nápoles e Villegranche. Facilitaram essa maravilhosa excursão três grandes líderes, E. K. Warren, W. N. Hartshorn e A. B. McCrillis. Provàvelmente nunca antes estiveram reunidos tantos líderes da Escola Dominical, como nessa viagem. Os delegados da América do Norte, regressaram, na sua maior parte, pelo mesmo navio, depois de uma ausência de 72 dias. A secção britânica também fretou um navio, o *Vitória Augusta*, que transportou 485 delegados.

O Sr. E. K. Warren foi eleito presidente.

Resultado importante: Inteligente e vivo reconhecimento da Escola Dominical como obra mundial.

V — *Convenção Mundial de Escolas Dominicais*, Roma, Itália, 18 a 23 de Maio de 1907.

Houve dois navios fretados da América do Norte, o *România* e o *Neckar*. Fizeram-se representar, nesta Convenção, 66 países, por 1.118 delegados.

Uma reunião notável realizou-se no Coliseu. Sob a direção do Dr. R. C. Blackall, uma notável exposição de Escola Dominical foi feita no edifício da Convenção. Os Drs. F. B. Meyer, da Grã-Bretanha, e George W. Bailey foram eleitos presidentes da Junta Executiva.

Resultado importante: Organização definitiva do serviço da Associação Mundial de Escolas Dominicais.

VI — *Convenção Mundial de Escolas Dominicais*, Washington, D. C., 19 a 24 de Maio de 1910. Mais do que 2.500 delegados foram inscritos e houve milhares de visitantes. Foi esta, sem dúvida, a maior das Convenções de EE. Dominicais até aquí reunidas. O Congresso Federal adiou as suas sessões, afim de permitir que os deputados, que o desejassem, assistissem aos trabalhos da Convenção. O presidente da República, William H. Taft, e sua espôsa, não só compareceram á grande assembléia, mas também fizeram uso da palavra.

Foram eleitos secretários nesta Convenção, o rev. Carey Bonner,

de Londres e o Sr. Marion Lawrance, de Chicago. Começou assim a liderança de secretários pagos. Foram levantados 75 mil dólares para o trabalho de três anos. Foi decidido mandar o Sr. Brown ao Oriente, o Sr. Arthur Black á África do Sul e o Rev. H. S. Harris á América do Sul, para investigações sobre E. Dominical. Todos os Estados e províncias da América do Norte estavam, pràticamente, representados, entre os delegados, mas havia também muita representação de fora.

Resultado importante: Financiamento do trabalho da Escola Dominical.

VII — *Convenção Mundial de Escolas Dominicais,* Zurich, Suissa, 8 a 15 de Julho de 1913.

Dois eventos de grande importância tiveram lugar antes desta Convenção, preparando-a. Um foi a visita do secretário, Sr. Marion Lawrance, á Grã-Bretanha, com o propósito de promover reuniões através do país. O Sr. Lawrance gastou cêrca de noventa dias nessa excursão, no fim de 1911, visitando 35 cidades na Inglaterra, Escócia Irlanda e Gales. Promoveu 110 reuniões, falando a 77.000 pessoas. Foi êle acompanhado em várias reuniões, pelo Dr. F. B. Meyer, Rev. Carey Bonner, Sir George White, Sir Robert Laidlaw e outros. Nos primórdios de 1913, o Sr. H. J. Heinz, em companhia de mais 29 pessoas, fez uma viagem pelo Oriente, visitando o Japão e a Coréia, passando através da Sibéria e Rússia pela estrada de ferro e indo a Zurich, para a Convenção. Esta foi, na espécie, a primeira viagem ás escolas dominicais do mundo, e creou imenso interêsse não sòmente no Japão mas em todo o mundo. Como resultado dessa viagem, a Oitava Convenção Mundial de Escolas Dominicais foi convidada a reunir-se na cidade de Tokio, no Japão; dois delegados do Japão, os Drs. H. Kozaki e K. Ibuca, de Tokio estiveram presentes em Zurich, e fizeram o convite para que a próxima Convenção se reunisse no Japão.

Na Convenção de Zurich havia 2.609 delegados, incluindo 221 missionários, 47 pastores, 601 superintendentes e outros oficiais e 983 professores de Escolas Dominicais. Setenta e cinco denominações religiosas e seitas, de cincoenta e um países, estiveram presentes. O programa abrangeu oito dias. Foram representadas todas as províncias do Canadá e todos os Estados da União Americana, com exceção de dois. Os principais *itens* do programa foram os relatórios de seis grandes comissões, contando cada uma entre vinte e cincoenta membros, organizadas com o propósito de estudar o trabalho da Escola Dominical quanto ás suas condições presentes e futuras possibilidades, no continente europeu, África do Sul, Índia, Oriente, América Latina e terras maometanas.

Foi eleito presidente da Junta Executiva Sir Robert Laidlaw.

Resultado importante: O trabalho estabelecido definitivamente.

VIII — *Convenção Mundial de Escolas Dominicais,* Tókio, Japão, 5 a 14 de Outubro de 1920. O tempo originalmente fixado para a reunião desta convenção foi a primavera de 1916, mas a grande guerra protelou-a até 1920.

Esta convenção foi assistida por 1.814 delegados, representando cinco continentes e dezesete países. A América do Norte foi representada por 850 delegados. A maior delegação, em número de 105 pessoas. veiu da Pensylvania.

Os japoneses contribuíram com 280.000 Iens (140.000 dólares) para hospedagem da Convenção. Sua Majestade imperial, o Imperador, contribuiu com 50.000 Iens para essa soma.

Os principais acontecimentos da Convenção foram os seguintes: A destruição do edifício, por um incêndio, poucas horas antes da abertura da Convenção, não tendo havido perda de vidas; planos ràpidamente reorganizados e a Convenção aberta em tempo; o Teatro Imperial, com capacidade para 3.000 pessoas, utilizado para as sessões.

Resultado importante: O trabalho desenvolvido. Novas Associações formadas na Austrália, Nova Zelândia, Checo-Slováquia, Húngria, Ceilão. A Índia reorganizada.

IX — *Convenção Mundial de Escolas Dominicais*, Glasgow, Escócia, 18 a 26 de Junho de 1924.

Estiveram representadas nesta Convenção 54 nações, com 2.810 delegados com inscrição paga e muitas centenas de visitantes.

Uma reunião dos oficiais da Associação, junto com os representantes de 21 unidades nacionais e internacionais, precedeu, durante dois dias, antes da abertura da Convenção, ao estudo das necessidades e realizações da Escola Dominical.

Um brilhante caraterístico desta Convenção foi a Representação Alegórica da E. Dominical, realizada todas as noites, durante o período convencional, num edifício á parte. Esta Representação Alegórica encenou o desenvolvimento da educação religiosa desde os tempos de Abraão até o presente.

Resultados notáveis: Reforma dos estatutos, tornando a Associação Mundial de Escolas Dominicais uma Federação de Unidades da E. D. tanto nacionais como internacionais.

Designação de uma Comissão Mundial de Inspecção, para fazer um estudo compreensivo das organizações nacionais e suas necessidades.

Designação de uma Comissão de Currículos para fazer um estudo compreensivo de lições através do campo mundial.

X — *Convenção Mundial de Escolas Dominicais*, Los Angeles, Califórnia, 11 a 18 de Julho de 1928. Representando 51 países, havia 7.631 delegados. Além dêstes, cêrca de 5.000 mais, pagaram entrada para as sessões. Na reunião da tarde do grande domingo da Convenção, houve uma assistência de nada menos de 30.000 pessoas. Vê-se, pois, que um número superior a 40.000 pessoas assistiram á Convenção.

XI — *Convenção Mundial de Escolas Dominicais*, Rio de Janeiro, Brasil, 25 a 31 de Julho de 1932.

O número total de delegados registrados foi de 1.316, assim distribuídos:

Brasileiros	1.038
Sul-americanos	58
Demais países	220
Total de delegados registrados	1.316
Membros do Côro, não incluídos na relação acima	312
Idem, da Representação Alegórica	221
Total de inscritos	1.849

Da delegação brasileira, deixaram de comparecer, em consequência de um movimento revolucionário que estourára a 9 de Julho em São Paulo, 229 delegados inscritos. Outrossim, da quota total, 149 pagaram uma taxa parcial, com direitos relativos.

Levou-se a efeito no Domingo da Convenção uma parada dos delegados e das Escolas Dominicais do Distrito Federal, na Praça da República, o antigo Campo de Sant'Ana, a que compareceram, segundo o cálculo mais provável, cêrca de 10.000 pessoas, e se fizeram ouvir delegados dos 33 países que tomaram parte na Convenção.

Ás sessões noturnas assistiram na média 2.200 pessoas e na sexta-feira, dia da Representação Alegórica, entitulada — *O Cristo dos Séculos,* a assistência subiu a 2.500 pessoas.

Mereceram atenção especial do Congresso os problemas da educação religiosa na América do Sul e na Ásia, levantando-se em uma das sessões uma oferta especial para a obra na China, que rendeu cêrca de 20:000$000.

CLUBE CENTENÁRIO

Escolas Dominicais que contribuíram para a realização da 11ª Convenção Mundial de Escolas Dominicais, por meio de

Ofertas especiais para o Fundo da Convenção
Ofertas regulares para o trabalho mundial
Intercessões pela Convenção.

Hollywood,	California	— 1ª Igreja Metodista Episcopal
Los Angeles,	"	— 1ª Igreja Cristã
Petaluma,	"	— Igreja Cristã
Radlands,	"	— 1ª Igreja Congregacional
San Diego,	"	— 1ª Igreja Luterana

San Diego, California	— 1ª Igreja Metodista Episcopal
" " "	— Igreja dos Irmãos Unidos
Denver, Colorado	— Igreja Metodista "Warren Memorial"
" "	— Igreja Episcopal
Connecticut-Clube Centenário	
Stamford, Connecticut	— 1ª Igreja Presbiteriana
Bridgeport, "	— 1ª Igreja Congregacional
Wilmington, Delamare	— 1ª Igreja Presbiteriana
Washington, Distrito de Columbia	— Associação de Escolas Dominicais
Elgin, Illinois	— 1ª Igreja Metodista Episcopal
Highland Park, "	— Igreja Presbiteriana
Topeka, Kansas	— 1ª Igreja Metodista Episcopal
Hagerstown, Maryland	— Igreja S. Paulo, dos Irmãos Unidos
Beverly, Massachusetts	— 1ª Igreja Batista
Detroit, Michigan	— Igreja Batista de Jefferson Avenue
St. Louis, Missouri	— Igreja Cristã de Union Avenue
Kearney, Nebraska	— Igreja de Glenwood
Clifton, Nova Jersey	— Igreja Reformada
Cresskill, " "	— Igreja Congregacional
Shrewsbury, " "	— Igreja Presbiteriana
East Orange, " "	— 1ª Igreja Batista
North Orange, " "	— Igreja Batista
Harrington Park, " "	— Igreja Reformada
Lodi, " "	— 1ª Igreja Reformada
Hackensack, " "	— 1ª Igreja Presbiteriana
Mount Holly " "	— 1ª Igreja Presbiteriana
Long Valley, " "	— Igreja Presbiteriana
Montclair, " "	— Igreja Presbiteriana da Graça
" " "	— Igreja Presbiteriana de Cima
Norwood, " "	— Igreja Presbiteriana
Palmira e Rivertone, " "	— Igreja Batista Central
Alloway, " "	— Igreja Batista
Alco, " "	— Igreja Presbiteriana
Philipsburg, " "	— Igreja Presbiteriana de Trindade
Red Bank, " "	— 1ª Igreja Batista
Westfield, " "	— Igreja Presbiteriana
Jackson Heights, Nova York	— Igreja da Comunidade
Nova York, " "	— Igreja Crista Central
" " " "	— Igreja Reformada
Canaan, " "	— Igreja Congregacional
Williamsville, " "	— Igreja Luterana da Ascenção
Akron, Ohio	— Igreja Cristã de High Street
Cinciannati, "	— Igreja Evangélica de Emanuel
" "	— Igreja Presbiteriana do Norte
Collinsville, Oklahoma	— Igreja da Comunidade
Tulsa, "	— 1ª Igreja Cristã

Oklahoma-Clube Centenário	
Portland, Oregon	— 1ª Igreja Presbiteriana
Eagleville, Pensylvania	— Igreja Presbiteriana
Easton, "	— 1ª Igreja Presbiteriana
Pittsburgh, "	— Sexta Igreja Unida Presbiteriana
Reading, "	— Igreja Reformada de S. Marcos
Williamsport, "	— Igreja Presbiteriana Central
York, "	— Igreja Reformada de Sião
Pensylvania	— Associação dos Peregrinos
Fort Worth-Clube Centenário de Texas	
Bridgewater, Virginia	— Igreja Presbiteriana
Huntington, West Virginia	— Igreja Batista de Fifth Avenue
Orondo, Washington	— Igreja Unida
Spokane, "	— Igreja Batista de Euclide Avenue
" "	— Igreja Evangélica
" "	— Igreja Congregacional de Westminster
St. John, Nova Brunswich, Canadá	— Igreja Batista Unida
Toronto Ontário, Canadá-Clube Centenário	
Canton, Ohio	— Igreja Reformada da Trintade
Neenah, Wisconsin	— Igreja Presbiteriana

QUADRO DE HONRA

Escolas Dominicais no Brasil que contribuíram para o fundo da Convenção Mundial á razão de 500 réis (um selo da Convenção) por aluno matriculado, durante quatro anos (1929-1932).

BATISTA:

Vitória (Porto Novo)	Espírito Santo

CONGREGACIONAIS:

Santos	Est. de São Paulo
Piedade	Rio de Janeiro
Camerino	" " "
Recife	Pernambuco
Afogados	"
Niteroi	Est. do Rio
Cabuçú	" " "
Itaboraí	" " "

EPISCOPAIS:

Viamão	Rio Grande do Sul
Rio Grande	" " " "
Santa Tereza	Rio de Janeiro
Bom Pastor	" " "
Redentor	" " "
Meier	" " "

METODISTAS:

Promissão	Est. de São Paulo
Maristela	” ” ” ”
Ourinhos	” ” ” ”
Presidente Prudente	” ” ” ”
Pindamonhangaba	” ” ” ”
Cunha	” ” ” ”
São Paulo	” ” ” ”
Paraíba do Sul	Est. do Rio
Caxias	” ” ”
Petrópolis	” ” ”
Paraïbuna	” ” ”
Instituto Central do Povo,	Rio de Janeiro
Catete	” ” ”
Cascadura	” ” ”
Leopoldina	Est. de Minas Gerais
João Pessoa	Espírito Santo

PRESBITERIANAS:

Ribeirão Preto	Est. de São Paulo
Tabatinga	” ” ” ”
Rosário Oeste	Mato Grosso
Leopoldina	Est. de Minas Gerais
Inhapim	” ” ” ”
Intanhomi	” ” ” ”
Araguari	” ” ” ”
S. Sebastião do Paraizo	” ” ” ”
Itajubá	” ” ” ”
Campo Belo	” ” ” ”
Patrocínio	” ” ” ”
Serra do Salitre	” ” ” ”
Jataí	” ” ” ”
Ipanema	” ” ” ”
Aracajú	Sergipe
Garanhuns	Pernambuco
Manáos	Amazonas
Ponta Grossa	Paraná
Sengés	”
Mandurí	”
Porto Amazonas	”
Campo Largo	”
Instituto Cristão (Castro)	”
Castro	”
Barra Bonita	”

Cachoeiro de Itapemirim	Espírito Santo
Rio Novo	" "
Botafogo	Rio de Janeiro
Piedade	" " "
Bento Ribeiro	" " "
Cajú	Rio de Janeiro
Riachuelo	" " "
Silva Jardim (Classe dos Juvenis)	" " "

PRESBITERIANAS INDEPENDENTES:

Cosmópolis	Est. de S. Paulo
Presidente Wenceslau	" " " "
Assis	" " " "
Marília	" " " "
Santa Cruz do Rio Pardo	" " " "
Campo Largo	Paraná
Pentencoste, Aliança	Ceará

UNIDA:

Union Church	Rio de Janeiro

A JUNTA NACIONAL EXECUTIVA DA CONVENÇÃO

SEUS TRABALHOS

(Pelo Dr. B. H. Hunnicutt, secretário executivo)

Repetidas vezes os obreiros das Escolas Dominicais do Brasil convidaram a Associação Mundial das Escolas Dominicais para realizar uma Convenção Mundial no Brasil. O motivo para isto era tríplice: — queriam gozar o grande privilégio de hospedar a magna reunião do mundo evangélico; queriam aproveitar os ensinamentos e o estímulo de tamanho grupo de obreiros evangélicos, e finalmente, queriam mostrar ao mundo o grau de progresso a que suas escolas já atingiram aquí. Em 1928 foram coroados de êxito os esforços dos brasileiros e aceito por fim o convite para que a 11ª Convenção fosse no Rio de Janeiro.

Os trabalhos locais para a feliz realização de uma grande reunião são sempre múltiplos e pesados. Mas, ainda maior iam ser êstes trabalhos no Rio, por não existir aquí aparelhagem administrativa nem nas igrejas nem fora delas para êsse grande objetivo. Para que todos os negócios e problemas pudessem ser estudados, resolvidos, e o trabalho feito, a União das Escolas Dominicais constituiu a Junta Nacional Executiva a que entregou todos os planos. Esta Junta, por sua vez, elegeu seus oficiais e um secretário executivo, dedicando todo o seu tempo aos trabalhos da Convenção, bem como várias sub-comissões

para as diferentes fases da obra a executar. Os membros da Junta pertenciam a núcleos de todas as denominações e grupos evangélicos, pastores e leigos, sendo assim o mais representativo possível. Nos seus trabalhos, em que participou com regularidade a maior parte dos membros, a Junta revelou-se assídua e eficiente, correndo tudo num espírito harmonioso, um tanto raro em corpos compostos de elementos de interêsses tão variados. Da ocasião de ser iniciado o seu trabalho metódico, em Fevereiro de 1931, até terminar a sua tarefa em 19 de Setembro de 1932, a Junta realizou 21 reuniões, em geral ocorridas mensalmente. Ás vezes, durante longas horas, eram considerados os assuntos da agenda e, muitas vezes, só a transcrição resumida da ata ocupava quatro ou cinco páginas datilografadas.

Êstes detalhes são de interêsse, mas o que é mais importante é saber qual foi o trabalho da Junta. Em primeiro lugar, era necessário obter uma sala apropriada ás reuniões. O Dr. R. Hopkins, depois de visitar os teatros da cidade, visto que nenhuma igreja da cidade poderia acomodar tão grande reunião, optou pelo uso do Teatro Municipal, caso fosse possível ser obtido. Nomeou-se uma comissão para tratar do assunto. Preparou-se um memorial, que foi apresentado ao Interventor do Distrito Federal, por meio do Secretário dêste. Foi momento de grande júbilo quando o Dr. Adolfo Bergamini, o então Interventor, deferiu o pedido, isentando de aluguel o uso do teatro, ficando a Junta responsável apenas pelas despesas do pessoal extraordinário e da luz. Em toda a literatura de propaganda usou-se a fotografia do Teatro Municipal. Mais tarde, por circunstâncias especiais, realizaram-se apenas as reuniões de abertura e de encerramento naquele magnífico prédio, mas, as outras foram feitas em outra propriedade Municipal, o novo e esplêndido Teatro João Caetano.

Os trabalhos financeiros da Junta resumiram-se em angariar fundos, vender os selos da Convenção, intensificar as coletas nas Escolas e guardar cuidadoso *contrôle* das despesas. Num momento abençoado e oportuno um digno irmão, que não quís fosse revelado o seu nome, fez um repto á Junta: — êle daria a importância de dez contos para as despesas da Convenção si a Junta conseguisse angariar outro tanto em determinada época. A Junta pôs em movimento todos os seus esforços e mediante mais do que uma centena de ofertas, vindas desde o Amazonas até a fronteira do Rio Grande do Sul, e desde o litoral até o interior do Estado de Mato Grosso, dois dias antes de terminar o prazo final viu-se atingido o alvo. Aquí fica registrada a imensa gratidão da Junta ao generoso anônimo e a todos quantos contribuíram nesta ocasião, ou de qualquer outra maneira, para os fundos da Convenção. Arrecadou-se a importância total de quasi 107:000$000, que deram para cobrir as despesas, visto que a Junta Executiva da Associação Mundial usou de liberalidade no acêrto final das contas entre os dois grupos responsáveis. A' Associação Mundial devemos registrar aquí nossa mais profunda gratidão.

Foram realizadas convenções regionais preparatórias do norte ao sul do país, afim de tornar conhecida a grande Convenção Mundial, e estas visitas aos Estados muito concorreram para aumentar o número de delegados e o interêsse manifesto em toda as partes do país.

Para a hospedagem dos delegados, houve entendimento com os hoteis locais e prepararam-se impressos dando todas as informações. O trabalho simplificou-se bastante com o número menor, do que primeiro se esperava, de delegados estrangeiros e mesmo brasileiros, devido á Revolução no momento.

O trabalho de publicidade foi intenso e alcançou pleno êxito, a-pesar-da grande lacuna ocasionada pelo prematuro passamento do Rev. Erasmo Braga, o primeiro encarregado dêsse serviço. Grosso volume de recortes dos jornais e revistas atesta a atividade dêste movimento. Foram publicados e estão arquivados 615 recortes; e certamente muita cousa publicada escapará dêste arquivo definitivo.

A Junta julgou de sua responsabilidade congregar a maior simpatia e o concurso possíveis dos outros países da América do Sul e, para êste fim, publicou um cartaz em côres com dizeres em espanhol, que foi largamente distribuído. A boa delegação latino-americana atestou á eficiência desta propaganda.

A Junta de nada descuidou para ter a maior delegação brasileira possível. Registraram-se 880 delegados brasileiros, mas não puderam vir 229 dêles, devido á revolução. A frequência teria aumentado de 400 a 500 delegados mais, si não fossem êstes acontecimentos.

O côro, a representação alegórica e a exposição, a-pesar-de ter sua direção imediata com representantes da Associação Mundial, deram trabalhos árduos e enormes á Junta Executiva, e si estas partes da Convenção alcançaram tão grande sucesso, as honras cabem de justiça e igualmente ás duas partes.

Os delegados tiveram uma semana magnífica, com um clima ótimo e muito aproveitaram as excursões clássicas do Distrito Federal. A totalidade da delegação estrangeira teria visitado o Estado de S. Paulo, mas os acontecimentos da época fizeram que apenas uma senhora fosse áquele Estado, e por aeroplano. Um delegado do Japão, que se achava retido em S. Paulo, veiu á Convenção mediante proteção diplomática.

A Junta esforçou-se para fixar na mente dos evangélicos brasileiros os seguintes pontos de vista a respeito da Convenção: — a) O valor espiritual da Convenção; b) o valor educacional; c) seu valor irênico, declarando que a convenção não abriria controvérsia nem combateria a esta ou áquela forma de religião; d) a cordialidade fraternal do cristianismo; e) a hospitalidade brasileira; f) o grande progresso das igrejas nacionais.

A Junta também trabalhou muito por obter ampla cooperação por parte do Govêrno Brasileiro, o que conseguiu e está demonstrado nos seguintes atos dos vários ministérios: abatimento nas passagens do Lloyd

Brasileiro e E. de Ferro Central do Brasil para os delegados; facilidade dos "vistos" consulares e, até em alguns casos especiais, facilidades e cortezias quanto á bagagem dos delegados; entrada gratuita e franca dos objetos destinados á Exposição; o uso gratuito de vários edifícios públicos, o Teatro Municipal, o Teatro João Caetano, a Escola de Belas Artes, e a representação do Chefe do Govêrno Provisório á sessão inaugural. O Dr. Getúlio Vargas, por várias vezes, recebeu comissões da Junta, sempre demonstrando vivo interêsse na marcha dos trabalhos dela e da Convenção.

O êxito feliz dos trabalhos da Junta sempre dependeu de um esfôrço de muitas pessoas e sempre houve quem se oferecesse ou aceitasse o convite para êsses trabalhos árduos. Não vamos mencionar nomes, porque a omissão involuntária de um nome seria ofensiva. O gesto da Igreja Episcopal, pondo á disposição da Junta um dos seus dignos clérigos em plena atividade, para trabalhar durante quatro meses, foi uma grande bênção. Também as corporações missionárias, que contribuíram com o ordenado do Secretário Executivo, fizeram uma contribuïção de valor incalculável. Cêrca de dois mil assistentes de 35 países puderam gozar as reuniões no Rio, todavia, mediante contribuïções monetárias, em serviços e em oração, milhares de pessoas ajudaram a Junta Executiva no santo esfôrço que teve, estamos certos, a bênção divina. Muito fez a Junta, pois, só para erguer bem ao alto o nome do Cristo Vivo, a cuja honra e glória tudo foi dedicado.

JUNTA EXECUTIVA DA CONVENÇÃO NO RIO DE JANEIRO

Sr. José L. Fernandes Braga Jr., Presidente,
Revmo. Bispo William M. M. Thomas, 1° Vice-Presidente,
Rev. Galdino Moreira, 2° Vice-Presidente,
Dr. Osvaldo Lindenberg, 3° Vice-Presidente,
Rev. H. S. Harris, Secretário-Arquivista,
Rev. Rodolfa Anders, 2° Secretário,
Rev. Dr. H. C. Tucker, Tesoureiro,
Dr. Benjamin Hunnicutt, Secretário Executivo,
Rev. Dr. Atalício Pithan, Secretário Auxiliar.

Vogais

Dr. F. Miranda Pinto,
W. G. Wills,
Cel. Nestor Gomes,
Cap. J. D. R. Moraes,
Arc. H. T. Morrey Jones,
Otávio M. Castanho,
Otacílio Caminha,
Tnte. Doroteu Costa,
Pastor Ludwig Hoepffner,
H. H. Lichtwardt.

COMISSÕES

Recepção

Eugênio Paiva Rio, Presidente.

Rev. Dr. H. C. Tucker,
Rev. H. S. Harris,
Rev. Dr. A. Pithan,
Eduardo Magalhães,
Daniel Ferreira,
Sra. H. C. Tucker,
Sra. H. S. Harris,
Rev. Adolfo Anders,
Dr. Severino Silva,
Adolfo Machado.

Registro

Dr. Remígio Braga, Presidente.

Lauro Paixão
J. L. Fernandes Braga Neto,
Henry G. Wills,
Pastor Ludwig Hoepffner,
Américo Campello.

Hospedagem e Hoteis

Daniel Ferreira, Presidente.

Antonio Freire,
Paulo Provenza,
João Borges Lagos,
Luiz Alves Rolim,
José Afonso Drumont,
W. C. Wills,
Jorge de Miranda Pinto.

Salões e Edifícios

Rev. Paulo L. A. Cesar, Presidente.

Polícia Interna

Martinho Rickli, Presidente.

Decorações

Miss Eva L. Hyde, Presidente.

José S. de Oliveira,
Edmundo Vidal,
Bella Kolb,
Rosinha Braga,
Tnte. Alipio A. dos Santos,
Dulce Cordeiro,
Júlia S. Pereira,
Lídia S. Silva
Viola Mathew.

Música

Rev. Matatias G. Santos, Presidente.
Artur Lackschevitz, Secretário.

Anibal Vieira,
Haidê Vieira,
Antonieta Leite,
Rut Vollmer,
Mrs. M. H. Muirhead.

Informações

Rev. Efraim Rizzo, Presidente.

Excursões

Paulo Goulart, Presidente.

Benevenuto de Oliveira.
Tnte. Rubens de Lima,
Rosário U. Stramandínoli,

Exposição

Rev. H. S. Harris, Presidente.

J. C. Salvado,
Tnte. Epaminondas Granja,
Rev. Laudelino O. Lima Filho,
Américo Campello,
Elvira Bastos Anders,
Itiberê Deslandes.

Irradiação

Rev. Epaminondas Moura, Presidente.

Betuel Peixoto,
Tnte. E. Granja.

Banquetes e Almoços

Miss Mary Lewis, Presidente.

Edna Ischerfinger,
Helen Greenwald.

Correio e Telégrafo

Marinho S. Pontes, Presidente.

Tnte. Doroteu Costa,
Artur Araujo.

Publicidade

Rev. Rodolfo Anders, Presidente.

Rev. Galdino Moreira.
Rev. Dr. Atalício Pithan,
Dr. Benjamin Moraes Filho,
Demby Corrêa,
Rev. H. P. Midkiff,
Dr. Severino Silva,
António Aug. Redo.

Púlpitos

Rev. Carlos Godinho, Presidente.

Rev. Pedro Campello,
Cap. Mário Pesatori,
Rev. F. Severino da Silva.

Assistência Médica

Dr. Felinto Coimbra, Presidente.

Intérpretes

Rev. F. F. Soren, Presidente.

Rev. H. C. Tucker,
Rev. Carlos Godinho,
Prof. Oscar Machado,
Rev. G. L. Bickerstaph,
Rev. Richard Inke,
Rev. Derlí Chaves
Da. Eula M. Long,
Da. Otília Chaves.

Escoteiros

Rev. Euclides Deslandes, Presidente.

Representação Alegórica

Else M. Nascimento Machado, Presidente.
Mrs. H. E. Ewing, Co-Diretora.

Francisca Clark,
Jurema Coutinho d'Avila,
Betuel Peixoto,
Nitínia Wills,
Luiz de Oliveira,
Arieta Machado.

Finanças

Rev. Pedro Campello, Presidente.

Rev. Rodolfo Anders,
H. H. Lichtwardt,
Otacílio Caminha,
Rev. Dr. H. C. Tucker,
Dr. F. de Miranda Pinto,
Tnte. Doroteu Costa.

AS BOAS-VINDAS DO GOVÊRNO BRASILEIRO

1. Em nome da cidade do Rio de Janeiro, Capital da República dos Estados Unidos do Brasil, eu apresento as saüdações de boas-vindas aos dignos delegados nacionais e estrangeiros, representando cêrca de 50 países da terra, aquí presentes na 11ª Convenção Mundial de Escolas Dominicais.

2. Nosso grande desejo é que a fé inspiradora de vossos ideais seja para o Brasil um incitamento, que contribúa para aprimorar na alma de seus filhos excelsas virtudes, um são patriotismo e uma nítida compreensão de seus sagrados deveres para com Deus e os Homens.

3. A tradicional porta da hospitalidade brasileira abre-se, de par em par, para vos acolher prazerosamente.

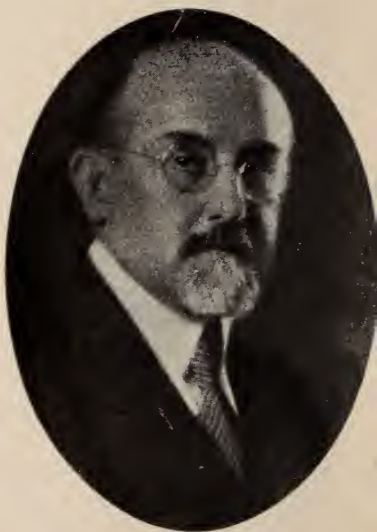
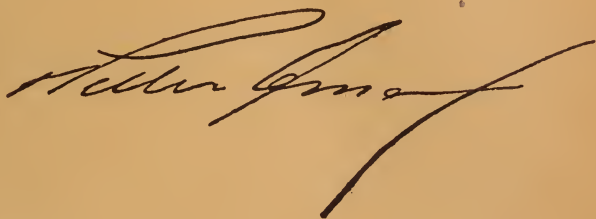
OFICIAIS DA ASSOCIAÇÃO MUNDIAL

Sir HAROLD MACKINTOSH
Halifax, Inglaterra
Presidente

Dr. LUTHER A. WEIGLE
New Haven, Conn.
Presidente da Comissão Executiva

Dr. ROBERT M. HOPKINS
Nova York
Sec. Geral da Secção Americana

Dr. JAMES KELLY
Glasgow, Escócia
Sec. Geral da Secção Européia

PROF. ERASMO BRAGA
RIO DE JANEIRO
Secretário Executivo da C. B. C. e um dos líderes do movimento de Educação Religiosa do Brasil. Falecido em 11 de Maio de 1932.

REV. SAMUEL D. PRICE
NOVA YORK
Secretário Executivo da Associação Mundial.
Falecido em 17 de Maio de 1932.

4. Queremos que não sòmente se grave em vossas retinas a magnificência da natureza com que nos dotou o Creador, mas que também sintais no coração os anseios de um povo que aspira elevar-se para ser útil á humanidade.

5. E sobre os vossos esforços em prol da pureza da alma, da saúde do corpo e da elevação espiritual da juventude, ha de pairar a gratidão imorredoura das futuras gerações.

6. E' nesta esperança e confiança que saüdamos cordialmente os delegados da Convenção de Escolas Dominicais.

(a) Pedro Ernesto
Interventor no Distrito Federal.

O PROGRAMA DA CONVENÇÃO

TEMA DA CONVENÇAO — "O CRISTO VIVO"

SESSÃO DE ABERTURA DA CONVENÇÃO, NO TEATRO MUNICIPAL

Segunda-feira, á tarde

Presidente: *Dr. Luther A. Weigle,* Diretor da Faculdade de Teologia da Universidade de Yale.

14 horas — CULTO E CÂNTICOS

Tema: **Abre as portas do Templo,**
Sob a direção do Prof. H. Augustine Smith.
Oração — Revmo. Bispo W. M. M. Thomas.

Palavras de boas-vindas:

Sr. José Luiz Fernandes Braga Jr., Presidente da Comissão Local da Convenção.

Rev. Galdino Moreira, Presidente do Conselho Evangélico de Educação Religiosa do Brasil.

Dr. Getúlio D. Vargas, Chefe do Govêrno Provisório, representado pelo chefe de sua casa militar, Comandante Raul Tavares.

Respostas:

África — Dr. Charles Anderson
Ásia — Rev. Sabrow Yasumura
Austrália — Rev. C. J. R. Price
Europa — Rev. Eduardo Moreira
América do Norte — Dr. W. C. Pearce
América do Sul — Bispo Juan E. Gattinoni

Mensagem do Presidente — Sir Harold Mackintosh
"O fim e o plano da Convenção" — Dr. Luther A. Weigle
Bênção Apostólica — Revmo. Bispo W. M. M. Thomas.

16.45 horas — Recepção — Café.

Segunda-feira, á noite — Teatro Municipal:

Arthur Black, Presidente.
20 horas — CULTO E CÂNTICOS
Tema: *A Santa Igreja, em todo o mundo, a ti reconhece.*
Cânticos: *Glorioso Salvador.* Arr. por Christiansen.
O Côro de Aleluia, do Messias, de Handel,
Pelo Côro da Convenção.
Oração — Rev. Martin Marczynski.
O tema da Convenção — *O Cristo Vivo* — Dr. W. C. Poole.
Leitura de saüdações.
Um pequenino os guiará — Srtas. Laura Jorquera e Hazel Lewis.
Apresentação de Estandartes e Bandeiras — 33 nações.
Hino da Convenção — *Saudai ao nome de Jesus* — em muitas línguas.
A Oração Dominical em unísono; cada um na sua própria língua.
Bênção Apostólica — Dr. Wm. C. Poole.

Terça-feira, 26 de Julho, pela manhã:

9 ás 12 horas — Reuniões de Conferências Populares.
A educação cristã da infância — Hazel A. Lewis.
A educação cristã da mocidade — Rev. Hugh C. Stuntz.
A educação cristã dos adultos — Rev. Irwin G. Paulsen.
Conferência de Pastores, Diretores e Superintendentes — Dr. George P. Howard.
Alguns problemas na vida e pensamento contemporâneos — Dr. John A. Mackay.
9 ás 12 horas — Sessões dos Grupos de Especialização.
Exercitando a liderança para a educação cristã — voluntária e profissional — Dr. Frank Langford.

A educação cristã nas escolas e colégios — Rev. Alexandre McLeish.
A cooperação na educação cristã — *Nacional e local* — Dr. Samuel G. Inman.
A escola bíblica de férias — Dr. Walter M. Howlett.
A educação religiosa nas escolas paroquiais — Dr. Walter A. Squires.
Teoria e produção de currículos indígenas para a educação cristã — Prof. G. Baez Camargo.
O ensino da temperança na Escola Dominical — Da. Flora E. Strout.

Terça-feira, á tarde — Teatro João Caetano

Dr. James Kelly, Presidente

14 horas — Hino, sob a direção do Prof. H. Augustine Smith.
Solo, pela Srta. Idalina Fragata, acompanhamento ao piano pela Srta. Rosinha Braga.
Oração — Dr. W. C. Poole.
Cristo e as crianças — Laura Jorquera.
A educação cristã na Europa — *Um desafio e uma oportunidade* — Dr. James Kelly.
Breves mensagens dos representantes da Europa.
Dinamarca — Representada pelo Rev. André Jensen.
França — Rev. Jean Laroche.
Alemanha — Rev. Martin Marczynski.
Itália — Representada pelo Rev. Sílvio Long.
Látvia — Rev. A. Lakschevitz.
Espanha — Rev. Ambrósio Celma.
Portugal — Rev. Eduardo Moreira.
Anúncios
Mensagem devocional — *Eu sou o caminho* — Rev. Alexander McLeish.
Bênção Apostólica — Rev. Alexander McLeish.

16.45 horas — *Templo de Arte Religiosa.*
Estudo de quadros e música especial — Tema: *Nosso Senhor Emanuel.*
500 reproduções, em côres, de obras primas mundiais, interpretadas diàriamente pelo Prof. H. Augustine Smith.

Terça-feira, á noite — Teatro João Caetano:

Rev. C. R. Price, Presidente.

20 horas — CULTO E CÂNTICOS
Tema: *Das trevas para a luz* — Sob a direção do Prof. H. A. Smith.
"*Largo*", de Handel.
Quão formosos são sobre os montes — da *Redemtion* de Gounod — Pelo Côro da Convenção.

Oração — Rev. W. R. Leslie.
Breves mensagens dos representantes da Ásia e Austrália.
Armênia — Sr. Levon N. Zenian.
Síria e Palestina — Sr. Hanna Ghalib.
Burma — Rev. U. On Kin.
Ceilão — Rev. J. Vincent Mendis.
China — Dr. Chester S. Miao.
Índia — Representada pelo Rev. Alexandre McLeish.
Japão — Rev. Sabrow Yasumura.
Coréia — Rev. James K. Chung.
Filipinas — Representadas pelo Rev. Samuel A. Adeva.
Austrália — Rev. C. J. R. Price.
Discurso — *Cristo, a esperança do Mundo* — Dr. C. S. Miao.
Leitura de saüdações.
Anúncios
Hino
Bênção Apostólica — Rev. Chester S. Miao.

Quarta-feira, 27 de Julho, de manhã:

9 ás 12 horas — Reuniões de Conferências Populares (Continuação).
Sessões dos Grupos de Especialização (Continuação).

Quarta-feira, á tarde — Teatro João Caetano:

Dr. Frank Langford, Presidente.
14 horas — Hino de abertura.
Oração — Rev. Derlí de A. Chaves.
Solo — Srta. Idalina Fragata.
O Cristo vivo na educação — Dr. Daniel L. Marsh.
A Educação Cristã na América do Norte e na África.
Breves mensagens dos representantes da África e da América do Norte.
Egito — Prof. Tawfik Saleh.
Rev. R. T. McLaughlin.
África do Sul — Dr. Charles Anderson.
América do Norte — Dr. Frank Langford — Canadá.
Srta. Hazel A. Lewis — O trabalho entre as crianças.
Dr. John Schisler.
Rev. Horátio Hill — O trabalho entre os homens de côr da América do Norte.
Hino
Anúncios
Leitura de Saüdações
Hino
Mensagem devocional — *Eu sou a luz do mundo* — Rev. Minot C. Morgan.

Bênção Apostólica — Rev. Minot C. Morgan.
16.45 horas — TEMPLO DE ARTE RELIGIOSA
Estudo de quadros e música especial.
Tema: *A densidade das trevas.*

Quarta-feira, á noite — Teatro João Caetano:

Dr. S. G. Inman, Presidente.
20 horas — CULTO E CÂNTICOS:
Grupo Coral de Moças — H. Augustine Smith, Diretor.
Solo — D. Alina Muirhead.
Hino
Oração — Rev. Galdino Moreira.
Anúncios.
Homenagem á memória do Prof. Erasmo Braga — Dr. Samuel G. Inman.
A educação na América Latina.
Breves mensagens dos representantes da América Latina:
Argentina — Rev. H. C. Stuntz
Rev. Luiz Villalpando

Brasil — Rev. Derlí de A. Chaves
Chile — Rev. J. B. Aracena
México — Rev. Eleazer Perez
Paraguai — Prof.ª Cláudia Pabeti.
Uruguai — Srta. Célia Mieres.
Hino
A reforma espiritual da América Latina — Prof. G. Baez Camargo.
Bênção Apostólica — Revmo. Bispo Juan E. Gattinoni.

Quinta-feira, 28 de Julho, pela manhã:

9 ás 12 horas — Reunião de Conferências Populares (Continuação).
Sessões dos Grupos de Especialização (Continuação).

Quinta-feira, á tarde:

14 ás 16.30 horas — REUNIÕES SEGUNDO AS LÍNGUAS FALADAS:

Português — Rev. Galdino Moreira
Espanhol — Rev. Ambrósio Celma
Inglês — Dr. Arthur Black
(Incluindo Japonês e Francês)
Alemão — Rev. Gottlieb Funcke

16.45 horas — TEMPLO DE ARTE RELIGIOSA
Estudo de quadros e música especial.
Tema: *O canto universal da natureza.*

17.30 horas — BANQUETE DOS PEREGRINOS — Dr. W. C. Pearce, Presidente.

Quinta-feira, á noite — Teatro João Caetano:

Sr. José L. F. Braga Jr., Presidente.

20 horas — CULTO E CÂNTICOS:

Tema: *Pelos séculos adiante.*

Cânticos: *O Novo Céu* — Arr. e direção de Sr. Arthur Lakschevitz.

Abri-vos, ó portas eternas — da *Redemption* de Gounod.
Pelo Côro da Convenção — Direção do Prof. H. A. Smith.
Oração — Rev. Jônatas Tomaz de Aquino.
Anúncios
O desafio mundial da educação cristã:
Nossa herança — Sr. Arthur Black.
Fatores presentes — Dr. Robert M. Hopkins.
Encarando o futuro — Apêlo financeiro a favor do trabalho de educação religiosa na China.
Oração — Dr. H. C. Tucker.
Hino
Bênção Apostólica — Dr. Luther A. Weigle.

Sexta-feira, 29 de Julho, de manhã — Teatro João Caetano:

Rev. Sabrow Yasumura — Presidente.

9 horas — CÂNTICO
ORAÇÃO — Rev. R. T. McLaughlin.

Leitura das conclusões das Secções de Especialização.
Exercitando a liderança para a educação cristã — Dr. Frank Langford e Dr. John Q. Schisler.
A escola bíblica de férias — Dr. Walter M. Howlett.
A educação religiosa nas escolas paroquiais — Dr. W. A. Squires.
O ensino da temperança na Escola Dominical — D. Flora E. Strout.
Hino
A resposta cristã ao moderno secularismo — Dr. John A. Mackay.
Mensagem devocional — *Seja feita a tua vontade sobre a terra* — Dr. Roger T. Nooe.
Oração — Rev. Rodolfo Anders.

Sexta-feira, á tarde — Teatro João Caetano:

Prof. Tawfik Saleh, Presidente.

14 horas — CÂNTICO
ORAÇÃO — Rev. André Jensen.

Solo — Rev. H. C. Stuntz.
Leitura das Conclusões das Secções de Especialização.
A educação cristã nas escolas e colégios — Rev. Alexandre McLeish.

Teoria e produção de currículos indígenas para a educação cristã — Prof. G. Baez Camargo.
A cooperação na educação cristã — Dr. Samuel G. Inman.
A dinâmica da educação cristã — Dr. W. H. Main.
Mensagem devocional — *Sêde vós, pois, perfeitos* — Dr. W. C. Pearce.
Bênção apostólica — Revmo. Bispo Gottlieb Funcke.
16.45 horas — TEMPLO DE ARTE RELIGIOSA
Tema: *O Velho Testamento — Os Salmos na Arte.*

Sexta-feira, á noite — Teatro João Caetano:
20 horas — REPRESENTAÇÃO ALEGÓRICA — *O Cristo dos séculos.*
Escrita e ensaiada por *H. Augustine Smith.*
1. *Os profetas dos áureos dias.*
2. *O Cristo da Galiléia.*
3. *As três cruzes no monte.*
4. *A luz propagadora do cristianismo.*
5. *Comemoração.*
6. *A nova terra.*

Tomaram parte na Representação 300 personagens, além de 300 vozes do Côro.

Sábado, 30 de Julho, pela manhã e á tarde:
Passeios pela cidade do Rio de Janeiro e arredores.
16.45 horas — TEMPLO DE ARTE RELIGIOSA
Estudo de quadros e música especial.
Tema: *A infância através do mundo.*

Sábado, á noite — Teatro João Caetano:
Dr. George Stewart, Presidente.
20 horas — Sessão da mocidade — Sob a direção do Conselho da Mocidade.
Leitura bíblica — Sr. Manoel Flores.
Oração — Sr. Jozias Lopes.
Breves mensagens de membros do Conselho da Mocidade de vários países:
1. Sr. Walter Parker — Igreja Reformada da América do Norte.
2. Sr. William Genné — Universidade de Yale.
3. Sr. Manoel Flores — México.
4. Srta. Dorotéia Edwards — Chile.
5. Srta. Peggy Chaves — Perú.
6. Srta. Maruyca Ibarra — Uruguai.
7. Sr. Adriel Motta — Brasil.
8. Rev. Sílvio Long — Argentina.
9. Sr. John Connell — América do Norte.
10. Dr. George Stewart — Representando os obreiros evangélicos em 800 Colégios e Universidades.

Anúncios
Leitura de saüdações
Hino
Mensagens de membros do Conselho da Mocidade.
Cristo e o Nacionalismo — Sr. Eduardo Pereira Magalhães — Brasil.
Cristo e a Ordem Social — Srta. Célia Mieres — Uruguai.
Cristo e a Conduta Pessoal — Sr. Minot C. Morgan — América do Norte.
Hino
O repto de Cristo á mocidade hodierna — Dr. George Stewart.
Oração de consagração — Sr. William Genné.
Hino
Bênção Apostólica — Dr. George Stewart.

Domingo, 31 de Julho, pela manhã:
Visitas a igrejas e escolas dominicais.

Domingo, á tarde:
15.30 horas — CHAMADA DAS NAÇÕES
Dr. H. C. Tucker, Presidente.
Uma breve mensagem por Delegado de cada nação dos 33 países representados e discurso por Mrs. H. V. R. Gillmore.

Domingo, á noite — Teatro Municipal:
Dr. Luther A. Weigle, Presidente.
CULTO E CÂNTICO — Tema: *Visão e dedicação.*
Cânticos: *Santo és Tu* (O Largo) de Handel.
O Côro de Aleluia do *Messias*, de Handel
Pelo Côro da Convenção, sob a direção do Prof. H. A. Smith.
Oração — Rev. Epaminondas Moura.
Leitura de saüdações.
Apresentação da Comissão Local da Convenção, dos dois Secretários Gerais da Associação Mundial e dos presidentes das diversas Comissões.

Palavras de agradecimento e apreciação.
A ordem de Cristo: *Ide, ensinai, Eu estou convosco* — Dr. John A. Mackay.
Serviço de dedicação — Dr. George P. Howard.
Hino
Oração de Encerramento — Dr. H. C. Tucker.
Doxologia
Hino — Deus vos guarde pelo seu poder.

SESSÕES NOTURNAS — 25 a 31 de Julho de 1932

ORGANIZADAS PELO PROF. H. AUGUSTINE SMITH

As sessões tinham início ás 20 horas, com Toque de Clarins

——— :: ———

A Música da Convenção, a Representação Alegórica e a Arte Religiosa

Diretor	— Prof. H. Augustine Smith
Co-diretora da Representação Alegórica	— Mrs. H. E. Ewing
Intérprete do Prof. Smith	— Sr. Edgar Green Soren
Organizador do Côro e diretor local	— Prof. Artur Lakschevitz
Pianistas	— Srs. Waldemar Navarro e Júlio de Oliveira
Solistas	— Sra. H. H. Muirhead Srta. Idalina Fragata Srta. Liberata Navarro
Presidente da Comissão de Música	— Rev. M. Gomes dos Santos
Comissão da Representação Alegórica	— Sra. W. G. Wills Sra. Myron A. Clark Srta. Jurema d'Avila Sr. Betuel Peixoto D. Else Machado

Comissão de Arte Religiosa — Sob o patrocínio de um distinto grupo de senhoras.

Clarins do Exército de Salvação	— Capt. Hansen-Jacobsen Ajudante P. Oliver Cap. H. Eliasen Ten. W. Heizle Sr. Eric Lindvall Sr. Lourenço Sjodin

———

OS QUE TOMARAM PARTE NO PROGRAMA DA CONVENÇÃO

ADEVA, Manuel A., Nova York.
Secretário Geral do Movimento Cristão de Estudantes Filipinos nos Estados Unidos da América do Norte.

ANDERSON, Dr. Charles, Capetown, África do Sul.
Representante da Associação Nacional das Escolas Dominicais da África do Sul.

APELIAN, Rev. Bedros K., Brooklyn, N. Y.,
Pastor da Primeira Igreja Presbiteriana de Bensonhurst.

ARACENA Rev. J. B., Santiago, Chile.
Moderador do Presbitério do Chile.

BALLOCH, Rev. E. O., Montevidéu, Uruguai.
Pastor da Igreja Metodista Central.

BLACK, Arthur, Londres, Inglaterra.
Secretário Geral da Associação Shaftesbury e da União de Escolas para Crianças Pobres.

BOVILLE, Rev. Robert G., D.D.., Nova York.
Fundador e Diretor Internacional da Associação Mundial de Escolas Bíblicas de Férias.

BRAGA, Prof. Erasmo, (falecido), Rio de Janeiro, Brasil.
Secretário Executivo da Comissão Brasileira de Cooperação.

BRAGA, Sr. José Luiz Fernandes, Jr., Rio de Janeiro, Brasil.
Presidente da Comissão Local da Convenção.

BROWNING, Rev. Webster E., Buenos Aires, Argentina.
Secretário Executivo da Comissão de Cooperação no Rio da Prata.

CALHOUN, Rev. and Mrs. L. G., Lavras, Minas, Brasil.
Representantes do Depto. de Educação Religiosa do Instituto Gammon.

CAMARGO, Prof. G. Baez, México.
Secretário e Diretor do Conselho Nacional de Educação Religiosa das Igrejas Evangélicas.

CELMA, Rev. Ambrosio, Barcelona, Espanha.
Presidente da União de Escolas Dominicais.

CEPOLLINA, Miss Anna, Buenos Aires, Argentina.

CHESSHER, H. G., Londres, Inglaterra,
da Comissão Executiva da Associação Mundial de Escolas Dominicais.

CHUNG, Rev. James K., Seoul, Coréia.
Secretário Auxiliar da Associação de Escolas Dominicais de Coréia.

CRESSMAN. Harvey E., Filadélfia. Pa.,
Representante da Casa Publicadora Batista da América do Norte.

DICKIE, Miss Anne, Buenos Aires, Argentina.
Escritório da Embaixada Americana.

DUTTON, Mrs. J. B., Santiago, Chile.
Missionária da Igreja Presbiteriana, EE. UU. da América do Norte.

ELLIS, Rev. J. E., Uruguaiana, Rio Grande do Sul.
Colégio União.

ENETE, Rev. W. W., Rio de Janeiro.
Secretário do trabalho da Escola Popular Batista no Brasil.

FELIX, Miss T. C., Nova York,
da Secretaria da Associação Mundial de Escolas Dominicais.

GATTINONI, Bispo Juan E., Buenos Aires, Argentina.
Bispo da Igreja Metodista Episcopal.

GHALIB, Mr. Hanna, Beirut, Síria.
Representante da União de Escolas Dominicais das Terras Bíblicas.

GILLMORE, Mrs. Henry V. K., Nova York.
Junta de Missões Estrangeiras da Igreja Presbiteriana.
EE. UU. da América do Norte.

GORDON, Miss Elizabeth, Minas Gerais.
Missionária da Igreja Presbiteriana do Sul.

GOULART, Rev. Jorge, Lavras, Minas.
Pastor da Igreja Presbiteriana de Lavras.

HARRIS, Rev. Herbert S., Rio de Janeiro.
Secretário Geral do Conselho Evangélico de Educação Religiosa do Brasil.

HECKERMAN, Mr. H. C. Bedford, Pa.
Presidente dos "Peregrinos" da Convenção Mundial.

HILL, Rev. Horátio S., Nova York.
Diretor do Centro de Educação Batista.

HOPKINS, Rev. Robert M., D.D., LL. D., Nova York.
Secretário Geral da Associação Mundial de Escolas Dominicais (Secção Americana).

HOWARD, Rev. George P., D.D., Santiago, Chile.
Evangelista Geral para a América do Sul, Comissão de Cooperação na América Latina.

HOWLETT, Rev. Walter M., Nova York.
Secretário de Educação Religiosa, Federação de Igrejas Novayorquinas.

HUFF, Prof. H. LeRoy, Des Moines, Iowa.
Professor de Educação Religiosa, Colégio da Bíblia, Universidade Drake.

HUNNICUTT, Benjamin H., Rio de Janeiro.
Secretário Executivo da Comissão Local da Convenção.

INMAN, Rev. Samuel G., D.D., Nova York.
Secretário Executivo da Comissão de Cooperação na América Latina.

JENSEN, Rev. André, Rio de Janeiro.
Representante da Comissão das Escolas Dominicais Dinamarquesas.

JORQUERA, Miss Laura, Santiago, Chile.
Educadora.

KELLY, James. D.D., Glasgow, Escócia.
Secretário Geral da Associação Mundial de Escolas Dominicais (Secção Européia); presidente da União Européia da "Christian Endeavor".

KIN, Rev. U. On, Thongwa, Burma.
Representante da União de Escolas Dominicais de Burma.

LAKSCHEVITZ, Rev. A., Liepaja, Látvia.
Representante da União de Escolas Dominicais de Látvia.

LANGFORD, Rev. Frank, D.D., Toronto, Canadá.
Secretário de Educação Religiosa, Igreja Unida de Canadá.

LAROCHE, Rev. Jean, Clamart, França.
Secretário da União de Escolas Dominicais de França.

LATIMER, Miss Isabel, Buenos Aires, Argentina.

LESLIE, Rev. William R., Brookline, Massachusetts.
Pastor da Igreja Metodista Episcopal.

LEWIS, Miss Hazel A., S. Luiz, Missouri.
Especialista do Departamento Elementar da Junta de Publicações da Igreja Cristã.

LONG, Pastor Sílvio, Iris, Argentina.
Representante do Conselho Italiano de Educação Religiosa.

McGARVEY, B. A., Williamsport, Pennsylvania,
da Associação Estadual de Escolas Dominicais.

McLAUCHLIN, Rev. R. T., Heliópolis, Egito.
Representante da Comissão de Educação Religiosa nas terras maometanas.

McLEISH, Rev. Alexander, Londres, Inglaterra.
Redator do Movimento de Domínio Mundial.

MACKAY, Rev. John A., D.D., México.
Secretário da Junta de Missões Estrangeiras, Igreja Presbiteriana, Estados Unidos da América do Norte.

MACKINTOSH, Sir Harold, Halifax, Inglaterra.
Presidente da Associação Mundial de Escolas Dominicais.

MAIN, Rev. W. H., D.D., Filadélfia, Pa.
Secretário Executivo da Casa Publicadora Batista da América do Norte.

MAIN, Miss Lucy, Filadélfia, Pa.

MARCZYNSKI, Rev. Martin, Berlim, Alemanha.
Representante da Associação Nacional de Escolas Dominicais da Alemanha.

MARSH, Rev. Daniel L., D.D., Boston, Massachusetts.
Presidente da Universidade de Boston.

MENDIS, Rev. J. Vincent, Dehiwala, Ceilão.
Secretário da União de Escolas Dominicais de Ceilão.

MEYER, Rev. Ernest, Genebra, Suissa.
Representante da Federação de Igrejas Suissas.

MIAO, Rev. Chester S., D.D., Shanghai, China.
Secretário na Comissão Nacional de Educação Religiosa na China.

MORGAN, Rev. Minot C., D.D., Nova York.
Pastor da Igreja Presbiteriana da Quinta Avenida.

MOREIRA, Rev. Eduardo H., Lisboa, Portugal.
Representante da União de Escolas Dominicais de Portugal.

MOREIRA, Rev. Galdino Moreira, Rio de Janeiro.
Presidente do Conselho Evangélico de Educação Religiosa do Brasil.

NOOE, Rev. Roger T., Nashville, Tenn.
Pastor da Igreja Cristã de Vine Street.

NUNN, Miss Etta, San Luis Potosi, México.
Missionária da "United Christian Missionary Society".

OSIAS, Hon. Camilo, Washington. D. C.
Comissário das Ilhas Filipinas nos Estados Unidos da América do Norte.

OSTERMOOR, Rev. Erich, Santos, São Paulo.
Associação das Igrejas Livres Alemãs.

OWENS, Prof. Wm. G., Lewisburg, Pa.
Professor de Química, Universidade Bucknell.

PAIXÃO, Sr. Lauro, Niteroi, Est. do Rio.

PAULSEN, Rev. Irwin G., Newark, New Jersey.
Diretor de Cursos Normais e Classes de Adultos, Conselho de Educação Religiosa de New Jersey.

PEARCE, Dr. W. C., Los Angeles, Califórnia.
Secretário do Conselho de Educação Religiosa da Califórnia do Sul

POOLE, Rev. W. C., D.D., Buenos Aires, Argentina.
Pastor da Igreja Americana.

PRICE, Rev. C. J. R., Melbourne, Austrália.
Conselho de Educação Religiosa de Nova Gales do Sul.

REVOIR, Pastor Guido, Uruguai.
Representante do Conselho Italiano de Educação Religiosa.

SALEH, Prof. Tawfik, Assiut, Egito.
Professor e Pastor do Colégio Assiut.

SCHISLER, Rev. John Q., D.D., Nashville, Tenn.
Secretário de Educação Religiosa da Igreja Metodista Episcopal do Sul.

SHEPHERD, Miss Gladys, Quito, Equador.
Missionária da Aliança Cristã e Missionária. (Missão do Equador).

SMITH, Prof. H. Augustine, Boston, Mass.
Professor da Escola de Educação Religiosa e Serviço Social, Universidade de Boston,

SMITH, Miss Lena E., Winter Park, Flórida.
Representante do Conselho de Educação Cristã da Igreja Presbiteriana nos EE. UU. da América do Norte.

SQUIRES, Rev. Walter A., D.D., Filadélfia, Pa.
Director das Escolas Bíblicas de Férias, Junta de Educação da Igreja Presbiteriana da América do Norte.

STEWART, Rev. George D.D., Stamford, Con.
Pastor da Primeira Igreja Presbiteriana.

STROUT, Miss Flora E., Rio de Janeiro.
Representante no Brasil da Associação Mundial Pró Temperança.

STUNTZ, Rev. H. C., Buenos Aires, Argentina.
Secretário da Comissão Central de Educação Religiosa nas Repúblicas do Rio da Prata.

TUCKER, Rev. H. C., D.D., Rio de Janeiro.
Representante da Sociedade Bíblica Americana.

VILLALBA, Miss Máxima, Rosário de Santa Fé, Argentina.

WEIGLE, Luther A., LL. D., New Haven, Con.
Deão, Departamento de Teologia, Universidade de Yale.

YASUMURA, Rev. Sabrow, Tókio, Japão.
Secretário Geral da Associação Nacional de Escolas Dominicais no Japão.

ZENIAN, Levon N., Beirut, Síria.
Diretor de Educação Religiosa da Igreja Apostólica da Armênia.

ZOTTELE, Pedro C., Santiago, Chile.
Secretário de Educação Religiosa da Igreja Metodista Episcopal do Chile.

SESSÃO DE ABERTURA

O caráter de uma conferência é quasi sempre determinado pela sessão de abertura. As apreciações e as críticas se manifestam mais fàcilmente no primeiro dia de reunião; comparações e opiniões se gravam na memória, então.

A maioria dos delegados presentes no Rio ainda não tinha assistido a nenhuma convenção mundial. Muitos dêles, entretanto, tinham assistido a reuniões denominacionais e conferências regionais. Assim, sòmente tinham concebido a significação limitada que a palavra — *reunião* — expressa. Agora, porém, faziam parte integrante de uma delegação mundial. Um dos valores reais de uma reunião destas é a sensação de emancipação que ela comunica aos assistentes. A convicção de privilégio e de responsabilidade aumenta de tal maneira, diante de uma representação mundial, que ninguem se torna negligente ou mal visto, porque tenha esta raça ou aquela cultura. Mais do que isto, ha uma prova e talvez uma revisão do ponto de vista de cada um. Aprende-se que se pode ter um ponto de vista, mas que não se deve anunciá-lo como o centro do universo.

Quando viajamos para assistir a uma convenção, como que nos sentimos presos ao nosso grupo, ao nosso lugar, mas, no momento em que se iniciam os trabalhos, sentimo-nos obrigados a adaptar-nos ao tema e ao espírito da grande reunião. Não podemos permitir, na ampla atmosfera do "companheirismo mundial", que sejamos restringidos pelo nosso gôsto paroquial, ou denunciados pelo nosso bairrismo.

A amplitude intelectual constitue a verdadeira alegria de uma conferência internacional.

Avalia-se uma civilização pelo gôsto com que ela recebe as novas idéias. Da mesma sorte, o nosso êxito pessoal, em entender o tempo hodierno, garante-se por uma tentativa honesta em conhecer o ponto de vista de outrem.

Ainda mais uma vez vibrou na sessão de abertura a nota fundamental de toda a convenção. Antes de chegar ao Rio de Janeiro os delegados souberam do tema da convenção e o aceitaram com simpatia, mas na sessão de abertura êle se revestiu de uma nova significação. — O Cristo Vivo — foi o belo tema, que veiu aprofundar o significado dessa realidade.

Homens e mulheres assim raciocinaram: "O tema dêste congresso é — O Cristo Vivo; então, eu devo não sòmente falar, mas fazer alguma cousa, devo atuar. Acima de mim deve haver uma vitalidade, um brilho de experiência, uma ressurreição de poder que fará triunfantemente verdadeiro o meu propósito". Parecia, a quem contemplasse o magnífico auditório que enchia o Teatro Municipal, que cada pessoa alí presente a si mesma se perguntava: "Que papel exercerei no meio de uma tão grande reunião?!"

Precisamente ás 14 horas de segunda-feira, 25 de Julho, o Dr. Luther A. Weigle, Presidente da Comissão Executiva da Associação

Mundial de Escolas Dominicais, deu início á Convenção. Após a oração feita pelo Revmo. Bispo William M. M. Thomas, da Igreja Episcopal Brasileira, o côro da Convenção, sob a direção do Prof. H. Augustine Smith, cantou o hino — "Abri-vos, ó portas eternas!" Três ótimas saüdações de boas-vindas foram feitas á Convenção. A Primeira, pelo Sr. José Luiz Fernandes Braga Junior, Presidente da Junta Executiva da Convenção; a segunda, pelo Rev. Galdino Moreira, Presidente do Conselho Evangélico de Educação Religiosa do Brasil, a antiga União de Escolas Dominicais, e a terceira, pelo Comandante Raul Tavares, representando o Chefe do Govêrno Provisório, Dr. Getúlio Vargas.

Estas saüdações foram agradecidas pelo Presidente, Dr. Luther A. Weigle, que também endereçou uma mensagem especial ao Dr. Getúlio Vargas.

O interêsse foi-se despertando visìvelmente. Estampava-se em cada semblante a esperança de contemplar e de sentir cousas extraordinárias. O caráter mundial da Convenção se patenteou, quando os representantes dos seis continentes do mundo se manifestaram: o Dr. Charles Anderson falou em nome da África; Rev. Sabrow Yasumura, em nome da Ásia; Rev. C. J. R. Price, em nome da Austrália; Rev. Eduardo Moreira, em nome da Europa; Dr. W. C. Pearce, em nome da América do Norte, e o Bispo Juan E. Gattinoni, em nome da América do Sul. Quem ouviu os representantes de todos os continentes, sentiu a profunda impressão de que, de fato, aquela convenção era uma Convenção Mundial.

Foi lida pelo Dr. James Kelly uma mensagem brilhante de Sir Harold Mackintosh, presidente da convenção, que por motivo imperioso ficou detido na Inglaterra. Seguiu-se um eloquente discurso pelo presidente da Assembléia sobre "O Propósito e o Plano da Convenção". Esta mensagem serviu para focalizar a intenção da reunião e auxiliar a cada assistente a familiarizar-se com o programa.

Em seu discurso, o Dr. Weigle fez uma apreciável síntese, assinalando os sinais negros da nossa vida contemporânea. Ao mesmo tempo, descreveu honestamente as condições atuais e, dando testemunho contra o pessimismo crescente, exaltou o apêlo do Cristo Vivo.

A primeira sessão terminou ás 16.40, com a bênção pronunciada pelo Revmo. Bispo W. M. M. Thomas.

Foi tirada, então, a fotografia oficial da Convenção, após do que houve uma recepção fraternal na espaçosa antecâmara do Teatro, quando foi servido excelente café brasileiro. Assim terminou a brilhante abertura da Décima Primeira Convenção Mundial de Escolas Dominicais.

DISCURSO DE BOAS-VINDAS

(Pelo Sr. J. L. F. Braga Junior, Presidente da Junta Executiva Local)

"Exmo. Sr. Representante do Govêrno.
DD. Membros do Corpo Diplomático.
Ilustres oficiais da Associação Mundial de Escolas Dominicais.
Distintos Delegados á 11ª Convenção Mundial de Escolas Dominicais.
Senhores e Senhoras:

Desde 1910, na Convenção Mundial de Washington, que o Brasil se tem feito representar nas Convenções Mundiais de Escolas Dominicais.

Depois de vários convites das delegações brasileiras, temos, enfim, o prazer indizível de hospedar a 11ª Convenção.

Pela primeira vez, hoje, êste Congresso se reune ao sul do equador. Honra insigne para o Brasil, que teve a preferência sobre outros muitos países, grandes centros do evangelismo mundial.

E' com a alma transbordante de júbilo que apresentamos nossas cordiais boas-vindas a todos os delegados presentes, chegados de todos os recantos do mundo.

Carecemos da vossa experiência, para que sejam melhorados e aperfeiçoados os métodos da apresentação do CRISTO VIVO á humanidade.

Mais do que nunca, torna-se hoje oportuna esta Convenção, nestes dias de incertezas e de dúvidas por que passa o mundo civilizado.

Nutrimos a esperança de que serão colhidos, neste Congresso, magníficos frutos espirituais.

Nossa reduzida experiência em tal empreendimento espera a maior complacência de vossa parte, e estamos certos de que a vossa bondade encobrirá todas as faltas e omissões que hão de surgir, por certo.

Lamentamos que as condições tristemente anormais de nosso país tenham impedido a vinda de mais de 300 delegados brasileiros, e elevamos preces a Deus para que faça cessar imediatamente os acontecimentos que impediram a sua presença nesta grande Convenção.

Cumpre-nos externar nossa sincera gratidão ás altas autoridades civis e militares, aos digníssimos membros do corpo diplomático e a todos os mais que nos têm honrado com a sua presença.

E, ao terminar, pedimos que aceiteis o fraternal abraço que vos transmitem, com abundância dalma, os evangélicos brasileiros".

DISCURSO DE BOAS-VINDAS

PELO REV. GALDINO MOREIRA, Presidente do Conselho Evangélico de Educação Religiosa do Brasil.

Ilustres delegados á 11ª Convenção Mundial de Escolas Dominicais e demais Senhores:

Cumpro nesta hora solene e maravilhosa um de meus maiores deveres, que inscrevo no meu ministério cristão como o meu melhor privilégio: — o de vos endereçar, jubilosamente, as boas-vindas e as saüdações fraternais da cristandade evangélica brasileira, na abertura empolgante desta Convenção.

Ainda que o quisesse, não seria possível dizer-vos, com a clareza e com o brilho merecidos por tão nobre causa e tão santo propósito,

o que representa e significa para o Brasil Evangélico êste Congresso de Educação Religiosa. Nunca se viu em terras desta nossa Pátria grande e boa um cenário espiritual como o que neste instante histórico e vibrante se contempla: — uma reunião ecumênica evangélica só e ùnicamente posta ao serviço da humanidade pobre, aflita e sofredora, sem estipêndios e sem comercialismos egoistas, serviço só de bem-fazer, só de bem-servir e só de bem-honrar o nome de Deus.

Após mais de três quartos de século, que é o nosso itinerário de aventuras, de martírio, de fé e de constantes esperanças, nestes céus do Cruzeiro, vê hoje a Igreja Brasileira a realização de um sonho antigo, de uma visão que, ano após ano, a vinha sustentando e animando: — ver conhecido, realmente, no Brasil, prestigiado e honrado, o nome do Cristo Vivo, do Cristo sem corrigendas, sem acrescimos, sem mutilações.

Representais para nós, Srs. delegados, as nobres fôrças vivas e as energias eficientes e altruistas de almas consagradas ao melhor intuito neste mundo — o de guiar corações ao Deus Pai, ao Filho e ao Espírito, mediante a instrução pela Bíblia, que é o Livro por excelência. Guiais corações, porque falais todos, a uma voz e de uma vez, a mesma doce e esplendorosa linguagem que só os corações entendem. Guiais corações, porque também fostes atraídos pelo grande coração do Cristo de Deus. Guiais corações porque não vos entregais a uma tarefa que é só para o tempo, mas para todos os tempos.

Esta Convenção vale como a melhor afirmativa de que os ideais superiores, que não são aferidos por pêso e por medida, são os que vencem, os que redimem, os que santificam. Nas lides do Reino de Deus, Senhores delegados, tendes a vossa maior glória, porque só o Reino de Deus ha de ser o Reino dominador do Mundo. As Igrejas de Cristo têm em mãos as belezas supremas: são as crianças; são a mocidade e a adolescência, que florescem e se multiplicam em novas e santas vidas para a grandeza de Deus.

A presença ilustre dêste Congresso em nosso lar e em nossa bela cidade, hoje, tem para nós o sabor de um prêmio, que é tanto do céu como da terra. Prêmio do céu, em que o nosso Pai maior nos oferece magnânimo confôrto pela fidelidade das Igrejas que aquí se radicaram com intrepidez e fervor sem par. Prêmio da terra, em que irmãos amados e cavalheiros, vindos de quasi todas as linhas e meridianos do globo, nos honram com a sua visita fraterna, com a sua confiança crente, com a sua consideração elegante e apreciadíssima.

Estamos hoje em nossa hora maior e melhor. A abertura desta magnificente Convenção é como que uma clareira imortal que nossos sonhos de fé já contemplam nos dias futuros, uma nesga de imensas glórias do Cristo Vivo em nossos lares e em nossas praias, uma colheita incomparável de almas salvas pelo Evangelho de poder e de conciliação, que aquí nos reune e enlaça, numa só fé, num só Senhor e num só batismo.

Senhores delegados!

O Brasil Evangélico vos dirige suas cordiais boas-vindas. O Brasil Evangélico se regozija com a vossa presença querida em sua casa, em seu coração. O Brasil Evangélico vos estende os braços, cheios de fraternal companheirismo. Notais que os nossos olhos estão marejados de lágrimas? Perdoai-nos esta expansão. São lágrimas de alegria. São lágrimas de ardente gratidão á S. S. Trindade, que nos honra com êste espetáculo empolgante. São lágrimas de amizade, desta amizade que só o céu nos pode ofertar e que nem o Universo inteiro poderá destruir, no tempo e no espaço!

Vinde, irmãos! Nós vos recebemos como os escoteiros da fé! Em vós nossos olhos contemplam a galeria viva dos heróis do Cristianismo, que continúa a escrever, ajudado pelo Espírito Santo, o Capítulo XI de Hebreus. Sois nossos irmãos. Sois nossa gente. Sois nossa família.

Em nome do Brasil Evangélico, em nome das Escolas Dominicais dêste País, em nome das Igrejas que aquí cantam a "doce história do amor de Deus, que não tem par", em nome dos nossos lares, entrego-vos as chaves de nossos corações. Ficai conosco o tempo que quiserdes. Dai-nos a doçura de vossa presença, o bemquerer de vossa amizade, as luzes de vossa boa experiência cristã.

Sêde benvindos!

RESPOSTA ÁS BOAS-VINDAS

(Discurso do representante do Continente da EUROPA, Rev. Eduardo Moreira, em resposta ás saüdações)

Exmo. Senhor Representante do Govêrno Brasileiro.

Exmas. Senhoras e Senhores Membros da 11ª Conv. das Escolas Dominicais:

Delegado daquele pequeno país a que Luiz de Camões chamou "quasi cume da cabeça da Europa", fui escolhido para responder em nome do continente europeu ás saüdações recebidas nesta undécima Convenção Mundial das Escolas Dominicais.

Não serão mero cumprimento as minhas palavras. Serão a expressão sentida duma sagrada emoção.

Aquí estamos, os filhos da Europa, na bela terra americana, pisada e desbravada em quatro séculos de lutas e trabalhos pelos nossos e vossos avós. Ao escutarmos boas e generosas palavras que nos são endereçadas pelos digníssimos representantes do Govêrno da República Brasileira e da gentil e hospitaleira Capital Federal, nós agradecemos essas palavras de todo o coração e as retribuímos com o desejo das maiores bênçãos para a grande Nação que nos acolhe.

Ao mesmo tempo alargamos o nosso pensamento fraternal a todos os povos americanos, filhos dos nossos povos aventurosos da velha Europa. E a todas as nações aquí representadas saüdamos numa ânsia profundamente cristã de boa vontade e de paz universal, sob a égide do "Cristo Vivo".

Ás Escolas Dominicais do Brasil damos as mãos num impulso de entusiasmo, dizendo a todos que as constituem: — Obrigados, Irmãos, e agora vamos á obra! A Europa vos saüda e convosco colabora em tão santa e nobre tarefa em que estamos todos empenhados.

Trabalhemos unidos e fraternizados porque o mesmo é o nosso alvo, o *Cristo Vivo,* conhecido através das páginas do *Livro Vivo,* a Sagrada Bíblia. E a colaboração da Europa será sem dúvida útil a vós, filhos felizes do Novo Mundo.

Si a Ásia foi a mãe do mundo, não esqueçamos que a Europa foi a sua ama. Eixo da história dos homens, ela é ainda também o fulcro das profecias maravilhosas que o Espírito de Deus inspirou ao gênio cristão. Na geografia física, como noutra a que ouso chamar psíquica, a Europa, para vos ser útil, deverá manter-se equidistante do Oriente extremo com os seus êxtases infrutuosos, e o extremo Ocidente com o seu absorvente ativismo.

Necessita, pois, a Europa, como nunca, das orações do mundo cristão, para que o dessoramento da fé ou a recrudescência de antigas supertições lhe não matem ou torvem o espírito. Necessita de que a fé, preservada nos corações de milhares, em toda a parte onde chegou o verbo de Cristo, intacto e sempre poderoso, lhe seja ela prègada de novo. Que a Escola Dominical seja, na Europa e no Mundo, o laboratório das virtudes cristãs em exercício e o *studio* onde se esculpem almas ante o Divino Modêlo. Que assim salvemos da subversão completa uma geração errada no caminho do Ideal.

A perda, em muitas conciências, daquela fé integral no bloco da Verdade escrita, diminuiu a vitalidade orgânica da Cristandade. Voltemos á Bíblia, onde lateja e pulsa, sorri e chora, clama e segreda — o Cristo Vivo. Juntemo-nos todos na Escola Dominical, onde os adultos desiludidos e curtidos sob o sol da vida, aos crueis ventos da desgraça humana, encontrem de novo, no convívio dos Pequeninos, aquela fé moça e viçosa que as almas moças lhes podem ensinar a ter.

"Porque dos tais é o Reino dos Céus!"

Em-vez-do *teleiomorfismo* no ensino das crianças, que a pedagogia ha muito condenou, aconselhemos a dirigentes e dirigidos, a operários e patrões, a mestres e alunos, o *pedomorfismo* na sua formação espiritual. Pois "enquanto nos não fizermos como um dêstes pequeninos não poderemos entrar no Reino dos Céus". Que o Espírito seja o pedagogo duma nova era de favor no mundo, de forma a afastar as almas juvenis e as almas singelas das caricaturas dominicais que o ateísmo criou.

A Escola Dominical, ambiciosa do conhecimento total da Bíblia e da matrícula total do mundo, isto é, querendo

levar toda a Bíblia a toda a gente e toda a gente a toda a Bíblia, é o Reino dos Céus em ação e a fé em equação.

Ora, sendo a fé a semente de mostarda que transporta montes, e o Reino dos Céus a mesma sementinha que se torna em grande arbusto, á Escola Dominical se podem aplicar êstes dois símiles, dos mais belos entre os proferidos pelo Senhor Jesus Cristo — se pode haver escolha de beleza entre êles!

A Escola Dominical era em Roberto Raikes pequenina semente; e em um século se tornou árvore cujas raízes se aprofundam no coração de cincoenta povos e cuja rama cobre as frontes de cem milhões de indivíduos. E' um aspecto do Reino dos Céus que avança, no cumprimento da veneranda profecia, "até ás extremidades da terra".

Por seu lado, a fé que presidiu á criação da Escola Dominical e deve sempre animar seus métodos e seu programa, é a mesma sementinha que transporta as montanhas de dificuldades surgidas no seu caminho.

Não alargarei a hermenêutica desta afirmação, pois bem clara ela deve ser para todos os que estudam afanosamente o Sagrado Texto. Confinemo-nos hoje na consideração das montanhas vencidas ou a vencer, em parte pelas Escolas Dominicais.

A uma chamarei a *montanha de Babel*. A difusão da Bíblia enfrenta em primeiro lugar a dificuldade da multiplicidade de línguas, afirmando que cada povo tem o direito de possuir a carta do Pai Celeste na língua das mães terrenas. Saüdemos as Sociedades Bíblicas a cuja fé prática e ativa se deverá a conquista de mil idiomas e dialetos dentro de dois ou três.

Outra montanha é a da *Ignorância*, que se formou em bem recuados séculos e ainda hoje tem na Europa como no mundo fortes redutos. Duas campanhas ha a fazer para o seu desaparecimento: a da alfabetização dos povos e a da multiplicação de exemplares da Bíblia. Desta última se encarregaram também e dignamente as Sociedades Bíblicas. Quanto á primeira, si é certo que tem a Europa a menor percentagem média de analfabetos, para o que concorrem no maior grau as nações onde se aceitou a Bíblia como base da sua crença, ainda algumas enfileiram com as nações sul-americanas e quasi com as asiáticas no desconhecimento dos fecundos sinais com que se fixa o pensamento.

Orai pelas nações em desequilíbrio de cultura, onde meia-dúzia de eleitos atinge as culminâncias do gênio humano e grande massa jaz ignorante das grandes verdades e ignorada dos grandes movimentos libertadores.

A terceira montanha será a da *Imperfeita Compreensão*, nascida da incultura linguística. Dizia Zwinglio que o conhecimento de cada obreiro cristão se resumia no perscrutar a vontade expressa de Deus e a língua do povo que êsse obreiro serve. Cada povo tem o direito, não só a uma versão da Bíblia na sua língua, mas também a mais exata e elegante versão. Versão perfeita e sentido perfeito dependem do estudo probo e profundo da Palavra Divina e da palavra humana; da palavra que "é um sêr com pés e com mãos" — pés que têm galgado os séculos e mãos que nos agarram e prendem para a Eternidade.

Quarta montanha: a *Infidelidade*. Convem nela enunciar brevemente essa doença que S. Paulo censurou aos coríntios divididos, quando em Cristo devemos ser "perfeitos na unidade". "Cada um abunda em seu sentido"; mas descrença, dúvida ou visão parcial das cousas, mutile ou não o texto, aumente ou não o dogma, desfiguram a fé, dividem a Igreja e acrescentam novos elementos de angústia á amargura universal.

Por fim vos falarei da *Rotina*, que, apropriando as instituições as mata, as embalsama e as torna objetos de museu, sem calor, sem luz, sem movimento que se transmita em vida, fôrça e alegria. Para vencer especialmente esta montanha estamos aquí; para considerar o Homem e a Bíblia como os dois elementos do nosso estudo, um o agente receptor e o outro o transmissor da Boa Nova de Cristo.

Muito terá êste congresso que estudar dentro do alvo supremo do *Cristo Vivo*. Vida é choque, diversidade, adaptação, luta e vitória. E' necessário que as Escolas Dominicais considerem a divisão de classes e a diferenciação de planos de ensino, não só em relação de idades mas também de graus de cultura, nos países de grande percentagem de iletrados. Que tenham em linha de conta o *ethos* particular de cada povo, o segrêdo missionário de Raimundo Lúlio. Que difundam e vitalizem os cursos normais e criem o tipo ideal do instrutor cristão.

Mãos á obra, pois!

A Europa cristã, que assiste ao maior movimento anti-teista de todos os tempos e sente no sub-solo social engendrar-se a tremenda luta do futuro, quer saüdar-vos, não com palavras vazias de sentido, de cumprimento convencional e frio, mas com o calor da Amizade que nos liga no Evangelho e com a ânsia de melhores dias, de melhores métodos, de melhores resultados, nas Escolas Dominicais de todo o mundo, até que Aquele que vive volte, "da mesma maneira como subiu!"

SAÜDAÇÕES

Na sessão de abertura o Exmo. Sr. Chefe do Govêrno Provisório, Dr. Getúlio D. Vargas, se fez representar na pessoa do chefe de sua casa militar, Comandante Raul Tavares, que, do camarote presidencial do proscênio, em eloquente saüdação, declarou que "não podendo comparecer o Chefe do Govêrno àquela esplêndida cerimônia, por assoberbado de múltiplos afazeres, alí êle estava para representá-lo, para saüdar a Convenção Mundial de Escolas Dominicais, apresentando á mesma as homenagens e os votos de prosperidade, que essa obra benemérita ha de fatalmente realizar em benefício da humanidade, especialmente do Brasil".

A Convenção endereçou a seguinte mensagem a S. Ex. o Sr. Dr. Getúlio D. Vargas, DD. Chefe do Govêrno Provisório:

"Delegados trinta e três nações, reunidos Convenção Mundial Escolas Dominicais, receberam maior desvanecimento mensagem boas-vindas trazidas recinto pelo digno representante vossência sessão abertura ontem. Queremos manifestar vossência nossa alta apreciação reconhecimento gentilezas recebidas Govêrno Federal e Municipalidade. Fazemos votos sinceros contínua prosperidade esta belíssima terra.

(aa) Luther A. Weigle,
Presidente.
Robert M. Hopkins,
James Kelly,
Secretários Gerais.

Foram também lidas perante o plenário as mensagens seguintes:

Da Inglaterra:

"Esta carta leva os meus votos cordiais, que peço aceiteis, para que o Congresso da Associação Mundial de Escolas Dominicais alcance um completo triunfo em sua realização, no Rio de Janeiro.

A Escola Dominical tem um lugar honroso e tradicional na vida dêste país; com efeito, ha um século, ela proporciona a um sem número de crianças a única forma de educação religiosa organizada. Estou convicto de que ela ainda tem uma missão de valor incalculável a cumprir, não sòmente aquí, mas em todo o mundo. As atrações da vida hodierna desvirtuam tudo, até o domingo. Alguem alvitraria a proïbição para remediar o perigo. A Escola Dominical, porém, nos oferece um melhor método e que, portanto, alcançará melhores resultados. Ela estabelece seu caminho pela persuasão, apresentando uma alternativa positiva. Espero que a sua obra acompanhe a vida da humanidade e que as deliberações do vosso Congresso, em que as experiências de muitas nações podem ser concatenadas para útil comparação, contribua para alcançar a maior eficiência dessa benemérita instituïção.

Sinceramente vosso

(a) J. Ramsay MacDonald
1° Ministro da Inglaterra".

Do Presidente Herbert Hoover, da Casa Branca, América do Norte:

"O Presidente dos Estados Unidos da América do Norte pede-me transmita aos delegados de todas as Nações, reunidos no Rio de Janeiro, as suas cordiais saüdações e os melhores votos para o bom êxito da Convenção, que tem como seu alto objetivo a disseminação do bem entre as nações do mundo.

Sinceramente vosso,

(a) Laurence Richey
Secretário da Presidência".

Da África do Sul:

"Desejando á Convenção o maior êxito em sua nobre missão, rogo-vos aceiteis o convite das Escolas Dominicais da África do Sul para realizardes a 12ª Convenção Mundial em Capetown. Sereis recebidos fraternalmente pelo povo de nossa terra.

(a) B. M. Herzog
Primeiro Ministro da União Sul-Africana".

"Tenho o prazer de subscrever as saüdações dos delegados da Associação de Escolas Dominicais da África do Sul e da Federação de Escolas Dominicais das Igrejas Confederadas da África do Sul e enviar-vos protestos de aprêço de vossa obra e votos de grande êxito da 11ª Convenção Mundial de Escolas Dominicais.

Meu coração encheu-se de júbilo ao saber que a delegação da África do Sul convidará a 12ª Convenção Mundial para Capetown, em 1936. Espero que êste convite seja aceito, pois estou certo que virá a encorajar sobremodo os obreiros evangélicos nesta parte da terra e a incrementar a obra evangélica em geral.

(a) Clarendon
Governador Geral da África do Sul".

Do Canadá:

"Canadá, um domínio novo entre as nações do mundo, está vitalmente interessado no desenvolvimento do caráter de seu povo. Compreendemos que não pode haver uma ordem nacional estável, a não ser que os seus fundamentos sejam cuidadosamente estabelecidos sobre a verdade. E' necessário que se faça o devido aprêço dos valores espirituais, em distinção de empreendimentos materiais, para o que é a Escola Dominical um dos mais eficientes fatores, porque volta os pensamentos dos jovens para um reino invisível e desenvolve e estabelece a fé como um princípio de primeira grandeza na vida do indivíduo.

Meus votos são que as deliberações do Congresso sejam da maior atualidade, traçando planos eficientes para desenvolver a obra da Escola Dominical e fazendo com que haja uma compreensão mais nítida da necessidade de mantê-la como uma organização indispensável para a edificação moral das nações.

(a) R. V. Bennett

Primeiro Ministro do Canadá".

Da República Chinesa, General e Madame Chiangkaishek enviaram o seguinte cabograma:

"Votos para que movimento Escola Dominical contribua formar caráter cristão tão necessário ao desenvolvimento cada povo e implantação justiça internacional e fraternidade".

Do Primeiro Ministro do Japão:

"Cordiais Saüdações á Convenção Mundial de Escolas Dominicais, com votos de grande sucesso.

(a) Visconde Saito".

Em adição á mensagem enviada á Convenção, Sir Harold Mackintosh, presidente da Associação Mundial de Escolas Dominicais, endereçou-lhe o seguinte cabograma:

"Saüdações a todos os delegados. Abençôe o Espírito do Cristo Vivo as sessões da Convenção.

(a) Harold Mackintosh".

Da presidente da União Feminina Mundial de Temperança:

"Cordiais saüdações á Convenção Mundial de Escolas Dominicais.

Os membros de nossa União estão vivamente interessados no progresso de vossa grande organização. Muitas de nós são ou foram professoras da Escola Dominical e tiveram o prazer de enviar á vossa Exposição uma coleção do material usado no empreendimento de formar caracteres

Estamos certos de que a educação cristã é essencial á edificação do caráter da juventude. Cremos também que a educação a respeito dos efeitos funestos do alcoolismo é parte da obra da igreja, e rogamos a Deus que a vossa Convenção se torne uma bênção para a obra evangélica em todo o mundo.

(a) Ella A. Boole".

Da Sociedade Bíblica Americana:

Concientes do poder desta Convenção Mundial de Escolas Dominicais para promover o bem, temos o privilégio de vos estender as saüdações da Sociedade Bíblica Americana.

Nós gozamos da vossa camaradagem em muitas terras, onde ensinais a história imperecível da redenção do Cristo Vivo, que se encontra nas páginas do Livro, o qual, nós, com o vosso auxílio, distribuímos para que seja manuseado por multidões em muitas línguas.

Folgamos em saber que Rev. Dr. H. C. Tucker, nosso estimado secretário no Brasil, é um dos hospedeiros da Convenção e que outros membros da Sociedade tomarão parte no Congresso.

Contribuam os vossos pensamentos, planos e preces para que os alunos da Escola Dominical vivam e cresçam segundo o Modêlo perfeito, e que vós de tal forma possais dirigir êste crescimento que a entronização ao Cristo Vivo em seus corações importe não sòmente na redenção dêles, mas os leve a participar da obra de seu Mestre de redimir o mundo.

Estejam os vossos corações abertos ás bênçãos que Deus derramará sobre as vossas sessões.

(aa) Eric M. North,
George William Brown,
Secretários Gerais".

Também enviaram saüdações e cumprimentos á Convenção as seguintes pessoas e instituïções:

Fernando Peltzer, Embaixador da Bélgica no Brasil; Ministro das Relações Exteriores da China; Ministro da Suissa no Brasil; Encarregado dos Negócios da Embaixada Norte-Americana no Rio de Janeiro; Embaixador da Itália no Brasil; Associação dos Ministros de Havana, Cuba; Centro Boliviano de Cultura Evangélica, La Paz, Bolívia; Igreja Batista de Cantagalo, E. do Rio, Brasil; 12ª Conferência de Verão de Porto Rico, Rio Piedras, P. R.; 200 Escolas Dominicais de Guatemala; Discípulos de Cristo do Rio da Prata, Buenos Aires; Associação Batista de Rosário e circunvizinhanças; Liga Nacional de Mulheres Protestantes, Argentina; Liga de Promoção de Escolas Dominicais, Shanghai, China; Prof. Loofty Levonian, Beirut, Síria; Board de Missões Estrangeiras da Igreja Presbiteriana Unida da América do Norte; Convenção Evangélica Nacional da República do México; Sahag II, o "católicos" da Cilícia, Antélias, Líbano; Arcebispo Torgham, Patriarca Armênio de Jerusalém; União de Escolas Dominicais das Terras Bíblicas, Beirut, Síria; 13ª Conferência Anual de Meninos, reunida em Baalbek, Síria; Igreja Escocesa de S. André, Buenos Aires, Argentina; Escola Dominical da Igreja Metodista de Juiz de Fora, Minas; Igreja Episcopal de Bagé, R. G. do Sul; União de Escolas Dominicais dos Países Baixos; Sínodo do Nilo e União do Egito e Sudão, Alexandria, Egito; Mr.

Peart, do Conselho Australiano de Educação Religiosa, Melbourne, Austrália, Dr. T. Ukai, Kamakura, Japão; Sr. Frank M. Long, Secretário da A. C. M., Porto Alegre, R. G. do Sul; Escolas Dominicais Metodistas do Uruguai; Igreja Presbiteriana Independente, Curitiba, Paraná; Igreja Presbiteriana de Belo Horizonte, Minas; Superintendente da Escola Dominical Presbiteriana de Ponta Grossa, Paraná; Sr. Camilo Hosias, Comissário Residente, das Ilhas Filipinas, em Washington; Sr. Shelton Ross, de S. Luiz, Missouri, em nome de milhão e meio de alunos da Escola Dominical; Sr. James Cunningham, Presidente Honorário da União de Escolas Dominicais de Glasgow, Escócia; Associação Central de Escolas Dominicais, Rosário, Argentina; Deão Yamamoto, Presidente da Associação Nacional de Escolas Dominicais do Japão; Igreja Batista de Betel, Santa Inez, Baía; D. Ramos Montero, Ministro Plenipotenciário do Uruguai no Brasil; Dr. A. de Mello Franco, Ministro das Relações Exteriores do Brasil; Dr. Anísio S. Teixeira, Diretor Geral da Instrução Pública do Distrito Federal; Escola Dominical de Monte Pedral, Portugal; Escolas Dominicais do Porto, Portugal; Embaixada Britânica no Rio de Janeiro; Igrejas Congregacionais do Estado do Paraná; Igreja Metodista de Cabo Frio; Aliança Evangélica do Perú.

MENSAGEM DO PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO MUNDIAL DE ESCOLAS DOMINICAIS, SIR HAROLD MACKINTOSH

Esta mensagem presidencial deve seguir-se, creio, ás benévolas palavras de boas-vindas dos delegados á 11ª Convenção Mundial de Escolas Dominicais, proferidas pelo Representante do Govêrno e Organizações Cristãs do Brasil. Lamento profundamente o ter de enviar estas palavras por escrito, na impossibilidade de o fazer pessoalmente.

O Rio de Janeiro tem a fama de ser a mais bela cidade do mundo e vosso país e seus habitantes são contados entre os mais amáveis e hospitaleiros de todos os povos. Estou certíssimo de que os delegados á Convenção, hospedados nesta linda cidade e gozando da hospitalidade de seu povo, serão os mais afortunados dos visitantes.

Quisera Deus que me fosse permitido ser um dêles!

Permiti que eu vos cite uns dos versos de Kipling, que desde meus dias de estudante têm vivido em meu pensamento:

"Jamais naveguei no Amazonas,
"Jamais alcancei o Brasil!"
"Ainda que parte da Britânia,
Cada semana, esplêndido navio,
Rumando para o Rio.
Mas meu desejo é ainda lá chegar
Antes de a velhice me alcançar!"

Quando a Associação Mundial de Escolas Dominicais me conferiu a honra insigne, elegendo-me seu presidente, na última Convenção, em Los Angeles, pareceu-me que o grande sonho de visitar o Rio ia tornar-se em realidade e que eu iria contemplar de perto o velho ideal e, na companhia daqueles que amo imensamente, os obreiros das Escolas Dominicais de muitas terras.

Não ha pôsto de mais honra, no mundo, do que o de presidente da Associação Mundial de Escolas Dominicais, e quanto me senti enobrecido com êle, tanto me entristeço em não poder estar convosco no Rio agora.

Porque estou eu aquí, nesta hora, enquanto que meu coração e pensamento estão a seis mil milhas distantes, com a Convenção reunida no Rio de Janeiro!

As mesmas razões que me retêm aquí estão retendo centenas de outros, em diferentes lugares, atarefados com as suas prementes ocupações diárias. A decantada civilização moderna e seu progresso científico está falindo, em toda parte, porque a geração contemporânea tem deixado de levar na devida conta as cousas espirituais. E' completamente enganosa a compreensão que temos dos valores. Temos gravado muito um padrão de ouro em nossas moedas nacionais, mas temos esquecido de gravar igualmente um padrão de ouro no caráter. Reunem-se os estadistas em conferências e separam-se sem nada resolver, não porque não saibam o que realizar, mas porque ha falta de confiança e de sentimento de fraternidade. O comércio internacional está quasi paralizado, porque as moedas nacionais não mais inspiram confiança.

Todas estas inquietações desapareceriam si o mundo tornasse a recuperar aquela grande moeda internacional, que é o modo cristão de viver.

Com todo o sentimento que me assiste exorto áqueles, cujo grande privilégio é preparar e moldar os cidadãos de amanhã, pela Escola Dominical, a antepor o Cristianismo ao Nacionalismo, o reino de Deus aos reinos dêste mundo, a edificar a "Cidade Santa" no meio da civilização moderna. A um mundo tumultuoso e em angústia, Cristo oferece hoje, como nos dias em que andou na terra, um caminho inteiramente novo para a existência, capaz de modificar radicalmente a vida nacional, social e internacional. Num mundo onde os esforços econômicos e os planos dos estadistas têm falido no intuito de estabelecer a paz e a benemerência entre os homens, apresenta-se agora a grande oportunidade de pôr em prática o método de Jesus Cristo — o Caminho do Amor. Hoje quasi todas as nações estão carecendo de um grande lider. Nós, cristãos, sabemos que não ha outro para a ingente tarefa sinão o "Cristo Vivo".

Esta grande Convenção internacional representa o maior e o mais alto movimento voluntário no mundo a cooperar para a educação cristã das gerações que surtem. Ha representantes aquí de quasi todas as nações e raças. — Nossa tarefa é internacional, interracial e interdenominacional.

Imploro a Deus que, na sua misericórdia, abençôe altamente cada movimento da Convenção, para que neste tempo de crise, na história mundial, sejamos mais do que um agrupamento de obreiros da Escola Dominical, que formemos, na verdade, um movimento internacional, uma Liga espiritual de Nações, operando a cura dessas mesmas nações por meio das crianças de todo o mundo.

O aluno da Escola Dominical de hoje será o cavalheiro e o patriota cristão de amanhã. Sobre os nossos hombros, como obreiros da Escola Dominical, pesa, portanto, uma tremenda responsabilidade, porque, si falirmos em desenvolver o verdadeiro tipo do cidadão, graves contratempos podem resultar para as nações, mas si, pelo contrário, alçançarmos bom êxito, surgirá amanhã um mundo melhor e maior e estará mais perto de nós o Reino de Cristo. As Escolas Dominicais são, com efeito, a esperança do futuro!

Não posso terminar, sem exprimir, outra vez, minha profunda tristeza em não poder estar convosco durante esta semana da Convenção. Minha espôsa e eu contamos com muitos prezados amigos entre oficiais e membros da Associação Mundial de Escolas Dominicais e nutríamos a esperança de fazer novas amizades durante a Convenção no Rio de Janeiro. Uma das alegrias em tomar parte em uma assembléia como essa, é renovar velhas amizades e fazer novas. Espero que muitas destas relações serão travadas esta semana e que a imensa cadeia mundial da fraternidade Cristã será aumentada e fortalecida nestes dias. Sinto mais particularmente que não terei o prazer, nesta ocasião, de me encontrar com os amigos cristãos do Brasil e especialmente com os membros das comissões locais da Convenção, que têm trabalhado longamente e exhaustivamente para o bom êxito do empreendimento. Para com êles, com todos os que os têm acolhido, a Municipalidade e o Govêrno Federal, a Associação Mundial de Escolas Dominicais tem uma dívida de gratidão e é meu privilégio manifestar seu reconhecimento não sòmente pelos delegados presentes, que falarão por si, mas pelos milhões de professores e oficiais da Escola Dominical, em toda a superfície da terra e que estão, nesta hora, unidos convosco em espírito e oração.

Praza aos céus que o "Cristo Vivo" nos una a todos, presentes e ausentes, numa nova e maior consagração ao seu serviço!

O PROPÓSITO E O PLANO DA CONVENÇÃO

(Pelo Professor Luther A. Weigle)

Esta é a décima primeira Convenção Mundial de Escolas Dominicais. A primeira Convenção Mundial a favor das Escolas Dominicais realizou-se em Londres no ano de 1889, e convenções subsequentes se têm reunido no decorrer de três e cinco anos. Dessas dez convenções, três

realizaram-se na Inglaterra; três na América do Norte; uma na Palestina; uma na Itália; uma na Suissa; outra no Japão e agora a décima primeira é aquí no Brasil.

Três fases podem ser traçadas na história destas reuniões mundiais. Ao princípio eram convenções apenas de confraternização, inspiração e edificação. Porém, no ano de 1907, na Convenção Mundial de Escolas Dominicais, realizou-se em Roma, Itália, uma organização permanente, conhecida como sendo a Associação Mundial de Escolas Dominicais, com o fim não sòmente de promover convenções como também de contribuir, por intermédio de auxílio financeiro e conselho para a extensão e desenvolvimento das Escolas Dominicais Evangélicas em todo mundo. Em 1924, na Convenção de Glasgow, Escócia, a Associação Mundial de Escolas Dominicais chegou a ser o que hoje é, uma federação mundial de organizações nacionais e internacionais interessadas na educação religiosa cristã.

Existem quarenta e oito organizações nacionais e internacionais associadas a esta federação mundial. Estas organizações estão espalhadas por quasi todos os países do mundo e atualmente representam uma matrícula nas Escolas Dominicais Evangélicas para mais de 35.000.000 entre professores e alunos.

Esta é a primeira Convenção Mundial de Escolas Dominicais reunida ao sul do Equador, a-pesar-de vários convites terem sido em tempo recebidos da África do Sul, Austrália e do Brasil. O convite para que se reunisse uma convenção no Rio de Janeiro foi apresentado á Associação Mundial de Escolas Dominicais na Convenção em Washington, em 1910, por três representantes das Igrejas Evangélicas no Brasil, o Dr. H. C. Tucker, da Igreja Metodista Episcopal e da Sociedade Bíblica Americana; o Dr. F. F. Soren, pastor da Primeira Igreja Batista desta cidade, e o Dr. Álvaro Reis, pastor da Primeira Igreja Presbiteriana, já falecido. Dêstes três, dois, folgo em dizer, estão hoje conosco, o Dr. Tucker e o Dr. Soren, os quais muito têm contribuído, com o seu trabalho, na comissão local, no sentido de que o convite apresentado ha vinte e dois anos atrás pudesse por nós ser aceito. Aquele convite era renovado em cada convenção subsequente. Recordamos com prazer o modo sincero e atraente pelo qual o mesmo nos foi feito em Glasgow, no ano de 1924, pelos delegados brasileiros, presididos pelo Sr. José L. Fernandes Braga Junior e o Dr. Erasmo Braga, êste último um homem de coração grande e lider educacional, cuja morte recente abalou profundamente a todos nós. Em 1928, na Convenção em Los Angeles, estavam presentes dezesete delegados do Brasil, presididos novamente pelo Sr. J. L. F. Braga Junior, e o grupo fez o convite para o Rio de um modo tão franco que a Comissão Executiva da Associação votou, aceitando-o.

Chegamos ao Brasil, assim como nos anos anteriores temos ido a outros países, onde as Convenções se têm reunido, num espírito de confraternização mundial e de amizade cristã. Chegamos alegres a esta

terra iluminada de lindo sol e nesta linda cidade, como hóspedes dos nossos irmãos das Igrejas Evangélicas e também como hóspedes do Povo e do Govêrno do Brasil, que tão amàvelmente cooperaram com a sua costumada hospitalidade para receber-nos.

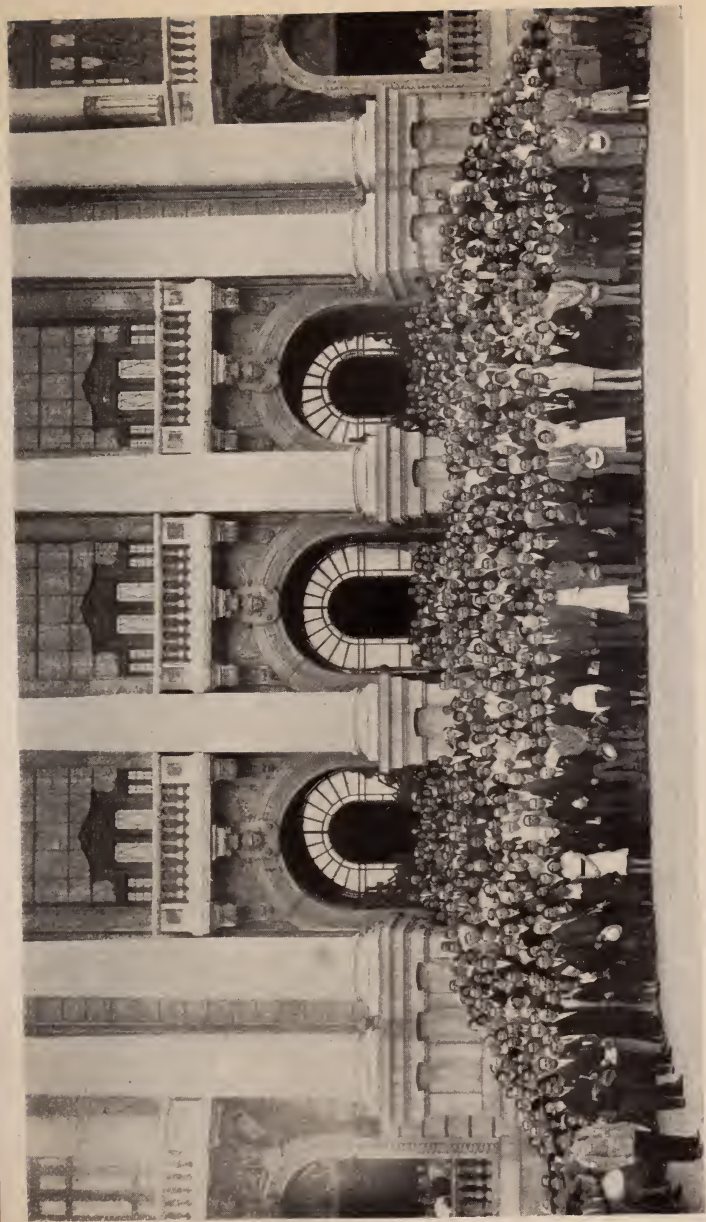
A União de Escolas Dominicais do Brasil é uma das unidades constituintes da Associação das Escolas Domincais do mundo e é um membro vital e crescente da nossa Federação. Em 1913 ela apresentou uma matrícula de 21.000 professores e alunos; em 1920 de 58.000; em 1924, de 81.000; em 1928, de 109.000. Êste ano apresenta um relatório de 2.276 Escolas Dominicais com uma matrícula de 126.506. E' com imensa satisfação que participamos dêste evidente crescimento salutar e substancial.

O fito desta Convenção é mundial. Não é sòmente para nós, os delegados, ou só para o país onde a Convenção se acha reunida. Aquí procuramos reforçar os laços de nossa federação, proclamar a nossa fé num Cristo Vivo e propagar a causa da educação religiosa cristã por todo o mundo.

O plano da Convenção é simples, havendo, porém, diversas reuniões. Em cada tarde e noite da semana, com exceção de sábado, vamos nos reunir em sessão geral. Hoje, neste Teatro Municipal; amanhã, e nos dias consecutivos, no Teatro João Caetano. Hoje de noite vamos ouvir o discurso do Dr. Poole sobre o tema da Convenção — "O Cristo Vivo". Ao terminar o seu discurso serão conduzidos á plataforma, pelas crianças, os delegados da Convenção e aí serão trazidas as bandeiras das diversas nações representadas, e então, cada um na sua própria língua, cantaremos juntos o hino da Convenção: "Saüdai ao Nome de Jesus", seguido pelo "Pai nosso", da mesma forma.

Nas sessões gerais de terça e quarta-feira vamos ouvir breves relatórios, porém cheios de entusiasmo, sobre o progresso da educação religiosa cristã em diversos continentes do mundo. A terça-feira, de tarde, será dedicada ás nações da Europa; terça-feira, á noite, para Ásia e Austrália; quarta-feira, de tarde, para a América do Norte e a África, e quarta-feira, de noite, para a América do Sul. Estas sessões vão ser de grande interêsse, onde falarão diversos oradores representando as principais nações em cada um dos continentes.

Na quinta-feira de tarde vamos nos dividir em grupos, segundo as diferentes línguas. Sessões serão dirigidas em Português, Espanhol, Inglês, Alemão, Francês e Japonês. Sessões em outras línguas serão promovidas, si assim for necessário. O "climax" desta parte da Convenção será atingido na sessão geral da noite de quinta-feira, quando se vai tratar do assunto — "O Desafio do Mundo á Educação Cristã".

Na terça, quarta e quinta-feiras de manhã podeis assistir a uma conferência ou a uma "Secção de estudos especializados". Podeis escolher uma destas cinco conferências: A Educação Cristã das Crianças;

PARTE DA ASSISTÊNCIA Á SESSÃO DE ABERTURA
EM FRENTE DO TEATRO MUNICIPAL

VISTA PARCIAL DA ASSISTÊNCIA
INTERIOR DO TEATRO MUNICIPAL

A Educação Cristã dos Moços; A Educação Cristã dos Adultos; uma Conferência de Pastores e Superintendentes e uma Conferência sobre os Problemas da Vida e do Pensamento Contemporâneos. Os Grupos de Especialização são pequenos, tratando mais dos problemas técnicos, com os seus trabalhos começando hoje de manhã. Ainda é possível alistar-se num dêles, caso se prefiram a uma conferência. Sexta-feira, de manhã e de tarde, os Grupos de Especialização apresentarão os seus estudos ás sessões gerais da Convenção e, na sexta-feira, de noite, apreciaremos os quadros vivos sobre "O Cristo dos Séculos", para os quais muito tem cooperado a Comissão das Escolas Dominicais do Rio de Janeiro, sob a direção do Professor Augustine Smith.

Nesse meio tempo, durante a semana, um grupo de cem moços de diversos países estarão se reunindo no Colégio Bennett, sob a direção do Dr. George Stewart, e êstes se apresentarão á Convenção na sessão geral de sábado, á noite. A Convenção encerrará os seus trabalhos na sessão geral da noite de domingo próximo. A primeira sessão de domingo será uma reunião ao ar livre, na Praça da República, ou Campo de Sant'Anna, na qual falarão por um curto espaço de tempo os oradores, de cada nação representada na Convenção. A última sessão se realizará no Teatro Municipal, onde será cantado o côro "Aleluia do Messias", de Handel. O Dr. Mackay falará sobre a "Ordem de Cristo": "Prègai e Eu estou Convosco", e o Dr. Howard nos dirigirá no serviço da dedicação final.

Vivemos numa era de confusões e perplexidades. Num mundo de fartura, multidões estão ameaçadas de fome. Num mundo que almeja paz, estamos nos preparando para guerras e as paixões humanas procuram destruir a raça. Um paganismo moderno surge que não se sujeita a reticências, que aborrece restrições, que não admite padrões a não ser os impulsos da cupidez e as variações da moda. O secularismo apresenta-se-nos com o manto da liberdade e o ateismo renuncia todos os escrúpulos.

A luta hoje está formada entre duas filosofias opostas da vida, entre o paganismo e a vida de Jesus e entre o secularismo e o Evangelho do Filho de Deus. Temos de confirmar agora a nossa lealdade para com Jesus Cristo. A nossa Federação Mundial é um símbolo da nossa união esperitual por meio dêle, uma união que não reconhece diferenças de raças, língua, nação, credo teológico ou formas eclesiásticas.

Não é sòmente como um professor de Ética ou mesmo como o Exemplo do que a vida humana deve ser que Jesus Cristo exige a nossa dedicação. Êle é a figura central da história da humanidade, porque nele temos a visão de uma realidade suprema. Nele encontramos o caráter e a boa disposição de Deus habitando entre os homens. Deus está em Cristo procurando reconciliar o mundo com Êle. Quando professamos a nossa fé num Cristo Vivo declaramos por êste modo ser o caráter e a boa vontade de Deus eterno, inabalàvelmente verdadeiro e de uma confiança eterna.

A necessidade de nosso tempo é a necessidade de todos os tempos: receber o Evangelho de Jesus Cristo, poder de Deus para a salvação. A exortação ás Igrejas é: que haja uma evangelização mais profunda, mais verdadeira e mais ampla, um evangelho que eduque moços e velhos e não dê ênfase aos diferentes credos e dogmas que causam as nossas divisões, mas que se baseie nas grandes verdades centrais, fortes alicerces e sustentáculos de nossa fé. Outro alicerce não pode ser posto a não ser o que já está colocado, o único, que é Jesus Cristo, O Cristo Vivo; o mesmo ontem, hoje e para sempre!

O BRASIL: — SEU PASSADO E SEU PRESENTE

Sessenta anos antes dos Puritanos desembarcarem em Plimouth Rock, o aventureiro francês, Nicholáo Durand de Villegaignon, Cavalheiro de Malta, desembarcava com um grupo de Huguenotes em uma ilha, á entrada da baía de Guanabara, na cidade do Rio de Janeiro, que ainda hoje conserva o nome de Villegaignon, em um de seus fortes, e celebrou o primeiro culto protestante no novo mundo.

A expulsão dos franceses pelos portugueses poucos anos mais tarde pôs têrmo á primeira tentativa do estabelecimento de uma igreja evangélica no Brasil. Em 1636 reuniu-se, em dezembro, o primeiro grupo ou classe da Igreja Reformada Holandesa, estando presentes oito ministros e cinco presbíteros. Em 1654 êste trabalho, que tanta influência teve sobre os índios, foi completamente extinto. As atividades da Inquisição crearam um período estéril á Evangelização Cristã. Em 1720 surgiu uma lei proïbindo que qualquer pessoa desembarcasse no Brasil a não ser que estivesse a serviço da Corôa ou da Igreja. Os estrangeiros eram, também, absolutamente excluídos.

Só quando os portos foram abertos, para o comércio internacional. em 1808, ofereceu-se então oportunidade melhor aquí para o trabalho evangélico. As Sociedades Bíblicas foram as pioneiras dêsse empreendimento.

A Sociedade Bíblica Americana aquí se estabeleceu em 1816, vinte anos antes de chegarem os primeiros missionários. A imigração protestante muito auxiliou a crear uma atmosfera favorável ao desenvolvimento do movimento evangélico. Tratados foram negociados entre o Brasil e outros países, garantindo liberdade religiosa. Êsses tratados continham o embrião dos princípios de uma política liberal, e tão bem sucedidos foram que em 1861 a discriminação contra ministros protestantes foi abandonada.

A primeira igreja protestante na América do Sul foi fundada no Rio de Janeiro para os ingleses residentes, de conformidade com o tratado de 1810.

Em 1834 o Board de Missões da Igreja Metodista Episcopal, nos Estados Unidos, publicou um pedido de voluntários para o trabalho

missionário na América do Sul, respondendo a êsse pedido o Reverendo Fountain E. Pitts, que desembarcou no Rio a 18 de Agosto de 1835.

Entre 1840 e 1860 o trabalho congregacional, presbiteriano e batista foi começado e, logo depois da Guerra Civil nos Estados Unidos, 1861-1865, a Igreja Metodista Episcopal do Sul iniciou o seu, em 1867. Muitas outras organizações missionárias estão hoje no campo de ação e grande serviço têm prestado.

Antes de descrevermos o desenvolvimento do trabalho no Brasil durante os últimos quarenta e cinco anos, desejamos dizer uma palavra sobre o povo dêsse país.

O Brasil, ou antes os Estados Unidos do Brasil, é dividido em vinte Estados, compreendendo o seu território a uma área igual a das outras dez repúblicas Sul Americanas ou um quinze-avo da área de terras do mundo. A língua dêste grande país é o português. Sua civilização tem origem lusitana, o que distingue os portugueses dos espanhois, e se compõe dos três grupos — europeus do sul, índios americanos e negros africanos, que constituem sua população.

Esta foi calculada em 41.477.824 habitantes em 1 de Dezembro de 1930, mostrando um aumento de 1.205.174 sobre a do ano anterior. Os elementos que formam a população, conforme a estatística do Museu Nacional do Rio, em 1922, são:

Brancos.	51 %
Pretos.	14 %
Índios.	2 %
Mulatos.	22 %
Brancos em Índios.	11 %
	100 %

Calcula-se que, com o presente crescimento, dobrando-se cada vinte e cinco anos a sua população, será esta no fim dêste século de 250.000.000. E' permitida a entrada de dez mil japoneses anualmente. Mais de 100.000 japoneses têm emigrado para o Brasil nestes últimos anos. Examinando-se uma lista de imigrantes chegados em 1930, verifica-se o fato interessante de que vieram de 58 países diferentes. O Brasil está, pois, destinado a ser "the world's melting pot", o lugar onde se misturarão todas as raças do mundo, no próximo decênio.

O ano de 1888 foi de grande importância na história do Brasil. Foi período de grandes reformas econômicas e sociais. O país testemunhou a libertação de um milhão e meio de escravos por um decreto Imperial. A Princesa Isabel, filha de D. Pedro II, lavrou êsse ato durante a ausência de seu pai, então na Europa. Esta medida incentivou o espírito liberal. Dezoito meses depois, 15 de Novembro de 1889, um levantamento militar derrubou a monarquia, banindo a família Imperial para a Europa e estabelecendo uma ditadura.

Não houve resistência contra a sentença de banição. O velho Imperador pediu licença para levar um saco de terra brasileira na qual êle pudesse repousar sua cabeça em sua última morada. Seu corpo embalsamado permaneceu por muitos anos na igreja de S. Vicente em Lisboa. Mais tarde a sentença foi revogada e o corpo do Imperador e da Imperatriz foram trazidos e acham-se hoje em Petrópolis, linda cidade serrana do E. do Rio.

Durante o período entre 1889 e 1932 muitas mudanças se verificaram. Foram proclamados vários decretos liberais, contando-se como os mais importantes: separação completa da Igreja do Estado, estabelecimento do casamento civil como o único legal, secularização dos cemitérios, substituïção do ensino clerical pelo leigo nas escolas e o programa de educação nacional foi todo modernizado e melhorado.

Em seguida a êstes princípios sociais e políticos uma assembléia constituinte foi convocada para elaborar uma constituïção. Essa assembléia adotou a constituïção dos Estados Unidos, com algumas mudanças de pouca importância, e o mecanismo político-cívico da República foi inaugurado. As duas últimas décadas têm sido de notável expansão econômica e industrial. As riquezas naturais do Brasil estão sendo desenvolvidas de um modo admirável. Os sérios problemas sociais, que surgem depois de uma industrialização intensa, estão aparecendo agora. Sòmente 25 % dos 42 milhões de habitantes são alfabetizados.

O desenvolvimento espiritual do Brasil tem sido tão notável quanto progressista tem sido o material.

As estatísticas da Escola Dominical acusam um arrolamento de 127.000 alunos, e, incluindo imigrantes e estrangeiros residentes, ha mais de 300.000 crianças que sofrem a influência benéfica da educação evangélica.

Em nenhum outro país do mundo o desenvolvimento indígena evangélico tem sido mais notável do que no Brasil.

O Brasil é, pois, o país por excelência das grandes oportunidades.

A EXPOSIÇÃO

O segundo andar do Edifício da Escola Nacional de Belas Artes foi um agradável ponto de reunião, durante os dias Convencionais.

Houve uma feliz organização, que colocou contíguos o "Templo de Arte Religiosa" e a "Exposição de Literatura Cristã". A primeira impressão que se recebia, á entrada, era a do crescente escopo do Programa de Educação Cristã. Êle está sendo ampliado a fim de que a Educação Religiosa seja ministrada em todas as fases da vida. A literatura, a música, as artes e o drama estão contribuindo para o seu enriquecimento. Aspecto algum, da vida, é esquecido nele. Entre os muitos serviços prestados pela Convenção está êste, reunindo e tornando visíveis as partes constitutivas dêste grandioso Programa Educacional e revelando a sua unidade essencial, ajudando assim a criar um tipo de personalidade uniforme.

Além disso, trazendo em conjunto êstes vários ensinamentos de literatura, música, arte e drama, nota-se que a antiga pobreza do nosso material está agora sendo diminuída.

As rígidas fronteiras antigas entre o sagrado e o secular desapareceram ante a Radiosa Presença, incorporada na personalidade Cristocêntrica, e assim todos os valores são elevados em beleza e merecimento.

Foi confortador constatar a entusiástica apreciação dos delegados que visitaram a Exposição á obra de educação religiosa.

Foram expostos métodos e materiais pedagógicos dos cinco continentes.

Nos anos anteriores, as exposições de outros países eram em grande parte reproduções de material recebido da Europa ou da América do Norte. Um dia novo surgiu, e agora já os obreiros apóiam a idéia de um currículo local. Daquí a quatro anos ficaremos admirados com o progresso que terá sido feito neste terreno.

As Casas Publicadoras e Sociedades Missionárias mui gentilmente prestaram a sua cooperação. De Nova York e de Londres ao Rio de Janeiro é uma longa distância, mas isso não interferiu no sucesso da emprêsa. Os livros e o material demonstrativo foram escolhidos o mais cuidadosamente possível e esta fase do programa da Convenção será sempre lembrado com saudade.

A Exposição teve muito movimento e foi visitada por inúmeras pessoas, não só do mundo evangélico da Capital da República, como pelo público em geral que a ela afluiu.

Constou a mesma, como acima dissemos, de duas partes, cada qual mais interessante.

Uma, foi a exposição de arte religiosa organizada pelo Prof. H. Augustine Smith, da Universidade de Boston, E. U. A., constando de estampas representando obras primas de pintura sacra e outros assuntos úteis á educação religiosa.

Todas as tardes, ás 5 horas, o Prof. H. Augustine Smith fazia conferências interessantíssimas sobre a significação de tais quadros.

Estas conferências foram muito apreciadas e tivemos ocasião de notar que várias pessoas assistiram a todas elas, sem falhar.

A outra parte da Exposição foi organizada e adaptada pelo Sr. Harvey E. Cressman, representante da Judson Press, de Filadélfia.

Constou a mesma de mostruários de 31 casas publicadoras norte-americanas, 35 casas da Inglaterra, 2 da Alemanha, 1 da Argentina, além de materiais apresentados pelos Secretários Gerais de Uniões de Escolas Dominicais dos países abaixo mencionados.

Êstes mostruários compunham-se de materiais e literatura para Escolas Dominicais, Escolas Bíblicas de Férias e Escolas Bíblicas Paroquiais, e referentes aos seus diversos departamentos, desde o Jardim da Infância até os Cursos Normais.

Havia um variadíssimo sortimento de livros sobre todos os assuntos
Assuntos Bíblicos, Educação Religiosa, etc.
religiosos, tais como Teologia, Missões, História Eclesiástica, Música,

Várias Escolas Dominicais de Igrejas da Capital fizeram-se representar, tendo sido mais notadas a da Igreja Fluminense e a da Igreja Presbiteriana do Rio.

O Conselho Evangélico de Educação Religiosa do Brasil apresentou uma enorme quantidade de fotografias de grupos de alunos de Escolas Dominicais de diversos Estados do Brasil, bem como dados estatísticos os mais interessantes e promissores para o protestantismo brasileiro, que foram muito apreciados pela gente estranha ao meio evangélico e que muito se admirou de já possuirmos um tão elevado número de escolas.

O Conselho organizou uma secção especial de trabalhos da Escola Bíblica de Férias executados no Brasil. Cartonagens, descrições, albuns, modelagem, desenhos, fotografias, estatísticas e literatura ocupavam duas mesas e uma parede.

Três trabalhos despertaram interêsse especial: uma casa em miniatura, com instalações elétricas, etc., construída na E. B. F. de Campo Belo, Minas; uma peneira de taquara, fabricada na E. B. F. de Sengés, Paraná, e um album ilustrando os trabalhos da E. B. F. de Rio Claro, S. Paulo, em que se pôs em prática um centro de interêsse: Caminhando.

O Centro Brasileiro de Publicidade apresentou uma secção com um regular recheio de literatura em português. E' para lamentar, entretanto, que não tenhamos ainda em vernáculo literatura variada, como a que existe na América do Norte ou Inglaterra, sobre assuntos religiosos.

A União Brasileira Pró Temperança também apresentou uma bem organizada secção sobre a sua especialidade e que foi vista com interêsse por quantos a visitaram.

A Sociedade Bíblica Americana, bem como a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, concorreram também com interessantes mostruários de Bíblias e Novos Testamentos em diversas línguas, assim como um Evangelho táctil para cégos, que muito despertou a atenção das pessoas que não conheciam tais obras.

O Exército de Salvação também preparou uma secção com jornais, revistas e outras obras descritivas e ilustrativas, sobre o seu trabalho no Brasil.

Fizeram-se representar na Exposição os seguintes 21 países: América do Norte, Argentina, Armênia, África do Sul, Alemanha, Brasil, China, Coréia, Dinamarca, Equador, França, Itália, Inglaterra, Japão, Lituânia, México, Portugal, Perú, Sião, Checo-Slováquia e Uruguai, que enviaram, por intermédio de seus delegados, literatura religiosa, bem como trabalhos manuais feitos por crianças de suas Escolas Dominicais e Escolas Bíblicas de Férias, trabalhos êstes muito interessantes, alguns dos quais prenderam a atenção dos visitantes, uns por sua originalidade e outros pelo seu caprichoso acabamento. Os países que mais se destinguiram na apresentação de trabalhos manuais foram os EE. UU. da América do Norte, Argentina, Coréia, Equador e Uruguai.

Viam-se pelas paredes bandeiras de todos os países representados, algumas das quais bastante ricas e caprichosamente trabalhadas.

Foi um fato lamentável, na verdade, não ter sido possível expor o material vindo do Japão, em virtude de ter-se demorado a retirada do mesmo da Alfândega, mas essa falta foi atenuada devido á gentileza do Sr. Yasumura, delegado do Japão, que fez todas as tardes projeções cinematográficas dos trabalhos, excursões, exercícios físicos, etc., executados por alunos de diversas Escolas Dominicais de seu país.

E' nossa opinião que a Exposição da 11ª Convenção Mundial de Escolas Dominicais não podia ter tido maior brilhantismo do que o obtido.

AS BELAS ARTES AO SERVIÇO DA RELIGIÃO

Foi de fato um belo estímulo o uso das belas artes na Convenção Mundial, no Rio. Em primeiro lugar, foi o culto, com as leituras alternadas em inglês e em português, com hinos cantados simultâneamente em duas línguas e, ás vezes, em vinte línguas diferentes; com as orações fervorosas levando o grande auditório até aos altos e ás sublimes visões, para aí se entrelaçarem com estrofes corais das mais sublimes, como o côro "Aleluia", do Messias, ou o "Abrí-vos, ó portas eternas" da Redenção.

Durante quatro noites o côro da Convenção, com cêrca de 400 vozes, salientou-se nos cultos cantando lindas estrofes com um fervor, sentimento e convicção desconhecidos dos povos de temperamento mais frio. O acompanhamento ao órgão, ao piano Steinway e com trombetas muito contribuiu para o bom êxito dos cânticos. Os cantores nunca falharam. E que cânticos majestosos, quando todos entoaram: — "Careço de Jesus", "Avante, Avante oh crentes", "Quão bondoso amigo é Cristo", "Santo, Santo, Santo", "Vem, tu, ó Rei dos Reis" e a "Doxologia!"

No "Templo de Arte Religiosa", esplêndida parte da Exposição, na Escola Nacional de Belas Artes, houve sempre uma sessão memorável, todas as tardes, as 16.45, com uma frequência grande e entusiasta de gente que vinha ouvir a história da arte imortal, os ensinamentos espirituais que emanam dos quadros. Ás vezes, falava-se de questões técnicas; outras, dos símbolos, com o auxílio de boa música, de vez em quando, para inspirar mais aos presentes. Numa dessas tardes duas jovens Argentinas cantaram e tocaram; noutra tarde distinta aluna do Colégio Bennett tocou Chopin de modo soberbo; e, assim, diàriamente, era feita a inspecção dos quadros, com acompanhamento musical, terminando com uma hora social, sob o patrocínio das "Damas de Fraternidade", chefiadas pela senhora do Cônsul da América do Norte. As teses escolhidas para as várias tardes foram: — "Nosso Senhor, o Emanuel"; — "O Calvário"; "Os Cânticos da Natureza"; "Os Salmos do Velho Testamento na Arte"; "A criança ao redor do Mundo".

O auditório brilhou pelo entusiasmo, pela atenção, pelas perguntas feitas inteligentemente e pelo espírito de culto ao Cristo Vivo!

No Colégio Batista, na Tijuca, ás terças-feiras e numa quinta-feira 100 jovens esperavam com ansiedade a hora do comêço dos ensaios da música e da representação alegórica da Convenção. Estas senhorinhas assistiram á reunião de quarta-feira á noite, cantando músicas do Natal, acompanhadas com lâmpadas elétricas, e representando quadros como Cristo e a criança, Cristo e o mundo da natureza, os pássaros e as tempestades.

Com bela aparência, estas moças estavam vestidas de blusas brancas e saias azues, e todas cantaram em português escorreito, ora com vozes á surdina e ora com vozes altas, até o suave pianíssimo, e ao fortíssimo. Na sexta-feira, que foi a noite da Representação Alegórica, e na terça-feira seguinte, estas jovens marcharam com palmas, ao som da música do "Hosanas, Hosanas, Hosanas!"

A Representação Alegórica — "O Cristo dos Séculos" — foi levada uma vez para os Delegados e uma vez para o público em geral. O total dos participantes no côro e na representação alegórica chegou ao elevado número de 800 avangélicos, entre crianças, jovens e adultos.

Os delegados nunca jamais esquecerão a eloquência e a vibração dos moços brasileiros que serviram de porta-vozes ou que tomaram parte como vigias, os profetas Jeremias, Joel, Amós, Ageu, Oséas, Malaquias, Isaías e, dos mais modernos, Paulo, Agostinho, Estêvão de Cloyes, com seus cavalheiros da Grande Cruzada (setenta meninos e meninas). Seguiram-se a êstes, sucessivamente, Wycliffe, Lutero, Wesley, Raikes e Livingstone. Que mensagens vivas cada um trazia, não de um passado morto, mas de um como que presente mensageiro vivo! Nunca foram declamadas linhas melhores, nem jamais se ouviu tão formosa mensagem daqueles que, ainda mortos — falam...

Jamais poderá esquecer o auditório os quadros da "Mãe Bem-aventurada" e dos trombeteiros do primeiro ato, simbolizando Isaías a pronunciar a sua profecia de esperança: "Para nós nasceu um menino e um Filho nos foi dado a nós..."

Os brasileiros presentes gostaram especialmente dos quadros mostrando a chegada dos Huguenotes ao Brasil e a evangelização dos Índios. A música, os costumes, a ação, os velozes mansageiros da paz, os cânticos dos que se ocultavam nos bastidores, tudo contribuiu para avivar estas lindas cenas apresentadas.

Um dos efeitos mais belos de toda a representação alegórica foram os quadros luminosos representando o ministério cheio de ensino e de curas de Cristo, seguidos logo de quadros simbólicos do Domingo de Ramos. Os porta-vozes descreviam a Entrada Triunfal, enquanto as projeções luminosas mostravam vários quadros artísticos, com cenas dêste incidente, ao mesmo tempo que chegavam ao palco 100 senhorinhas agitando folhas de palmeiras, vestidas á moda hebréia, e que marchavam silenciosamente no palco á vista dos quadros que, pouco a pouco, iam-se apagando com o aumento, depois, de luzes no cenário; vozes entoaram hinos de louvor, encheram o palco e todos em unísono cantavam: Hosanas! Hosanas! Hosanas!

Enquanto se projetavam três cruzes luminosas sobre o cenário, afinadas vozes de cantores, invisíveis, entoavam hinos apropriados e, em seguida, surgiu o quadro iluminado de tochas e ao cântico do hino "Ressurgiu!" — era aumentada a intensidade da luz no palco, como que testemunhando a vitória de Jesus sobre as trevas e a morte — "Eu sou a Ressurreição e a Vida!"

Quinze minutos foram ocupados na representação da cena comemorativa do nascimento de Jesus, e foi um quadro dos mais impressionantes, enquanto quarenta moças trouxeram ao altar da comemoração as verdes grinaldas simbólicas do amor de Deus e da imortalidade, como tributo aos profetas e missionários de todos os tempos e de todas as terras. Longas filas dessas jovens marcharam do auditório para o palco e ergueram as grinaldas saüdando aos imortais e, ao mesmo tempo, atrás de um véu de fina gaze, em meia luz, apareciam os quinze personagens anteriores, a começar com o profeta Jeremias e terminando com Livingstone, alguns em atitude de oração, outros na de êstase profético e ainda outros em atitude de reformadores e de evangelizadores.

Na cena final foi figurado o berço do Senhor, o Emanuel, ladeado de sua mãe e de oito anjos, com vestes brancas; então os Pastores, os Reis e demais companheiros cantaram em voz de surdina, o hino "Noite de paz". Proclamado por forte voz profética o "Novo céu e a nova terra", logo se seguiram os rapazes e moças da Grande Cruzada, os coristas, com os ramos de palmas, os Huguenotes e os Índios e, como grande final, vieram as moças, com as tochas e as quarenta grinaldas; os 250 homens, mulheres e crianças, convergindo todos para o centro do palco, ao som cintilante das trombetas e do cântico — "Coroai!" Ainda não é o "final", por que falta ainda o volume das vozes do côro da Convenção, constituído de pessoas assentadas em filas de cadeiras á frente do palco, e que enchiam o grande recinto com "Aleluia, Aleluia, o Senhor Deus onipotente reina!" Em união são erguidas as tochas, as palmas, as grinaldas, os cajados, e os anjos saúdam em gestos exaltados o Rei dos Reis e Senhor dos Senhores. Ouve-se em silêncio emocionante, então, a Bênção Apostólica. Baixam o pano e está terminada a representação alegórica.

Estamos certos de que o uso inteligente do drama e da representação alegórica ao serviço da religião, ha de progredir na América do Sul. Nada pode obstar a que a arte procure evangelizar e glorificar a vida e ensinos de Nosso Senhor Jesus. Neste Natal havemos de ver muito mais vezes a celebração do Natal em forma dramática.

Uma outra arte que também ha de ser utilizada cada vez mais é a da boa música coral, e especialmente como a do cõro da Convenção. Existe o plano de continuar-se esta com o "Côro Evangélico", para estimular coros menores, abrindo também caminho ao uso de antífonas e a direção do culto mediante organização orfeônica.

No mundo evangélico hão de ser usados mais e mais quadros de arte para fins de civismo e devoção. O "Templo de Arte Religiosa" fez uma impressão profunda no Brasil e nos países contíguos.

O Professor Smith promete voltar ao Rio dentro de três ou quatro anos, caso estas belas artes mencionadas continúem aquí a florescer. Assim, o Evangelho de Cristo será melhor ensinado e prègado, mediante êsses processos eloquentes e agradáveis.

O FUTURO DA MÚSICA PROTESTANTE NA AMÉRICA DO SUL

(Pelo Prof. H. Augustine Smith)

Uma verdadeira renascença se está processando na música religiosa, entre os Protestantes da América do Sul. Pode-se dizer que isto começou antes da Convenção, seguindo-se pelos sete dias emocionantes que foi a duração da Assembléia. Já haviam sido reunidos pelo Prof. Artur Lakschevitz, algumas semanas antes da chegada dos mensageiros do exterior, algumas centenas dos melhores coristas das Igrejas do Rio. Nisto se formou logo uma solidariedade musical, social e espiritual, já agora destinada a influenciar poderosamente nos cultos e coros das Igrejas locais.

Aumentado de número até atingir 400 vozes, o Côro Convencional excedeu a todas as espectativas, tendo cantado, com fervor maravilhoso e com segurança de tonalidade e ritmo, o Côro "Aleluia", do Messias; "Formosos são os pés dos Mensageiros"; "Erguei-vos, ó Portas Sempiternas"; Extraído da "Redenção", um arranjo coral de Handel; uma harmonia vocalizada, sem acompanhamento instrumental, do "Hino das Cruzadas" intitulado o "Salvador Formoso", e outros números. Estas antífonas foram parte de um culto sublime, que elevou aos cantores e ouvintes ao trono de Deus.

Cremos que é no pulsar vivo e nos acordes que ecoam para sempre dêstes temas e músicas imortais que reside a esperança dos coros de todas as Igrejas Protestantes. Oxalá a boa obra progrida; progridirá, sem dúvida. O que importa é buscar regentès que tragam aos ensaios semanais, regular e infalìvelmente, a assistência e o interêsse dos melhores cantores, pois os ensaios e os trabalhos dominicais alcançam resultados reais e satisfatórios. As melhores antífonas devem ser traduzidas para o português, que um côro, mesmo modesto, possa e deva aprender a cantar com perfeição, por exemplo, uma ou duas antífonas da escola russa, outras da escola inglesa, algumas americanas, bons corais de Bach e, ocasionalmente, um côro oratório.

Os programas especiais de música sacra auxiliarão muito a conservar o interêsse de todos e facilitarão a compreensão do fato que uma antífona deve ser sempre um ato de culto, de louvor e de prece a Deus, proferido tanto pelos cantores próprios, como pela congregação. Cada palavra deve ser santificada e cada nota espiritualizada. Reunidos com intervalos no correr do ano, os coros organizados em massa ajudarão a manter o interêsse local e nacional no desenvolvimento da música

sacra. Melhor estratégia não poderá haver do que fazer cantar um grande côro, por ocasião do primeiro aniversário da Convenção de 1932, isto é, Julho de 1933, dias 25 a 31. Uma boa música é sempre repetível. Isto deverá estimular aos coros a aprender melhor música e a cantá-la repetidas vezes. Qualquer, côro, ainda mesmo inexperiente, pode aprender o "Formosos são os pés dos Mensageiros", de Gounod; "Jesus, a Palavra de Deus Encarnada", de Mozart; um coral de Bach, os tradicionais cantos do Natal.

Havendo direção adequada, deve-se procurar a organização de coros juvenis, de meninas primeiro e, após, os de meninos, que devem reunir-se regularmente, todas as semanas, em hora conveniente, para cantar e não desperdiçar o tempo, e aprendendo a cantar em tons melodiosos, a decorar a letra e frases, e a observar o climax musical, mas tendo em tudo o cuidado de transmitir uma mensagem espiritual. De começo devem-se usar alguns hinos clássicos, novos, dêles cantando sòmente as melodias. Acrescente-se depois a parte do contralto, á medida que certas vozes manifestem vigor e independência para cantar as novas partes.

O instrumento que for usado deve ser também motivo de cuidados. Cada Igreja deve ter um organista ou pianista capaz de fazer ressaltar em oitavas as partes fracas, ao em vez de tocar notas simples, conservando o ritmo, intensificando por vezes tonalidades mais fortes e sustentando outras mais leves e melodiosas. Ha no Rio e certamente em outras partes do Brasil alguns jovens pianistas que estão desenvolvendo bem estas qualidades, ao lado de outras, e que os farão tomar um lugar de grande valor para o sucesso das atividades corais. Conveniente também será que a Escola Dominical se transforme em côro. mensalmente, tomando a orientação dos hinos no programa dos cultos públicos, e contribuindo assim com sua parte para êste programa, não para exibir-se, mas antes como ato de adoração.

OS HINOS CONGREGACIONAIS

O hinário deve ser companheiro inseparável da Bíblia. Nem sempre tem sido assim no mundo Protestante, particularmente nos Estados Unidos, onde os hinos, não raramente, têm sido usados antes como material *extra*, para enchimento de programas, do que elemento cultural. Por vezes só se canta uma estrofe, omitindo-se assim pensamentos profundos, a unidade e o climax do cântico. Um hino é um ato de oração e louvor, uma unidade de pensamento, um transbordar de sentimento, e todas as estrofes devem ser cantadas, a não ser que motivo de fôrça maior justifique a omissão de algumas. Oxalá que esta prática perniciosa de omitir á vontade e de usar os cânticos como matéria só de enchimento nunca chegue á América do Sul. Um hino é ato solene de culto, e como tal deve ser cantado. Limitadíssimas são as oportunidades da congregação para exprimir por meio dos hinos suas aspirações e

rogativas, e os poucos que se cantam devem sê-lo completos, acompanhados dos pensamentos, das palavras e do sentimento que expressam. Lutero compôs hinos para que, por êles, Deus falasse diretamente ao seu povo.

Os hinos são repositários de história, de biografias da Bíblia, de romance e de culto. O tempo e a energia que se têm dispensado no aprender a música têm também obscurecido muito do apêlo e do valor do próprio texto. Poucos pensam nas palavras de sentimento e de aspirações elevadas que encerram as poéticas frases, p. ex., do — "Avante, avante, ó crentes", que nos dá uma vívida figura de Paulo, como o portador da Luz ás Igrejas da Ásia Menor. O hino — "Mais perto quero estar meu Deus de Ti", revela-nos Jacó em sonhos, recebendo a visão do alto. Mas nenhum hino se restringe á história e á narrativa. Neles encontramos sempre a revelação da alma humana em seus anseios de comunhão com Deus. Em regra geral, o hino desvia-se para a história, volta á realidade, passa da narrativa á vida. "Quão bondoso amigo é Cristo", representa o clamor de uma alma que vê a se aproximar a amargura; mas, é também o entoar de muitos espíritos fortes em toda parte.

Para exaltar o canto congregacional é necessário que dêm nas igrejas tempo aos hinos, concentração de suas palavras, um comentário sobre o sentimento do hino, tornando-o melhor interpretado. Tudo isto requer preparo e estudo. Mas, poucas são as ocasiões que a congregação tem para, unísona, orar e louvar a Deus. O hino é a mais rica e direta aproximação do homem com a Divindade.

As palavras dos hinos têm sido sacrificadas a bem da música; os detalhes e motivos têm sido mudados pelos estribilhos, a nobreza do Salmista pelo prazer de mera melodia. Notei com imensa satisfação a sinceridade com que os brasileiros cantam os hinos, e, em todas as suas estrofes, com tal ritmo, que garantem o sentimento. Ha sinceridade nos seus cânticos. Resta a êsses irmãos só aumentar o número de hinos bons já existentes com alguns novos e de grande celebridade, alguns dos quais têm sido o sangue vitalizador do credo e do culto Protestante através dos tempos.

Já existem bons hinos em português, por exemplo, os seguintes, entre outros muitos, que são de real valor musical e espiritual:

(Escolha feita pelo redator)

† * Avante! Avante! oh crentes! SH. 149; Al. 258.
† * Oh viva fé que nossos pais. Al. 257.
Oh Rei! Sublime em magestade e glória. SH. 195; Al. 19.
A ti, oh Deus, fiel e bom Senhor. Al. 7.
* Vai fugindo o dia. SH. 354; Al. 262.
Vêm, nutrir-me, Pão da vida. Al. 327.
Oh Divino Precetor. Al. 97; CC. 117.

* Comigo habita, oh Deus, a noite vem. SH. 222; Al. 297; CC. 291.
  Luz do mundo. SH. 111; Al. 317.
* Saüdai ao nome de Jesus. SH. 536; Al. 62; CC. 60.
* Da Igreja o alicerce. SH. 563; Al. 334.
* Na Escuridão, ó clara luz divina. Al. 241; CC. 355.
* Oh Deus, com infinito amor. SH. 14; Al. 310.
* Povo de Deus cumpri. Al. 311.
* Teu livro, oh Salvador (Enquanto, oh Salvador) SH. 541; Al. [106; CC. 137.
* Vêm Tu, oh Rei dos Reis. SH. 509; Al. 5.

† * Santo, Santo, Santo, SH. 221; Al. 4; CC. 9.

NOTA: As iniciais e números referem-se aos hinários, *Salmos e Hinos, Aleluias* e *Cantor Cristão.*

* -hinos que se encontram no "Hinário da Convenção Mundial".

† -únicos que já se encontram nos hinários em português, dos 12 hinos sugeridos pelo Prof. Smith. Os outros nove, em inglês, seguem:

Lead on, O King eternal
(Guia-me, ó Rei eterno)

O God, our help in ages past
(O' Deus, auxílio eras Tu)

In Christ there is no East or West
(Em Cristo não ha raça nem côr)

I would be true
(Quero ser fiel)

Jesus calls us
(Jesus nos chama)

Just as I am, thine own to be
(Tal qual estou, p'ra ser de Ti)

O Jesus, thou art standing
(Na porta Jesus parado)

There's a wideness in God's mercy
(Ha grandeza na bondade divina)

This is my Father's world
(Êste mundo é do meu Pai)

Para as crianças, herança melhor não haveria do que ensinar-lhes lindos hinos como, p. ex., êstes:

* Humilde presépio, a Cristo acolheu.
* São de Jesus as histórias
Eis-nos, ó Pastor divino
Eis o Estandarte
* Todas as belezas que na terra e céus.
* Tu que encheste a terra e os céus.
* Cristo, amigo das crianças.
* De terras mil teus filhos são.

* Êstes hinos se encontram no "Hinos Juvenis" usado na secção elementar da Convenção Mundial, e o prof. Smith indicou mais dois que não se encontram em nossos hinários:

I think when I read that sweet story
(Eu penso quando leio a história de amor)

Galilee, bright Galilee
(Galiléia resplandecente).

Si os hinos forem cantados sempre com vivacidade, vão ficar por muito tempo: si, porém, forem vocalizados de uma maneira mecânica, morrerão da noite para o dia. Nestas condições cousa alguma pode garantir-lhes a existência. Por exemplo, o "Avante, Avante, ó, crentes". deverá ser cantado ràpidamente, com muito entusiasmo.

Por outro lado, o hino — "O' viva fé que nossos pais", cantar-se-á mui lentamente, devido á estrutura da melodia e á significação das palavras. O hino "O' Deus, auxílio és", deve-se cantar vagarosamente, como em um templo imponente, acompanhado pelo órgão e por um côro poderoso. O hino — "Eu penso, quando leio a história de amor" canta-se rápido e melodioso, em estilo narrativo. Não se devem cantar todos os hinos da mesma maneira. Algumas vezes canta-se melodiosamente; outras, com mais volume; ainda outras, sem acompanhamento instrumental; umas vezes deixa-se que só o instrumento sôe; por outras, a leitura unísona de estrofes essenciais; ás vezes, canta-se como solo. Enfim, tudo que varie e que condiga com a razão, com a beleza de forma e sublimidade de pensamento, espiritualizará os cantos.
O histórico dos hinos deve-se fazer conhecido. O "Lyric Religion", da autoria de quem escreve estas linhas, que contém vinte e cinco mil palavras, ocupando-se de centenas de hinos, pode prestar auxílio neste ponto. Está repleto de interpretações, fundamentação bíblica, esclarecimentos sobre estrofes, sugestões para uso cultural e como serem os hinos dramatizados e figurados em ocasiões próprias. Encontram-se também outros livros do gênero, bons e úteis.

Cousa alguma pode ser de maior auxílio, numa Escola Dominical e nas reuniões da Mocidade, do que o estudo especializado de programas que tenham por temas assuntos como: — "O Cântico na Escuridão", ou "A Tragédia da Alma Humana nos Hinos"; "Cristo, no Ministério de Curar", "Hinos de todas as nações — China, Japão, Austrália, Índia. Brasil, Estados Unidos, Itália, Áustria"; "Hinos compostos e escritos por moços, por uma menina de 16 anos, por um rapaz da mesma idade, por um rapaz de 10, por um colegial que escreveu hinos aos 19, por outro que o fez aos 21 anos; "Os primeiros prègadores e missionários e seus hinos prediletos".

Como se ha de revivificar o canto congregacional?

1. Pela escolha cuidadosa dos melhores hinos;
2. Interpretando todos os hinos;
3. Por acompanhamento primoroso, sem excessos;
4. Pela apresentação da história e interpretação do hino;
5. Conquistando o apôio do côro, solistas e organistas;
6. Usando o tempo necessário para cantar e anunciar os hinos, sem omitir estrofes nem introduzir-lhes matéria extra, ou tê-los como itens de pouco valor no programa do culto;
7. Repetindo os grandes hinos, até que fiquem bem decorados;
8. Escolhendo com cuidado os hinos que se adaptem ao assunto, á ocasião, ao dia e ás necessidades do culto;
9. Com festivais de cânticos e cultos musicais;
10. Com a leitura unísona de hinos, como se faz com a leitura escriturística, ou como oração unísona;
11. Fazendo do hino leitura de referência, lendo o auditório uma estrofe e lendo o que preside, a seguir, a passagem bíblica sobre a qual se baseie;
12. Com apresentações objetivas e dramatizações.

A América do Sul já começou brilhantemente, admiràvelmente bem, fazendo uso dos melhores hinos, cantando com ardor e sinceridade, sem excesso na presteza com que canta. Com músicos consagrados e certos das possibilidades dos hinos, ha de progredir a boa obra. Assim seja, é o meu desejo.

O ESPÍRITO DA CONVENÇÃO

Alguma cousa mais do que um sentimento de gratidão e de orgulho houve na Convenção do Rio de Janeiro, e isto dar-lhe-á um inolvidável lugar no histórico das Convenções de Escolas Dominicais.

O Espírito da Convenção do Rio foi de nobre e serena coragem, porque além da desordem geral do mundo sobreveiu a grave perturbação da política do Brasil, de caráter tão sério que impediu mais de trezentos delegados do interior da República de tomar parte nas sessões.

Não houve, entretanto, desalento, nem suspeita de derrota, nem abatimento de ânimo, nem mesmo leve inquietação digna de nota. Ao

contrário, as atrozes dificuldades encontraram grande disposição e entusiasmo e assim o espírito de triunfo vibrou em todo o programa.

O tema da Convenção — O CRISTO VIVO — foi um contínuo desafio a uma vida mais abundante. Foi a chave de ouro de cada petição e o misterioso poder que deu acento vitorioso a todos os discursos. Raramente, ou nunca, um empolgante tema dominou tanto os delegados.

E' possível que o senso das dificuldades percebidas pelos líderes os preparasse para maior confiança no auxílio divino. Homens e mulheres não acharam embaraços em dizer uns aos outros: "Estou orando diàriamente pelo sucesso desta Convenção". Ha sempre um nobre contágio de entusiasmo que serve de antídoto ás depressões efêmeras.

Foi como que descoberto um novo ardor espiritual. O CRISTO VIVO fez faces radiantes e vozes jubilosas. Houve desejos manifestos de uma verdadeira camaradagem. Um dos paradoxos de nossos dias é que, num mundo jactancioso, tanta gente sofra a tibieza da desolação espiritual. Alguns já perderam a bela arte de partilhar das cousas espirituais. O meu modo de ver é que a Convenção auxilia homens e mulheres a conseguirem graciosas experiências de fraternidade.

Era típica a conversação que se travava durante a semana convencional: — "Está satisfeito com o movimento da Convenção?" — "Sim, estou e dou graças pelo privilégio de tomar parte neste sublime movimento".

— "Pensa que vale a pena vir de tão longe, arrostando tão grande despesa?"

— "Perfeitamente, não tenho dúvida de que são bem empregados tempo e dinheiro para assistir reuniões como esta".

— "Está disposto a acompanhar todo o programa?" — "Não posso afirmar que acompanharei todo o programa, em todos os detalhes, mas envidarei esforços para aproveitar o melhor da Convenção. Estou já arrolado no grupo do Dr. Mackay e assisto a exposição esplêndida, cada tarde, e ás preleções sobre Arte Cristã, feitas pelo Professor Augustine Smith. Procuro não perder as principais sessões. Já é a quarta vez que tomo parte em Convenções e esta vai além de minha espectativa. O espírito desta Convenção é sobejamente maravilhoso. Seu tema — O CRISTO VIVO — empolga-me e estou satisfeito por ter vindo".

Um dos grandes serviços prestados pela Convenção foi confirmar a suficiência do programa cristão para todas as necessidades do mundo. Observando os hábitos e ouvindo as mensagens dos jovens líderes nacionais de toda a parte sente-se um real encorajamento. Atualmente, quando a atenção de todos se volta para a educação da criança e da juventude, o trabalho que está sendo feito pelos vários concílios de Educação Cristã, em todo o mundo, deve merecer nossa atenção e aprovação.

Os relatórios mostram que os resultados da obra evangélica na América Latina, no último quadriênio, foram maiores do que em quai-

quer outro campo. Estamos confiantes em que o espírito de coragem, tão claramente exibido nesta convenção, vai permanecer e provar melhor colheita para o trabalho nos dias vindouros. A Convenção provou, sem dúvida, que temos no Cristo Vivo a Personalidade útil e competente para santificar a cultura racial tão bem como dons individuais para o estabelecimento do Reino de Deus na terra.

UM SEXTETO INTERNACIONAL

Na "Sinfonia do Novo Mundo", de Dvorak, o seu grandioso motivo foi elevado e elaborado pela perícia do compositor em utilizar a combinação conjunta de seis instrumentos, que entre si produziam efeitos vários. Na mais recente "Sinfonia do Novo Mundo", executada no Rio de Janeiro, na qual se combinavam trinta e três notas nacionais, um sexteto representativo dos seis continentes do mundo prestou valioso serviço.

As mensagens de boas-vindas á Convenção foram proferidas por três ilustres cidadãos brasileiros. Na verdade, o Brasil estava de certa maneira representando as dez repúblicas da América do Sul. Os discursos proferidos estavam cheios de entusiasmo e de boas-vindas. Suas frases vibravam a nota de uma ampla hospitalidade.

Foi em resposta a estas mensagens sinceras, que o sexteto se fez ouvir. Estava composto pelo Sr. R. Charles Anderson, representante do continente da África; o Rev. Sabrow Yasumura, representante do continente da Ásia; o Rev. C. J. R. Price, representante do continente da Austrália; o Rev. Eduardo Moreira, representante do continente da Europa; o Dr. W. C. Pearce, representante do continente da América do Norte, e o Bispo Juan E. Gattinoni, representante da América do Sul. Representavam as várias culturas étnicas, pertenciam a diferentes origens raciais e falavam diferentes línguas; juntamente, porém, contribuíam á realização de um grande movimento sinfônico, fazendo com que o "Cristo Vivo" se tornasse o supremo fator da vida.

Ao contemplarmos os seus rostos e ouvindo suas palavras tornava-se cada vez mais crescente a convicção de que os assuntos sobre os quais êles concordavam eram superiores aos em que não existia um acôrdo evidente. Por entre rostos de diversos matizes e contôrno brilhava a mesma luz; a voz, proferida por lábios adaptados a sons de diferentes nacionalidades, produzia a mesma pronúncia autêntica; emanando de diversos tipos de personalidade, notavam-se as mesmas inabaláveis convicções de que a educação cristã guiada e santificada pelo "Cristo Vivo" era a esperança do futuro.

O Dr. Charles Anderson, ilustre veterano de trabalhos nas Escolas Dominicais, trouxe as saüdações da África do Sul. Disse que absoluta-

mente não desanima. Francamente admitiu que, a-pesar-das dificuldades e dos desapontamentos, existiam fontes de poder e recursos ainda não explorados que estavam á espera da mão audaciosa da fé. Confirmou o firme progresso da Associação Nacional de Escolas Dominicais da África do Sul. Foram apresentados dados de crescimento das fileiras das Escolas Dominicais. Reuniões ao ar livre obtiveram bom resultado em toda a União. A questão de literatura indígena recebeu uma especial atenção e a sua circulação havia aumentado consideràvelmente. A Escola Bíblica de Férias estava indo avante e pedidos para as Escolas de Preparação de Professores estavam sendo rigorosamente providos. Notas de esperança vibravam em todas as frases de sua mensagem.

O Rev. Sabrow Yasumura, criado no seio do Continente-Mãe, representou a Ásia. Como secretário do Concílio de Educação Cristã no Japão, falou com a inata cortezia de um Oriental e com a atração de uma vigorosa mocidade. Pelo espaço de 5 minutos encantou o auditório, demonstrando as visões gloriosas que estavam se passando na sua alma. Num mundo cercado de crepúsculos, lançava o arco-iris da esperança e da boa espectativa. Deixou-nos convencidos de que o Japão está indo avante no seu trabalho de Escolas Dominicais.

Uma mensagem vibrante foi entregue á Convenção pelo Rev. C. J. R. Price, representante do menor dos continentes, a Austrália. Falou sobre o grande interêsse da Austrália para com a Educação Religiosa e pediu aos líderes do continente que o trabalho em conquistar crianças e moços para Jesus Cristo fosse ainda muito maior. Terminou sua valiosa mensagem com as seguintes palavras: "A mocidade da Austrália deseja juntamente com todos vós cooperar para que Cristo seja o centro da vida, tanto econômica, social e política, como em todos os negócios Nacionais e Internacionais. Vamos todos para diante, fazendo com que o "Cristo Vivo seja o motivo central da vida e que se torne dêste modo o guia de um período mais sublime que o mundo até hoje não tem visto".

A mensagem da Europa foi elegantemente feita pelo Rev. Eduardo Moreira, de Lisboa, representante da União das Escolas Dominicais Portuguesas. Falando na língua-mãe do Brasil, ràpidamente despertou a simpatia do auditório. A sua mensagem afetuosa tocou profundamente os interêsses em geral. Mostrou claramente que a luz está penetrando nos lugares mais obscuros: "Aqueles que se assentavam nas trevas viram uma grande luz". O apêlo da criança é grande em Portugal, assim como nos países latinos. Palavras de ânimo foram proferidas a favor da Espanha, onde um novo dia está surgindo. A Europa desolada e esgotada pela guerra está começando a ver que um novo regime só poderá vir quando novos horizontes e atitudes forem creados. O programa moderno da Educação Cristã é a melhor agência para efetuar esta mudança. O representante da Europa frisou, assim como os oradores precedentes, a sua convicção de que o "Cristo Vivo" é o único que pode transformar inimigos e rivais em amigos e camaradas.

O Dr. W. C. Pearce, o dêcano da Convenção e delegado que assistiu a nove das onze Convenções Mundiais já realizadas, falou pela América do Norte. Foi uma mensagem salutar, cheia de reminiscências agradáveis e atraentes.

A nota predominante de sua fala foi — "repartir, colaborar". Insistiu em afirmar que não tinhamos a tenção de impor métodos ou planos sobre a América do Sul, mas, pelo contrário, procuramos pôr em prática tudo o que temos ouvido. Novamente êle deu ênfase á grande verdade de que a nossa inabalável lealdade para com o Eterno Cristo constitue o elo firme de fraternidade. Pelo nosso primeiro nascimento eramos cidadãos de diferentes nações; pelo nosso segundo nascimento, somos cidadãos do Reino de Deus e de uma única irmandade. A mensagem da América do Norte foi entusiàsticamente recebida.

O grande continente da América do Sul, o continente de grandes oportunidades, foi representado pelo Bispo Juan E. Gattinoni, de Buenos Aires, Argentina. A sua mensagem foi cheia de fervor e sentimentalismo. Êle falou em nome de um vasto continente, rico em possibilidades espirituais ainda não desenvolvidas, e ansioso, que está querendo contribuir enormemente para o engrandecimento do Reino de Deus. Sòmente o "Cristo Vivo" poderá emancipar a América do Sul das cadeias da ignorância e da superstição e prepará-la para assentar-se entre as nações progressistas do mundo. Uma mensagem vibrante, reforçada por sadio ardor evangelístico.

A resposta memorável a êste "sexteto" extraordinário continuará, por longo tempo, a fazer da mais recente "sinfonia do Novo Mundo" uma inspiração duradoura!

SEGUNDA PARTE

TEMAS E TÓPICOS GERAIS

O CRISTO VIVO

(PELO DR. WILLIAM CHARLES POOLE, D.D., Buenos Aires, Argentina)

Em qualquer ocasião e em qualquer tempo, nosso tema, "O Cristo Vivo", seria sumamente interessante; porém nesta época da história, quando o sentir do mundo parece estar adormecido, o tema é de duplicada importância.

Faz quatro anos que nos reunimos para celebrar nossa 10ª Convenção Mundial na formosa cidade de Los Angeles, na Califórnia, e o Novo Mundo se encontrava então no cume da prosperidade e cheio de esperanças. As dificuldades econômicas e financeiras que tinham açoitado o Velho Mundo, apenas tinham tido efeito sobre o Novo. Desde então, parece, até o dia de hoje, temos visto grandes mudanças, pois a tempestade econômica e industrial nos abateu de uma forma implacável, de tal maneira que todo o mundo se encontra afetado. Podemos dizer que nenhuma nação escapou aos seus estragos e em toda a parte vemos as ruínas ocasionadas por estas desastrosas fôrças. A situação financeira do mundo é grave, porém muito mais grave ainda é o esgotamento do espírito humano, sobre o qual pesa a conciência do desastre e da inutilidade de tratar de dar vida á massa morta da nossa complexa civilização.

Certa falta de compreensão campeia em nossa vida. As massas estão inquietas, porque vêem a falta de competência dos seus líderes para fazerem algo, real e duradouro. Além da incompetência, vemos a falta de sinceridade. Os resultados das conferências do Desarmamento, Dívidas, Reparações, e das Econômicas, deixam muito a desejar e a leitura dêles é muito melancólica. Os processos dessas conferências são dominados pelas idéias pagãs de nacionalismo e pelo *"státu quo"* da nossa indústria. A falta de sinceridade nestes processos e na situação atual pode-se ver no fato de que algumas nações prometeram tomar parte nestas grandes conferências, com a condição de que não se discutam certos assuntos. Porém o mais trágico é que os assuntos que foram eliminados nestas conferências são, na realidade, os que importam e todo mundo treme de desespêro e marcha nas trevas, porque seus líderes não têm visão ética, e, ainda mais, porque lhes falta a humildade de espírito que vem de cima

Si o Cristo Vivo aparecesse hoje no mundo começaria sua obra da mesma forma por que o fez quando veio ha vinte séculos. Suas primeiras palavras seriam: "Arrependei-vos, mudai a vossa mente, mudai a vossa perspectiva, tomai novo rumo, eliminai vossos prejuízos, preconceitos e animosidades, buscai a base real da vida e fazei que o Reino de Deus venha a êste mundo". O Espírito Santo que representa Cristo é o que nos fala dessa forma.

Parece que o mundo tem demonstrado pouco arrependimento genuíno desde que terminou a última guerra, porque vemos muito pouca contrição e confissão de ter obrado mal. Nossa atitude para com o nosso semelhante não tem sido justa, porque nossa atitude para com Deus não foi retificada.

O CRISTO VIVO E O UNIVERSO

Cada vez mais reconhecemos que o Universo em que vivemos está cheio de vida e em nossos melhores e mais elevados momentos sabemos que o conceito de um Deus vivo é a maior cousa que podemos compreender. O Deus vivo sugere ás nossas mentes a existência de um Cristo Vivo e o Cristo Vivo, por sua vez, nos dá o Livro Vivo e a Experiência Viva, e tudo isso leva nossa mente a repousar no grande pensamento da imortalidade — a Vida Eterna.

O conceito atual do Universo como algo dinâmico, não mais estático, nos ajuda em nossos esforços para nos apossarmos da verdade da vida. Cremos que no Cristianismo encontramos os valores reais do Universo, os quais não foram expressos por meio de regras, leis, credos ou mandamentos, mas por meio de uma vida.

Em seu maravilhoso livro "O Cristo Vivo e os Quatro Evangelhos", o Dr. R. W. Dale nos apresenta três princípios de interpretação, aplicáveis em nossos dias. O primeiro é que a apresentação de Cristo nos Evangelhos é autêntica. Qualquer que seja a forma por que temos obtido o relato desta vida, encontramos alí um poder ético e moral capaz de chamar a atenção, á mente e á conciência humanas. A segunda declaração do Dr. Dale é que quando um homem se rende ao Mestre dos Evangelhos, algo notável sucede em sua vida, pois o Cristo da história passa a ser o Cristo da sua experiência. Cristo deixa de ser o Cristo de um livro e passa a ser o Cristo de nossas vidas. O terceiro princípio apresentado pelo Dr. Dale é a forma pela qual os conhecimentos e experiências obtidos pelos homens têm a sua confirmação social, e de um modo muito convincente, apresenta o testemunho de uma multidão de sêres humanos que encontraram a solução de seus problemas pessoais, e cujas vidas foram transformadas por meio do contacto da personalidade de Jesus Cristo. O Dr. Schweitzer na África Central, Kagowa, no Japão, Jackson, em Mukden, e o Dr. Granfell, no Labrador, são ilustrações modernas desta grande verdade.

O CRISTO VIVO E A VIDA ABUNDANTE

Cristo é o grande e generoso amigo do homem e, portanto, lhe proporciona uma *Vida abundante* em todo o sentido, e quando Êle é apresentado como inimigo de nossa independência, privilégios e prazeres, comete-se um grave erro. Êle nunca destruiu uma flor, nunca manchou um quadro, nem apagou uma luz. Nossa perfeição pessoal foi e é a vontade de Deus. Nosso desenvolvimento e a satisfação do uso das nossas faculdades são a vontade de Deus, segundo declarou Jesus Cristo.

Cristo não destroi a arte, eliminando dela o indecente; nem os nossos divertimentos, para evitar a embriaguez e o jogo; nem o romantismo, purgando-o da mancha da carne; nem os negócios, proïbindo o tráfico que destroi os corpos e as almas dos homens; nem a ciência, exigindo-lhe reverência; nem a moda, obrigando-a á modéstia e á moderação; nem também o amor, pondo de lado a luxúria. Êle se encontra no mundo para que por meio dêle tenhamos vida abundante. A vida abundante que pode ser nossa por meio do contacto com o Cristo Vivo, é uma vida disciplinada, responsável e cooperativa. Êle nos dá vida, mais vida, vida até o infinito. Vida abundante, cheia de vitalidade e com recursos adequados. A promessa que nos deu depois da sua ressurreição poderosa é de dar-nos uma vida gloriosa, que será eterna.

O CRISTO VIVO — A LUZ DO MUNDO

Os homens dizem: a Luz do Mundo é uma luz que falhou. Entretanto isto não é certo, pois a lição trágica que aprendemos durante êstes anos terríveis é que a civilização não é sinônimo de Cristianismo. Alguns tomaram como fato esta identidade, porém êste monstro está sendo agora destruído. Não. O Cristianismo não falhou. O que falhou, está falhando e terá que falhar é a civilização eficiente, culta e cruel, mas sem Cristo. Ha muitas pessoas que abandonaram os altares do verdadeiro Deus Vivo, que negaram a existência do Cristo Vivo, e que se ajoelharam ante os altares do Secularismo, do Humanismo e do Naturalismo. O Secularismo, que não encontra uma pessoa em nossos altares, e que destruïria nossa fé mais profunda e nossas esperanças mais elevadas, si estivesse ao seu alcance. O Humanismo, que, adulando a vaidade do homem, com tanta frequência elimina da sua vida a realidade de Deus. O Naturalismo, que tira ao homem sua primogenitura de liberdade e o transforma em mera máquina. Em meio desta confusão, Cristo vem a nós e exclama: "Eu Sou a Luz do Mundo".

O CRISTO VIVO — O PRÍNCIPE DA PAZ

Sòmente a grande vitalidade do Cristo Vivo pode livrar-nos das dificuldades atualmente relacionadas com as dificuldades internacionais. Ha quatorze anos terminou a guerra mundial que reuniu milhões de jovens em todo o mundo, prometendo-lhes que esta seria uma guerra para acabar com a guerra. Houve mais de 10 milhões de mortos; ainda hoje os hospitais e asilos se vêem obrigados a cuidar de milhares de sêres humanos, vítimas da terrível hecatombe. E qual a situação atual? E' insuportável. Ouvi-me. No dia de hoje existem vinte e cinco por cento mais de homens em armas do que em 1913 e no ano de 1931 gastaram-se cinco mil milhões de dólares para pagar as guerras passadas e preparar as que hão de vir. Si em 1913, ao sonido das armas, nos dirigiamos para a barbarie, agora nos submergimos nela. Os povos

do mundo se levantam revoltados contra impostos intoleráveis e entretanto oitenta por cento de todas as entradas das principais nações do mundo se empregam direta ou indiretamente em preparativos bélicos. Até quando continuará esta loucura? Dizem que as nações exigem segurança, estabilidade e o cumprimento das obrigações; porém não estamos convencidos de que estas cousas se possam obter pelas armas. Só o Cristo Vivo, o Príncipe da Paz, pode galvanizar a nossa moralidade estéril para uma compreensão espiritual da vida. O de que o mundo necessita é uma nova exploração dos recursos do Espírito de Deus para obter a verdadeira aproximação entre os povos. Para conseguir isto precisamos de nos aventurar em nossa boa vontade e ainda mais, em nossa fé, porque se requer de nós um novo descobrimento dos recursos creadores de Deus. O Cristianismo não terá significação alguma para a geração presente a não ser que consiga tornar-se o controlador do mundo e a base de uma civilização permanente. Poderiamos falar de uma eficácia da impiedade em uma casa de loucos ou aos partidários do determinismo econômico, porém não devemos mencioná-la diante de milhões de tumbas prematuras, nem diante dos mutilados da guerra, para que não nos maldigam e para que o seu aborrecimento não nos obrigue a calar.

O CRISTO VIVO — DEUS PROEMINENTE

Não desejaríamos ser sensacionais em uma época como a atual, porém, não podemos negar que vivemos num mundo que se está desfazendo. Ha mil anos que não se contempla um caos como o de hoje. Verdadeiramente estamos vivendo num mundo de tangentes. Parece que acabaram as fôrças coerentes da humanidade. Alimentamo-nos de ódio a tal ponto que nos causa náuseas. Desconfiamos dos outros povos a tal ponto que não temos confiança nem em nós mesmos. Praticámos tanto a falta de sinceridade verbal com outras pessoas que chegámos a ser vítimas da nossa própria hipocrisia. Explorámos nosso nacionalismo com um êxito tão cruel que criámos uma geração de ismaelitas. A paralisia do temor, do mêdo, está tendo efeito sobre nossas faculdades e contemplamos o reflexo terrível do nosso próprio progresso material. Quem pode corrigir estas cousas? O Cristo Vivo. Sòmente Êle pode salvar esta civilização do desastre, Êle é o remédio.

Os homens esperam um lider; Cristo se oferece como tal. Os homens esperam ouvir uma palavra autorizada; Cristo a dará. Buscamos uma energia á altura das necessidades humanas; Êle pode suprí-la. Buscamos as balisas que levam á solução do enigma da presente hora; Êle pode proporcioná-las. Ouve-me, ó mundo distraído! "Nele todas as cousas são uma". Nada menos que a paixão creadora e redentora de uma personalidade divina, o Cristo Vivo, poderá resolver o problema das relações humanas atuais. Não ha NOME dado debaixo do céu ou da terra por meio do qual os homens possam ser salvos da des-

integração, a não ser o de Cristo. Êle é no dia de hoje o Santíssimo entre os grandes e o Poderosíssimo entre os Santos, cujas mãos perfuradas levantam das ruinas os portís dos impérios, mudando o curso da história e dominando o mundo. Carlos Wesley vitalizou o mundo. no século XVIII, revelando a suficiência de Cristo, quando escreveu: "Tu, ó Cristo, és todo o meu anelo; em ti encontro ainda mais que o necessário".

O CRISTO VIVO — O MAIOR DOS MESTRES

Estamos reunidos nesta Convenção para analisar nossos problemas, reconhecer nossas faltas e aceitar nossas responsabilidades, esperando que o Cristo Vivo nos dê as energias necessárias para levar por diante nossas tarefas. Talvez nos encontremos com o desejo de fazer alguma cousa de novo. A preocupação de fazer cousas modernas nos cativou. Familiarizamos-nos com a palavra "Educação", desconhecendo a palavra "Regeneração". Damos ênfase á palavra "Reformar" e quasi não falamos sobre a palavra "Transfigurar". Damos importância á palavra "Organizar", mas ás vezes nos olvidamos da palavra "Vitalizar". Ensinamos a necessidade do "Crescimento Moral", mas perdemos o valor da expressão "Novo Nascimento". Também nos temos deixado levar pela eloquência das palavras. Falamos de "Conteúdo" no nosso plano de estudo; "Técnica" nos métodos; "Motivo" no comportamento; e essas expressões representam para nós todo o valor, ao passo que deixamos de lado, com demasiada frequência, o cálido acento pessoal de um Salvador Vivo. Não digo isto com o propósito de criticar os métodos modernos de educação religiosa, mas para obter um senso mais adequado das proporções.

Por bom que seja o uso destas palavras suntuosas, nada poderá tomar o lugar da experiência pessoal com o Cristo Vivo. Si nós o elevamos, êle tem poder para atrair o mundo a si. Não teremos necessidade de apresentar nossas excusas. Nos ensinamentos da Bíblia devemos aceitar com humildade o castigo que encontramos, por causa da nossa vaidade, admitindo com franqueza que não conhecemos nem entendemos tudo que se encontra no Livro. Êste sentimento de limitação nos proverá de uma atmosfera idônea para o crescimento de nossas qualidades pessoais e para conseguir que as palavras do Cristo Vivo sejam uma realidade.

A vara do profeta colocada sobre o rosto do menino morto não pôde restituir-lhe a vida. Quando Giezí, o servo do profeta, colocou o báculo sobre o rosto da criança, não obteve da parte desta nenhum sinal de vida e foi dizê-lo a Elizeu. Mas quando êste entrou na casa, fechou a porta, permaneceu só, orando ao Eterno, e depois se colocou sobre o menino, pondo sua bôca sobre a bôca do menino, seus olhos sobre os olhos do menino, suas mãos sobre as mãos do menino, então êste reviveu e se levantou. Para conseguir que as crianças aceitem a

Cristo Jesus é necessário que nós estejamos cheios de seu amor e do seu poder. Tudo isto chegará a ser uma realidade na vida das crianças e dos jovens, quando estas verdades forem parte das nossas vidas. Também devemos recordar que ha agências não cristãs que estão fazendo o possível para ganhar a infância e a juventude desta geração. Temos o costume insensato de colocar de lado as cousas que não agradam, esquecendo que ganhar a criança para Cristo é um assunto sumamente sério. O bolchevismo é uma fé forte e lutadora, com um programa mundial que, até esta data, já obteve vitórias colossais: e não podemos conquistá-lo por meio da denúncia ou do ridículo. O bolchevismo é o maior desafio que temos na atualidade. No seu livro "O Socialismo e a Religião", Lenine diz: Repudiamos toda a moralidade que procede de idéias sobrenaturais ou daquelas que se encontram fora do conceito das classes. Em nosso conceito a moralidade deve subordinar-se ao interêsse da luta entre as classes; tudo o que é necessário para a eliminação da antiga ordem social de exploração e para a união do proletariado é moral". O comunismo tanto na Rússia como fora dela está tratando de inculcar essas idéias na mente da juventude. Seu credo é conciso, seu programa definido e êles propagam suas idéias com grande regozijo. Na divulgação dos seus ensinos manifestam um verdadeiro espírito missionário e apontam a confusão atual do mundo como o presságio da vitória das suas idéias. Agora, mais que nunca, necessitamos de ser guiados pelo Cristo Vivo.

O CRISTO VIVO — A ESPERANÇA DO MUNDO

A-pesar-destas condições, reafirmamos nossa fé no Cristo Vivo como a esperança do mundo. Tornamos a declarar nossa convicção de que a reconstrução social só se pode obter por meio da regeneração individual. Pode ser que obtenhamos nossa conversão sem termos sentido certa emoção experimental, porém, seja ela obtida de um modo suave ou tumultuoso, deve realizar-se. Precisamos de uma sensibilidade ética e espiritual. A mente de Cristo e o espírito de Cristo devem manifestar-se em toda a nossa vida. Toda ela deve ser dominada pelo Cristo Vivo. Cristo deve ser o motivo superior a nos guiar em nossos negócios, em nossos divertimentos e na vida política.

Durante êstes últimos anos temos tido experiências desconcertantes, mas com a ajuda de Deus não chegaremos a ser cínicos nem pessimistas. Talvez nos encontremos nos humbrais de uma nova era. Observamos que o espírito genuíno de indagação, em relação ás pretensões de Cristo, surge por todo o mundo. O Cristo Vivo! Os homens estão perguntando com toda a sèriedade: afinal de contas, terá razão o Cristo? Pode ser que depois de termos vagado daquí para alí nos vejamos obrigados pelos acontecimentos morais a seguir Aquele que disse: "Eis que eu vivo para sempre", sem sermos molestados por idéias preconcebidas a respeito do seu caráter e de sua relação com o mundo.

As multidões que crêm na autoridade de Cristo, devido a êste testemunho, vão aumentando. Cristo te salva dos teus pecados? Chama-o teu Redentor. Êle te ensina como nenhum outro? Chama-o teu Mestre. Pôde êle amoldar e dominar tua vida? Chama-o teu Senhor. Brilha êle no teu caminho escuro? Chama-o teu Guia. Revela-te Deus? Chama-o Filho de Deus. Revela-te o homem? Chama-o Filho do Homem. Porém, talvez que afinal, teus lábios não possam pronunciar palavra alguma e te sintas incapaz de dar-nos uma definição de Cristo e da sua influência sobre a tua pessoa; si assim for, não lhe dês nome algum, mas segue-o.

"UMA CRIANÇINHA OS GUIARÁ"

(POR MISS LAURA JORQUERA, Santiago, Chile, e
MISS HAZEL LEWIS, St. Louis, Mo.).

A educação cristã procura colocar a criança no seio da Igreja e o melhor meio pelo qual as crianças do mundo possam ter a oportunidade da mais rica e mais ampla experiência cristã.

E' por causa da juventude do mundo que esta grande convenção e sua organização encontram as razões de existir.

Toda a vida crescente, do moço e do ancião, tem a sua oportunidade na educação cristã; mas, é nas crianças que se encontra aquela clareza de mente e de coração essencial a todos quantos, conforme disse o grande Mestre, procuram entrar no Reino de Deus.

Para que sejam bem lembradas as crianças nesta convenção de líderes cristãos, um grupo delas apresentar-se-á perante vós esta noite. De duas em duas, uma criança do Brasil e uma de outra terra, formarão aquí o nosso sonho de amizade mundial.

Elas vos lembrarão das crianças que melhor conheceis e amais, talvez algum filho vosso numa terra longínqua, e das crianças a quem ensinais, si fordes professores.

Talvez possais também ver nelas as crianças que neste mundo estão sem instrução, e que constituem a angústia dos corações dos líderes cristãos de toda a parte. Elas vos farão lembrar de que já fostes também crianças, vos mostrarão quiçá a criança que ainda sois em vossos corações, na presença do Pai Celeste.

Acima de tudo, estas crianças estão pedindo a todos vós o melhor que a educação cristã lhes possa oferecer: corpos sadios, mentes puras e espíritos corajosos.

Elas pedem em nome daquele grande Amigo das crianças, o Cristo Vivo, em cujo nome nos achamos reunidos aquí.

UM REPTO E UMA OPORTUNIDADE

(PELO DR. JAMES KELLY)

Jamais, nos vinte e cinco anos da história de nossa Associação, nos defrontamos com tão peculiares e difíceis circunstâncias como as desta Décima Primeira Convenção Mundial de Escolas Dominicais. Representamos, aquí, diversas nações, mas cada um de *per si* e todos conjuntamente reconhecemos que qualquer que seja a nossa nacionalidade — a *Nossa Pátria*, á semelhança dos demais países do mundo, atravessa dias de significativa importância, num período de transição sem precedentes, cujo fim e resultado ninguem ousará prever. Sob a superfície de nossa vida quotidiana grandes fôrças silenciosamente estão concentrando energia e se movendo, si para o bem ou para o mal não o sabemos, podendo ser, talvez, para produzir os seus efeitos em profundíssimas transformações de nossas relações sociais e nacionais. No mais das vezes, essas fôrças são raramente compreendidas, a não ser quando se manifestam em alguma forma de comoção política ou de perturbação social, mas previsíveis em muitos aspectos — na inquietação que fermenta, prestes a explodir em muitos dos menores Estados do Sueste Europeu.

No meio dêste amálgama de preocupações, nacional e socialmente, qual é o lugar da Educação Cristã? O meu presente objetivo é abordar êste assunto com referência à *Europa Continental*.

Ha muitas fôrças que extremamente lutam por seu predomínio prático em cada país do Continente. Uma destas é o crescente prestígio que o *Comunismo* está alcançando, particularmente entre as correntes e classes populares. Oriundos da Rússia, os emissários desta perniciosa doutrina abrem caminho e penetram em todos os países do Continente. Os agentes do Soviet encontram-se em atividade entre os jovens de cada país, injetando seu veneno destruïdor na mente e no coração das gerações mais novas e procurando, declarada e abertamente, desarraigar a religião em todas as suas manifestações.

Outra forma que contribue positivamente para as dificuldades que obstam o progresso da educação cristã no Continente Europeu é o fato de que *a espinha dorsal da Igreja Cristã* alí, como em outros países do mundo, *tem sido sempre as classes médias*. O problema do desemprêgo (falta de trabalho) tem caído de modo pesado pràticamente sobre as classes médias de cada país e isto, necessàriamente, tem repercutido no bem-estar da igreja. Centenas e milhares destas pessoas que permaneceram leais á igreja e ás suas atividades nos seus dias de trabalhos e provações, têm agora se separado dela, não por falta de fé na igreja ou por indiferença religiosa, mas pela absoluta impossibilidade de tomarem parte na manutenção da igreja. Isto torna-se um problema cada vez mais agudo, visto que o esfôrço prolongado está desencorajando contribuintes outrora fortes da Igreja. A crescente acumulação de dívidas

que muitas igrejas têm que enfrentar está também formando uma barreira insuperável ao seu progresso. Êstes são, apenas, alguns dos problemas que retardam o desenvolvimento da igreja cristã no Continente e, naturalmente, afetam êles toda a questão da educação cristã. Acrescente-se a êstes a atitude da própria mocidade para com a religião. E' fato bem conhecido que a perspectiva da juventude do Continente tem sofrido grande transformação nestes últimos anos. Mais de cincoenta por cento em seus respectivos países têm se tornado herdeiros de novos governos ou novos sistemas de govêrno. Alguns dêstes novos Estados apresentam um conglomerado de nacionalidade, o que levanta problemas religiosos, econômicos, sociais e políticos, quasi insolúveis. Haja vista a Polônia com os seus milhões de pessoas não polonesas, a Iugo-slávia com a sua crescente população, da qual apenas a metade é sérvia. E' para admirar-se haver condições que apresentem problemas insolúveis, condições que poderiam, de pronto, promover uma ardente fermentação e uma consequente ameaça á paz do mundo?

E', entretanto, motivo para funda e profunda gratidão podermos constatar que estas dificuldades, devastadoras algumas delas, longe de agirem como agências prejudiciais, estão, antes, atuando como um repto ou desafio aos líderes da juventude. Não permite o tempo apresentar um resumo de como, de começos quasi infinitesimais, a obra do ensino cristão por meio da Escola Dominical e suas agências correlatas tem crescido por toda a Europa, especialmente êstes últimos anos, mas um ligeiro golpe de vista num ou em dois sectores principais servirá de índice, não sòmente da obra realizada, como também das crescentes oportunidades de desenvolvimento ainda maior.

Começarei com os fatos desenrolados recentemente na *Espanha,* um dos alviçareiros sinais dos tempos. As Côrtes Constitucionais da República Espanhola são um documento singular, destinado a transformar uma monarquia feudal em um progressista Estado Moderno. Os protestantes espanhois que se regozijam com a concessão da liberdade religiosa obtida com o advento da República lançam-se, coração e alma, ao serviço desta. O Govêrno Espanhol não deseja tratar com os protestantes a não ser como uma corporação e, por conseguinte, a situação por longo tempo a seguir-se será muito difícil. Os protestantes, entretanto, estão compreendendo que os novos privilégios advindos lhes impõem responsabilidades. Um mais rápido e extenso Evangelismo e uma obra eclesiástica mais unificada são as necessidades cruciais, prementes, da Espanha, a crer-se que o Protestantismo, de fato, tem que tomar uma grande parte na reconstrução espiritual do país. Uma questão educacional de primeira magnitude está surgindo devido á determinação governamental de crear vinte mil escolas. Entre as escolas puramente seculares e as escolas que têm direito de ministrar ensino denominacional, o pêso do sentimento protestante é, presentemente, a favor do sistema secular. A Associação de Escolas Dominicais, organizada recentemente no interêsse de Educação Cristã, está formulando planos para o desen-

volvimento da obra da Escola Dominical e espera-se, com confiança, que a Associação auxiliará a promoção de mais íntima cooperação entre as fôrças evangélicas nacionais, particularmente através do seu esfôrço para fomentar a existente obra da Escola Dominical, para organizar novas escolas e para produzir literatura indígena destinada a professores e a alunos.

Na *Itália,* temos um dos mais atraentes estudos sob o ponto de vista da Educação Cristã que se possam encontrar em qualquer parte hoje. A liberdade religiosa concedida pela Concordata, três anos atrás, é um fato consumado. O Conselho Italiano de Escolas Dominicais, creado recentemente, está se tornando uma fôrça vital na obra da Juventude Evangélica da Itália, como representante que é das fôrças protestantes no país. No ano passado, foi publicado por êste Conselho um manual de Educação Cristã. Sob a nova lei italiana, os pais têm o direito de dizer si as crianças devem ou não ser excluidas do ensino católico romano dado nas escolas públicas e, si tiverem de ser excluidas, devem elas receber outra espécie de ensino, visto que a lei exige que todas as crianças recebam instrução religiosa de alguma forma aprovada pela família ou pelo Estado. Segue-se, naturalmente, que o ensino protestante tem que ser ministrado e por isto o manual, ha pouco preparado, está em uso. Promissores resultados já estão surgindo do uso dêste manual, particularmente entre os filhos de pessoas liberais no seu modo de pensar.

Na *Áustria,* conta o Protestantismo apenas 280.000 aderentes numa população de mais de seis milhões e meio. Desde 1924, a obra de Educação Cristã tem aumentado seis vezes mais, fato que testemunha altamente o esplêndido alcance da União de Escolas Dominicais, representante de todas as igrejas protestantes do país. A perspectiva de futuros desenvolvimentos é vasta, mòrmente entre grande número de moços que estão fora do alcance de todas as influências religiosas. Uma feição progressiva atual da obra na Áustria foi a abertura do Seminário em Viena, afim de preparar obreiros cristãos entre os jovens.

Tem sido interessante observar o desdobramento da obra da Educação Cristã nos *Estados Bâlticos* da *Látvia* e da *Estônia.* Não é necessário recontar as enormes dificuldades e os problemas que têm sido enfrentados nestas duas Repúblicas. A obra da Igreja Protestante tem se mantido através de dias sombrios e de provação, e encontramos, já agora, grande número de ardorosos pastores e professores evangélicos que dedicam tempo e energia á tarefa do ensino cristão da gente moça. A mais premente necessidade é a literatura cristã. As Repúblicas, especialmente a Estônia, estão sendo inundadas de literatura da Rússia atéa, subversiva consideràvelmente aos interêsses do indivíduo, da Comunidade, do Estado. Existem Uniões de Escolas Dominicais tanto na Látvia como na Estônia e uma obra esplêndida se está realizando, não obstante os limitados recursos ao seu dispor.

Checo-slováquia (Czechoslovakia) é uma República do apósguerra. Consequentemente, as vantagens e os obstáculos que resultam

dêste fato têm seu pêso e influência sobre a vida religiosa do país. No início de sua nova existência, a Checo-slováquia teve que decidir qual relação, a ter que haver, deveria existir entre a Igreja e o Estado. A união da Igreja com o Estado era uma envelhecida tradição. Muitas dificuldades surgiram, claras, a obstar uma decisão para separar a Igreja do Estado e, eventualmente, nenhuma separação se fez. Consequentemente, seguiu-se um sistema que é de peculiar interêsse a muitos respeitos, particularmente numa República nova. O laço vital que liga a Igreja e o Estado ainda se conserva íntegro, mas a plena liberdade religiosa é garantida, a cada um, e uma estrita imparcialidade é mantida para com todos os credos religiosos. Desde o estabelecimento da República, tem havido um grande movimento religioso entre as populações checo-slováquias. Revelam as estatísticas um aumento nas Igrejas Protestantes. Por igual, tem a Educação Cristã feito rápido avanço e o número de Escolas Dominicais tem quasi triplicado a partir de 1924.

Tanto quanto é possível exprimir-nos a respeito da presente situação religiosa na *França* por uma representação aproximada, pode-se com segurança dizer que não ha ainda um protestante em cada quarenta habitantes. Ha de oitocentos a novecentos mil protestantes e quinze milhões de católicós romanos. Contra isto, ha vinte milhões de franceses que, nascidos, embora, na fé católica, têm pràticamente abandonado todas as relações para com a Igreja. Dos novecentos mil protestantes franceses, na França, é inteiramente impossível dizer-se com aproximada certeza quantos se podem considerar como comungantes evangélicos ou, para usar o têrmo francês, quantos são "professantes", isto é, verdadeiros membros de suas igrejas, partilhando de sua vida religiosa e auxiliando a manutenção de sua obra, visto não receberem as igrejas da França nenhum auxílio financeiro do Estado. Outro fenômeno lamentável é a dispersão dos aderentes da fé protestante das cidades para o interior, onde, disseminados e isolados, seus laços de união com a igreja tendem a quebrar-se. Ha uma tremenda oportunidade para o desenvolvimento da Religião Cristã Evangélica na França. A União de Escolas Dominicais de França está fazendo consideráveis esforços para alcançar os filhos dêsses pais por meio da Escola Dominical, por compreender que sòmente assim fazendo poderá conquistar a juventude de França para um conhecimento verdadeiro de Deus e para uma íntima e pessoal relação com Jesus Cristo.

A situação religiosa na *Alemanha* é peculiarmente difícil e atravessa uma crise de tremenda importância, cujo resultado influenciará decisivamente não sòmente no destino nacional da própria Alemanha, mas provàvelmente o de toda a vida protestante da Europa. O Movimento Comunista, que tem conquistado assustadora extensão, está lutando com fôrça e violência para anular todas as simpatias para com a Igreja ou para com qualquer forma de religião no coração e na alma da população proletária. Está o Comunismo, por igual, exercendo mortífera influência sobre a mocidade germânica. Torna-se cada vez mais difícil

"CHAMADA DAS NAÇÕES"
APRESENTAÇÃO DE ESTANDARTES, NO TEATRO MUNICIPAL

O CÔRO DA CONVENÇÃO

conseguir que os grupos organizados da massa operária ouçam a prègação do Evangelho, mas, pelo menos, é animador relatar que muitos daqueles que, pessoalmente, não se interessam com a Igreja Cristã ou qualquer outra forma religiosa enviam ainda os seus filhos á Escola Dominical e, destarte, esta vai se tornando uma guarda avançada — um baluarte — na luta contra a incredulidade ou seja contra a descrença. Neste particular, é interessante notar o progressivo aumento no número de Escolas Dominicais, no de professores e no de alunos. Tudo isto sobe de ponto quando percebemos o tremendo decréscimo da população infantil do Império Germânico. Em 1913, havia doze milhões de crianças em idade escolar na Germânia; em 1930, ha sete milhões apenas. Não obstante êste fato, a proporção de alunos da Escola Dominical para com o número das crianças do país tem crescido para mais de oitenta por cento. Isto é, por certo, a mais alviçareira perspectiva, porque, si — como cremos — a Educação Cristã determina o destino de um país, então não temos nenhum motivo para duvidar do futuro da Alemanha.

Outro país que apresenta interessantíssimo estudo ao aspecto da Educação Cristã é a *Húngria,* nação que fica peculiarmente isolada no meio de seus vizinhos do Continente. São assás conhecidas as provações que, nos últimos anos, tem sofrido a Húngria; acha-se ela em meio dos mais inflamados antagonismos nacionais que os arranjos do Tratado de Paz tem produzido. Sua população de 1914 orçava em vinte milhões; hoje reduz-se a nove milhões. Perdeu ela grande parte de seu território agrícola e foi deixada em extrema pobreza. A despeito, porém, da dôr e da privação, tem se despertado uma fé robusta no seio da minoria protestante, que tem conduzido o país através dos dias dificílimos. A Húngria é um país católico romano, sendo protestante apenas dois milhões e meio de sua população. Uma das feições admiráveis, talvez, da vida eclesiástica protestante na Húngria são as suas grandes reuniões dominicais, tanto da Igreja Luterana como da Igreja Reformada. Não é cousa rara transbordarem os templos das igrejas, e isto não em dias de serviço especial, mas nas reuniões ordinárias de culto. Esforça-se a juventude para conseguir um lugar muito especial na vida eclesiástica da Húngria. A Igreja Reformada tem uma porta aberta para a obra da Escola Dominical e, pràticamente, por toda a parte, exceto onde os velhos se mantêm nos cargos, a Escola Dominical está sendo considerada como uma parte integrante da vida e da obra da Igreja.

Na *Polônia,* temos um país, cuja história cheia de interrupção, não tem parelha no Continente Europeu. E' um país poliglota com uma população em progressivo aumento. Dão-lhe as estatísticas mais recentes uma população superior a 31.000.000 de indivíduos. Ao passo que a grande massa popular fala o polonês, ha milhões de judeus, ucranianos, checos, russos brancos — que ocupam extensas regiões da terra e que falam diferentes línguas. Os russos brancos e os próprios ucranianos constituem cêrca de seis milhões de toda a população. A Igreja Católica Romana tem cêrca de 19.000.000 de membros, enquanto os

judeus orçam-se aproximadamente em 3.500.000. A Associação das Escolas Dominicais de Polônia tem recebido já algum auxílio da Associação Mundial de Escolas Dominicais para o ensino cristão da juventude destas minorias. Já tem a Associação um missionário em atividade na Polônia, mas, devido a motivos especiais, tem êle apenas se relacionado com os poloneses. Para enfrentar as necessidades do país, a obra evangélica é solicitada pelo menos em meia dúzia de línguas. E' a Polônia um dos campos missionários mais importantes que possuimos. Em perto de mil milhas ela se limita com a República dos Soviets, enquanto que por quasi mil e duzentas milhas a léste do país domina o paganismo e o "Movimento sem Deus" está espalhandc a sua propaganda e tenta destruir a Civilização Cristã.

Um dos cometimentos mais interessantes e estimuladores na Educação Cristã está se realizando nos *Balkonis* no qual os ideais e os objetivos da obra da mocidade estão lentamente abrindo o seu caminho para as Igrejas Orientais. Estas têm sido consideradas por muito tempo como intensamente conservadoras e mesmo estáticas; entretanto, têm elas começado a organizar conferências para tratar dos múltiplos problemas que as empolgam como a todas as demais comunhões eclesiásticas. Através de toda a história da vida de suas igrejas, a ênfase tem sido posta sobre os adultos e, até que a criança atingisse os anos de discreção, não havia, na igreja, lugar para ela. Vagarosa, mas não menos seguramente, estas idéias estão sendo abandonadas e presentemente reconhece-se que nada menos do que uma plena e completa "re-orientação" em matéria de educação religiosa é reclamada. Êste movimento empreendedor pode consubstanciar-se imediatamente, devido ao fato que essas igrejas são vagarosas para fazer qualquer modificação na administração e estão cheias de dúvidas quanto á cooperação com outros corpos, temerosas de que isto lhes acarrete compromissos ou abandono de doutrinas; todavia, um espírito de investigação se alastra e se manifesta um desejo de trabalho mais amplo a favor da mocidade. A grande necessidade é de liderança dentro da igreja. Certamente, deve ser o real desejo de todos os corações crentes que se levantem guias para enfrentar esta nova situação de modo que as igrejas orientais, cuja história se perde nas brumas do passado, se ergam á altura de seus mais altos privilégios na conquista dos jovens para o Reino de Deus.

Outro repto que nos defronta ao considerarmos a obra de Educação Cristã no Continente Europeu é a presente oportunidade de auxiliar-se as crianças de pais judeus. Qualquer consideração séria sobre Cristo e o mundo judaico leva-nos face a face com uma série de idéias que levantarão em nós apaixonado zêlo para conquistar os próprios patrícios de Cristo para o seu Reino. Ha o argumento da *necessidade* — uma das nações sem o conhecimento da graça salvadora de Jesus Cristo. Ha o argumento da *gratidão* — a dívida que temos para com o povo judeu pelo maior bem que possuimos. Ha o argumento da *oportunidade* — o acesso quasi por toda a parte no seu seio pelos missionários da

Cruz. Ha o argumento das *Santas Escrituras* — a ordem do Senhor — "ao judeu primeiro".

Do total da população judaica de 16.070.000 em todos os Continentes, encontram-se 10.120.000 judeus no Continente Europeu. Na Europa Oriental, antes da guerra, á metade da raça israelita era negada toda a liberdade civil e, por gerações, foi ela vítima de preconceitos sociais e de atrozes perseguições. O judeu europeu estava em seu Ghetto (quarteirão judaico nas cidades), sujeito ás limitações intoleráveis, mas, com o advento da Guerra, desejaram as nações da Europa os judeus nos seus exércitos. Milhões de judeus foram, assim, libertos das acanhadas influências do Ghetto e foram alegremente recebidos em todos os exércitos, em pé de igualdade com os demais. Foi isto um novo dia de liberdade. Terminada que foi a Guerra e com êste novo fundamento de liberdade reclamaram os judeus o direito de entrada nas universidades. Resultou isto em inundarem os judeus as universidades da Europa a ponto de, em muitos lugares, os governos serem forçados a emitir uma clausula limitadora para a sua própria segurança. Hoje ruiram as muralhas do Ghetto e o mundo moderno está face a face com um judeu desconfiado da religião e que, com a sua nova liberdade, esqueceu-se de sua sinagoga e de sua fé. A Europa está repleta de moços judeus que têm francamente se desviado de seus compromissos religiosos e na Europa Central e Sul Oriental em particular estão se voltando para os missionários — e em alguns casos para os missionários da Escola Dominical — solicitando conselho, direção, auxílio e instrução em assuntos bíblicos. Na cidade de Budapest (Húngria), para mais de quatro mil judeus têm sido batizados na Igreja Reformada e milhões mais em outras igrejas protestantes. Na Missão Escocesa para os Judeus, em Budapest, que tem sido tão poderosa para o bem no desenvolvimento da obra da Escola Dominical na Húngria, mais de 700 judeus foram batizados nos últimos quatro anos e êstes não são pessoas pobres e sem educação. Havia, entre êles, banqueiros, médicos, advogados e jornalistas que, tendo se batizado na fé cristã, tornaram-se entusiastas a favor do ensino cristão das crianças judaicas. Minha própria experiência pessoal me tem levado a reconhecer que a juventude hebréia hoje, na Europa Sul Oriental em particular, está admiràvelmente aberta a uma razoável influência. Olham os jovens judeus para Jesus de modo diferente; seu nome não é mais algo para ser injuriado, e muitos dêles são conhecidos como seguidores de Jesus, admirando o seu caráter e se beneficiando pelo seu ensino, pôsto não o tenham ainda aceitado como Salvador e Senhor.

Não sòmente na Húngria, mas também na *Rumânia*, uma grande oportunidade se tem deparado aos obreiros das Escolas Dominicais, atualmente, para abaterem a muralha da separação entre judeus e gentios e, através do ensino da Escola Dominical e da Classe Bíblica, revelarem Jesus Cristo aos jovens judeus como o seu Messias, seu Salvador, seu Senhor e seu Rei.

Os relatórios das Sociedades Bíblicas demonstram como os judeus estão aceitando a Palavra e êstes relatórios estão banindo a velha crítica de que o Cristianismo não pode alcançar os judeus. Os missionários na Europa Oriental dizem-nos que estão tendo mais inquiridores judeus hoje do que jamais na sua experiência passada. Isto é, por certo, um grande desafio e um grande chamado e eu me alegro em pensar que o Movimento da Escola Dominical na Europa Central e Sul Oriental, especialmente, está fazendo o que pode para enfrentar estas necessidades de alguma forma.

Outro repto ha que afeta a Europa Continental, a saber — o *Islam*. Como outras partes do mundo, a Europa contém uma vasta população maometana. Seja-me permitido lembrar-vos de que o Maometismo está côncio de uma solidariedade e união que não existe em qualquer outra religião — nem mesmo na cristandade. Tem êle suas seitas e divisões, mas estão côncios de uma fraternidade onde quer que estejam. Presentemente o mundo maometano está em desassossêgo — econômicamente, intelectualmente, socialmente e pollticamente — como jamais esteve no passado. Desde a guerra mundial têm êles se tornado quasi loucos, quanto ao Nacionalismo. Não sòmente na Índia, mas no Egito, em Marrocos e nos Estados Balcans da Europa, reclamam liberdade. Os bolchevistas estão lançando as sementes do descontentamento em todos os lugares e grande parte da inquietação reinante tem sido estimulada pela doutrina do Comunismo.

O mundo maometano não se encontra apenas inquieto, mas está mais propenso á mensagem de Cristo do que em qualquer outra época. O aumento da circulação da Bíblia entre os maometanos durante os cinco últimos anos não é menos que miraculoso. Muitos maometanos conhecem a Bíblia completamente e podem apresentar argumentos sobre temas obscuros a ponto de, não raro, surpreenderem os missionários.

Ha sinais de uma aurora próxima no mundo do Islamismo e não devemos nos impressionar demasiadamente com as perseguições e oposições. Nada prova tão claramente o poder do Evangelho como a oposição.

Não é a necessidade de um mais dilatado desenvolvimento da Educação Cristã um poderoso repto a todos os que estão verdadeiramente interessados não sòmente em apressar o tempo em que toda a terra estará cheia de glória de Deus, tanto na creação como na nova geração daquele espírito de paz e de fraternidade, tão essencial para a regeneração espiritual e moral de todas as nações? Ha muitos apêlos que se impõem à infância e à juventude de nosso tempo em todo o mundo, desde os seus primeiros anos. Cristo mesmo, nos dias de sua peregrinação terrena, colocou a criança no centro de interêsse. Eis a magna interrogação de agora: Quem, afinal, conquistará e reterá a criança e qual a Causa que conquistará a sua fidelidade indivisa? A Igreja Católica Romana, por todos os meios ao seu alcance, está lançando suas sedutoras armadilhas em redor dela; o Comunismo com as suas promessas

de um mundo mais belo e melhor — Utopia Moderna! — está zelosamente apressando os seus fins, mas, sem dúvida, o Cristo Vivo é que tem o apêlo maior. Já dissemos que estamos vivendo num período de transição. As transformações são inevitáveis. Si nos conduz êle a uma era de incessante luta e desassossêgo ou si êstes dias de transição se estão tornando em pedestal para um novo e melhor mundo em que Cristo ha de vir aos seus, pela vida e pelo coração dos homens, depende em parte considerável da Educação Cristã que se está ministrando á infância e á mocidade. Cremos que sòmente um despertamento do poder espiritual conjurará o perigo que está iminente. Não sòmente a Educação Cristã auxiliará a promover o despertamento, mas concorrerá ela de modo decisivo para determinar o destino de muitas nações européias, porque é de sua religião que cada povo recebe seu padrão, não sòmente de vida, mas também de moralidade. Certo, pois, é da maior importância que os ideais do Cristianismo, da Verdade, da Justiça e da Paz, sejam apresentados em toda a sua beleza e poder de atração á mente dos jovens. E' chegada a oportunidade para que os homens e as mulheres pensem por todo o mundo, hoje, com maior intensidade do que nunca sobre o fato de que, si a infância e a juventude dêstes difíceis anos de após-guerra tiverem, quando chegados á maturidade, de se alinharem ao lado de Cristo, será sòmente si tiverem encontrado o romance e se tiverem inspirado com o cavalheirismo da vida cristã em seus primeiros anos. Como meio de salvar a vida espiritual da Europa, não ha melhor agência do que o desdobramento cada vez maior da obra da Educação Cristã por meio da Escola Dominical.

CRISTO — A ESPERANÇA DO MUNDO

Dr. Chester S. Miao, da China.

Somos representantes de muitas nações. E a-pesar-de termos o pigmento da pele de côres diversas, de que falemos idiomas vários, de que representemos fundos de cultura variados, somos contudo seguidores de um único Jesus Cristo. Êle é o Senhor e Deus comum nosso. Todavia, estamos todos profundamente interessados em educação religiosa cristã De um ou de outro modo estamos empenhados nesta tarefa.

Sei e reconheço que sendo obreiros de diversas nacionalidades, encaramos problemas e condições peculiares em nossos trabalhos, e temos por isso que realizar de maneiras diversas as nossas obras. Isto é muito natural. Nenhum educador de religião cristã deve agir de outro modo. De parte, porém, isso, haverá certos problemas que são decididamente mundiais. E requerem a mais acurada atenção dos educadores de religião cristã, de todo o mundo. Haverá certos objetivos que devemos sustentar em nossas atividades, independentes de nacionalidades ou raças? Haverá ainda projetos na educação religiosa cristã só realizáveis com a coope-

ração de todos nós? E' a êste aspecto de nossa tarefa comum que encarecidamente convido vossa consideração esta noite.

Focalizemos nosso interêsse por um momento sobre a situação mundial. Olhando-a embora com os olhos de um oriental, vejo que todo mundo encara hoje alguns problemas gravíssimos e universais. Mencionarei três.

Primeiro, o mundo presencia uma brecha feita nos antigos princípios de ética, ou códigos de moral. Não ha muito ouvi uma história relatada por uma mãe cristã. Senhora muito inteligente e guia hábil, dos Estados Unidos da América do Norte, é oradora muito procurada pelos círculos de pais e professores e outras tais reuniões de igreja. Certo dia ficou muito apreensiva quando sua filha veio dizer-lhe, assim um tanto apressadamente: "Mamãe, empreste-me seu capote de pele, pois vou voar com John Jones". Natural seria, que qualquer mãe educada "á antiga" ficasse suspresa em face de tal fato. E hoje encontram-se muitos pais perplexos, sinão desapontados, ao descobrirem em seus filhos a rejeição dos antigos princípios de ética e códigos de moral por tanto tempo sustentados. A mocidade de hoje quer agir de maneira diversa de seus predecessores.

Esta tendência de abandonar os antigos princípios de ética, e códigos de moral, verifica-se não só no Ocidente, mas também no Oriente. Para exemplo, tomem minha própria pátria, a famosa e conservadora China. Os sagrados ensinamentos éticos do Confucionismo, que significavam tanto para nossos ancestrais, já não são honrados pela mocidade de hoje. Os antigos sistemas de família, os costumes de matrimônio, os hábitos sociais de etiqueta e a relação que havia outrora entre o patrão e o empregado estão experimentando transformações radicais.

O que acontece na China, verifica-se também no Japão, na Índia, Turquia e em outras nações. Os graus a que tem chegado a mudança podem variar de um país para outro, mas todos estão sujeitos a mudanças similares.

Segundo, o mundo baloiça á beira do enorme precipício de outra grande guerra. Chegado ha pouco de Changai, tive alí uma experiência de mais de quarenta dias de como é cruel o poder destrutivo dos processos bélicos modernos. A-pesar-de suspensa a luta e de muitos soldados japoneses haverem evacuado as posições em Changai, quando vinha para a Convenção, confesso que não vejo luz alguma de resolução pacífica para a disputa entre a China e o Japão. Pelo contrário, ha mais ódio entre os povos dessas duas nações do que antes da guerra. Ninguem pode predizer até onde irá êste ódio.

Considerando, porém, o mundo em geral, encontraremos ainda hoje aquí e acolá, homens sábios empregando seus mais apurados talentos em inventar instrumentos de guerra mais temíveis ainda, militaristas em alguns países crendo que o armamento seja o melhor meio de resolver questões internacionais; e nações, mòrmente as chamadas gran-

des potências, competindo obstinadamente na obra de organizar um exército maior e mais poderosas fôrças navais e aéreas. O ódio internacional, os preconceitos raciais e a diplomacia secreta prevalecem inda muito no mundo hodierno.

Fazendo a travessia do Oceano Pacífico, tive por companheiro de viagem um jovem oficial do exército alemão. Uma tarde passeávamos no convés, e êle me disse as seguintes palavras: "Em tempo, creia-me, haverá uma guerra entre a Rússia e o Japão. Porém esta guerra não se circunscreverá só a êstes dois países. Na Europa a pequenina Polônia lutará contra a Rússia. Logo, provàvelmente, a Alemanha pôr-se-á ao lado da Rússia. Seguramente a França aliar-se-á á Polônia. De modo que de uma ou outra maneira, muitas nações estarão envolvidas em outra grande guerra". Com sinceridade espero que a profecia do jovem oficial alemão nunca venha a cumprir-se, porém receio muito que, enquanto houver quem pense, fale ou sonhe dêste modo, não poderá haver paz no mundo.

Terceiro, o mundo experimenta uma depressão econômica de caráter epidêmico. Chama-se o Oriente a pátria da pobreza. Milhões de habitantes alí têm muito pouco com que se alimentar e o que possuir. Milhões de pessoas morrem á míngua e de doenças. A vida é difícil e miserável. Tão estranho quanto trágico possa ser isto, é preciso dizer que hoje a pobreza não é só monopólio das chamadas "nações econômicamente retrógradas". Em todo o mundo encontramos grandes exércitos de desempregados. Em toda parte ouve-se o clamor pedindo alimento e vestuário. De todos os lados ha bancarrota financeira, fábricas sem movimento e empreendimentos comerciais fechados. Muitos milionários reduzidos a nada. Não poucas instituições de ensino que não podem satisfazer seus compromissos para com os professores. Governos que não podem equilibrar o orçamento. Até os Estados Unidos da América do Norte, a mais rica nação do mundo, não pôde escapar á depressão econômica.

Quarto, o mundo está hoje saturado de "ismos". Secularismo, socialismo, comunismo, marxismo, materialismo e o pragmatismo têm-se espalhado por todo o globo. São propagados por homens e mulheres de lúcidas inteligências. Apelam ás mentes da juventude. Na China, a-pesar-de estar banido pelo govêrno o partido Comunista, não raras vezes ouvimos de um ou outro estudante preso e fuzilado por ser comunista. Alguns encaram êsse destino com atitude heróica, á maneira de mártires.

Um de meus amigos na China fez um estudo de 400 novos livros publicados no período dos anos de 1928 a 1930, por algumas pequenas livrarias numa rua do centro comercial de Changai. Setenta por cento dêles versavam sobre ciências sociais, vinte por cento sobre literatura do tipo romance, poesia e ensaios literários. Dos 70 % dos livros de ciências sociais, cinco sétimos ocupam-se do marxismo e materialismo. Dos 20 % chamados "literatura", três quartas partes tinham por fundo

o movimento do proletariado. Verificou também êste meu amigo que a maioria dos leitores dêsses novos livros são os da classe estudantina.

Dei aquí apenas uma rápida representação do trabalho dos "ismos" em meu próprio país. Podeis formar idéia dos resultados dêsses mesmos "ismos" em vossos respectivos países.

Não devemos temer os "ismos". O que devemos de fato temer é que muitos dos nossos guias cristãos se encontrem em estado de apatia ou por demais satisfeitos consigo próprios. Não estão precavidos da situação em que vivem. Porém, não critiquemos por demais severamente nossos irmãos. Examinemo-nos a nós mesmos. Temos uma mensagem cristã de vida e uma dinâmica que oferecer á juventude? Temos vivido uma vida cristã atraente, formando assim um apêlo irresistível á mocidade? Quanto temos conseguido com que Seu Evangelho seja uma fôrça viva e influente em nossa vida diária? Temos o zêlo missionário dos primeiros Apóstolos? Si temos o Cristo Vivo em nossas vidas, por que temer a grande predominância dos "ismos" no mundo?

A Liga das Nações, Conferências de Desarmamento e Pactos de Paz são, sem dúvida, processos eficazes de promover a paz, porém só terão sucesso quando todas as nações cooperarem de todo o coração. A nenhuma nação será possível fazer isto enquanto seu povo e seus estadistas não tiverem o espírito de boa vontade e de fraternidade universal. O mundo necessita ingentemente dêste espírito, pois que conhecemos poucas pessoas no mundo moderno que tenham possuido êsse espírito, e que tenham sido possuidas por êle.

Afim de restabelecer a ordem econômica, necessitamos indispensàvelmente de um sistema de distribuïção de bens mais eficiente, uma legislação social e econômica mais eficaz, melhor ensino profissional nos colégios e escolas superiores e talvez algumas experiências novas e arrojadas. Torna-se, porém, futilidade esperar por bons resultados, si homens e mulheres não empregarem todo o trabalho e relações desta vida ao serviço do Reino de Deus, da retidão e do amor em lugar do interêsse próprio. Isto requer qualidades e capacidade de viver, mal começadas a explorar. O símbolo disso tudo é a cruz.

Perguntaríeis que conexão tem tudo isso com a educação religiosa cristã? Ora, proponhamos doutro modo a questão: Que tem a educação cristã para oferecer ao mundo doentio? Respondamos franca e justamente a interrogação.

Os princípios de ética e códigos de moral são como as modas de vestuário ou mobília. São variáveis. E devem ser assim. Não, não devemos receiar o ruir dos antigos princípios de ética e códigos de moral. O que nos deve preocupar é o que a mocidade construirá em lugar do que foi demolido. Si nossa juventude tem uma personalidade espiritual creativa, e firme e sinceramente crê na supremacia do amor em todas as relações da vida humana, e o valor da vida acima de todas as instituïções, não devemos temer, no mínimo, a qualidade dos novos princípios e códigos que ela construirá. Eis o desafio. Eis o coração de nosso problema.

Aquí tendes o desafio supremo aos educadores de religião. O mundo deve ter, como é natural, todas as cousas úteis, a ciência, educação, comércio, indústria, etc. Mas antes de tudo, o mundo carece hoje, como necessidade precípua, é do Cristo Vivo, seu espírito de amor, sua personalidade espiritual e creativa. Não entendam que esteja aquí para pugnar contra o valor real da ciência, educação, etc. Precisamos de mais, de muita e de melhor ciência, porém, ciência saturada de seu espírito de amor, que busque enriquecer a vida humana. Carecemos de mais educação, que seja mais eficiente; porém, educação motivada pelo seu espírito de amor, que propenda para o desenvolvimento da personalidade creativa espiritual nos alunos. Importa ter mais comércio e indústria melhor, mas comércio e indústria que sejam batizados com seu espírito de servência, fraternidade e de retidão. Sem isto, todas nossas mudanças, reformas, legislações, tratados, educação, ciência, comércio e indústria, nada aproveitam ao homem. Êste é o nosso objetivo comum: — Cristo, a esperança do mundo. Nisto está a nossa tarefa idêntica e única: — ajudar o mundo a possuir o espírito do Cristo Vivo e a ser dêle possuído.

A tarefa é grandiosa e nobre. Como guias de educação religiosa cristã, temos nós sido possuídos pelo espírito do Cristo Vivo? Inegável é que devemos conhecer melhores métodos de ensino e termos equipamento escolar adequado. Lembrai-vos, porém, encarecidamente vô-lo peço, de que "Si eu falar as línguas dos homens e dos anjos e não tiver caridade, tenho-me tornado como o bronze que sôa ou como o sino que retine. Si eu tiver o dom de profecia, e souber todos os mistérios e toda a ciência, si tiver toda a fé, a ponto de remover montes, e si não tiver caridade, nada sou. Si eu distribuir todos meus bens em sustento dos pobres, e si entregar o meu corpo para ser queimado, si todavia não tiver caridade, isto nada me aproveita". Cremos realmente nessa qualidade de vida? Procuramos sinceramente viver tal vida? Estamos nós prontos a pagar o preço exigido em viver esta vida? Si assim acontece, transformaremos o mundo como fizeram os apóstolos no passado. Nossa maior esperança é, pois, vermos, breve, novas correntes de vida espiritual brotando em cada país, através de nós — *de cada um neste salão* — influenciando nossos estadistas, todos os cidadãos. Reconsagrar-nos-emos a esta grande esperança em nosso trabalho educacional religioso cristão?

O LUGAR DO CRISTO VIVO NA EDUCAÇÃO RELIGIOSA

(Rev. Daniel L. Marsh, D.D., Boston, Massachusetts)

"O lugar do Cristo Vivo na educação religiosa" é o mais importante dos assuntos que se possam designar para o tema central desta Con-

venção, porque é a educação o meio indispensável com que a sociedade ha de amoldar os seus fins e determinar o seu progresso. Si nos compete realizar a idéia divina do progresso e elaborar na nossa civilização os nobres fins que se harmonizem com os princípios de Jesus, forçoso é que seja oferecido o lugar básico, na educação, ao Cristo Vivo.

A lealdade suprema do Cristianismo não se fixa num símbolo ou num credo, mas, numa Personalidade que está tão viva hoje, em nosso meio, como esteve na Palestina ha 1.900 anos, a-pesar-de não ser agora em forma humana como então. Para sabermos qual seria a sua atitude com relação ao moderno programa de educação, basta-nos percorrer os anais de suas palavras e obras, quando se fez homem e andou pela terra.

(1). O Cristo Vivo exortou aos que o seguiam que amassem ao Senhor Deus com todas as fôrças, declarando que êle mesmo viera ao mundo afim de tornar possível a realização de uma vida mais exuberante. A verdadeira educação, a mais completa possível, é a que se mostra inteligente, de descortínio seguro, equilibrada, serena, sensível, forte, curiosa, pesquisadora, creadora, ativa, é a que, enfim, assimila e cresce.

A prova mais certa, seja onde for, de qualquer modalidade de vida, desde a amiba até ao homem, é o crescimento. Para nos certificarmos si uma determinada bactéria está morta ou viva basta-nos colocá-la em um meio adequado. Si estiver viva, crescerá; si morta, não. Aplicando ao indivíduo a mesma prova infalível, podemos saber si também está intelectualmente vivo, ou não.

Não se pense nunca em tornar-se cristã a educação mediante campanhas contra as heresias. A educação não é estática, que só haja de atuar por meras circunstâncias de tradição ou definições inertes. Ha crentes sinceros, porém, mal orientados, que só consideram salvos aqueles que saibam pronunciar a palavra da fé com a mesma inflexão vocal com que outrora o fez uma geração passada. São crentes manietados a múmias, vítimas de uma fôrça eclesiástica sem nexo, que apreciam mais os que sabem expressar misticismos pretenciosos ao em vez de ensinamentos sensatos. E' com sincera convicção que insisto em dizer que não se pode tornar cristã a educação real por práticas de combate. A verdadeira educação quer dizer vida racional, vida inteligente, e o supremo caraterístico da vida é o crescimento. Temos direito de esperar que quantos se eduquem cresçam intelectual, social, moral e espiritualmente. O crescimento é progresso.

Uma nota da imprensa, ha pouco, falando de recente sessão da Academia Nacional de Ciências, em Pasadena, deu a conhecer que diversos cientistas conseguiram provar, por observações seguras, que Einstein está muito certo em afirmar — "que o universo progride". Declararam que a transição luminosa infra-vermelha das linhas do espectro estelar indicam uma enorme evolução a operar fora da periferia do universo, a 75 milhões de anos. E' isto, sem dúvida, uma notícia interessante, mas, num sentido mais amplo, o interêsse maior é que o

indivíduo, realmente vivo, não se afaste nunca do centro dêsse universo que evolue sem paradas.

(2). O Cristo Vivo sempre exaltou e elevou a verdade. Foi-lhe sempre fiel, a ponto de declarar-se êle mesmo essa Verdade. A ciência se apoia em verdades invioláveis. Robert A. Millikan, um dos maiores cientistas da presente geração, em seu recente livro — "A Ciência e a Nova Civilização", diz: — "O processo certo para a solução de qualquer problema, na física, reside, primacialmente, em bem se coligirem os fatos, isto é, em se observarem com absoluta honestidade e neutralidade todas as teorias e hipóteses existentes; depois, em serem analisados os fatos e serem verificadas que conclusões dêles devem necessàriamente decorrer, que interpretações a êles se aplicam". Não é só. O autor prosegue: "Encaro o desenvolvimento e a divulgação dêste processo como a mais importante contribuïção que a ciência faz á vida, porque êle representa a única esperança de poder a humanidade emancipar-se da ignorância no futuro".

O ponto central do espírito científico é, pois, a pesquisa da verdade. Cientistas como Helmholtz, Darwin, Luiz Pasteur e Alexander Graham Bell galgaram a imortalidade pelo que realizaram, jamais, porém, teriam tanto alcançado si não tivessem prestado á verdade uma lealdade sem preconceitos.

(3). O Cristo Vivo veio a ser o Libertador da humanidade. Enalteceu Êle a liberdade, declarando: "Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará". Na educação cristã uma liberdade acadêmica é elemento capital, isto é, todo professor e todo aluno são livres para pesquisarem os fatos como bem lhes parecer, livres para formarem suas opiniões, livres para chegarem ás suas próprias conclusões e anunciarem suas convicções pessoais ao mundo. Não é razoável nem direito que a liberdade de alguem seja cerceada pelos dogmas já aceitos, ou por considerações dos antepassados, ou por tradições acadêmicas, ou por preconceitos já formados. O homem é livre para poder tornar-se vassalo da verdade. Não precisa de se curvar ante o erro, de cortejar a lisonja, de encolher-se ante a denúncia, de ceder aos impulsos desabridos de si mesmo. Da fidelidade a êste princípio de livre pesquisa tem surgido todo o progresso dos conhecimentos humanos, toda a obra da civilização, desde a alquimia á química, desde a astrologia á astronomia, desde a palhoça ás modernas construções, desde os primitivos processos de sinais pelo fogo aos modernos aparelhos de telefone e rádio.

Tão importante, porém, quanto a liberdade é o senso de responsabilidade para com ela. Ás palavras de Jesus: "Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará", cumpre-nos acrescentar as de Pedro, seu discípulo: "Pelo bem fazer poreis em silêncio a ignorância dos parvos; e como livres, mas, sem fazerdes o uso da vossa liberdade como manto de perversidade, antes tendo-a como servos de Deus".

Os mais inteligentes e sinceros partidários da liberdade acadêmica sabem que ela não pode ser absoluta. Os mais ponderados conhecem

as fronteiras e as restrições que a limitam, não que foram impostas por alguma autoridade estranha, mas, sim, aquelas que lhes dita a noção da responsabilidade mesma.

Abri a porta duma prisão em que tenha sido encarcerada uma águia. Fica livre a ave para sair, para projetar-se no espaço, para pousar nos contrafortes das montanhas. E será ela, por isso, também livre para voltar á prisão, ou para disputar, nas estradas, rápidas corridas com veículos velozes, ou para atacar aeroplanos, ou mesmo para nadar nos oceanos? Sem dúvida que não, si corresponder á sua natureza e ao instinto nato de sua liberdade.

A emancipação acadêmica não pode nem deve ser jamais um fim em si, mas, um meio que objetiva a pesquisa da verdade, da beleza e da bondade. — Quando alguem se enche da idéia tola de ser a liberdade um fim e não um meio, demonstra não possuir qualquer parcela de responsabilidade. Transforma-se em néscio, em impertinente criatura! Não conheço nada mais intolerante do que uma tolerância premeditada, como nada mais anti-liberal do que uma liberalidade exibitória, nada mais escravizante do que uma liberdade irresponsável. A liberdade intelectual, sàbiamente compreendida, significa a emancipação de restrições irrazoáveis e não a fuga aos direitos de autoridade. Quem sente a responsabilidade de ser livre sabe que só se pode alguem emancipar do erro pela verdade, o que, aliás, não designa um simples assentimento intelectual a dogmas e credos ortodoxos, sejam religiosos, políticos ou econômicos. Até se integralizarem em nossa experiência e modo real de pensar, as opiniões não passam de meros preconceitos. Saber é emancipar-se. Uma vez senhores da arte, da poesia, da ciência médica, podemos então esquecer-lhes as regras, pois o próprio espírito daquelas nos libertou destas. Quando menos acôrdo damos á presença de tais regras é que melhor as observamos. O mesmo acontece com os que se tenham tornado mestres, quer na arte, ou na ciência das pesquisas, ou nos ensinos acadêmicos.

Si a nossa liberdade acadêmica for um meio conduzindo a um fim, — a Verdade, devemos venerá-la sempre. Tinham-na os antigos egípcios como "a primeira e cardeal virtude". Platão ensinava que "a mentira é odiada pelos deuses e pelos homens". Na visão que S. João teve da cidade de Deus, notou que os traïdores da verdade ficaram do lado de fora dela, juntamente com outros caracteres desprezíveis, como bem diz: — "Lá fora estão os cães e os feiticeiros, os adúlteros e os assassinos, os idólatràs e todos quantos amam e operam mentiras". Tenhamos em mente a exortação de Pedro: — "que devemos agir como o fazem os homens e mulheres libertados: sem fazer uso da nossa liberdade como manto de perversidade, porém, como servos de Deus". Não haveremos de passar á vida de mais largos descortínios, de liberdade mais ampla sem que primeiro nos tenhamos submetido a determinadas e justas restrições, limites e privações. A liberdade é o uso direito, reto e sem peias de todas as faculdades que Deus nos

deu. A compreensão que de sua responsabilidade devemos ter assemelha-se ás varas que não estorvam a parreira em seu crescimento. A noção de liberdade, infelizmente, tem sido de tal modo pervertida e mistificada que se tem confundido com licenciosidade e anarquia. A falsa concepção dela diz que cada um é livre para fazer tudo o que lhe apraz. Não; a verdadeira idéia ensina que a liberdade é a prática do que deve ser, do que é de acôrdo com as faculdades e a visar sempre o que é melhor para si e os outros. Abraão Lincoln teve a compreensão exata disso quando exclamou: "Não tenho o dever de vencer, mas, o de ser justo. Não tenho o dever de alcançar bom êxito, mas, o de ser digno da luz que em mim reside".

"Hiperião para um Sátiro", foi a hipérbole que Hamlet usou para invocar a censura paterna sobre o tio, que lhe havia matado o pai para desposar em seguida a mãe e lhe usurpar o trono.

Seja qual for a significação que possam dar-lhe, não será cristã a educação cujos resultados não façam distinção entre a liberdade e a licenciosidade; entre a emancipação e a irresponsabilidade; entre os direitos humanos e suas perversões.

Para tornar-se cristã a educação tem que se apoiar sempre na emancipação consequente da verdade, tem que reconhecer as sanções universais. Só assim será o homem livre para praticar o bem.

(4). O Cristo Vivo reconheceu todos os verdadeiros valores. Devemos também imitar ao Senhor, se quisermos tê-lo na verdadeira educação. Uma idéia justa de valores fará com que conservemos os nossos conhecimentos estèticamente equilibrados, mantendo-os em perfeita harmonia com as circunstâncias que dignifiquem a vida. Si a nossa natureza não assimilar devidamente os conhecimentos já adquiridos, integrando-os ao nosso sêr, correm o risco de transformar-se, em nosso cerebro psíquico, num corpo estranho.

São os valores reais que colocam sempre diante de nós o padrão de excelência. Êles nos infundirão um descontentamento divino e uma insatisfação sagrada, mesmo para com o que consideremos as nossas melhores realizações. Compreendê-los com exatidão emprestará solenidade e encanto indizíveis a qualquer trabalho encetado, dará energia ás nossas atividades diárias e livrar-nos-á do marasmo e da estagnação.

J. A. Hadfield, de Oxford, diz, no seu recente livro — "Psicologia e Moral": — "O primeiro objetivo da educação, tanto intelectual quanto moral e religiosa, deve ser a formação de sentimentos e disposições exatas, isto é, a justaposição das emoções aos objetos, idéias e indivíduos que a elas correspondem... Tais sentimentos, porém, só podem ser a base de um caráter íntegro quando se tenham tornado um manancial cristalino de conduta e de hábitos sadios". O mesmo escritor, admoestando contra o perigo de se fazer da liberdade simples libertinismo, acrescenta: "O estímulo propício á vontade, e que particularmente serve para despertar as atividades do sêr, é o Ideal, e o ideal é tudo aquilo de cuja conquista resultam as realizações completas e individuais". Não

conheço uma melhor nem mais exata definição de valores, uma melhor coordenação de idéias sobre como nossas emoções podem relacionar-se, um ideal que melhor sirva de estímulo á vontade do que aquilo que descreve S. Paulo na sua carta aos Filipenses: "Tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, si ha alguma virtude e si ha algum valor, nisso pensai".

A Realidade é a essência e o motivo das novelas teatrais, como é de nossa educação e de tudo o mais. Acontece, todavia, que ficamos tão absortos na pesquisa da verdade e tão obscurecidos pela ânsia do real, que perdemos de vista a Realidade última. Somos muito propensos a satisfazer-nos com a mera aparência. Acreditamos muito nas cousas que o momento nos oferece. — Ora, tanto é real uma simples gota dágua, quanto o é o oceano, a nuvem, a fonte e a flor. Nosso corpo é uma máquina, porém nosso eu é muito mais do que isso. O universo parece todo êle mecanismo, mas é, no fundo, profundamente espiritual. Sir James Jeans, no seu livro — "O universo misterioso", afirma: "O universo principia a afigurar-se-nos mais um grande pensamento do que uma grande máquina". Falando do mundo da luz, potencial ou existente, acrescenta: "Toda a história da sua creação pode ser narrada, completa e com perfeita fidelidade, em quatro palavras: "Disse Deus: haja luz".

Certo escritor materialista, de alguma fama, escreveu recentemente um ensaio em que diz: "Falando-se astronômicamente, o homem é insignificante". Tal afirmação não deixa de ser aparentemente conclusiva. Realmente, comparado ás maravilhas astronômicas, o homem parece mesmo ser insignificante. Já vos disse que diversos cientistas se empenham em observar a gigantesca evolução que se opera a setenta e cinco milhões de anos, nos espaços. Que distância é essa? Vejamos. A luz se propaga a razão de 186.000 milhas por segundo. Logo, se multiplicarmos 186.000 por 60 teremos o número de milhas percorridas num minuto; e si novamente multiplicarmos o resultado por 60 verificaremos o número de milhas vencidas em uma hora; o produto, por 24, a distância num dia; esta, por 365, a dum ano, e tudo, finalmente, multiplicado por 75 milhões nos dará a distância em que os cientistas observaram a formação infra-vermelha na longínqua luz estrelar. Não ha dúvida de que em contraposição a números tais o homem, de fato, pareça insignificante. Todavia, o professor George Albert Coe, diplomado pela Universidade de Boston, que é profundo filósofo, logrou dar a isto resposta cabal, usando das próprias palavras do agnóstico. Disse êste: "Falando-se astronômicamente, o homem é insignificante". Retrucou a isto Albert: "Falando-se astronômicamente, o homem é o *astrônomo*". Magnífica resposta! Porque, muito mais maravilhoso do que as estrelas, é o astrônomo. E' o homem quem mede as distâncias siderais, quem pesa as estrelas. E' em relação a êle que se consideram as cousas como estando próximas ou remotas. E' por comparação com êle que se classifica como pequeno ao átomo e como imensa a estrela.

Tinha razão o velho filósofo grego, Protágoras, quando exclamou: "E' pelo homem que se operam todas as cousas". E o homem, pelas suas realizações, por suas faculdades e seus esforços, ocupa o primeiro plano. Quasi nada valerá a educação para a juventude, na luta pela vida, si não souber erigir alvos que possam ser contemplados.

Os valores humanos devem preceder a todos os demais. A questão humana sobreeleva-se á da propriedade, á das tradições e instituïções. E' em bases humanas que devem finalmente ser julgadas as relações industriais, o intercâmbio social e os movimentos políticos.

(5). O Cristo Vivo andou praticando o bem e ensinando que a grandeza consiste em servir. Êle mesmo disse que sofria com as multidões. A palavra *simpatia* (sympathia) origina-se de dois vocábulos gregos: *sym* — junto com, e *páthos* — sofrer, significando — "sofrer junto, com". Só podemos ser de utilidade ao viandante cansado, quando nos apercebemos de que pesado lhe é o fardo, fracas suas costas, áspera e longa a estrada, tempestuosos os céus e que muito forte é o vendaval. Devemos acrescentar ao nosso saber, gênio e eloquência a compaixão das misérias do mundo, não permitindo que o nosso confôrto nos incapacite um juízo certo da situação dos desgraçados. Onde quer que haja fraqueza, alí devem agir as faculdades fortalecedoras do homem e da mulher bem educados. A compaixão pode calcular melhor do que a matemática, alcançar mais longe do que o telescópio, caminhar mais rápido de que o automóvel e o aeroplano.

Não é racional que o homem ilustrado viva só para si; é mistér viva uma vida mais ampla de filantropia e de piedade. Bem o exprimiu Isaías, quando disse: "Deu-me o Senhor Deus a língua dos sábios para que eu pudesse dirigir ao cansado a palavra na ocasião oportuna".

"Sempre que tivermos ocasião, pratiquemos o bem a todos os homens", disse S. Paulo. Afere-se a responsabilidade pela habilidade. De quem muito possue muito se exige. A lei da vida requer façamos uso do que temos, sob pena de perdas. As obrigações são equivalentes às capacidades individuais. Não nos assiste o direito de nos iludirmos a nós mesmos, supondo que teríamos agido de modo mais nobre, si tivessemos tido um campo mais vasto. Vale mais tornar grande toda a ocasião do que se reservar a si próprio para algum momento excepcional.

Deus espera que façamos sempre o melhor, — *como* pudermos, *com* o que temos e *onde* nos achamos. Êle não exige mais e não temos direito também de fazer menos.

A parte social implícita em tudo quanto venho dizendo tem sido, até aquí, muito clara. Cumpre-nos dar mais ênfase à questão de servir do que à de lucrar.

O egoismo nunca tem razão, e jamais beneficiará a quem quer que seja. A falta de método e de inteligência geram as crises econômicas que, de tempos a tempos, projetam o mundo na depressão e na miséria. A sociedade deve ser organizada de tal modo que venha a ser uma vida mais exuberante para o maior número possível de indivíduos.

Isso significa boa cooperação, amor recíproco, utilidade, sacrifício e piedade cristã.

(6). A mensagem do Cristo Vivo se corporificou nesta idéia feliz e predileta: — "O Reino de Deus". O pensamento fundamental da frase "Reino de Deus" deve ser e é interpretada por esta outra: — "Seja feita a tua vontade". E' como si Jesus, ao ensinar-nos a orar — "Venha a nós o teu reino", e por que mal o compreendessemos, se apressasse a explicar-nos a idéia certa, acrescentando a súplica: "Seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu".

Os compatrícios de Cristo viviam constantemente pensando no *Reino* de Deus, ao passo que Cristo em um Reino de *Deus*. Aqueles pensavam mais nas formas exteriores. Jesus, em fazer-se a vontade de Deus. O reino de que falava êle não era uma obra transitória, nem uma disposição de ordem inferior, nem uma ambição humana. Era o Reino de *Deus*. Quando, nesse espírito de Jesus, oramos — "Venha a nós o teu reino", não devemos pedir com a idéia de que alguma figura austera vai cair dos céus, pronta a adaptar-se a esta idade materialista. Não devemos orar que se manifeste alguma alteração súbita nas dispensações, nem que o reino sobre nós se imponha através de algum maravilhoso acontecimento apocalíptico. Devemos antes orar pelo predomínio de idéias, finalidades e intensões das mais sagradas e elevadas. "Êle rege o mundo pela verdade e misericórdia".

Sòmente quando estiver já creado um ambiente social e intelectual compatível com o desenvolvimento dos princípios de Jesus é que o reino de Deus se ha de tornar uma realidade na terra. Assim como os mares e as montanhas alteram o ambiente físico, também a educação o faz com relação ao espiritual. Assim como o "Gulf Stream" leva ás regiões limitadas pelo círculo ártico maior calor, absorvido da luz do sol equatorial, do que o calor recebido pela zona ártica diretamente, assim também as correntes da piedade inteligente e vital, do descortínio e da tolerância, da sinceridade e da percepção de Deus, emanando das nossas instituições de ensino, devem exercer influências modificadoras de clima na sociedade, creando uma atmosfera espiritual propícia ao crescimento do idealismo cristão no solo da verdade científica.

(7). O Cristo Vivo colocou a criança no centro da humanidade e fez dela a norma espiritual, do Reino de Deus. Todos os nossos conhecimentos da moderna psicologia infantil devem ser orientados em conduzir a verdade á mente das crianças. Devemos nos preocupar mais com estas do que com exigirmos aprovação intelectual delas aos nossos dogmas ou crenças. O nosso programa deve ter como base a *criança* e não a *escola*.

Si pudermos tornar a religião natural, normal e sadia nas crianças, fatalmente a encontraremos nelas arraigada quando um dia ingressarem nas Universidades. Para tanto se conseguir valem mais as atitudes e os ambientes do que as meras formas.

Eis-nos, pois, chegados ao ponto culminante de toda a questão: "A verdadeira educação deve ter em si o poder transfigurador e glorificador do comum". Temos direito de esperar que a educação torne o homem num ser independente; familiar com os processos práticos que fazem a vida confortável; preparado para ser um cidadão; feito um homem de letras ou um teólogo, um cientista ou um artista; mas, com algo mais: — a educação deve fortalecer e dilatar a sua fé em Deus; tornar mais sensível a sua apreciação das realidades espirituais, dotá-lo de uma concepção inteligente da vida humana, de suas necessidades, possibilidades e deveres, aprofundar-lhe a distinção entre o bem e o mal, fortificar as convicções que tem daquelas verdades nimbadas das mais impressionantes confirmações.

Devemos criar um ambiente tal aos nossos estudantes que se tornem sensíveis á grandeza trágica da vida. Cumpre-nos conservar uma visão clara da verdadeira finalidade e alvo do esfôrço educativo, — o desdobramento da personalidade, o cultivo dos ideais, o privilégio das visões, a clareza de intuitos, o fortalecimento da vontade e o desenvolvimento da fôrça moral.

Creio de todo o coração no valor prático da educação. Todavia, faço-vos hoje, a todos, um apêlo a vos dedicardes a esta educação cristã, que tem o poder de criar auréolas sagradas em derredor das cousas rotineiras da vida, que tem o poder de tornar a vida mais nobre, mais bela, mais expressiva, mais cheia de ordem e de saúde, que tem o poder de conduzir almas e corações ao que é Belo, ao que é Santo, ao que é Justo e ao que é Verdadeiro!

IBERO-AMÉRICA E A CRISTIANIZAÇÃO DO MUNDO MODERNO

(Dr. S. G. Inman, Nova York — EE. UU. da América do Norte)

Estamos experimentando na atualidade uma das quatro ou cinco crises que se têm produzido na civilização, desde que esta se estabeleceu em Babilônia e Egito; crises como as que se sucederam quando Alexandre, o Grande, conquistou o mundo civilizado, como quando Roma chegou a dominar a Europa e a Ásia e ainda quando o sistema capitalista moderno entendeu de reimplantar no mundo o sistema feudal.

No meio do colapso presente, parece que não sòmente nosso sistema econômico, mas também nossa educação e política estão para tomar um novo rumo, si bem que êste não tenha sido ainda descoberto ás claras.

Pela primeira vez, desde que se adotou o sistema capitalista, que começou a desenvolver-se mais ou menos simultâneamente com o descobrimento e a colonização do Novo Mundo, pela primeira vez, dizemos, ao capitalismo, com o qual estão ligadas a civilização atual, conjunta-

mente com as nossas igrejas, se apresenta um rival: "o comunismo". E' prematuro antecipar o rumo definitivo que tomará o comunismo. Sabemos que busca a conquista do mundo por meio de uma filosofia materialista e anuncia que a religião é o ópio dos povos. E' enorme o desenvolvimento das ciências e das invenções mecânicas que estão contribuindo, em certo sentido, para acentuar êste movimento secularista.

Em todas as partes do mundo reina a revolução. As antigas religiões sofrem modificações radicais e, em algumas partes, completa dissolução e, á medida que o progresso científico e comercial aclara a marcha do pensamento da humanidade, instituïções que até agora eram tidas em grande veneração, por conceito unânime respeitável, são inteiramente menos apreciadas. Normas de conduta moral que se supunham perfeitamente estabelecidas são hoje severamente criticadas. Um novo relativismo pugna por entronizar-se na mentalidade humana. Juntamente com isto, o homem contemponrâneo encontra contìnuamente o sofrimento e a dôr que se expressam, em parte, pela falta de esperança em poder encontrar os mais altos valores da vida, e em parte, também, pela luta tràgicamente anelante de se encontrar uma nova base para o pensamento e a vida. Hoje ha ressurgimentos de nacionalismo que, a cada passo, se levantam, como ha um sentimento cada vez mais dolorosamente conciente da opressão das raças e das classes.

E nestes transcendentais momentos estamos reunidos num congresso mundial, delegados vindos do Oriente e do Ocidente, da Ásia e Austrália, da Europa e das Américas do Sul e do Norte. Em cada uma de nossas pátrias ha hoje fome e sofrimentos materiais e espirituais. Ao retornarmos áquelas, desta cidade, a mais formosa que Deus fez, esperamos levar aos nossos lares alguma mensagem de esperança e alento. Qual será?

Permití-me perguntar si é possível neste continente descobrir as caraterísticas da vida que o mundo deve adotar, si deseja fazer justo equilíbrio entre seu prodigioso progresso material e os valores espirituais sempre indispensáveis e nobres?

Discute-se muito sobre a superioridade e inferioridade das civilizações ocidental e oriental. Sustento a convicção de que ha um povo melhor preparado do que qualquer outro para servir de mediador entre os extremos do Este e do Oeste. Êste povo se compõe dos iberos, e seus filhos legítimos; os povos da América. Os íberos chegaram á Europa por via do norte da África, levando consigo muitos dos caraterísticos do Oriente. Em algo se misturaram com os ocidentais, mas permaneceram íntegros na península. com suas próprias idiossincrasias, as quais levaram ao novo mundo e as impuseram sobre os aborígenes da América. Temos, pois, na Ibero-América, e igualmente na Espanha e Portugal, um povo único em seu gênero, que possue uma filosofia da vida que pode ajudar o mundo a estabelecer o verdadeiro equilíbrio entre o valor espiritual e o material.

Por outra parte, existe também um grupo de ibero-americanos que estão procurando copiar a civilização mecânica dos povos industriais. A máquina, na verdade, pode produzir muitas bênçãos si se usar como elemento de auxílio e nunca no lugar de mentora do homem. E espero, com toda a minha alma, que os iberos não hão de perder as suas riquezas espirituais, o seu dom de sonhar, a sua disposição para sacrificar mesmo o êxito de negócios afim de dispor algo de seu tempo para cultivar as amizades; confio em que não descuidarão de continuar acentuando mais a poesia, em lugar das matemáticas, e que não sacrificarão todas estas riquezas místicas, afim de trocá-las por máquinas que, segundo se crê, erradamente, trazem a felicidade!

Benjamin Franklin refere que, quando era menino, viu um mimo que muito apreciou. Reuniu assim todos os seus centavos e brinquedos e os ofereceu em troca do mimo. Prontamente se desiludiu, pois disse a si próprio: "Paguei muito caro pelo meu mimo!" O filósofo conservou como experiência para toda a sua vida a lição de que não vale pagar caro demais por um mimo, mesmo sendo muito lindo...
O mesmo que a Franklin, podia suceder aos iberos, á frente da tentação de se desfazerem de seus valores raciais para alcançar grande êxito no mundo mecânico. O fato de que não ha no Sul tanto mecanismo como no Norte, não significa que, por êste motivo, os iberos sejam inferiores. São diferentes, porém não inferiores. Bem pode ser que não gozem de muita comodidade material e que no assunto ordem, saúde, educação pública e desenvolvimento econômico respondam negativamente aos "Standards" ou normas, digamos. dos norte-americanos. Todavia, posso afirmar que o choque estrutural que estamos sofrendo nos países anglo-saxões, na atualidade, com referência á perfeição de nossa civilização, nos predispõe a perceber algumas das vantagens de ibero-americanos que, até agora, haviam sido considerados, em grande parte, como deficientes.

Temos aquí o símbolo da eterna luta entre o homem prático e o sonhador, entre o sociólogo e o místico, entre Sancho Pança e Dom Quixote. Com seus insensatos ataques aos moinhos de vento, Dom Quixote representa o melhor da vida espanhola. Miguel de Unamuno, que escreveu o melhor comentário sobre Dom Quixote, afirma que seu povo jamais recobrará a sua virilidade de antanho até que reviva em Dom Quixote, sem transição alguma. Precisamente foi a luta para recobrar êsse espírito o que fez da recente revolução espanhola um acontecimento importante na história do mundo.

O conde de Keyserlig não aparece tão errado quando, em seu livro sobre a Europa, disse: "Tudo o que é mais importante para o futuro da humanidade deve esperar-se da América Espanhola, que está amadurecendo, da Espanha que está ressurgindo. Êste ciclo cultural está dotado de todas as qualidades necessárias para suplantar a unilateralidade da América do Norte, que confia muito no mecanismo e no tecnismo".

Outro moderno escritor, Stuart Chase, saiu recentemente do México com a profunda convicção de que os norte-americanos têm muito que aprender daqueles mais antigos americanos.

Ibero-América tem um manancial de inspiração, que oferece ao mundo dobrado sob o pêso de sua armazenagem de erros: é sua vida de contemplação, de serenidade, de cortezia, seu hábito de empregar boa parte do seu tempo com amigos humanos em vez de o perder guiando automóveis e ouvindo rádios.

Em última análise, vale mais do que uma estrada de ferro e do que um arranhacéu êsse Ricardo Rojas, reitor que foi da Universidade de Buenos Aires que, ha três anos, favoreceu o pensamento moderno, ajudando-o a entender a Cristo, por meio de seu livro — "El Cristo Invisible"; vale essa Gabriela Mistral, humilde professora das campinas do Chile, que chegou a ser a poetisa que melhor interpretou, tanto para a Europa como para a América, o espírito da infância; êsse Amado Nervo, que, nascido no México, chega a traduzir o espírito místico da alma humana de tal maneira que suas poesias infundam alento á alma universal; êsse José Carlos Rodrigues, filho desta terra sonhadora, autor, entre muitos livros, de um dos melhores estudos sobre o Antigo Testamento; e êsse Gonçalves Dias, que nos ensinou o amor da pátria num magistral poema quando cantou:

> "Minha terra tem palmeiras
> Onde canta o sabiá;
> As aves que aquí gorgeiam
> Não gorgeiam como lá.
>
> Nosso céu tem mais estrelas,
> Nossas várzeas têm mais flores,
> Nossos bosques têm mais vida,
> Nossa vida mais amores".

Êsses ilustres filhos da América ideal, incontestàvelmente, representam mais, muito mais, em grau comparativo, do que as formidáveis expressões mecânicas de nossos dias, porque são expressões de uma alma imortal, da alma mística da península ibérica, que vem em busca destas terras para convertê-las em terras fecundas donde se assente o Reino de Deus.

A América do Sul foi o único continente que elevou no cume de sua mais alta cordilheira uma estátua a Jesus Cristo. Desgraçadamente, os povos dêste continente, como igualmente os demais, nem sempre se têm sujeitado com fidelidade aos ensinamentos do Mestre da Galiléia. Entretanto, sabendo que Cristo Jesus e seu Evangelho de Paz, de Justiça e de Amor são a única salvação de nossa desvairada civilização, apelamos para vós brasileiros, e a vós, dos demais países sul-americanos,

como também a todos os povos iberos, para que nos ajudeis a falar de novo do valor dos valores espirituais! Exaltando-os, poderemos evitar o ressurgimento do nacionalismo egoista que está para afundar o mundo, novamente, na espantosa desolação da guerra. As paixões excitadas têm nublado o céu internacional, que sempre deve estar límpido. Ajudai-nos a trilhar o caminho da paz!

Em 1826, na cidade de Panamá, os povos da América Latina se reuniram com o fim de estabelecer uma Liga das Nações. O nobre povo do Brasil tem inscrito em sua Constituição o princípio de que todas as suas questões internacionais devem ser resolvidas por meio de arbitragem. A Argentina, o Chile e o Uruguai sempre têm insistido sobre a arbitragem. A totalidade dos países iberos desde o princípio se pronunciaram resolutamente a favor da Liga das Nações. Não obstante, agora, desgraçadamente, o recrudescimento do espírito pacifista se vê um tanto detido. Os rancores que o nacionalismo enfêrmo crêa são como uma muralha que detem o avanço da fraternidade humana. Os países iberos que em épocas passadas marcaram os meios da compreensão da paz internacional devem, de novo, converter-se nos pioneiros da maior causa do mundo.

O'! países irmãos da Ibero-América, ajudai-nos a devolver ao mundo o gôzo e a paz que perdeu por ter corrido em busca dos deuses estranhos do materialismo e do êxito transitório! Ajudai-nos a encontrar para vós mesmos, para todos os habitantes do mundo, Aquele em quem sòmente a civilização exhausta e desorientada poderá achar sua felicidade, Aquele que, como diz o lema desta Convenção, é "O CRISTO VIVO!"

A REFORMA ESPIRITUAL DA AMÉRICA LATINA

(Pelo Professor G. Baez Camargo, México)

A reforma espiritual da América Latina é, antes de tudo, um necessidade biológica. Os povos desta região do mundo sofrem tendência fatal de darem á vida um cunho estático, uniforme, inerte. Disso resulta que tanto a vida individual quanto a coletiva cedo se converte em concepções e hábitos imutáveis, em formas e instituições inflexíveis e refratárias á evolução.

Poderá ainda haver espíritos que ignorem que viver significa essencialmente desenvolver, evoluir e renovar? Que a vida se torna fecunda e vigorosa sòmente quando lhe instalamos princípios, que a sustenham, renovem e a estimulem a um contínuo crescer e ao despertar para as conquistas que não cessam?

E' por isso que, do seu retiro castelhano, nos incita Miguel de Unamuno a que tornemos a vida aquilo que realmente é: — uma agonia e um conflito, um constante morrer e ressurgir. E, do seu retiro latino, Gabriel D'Annunzio, tangido pela mesma idéia, faz ressoar ao mundo o seu dilema fundamental: "Renovar ou morrer!"

Nunca foi tão imperiosa a necessidade de nos emanciparmos dessas atitudes estáticas, como nesta hora suprema de instabilidade universal, que experimentamos, — neste momento a um tempo trágico e sacudido de comoções e oportunidades; de um contínuo entrechocar de fôrças destrutivas e construtivas; de auroras e crepúsculos que se alternam.

A cultura não é um frasco de conservas. E' antes uma planta em desenvolvimento. Nãq é qualquer cousa já elaborada e que se possa retalhar, acondicionar e encerrar-se, em seguida, em montra reservada, como si fôra uma fórmula imutável. Não; é uma obra de creação contínua. Nosso papel não é o de embalsamadores de múmias, porém, o de amanhadores do solo, ceifeiros, artistas de searas onde a vida, vigorosa e eterna, transmuda-se a cada momento em novos aspectos e desponta em florações perpétuas.

O ASPECTO RELIGIOSO DA AMÉRICA LATINA — SUPERFICIALIDADE

Não ha dúvida de que, ao aspecto religioso típico, a América Latina encerra três caraterísticos: superficialidade, contradição e esterilidade.

A notável observação que Ricardo Rojas fez em relação á "superficialidade do culto e da vida", na Argentina (1) pode ser extensiva a toda a nossa América. Revelam-na as principais formas religiosas clássicas da América Latina.

A religião de nosso povo é um acervo de preceitos cristãos mesclados de crenças superticiosas e práticas. — A oração se converteu numa fórmula de magia, a crença na Divindade saturou-se de terrores fatalistas; objetos e imagens do cerimonial do culto, cuja função primitiva era, sem dúvida, simbólica, são hoje talismans a que se adoram como si alguma divindade neles habitasse. Os grandes heróis e mártires do cristianismo passaram á categoria de manes tutelares, ou deuses inferiores, á maneira dos costumes pagãos, e servem, nos grandes atos litúrgicos, de simples pretexto para espetáculos tão suntuosos que nos deixam os sentidos perturbados.

A tudo isso se deve acrescentar ainda, em maior ou menor escala, a nossa relutância pessoal ao estudo e á meditação das questões religiosas. A consequência aí temos: — uma reclusão dogmática e uma estrita subserviência á letra, de que resultou, por efeito de conclusões definitivas e absolutas, extinguirem-se tanto o espírito de investigação quanto o interêsse individual pelos problemas da alma. Em estilo candente Unamuno verbera êsse, "temor de pensar". "Êsses bárbaros", diz êle "pensam já terem resolvido todos os problemas" (2)

Por via de regra, êsse aspecto grotesco de religião popular não atinge as classes cultas. Estas, porém, também seguem rumos igualmente inseguros. Praticam o que muito acertadamente se pode classificar de religião de sala de visitas. Mantêm, até certo ponto, a observância das práticas religiosas. Fazem-no, todavia, por uma questão de obra

de educação e como pretexto para reuniões sociais. Temos, depois, a religião romântica, de cuja ara não irradia inspiração alguma para a vida coletiva. O altar foi substituído por teses de inspiração artística e literária, e o fervor religioso suplantado por mera emoção estética.

ASPECTO RELIGIOSO DA AMÉRICA LATINA — CONTRADIÇÃO E ESTERILIDADE

Num ligeiro conto, — "O Aviso", — traçado com maestria, Emília Pardo Bazan coloca nos lábios de um personagem seu — o pai Baltar, — a seguinte apreciação do herói da sua história: "Era como os demais homens da sociedade contemporânea; Cristão, Católico, — um crente sincero mesmo; porém, leviano no tocante a leis e regulamentos; tratava como letra morta todos êsses preceitos estabelecidos, ao influxo dos quais a alma tende a despertar. Não que desrespeitasse os mandamentos da igreja. Ao contrário, gabava-se mesmo de os observar com zêlo, tratava, porém, frìvolamente a lei de Deus".

Melhor não poderiamos designar essoutro caraterístico da nossa vida religiosa, que representa em si atualmente uma formal contradição. Subscrevem-se dogmas. Observam-se práticas exteriores. Conservam-se as devoções rituais. A religião, porém, se detem até aí. O que se sente na vida quotidiana é uma profunda indiferença a tudo quanto se inclina a promover o bem-estar público e individual, a conservar o decôro ético. Divorciou-se a religião da fé. A que se professa é uma festa de contradição, cujos frutos são os "crentes" a um tempo mundanos e devotos. Exatamente o caso de que nos dá exemplo a historieta acima.

Não é, pois, de estranhar que tamanha indigência: de vida íntima, tamanha estreiteza na exata compreensão da ética e um tão grande desinterêsse pelos problemas sociais nos houvessem tornado raquítica e estéril a vida religiosa. A parte ortodoxa da doutrina e o esplendor dos ritos não podem, sòzinhos, transformar-se numa inspiração fecunda nem num poder creador. Entre nós a religião deixou de ser, si é que jamais o foi, um rasgo sublime de meditação, um sentimento profundamente ativo, uma energia renovadora.

O Dr. John B. Teran, eminente catedrático da Universidade Argentina, assim sumarizou a nossa situação religiosa: "Na Argentina", diz êle, — "a difusão do cristianismo pela palavra ainda não alcançou nem a esfera espiritual nem a prática. A conversão da América a Cristo não foi um ato consumado no tempo da conquista. E' antes um processo ainda incompletamente a se realizar na massa do povo". (3)

URGE UMA RENOVAÇÃO ESPIRITUAL!

O que se vê e se ouve, diàriamente, é um grande número de pensadores eminentes a proclamarem a necessidade imperiosa de um retôrno á espiritualidade, a necessidade urgente de nova avaliação reta dos dons supremos, que regem o espírito, em contraposição ao efeito de certas

conclusões a que chegámos, através de investigações científicas, porém. materialistas. Muitos são os que, á semelhança de Fernando de Los Rios, na Espanha, vêem na possibilidade duma renascença religiosa "indícios de aurora anunciando um novo dia". (4)

Na América é também grande o número de indivíduos que, olhos fixos no horizonte, aguardam ansiosos a manifestação de reavivamento espiritual. Isso, porque os espíritos mais observadores estão possuídos da profunda convicção de que nenhuma das formas atuais da nossa religiosidade superficial, inerte e contraditória, jamais poderá resolver o menor dos problemas que nos assaltam. Sòmente uma vida religiosa que seja reflexo de uma alma profundamente retemperada na fé; só uma compreensão elevada da verdadeira ética; só um espírito sèriamente preocupado com tudo quanto promova a verdadeira justiça e o bem-estar público poderão servir-nos de núcleo em tôrno do qual gravite a gama de fatores capazes de rehabilitar todo o nosso sistema de valores morais, atualmente em crise.

Porque, em nosso patrimônio histórico e em nossa estrutura social está arraigado um tradicionalismo fóssil e em franca decomposição. Não vemos e não cremos existir outro recurso, para a consecução do tipo religioso ideal, sinão o de uma enérgica e redentora revolução espiritual. Os sinais dos tempos anunciam em voz tronitoante, com ecos de clarins, que a hora está próxima!

O CAMINHO A SEGUIR PARA A REFORMA ESPIRITUAL

Perguntaremos: — Como deverá ser realizada essa reforma espiritual? Que caminho seguir? Que rumo a tomar?

Respondemos: — Em virtude da nossa espiritualidade sem raízes é mistér, antes de tudo, esforçar-nos por aprofundá-la em nós, porque nisto vai a base de quaisquer realizações ulteriores. E' forçoso nos compenetremos de que a religião não pode continuar superficial como até aquí, convertida em mero ritualismo, em prática só por fora, inerte e nula, incapaz de agir.

Urge que nos esforcemos também por imprimir á nossa vida religiosa uma crescente e sublime feição ética. Esta renascença do Cristianismo significa um regresso ao Sermão da Montanha. Temos o dever de tornar a religião não apenas uma questão de dogma ou de rito, mas de um padrão para a vida e a conduta de cada hora.

Alfim, que a nossa espiritualidade se revele em atos de justiça, em construtivas atitudes, em pról da sociedade, sem nos esquecermos de que o Evangelho foi, a princípio, prègado aos pobres, cativos e desgraçados. Porque somos forçados a reconhecer que com a base atual em que está sendo construído o edifício social, não enfrentaremos nunca o julgamento inflamado de amor e de justiça do Revolucionário espiritual de Nazaré.

Do Perú escreveu o jovem lider socialista, Mariátegui, que o único meio de se implantar a nova espiritualidade no coração da América consistiria em pronunciar-se ela, altiva e abertamente, contra as injustiças

que se processam á sombra da nossa estrutura social. (5) Um irmão de raça e de idealismo do ilustre brasileiro, General Rondon, que se chamava Benito Juarez, o grande presidente índio do México, sem dúvida assim também pensava quando exclamou: "O índio precisa de uma religião que o alfabetize e não que lhe ensine a gastar suas economias com velas para os santos". (6)

Essa nova espiritualidade deve, pois, produzir inspirados e dedicados apóstolos da justiça. A reconstrução social é hoje prègada em tons que reçumam ódio. Ora, o de que carecemos é de reformadores cheios do ardor dos antigos profetas hebreus. Prèguem-na e realizem-na em nome daquele que expulsou do Templo os que profanavam o seu recinto sagrado! Que esperança pode haver numa religião que não faz outra cousa sinão exigir se queime incenso diante de seus altares, ao passo que, junto e fora do Templo, as classes privilegiadas se entregam ao mundanismo, vendo a seus pés morrendo de fome aqueles a quem expóliam?

O INFLUXO DE UMA NOVA ESPIRITUALIDADE

Declaremos aquí sem embustes ou hesitações, afim de que seja claramente compreendido, que, para realizarmos uma verdadeira reforma espiritual, não basta importar de outros povos novos programas, teorias ou organizações. Incidiriamos assim nos mesmos erros de superficialidade, que vimos denunciando e criticando. O problema não pode ser solucionado por uma simples mudança de denominação religiosa ou por uma filiação a um credo qualquer.

O de que necessita nosso petrificado organismo religioso da América, para se transformar e revitalizar, é do influxo dinâmico duma nova espiritualidade, é da ação renovadora de certos germens e fermentos que, a exemplo do da parábola, o transformem, infundindo-lhe nova seiva. Só se justificaria a creação de novos grupos cristãos, fora da grei tradicional, si fossem arautos fieis dessa espiritualidade poderosa, incansáveis disseminadores daqueles fermentos.

Baldados serão sempre quaisquer esforços tendentes a reformar espiritualmente a América, si tais grupos cometerem o erro fatal de se restringirem á propagação de formas espirituais nativas de outros solos. — frutos de costumes que, a seu turno, são consequências de outros temperamentos e de uma expressão externa determinada por outros fatores históricos. Tais grupos, digamô-lo categòricamente, cedo perderiam a sua capacidade construtiva, si limitassem os seus esforços á simples, porém ingrata, missão de fazer prosélitos, ou, si apegados á pompa e á aparência externa de meras formas, se obstinassem em levar avante essa renovação exclusivamente dentro de moldes e regras predeterminadas.

O papel dêsses grupos, si de fato desejam desempenhar a função histórica que lhes está reservada, no preparo, formação e orientação

do surto revolucionador espiritual que aí se aproxima, consiste essencialmente, digamô-lo ainda uma vez, no serem o veículo do germen de uma nova espiritualidade. Para o pleno êxito, porém, dessa tarefa, claro é que se fazem mistér certas formas de organização, certo sistema administrativo e determinados métodos de trabalho. Representam, todavia, meros instrumentos temporais da obra. Não constituem absolutamente um fim em si. Estejamos, pois, seguros, certos de que logo que o fermento espiritual vá operando, o fluxo de vida por êle gerado irá determinar o seu próprio curso e elaborar as suas formas de expressão.

Não haverá motivos de alarme si, para tanto, surgir a alteração ou mesmo o desaparecimento de certas formas primitivas que serviram, a seu tempo, de veículos para levar avante a reforma. A vida é sempre assim. Recusa-se a permanecer estática. Ou transpõe os limites que a procuram restringir ou os rompe, quer para torná-los mais solidos, quer para promover-lhes coordenação e eficiência, por isso que dêles irá necessitar na sua marcha triunfal e fecunda.

Para consolidar, coordenar e promover a eficiência dêsses grupos, é forçoso que lhes estimulemos as energias espirituais, afim de que possam compreender a exata significação e a verdadeira transcendência dessa reforma. São chamados, não para que sejam sòmente os arautos, mas também os obreiros nesse grande movimento libertador de conciências. Devem, pois, conservar frescas e rejuvenescidas as suas reservas de energia espiritual, evitando assim os mesmos defeitos que marcaram as formas tradicionais do nosso espírito religioso.

O CRISTO VIVO

Si êsse organismo espiritual moribundo da nossa América só pode ser revitalizado pela ação do santo fermento e ao influxo de uma nova espiritualidade, de onde necessàriamente emanarão?

A resposta nos vem nesta sublime frase que é o tema da nossa Convenção: "O Cristo Vivo". "O Cristo Vivo!" E' êle o único poder supremo capaz de reformar o mundo, a única fonte de energias que se não dispersam nunca, o manancial perene de vida eterna.

O Cristo Vivo! — nossa aspiração suprema.

O Cristo Vivo! — nossa única esperança.

A ti volvemos de novo os olhos e o coração nesta hora de angustiosa desolação, quando vozes fatídicas predizem desastres e clamam que tu estás morto, quando bandos de sinistros corvos voltejam em tôrno á tua Cruz. Tu, que és o Caminho, guia-nos. Tu, que és a Vida, vivifica-nos! Torna a mover a pedra do sepulcro onde te têm querido sepultar outra vez os teus inimigos e muitos daqueles que se professam amigos teus. Mostra-lhes ainda uma vez que tu vives e reinas!

A grande tragédia espiritual da nossa América, a que tem tornado improfícua, contraditória e estéril a sua religiosidade, consiste em não ter jamais conhecido ao Cristo Vivo. Milhões de lábios pronunciam-lhe

o nome. Sua imagem está aonde quer que volvamos os olhos. Cristos de papel, de marfim, de metais preciosos; Cristos de barro, de gesso e de madeira; Cristos de pedra, de bronze e de mármore — todos enfim, Cristos mortos. No entanto, igualmente morto está êle no coração dos homens.

Quanto é êle desconhecido ainda como uma realidade ativa, sempre presente e que, calado e infatigável, deseja abrir por amor uma senda que conduza aos recônditos escaminhos do coração humano para vivificá-lo e transformá-lo! A renovação espiritual da nossa América representa, pois, essencialmente o renascimento do Cristo Vivo nos corações.

A MENSAGEM DA CRUZ

Si o nosso argumento em favor da conversão a Jesus se restringisse só no apontá-lo como um grande mestre moral, ou como um ideal para a humanidade, seria falho em persuasão e vigor, porque tudo isso seria mera expressão secular de sua personalidade. Nem nos contentemos tão pouco com aceitar a teologia ortodoxa, num simples plano intelectual, como bastante. O de que precisamos é da velha transformadora mensagem da cruz! Deus, que é amor, sofre e agoniza em Jesus Cristo pela redenção da sua obra. Jesus Cristo, o mestre moral, sim. Jesus Cristo, o ideal da humanidade, sim. Infinitamente mais do que isso. Porém, antes de tudo, acima de tudo, é Jesus Cristo a eterna expressão do amor divino que perdoa e redime. A tragédia do Calvário não representa apenas um acontecimento ocorrido ha dois mil anos. Significa antes uma manifestação visível, em dado momento da história, daquele sentimento eterno, manifestado no amantíssimo coração de Deus. Crucificamos a Jesus, diàriamente, pela nossa obstinação e pelos nossos pecados!

Esta é a única mensagem que tem poder de comover o coração humano, preparando-o para a obra transformadora do espírito de Cristo.

Só assim o Cristo Vivo, o Cristo que sofre e trabalha incessantemente pela nossa redenção, aquele que é todo Amor e Poder, será entronizado em nós, fazendo-se a vida da nossa vida. Fora disso nada mais nos poderá livrar do desastre. "O Cristo Vivo!" A inúmeros seguidores seus deu êle vida, e nisso consiste a nova espiritualidade, que irá despertar o nosso debilitado espírito religioso. Do seu influxo vivificador surgirá a renovação espiritual da nossa América.

No alcantil esplêndido do Corcovado, a rasgar em amplo descortínio sobre a terra e o mar, foi erigida uma magnífica estátua de pedra representando Cristo de braços abertos, o Cristo Redentor. A' distância, debuxa-se seu perfil no azul acentuado do esplêndido céu brasileiro, como uma cruz imensa. Mais ao sul, entre os picos de neve dos Andes, ergue-se também outra imagem de bronze do Cristo Pacificador, — de mão levantada a abençoar as populações vizinhas.

Na expressão das nossas vidas enobreçamos o símbolo dessas duas

estátuas; personifiquemo-las. Pelejemos com ardor, com toda a seiva das nossas energias por entronizar, — não em cimos de montanhas, porém, nas esferas superiores da vida; não esculpido em pedra ou cinzelado no bronze, porém, gravado nas fibras do coração, — o Cristo Vivo, — salvação única da América e da Humanidade.

1) De "O Cristo Universal"
2) De "A vida de Don Quixone"
3) De "A Saúde da América Espanhola"
4) De "A Religião e o Estado na Espanha no século XVI"
5) De "Sete Ensaios"
6) — Citação de Justo Sierra no "México e sua Evolução Social".

NOSSA HERANÇA

(Por Sr. Arthur Black, Londres).

Ha duas noites passadas o secretário da China disse ser a sua Associação o "Benjamin" dêste Movimento. Já o representante das Terras Bíblicas se referira á sua União como sendo ainda uma "criança de três anos".

Ai de mim, que não posso alegar essa inocência infantil: represento a grande e venerável avó do Movimento das Escolas Dominicais, trazendo-vos as saüdações e os votos de felicidades da Inglaterra, da Escócia e do País de Gales, um insignificante ponto geográfico em comparação com o vosso admirável Brasil. Temos, no entanto, seis milhões de professores e alunos em nossas escolas!

Quando Roberto Raikes abriu modestamente duas escolas dominicais para menores abandonados de lares operários, lá num recanto obscuro da cidade de Glaucester, ao oeste da Inglaterra, ha 150 anos atrás, quem poderia profetizar que elas se expandiriam tão ràpidamente por todo o mundo? Esta lanterna (o orador mostra uma lanterna antiga) era uma das que Raikes ou o seu criado costumava levar, para iluminar as ruas e vielas escuras e perigosas. Fico a imaginar como muitas vezes o Fundador das Escolas Dominicais saiu, com a sua lanterna, a procurar meninos e meninas que perambulavam pelas esquinas, aos quais trazia para as suas escolas primitivas! Pois esta lâmpada simboliza o frágil instrumento de que Deus graciosamente se serviu então. E, em contraste com a maravilhosa luz elétrica de nossos dias, relembra-nos o progresso quasi incrível da ciência da educação em tão curto período da história humana!

Roberto Raikes viveu na mesma rua em que viveu George Whitefield, e pode-se dizer que a educação religiosa andou nos mesmos caminhos de seu grande Avivamento Evangélico.

Esta expansão das EE. DD. tem sido promovida e registrada por

várias reuniões mundiais. E' de justiça reconhecer que muito se deve aos povos de língua inglesa que, considerando a E. Dominical como um produto natural de sua fé protestante livre, bastante concorreram para a sua implantação em todos os países. A dádiva da Grã-Bretanha a outras terras e ás nações compreendidas no seu império não foi o sacerdote com a missa, mas o professor leigo, com a bíblia aberta e traduzida em várias línguas e dialetos.

Parece miraculosa a multiplicação das Escolas Dominicais! Durante minha curta existência, elas dobraram seu número de membros. Progrediram consideràvelmente em seus métodos, em seus cursos e em sua aparelhagem pedagógica.

Londres foi o cenário da primeira convenção mundial, em 1889. A esta acorreram novecentos delegados, dos quais quasi metade atravessou o Atlântico. B. F. Jacobs foi o seu notável inspirador e Francis Belsey o seu presidente. A Índia foi objeto de grande atenção e para lá resolveram os delegados britânicos enviar um missionário de Escolas Dominicais. Outra Convenção Mundial se reuniu em S. Luiz, nos Estados Unidos, e novamente outra em Londres, antes da famosa assembléia de Jerusalém, reunida em 1904, numa grande tenda, perto da entrada do norte, caminho do Calvário, á vista do Monte das Oliveiras. (Esta antecipou por quasi um quarto de século a Conferência Missionária Mundial de 1928, muito menor, porém, mais diretamente representativa). Perto de 1500 delegados de Escolas Dominicais, vindos de 25 países e representando 50 denominações, demonstraram sua unidade em tôrno do Jesus Real e Histórico, com a criança no centro e com o reconhecimento geral de ser o seu trabalho inspirado por Deus.

Estas primeiras quatro Convenções estimularam a extensão e o progresso das Escolas Dominicais em vários países. Nem mesmo na antiga Roma, sob a inspiração do testemunho heróico e do martírio de S. Paulo, nenhum movimento cristão teve tão assinalado progresso.

Em Colossos, depois do primeiro culto protestante alí realizado nos tempos modernos. organizou-se uma associação permanente de Escolas Dominicais. Foi eleito presidente o Dr. F. B. Meyer, tido em universal estima, e escolhidos para secretários honorários os notáveis líderes Rev. Carey Bonner, de Londres, sobrevivente ainda, e o Sr. Marion Lawrance, o mais amado obreiro das Escolas Dominicais da América do Norte. Como lamentamos a sua ausência! Êles acrescentaram ao trabalho que já tinham em seus países mais o do serviço voluntário em pról de outros, fazendo do mundo a sua paróquia. O Dr. Pearce lá estava, eu também e, talvez, alguns de vós.

Será proveitoso frisar agora e hoje os objetivos primordiais da Associação, como várias vezes ela o tem declarado, e os quais, sob várias modalidades de organização, se vão levando a efeito entre todas as raças, línguas e climas. As finalidades da Associação são estas, em síntese:

a) Promover Convenções e angariar e fazer circular informações a respeito das Escolas Dominicais de todos os países;

b) Envidar todos os esforços por estender a obra das Escolas Dominicais e aumentar a sua eficiência em cooperação com os corpos missionários e com as Associações de Escolas Dominicais, especialmente nos países em que o seu auxílio se fizer necessário;

c) Melhorar os métodos de organização e de instrução nas Escolas Dominicais, bem como promover a formação de Associações de Escolas Dominicais.

Foram nomeados de início oficiais e membros duma Comissão Executiva. Sòmente dois ou três ainda vivem, dêsse nobre grupo de homens de largos horizontes e de ousada fé. Eram verdadeiramente o "sal da terra".

Si bem que se não hajam avaliado os fundos existentes, as Uniões das Escolas Dominicais nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha, e que, aliás, nunca estiveram em situação de desafôgo, conseguiram reunir uma renda bem precária de origem exclusivamente nacional para a obra no mundo. Ficou a cargo dos nossos irmãos norte-americanos proteger o movimento no Japão, na Coréia e nas Filipinas; posteriormente, adicionaram-se-lhes a América do Sul, o México e o Oriente Próximo. O continente europeu foi auxiliado, no que necessitou de ajuda, tendo ficado a Índia sob os cuidados da Inglaterra, enquanto ambas as secções resolveram prestar assistência á China. A África também recebeu auxílio de cada uma delas, porém mui pequeno.

Foram muito concorridas as Convenções Mundiais de Washington e de Zurich, na Suissa, sendo aquela preparada pelo próprio presidente dos Estados Unidos.

Foram apresentados os relatórios de seis inspeções regionais e grandes planos se delinearam para novas campanhas.

Em Zurich, num excelente "hall", 2.000 delegados viam diàriamente suspenso sobre a plataforma um enorme globo, encimado por uma cruz, que projetava luz sobre todos os países e mares, como símbolo de redenção e de paz. A conflagração mundial, porém, que estoirou no ano seguinte, foi a mais terrível negação daquele Evangelho. Assim, não é surpresa que a obra das Escolas Dominicais, em vários países, esteja ainda algo estacionária, especialmente numa hora em que a paz do mundo volta a ser tão problemática!

A Convenção de Tókio, dois anos depois da Guerra, foi a primeira reunião internacional realizada no Japão. Foi acolhida com simpatia e por um país que setenta anos antes parecia eternamente fechado ao Evangelho. Nenhum dos que estiveram presentes poderá se esquecer da hospitalidade e da recepção que os japoneses deram ao Congresso.

Seguiu-se a Convenção de Glasgow, em 1924, havendo trabalhado intensamente pela Europa o Sr. James Kelly, então secretário das Escolas Dominicais Escocesas e atualmente secretário de nossa Associação, e também o Dr. Robert M. Hopkins, de Nova York.

Ha quatro anos passados realizou-se a maior Convenção, em Los Angeles, na costa do Pacífico, assistida por 7600 delegados, sendo a maior parte dos Estados Unidos. A estatística apresentada acusava trinta e três milhões de alunos e professores, seguramente o mais importante corpo de voluntários da obra protestante do mundo. Sessenta e oito por cento de seus membros são dos povos de língua inglesa. Pois esta é a nossa herança! Todavia, a Ásia e a África, com mais de metade das crianças do mundo, ainda não têm metade do número de alunos da nossa pequena Inglaterra. Pois isto é a nossa oportunidade! A pequena luz precisa ainda ser colocada em muitos outros lugares tenebrosos.

Reconstituiu-se a Associação Mundial numa base representativa, com mais de 40 unidades nacionais organizadas, nomeando cada uma delas um ou mais membros de acôrdo com a importância numérica e contribuindo todos para o fundo geral.

Temos estremecido com as mensagens de muitos dos líderes das novas associações. As duas maiores unidades, os Estados Unidos e a Inglaterra, são os principais mantenedores dos fundos com que se auxiliam os campos necessitados.

Ha atualmente umas quarenta pessoas, especialistas na matéria, prontas a preparar líderes nos países atingidos pelo movimento das Escolas Dominicais que, todavia, necessitam ainda por algum tempo de auxílio de fora.

Uma comparação entre o relatório da Convenção de Los Angeles e o da de Roma mostra como se desdobrou o seu escopo. Vai-se reconhecendo cada vez mais que a Escola Dominical, com seus muitos auxiliares, é uma agência sem par para trazer as crianças e os jovens á fé cristã. Estão outrossim ìntimamente ligados com a Escola Dominical o treinamento no lar, o trabalho de educação nas escolas paroquiais, o ensino nas escolas do Estado por professores cristãos, fora das horas de aulas, as Escolas de Férias, como também a produção de literatura cristã.

Em quasi todos os países, o Govêrno só se preocupa com a educação secular, de maneira que as crianças crescem sem saberem que a religião é o supremo fator na vida e na formação do caráter. Isto exige que as Igrejas Evangélicas desenvolvam mais o trabalho das Escolas Dominicais e de outras agências semelhantes.

São dignos de profunda admiração os grandes líderes pioneiros, que abriram o caminho, trabalhando pela cooperação entre os povos mais variados, separados pela tradição, pela distância e pela côr e unidos ùnicamente na sua lealdade a Cristo e no seu reconhecimento dos direitos e das possibilidades da infância e da juventude.

Pode-se afirmar com segurança que êste movimento internacional contribuiu diretamente para u'a maior fraternidade humana, á expansão da obra missionária, impondo-se como um dos meios mais práticos de cooperação interdenominacional.

Muitos dos serviços mais frutíferos foram prestados em visitas feitas aos campos. Referimo-nos á famosa excursão do Sr. Heinz ao Japão, China e Coréia e também á Europa através da Rússia; á volta ao mundo, feita pelo Dr. W. C. Pearce e Miss Brockway; á jornada do Dr. Hopkins pela América do Sul, China e Oriente Próximo; á do Dr. Kelly pela Europa e pela Índia, visitada também por Miss Huntley, da Inglaterra, e pelo Sr. James Cunningham, da Escócia; a três visitas feitas á África do Sul, e, finalmente, á troca de visitas do Dr. Meyer e do Sr. Lawrance á Grã-Bretanha e aos Estados Unidos.

A navegação aérea poderá auxiliar brevemente aos mais remotos recantos do nosso campo missionário.

A grande guerra quasi matou a Associação. Todavia, triunfou a fé e a coragem de um pequeno grupo de homens e recentemente, a-pesar-de angústias financeiras e de rivalidades entre nações, se notaram sinais animadores em vários campos, tanto no Velho como Novo Mundo, o que veio satisfazer tanto aos que prestaram serviço pessoal, como aos que auxiliaram pecuniàriamente á Causa. Muitos homens deixaram consideráveis legados á Causa que amavam, o que veio formar um apreciável fundo de reserva, evidenciando ser irresistível o apêlo das crianças de todo o mundo.

Quanto mais poderia ter sido dado si houvesse mais abnegação! A renda da Associação, bem insuficiente, é apenas de 16.000 libras. O Movimento está precisando da moedinha de viuvas fieis e dos recursos dos milionários! Olhai para êste grande mapa da Associação Mundial (mostra-o) e podereis crer firmemente que, daquí alguns anos, todas as nações, inclusive a Rússia, terão suas Escolas Dominicais organizadas e unidas a esta Associação Mundial, que é uma "Liga Espiritual das Nações". A Igreja da Inglaterra, tanto na Grã-Bretanha como nos campos missionários, como muitas das antigas igrejas do Oriente, tomarão o lugar que lhes compete em tão esplêndida companhia.

Esperamos fervorosamente que esta 11ª Convenção, conquanto seja uma das menores, se nomeie entre as mais influentes. Na América do Sul, como na Itália, ha 25 anos, os delegados dalém-mar se acham em minoria protestante, porém, minoria vigorosa, contemplando com prazer o progresso das Escolas Dominicais, que se multiplicaram nos últimos anos, o que se deve em grande parte ao cuidado maternal da Associação Mundial, e passando em revista 250.000 alunos, duma população infantil de 20 milhões, uma pequena porporção, direis vós; mas, é a semente de uma grande colheita!

Deus fará com que *um* se transforme em *cem* e com que uma pequena nação venha a ser grande e forte. Esta lanterna que vos mostro é um símbolo de esperança. O que sucedeu aos povos de língua inglesa poderá suceder também aos povos ibero-americanos.

Houve quem declarasse eloquentemente que "a Associação Mundial de Escolas Dominicais não tem rival em suas alevantadas finalidades

A REPRESENTAÇÃO ALEGÓRICA DA CONVENÇÃO

VISTA PARCIAL DA ASSISTÊNCIA Á SESSÃO AO AR LIVRE
NO PARQUE DA PRAÇA DA REPÚBLICA

de trazer paz e de iluminar a raça humana; que ela é cheia dum romance que toca os corações, duma alegria que incendeia a fé e dum santo poder que fará mais do que a política, o comércio ou a guerra no sentido de levar o mundo á idade áurea".

Alguem disse que a Escola Dominical é a única agência eficiente trabalhando na igreja e no mundo para ensinar, de um modo prático e eficaz, o valor e a significação da alma humana; que não precisa de defesa uma instituïção que está nas orações de milhões de pessoas, que já alistou tão grande contingente de homens e mulheres, que marcha vitoriosamente em todos os países e climas, que manda de suas fileiras tão grande exército de recrutas para a Igreja de Deus, que realiza a Missão de Jesus Cristo no mundo moderno!

Não se podem empregar melhor as bênçãos da riqueza do que colocando-as nos corações e nas almas da geração que surge, levando-a ao conhecimento da fé cristã.

Aceitemos com gratidão a herança dos nossos líderes do passado! Ajude-nos Deus fazê-la passar ás mãos dos nossos sucessores mais enriquecida ainda, para a salvação das crianças de todo o mundo!

FATORES DA ÉPOCA PRESENTE

(PELO DR. ROBERT M. HOPKINS)

Os quatro fatores da época presente como os apresentou o Dr. Robert M. Hopkins, no concurso mundial de educação cristã, foram:

1. O mundo está se unificando com rapidez, pois as nações estão apresentando métodos aperfeiçoados de transporte e novos meios de comunicação. A "Viagem em redor do mundo em 80 dias", de Júlio Verne, já perdeu a razão de ser para os aviadores de nosso tempo, que contornam o mundo em 8 dias. Os líderes na educação cristã devem considerar êste fato físico importante.

2. Jesus está sendo cada vez mais reconhecido como supremo Lider do mundo. Quanto mais os líderes do pensamento, que têm influenciado os homens de todas as nações, se tornam conhecidos, tanto mais Jesus Cristo se distingue como o Supremo Lider. E' verdade que os homens acham difícil aceitar as interpretações teológicas que surgem a respeito de Cristo, ou as organizações eclesiásticas que em tôrno dêle se organizaram, porque a tão afamada civilização cristã não pode mesmo ser aceita por todos, mas o fato incontestável é que a supremacia de Jesus como o maior Mestre da humanidade é reconhecida por toda parte.

3. O método educativo está sendo universalmente adotado pela Igreja como o seu método mais efetivo. Nesse sentido, a conferência do Concílio Missionário Internacional de Jerusalém, em 1928, trouxe uma valiosa contribuïção. Os mensageiros das terras representadas na

Convenção, aquí no Rio, falaram do lugar cada vez mais proeminente que a educação cristã vai ocupando no seu meio. E' muito significativo que os relatórios estatísticos do quatriênio passado demonstram um aumento de mais dois milhões de alunos nas Escolas Dominicais do mundo. O aumento anual durante êsse quatriênio, foi, pois, de meio milhão. E' também de muita expressão que na América Latina, proporcionalmente, o aumento foi maior do que em todo o resto do mundo.

A nossa maior oportunidade quanto á educação cristã, surge justamente agora, quando o mundo se encontra em profunda depressão econômica. Esta situação do mundo nos desafia. A marcha progressiva da Igreja sempre tem sido feita pelo caminho do sacrifício próprio. Seria fácil dizer que deviamos adiar o empreendimento de algum movimento, até que a situação melhorasse, mas si marcarmos passo com o nosso Mestre, nós chegaremos a um tempo, talvez, em que o avanço seja muito mais difícil.

4. O repto especial feito a esta Convenção é o apêlo da China. Nesta nação temos a quarta parte da raça humana. O futuro desta terra, sem dúvida alguma, afetará intensamente a marcha do progresso cristão em todo o mundo.

A Comissão Nacional de Educação Religiosa Cristã, recentemente organizada, representa as fôrças cristãs que se interessam pela tarefa da educação cristã na China.

O método de contribuir com a pequena quantia de três mil dólares, ouro, que a Comissão representativa solicitou da Associação Mundial, para completar o seu orçamento anual, tem sido, á primeira vista, negligenciado por diversas circunstâncias. A chamada da China é um repto que não ousamos deixar de responder. A resposta á China é, pois, um desafio feito a esta primeira reunião mundial na América Latina.

A RESPOSTA CRISTÃ AO SECULARISMO

(Pelo Dr. John A. Mackay)

I

A palavra "secularismo" apareceu recentemente como um fenômeno que está caracterizando hoje a atitude espiritual dos homens. Em têrmos gerais, o secularismo significa a eliminação dos valores espirituais e do que é transcendente na vida e na imaginação. O secularismo reduz a vida a uma só dimensão: olha para a frente, nunca para cima. Sua palavra de ordem é evoluir, embora a sua perspectiva não passe da perspectiva de uma rã dentro do charco. Sua atividade domina só e enquanto vai abrindo o caminho, só e enquanto suas próprias margens ainda se façam reconhecer. Desaparece logo.

A feição específica do secularismo atual é a de achar que o homem tem hoje a sua completa autonomia. O homem se irrita com o divino, com o transcendente e, assim, "precisa" de emancipar-se de Deus. O secularismo faz-se o estalão de "todas as cousas", acreditando que tem capacidade para arrancar do universo os últimos segredos. Considera-se, em sua própria expressão e realização, como o supremo fim da existência. E' essa precisamente a essência do pecado. Na vida social, a tendência é para se considerarem certas instituïções e esferas da vida sem outra significação ou fim, além daquilo que materialmente encerram. E' muito comum ouvir-se dizer: "Sim, mas isto não se pode fazer. Pode ser verdade, mas a liberdade em propagar tais idéias faz perigar a vida do Estado".

A Igreja moderna é a mais trágica expressão do secularismo. Sua vida se acha polarizada entre dois extremos, igualmente secularistas em seus aspectos. Em algumas partes, a igreja cedeu completamente a um tipo de filosofia, inteiramente incapaz de apreciar os fatos cristãos ou de prover elementos que sirvam de base ás verdades do cristianismo. Em outros lugares, o secularismo se tem fechado ao que se passa no mundo, interessando-se tão sòmente pela perpetuação da vida. O seu Deus não é o Deus dos nossos dias, porque pertence ao passado. Uma palavra de Cristo trará terror a essa igreja. Cristo terá nela o mesmo tratamento que lhe deu Dostoievsky, em seu livro — "Legenda do Grande Inquisidor". "Sê agradecido", dizia o Inquisidor a Jesus, em sua prisão, "pois deixaste o trabalho ao nosso cuidado e temô-lo concluído em teu nome; agora, recolhe-te ao silêncio". Esta secularização da divina instituïção é a mais trágica de todas.

II

Mas, que resposta se ha de dar ao secularismo? Parece que a mesma natureza das cousas e a ordem moral eterna sugerem a resposta. O secularismo como que já tomou a forma de um delírio. Mas, o indivíduo autônomo, creado pelo secularismo, como alguem disse, começa a se sentir incerto na sua autonomia. O número dos desiludidos e dos quebrantados de espírito, homens e mulheres, cresce dia a dia. Comparando a geração dos dias pre-guerra com os dias de hoje, quando os homens pretendem ter banido o temor, quão pouco motivo acharia William James para congratular-se com os seus contemporâneos!

A sociedade toda se acha como que em desiquilíbrio e sofrendo dôres enormes. Está tão cheia de paradoxos a situação de hoje! Opulência e indigência; celeiros de trigo, superlotados, e fome na mesma terra em que ha fartura. O sétimo céu do êxtase se esboroa do lado dos depósitos de bens que fogem, enquanto o sétimo céu da miséria se precipita no abismo! E ainda maiores mudanças podem vir á estrutura da sociedade. A igreja, como instituïção, não escapará de suas modificações revolucionárias. E' a colheita de Deus. A neve dos

píncaros e dos planaltos da sociedade está se desfazendo. Torrentes furiosas correm pelos vales e inundam as planícies. Quando as águas baixarem, veremos tudo com um outro aspecto. Mas, o homem deve aprender que não pode fazer com o mundo de Deus aquilo que quer. As próprias estrelas nos céus combaterão contra Sísera.

III

E qual deve ser a resposta cristã ao secularismo? Parece que ela se expressa em uma só palavra — Deus. Não Deus apenas como idéia, não Deus como uma simples projeção da mente, ou mesmo aquilo porque suspira o nosso coração. Também não será um Deus, grande prisioneiro do universo, mas o Deus creador e arquiteto, Pai e Redentor, o Deus Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo.

E' triste ver como o reflexo de Deus tem sido banido do pensamento humano, qual si fosse intruso, e como o seu nome se acha associado com cousas profanas. Um jovem socialista disse-me uma vez: "Toda vez que eu pronuncio o nome de Deus sinto náuseas". Perguntei-lhe por quê, e êle me respondeu que o nome de Deus se acha associado em sua mente, ha muito tempo, com muitos males e injustiças a que devia dar combate até com a sua vida. Bem pouco dignos são muitos cristãos que falam sobre "Deus", quando o mundo os interroga, porquanto êsse nome não tem sido reverenciado pelo cristianismo histórico como Cristo ensinou se fizesse.

Entretanto, com todos êsses defeitos, respondamos ao secularismo por Deus, e com Deus, e em nome de Deus. Todo o pensamento deve ser dirigido sob essa luz. Nossa vida deve ser governada por Deus. Afirmar Deus é reconhecer que êle é luz e é vida e vida que inspira. Tendo esta convicção, a tarefa do Evangelho oferece um desafio e uma resposta ao secularismo, sob dois pontos de vista: primeiro, reinterpretando, em têrmos razoáveis e vitais, o verdadeiro significado da personalidade; segundo, reinterpretando, em têrmos similares, a significação exata da responsabilidade.

A personalidade não pertence ao mero indivíduo, simples átomo humano, nem mesmo a quem tenha empreendido realizar tudo o que sua fôrça de vontade lhe tenha ditado. O indivíduo só será realmente "Pessoa", quando corresponder e atender ás exigências de Deus em sua vida, quando reconhecer sua natureza á luz da Providência e o seu destino relacionado com a vontade de Deus. A personalidade só surge quando se pode dizer: "Tu és o meu *Deus*". Nessa hora é que o homem fica herdeiro de tudo; o Universo lhe pertence, porque êle é de Deus e Deus seu Pai.

Mas, como criar personalidade assim? Jesus Cristo, o homem da Galiléia, constitue o ideal divino para a nossa vida. Êle é o imperativo eterno. Cristo é o poder dinâmico que transforma o pecador, o homem átomo, separado de Deus, numa personalidade cristã, em quem Deus

habita. E' o modo indicativo, em e por toda a nossa vida. Crer nele, no sentido completo, é admití-lo em todo o nosso sêr. E' assim que Cristo se torna o centro da personalidade, de modo que a única espécie de realização individual, que é verdadeiramente cristã, é a realização em Cristo. E' assim que Deus se torna o perfeito objetivo da vida, fazendo que nossos pés e nossas mãos façam para êle o que fazem para nós, tão naturalmente.

A Personalidade envolve Responsabilidade. Quanto mais o homem se achega a Deus, mais reconhece seus deveres para com o próximo. Ninguem poderá dizer: "Tu és o *meu Deus*", sem que, olhando ao redor, diga também: "Tu és o *meu próximo*". Si o amor de Deus nos conduz á obediência, o amor com os homens nos leva á simpatia, isto é, "a virtude de sofrer com os outros e pelos outros".

Finalmente, as verdadeiras manifestações da Responsabilidade envolvem inevitàvelmente a idéia da cruz. A sensibilidade á chamada divina faz-nos atentos a Cristo, que agoniza dentro dos homens por sua redenção.

A função da igreja é criar, inspirar e guiar personalidades cristãs. E' seu dever ajudar a descobrir a tarefa que Deus deixou para cada homem. Sem ser preciso que se aliste em algum partido, a igreja deve auxiliar seus membros a compreender os tempos em que vivem, os seus problemas, e preparar o povo a pensar bem em tudo isto á luz de Deus, a agir no espírito e sob a direção de um Cristo Vivo. Uma vez mais, vivamos os tempos que correm, com elevação de vistas, pois só assim venceremos o secularismo como filosofia normativa da vida.

O NOVO REINO

(Pelo Dr. John A. Mackay)

Temos chegado á hora da separação e da despedida. Assim, ouçamos a voz do Mestre: "Foi-me dado todo o poder no céu e na terra. Ide pois, e fazei discípulos de todas as nações, batizando-as em o nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo; instruindo-as a observar todas as cousas que vos tenho mandado; eis que eu estou convosco todos os dias até o fim do mundo". Estas palavras, que tanta significação têm tido na História, têm sido também de grande influência em minha própria vida. Espero que elas vos impressionem, outrossim, através das vibrações do meu espírito, pela sensação emocional e pelo pensamento.

I

Antes de ouvirmos, olhemos. E olhemos primeiro o próprio Mestre. Quem é êle? O Cristo Vivo. E' o Crucificado que vive; o Vivo que

é ainda o Crucificado. Êle é o doce e manso primogênito de DEUS, a figura central da História, o fundador de um novo reino, o reino do Amor. Ei-lo no cume daquele monte anônimo da Galiléia, falando a um grupo de homens que aí se reuniram para uma amistosa entrevista, que será ao mesmo tempo um princípio e uma despedida.

Olhemos os homens presentes. Onze pessoas singelas dos lagos e dos campos, de faces requeimadas pelo sol da Galiléia e de mãos calejadas pelo trabalho. Não são versados nas letras, de acôrdo com as normas da cultura. A linguagem das escolas lhes é estranha, mas, uma cousa êles conhecem bem: — êles conhecem a Cristo. Vieram a êle, viveram com êle, creram nele e nele encontraram o verdadeiro Deus. Agora vão ser testemunhas dêle. Pela palavra sincera e pela conduta firme, serão o testemunho de uma fôrça que se aperfeiçoa na fraqueza, de um Cristo que realmente salva em toda a extensão da palavra. Constituir-se-ão cidadãos da terra e precursores de uma grande série de personagens ilustres que hão de conquistar nações no poder do nome sem igual.

II

Agora, ouví, como ouviram aqueles homens. O Senhor fala. Suas primeiras palavras são um preâmbulo. "Foi-me dado todo o poder no céu e na terra". Nisto lhes mostra, como também a nós, a significação de sua vida. Êle é a Personalidade do Destino. Pertence á ordem espiritual do Universo. Sua cruz é fundada no coração de Deus. E com êste símbolo êle vai conquistar as nações. A História Universal curvar-se-á diante dêle, diante do Cordeiro no seu trono.

Ouví os têrmos de sua magestosa proclamação: "*Ide*", vós que me conheceis. Seja-vos a terra toda a vossa estrada aberta, porque vós "conheceis o caminho". Esta palavra do Mestre faz da vida uma infinita significação. E' um comêço e é um fim. A estrada atravessará todas as fronteiras, transporá precipícios e torrentes, passará através de grandes cidades e áreas desertas. A vida verdadeira será agir nessa estrada, na qual nos vem os grandes pensamentos, onde são ganhas as grandes batalhas e onde se tornam possíveis as grandes amizades. "Fazei discípulos". Fazei com que os homens creiam em mim; fazei com que as nações ás quais pertencem reconheçam o meu govêrno; fazei com que os homens compreendam que o verdadeiro bem-estar não consiste numa independência, que é rebeldia, ou numa autonomia que é ilusória mas, ao contrário, na aceitação da soberania de Deus por meu intermédio. Seja o vosso objetivo maior do que a conquista de áreas geográficas. Penetrai também nos terrenos espirituais da vida e proclamai que Jesus Cristo é o Senhor. Toda a instituïção de finalidade verdadeiramente humana, deverá reconhecer-me a mim; todas as transações entre os homens deverão ser santificadas pelo meu Espírito.

"Batizando-os". Todos os que me venham a reconhecer nunca deverão envergonhar-se de praticar isto francamente. Que a cerimônia

de iniciação seja simbólica da morte daquilo que causou a minha morte e, ao mesmo tempo, significativa de uma nova vida que eu promovo com a minha vida. Fazei com que todos os que em mim crerem vivam harmoniosamente, formando uma confraternidade de amor, e por mim.

"Ensinai" também. Ensinai o que aprendestes de mim. A alma de minha doutrina é o amor: — amor a Deus e aos homens. Amai a Deus, sendo-lhe obedientes e aceitando os princípios de vida difíceis e mesmo aparentemente alarmantes que vos ensinei. Lembrai-vos de que meros princípios gerais não são suficientes para santificarem a estrada da vida. Procurai ouvir a doce voz que mostra o caminho, principalmente nas encruzilhadas do caminho. Que cada discípulo receba diretamente de Deus a sua vocação e procure resolver com Deus o seu destino.

Tende amor para com os homens. O verdadeiro amor é uma espécie de paixão que capacita o homem até a sofrer com os outros e pelos outros. Ninguem pode amar a Deus sem amar os homens também, nem deixar de participar das tristezas humanas para salvar os que padecem. Êste amor pode, entretanto, ser mal compreendido e mesmo repudiado por aqueles a quem se procure bem fazer e ajudar. A maioria dos homens não quer pagar o preço de absoluta lealdade á verdade e ao amor.

III

O Mestre dá um epílogo, que é o motivo básico de confiança na emprêsa. Todavia, antes de o ouvirmos, consideremos as funções educativas da igreja cristã na crise atual. A igreja inteira deve ser transformada em uma Escola Dominical, numa sociedade educativa que corra ao encontro da atualidade. E' preciso nos nossos dias reconhecer que ha duas qualidades de crianças: a criança como composto biológico e a criança como entidade espiritual.

Com relação ao primeiro grupo, e que forma a maioria dos que frequentam nossas Escolas Dominicais, convem se tomem em consideração três grandes princípios: (1) — A verdade bíblica deve ser ensinada na sua verdadeira perspectiva. "A Bíblia", disse Lutero, "é o berço no qual dorme Jesus Cristo". O Senhor deverá ser nela o centro, o foco. Tudo o mais se estudará sob esta base. Disse ainda Lutero: "Eu não creio em Cristo porque creio na Bíblia; eu creio na Bíblia porque eu creio em Jesus Cristo". (2) — O ensino deve ser feito de tal maneira que obrigue o aluno a ter conciência de que lhe é necessário definitivamente relacionar sua vida com a vida de Cristo. (3) Deve-se salientar a necessidade de tomar Cristo em consideração em todos os ramos da vida, no trabalho ou nos folguedos, no início da vida, até o final dela.

Perturba-me imensamente o estado em que se encontra hoje a criança espiritual, que compõe o grupo da grande maioria dos crentes modernos, que se vai tornando um enorme corpo de homens e de

mulheres desiludidos e de idéias pessimistas. Si não se tomarem providências sobre essa gente nova, o trabalho da Escola Dominical será destruído logo que os meninos e as meninas atravessem o portal da vida real e entrem em contacto com êsses mais velhos, que vivem confusos no seu mundo de pensamentos, como esmagados em suas esperanças. A igreja do Cristo Vivo não ousa identificar-se com partidos políticos ou grupos sociais. Deve, porém, fazer esforços sobre-humanos pâra oferecer direção aos seus filhos e filhas nesta hora trágica.

Como deve a Igreja realizar esta direção?

1) — As atitudes e os pensamentos da vida moderna devem ser submetidos a rigoroso exame, sob a luz de Deus e pela sua revelação na Pessoa de Jesus Cristo.

E' preciso desmascarar os postulados duvidosos que estão sendo aceitos pelos homens, ingênuamente, como axiomas eternos, os modos de viver que, sendo fundamentalmente pecaminosos, passam atualmente como sendo inalteràvelmente cristãos.

2) — A alma da verdade do Evangelho vital deve ser arancada do ruinoso montão de cinzas filosóficas e teológicas antiquadas e expressa numa linguagem clara e compreensível, relacionada ás necessidades, aos pecados e aos problemas específicos dos homens e mulheres de hoje.

3) — E' preciso ter um ponto de vista mundial cristão. As mentes estraçalhadas dos homens deverão receber cura e seus pensamentos ser lançados noutra direção. A vida, com toda a sua complexidade, deverá ser vista á luz de Deus, da natureza humana e do plano divino. Várias gerações de pensamento cristão têm pecado em considerar a religião, e por conseguinte, o cristianismo, como pertencendo sòmente ao mundo da emoção e da ação. E' tempo agora de nos lembrarmos de que ela é também pensamento. Devemos trabalhar com esta idéia sempre em mente.

IV

Passemos agora destas ponderações sobre as funções educativas da igreja a ouvir o epílogo, as últimas palavras do Senhor da Igreja. Cristo não nos dá uma promessa geral de vitória ou de bom êxito. Faz uma promessa definitiva de sua presença pessoal. Aqueles que prègam a Divina Pessoa serão acompanhados por ela. E' Jesus mesmo. Êle próprio partilhará com os seus a sua sorte, e isto nos basta. "E' a palavra de um cavalheiro", disse Daví Livingstone, comovido por esta promessa, ao enfrentar um dos momentos mais críticos de sua vida.

O Cristo Vivo estará sempre *ao lado* de suas testemunhas, e no seu *íntimo*. Ao lado, para confortá-las nas horas da solidão e fornecer-lhes fôrças na fraqueza; em seu íntimo, para iluminar-lhes as inteligências e, muito especialmente, para agonizar em seus corações pela redenção do mundo. Paulo experimentou esta angústia íntima do Cristo! Êle desejava "conhecer o poder da ressurreição de Cristo para melhor

compreender os seus sofrimentos". Não nos esqueçamos de que o Cristo Vivo é o Ressurreto que continua a ser o Crucificado, tanto no céu como nos corações dos cristãos. A presença de Cristo na vida humana é valiosa e é cara. Êle não penetrará nas almas sem que sua santa angústia encontre um lugar em que se possa expressar.

A presença de Cristo na vida humana traz-lhe a cruz mais para perto e dá-lhe impressionante realidade. Vi, ha dias, numa instituição cristã desta cidade, um quadro. Era o retrato de Cristo no alto de uma montanha, abençoando a cidade estendida a seus pés. A refletir sobre a cidade e estendendo-se nas águas, em baixo, estava a sombra de uma grande cruz. Raramente, na História, tem ocorrido unir-se a cruz de Cristo com a cruz do mundo. Mas, a cruz do mundo só poderá tornar-se mais suave e mais leve pela cruz de Cristo, porque nela se santificam as vidas onde habita e sofre o Ressurgido-Crucificado. E' com êste símbolo que nós e êle havemos de ganhar a vitória final!

Como ouvintes do Cristo Vivo, o Crucificado, estamos recebendo dêle, uma nova chamada a uma vida heróica! Ao retornarmos, palmilhando os caminhos que nos levam aos nossos lares distantes e ás nossas ocupações, e ao recomeçarmos a nossa tarefa, sejamos semeadores! Semeemos as sementes vivas da verdade! Não devemos, entretanto, surpreender-nos si houver necessidade de nos semearmos á nós mesmos primeiro nos campos dêste mundo, afim de que resulte um novo nascimento do Cristo Vivo numa nova colheita espiritual!

> "Semeia-te a ti mesmo. Mas, semeia nos campos a parte viva. Deixa a parte morta dentro de ti. Mais tarde, espera! Recuperar-te-ás a ti mesmo mais vivo e mais frutescente na florescência encantadora de tuas obras boas!"

EVANGELIZAÇÃO: — A DINÂMICA DA EDUCAÇÃO CRISTÃ

(Pelo Dr. William H. Main).

Por evangelização entendemos todo e qualquer esfôrço sincero feito pelos Cristãos com o fim de ganhar os homens para Cristo. E' impossível exagerar a importância de desenvolver o caráter cristão.

Será que estamos engrandecendo suficientemente esta emprêsa de conduzir os homens a Cristo, para que por Êle sejam redimidos da maldição e do poder do pecado? E' preciso buscar na terra o diamante antes de lapidá-lo, como garimpar o ouro antes de refiná-lo.

Revivificar significa "tornar a trazer". O estado normal da igreja deveria ser o de contínua revivificação. A sociedade nunca se salvará enquanto não forem salvos os indivíduos que a compõem. Um grande

e irresistível desejo de trazer homens e mulheres a Cristo deve apoderar-se dos Cristãos. E' êste o propósito supremo, a razão de ser da Igreja.

Evangelização é um têrmo lato, abrangendo todo e qualquer meio que sirva para dirigir o pensamento e o coração a Cristo, desde a primeira palavra de instrução religiosa falada a uma criancinha até a última mensagem de ânimo e de esperança evangélica murmurada ao ouvido dos velhos. Não podemos, portanto, limitar o campo da evangelização ou pôr peias á sua operação. A conversão importa em muito mais que um simples momento de decisão ou profissão pública: é uma consagração inteligente da vida inteira a Cristo.

Evangelização Pastoral. Os prègadores no púlpito devem estar incendiados sempre com uma mensagem evangelística. Alguns pastores julgam que não possuem dons evangelísticos. Tais dons, porém, podem ser adquiridos. Estamos convictos de que o mundo está pronto a ouvir, uma vez que Cristo lhe seja apresentado como o seu Salvador. Ha séculos, Lutero disse: "Ai dos prègadores que na igreja miram cousas altas e difíceis e descuidam do bem-estar do povo pobre e indouto! Quando prègo, eu me humilho. Não olho para os doutores, nem os magistrados dos quais, nesta igreja, ha alguns quarenta; mas eu olho para a multidão, da qual ha mais de dois mil".

A verdade tem, sem dúvida, valor relativo. "Havia naqueles dias gigantes na terra" — é a declaração de um fato, mas de um fato que não exige de nós muito tempo para ser reconhecido. "Palavra fiel e digna de toda a aceitação é esta: — que Jesus Cristo veiu ao mundo para salvar os pecadores" — é, pelo contrário, verdade de tremenda importância e que exige séria meditação e decisão.

O Tema Evangelístico. E' "Cristo, o Salvador dos homens"! Que tema! Tem sido o cântico da poesia, a inspiração da prosa, o apogeu da oratória. Êle, o nosso Cristo, permanece o caráter único e sobrepujante da história, o modelador por excelência do pensamento e da moral, o tipo sublime da bondade. Revelou Deus aos homens de tal maneira que os homens começaram a amar a Deus. Êle é "o sol da justiça", "a resplandecente estrela da manhã", "o pastor das ovelhas", "a fonte aberta na casa de Daví", "a rosa", "o lírio", "o pão da vida".

O Dr. Lyman Beecher disse, ao morrer: "A maior de todas as cousas não é a teologia, não é a controvérsia, mas a Salvação das Almas".

"Êle (o Filho do homem) veiu dar a sua vida em resgate de muitos". Como pode quem fala e prèga deixar de incendiar-se com um tema como êste?

Ricardo Sheridan disse: "Vou frequentemente ouvir Rowland Hill, pois as suas palavras saem-lhe em braza do coração".

Evangelização na Igreja. A necessidade atual é de mais Cristãos que reconheçam que o mundo é o campo e que a igreja é o pôsto de

recrutamento para o serviço cristão. "Êle morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si, sinão para Aquele que por êles morreu e ressuscitou" (2 Cor. 5:15).

Qual é o ideal do evangelismo? Êste: todos os cristãos no ministério cristão. Nunca haverá uma revivificação realmente grande até que um maior número de cristãos se aliste no trabalho pessoal de ganhar o povo para Cristo. Êste é o intuito de Deus, e o primeiro negócio de todos os cristãos é servir a Deus. Pensemos em *quanto* e em *como* poderiamos multiplicar a nossa eficiência si cada homem, mulher e criança, na igreja, fizesse "a obra do ministério!" Não será que Deus nos está obrigando a considerar a questão do evangelismo pessoal, visto o êxito quasi nulo conseguido por outros métodos? A evangelização pessoal não é difícil, uma vez que saibamos amar aos homens por amor de suas almas.

A Evangelização Educadora Deverá dar Atenção Especial ás Crianças. Não obstante, quantas vezes os pais impedem que seus filhos resolvam logo a questão urgentíssima de aceitarem a Cristo como Salvador!

Agora, como nunca, a atenção do mundo se volta á criança e á vida da criança. Livros, jornais e discursos pretendem esclarecer-nos sobre a maneira de vestir, alimentar, criar e educar os nossos meninos e meninas. Deveremos, porém, descuidar das suas naturezas espirituais? As crianças se inclinam naturalmente á religião. Ora, o cérebro da criança é maravilhosamente receptivo.

A mente infantil é um enorme ponto de interrogação. A meninice é filosófica, imaginativa, heróica. A infância, por ser o período formativo, é o período mais crítico da vida. Os hábitos breve se tornam fixos, e, na meninice, certas inclinações latentes, dadas por Deus, são susceptíveis de cultura. Compete-nos tomar a criança e mudar seu amor próprio em iniciativa; suas vontades em vontade inteligentemente disciplinada; suas ambições em altos ideais; suas tentações em meios de graça.

Como Emily Sparks orou por Rubens Painter:

> "Que todo o vosso barro, toda a vossa escória,
> Ceda ao calor do fogo de vossa alma...
> Mas, que êsse fogo nada seja sinão luz,
> Sòmente luz!"

Que idade deve ter um menino ou uma menina para fazer pública profissão de fé? Justamente esta: quando êsse menino e essa menina forem convertidos. A verdadeira evangelização reclama uma vida de serviço cristão. Esperar a ver si a criança vai permanecer firme, antes de recebê-la como membro da igreja, é praxe duvidosa, contrária á razão, contrária ás Escrituras. Recebei-a e ajudai-a a permanecer fiel. Ela correrá tão bem como muitos que se uniram á igreja anos depois da meninice. Talvez vai correr melhor!

"Qualquer que escandalizar a um dêstes pequeninos, que crêem em mim, melhor lhe fôra que se lhe pendurasse ao pescoço uma mó de atafona, e se submergisse na profundeza do mar". Nós entramos na escola é para aprender. E é sòmente por imaginação que alguns adultos julgam ter tirado diploma em teologia...

A mocidade é a primavera da vida, a manhã da existência, o botão desabrochando em flor. Vossa tarefa é bem acolher a energia juvenil para dirigí-la e não para suprimí-la.

There are gains for all our losses,
There are balms for all our pain;
But when youth, the dream, departs,
It takes something from our hearts
And it never comes again.

We are stronger and are better
Under manhood's sterner reign;
Still, we feel that something sweet
Followed Youth with flying feet,
And will never come again.

O evangelismo didático ama e procura as crianças. Si a elas no passado fosse ligada mais importância, a tarefa da igreja seria atualmente mais fácil.

Paulo, na sua Epístola a Timóteo, indica três fases da vida: "Desde a tua meninice soubeste as sagradas letras". "Ninguem despreze a tua mocidade". "Sê o exemplo dos fieis (modêlo dos que crêem) na palavra, no trato, na caridade, no espírito, na fé, na pureza". Outra vez o apóstolo escreveu: "Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade". Para tudo isso havia base. Era "a fé não fingida", que Timóteo possuia; melhor, era a fé de sua avó Loide e a fé de sua mãe Eunice.

O jovem Samuel servia ao Senhor perante Elí.

Falou uma voz: "Samuel!"

O menino saltou da cama e correu ao sumo sacerdote.

"Não te chamei: torna a deitar-te".

"Samuel!"

"Não, não, meu filho; estás sonhando. Não te chamei".

"Samuel!"

"Verdadeiramente, santo homem, tu me chamaste; é a terceira vez que ouço".

"Então entendeu Elí que o Senhor chamava o mancebo".

Rufo King pôs a mão protetora um dia sobre a cabeça do menino Daniel Webster. Sessenta anos depois, o Sr. Webster ainda dizia: "Ainda sinto o contacto daquela mão!"

Um ciganinho achegou-se de Ira D. Sankey, certa vez, e pediu que cantasse mais. Satisfeito o pedido, o Sr. Sankey iniciou aquele rapaz na sua grande carreira com as palavras: "Espero que um dia tu sejas prègador do Evangelho". Nós todos sabemos quão fielmente o "Cigano Smith" tem cumprido com a sua missão como um dos maiores evangelistas mundiais.

Modelar o caráter cristão é o mesmo como que esculpir um anjo em mármore. E' um processo difícil e demorado. Não podemos perder tempo. A formação do caráter é como a cristalização do gêlo; a natureza e a côr de cada gota de água que faz parte do gêlo têm o seu efeito determinante. Si cada gota for pura, o gêlo cintilará como diamante.

Si é verdade que quanto maior e mais complexo o organismo, tanto mais lento o processo de desenvolvimento, urge cuidarmos da vida humana quanto antes. Recuando dez anos, todo o moço ou toda a moça de vinte e dois anos no momento, tinha doze. Estou dizendo um pensamento pouco profundo, não achais? Mas, quem negará sua importância em relação a êste assunto de evangelização? Dez breves anos entre a meninice e a maturidade! Oitenta por cento dos conversos recebidos pelas nossas igrejas evangélicas vêm de entre essas idades — doze e vinte e dois.

A evangelização não é apenas remédio curativo. E' também poder de prevenção, e, dos dois, o preventivo é maior bênção. Suponhamos o galho de uma árvore que se quebra com o vento. Cuidadosamente, reunimos as partes e as atamos. Anos depois, em uma tempestade, o mesmo galho, grosso qual o braço de um homem forte, partiu-se... e sabeis onde? No mesmo lugar que tinha sido curado. Era o seu ponto fraco.

Treinamento. O segrêdo da verdadeira evangelização é o treinamento. E' o segrêdo de quasi todas as cousas de valor. Si desejamos um lindo jardim, será que o vamos deixar cuidar de si mesmo? Absolutamente, não! Nele, ao contrário, plantamos, regamos, capinamos, ajeitamos as trepadeiras, damos apôio às gavinhas. Então, gozamos depois de sua beleza. Recordai a velha comparação: uma barra de ferro, que vale cinco dólares, vale o dobro quando convertida em ferraduras. Transformada em agulhas, vale trezentos e cincoenta dólares. O aumento de valor resulta, naturalmente, da refinação, da manipulação, da preparação.

Um menino que gastava o seu tempo em lascar pauzinhos com o canivete, tornou-se pelo treinamento o mais eminente dos escultores ingleses, o protetor das belas artes. Foi Francis Chantry.

Durante cinco anos, Porpora, o famoso mestre de música vocal, permitia ao seu discípulo Caffarelli cantar sòmente escalas e exercícios. No decorrer do sexto ano, Caffarelli imaginava ter feito pouco progresso além dos simples rudimentos da arte vocal. Grande foi o seu espanto quando o mestre exclamou: "Moço, nada mais tens comigo! És agora

o maior cantor do mundo!" Si o treinamento pode produzir bons escultores e grandes cantores, por que não pode fazer grandes, maiores e melhores cristãos?

Dizem que o exército de Alexandre da Macedônia era quasi invencível, porque muitos de seus soldados nasceram no acampamento e nele foram criados. O ambiente influe muito.

O Evangelismo Didático Reclama a Verdade e a Autoridade da Palavra de Deus. Qualquer som incerto é logo notado, compreendido e comentado pelos ouvintes. A Bíblia é a base do nosso ensino e a norma da Vida Cristã. Não hesitemos em proclamar que as verdades das Escrituras são verdades que imperam.

O Valor da Oração. Todos nós precisamos de orar com o salmista: "Torna a dar-me a alegria da tua salvação". A salvação é uma cousa: a alegria da salvação é inteiramente outra. Mas a alegria da salvação que Cristo dá e a alegria de seu serviço são inseparáveis.

O nosso pouco orar explica em grande parte a pobreza do serviço dos cristãos. Sem muita oração perdemos para logo o interêsse nos negócios do reino do Senhor. A oração é o oxigênio da alma, sem o qual a vida espiritual asfixia. A oração é "o fôlego vital do Cristão". Deixando de orar, arrefece o ardor da nossa experiência cristã e, resfriados, caímos na indiferença.

A oração não consiste apenas em chamarmos o Grande Médico quando estamos doentes, ou o Grande Salvador na hora de perigo, nem em pedir direção quando nos temos extraviado; é, sobretudo, um ato de devoção, um meio de darmos ações de graças, um êxtase de adoração.

O Novo Nascimento. "Necessário vos é nascer de novo!" Nascidos lá de cima! Nem a inteligência, nem a cultura, nem um caráter de alta moral poderão tornar um homem Cristão. E' o enxerto da nossa vida na vida de Cristo. A vida eterna é o seu dom. "Eu vim para que tenham a vida". "E dou-lhes a vida eterna".

O novo nascimento não é mudança de propósito na vida, não é desejo de uma vida melhor, nem é o batismo nem a comunhão da igreja. E' mais do que isto tudo: é a entrega da inteira personalidade a Cristo pelo poder do Espírito Santo, que nos renova por completo. O novo nascimento — regeneração — é pois claramente necessário para termos parte no reino e na igreja verdadeira do Cristo de Deus.

A Reconciliação pela Cruz. Não precisamos ficar aflitos com as teorias sobre a reconciliação; mas é indispensável fazer desta o centro de nosso ensino evangelístico: "loucura para os que perecem; mas para nós que somos salvos, é o poder de Deus". "Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras". "Em quem temos a redenção pelo seu sangue, a saber, a remissão das ofensas, segundo as riquezas da sua graça". "O qual se deu a si mesmo em preço de redenção por todos". "O qual levou, êle mesmo, em seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro". "Aquele que nos amou, e em seu sangue nos lavou dos nossos pecados".

São estas as verdades que devem sobresair em toda a evangelização didática eficaz, na perspectiva de uma próxima revivificação. Que venha já e com o grande poder do Alto!

CONCÍLIO DA MOCIDADE

CRISTO E O NACIONALISMO

(POR EDUARDO PEREIRA DE MAGALHÃES)

Sr. Presidente, Srs. Delegados:

Louvado seja Deus, por estas gloriosas reuniões da 11ª Convenção Mundial das Escolas Dominicais! Temos alegremente estudado no Concílio da Mocidade, sob a sábia liderança do Dr. George Stewart, alguns tópicos de grande significação para a juventude mundial. Fomos designados para dar o relatório de nossos estudos sobre *Cristo e o nacionalismo*.

Êste tópico interessou profundamente, não só a juventude brasileira, onde a questão está em foco, como também a toda a mocidade do mundo alí representada, visto que êste assunto está ìntimamente relacionado com o interêsse vital dos jovens.

(1) — *Podemos ser bons cidadãos de nossas terras si formos genuínos cristãos?* Poderemos ser perfeitamente leais a Cristo si formos estritamente leais á nossa terra? Não é o nacionalismo um movimento egoista de segregação de um povo em uma região, e, assim, contrário á fraternidade universal ensinada por Cristo?

Estas questões constantemente emergem das conciências como um conflito de lealdades, de deveres, de cidadanias.

Ha muitos que pensam não poderem ser bons discípulos de Cristo e ao mesmo tempo ativos patriotas.

Mas, como nos mostrou o sábio Carl Barth, os paradoxos se harmonizam em Deus. Assim também êste aparente paradoxo se harmoniza no Deus-Homem. Jesus foi o maior nacionalista e o maior universalista: "Eu vim para reunir as ovelhas perdidas da casa de Israel". E: "eu, quando for levantado da terra, atraïrei todos a mim".

O Filho de Deus foi o Messias, a incarnação de seu povo e a incarnação da humanidade.

Sejam todos como foi Cristo: a expressão do seu povo, sofrendo com êle as suas dôres, reunindo em si os seus valores morais, vibrando em si as suas puras vibrações e todos levem isso ao altar da humanidade, incarnando o espírito de amizade, de cooperação da grande irmandade entre os filhos do Pai único.

(2) — *Isto nos leva á significação real do nacionalismo perante a conciência cristã e á função de um país no concerto das nações, segundo a luz projetada por Cristo.*

As nações devem ser órgãos plásticos nas mãos de Deus para a realização plena do seu Reino Universal. Assim um povo sem Cristo é uma fôrça descontrolada, a dificultar, sinão a impedir, a realização do propósito de Deus no mundo. As nações são irmãs que devem viver juntas, em agradável cooperação, neste lar do Pai Celestial. Eis a função das nações na ordem mundial ou cósmica.

Ha, no entanto, um conceito de nacionalismo que é falho, falso e errado; e ninguem poderá ser bom cristão si for leal a tal nacionalismo. E' o nacionalismo exclusivista, de expressão racial orgulhosa; é o egoismo nacional, que proclama a soberania quasi absoluta sobre os demais países, que se julga potestade a que todos os outros povos devem servir. Tal nacionalismo é inteiramente contrário ao código universal do Reino de Cristo.

Que significa, então, o verdadeiro espírito nacionalista?

O espírito nacionalista verdadeiro significa a tendência de zelar pelo tesouro racial e ideológico de um povo e desenvolvê-lo para a construção do organismo universal.

Êste princípio é fomentado pelas grandes conferências internacionais, pela apresentação cooperativista dos vários elementos raciais, fazendo uma a humanidade; é a fraternização dos homens.

Nacionalizar significa preparar a Nação para a sua função histórica, cultural, social e espiritual, na formação da síntese humana — a humanidade.

Nacionalizar significa, a uma nação, instruir-se para ensinar, formar-se para servir, sentir para expressar-se, colher para repartir.

Assim entendido, o cristão pode ser, como seu Mestre foi, o maior nacionalista e o maior universalista. Êste idealismo será transformado pelo cristão vivo em realismo.

Entretanto em maiores detalhes vê-se logo que o espírito nacionalista permeia o ambiente militar, político, social, eclesiástico, etc. Deixando de lado, todavia, o nacionalismo econômico, político, social, cultural, tocaremos no que de momento nos interessa, e que é a questão do nacionalismo cristão.

Deve ou não deve o espírito nacionalista expressar-se na interpretação do Evangelho?

Achamos que deve. O Evangelho de Jesus deve expressar as necessidades do povo onde está, as aspirações latentes na sub-conciência nacional. Cada povo tem sentimentos típicos, aspirações diferentes. Essas peculiaridades devem surgir na religião.

Eis aí o que quer dizer nacionalismo cristão.

Essas idiossincrasias raciais, dentro do Evangelho, ás vezes são sem importância; ás vezes, de grande valor; ás vezes, perigosas.

Não devemos pensar que tudo que é de valor no Evangelho já foi dito, pois as riquezas em Cristo são tão abundantes, que ultrapassam os séculos e ainda cada povo encontra novos valores.

O Evangelho deve ser visado pelo gênio da raça para que possa ser sua seiva alentadora.

Como é que se pode desenvolver no meio evangélico êste valioso e sadio nacionalismo?

1. Interpretar o nacionalismo á luz da fraternidade universal.

2. Estudar os problemas morais e sociais mais á luz do Evangelho e menos em comparação com usos e costumes de outros povos.

3. Divulgar a Bíblia como compêndio de princípios essenciais para a vida nacional de qualquer povo.

4. Apresentar Cristo, como o Mestre e Salvador que compreende e ama a humanidade através de todas as suas diversidades raciais e nacionais.

5. Empregar na preparação de literatura evangélica os serviços de nacionais que interpretem a religião cristã em têrmos de relações universais.

6. Fazer com que os meios evangélicos acolham e participem das sadias aspirações nacionais.

7. Agir sem estreito dogmatismo, mas com prudência e tolerância.

Êsse plano de nacionalismo eclesiástico não significa hostilidade aos missionários. Não. Reconhecemos o alto valor de missionário na obra evangelística. Bendizemos com os joelhos em terra, cheios de comoção, a vinda a nós dêstes heróis do Senhor. Dêles ainda muito precisamos.

Que pode fazer a juventude evangélica afim de dar boa contribuïção a êste nacionalismo?

Pensamos que o melhor que um jovem pode fazer ao seu povo é ser um bom cidadão-cristão.

Que é ser um bom cidadão-cristão?

1. E' ser um bom zelador do seu patrimônio racial, de seus bons elementos.

2. E' obedecer ás boas leis do seu país e repudiar por meios legítimos as leis contrárias ao Evangelho.

3. E' recusar privilégios especiais.

4. E' ser divulgador do verdadeiro nacionalismo.

5. E' incarnar em si o espírito e a ideologia de seu povo.

6. E' fazer pública profissão de fé de seu programa nacionalista.

7. E' guardar firme a sua convicção cristã, mesmo que tenha de sofrer.

Finalmente, qual é a função do Cristo Vivo no desenvolvimento do nacionalismo?

1. O Cristo Vivo, aquele que estava andando nas planícies da Galiléia e Judéia, curando, proclamando a verdade salvadora de seu povo, é o modêlo do verdadeiro nacionalista. Imitemo-lo.

2. O Cristo Vivo, ressurreto, é o inspirador para êsse grande empreendimento — Inspiremô-nos nele.

3. O Cristo, Espírito, rei glorificado, vivo no céu, o doador do dom do Espírito Santo, é a fonte de energia donde emanará a seiva vitalizadora, a energia que eletrizará as almas, iluminando-as com a sua luz divina por toda a eternidade, para êsse alto espírito, que queremos inculcar na conciência da humanidade.

Mocidade do mundo! Unidos, em vossas nações, dentre essa multidão de escombros, erguei o Cristo Vivo!

Em Cristo, pela Pátria e pela humanidade! Seja esta a nossa atitude de hoje em diante.

CRISTO E A CONDUTA PESSOAL

(Minot C. Morgan, Jr., Universidade de Princeton, N. J.)

O maior problema que enfrentam homens e mulheres que, nobremente, em todo o mundo, trabalham afim de atrair a juventude de hoje para Cristo, não é arrancá-la de crenças primitivas, mas erguê-la de sua fria indiferença para com todos os problemas, sejam religiosos ou sociais. E' uma geração que vive em receio constante de ser importunada: trabalho, agitação e aventura, são as suas preocupações e ela está sempre ansiosa, á procura de alguma cousa nova e difícil. Nela nada ha de passivo ou pacífico.

Ontem, pela manhã, em nosso Concílio da Mocidade, discutimos o tema "Cristo e a conduta pessoal". Concluimos, então, que os característicos de um fiel discípulo de Cristo, não são, de modo algum, passivos, como os que a nossa geração pretende admitir. O serviço do Senhor exige sacrifício, pois, para seguí-lo, de todo o coração, é preciso seja colocado acima de todas as cousas. Os deveres para com a pátria e até os deveres para com a família têm de ser subordinados á nossa lealdade para com Jesus.

Contaram-nos, nessa reunião, o caso de uma jovem mexicana que, forçada a abandonar a própria família por causa de suas convicções religiosas, regozijava-se, fazendo êste sacrifício pelo Salvador, a quem ela amava. Achais algo de passivo nessa história ou nas centenas de outras que narram o sacrifício e o heroismo de missionários por todo o mundo? A resposta é — "não! mil vezes não!"

Nessa reunião falámos sobre o lado prático do assunto — "Cristo e a conduta pessoal", a saber:

1 — A pureza de vida, como único padrão moral para homens e mulheres, com o empenho constante de promover a temperança em todo o mundo, deve constituir o ideal de todo jovem cristão.

2 — A honestidade no convívio social precisa ser de tal forma apurada que jamais possa, de qualquer modo, ferir a personalidade alheia.

A maior parte de nossa existência terrena limita-se ao convívio com

outrem e, portanto, o cristianismo prático deverá tratar, de modo especial, dêsse aspecto da vida. Nossa geração tem sido taxada de egoista. Talvez mereça o título, mas apagará no futuro essa mácula si chegar a um altruismo desinteressado, medido pela amizade e pelo amor para com o próximo. Não é preciso, para isso, que êste seja um cristão. Todo homem sobre a terra tem alguma qualidade apreciável, e, si nós o amarmos por ela, desprezando suas fraquezas, nossa amizade será um guia e um auxílio para êle, através de sua existência; si, por outro lado, em nossa humildade, pudermos encontrar um cristão verdadeiro, que deseje fazer o mesmo por nós, achar-nos-emos mais depressa bem próximos de Cristo.

Em nossa discussão ainda tentámos delinear um plano pelo qual pudessemos aprofundar nossa própria vida espiritual. É, mais ou menos, o que se segue:

1 — Primeiramente, orar metòdicamente, não limitando nossas preces a pedidos e intercessões ocasionais, nos momentos de grande necessidade.
2 — Recorrer ás grandes fontes de poder espiritual da Bíblia e ás biografias de homens e mulheres piedosos que experimentaram viver como Cristo viveu, e com a ajuda de seu Espírito.
3 — Esquecer e perdoar os males que nos sobrevêm, quer partam do nosso próximo, quer de outra qualquer origem.
4 — Finalmente, servir ao Cristo Vivo, ganhando outros para êle, mas, um serviço espontâneo, que contribua, de qualquer modo, para tornar melhor êste mundo e estender o seu reino sobre a terra.

Si seguirmos êste plano precisaremos voltar outra vez a mente para a maioria de nossa geração, que ainda não foi conquistada para Jesus; precisaremos vencer a indiferença dessa mesma geração e mostrar-lhe que seguir a Cristo é talvez a cousa nova e difícil, em busca da qual ela se tem agitado; que a vida de um homem de caráter e perseverante é cheia de trabalhos, demanda coragem para lutar em defesa de suas próprias convicções, em face de dificuldades e do escárneo; que servir ao próximo é o mais glorioso mistér na terra e que sòmente tal serviço pode trazer alegria estável.

Não é preciso ser missionário ou ministro para servir a Cristo; os cristãos no trabalho, na política, na execução da lei, na medicina, são igualmente necessários para conduzir a humanidade desorganizada a uma condição mais nobre, de onde possa olhar para diante e para cima com um idealismo são e uma fé baseada em Cristo. Si a nossa geração puder ao menos ver isso e sentir a chamada para o serviço, como São Francisco, Joana d'Arc e Pasteur sentiram no passado, ela renascerá com um entusiasmo novo, em busca de tudo o que é bom, puro e útil, e Cristo se tornará o guia e o orientador de sua vida, de tal maneira que, quando se apresentar a oportunidade de levar avante o trabalho do Cristo Vivo na terra, ela não será achada faltosa.

O REPTO DE CRISTO A' MOCIDADE MODERNA

REV. GEORGE STEWART, D.D., Stamford, Connecticut, U. S. A.

A mocidade cristã enfrenta, hoje, problemas cuja solução exige uma inteligência esclarecida, um corpo forte, uma conciência iluminada e uma vontade férrea. O mundo, hoje, está com fome, — e pede pão; está irriquieto, — e implora paz; está confundido, abalado pela incerteza política, pelo crescente relativismo na história, na ciência social, na filosofia e na religião, — e clama por uma certeza espiritual. O mundo está acobardado, — e precisa das energias vivas postas em ação pelo Mestre, quando palmilhou as veredas estreitas do dever e do sacrifício.

Meus jovens amigos, na estrada da vida, nunca os caracteres de escól procuraram a linha do menor esfôrço. O caminho a seguir exigiu dêles todos os talentos: — a sua inteligência mais brilhante e o seu mais consagrado zêlo. Sòmente os indivíduos que se submeterem á vontade de Deus e que se fortalecerem no espírito que guiou Jesus, através da humilhação á cruz, sòmente êsses podem enfrentar o monstro que nós mesmos temos creado: — o nacionalismo, o comércio e as filosofias baratas, que pervertem a vida da presente geração.

Si é que o espírito de Jesus Cristo significa alguma cousa, êle nos desafia, na plenitude e beleza de nossa mocidade:

I — A ENFRENTAR, COM A MÁXIMA ENERGIA, UMA ORDEM ECONÔMICA, QUE SE TEM TORNADO INTOLERÁVEL

Quanto maiores são os homens, tanto mais nobres êles se tornam. Quanto mais profunda é a sua compreensão dos problemas nacionais e internacionais, tanto mais severamente êles condenam uma estrutura econômica, que, em muitas das grandes nações da terra, tem deixado sem trabalho a metade dos indivíduos sãos e capazes. Afirmo que deve haver um elo entre as massas que imploram pão e a conciência do indivíduo cristão. Ao anoitecer, os chefes de família voltam para casa com a bolsa vazia, para ouvir o chôro dos filhinhos que lhes pedem pão, e que as mães apertam contra o seio, para não lhes enxergar a palidez da fome. Rouba-se á juventude e á mocidade a oportunidade da educação. Fecham-se as portas de instituïções, de cujos serviços a sociedade não pode prescindir. Paralizam-se os trabalhos de filantropia. Os grandes industriais, êles mesmos, vítimas de um sistema que todos nós temos creado, contemplam, entristecidos, as ruínas de um edifício que já fôra prometedor.

De nada nos vale acusar a quem quer que seja. Todos nós temos pecado e nos temos desgarrado como ovelhas, — na educação, na religião, no comércio, na indústria, na política. Em nome dos homens honestos que querem ganhar o pão e não têm trabalho; das lágrimas das mães que não podem alimentar os próprios filhinhos; da ruína das

nações: do massacre dos soldados e da humilhação dos estadistas: — por isso, e por muito mais, é mistér que nós, que estamos rompendo a aurora do futuro, façamos um solene pacto de abnegação, para que o poder, a riqueza, a influência e o talento, que nos hão de sobrevir, sejam repartidos com mais justiça. Convem, aquí, lembrarmo-nos das palavras de Jesus: "Ninguem m'a tira de mim, mas eu de mim mesmo a dou". Quem, nos nossos dias, quiser, eficientemente, dar expressão ao espírito de Cristo, terá que contribuir com os seus talentos para enfrentar com energia uma ordem que se tem tornado um pêso e uma maldição para grande parte da humanidade. E essa tarefa requer uma paciência de sacrifício, uma inteligência lúcida, e, para muitos, martírio social e financeiro!

II — O REPTO DE CRISTO DIZ RESPEITO Á RECONSTRUÇÃO POLÍTICA EM PROVEITO DE TODA A COLETIVIDAE SOCIAL

Não ha, hoje, nação sobre a face da terra onde se não observem graves injustiças, minorias abafadas, desigualdades políticas e legislação parcial e interesseira.

Ao tempo das eleições, surgem as plataformas vazias e os discursos inanes de sentido, com que os partidos, diferentes em nome, mais idênticos em espírito, imploram o voto de homens e mulheres, que, muitas vezes, lançam o seu escrutínio já desanimados, sem a oportunidade de votar em candidatos nobres, que representem partidos sãos e construtivos. Nesse terreno pervertido, difícil e perigoso, da política, muitos dos nossos jovens cristãos mais inteligentes devem entrar e dar sua vida, para que governos justos, responsáveis, corajosos e esclarecidos, possuïdores da estima e da confiança pública, guiem os destinos, protejam os direitos e promovam o bem-estar geral de todos os cidadãos hoje abandonados, muitas vezes sofrendo, quando deviam receber benefícios do seu govêrno.

Uma grande parte do que ha de melhor na nossa mocidade precisa oferecer sua fôrça, inteligência e consagração, na promoção de uma política que não concorra para um patriotismo estreito que induz á guerra, bem como numa tarefa muito maior, qual seja a de reformar nosso país por meio de uma política sincera, honesta e cristã.

III — O REPTO É TAMBÉM PARA RECONSTRUIR OS IDEAIS DE CIDADANIA

Também, aquí, sòmente uma política de generosidade, que substitua o generalizado egoismo, pode conduzir-nos a novos e melhores dias. Si os melhores pensamentos e aspirações do nosso Conselho da Mocidade forem postos em prática nas vilas, cidades e países do mundo, aquí representados, então haverá indivíduos que se recusarão a pedir privi-

légios especiais, e que considerarão o poder, a riqueza e a influência social como tesouros a serem usados liberal e altruìsticamente: indivíduos que considerarão um cargo público como um mandato do povo.

Nos clubes, na igreja, na tropa de escoteiros, nas sociedades de jovens, no colégio e entre os nossos amigos, apresenta-se-nos a oportunidade de pôr em prática o espírito adquirido em oração, na igreja e na escola dominical. Si quisermos vêr a aurora de um novo dia, é mistér que todos os cidadãos sejam instruídos por espíritos revestidos de coragem e guiados pelo Espírito, que Jesus revelou nas crises indescritíveis que precederem á sua crucificação.

IV — O REPTO E' PARA APROFUNDAR A VIDA ESPIRITUAL DAS IGREJAS

A Igreja Cristã, á semelhança do seu Senhor, tem sempre sido uma organização que morre e ressuscita. A sua fôrça nunca esteve nas grandes edificações, nas belas escolas e nos orçamentos grandiosos, mas na qualidade, na consagração e no heroismo dos seus membros. E' verdade que precisamos empregar dinheiro, usar edifícios e utilizar instituïções. Importa, porém, que não esqueçamos o fato de que "a fôrça se aperfeiçoa na fraqueza", e, ainda mais, de que o maior e melhor produto, que a igreja pode apresentar, é o caráter cristão.

Esta deve ser a pedra de toque de todo programa. Com esta medida, toda associação, todo serviço, toda atividade, toda idéia, devem ser medidas. Por meio dêste critério, nós saberemos si, em pureza, honestidade e amor, estamos vivendo nos passos do espírito mais belo e mais santo que o mundo jamais conheceu: — Jesus Cristo Nosso Senhor!

Não é possível descansar, nem cessar de orar a Deus, enquanto a sua igreja não se tornar, para o seu louvor, uma glória sobre a face da terra!

V — O SUPREMO REPTO É O QUE SE REFERE Á UNIÃO DA NOSSA VIDA AO CRISTO VIVO,

ao conhecimento do poder da sua ressurreição e ao significado do seu sofrimento.

Movidos pelas grandes revelações e pelos ideais que se nos deparam em reuniões como a que agora assistimos, o nosso entusiasmo pode arrefecer ao lembrarmô-nos dos lugares obscuros de onde viemos e para onde, em breve, havemos de voltar. A' semelhança dos discípulos que, com Jesus, subiram ao tôpo da montanha, também nós regressaremos ao trabalho diário: — desceremos aos vales sombrios. JAMAIS, PORÉM, ESTAREIS SÒZINHOS. Em vossa mente estarão indeléveis as recordações de inúmeros companheiros de trabalho espalhados pelo mundo. E, além disso, andareis com Aquele cujos pés nunca se desviaram de nenhum caminho árduo. Trabalhareis, é verdade, em

lugares obscuros e humildes, mas, na pobreza de qualquer aldeia ou igreja, nunca havereis de ser pobres. Êle vos abençoará com a riqueza de sua presença, e a escuridão do mais acanhado vilarejo será iluminada pela luz do seu amor e da sua companhia.

Os líderes da geração futura não estarão á espera de uma oportunidade perfeita, para fazer um perfeito trabalho. A' semelhança do menino com os pães e os peixes, êles utilizarão o que possuem, para fazer a vontade de Deus. "A qualquer que tiver será dado, e terá em abundância; mas ao que não tiver até o que tem ser-lhe-á tirado". A lei do aumento preconiza o EMPRÊGO DOS POUCOS TALENTOS possuídos. A negligência produz o decréscimo, e com êle a derrota!

A mocidade consagrada irá até aos confins da terra, como foi Adonhiram Judson assentar o alicerce das igrejas de Burma; sacrificará a vida, como fez o Dr. Jesse Lazear, para auxiliar a extinção da febre amarela; e gastará a sua preciosa energia nas escolas rurais, nos bairros pobres, nos colégios, nos hospitais, nas igrejas, — onde quer que Deus a dirige, — nas tarefas que representam um VALOR SOCIAL e um IMPERATIVO MORAL, na luta contra a ignorância, a doença, a indiferença e o pecado!

O Cristo Vivo, sim, mas não é só isso. Êle exige a cooperação integral e incondicional, a dedicação pessoal, a consagração do corpo e da alma de cada um de nós aquí! "Cumpro na minha carne o resto das aflições de Cristo, pelo seu corpo, que é a Igreja".

Ha uma fábula antiga que se refere á maneira por que Jesus respondeu, quando, ao chegar ao céu, foi interrogado a respeito do seu plano para com a terra.

— "Êsse plano eu o deixei ao cuidado dos homens", respondeu o Senhor.

— "Mas, suponhamos que os homens falhem?" perguntaram-lhe.

— "E' o meu único plano, não tenho outro!" respondeu Jesus.

Êle confia em que nós havemos de fazer a sua vontade.

E, pelo poder que emana desta sua confiança, nós marcharemos para a frente, vós, no vosso lugar, e eu, no meu.

Apresentei-vos, pelo menos, parte do repto que Jesus lança hoje á mocidade:

1. Enfrentar, com a máxima energia, a presente ordem econômica.
2. Reconstruir a política em proveito de toda a coletividade social.
3. Remodelar os ideais de cidadania.
4. Aprofundar a vida espiritual da igreja.
5. Unir a nossa vida Áquele que é o Senhor da Vida.

E êste repto a mocidade o aceita com alegria, porquanto nele nós encontramos o Caminho, a Verdade e a Vida.

DISCURSO AO AR LIVRE

MRS. HENRY V. K. GILLMORE

Um celebre aviador que percorreu milhas e milhas sobre terras e mares disse que a cousa mais bela que êle já viu foram as florestas do Brasil: grandes extensões recobertas de árvores "levantando seus braços frondosos para Deus, em oração", oferecendo o mais belo colorido e graciosamente entrelaçadas por trepadeiras floridas; ribeiros de prata serpenteando por entre a grama; e, mais perto, pássaros de brilhantes plumas e borboletas voejantes, á semelhança de pétalas de lindas flores.

E nós sabemos que esta beleza toda é creação de Deus.

"Tudo fez formoso em seu tempo, também pôs o século no coração dêles, sem que o homem possa descobrir a obra que Deus fez desde o princípio até o fim".

Neste momento final, cumpre-nos, a nós que nos reunimos nesta Capital, embelezada pela mão de Deus e do homem, dizer uma palavra de despedida, antes de regressarmos aos nossos lares na América do Norte e Sul e além dos mares, dominados pelo alto propósito de levar avante com uma maior consagração o serviço que possamos prestar a todos que habitam êste mundo de Deus.

Quando indaguei do que poderia dizer esta tarde, pediram-me que falasse alguma cousa sobre a grande obra que as mulheres estão fazendo no terreno da educação religiosa. Sendo eu mulher, posso dizer que elas tem realizado uma grande obra no passado, mas não tão grande quanto a que elas podem e devem fazer no futuro.

O ensino das crianças e das jovens é uma obra, essencialmente, da mulher. Elas estão intimamente associadas com as crianças no lar, têm a maior responsabilidade pelo seu cultivo e constituem, usualmente, a maioria das igrejas, das quais a Escola Dominical é um dos sustentáculos.

Um conhecido meu contou-me que, quando criança, morava em uma vila de Nova Inglaterra, e que ia sempre com seus pais ás reuniões anuais de sua Igreja. Para êle a única cousa que quebrava a monotonia dos relatórios e discussões era a arte da estatística que anunciava sempre — "homem, 110, mulheres, 190". Si isso se repetisse por muitos anos, não seria um atestado muito animador do crescimento da Igreja, mas, de qualquer modo serve como um índice da proporção de homens e mulheres, em média, nas igrejas. Sendo assim, geralmente, nós mulheres temos a maior responsabilidade na execução dos trabalhos da Igreja, o maior dos quais é a Escola Dominical.

Não é mais suficiente ensinar as crianças a contarem a história das viagens de Paulo, mas é preciso instalar na alma delas alguma cousa daquele fogo que impulsionou a vida do apóstolo. Isto exige tempo, preparação, paciência e consagração. Entretanto, para nosso confôrto, sabemos que tudo o que é feito em nome do Mestre produzirá fruto a cento por um, ainda que no momento em que plantamos a semente pareça impossível colhermos tal resultado.

Quando Senora de Costa promoveu a erecção daquela estátua nos limites da Argentina com o Chile, a 14 mil pés acima do nível do mar, o mundo mal se apercebeu da grandeza daquela lição. A 24 de Maio de 1924, quando o sol desaparecia no horizonte, ao som de músicas e ao troar dos canhões, uma prece foi oferecida, afim de que o amor e a bondade penetrassem o coração dos homens em toda parte e, assim, o Cristo dos Andes foi dedicado a todo o mundo como uma lição prática de paz e boa vontade.

As palavras da imperecível inscrição na base da estátua contêm um apêlo universal: "Mais depressa se desfaçam estas montanhas em pó do que os povos da Argentina e do Chile quebrem a paz que êles juraram manter aos pés do Redentor".

Senora de Costa era a presidente da Associação de Mães Cristãs de Buenos Aires. Isto explica o fato. Atrás do seu desejo de paz e de sua expansão concreta enconta-se amor à vida e ao serviço cristão. Mas não é dado a todos nós, como à Senora Costa e outras mulheres aquí no Brasil, vêr nosso nome levado nas asas da fama.

Mas ha também muitas mães e mestras que, modestamente, dia a dia, estão ensinando as crianças, por palavras e obras, um caminho mais alto de vida — verdadeiras santas que estão vencendo obstáculos, andando pacientemente, orando fervorosamente. Eu poderia citar valorosas mulheres, aquí mesmo no Brasil, cujos nomes não são conhecidos, mas que, como o seu Mestre, estão ensinando as palavras de Deus e "passando pela terra fazendo o bem".

Elas têm um padrão diante de si e se esforçam para formar os seus filhos segundo êsse modêlo. Elas dizem como Daví: "Tudo isto por escrito me deram a entender por mandado do Senhor, a saber, todas as obras dêste modêlo".

Andando certo dia pelas ruas de Wusih, na China, vimos uma mulher executando um complicadíssimo bordado. Sobre um bastidor estava esticado um pedaço de fino linho e sobre êste linho viam-se bordados lindas borboletas e pássaros. Não vimos nenhum modêlo pelo qual ela se guiasse. Pedi a um amigo que falava chinês que perguntasse á bordadeira como podia ela fazer uma obra tão perfeita sem um modêlo diante dos olhos. Ela levantou a cabeça e respondeu cortêsmente: "Eu guardo o modêlo no meu coração".

O famoso escultor brasileiro, Rodolfo Bernardelli, trabalhou com enorme paciência o barro que lhe serviria de modêlo para o mármore custoso. Agora nós vemos aquí e nos museus de arte da Europa suas maravilhosas estátuas, perfeitas em linhas e formas.

Estamos trabalhando com todo o ardor para modelar a vida dos nossos filhos?

Quanto mais vale uma criança do que uma estátua!

Devemos começar a educação cristã desde o berço e, assim, pela palavra e pelo exemplo transformaremos a vida plástica em um belo

caráter que, por sua vez, guiará outras vidas. Desta sorte a boa influência de uma boa mãe ou boa mestra nunca findará.

Cristo se lembrou das criancinhas. Êle costumava ilustrar as suas lições com elas e pedia que não as impedissem de ir a Êle.

Entre a mocidade do mundo inteiro ha hoje um movimento de verdadeira inquietação. Moços e moças, vivos, entusiastas e patriotas estão descontentes com o estado de cousas presentes. Buscam melhores dias.

Isto é inevitável. A mocidade de hoje não tolera mais as práticas corruptas que as velhas gerações se habituaram a suportar.

Ás vezes nos arreceiamos dêste fervor que quer construir Roma em um dia. — Poderíamos ter menos receio, si tivéssemos certeza de que os *zelotes* formaram o seu espírito no conhecimento da Palavra de Deus. Esta responsabilidade é nossa. Negligenciar significa comunismo; guiar é dar o cristianismo ao mundo.

As mulheres têm feito muito no passado; o futuro exige delas ainda mais. Rui Barbosa disse: "A mulher assume agora nos destinos da raça humana uma parte que colocará sobre seus hombros cargas e oportunidades não experimentadas até aquí".

Assumamos esta obra de Educação Cristã, não como uma cruz, mas como uma rutilante coroa. Saiamos com redobrado zêlo a apontar á juventude das nações os caminhos que conduzem ao Creador nosso e de todas as belezas que nos circundam.

Isto exige coragem, mas Deus diz: "Esforça-te e tem bom ânimo, não pasmes, nem te espantes: porque o Senhor teu Deus é contigo por onde quer que andares".

Isto significa consagração, mas Cristo diz: "Sêde vós perfeitos, como meu Pai que está nos céus é perfeito".

Haverá alguma dúvida quanto ao nosso dever?

Límpidas, através dos séculos, ecoam as palavras de Jesus: "E vós me sereis testemunhas, tanto em Jerusalém, como em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra".

— "Ide, portanto, e fazei discípulos entre todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo, e eis que eu estou convosco sempre, até a consumação do mundo".

TESTEMUNHO AO AR LIVRE

Um serviço ao ar livre já constitue parte regular do programa desta Convenção Mundial. O de Los Angeles, ha quatro anos, realizou-se no Campo de Hollywood, com uma assistência de 35.000 pessoas. Toda a arte técnica dêsse famoso centro foi posta á disposição dos líderes da Convenção, levando-se a efeito um memorável serviço. Realizou-se no domingo, ao anoitecer, abrilhantado por cincoenta e cinco bandeiras

e estandartes, que falavam da feição verdadeiramente internacional da reunião.

O do Rio teve lugar no segundo domingo da Convenção, á tarde, com o concurso de mais ou menos 10.000 pessoas. Conquanto lhe faltasse o caráter dramático de Los Angeles, teve seu encanto peculiar e permanecerá para sempre como uma grata lembrança. Presidiu a assembléia o Dr. H. C. Tucker, representante da Sociedade Bíblica Americana, residente no Rio ha 43 anos. Êste fato, por si só, garantiu o sucesso da reunião. O Dr. Tucker é um mestre de assembléias, tanto nos confortáveis edifícios como sob o grande teto do firmamento. E que vitalidade! que voz! que facilidade tem de assimilação! Foi quem mais se salientou nessa tarde!

Estava resolvido que os oradores não deveriam se alongar, falando cada delegado das 33 nações representadas, uma ou duas sentenças, apenas, em tôrno do tema da Convenção: O CRISTO VIVO!

A Sra. Henry V. K. Gillmore, de Nova York, referiu-se ao belo trabalho feminino no terreno da educação religiosa. Sua breve alocução, cheia de referências literárias, foi amplamente ilustrada com material indígena da América do Sul. Rendeu duma maneira felicíssima seu tributo á beleza do Brasil.

O parque público, em que se realizou o comício, estava colorido com a modesta beleza do inverno, auxiliando admiràvelmente a exibição de trajes nacionais com que vários delegados se apresentaram.

No Dia de Pentecoste ouviram os habitantes de Jerusalém palavras maravilhosas e "cada um em sua própria língua". Do mesmo modo, ouviram-se nesse dia brilhantes testemunhos pessoais de lealdade ao Cristo Vivo. As estatísticas revelam o fato de que 58 países mandaram imigrantes para o Brasil em 1931. Pode ser que muitos dêles estivessem incluídos naquele grupo no domingo á tarde.

Notável foi o interêsse manifestado pelo povo do Rio para com a reunião. Não só houve a mais ampla liberdade e absoluta ausência de hostilidade, como também verdadeira simpatia da parte dos assistentes. A repetição do tema — "O CRISTO VIVO" — sem dúvida deve ter transformado mais de um ouvinte. Podia-se ver o brilho das faces, quando se percebia que os oradores de vários países falavam com júbilo de alguma cousa que, para êles, era a mais real de todo o mundo. Um novo dia raiará para o Cristianismo, quando homens e mulheres contarem com gôzo e convicção quão grandes cousas fez Deus por êles.

MENSAGENS DOS CAMPOS

COREIA

(Pelo Rev. James K. Chung, Secretário)

O trabalho da Escola Dominical na Coréia durante o último quatriênio atravessou quatro fases. A primeira, foi um ano de inspiração.

A influência da Décima Convenção Mundial das Escolas Dominicais, em Los Angeles, em 1928, deu verdadeiro impulso ao trabalho na Coréia. O seu caráter realmente internacional animou a nossa obra. Trinta e oito delegados foram inscritos que, de volta á pátria, trouxeram-nos novo entusiasmo e aos interêsses da Escola Dominical.

No segundo ano, recebemos inspiração e maiores fôrças da terceira Convenção das Escolas Dominicais da Coréia, realizada na cidade de Pyeng Yang, em 1929. Esta Convenção contou 2.022 delegados inscritos, e, em algumas das reuniões, compareceram seis a sete mil adultos e três mil alunos da Escola Dominical. Tal Convenção se distinguiu, não só como a maior mas, pela presença do Dr. Roberto M. Hopkins, Secretário Geral das Escolas Dominicais. Os relatórios revelaram o ganho de 1.052 escolas, 8.065 professores e 122.820 alunos.

O terceiro ano foi um ano de depressão. Nosso orçamento foi reduzido em 80 %, de maneira que nos achamos ainda agora numa posição algo difícil.

O quarto ano, que é o atual, é um ano de esperança. Nós esperamos receber ainda maior inspiração desta Décima Primeira Convenção. A Coréia parece muito pequena entre as nações. Mas, é um país muito poderoso diante de Cristo, nos confins do mundo espiritual. Ela está satisfeita com o Pão da Vida e deseja que todos os povos famintos da face da terra sejam alimentados com êsse Pão que ela está usando tão gostosamente.

CEILÃO

(Pelo Rev. J. Vincent Mendis, Secretário)

Ceilão é "a terra dos zéfiros aromáticos", a terra de verão perpétuo, de um povo afamado pela sua hospitalidade e tolerância, a terra onde 80 % do povo vive nas aldeias. Existem aquí quasi 800 Escolas Dominicais, com uma matrícula total de 30.000 alunos, dos quais 15.000 não são cristãos. A obra de treinamento religioso se faz em três línguas — inglês, sinalês e tamil. A União das Escolas Dominicais de Ceilão publica literatura para professores, na forma de revistas mensais graduadas. Conferências e grupos para treinamento, durante certos períodos, são realizados em vários centros pelo Secretário; e entre as atividades especiais de cada ano ha, em Outubro, uma "Semana da Criança", que proporciona á mocidade uma oportunidade ás decisões definitivas.

A União das Escolas Dominicais de Ceilão tem nove anos e é interdenominacional. Procura servir a todos os ramos da Igreja e usa todos os ensejos neste esfôrço. O trabalho se tem processado dentro do espírito alegre de irmãos, tão desejável em trabalho desta natureza.

Recentemente, o nosso trabalho esteve em dificuldades, devido á

organização, pelos Budistas e Hindus, de Escolas Dominicais, em centros ocupados já pelas nossas escolas, em horas marcadas, para coincidirem com as nossas. Nós, a-pesar-disso, continuamos, mesmo com número reduzido de alunos. Felizmente, em muitos lugares tivemos o prazer já de receber de novo os alunos perdidos, tendo as escolas budistas cessado de funcionar.

Nossos dias são de crise; o comércio tem diminuído; faltam mesmo recursos, mas, o Senhor é rico em bênçãos, e avançamos certos de que êle despertará os corações de muitos em favor de Ceilão. Êle abençoará o nosso trabalho!

JAPÃO

(Pelo Rev. Sabrow Yasumura, Secretário Geral)

Grande prazer tenho em trazer-vos saüdações dos 160.000 alunos das Escolas Dominicais do Japão. Meu país é uma como pequena vasilha sob uma bica pela qual corre a água da fonte. Milhares de entre nosso povo vêm á vossa terra, cada mês, como imigrantes, pela vossa bondade. Tendes sido muito bons para conosco e somos-vos deveras reconhecidos.

Dei-vos acima o número dos alunos das Escolas Dominicais, mas não vou apresentar-vos um relatório estatístico agora. Somos apenas um pequeno grupo, em comparação com o povo pagão japonês. Somos mesmo grupo tão pequeno que um dos oficiais do govêrno disse recentemente, em uma reunião de líderes religiosos, que si a massa de gentes do Japão fosse dividida segundo as tendências religiosas do povo teriamos 70 % Budistas, 30 % Shintoistas e... o resto seria de Cristãos.

Vede, pois, que somos um bando pequeno. Não somos, todavia, o menor. Pelo contrário, somos um dos principais fatores de influência a operar na vida moral, social e espiritual do Japão. Faz setenta anos que meu país acordando de seu sono, reconheceu que se achava muito para trás das outras nações civilizadas. Assim, montou-se em um cavalo chamado Ciência, com pressa em alcançar a Europa e a América. Agora é com grande surpresa e confusão que o país se percebe correndo cegamente, montado no dorso de um animal monstruoso chamado Materialismo, a perder ràpidamente algumas cousas boas que outrora possuía. Já agora os líderes do Japão desejam ardentemente dar à religião um lugar na educação.

"O Movimento do Reino de Deus", sob a direção de Dr. Kagowa, está abrindo os corações de milhares, que reclamam os guiemos no desenvolvimento de suas personalidades na graça e na vida de Cristo. Estamos prontos em Deus para ouvir o desafio e ganhar o Japão para Cristo Jesus.

EGITO E SUDÃO

(Pelo Professor Tawfik Saleh)

Da mais antiga das nações atuais; da terra que honrou a José e educou a Moisés; da terra onde os Judeus, o povo de Deus, se tornou em nação; da terra que uma vez deu guarida ao pequeno Cristo, sim, da terra do Egito, eu vos trago saüdações sinceras.

O Egito e o Sudão têm 23 milhões de almas, quinze e oito milhões, respectivamente. Dêstes, um milhão apenas não é Maometano. O Egito é hoje o centro intelectual do Maometismo. Não tem o maior número de adeptos dessa fé, mas tem os de maior influência. As necessidades do Egito e do Sudão, o lugar que existe neles para a Escola Dominical e para a Educação Religiosa tornam-se mais patentes á luz dos seguintes fatos:

1. A comunidade protestante conta apenas com 80.000 pessoas.
2. Apenas 7 a 8 por cento dos 23 milhões sabem ler; e entre êstes os cristãos têm 40 %.
3. De cem crianças que nascem, apenas 5 a 7 atingem o quinto ano de vida.
4. O Egito tem 5.000 aldeias.

Para defrontar esta situação temos as seguintes fôrças em operação: 280 Escolas Dominicais, com 41.000 alunos, e 140 Escolas Evangélicas, com 25.000 alunos. A União de Escolas Dominicais do Egito e do Sudão parece insignificante á vista de tão grande necessidade. Temos ânimo, todavia, pois cremos no Cristo Vivo.

Portador que sou para vós das saüdações cordeais dos alunos das Escolas Dominicais da União das Escolas Dominicais e do Sínodo do Nilo, desejo levar de vós para êles um penhor de oração e de interêsse real. Assegurando-nos isto, não podereis errar, pois ajudar-nos-eis a cumprir a palavra do Todo-Poderoso, quando disse: "Bendito seja o Egito, meu povo!"

SÍRIA E PALESTINA

(Pelo Sr. Hanna Ghalib, União das Escolas Dominicais das Terras Bíblicas)

De dentro dos muros da Santa Jerusalém; de entre as ondas mansas da Galiléia; dos picos nevados do Monte Hermon; do silêncio que reina entre os sacros e antigos cedros do Líbano e dos corações inocentes das crianças da Terra Santa eu trago saüdações sinceras e cordiais.

Um grande número de meninos, semelhantes aos com quem o meigo menino Jesus brincou, ha vinte séculos, têm hoje grande necessidade de Jesus. Refiro-me especialmente ás crianças não-cristãs das Terras Bíblicas; e ha muitas delas. Eu passei a maior parte das minhas férias

de verão, desde 1922 até 1930, entre elas, dando-lhes ensino e instrução na leitura e na escrita, e divertindo-as com alegres festas sociais.

Muitas vezes me perguntavam: "São os cristãos simpáticos e bondosos assim?" E eu lhes respondia: "Sim, porque, Cristo, nosso Senhor, nos ensina a ser assim".

Aprendi, ao ouvir os apelos dessas crianças das nações, que elas também precisam de Cristo. Por isso, eis-me aquí, por amor dessas crianças, pedindo aos moços e ás moças da Convenção que consagrem o que tiverem de energia, de fôrça, de tempo e de amor, em pról dos pequeninos. Aquí, diante de todos vós, prometo fazer o que couber em minhas fôrças para tornar "O Cristo Vivo" real á meninice e á mocidade do meu país.

AFRICA DO SUL

(Pelo Dr. Charles T. Anderson, Capetown)

A África é chamada o "Continente Negro", porém, ela só é escura na côr da pele da maioria dos seus habitantes. E' realmente uma terra de sol e de cânticos, uma terra de regiões lindas, de grandes distâncias, de espaços misteriosos, uma terra onde milhões de pagãos, maravilhosamente atraídos pela pessoa do Cristo, ainda esperam a sua chamada, prontos a ouvirem-na e a cooperarem fiel, cordeal e alegremente no serviço de Deus e da humanidade. Sem Cristo, êsses milhões tornar-se-ão um perigo para a África e para o mundo. Tem-se dito, e não duvido da verdade do conceito, que o toque civilizador e evangelizador deve vir do Sul da África.

A' União de Escolas Dominicais da África do Sul tem recentemente publicado literatura em diversas línguas. Trabalhos estão sendo feitos em Afrikaans (língua dos Holandeses do Cabo) e em Kose, em Sesuto e em Becswana. Eu trouxe aquí, após uma viagem de 3.000 milhas, a nossa bandeira para mostrar-vos que sobre ela está escrito o moto da Convenção — "O Cristo Vivo" — em todas estas línguas e também em inglês. O têrmo *Bantu* inclue todos os nativos da África do Sul. E' difícil interessá-los na educação dos seus filhos. Dão pouco valor ás crianças. Ha, porém, um trabalho considerável em benefício delas, especialmente nas cidades grandes, particularmente em Johannesburg. As dificuldades do nosso trabalho são deveras grandes, mas Um que é maior que todas as nossas dificuldades está no meio de nós. No poder do Cristo havemos de prosseguir a jornada!

AUSTRALIA

(Pelo Rev. C. J. R. Price)

Tenho o privilégio, singularíssimo de representar um país que é, ao mesmo tempo, também um continente. A população da Austrália foi aumentada pela imigração até o tempo da crise, sendo a população nossa atualmente de sete milhões.

Dos habitantes, apenas sessenta mil são aborigenes ou nativos australianos. A obra missionária entre êstes é difícil, pois são nômades. Não têm aldeias nem moradas fixas, mas mudam-se de lugar para lugar, á busca de mantimentos. A educação Cristã no meio dêste povo tem forçosamente de ser simplíssima. Resta a população européia, cuja quinta parte é Católica Romana, sendo quatro quintos de Protestantes. Os governos dos vários Estados têm favorecido escolas não-sectárias, eliminando inteiramente a educação religiosa dos currículos. Fundamos, onde o povo reclama uma educação de base religiosa, escolas e colégios denominacionais, cuja manutenção depende das contribuïções dos alunos. Não ha, todavia, muitas dessas escolas. Aliás, o método não parece capaz de vingar.

Em todos os Estados, menos um, a educação religiosa é administrada semanalmente por ministros ou leigos, durante um período de meia hora. Em alguns Estados, os livros de leitura contêm Histórias Bíblicas, tratadas como literatura e como matéria didática.

As Escolas Bíblicas de Férias não têm atingido entre nós o desenvolvimento alcançado em outros países, principalmente porque a época e a natureza dos períodos de férias na Austrália variam.

As Escolas da Austrália, em regra geral, cuidam das crianças entre as idades de quatro a dezeseis anos. O número delas sobe a 550.000. A melhor parte do nosso trabalho é feita no Departamento Primário, que tem atingido a um alto grau de eficiência. A preparação de professores e líderes se efetua, em grande parte, pelo Concílio da Educação Religiosa, que oferece um curso de três anos e com doze unidades.

As crianças residentes fora das cidades, em distritos muito remotos das Escolas Dominicais comuns, são servidas por várias comissões denominacionais organizadas pelos Estados, e têm cursos de estudos em casa e por correspondência. A Escola Dominical pelo Rádio é uma fase do trabalho que vai tendo bom êxito.

O futuro é esperançoso. Temos prazer em relatar que cresce o interêsse no trabalho entre a mocidade e líderes.

AMÉRICA LATINA

(PELO BISPO JUAN E. GATTINONI, Buenos Aires)

Nesta grande Convenção vejo duas profecias cumpridas.

A primeira se acha na Palavra de Deus: "E virão do oriente, e do ocidente, e do norte, e do sul, e assentar-se-ão á mesa no reino de Deus". Eis-nos aquí, representantes de diversos países do mundo, participando dos interêsses mais importantes do Reino de Deus, os inte-

SESSÕES DO CONCÍLIO DA MOCIDADE

VISTAS PARCIAIS DA EXPOSIÇÃO
ESCOLA NACIONAL DE BELAS ARTES

rêsses das crianças e da mocidade das nossas terras respectivas. A outra profecia foi feita por um grande brasileiro, que a proferiu ha anos em Buenos Aires. Eu me refiro ao Dr. Rui Barbosa, que disse: "Os olhos do crente, do filósofo e do político fitam-se em uma nova fôrça que até aquí tem sido despresada, — a regeneração do homem pelo ideal cristão". A formação de caracteres cristãos em nossas crianças e em nossos moços é o fim que aquí nos reune. Saüdamos todos os métodos novos de pedagogia e psicologia; e nos alegramos com todos os bons esforços que procurem edificar o Reino de Deus por meio de vidas regeneradas.

DINAMARCA

(Pelo Rev. André Jensen, representando a Comissão das Escolas Dominicais Dinamarquesas)

A grande maioria da população Dinamarquesa pertence á Igreja Evangélica-Luterana Nacional, cêrca de 97 %. Assim, quasi todas as Escolas Dominicais do país também pertencem á Igreja Nacional. Ha na Dinamarca uns três e meio milhões de habitantes. Cêrca de meio milhão de crianças frequentam as escolas, onde todas recebem instrução religiosa. As Escolas Dominicais estão em contacto com uma quarta parte dessas crianças, pouco mais ou menos.

As Escolas Dominicais na Dinamarca continuam a crescer em número e em atividade. O "Jornal Semanal das Crianças" tem uma circulação de 28.000 exemplares. No verão de 1930, as Escolas Dominicais Dinamarquesas comemoraram o sesqui-centenário da primeira Escola Dominical fundada por Roberto Raikes, em Gloucester. Todas as crianças das paróquias foram convidadas a assistir a um culto divino, e, o fizeram com alegria.

TERCEIRA PARTE

MENSAGENS DEVOCIONAIS

"EU SOU O CAMINHO"

(Pelo Rev. Alexander McLeish, Londres, Inglaterra)

Nosso assunto esta tarde é a afirmação peculiar e solene de Jesus Cristo: "Eu sou o caminho — Ninguem vem ao Pai sinão por mim". Estas palavras do Senhor encaminham-nos ao âmago de um grande mistério.

Elas foram reiteradas por São Paulo, o grande apóstolo, quando êle disse: "Nenhum outro fundamento pode ser lançado, sinão o que já está posto". Temos nestas declarações a mais forte reivindicação de poderes jamais feita. Elas não podiam ter sido ditadas sinão por quem tinha o direito de o fazer, nem podiam ter sido concebidas sinão por quem estava côncio de sua única relação para com Deus, e única também como o verdadeiro meio de uma real aproximação do Pai Celeste.

Nossa fé Cristã difere fundamentalmente de todas as outras crenças nisto: ela é confiança em uma Pessoa, e esta Pessoa é o Divino Filho de Deus. Si isto não for verdadeiro, o direito de Cristo não é real e toda a nossa fé é vã. Não haja dúvida a êste respeito. Uma das revelações mais notáveis dos Evangelhos é a do que Cristo pensa a respeito de si mesmo, quando afirma: "Eu e o Pai somos Um". E Êle esclarece bem que só ha um caminho de salvação para os homens: é Êle mesmo. Só ha uma fonte de vida: é Êle mesmo. "Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida".

Ouve-se dizer atualmente acêrca de noções e idéias admiráveis existentes nas creanças pagãs que, dizem, si fossem colecionadas e harmonizadas trariam uma religião universal. Pois seja. Mas, si tanto se fizesse e se deixasse Cristo de lado, o restante malmente havia de merecer a nossa mera atenção. Os esforços humanos para achegar-se de Deus, tal como se vêem nas religiões do mundo, têm dado expressão a muitos pensamentos e atos nobres; mas, têm deixado como efeito que os homens se sintam mais côncios de suas misérias. A graça de Deus, vindo ao encontro dos homens, lhes trouxe Jesus Cristo. Os que o vêem com os olhos da fé têm uma paz e uma certeza que todas as filosofias do mundo não podem criar nem tão pouco abalar. Esta é a enorme diferença que ha entre as religiões pagãs e a Fé Cristã. A maneira absoluta pela qual Cristo expressou o seu direito, tornou viva esta diferença. Os homens pedem e exigem uma "autoridade" em matéria de crença; pois ei-la aquí. Numa visão cristã da vida, precisamos de dar a esta verdade uma ênfase que se tem tornado rara. Um bom serviço que Karl Barth, o teólogo alemão, fez para todos nós foi renovar esta nota: — "Deus falou! Ouçam-no e obedeçam-lhe os homens!"

Quando Cristo diz: — "Eu sou o caminho", faz uma exigência rigorosa á nossa fé. Não ha ambiguidade nesta idéia. Nem sei mesmo

si devo ir além dêste ponto. Estamos julgados, cada um de nós, na santa presença do Cristo que é o Caminho Eterno.

Como podem os homens duvidar de seu direito absoluto si está selado com o seu próprio sangue? Todavia, damos-lhe tão fraca afeição e tão faltosa obediência!

Si o direito de Cristo sobre nós não vem como uma mensagem de graça infinita e de misericórdia sem par, não podemos permanecer diante dêle. De modo maravilhoso, entretanto, êle considera nossas fraquezas humanas, admoestando-nos a "orar sempre, sem nunca desfalecer". Êle tem o direito de falar-nos assim, porque viveu na contínua dependência de Deus. Foi tentado em todos os pontos, como nós, contudo, não pecou. Tendo sofrido uma vez pelo pecado do homem, êle o livrou, não só da pena, mas do poder do peccado. Cristo é, na verdade, o caminho para mim, para vós, para todos os pecadores. E ainda mais. Aquele que nos chama a vê-lo como o único caminho não é uma mera personalidade histórica; é um Senhor Vivo.

Escolhestes bem o lema para esta convenção: "O Cristo Vivo", porque, na verdade, o Cristo que faz a afirmação de ser — "O caminho" é o Cristo Vivo. O sentimento da presença vivificante de Cristo tem sempre sido o sinal dos grandes místicos cristãos. Lembro-me bem do sentimento da presença de Cristo na prègação do meu velho amigo, Sadhu Sundar Singh. Quando êle falava, sentia-se que Cristo como que estava de pé ao lado dêle, numa personalidade tão vívida, tão real e tão presente como o próprio orador.

Esta conciência da presença do Cristo Vivo é hoje mais necessária do que qualquer outra cousa. Si durante esta Convenção pudessemos, coletivamente, reconquistar o senso da presença de Cristo, seria um fato memorável: — sentirmos o palpitar de sua proximidade e nos rendermos de corpo e alma á sua direção.

E não está Êle presente agora e aquí mesmo? Não estamos nós falando e ouvindo, cientes de sua presença? Afinal, por que estamos todos aquí, vindos de muitos países do mundo? Não é porque estamos certos de que Jesus é o "Caminho" e desejamos levar outros ao seu conhecimento?

Jesus Cristo providenciou para satisfazer-nos a necessidade de sua presença: — Não vos deixarei órfãos... enviar-vos-ei outro consolador". Estamos vivendo na era do Espírito, e do Espírito presente do "Cristo Vivo". O grande papel da fé é o de habilitar-nos a ouvir a Cristo e dar-nos fôrças para obedecer-lhe. Quando Cristo prometeu seu Espírito a "todos os crentes", não propôs um enigma, como pensam muitos. Êle queria dizer, simplesmente, que o seu Espírito havia de vir e o que os homens tinham de fazer era reconhecer êste glorioso fato e se entregarem á sua direção em todas as cousas. Saber isto e agir sempre côncio desta verdade é tudo o que se requer do cristão.

Para nós, individualmente, êste é o único caminho e temos testemunho disto em nossos corações por seu Espírito Santo.

Quanto é, na verdade, completa a previsão que Cristo fez para um povo tal como nós, num mundo tal como êste!

Reflitamos, agora, por um momento, sobre a visão de Cristo a respeito da vida. Precisamos de voltar aos ensinos do Novo Testamento, para recuperarmos o conceito de Cristo a respeito da vida, porque não sòmente Êle é o "Caminho", para cada um, individualmente, revelando-nos o Pai e fazendo o seu amor e misericórdia operarem a nossa salvação pessoal, mas êle é, também, o "Caminho" para a sociedade, para todos. Cristo é o nosso "Caminho" para todas as relações humanas. Seus princípios, expostos no Sermão do Monte, têm sido, muitas vezes, considerados inadaptáveis a êste mundo. Mas será, de fato, assim? Tratam êles das realidades íntimas do coração, donde procede tudo o que se exterioriza. A esta altura podemos muito bem perguntar aos homens como estão operando, hoje, os seus chamados "princípios mundanos"? Considere-se, p. ex., o mundo financeiro, comercial e industrial; vejamos como agem as leis restritivas de nossa famosa civilização moderna; contemplemos o quasi total colapso de todas as relações internacionais, e indaguemos: Será que êste naufrágio, que contemplamos, aterrados, naufrágio em todo o mundo e naufrágio ao nosso derredor, represente um bom negócio que tenhamos feito? Cristo disse a verdade quando declarou que "aquele que perder a sua vida ganha-la-á" e, ainda: "Buscai primeiramente o reino de Deus e a sua justiça e todas estas cousas vos serão acrescentadas". Temos invertido a ordem de Cristo e por isso estamos em perigo de perder tudo! Não! Cristo estava e está com a verdade. Êle, só êle, é o "Caminho" para o mundo social, e o político, e o econômico. Quando os homens forem capazes de ver que os princípios de Cristo não são inadaptáveis ao mundo presente, compreenderão onde está o segrêdo do sucesso legítimo do mundo.

"Eu sou o caminho", diz Jesus, e o diz com muita verdade. E é tanto para vós, individualmente, como pode ser em todas as vossas relações para com o próximo. Cristo veiu estabelecer um reino em que todos os interêsses humanos devem se harmonizar — "És tú rei?" perguntou-lhe Pilatos. Êle respondeu: Sim, sou Rei, mas o meu reino não é dêste mundo". Isto é, segundo os princípios dêste mundo. Cristo é o "Caminho" do reino de Deus. Isto é, o govêrno de Deus entre os homens.

Estar bem com Deus é o único meio de os homens poderem ficar bem uns com os outros.

O Evangelho de Cristo foi o Evangelho do Reino, um Evangelho que abrange todas as relações humanas e todas as necessidades pessoais.

Temos, por muitos anos, prègado um Evangelho algo limitado, um Evangelho de salvação pessoal; mas, Cristo prègou um Evangelho mais amplo. Precisamos hoje reconsiderar isto sèriamente. De fato precisamos

de retornar ao velho Evangelho, o Evangelho do Cristo mesmo, que é a única mensagem que satisfaz as nossas necessidades e as do próximo.

Si deixarmos que Cristo dirija a nossa vida, não haverá mais problemas sociais no mundo.

Persistimos, entretanto, em experimentar nossos próprios caminhos. Para que? Sòmente para aprendermos que a sabedoria dêste mundo é inócua, embora pareça isto estranho paradoxo.

Uma palavra de advertência, entretanto, torna-se oportuna, nesta altura, porque, admitindo a visão de Cristo sobre a vida, devemos cuidadosamente notar o modo como êle quer que apliquemos as consequências mais amplas de seu Evangelho ás necessidades do mundo. Líderes e missionários têm cometido muitos enganos neste terreno, porque têm-se esforçado para satisfazer as necessidades materiais do mundo errôneamente.

Não temos, tantas vezes, procurado adquirir as cousas boas do mundo — paz, prosperidade, riqueza — para apressar a vinda do reino de Deus? Pois o caminho de Cristo é diferente. Êle quer que adquiramos, primeiro, o Reino de Deus e a sua Justiça e só então é que as outras cousas nos serão acrescentadas. De fato, não teremos ocasião nem motivos para estarmos ansiosos por essas cousas, si formos, realmente, zelosos a respeito das boas relações dos homens para com Deus. Esta verdade, embora muito simples, não é trivial. Cristo deu o preço exato aos valores do mundo. Só êle, e mais ninguem, pode assegurar-nos as bênçãos da vida presente e da que ha de vir. Nós, obreiros cristãos, somos contìnuamente culpados de falar e agir sem dar atenção a isto. Nem sempre aceitamos, alegremente, o dito de Cristo de que os homens devem, primeiramente, estar de bem com Deus para depois estarem de bem uns com os outros. Ao contrário, vamos experimentando laboriosamente a ver si conseguimos paz, prosperidade e riqueza antes de pôr o fundamento sobre que essas cousas se estabelecem.

Parece-me que é isto que Jesus ensina quando diz: "O meu reino não é dêste mundo". A questão magna que temos de responder, é: — "Como fazê-lo nosso rei? Como entrarmos no novo mundo que êle vai crear?" Sòmente alcançaremos isto se pusermos em prática o método de Cristo. Êle é o "Caminho" para nós em todas as relações humanas; mas, as cousas primárias, devem ser postas em primeiro lugar e conservadas na sua posição.

Todas as emprêsas filantrópicas que deixam de reconhecer êste fato estão edificadas sobre areia. Embora pretendam representar o espírito de Cristo, obscurecem, de fato, aos outros, a realidade que Cristo deu aos valores. Fazendo muito boas ofertas, deixam, todavia, de dar a maior de todas. Uma verdadeira filosofia de conduta cristã acha-se envolvida neste ponto de vista. Nenhum leitor fiel do Evangelho deve ignorá-la. Mudança de coração é o que ensina Cristo, de fato; com isto, não precisareis de cansar-vos mais a respeito das condições externas da vida. Reconhecer êsse modo de ver de Cristo é

capital para o nosso sucesso. Faremos bem sempre em considerar o mais cuidadosamente possível a doutrina de Cristo a respeito do Reino de Deus, bem como vale a pena ver si não temos nela o remédio para todos os nossos males. Ùnicamente um mundo novo dentro de nós creará um novo mundo fora de nós. Procuremos praticar o doce ministério espiritual do bem que preocupou o Mestre. Êle não era indiferente ás necessidades materiais do homem; sabia até muito bem a fonte de todos os seus cuidados, e para remover a raiz de nossa infelicidade e inquietação, veio ao mundo a resolver êsse problema trágico. E revelou sua atitude, quando disse: "O Reino de Deus está dentro de vós", e nunca se deixou distrair dessa linha por cousas secundárias.

Si nos dispusermos a ganhar o coração da mocidade atual para Cristo, os problemas que afligem o mundo serão resolvidos. Não ha outro método sinão o de Cristo. Temos de estabelecer o Reino de Deus primeiro em nossos corações e em seguida nos dos outros.

Não digo que seja isto tarefa muito fácil. Não, não é. Parece mesmo ter-se tornado agora mais difícil. Parece ir de encontro ao senso comum e á sabedoria universal, porque é como se rejeitassemos tudo o que o mundo valoriza hoje. Cristo é em tudo o único "Caminho". Ora nós trilhamos outras vias que parecendo, aparentemente, sábias são, todavia, irremediável perda.

A visão de Jesus acêrca do mundo é uma das belas suspresas do seu ensino.

Êle fala de tal maneira, que sua palavra é para todos os séculos. Seu modo de olhar o mundo se manifestou numa época em que o nacionalismo estreito dos judeus dominava em seu país. Nisto também Cristo é, para nós, o "Caminho". A comunidade dos seus discípulos, a sua Igreja, deve estar preparada para seguí-lo, em trazer o mundo todo aos pés do Salvador. Vamos agora ao nosso último ponto, e é êste: "Cristo é o Caminho" para toda a humanidade, sem exceção de raça ou de côr. Êle disse: "Tenho outras ovelhas que não são dêste aprisco, a estas também é necessário que eu traga". Si Cristo é um "Caminho" para nós, claro que nosso primeiro dever é fazê-lo conhecido de outros. Isto não implica qualquer fórmula de proselitismo, porque não devemos desejar nunca fazer prosélitos para *nossas próprias* organizações; significa, apenas, que devemos levar os homens a ver em Cristo o único Salvador dos pecadores, a única esperança do mundo. Nosso alvo não é fazer oposição ás crenças dos outros, mas, simplesmente, por experiência pessoal, nenunciarmos as necessidades dos homens como as de pecadores diante de um Deus Santo e Justo.

O perdão que Cristo dá, com a nova vida dêle resultante, fará clara a visão dos homens quanto á sua prática da religião.

— Nada, sinão uma experiência pessoal da graça de Jesus Cristo, faz isto. Durante vinte anos de experiência na obra missionária na Índia, uma das confissões mais admiráveis que já ouvi foi a de um

converso mussulmano, professor num colégio cristão, que me contou a história de seus oito anos de comparação diligente entre a religião Musulmana, a Sikh e a Cristã, e de sua impossibilidade em chegar a qualquer resultado. Só depois de ter abandonado suas pesquisas para simplesmente considerar o seu estado de pecador diante de Deus foi que achou o "Caminho" e foi levado a ver que sòmente Cristo podia socorrê-lo de fato.

Temos de tratar diretamente, pessoalmente, o tremendo problema do pecado. Quando Deus fala ao coração, nada mais resta a dizer. Talvez alguem ache que isto é muito simples, simples demais, e impraticável. Pois, afirmamos que a doutrina de Cristo, que nos chama para a vida e vida mais abundante, é a essência da sabedoria e é a única saída para a humanidade que luta. O que achamos ser verdade para nós podemos ter certeza de que será também para outros. Quando Cristo penetra em nossa vida e domina as nossas atividades, vemo-nos forçados a rever muitos conceitos e opiniões correntes e entrar em um novo mundo de pensamentos e atividades.

Não é fácil êste caminho. Não nos enganemos. Quando Cristo chamou seus discípulos, disse-lhes — "Segui-me, e Eu vos farei pescadores de homens".

Nós, modernos discípulos de Cristo, devemos, igualmente, ser pescadores de homens. Cristo nos chama não só para nossa segurança e satisfação pessoal, mas visando o bem e o socorro de outros. Êle está sempre pensando nas "outras ovelhas" que devem chegar ao aprisco. Temos que ser todos missionários, si quisermos ser verdadeiros discípulos. Nossa vida e serviços devem ser penetrados com esta visão que Jesus tem do mundo e estar prontos, si Êle nos chamar, a ir aos confins da terra, prontos a dar, não só o dízimo, mas, todos os nossos bens para a extensão do seu Reino, prontos até a sacrificar a própria vida em seu serviço glorioso.

Esta é a concepção que o Novo Testamento faz do cristão completo e normal. O fato triste de que muitos não atingem ao padrão explica a lentidão da marcha do Evangelho no mundo. Não ha outro motivo para isto, sinão a nossa falta de fé em Cristo e o nosso pouco interêsse pela salvação do próximo. Cristo contìnuamente afirma, com ênfase, que a tarefa é urgente e que o tempo está próximo. Mas, os homens são lentos e tardos e o Reino fica atrazado. Não é de Deus, mas é nossa a culpa de não se realizarem logo nossas boas esperanças e de permanecerem as misérias humanas no caminho da vida.

Si cremos realmente que Cristo é o "Caminho" para nós e que é o único remédio para os males da sociedade, então o nosso programa deve abranger os sãos interêsses de todos. Poderemos fazê-lo, si quisermos. Si desejamos estabelecer o Reino de Cristo, devemos trazer a Êle todos os homens. Ha uma importante pergunta que devemos fazer a nós mesmos, nesta convenção. E' esta: "Que qualidade de cristão sou eu no mundo de hoje?"

Cristo precisa de discípulos que estejam inteiramente ao seu serviço, sem reservas de espécie alguma. Pois achais que já é chegado o tempo de acabarmos com as nossas mesquinhas e egoísticas reservas? Faz bem esta Convenção declarando ao mundo que a "Associação Mundial de Escolas Dominicais" crê de todo o coração que Cristo é o único "Caminho" da salvação dos homens; que obedecer-lhe é a única solução de todos os males e que sem Êle não ha esperanças nem para o indivíduo nem para a humanidade. A raça humana corre a se abismar numa grande catástrofe! Oscila o que se julgava estável. Não se sabe o que é que vai, nesta queda, esmagar-se primeiro. Não ha reservas morais e espirituais bastantes, no coração da humanidade, que possam salvar a situação. Sòmente um ato da graça de Deus pode livrar-nos de nós mesmos, de nosso inerente egoismo! Êsse ato de graça já se realizou, e é a presença de Cristo conosco.

Os judeus na grande crise de sua história, apartaram-se dêle e o abandonaram.

Que vamos nós, cristãos, fazer com Êle hoje? Arrependamo-nos de nossa frieza e mundanismo e procuremos agora, aos pés do Cristo-Rei, a nova vida que Êle promete. Procuremô-la, não só para nós, mas para todos os homens. Em nós sòmente, está o impedimento á realização dessa bênção. Estamos prontos a ser os discípulos que Jesus quer? Pode Êle confiar em nós? Procuremos, humildemente, nesta crise, estar á altura do seu apêlo!

"Primeiro", disse Jesus, falando do futuro, "êste Evangelho deve ser prègado como um testemunho a todas as nações, e virá o fim". Quando Cristo e seu amor prevalecerem, todo o egoismo desaparecerá. Si a visão que Cristo tem do mundo destruir os nossos inveterados erros de visão, é sem dúvida que nossa obediência ao seu apêlo trará as nações a seus pés.

Façamos de Jesus o Rei, o nosso Rei: Êle é o "Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguem vai a Deus sinão por Êle".

A LUZ DO MUNDO

(Dr. Minot Morgan, Nova York)

"Eu sou a luz do mundo, quem me segue não andará em trevas, mas terá a luz da vida". (João, 8:12).

Neste pensamento de seu glorioso Evangelho, Jesus começa consigo mesmo e se define com clareza irrefutável. "Eu sou a luz do mundo". Alguns dizem presentemente que Jesus não ocupou lugar de destaque no Evangelho do Verbo. Asseveram que Êle simplesmente anunciou,

ensinou e prègou o Reino de Deus e que apresentou á humanidade os verdadeiros padrões de moralidade. Quem almejar conhecer a religião de Cristo, continuam dizendo, necessita destruir os dogmas teológicos construídos pelos apóstolos e teólogos em tôrno do Cristo e limitar-se aos três primeiro Evangelhos. Nas encantadoras parábolas que urdiu e no Sermão do Monte que proclamou, Jesus estabelece os princípios fundamentais do Reino, e isto, dizem ainda, é a essência do Cristianismo.

Mesmo na hipótese de nos limitarmos aos três primeiros Evangelhos, encontramos neles estas palavras: "O Filho do Homem não veiu para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate de muitos", — palavras completamente ininteligíveis quando separadas da cruz. Também á Santa Ceia Êle diz: "Isto é o meu sangue, o sangue do Novo Testamento, que por muitos é derramado, para remissão dos pecados". Assim, os Evangelhos sinóticos (os três primeiros) atestam, com as próprias palavras de Cristo, que Êle é essencial ao seu Evangelho e, ao contemplarmos o 4° Evangelho, encontraremos muitas passagens declarativas do seu poder salvador.

Disse o Mestre a Nicodemus: "Como Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do Homem seja levantado, para que todo o que nele crê, tenha a vida eterna".

A' mulher Samaritana, á beira do poço de Jacó, Êle disse: "Eu sou o Messias, eu que falo contigo".

Falou ao povo em Cafarnaum: "Eu sou o pão da vida; aquele que vem a mim não terá fome, e quem crê em mim nunca terá sêde".

Também disse: "A vontade daquele que me enviou é esta: que todo aquele que vê o Filho e crê nele, tenha a vida eterna e eu o ressuscitarei no último dia". "Si alguem tem sêde venha a mim e beba". "Eu sou a porta; si alguem entrar por mim, salvar-se-á, e entrará, e sairá, e achará pastagens". "Vim para que tenham vida e a tenham com abundância". "Eu sou a Ressurreição e a vida..." Nesses ensinos o Divino Mestre afirma que Êle, sòmente Êle, o Cristo Vivo, é o Salvador do mundo.

Assim, o pensamento que nos serve de tema não é uma declaração isolada e excepcional de Cristo. Tão profunda asserção está em perfeita harmonia com os seus ensinos. As palavras " Eu sou a luz do mundo", si se referissem a uma personalidade mèramente humana, seriam a revelação de orgulhoso louco ou da mais profunda ilusão. Mas, graças a Deus, que a experiência cristã, através 19 séculos, prova a veracidade da declaração de Cristo e nos afirma categòricamente que Êle é realmente tudo quanto falou de si mesmo: — "A luz do Mundo".

Reflitamos um pouco sobre esta magnifica expressão — "A luz do mundo". A luz é a creação material mais portentosa de Deus. Não ha revelação mais sublime de seu poder creador do que esta: "Disse Deus: — Haja luz e houve luz". O universo em trevas resplandeceu gloriosamente iluminado, alindado de côres e de belezas indizíveis. Alguns aquí têm viajado 5.000 milhas através o Oceano e visto as

maravilhas do mar e dos céus e a beleza incomparável desta famosa Guanabara e desta belíssima Cidade do Rio. Pois tudo isto se nos desvendou — pela luz. A única expressão material que, numa palavra, se torna o símbolo de Deus, é a luz. "Deus é luz", diz a Escritura, e "nele não ha trevas". Nas profecias sobre a vinda de seu Filho lemos: "O povo que andava nas trevas viu uma grande luz, aos que estavam de assento na terra da sombra da morte, a êstes raiou a luz". Êle era o Sol da justiça, que ia surgir com maravilhoso poder salvador, e quando apareceu os homens o reconheceram como a luz.

S. Paulo diz: — "Nós vemos a luz do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo". S. João declara — Êle é a verdadeira luz que ilumina todo o homem que vem ao mundo".

a) *Êle é a luz da verdade.* Disse Jesus: "Eu para isso nasci, e para isso vim ao mundo, afim de dar testemunho da verdade". Êle não sòmente ensinou e prègou a verdade, mas, encarnou-a em sua vida. Os homens lhe diziam: — "Mestre, sabemos que tu és verdadeiro e que ensinas o caminho de Deus na verdade". Falou Jesus mesmo: "Eu sou a verdade".

b) *E' a luz da pureza.* Que é que pode haver de mais pureza que a luz? Ela brilha sobre o limo, e sobre o lixo, e sobre a imundície sem se contaminar. Assim, não nos maravilhemos de que Jesus seja considerado o Sol da Justiça que, de fato, é.

c) *E' a luz da vida.* Sem o sol o Universo seria um monturo só de morte. Não haveria possibilidade de vida. E sem Cristo morreria espiritualmente. Disse o Mestre adorável: — "Eu sou a luz do mundo", proclamando a sua religião universal e internacional, sem peias nem limites raciais, nacionais ou geográficos. E' cosmopolita. Isto não é de modo algum doentio egoismo do Cristo; é que é universal.

As matemáticas ilustram o que quero dizer. Si duas vezes dois são quatro em Jerusalém, deve ser isso mesmo em Nova York. Si a soma dos ângulos de um triângulo é igual a dois ângulos retos na cidade natal de Euclides, não pode ser igual a três ângulos retos no Rio de Janeiro. Da mesma forma, si o caminho da salvação da Galiléia e Judéia é pela mediação de Nosso Senhor Jesus Cristo, deve ser e o é também em todas as terras e em todos os tempos. Jesus não podia ser um Salvador local sem o ser também universal.

Pedro tem razão quando diz: — "E em nenhum outro ha salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome ha, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos". Si Cristo é a verdadeira luz em qualquer lugar, deve sê-lo também em todos os lugares. "Êle é a luz do mundo". Jesus Cristo é a luz do mundo, não para significar uma luz produzida pelo mundo, pois a terra em que vivemos não se ilumina por si mesma; sua luz vem do Sol. Assim, a "luz do mundo" não é a luz que o mundo pode produzir. A luz que ilumina o mundo é a que vem de cima, a luz universal, é o Cristo Vivo. Meus amigos, credes nisto? Indubitàvelmente encontrareis *verdades* em todas as reli-

giões, mas a *suprema verdade* e a revelação final sòmente se acham em Cristo Jesus. O programa missionário é cósmico e é inevitável. Nunca direis que Maomé seja suficiente para as terras de Islão, ou que Buda para Burma e Ceilão, ou que a China não careça de Cristo porque vive á sombra de Confúcio, ou que os povos cultos de nações nominalmente cristãs não necessitem de um Salvador Divino. Não; si Cristo é a luz do mundo, mesmo que Êle não nô-lo exigisse, deveríamos sentir o imperativo de ser suas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia, Samaria e até os confins do mundo.

Finalmente, o Evangelho universal é também intensamente individual. *"Aquele que me segue"* — foi o que disse Jesus. O Mestre não está pensando nas massas, mas em cada indivíduo que é parte da massa. Em sua palestra com Nicodemus, diz: "Todo aquele que crê tem a certeza da vida eterna". A promessa é para todos os que aproveitam as oportunidades da graça e são os que sentem a doce experiência dessa luz. Aquele que segue a Cristo é o único que não anda em trevas, mas tem a luz da vida.

Ah! quantos ha neste mundo que perderam a orientação espiritual e peregrinam sem rumo, nas trevas! Isto se verifica na vida política, econômica, social, moral e religiosa.

Em todas as atividades humanas não ha luz perfeita, a não ser a luz do Cristo Vivo, sem a qual nos encontraríamos em desespêro neste mundo. Mas, com Êle olhamos confiantes para o futuro dêste mundo perturbado e perplexo. Êle nos disse: "No mundo tereis tribulação, mas tende bom ânimo, eu vencí o mundo".

Meu apêlo agora é o do velho profeta: "Levanta-te, resplandece, porque é chegada a tua luz".

E' em tua vida, ó Cristão, si tens a coragem de seguí-lo, é em ti mesmo que o Cristo Vivo se revela como a luz da vida ao Universo em agonias!

EDIFICANDO UM NOVO MUNDO

(Dr. Roger T. Nooe, Nashville, Tenn.)

"Seja feita a Tua vontade na terra"! Sim, seja feita a vontade de Deus na terra é o programma do cristão procurando convergir todos os poderes desta vida dentro do reino de Deus. Por isto foi que viveu o mais bravo aventureiro espiritual dos séculos. Para isto Êle morreu e está vivendo novamente em cada vida repleta do seu sonho.

"Na sua vontade está a nossa paz", disse o Dante. Os desacordos íntimos da vida transformam-se em suave harmonia, quando nos entregamos á vontade do Mestre. "Uma vez que os nossos desejos estejam de acôrdo com a vontade de Deus, a luta que se passa na alma terá um fim".

Na sua vontade está o nosso progresso. O que os homens chamam progresso será justamente um retrocesso, si não for identificado com o sempre crescente propósito do Deus vivo. O Sr. Brisbane, brilhante escritor, disse não ha muito tempo: "A Guerra Mundial atrazou o relógio dos séculos em cem anos". No nosso delírio, pensavamos que iamos avançando. No nosso desapontamento, depois do tumulto, da gritaria, da morte de vinte milhões de homens e de toda a desordem que se seguiu a êste pentecostes de calamidades, descobrimos que nenhum progresso permanente pode ser obtido em desafio á boa vontade dos homens. A guerra é pó valeroso, mas que edifica só sobre pó.

Na sua vontade está a nossa prosperidade. O que os profetas disseram ha longos anos, continua sendo a verdade provada pelos séculos. "Quando a montanha da casa do Senhor for exaltada, todo homem sentar-se-á debaixo de sua videira e de sua figueira e não temerá". A prosperidade que não é adquirida por meios éticos e pela retidão moral, pela aplicação da justiça á indústria e ás finanças, terá uma existência de pouca durabilidade, será fria como a neve que cai no rio. O "Pai Nosso" será um conjunto de palavras ditas como por um papagaio, enquanto não vier a ser um "Irmão Nosso". Quando com o "Pai Nosso" dizemos "Irmão Nosso" a religião está ligada aos trabalhos comuns da vida e pronta para suportar os problemas do mundo, fazendo uma música como dantes, porém mais grandiosa. Credos, ordens, rituais são apenas cousas fictícias, si não produzirem na vida quotidiana a vontade de Deus, si não mostrarem nos trabalhos comuns da vida que a vontade de Deus reina.

"Seja feita a Tua vontade sobre a terra" é o único ideal que vale para educação. *Noblesse oblige*. A sabedoria sem um propósito de sacrifício é sacrilégio. Explorar os segredos do universo e depois utilisá-los para ganho próprio, é avareza; é roubar o fogo de Prometeu para queimá-lo em ambições carnais.

Juan Bautiste Alberdi disse: — "A filosofia foi feita para a política, a moralidade, a indústria e a história e si não as puder servir é pueril, é ciência sem valor".

"Seja feita a Tua vontade na terra" é a única estrela que pode guiar o estadista nesta hora de confusão mundial. Tudo o mais é vago. Tudo o mais é — caminho obscuro. Nós encetamos a corrida com espírito de triunfo, pensando em encontrar uma boa saída, para sòmente descobrirmos que no fim existe uma barreira intransponível.

O bom estadista é o homem sensível á vontade de Deus, que está corrigindo os caminhos errados dos políticos egoistas e planos demagógicos para a vinda do Rei.

Matthew Arnold disse certa vez: "Nós estamos entre dois mundos: um já está morto e o outro sente-se sem fôrças para nascer". Mundos mortos estão ao redor de nós hoje em dia. Não é necessário um ritual para a sua morte, pois, como sempre, os homens pisam os seus próprios cadáveres para chegarem ás alturas.

O mundo materialista está morto. Desacreditada, destronizada está a filosofia do barro. No seu ataque sobre a cidadela do átomo, o físico, em lugar de encontrar uma bola vasia, descobriu com inteligência o *proton* e o *eléctron*, que são energias. O professor Jackes, estudante laureado, acredita que a lei moral e o universo estrelado estão sob a influência da mesma melodia imortal.

Um dos nossos maiores biólogos, Sr. J. S. Halane, disse: "O mundo material que tem sido considerado um mundo de mecanismo cego é, na realidade, o mundo espiritual visto muito parcialmente". O único mundo verdadeiro é o mundo espiritual. Até o brilhante Santayana, com a sua sobriedade clássica, transpôs a sua própria filosofia, quando disse que a melhor parte do mundo como mundo é a do ideal e moral.

A religião está sendo reforçada pela filosofia e pela ciência, que afirma que o universo é mais do que um mecanismo sem alma e que o homem é mais do que um pobre átomo atirado num milhão de mundos. Também está morto, e para sempre enterrado, o mundo do imperialismo e do nacionalismo estreito, que já estão a fugir de si mesmos, como si fossem fantasmas hediondos. O mundo que serve é o civilizado, de vida cooperativa, que agora está começando a surgir. O cetro de ferro, a mão armada e o imperialismo do *dolar* têm tido os seus dias, têm semeado campos com ódios e tinto os mares com o sangue de seus irmãos. Temos visto a subida e a queda de civilizações, de poderes que vem e desaparecem num círculo vicioso, deixando em seu rastro corpos de homens mortos e cadáveres vivos em meio de desespêro e esperança.

Nosso lema deve ser o de edificar um novo mundo no qual toda a nação, desenvolvendo a sua própria cultura, viva para o bem de todos. Ninguem será mestre e ninguem será escravo, mas todos serão iguais nesta nova terra em que cada um trará a sua glória para a cidade de Deus e para Deus.

O mundo do sectarismo e do formalismo sem vida religiosa desapareceu. As algemas do sectarismo e do denominacionalismo de rivalidades para a posse de um Senhor a uma irmandade não têm lugar em nossa salvação. Isto fará com que o crescimento dos séculos chegue ao máximo. Existirá uma irmandade onde nenhuma barreira se anteporá para perturbar atos convencionais. Haverá cooperação varonil nos negócios do Reino de Deus. A verdade pertence de direito a todos os que procuram a verdade; o amor é o símbolo dos discípulos dêle. A lealdade para com Cristo tornar-se-á uma fórmula fictícia si não levar ao espírito de fraternidade e de serviço para com todos aqueles que o chamam de Senhor. "Êle não é Cristo de nossos credos subtís, mas é a luz de nossos corações, de nossos lares e de nossos afazeres".

O novo mundo de sua vontade na terra não é incapaz para nascer. Para Deus todas as cousas são possíveis. Engenheiros do espírito, aventureiros da moral, técnicos da mente e da alma, aqueles que se acham no rol do sonho, viverão como aqueles que crêem no Cristo Vivo e no seu Reino que não terá fim.

Cremos que abençoada é a nação que não tem por seu Deus os grandes exércitos, as armadas orgulhosas. Temos visto passarem nações que punham a sua confiança na fôrça, humilhadas no pó da decadência e da derrota. Muitos dizem que abençoada é a nação cujo Deus é o Dinheiro. Nunca O deus Dinheiro tem sido destronado, deixando os seus devotos na miséria e de corações vasios. Outros ainda têm dito: "abençoada é a nação cujo Deus é ela mesma". Pois seus interêsses, egoìsticamente angariados, já chegaram a ser catástrofes nacionais!

No silêncio é que temos a voz autêntica dos séculos! "Abençoado é o povo cujo Deus é o Senhor e quer que a sua vontade reine em todo mundo".

Obreiros de Deus, a Quem, juntamente com o Cristo Vivo, seja dada glória para todo sempre, o novo mundo onde existe a retidão ha de ser uma Realidade Abençoada!

SÊDE, PORTANTO, PERFEITOS

(Dr. W. C. Pearce, Los Angeles, Califórnia)

Estas palavras são de Cristo. Em seu nome e autoridade ouso pronunciá-las. Foram proferidas por Êle no Sermão do Monte. Representam o ponto máximo dos princípios lúcidos e concisos de seu Reino espiritual e eterno. Mostrou em que atitude deveriam estar os cidadãos de seu Reino. Afirmou-nos que a vontade do Pai seria realizada em nosso proveito. Incluiu nela toda a vida, corpo, mente e alma, mas exaltou a alma, tornando o intelecto e o corpo seus servos. Jesus sabia perfeitamente e queria que soubessemos que o novo nascimento, o novo espírito dentro de nós, seria a maior garantia de um corpo forte e mente sadia, que a alma inspirada era o maior estímulo para a mente.

A aceitação dêste ensino do Mestre torna-se um formidável desafio a cada discípulo. Move-nos á ação em vez da inércia. Promete-nos vitória em vez de derrota. Faz-nos constantes e incansáveis investigadores da verdade. Estimula-nos a esforços precisos em conhecermos e aplicarmos a verdade revelada em Cristo á nossa vida diária, individual, social e nacional. Estabelece a conduta e caráter como o alicerce de nossos credos e dogmas. Transforma a educação cristã de um ensino meramente mecânico numa aventura em descobrir as leis celestiais e aplicá-las.

Quando conhecemos e obedecemos algumas leis do mundo material — conseguimos, p. ex., o rádio. Quando conhecermos e obedecermos todas as leis do mundo espiritual, teremos paz permanente e real, que nos advem pela incessante luta. E' a chamada do Senhor á alma humana. Como F. Stanley Jones diz: — "Sou o embrião do que devo ser". Nossas almas aceitam o desafio, porque satisfaz nossa fome espiritual. Aceitemô-lo.

Mas Jesus, o querido Cristo Vivo, não sòmente nos desafia. *Êle provê auxílio para nossa aventura.* Diz: "Segue-me", isto é, toma comigo o Caminho da Cruz. Para que possamos entrar na apreciação de seus sofrimentos. Para que sirvamos aos outros. Para que amemos e nunca e nunca nos envenenemos com o ódio. Êle diz — "Examinai as Escrituras", porque toda a Escritura inspirada de Deus é útil — "para que o homem de Deus seja perfeito". Êle diz: — "Orai sem cessar". Cristo quer nos dar bênçãos, mas devemos estar prontos a recebê-las.

Êle nos promete comunhão. "Eis, que estou convosco até o fim do mundo". Temos o auxílio valioso de sua presença. Si o conhecemos, conhecemos também o Pai, e "Deus é amor".

Que elevado desafio! "Sêde, portanto, perfeitos!" Que nobre aventura temos á frente na conquista da perfeição! Avancemos. Em seu nome marcharemos e em sua fôrça venceremos. O esfôrço provará nossas vontades, mas a vontade divina nos auxiliará. E' uma peregrinação mui longa, sair de onde estamos para ir aonde devemos estar; mas, finalmente, despertaremos em sua semelhança e ficaremos satisfeitos!

CONSAGRAÇÃO

(Dr. George P. Howard, Santiago, Chile)

Nestes últimos momentos da Convenção nosso desejo ardente é de que percamos de vista todas as influências humanas para sentirmos exclusivamente a voz e a presença de nosso Mestre. Queremos que Êle nos fale, nesta hora, de um modo real. — Sua primeira pergunta, talvez, seja esta: "Que fareis com o que recebestes durante esta semana de visão e de inspiração?" Êle nos trará á lembrança que daquele a quem muito se dá muito se requer". Sua presença nos fará sentir a nossa responsabilidade. Em primeiro lugar, para com Êle. Em seguida, para com os nossos companheiros de trabalho que não tiveram o mesmo privilégio que nós tivemos. Ao voltarmos para junto dêles, terão o direito de nos perguntar: "Qual foi a mensagem que recebestes de Deus para nos trazerdes?" Pensai também na grande obra por fazer! A nossa tarefa está apenas começada, pois temos sòmente quarenta milhões de membros na Escola Dominical, quando a população total do mundo é de um bilhão e meio.

Devemos completar a obra de evangelização e cristianização da humanidade. Quantas vezes os oradores desta Convenção nos fizeram lembrar o período de caos e de incertezas pelo qual atravessamos. Nenhuma outra Convenção se reuniu em época mundial mais desoladora. Isto é para nós um desafio. Ter-nos-á esta experiência dado visões mais claras e robustecido nossa fé? Recordo-me dos pontos de um sermão proferido por um velho prègador leigo, nesses têrmos:

"O mundo está de cabeça para baixo; o mundo precisa ser posto de pé, e nós somos os homens que devem fazê-lo". Temos aquela fé jubilosa em nosso Evangelho e em nosso Mestre para crermos que Êle é justamente o que o mundo necessita?

Creio que uma das experiências mais proveitosas desta Convenção tem sido a camaradagem que gozamos, os apertos de mãos carinhosas e as novas relações de amizade. Somos de continentes distantes, representando diferentes raças e línguas. Mas, como nos lembrou o Dr. Pearce, ainda que tenhamos nascido na América do Norte ou na América do Sul, si somos nascidos de novo em Cristo, somos novas creaturas, somos irmãos.

"Em Cristo não ha oriente nem ocidente. Nele desaparecem o Norte e o Sul; ha sòmente uma grande camaradagem, extensiva a todo o mundo".

E eu vos pergunto: Nestes dias privilegiados tivestes novo encontro com o grande Amigo e Salvador? O irmão brasileiro que nos deu as boas-vindas, na sessão de abertura, disse-nos: "Nós vos entregamos a chave dos nossos corações". Têm sido estas as palavras com que nos apresentamos áquele que deseja ser o Senhor e Mestre das nossas vidas?

Certa ocasião um menino contemplava, longo tempo, em silêncio, o celebre quadro de Holman Hunt, intitulado — "Cristo, a Luz do Mundo". Nesse painel Cristo é representado como uma figura paciente batendo a uma porta fechada. — Voltando para seu pai, que se achava ao seu lado, o menino lhe perguntou — "Êle entrou, papai?" Teria o Cristo conseguido melhor guarida em nossas vidas durante êstes dias do que a que o artista lhe imaginou?

Uma Convenção como esta nos chama a ficar a postos. Isto é uma verdade. Para podermos, porém, "tomar" o pôsto com eficiência, é necessário "sermos" alguma cousa. Retenhamos a frase mordente de Nietzche: "Os cristãos devem ter a aparência de remidos si quiserem que eu me interesse pelo Redentor dêles". O Dr. Mackay nos disse o seguinte: "o homem que se entrega a Deus, mais tarde Deus o devolve aos homens". — E êle nos devolve mudados e transformados. Só então é que podemos falar em homens como "a luz do mundo" e "o sal da terra".

Em seu discurso de abertura, o Dr. Poole nos disse que cria firmemente que, si Cristo voltasse agora, nos chamaria de novo ao arrependimento. Sim; devemos nos arrepender de nossa religião fácil, confortável e convencional. "O Cristianismo" diz o Professor Whitehead, "está em perigo de se tornar o adôrno inocente de uma vida cômoda". Não poderemos nunca enfrentar um Comunismo apaixonado, que tem o fervor de uma fé messiânica, com um cristianismo fácil e cômodo. O Professor Glover nos fez ver que o Cristianismo triunfou sobre o paganismo dos primeiros séculos, porque o sobrepujou em tudo. Nossa religião precisa tornar-se de novo aventureira, bandeirante, heróica.

Como resultado dêstes dias de preparação, em que a graça de Deus nos fortaleceu, deveremos entregar-nos de novo ao nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, correspondendo ao seu convite amorável com as palavras inspiradoras do nosso hino de guerra:

Avante! Avante! oh crentes!
Soldados de Jesus!
Erguei seu estandarte,
Lutai por sua cruz!
Contra hostes inimigas,
Ante essas mutidões,
O Comandante excelso
Dirige os batalhões.

Avante! Avante! oh crentes!
Por Cristo pelejai!
Vesti sua armadura,
Em seu poder marchai!
No pôsto sempre achados,
Velando em oração;
Por meio de perigos
Seguindo o Capitão!

Avante! Avante! oh crentes!
Com passo triunfal!
Hoje ha combate horrendo!
Mui cedo a paz final!
Então, eternamente
Bendito o vencedor,
Por Deus vitoriado
Com Cristo, o Salvador! — K.

QUARTA PARTE

CONFERÊNCIAS POPULARES

A EDUCAÇÃO CRISTÃ DAS CRIANÇAS

(Por Miss Hazel A. Lewis, de S. Luiz, Missouri).

Os dois problemas que tiveram o mais alto grau de atenção, tanto em teses como em conferências públicas, foram: "De que modo as crianças aprendem?" e: "Qual a idéia de Deus que é possível e desejável para as crianças?" Êstes pontos surgiram várias vezes e se tornou evidente que os que trabalham entre as crianças, em todas as terras, já os conheciam e estavam ansiosos para os discutir. A futilidade de esperar que as crianças aprendam escutando, mesmo os mais hábeis professores, a não ser que haja uma oportunidade apropriada para participação ativa da parte das crianças, parece ter sido descoberta por todos os professores líderes de grupos de jovens.

O perigo de se dar uma interpretação errônea de Deus e a importância de lhes incutir impressões verdadeiras por meio da vida pessoal, instrução e direção, foram discutidos.

Sob a direção de Miss Lewis, de S. Luiz, Missouri, Dr. Chester, A. Miao, da China, e Dr. Luther A. Weigle, da Universidade de Yale, New Haven, Connecticut, os dois problemas acima referidos já foram amplamente discutidos. As consequências práticas dêstes problemas despertaram grande interêsse. Muitas perguntas foram discutidas pelos trabalhadores presentes: — Quais os métodos desejáveis?" "Que pode fazer a professora que tem espaço e aparelhamento limitados para o seu trabalho, afim de promover atividades entre seus alunos?" — "Como se devem usar gravuras?" — "Quais os trabalhos manuais de valor educativo?" — "Que lugar na vida deve a memória ocupar?" — "Como se devem ensinar os cânticos?" — "Quais os mais apropriados ás crianças?" — "Como podem as crianças ser levadas a ter experiências de culto? — "Quantos professores, líderes e pais auxiliam as crianças no crescimento de sua vida religiosa?" — As conferências foram feitas muito à vontade, de modo que os professores mais novos nelas puderam tomar parte com alegria. A frequência foi das melhores não só em número como também na completa cooperação de todo o grupo. Embora o número maior fosse o do Brasil, estavam alí representados contudo dez países. Os grupos foram divididos, durante dois dias, por departamentos, e, no terceiro, de acôrdo com as línguas. Miss Laura Jorquera, de Santiago, Chile, e Miss Isabel Latimer, de Buenos Aires, dirigiram conferências. Assistência valiosa foi dada por Mrs. J. B. Dutton, do Chile, Miss Elisabeth Gordon, de Minas Gerais, Brasil, Professor Tawfik Saleh, do Egito, e Mr. Lewon Zenian, da Síria, Rev. U. Onkin, de Burma, e Mr. Hanna Ghalib, da Síria.

Um dos maiores auxílios ás conferências foi um livreto com oito hinos, para crianças, publicado em português e inglês. Êstes hinos foram usados nas sessões, pois havia cópias suficientes para serem distribuídos até entre os líderes e professores ausentes. O hino — "Os

filhos de Deus vivem em terras diferentes" — foi cantado diàriamente e fez crescer a boa atmosfera de amizade e de boa vontade internacionais. Os demais hinos foram usados como exemplo de material próprio para os exercícios de culto.

Cinco convicções surgiram dessas conferências:

(1) Os problemas dos professores das crianças, em diferentes terras, são semelhantes em muitos respeitos, principalmente na necessidade de professores treinados, de salas, de aparelhamento apropriado, de boas gravuras e de materiais de ensino.

(2) Uma idéia exata de Deus é fundamental para uma real educação cristã, e deve-se ter o máximo cuidado na escolha do material de culto e das histórias, bem como no contacto pessoal com as crianças para que estas possam obter concepções certas desde o comêço.

(3) Um lar cristão é de máxima importância. Faltando algo neste, cabe à Igreja proporcionar, até onde possível, o que não exista no lar. O preparo dos pais é uma parte essencial do programa educativo da igreja.

(4) Cada país exige um currículo de educação cristã baseado em meticuloso estudo das necessidades das crianças nesse país; mas, é desejável que haja intercâmbio de materiais e métodos entre os diferentes países na formação do currículo.

(5) O programa do trabalho entre crianças deve ser reconstruído, de maneira a desenvolver a atividade como uma parte importante nos processos de ensino. Devemos terminar dizendo que a íntima colaboração dos que assistiram ás conferências foi talvez a sua parte mais valiosa. Houve orações e cânticos em conjunto. Houve experiências que, certamente, vão afetar o pensamento e o trabalho dos professores de crianças que passaram em companhia, uns dos outros e na de seu Pai Celeste por muito tempo, no correr dêstes dias inesquecíveis.

A EDUCAÇÃO CRISTÃ DA JUVENTUDE

(Por H. C. Stuntz, B. Aires, Argentina).

No dizer do Dr. Mackay, o mundo está passando por uma crise, que é ao mesmo tempo a "primavera de Deus". E a mocidade é a primavera da vida. O que for feito agora pela educação cristã da juventude determinará, em grande escala, como os cristãos serão a civilização que é reconstruída do presente caos.

Êste grupo, formado de líderes do Brasil, da América-espanhola e de outras partes do mundo, estudou a situação atual da educação cristã da mocidade de todo o mundo, examinou as necessidades existentes sob diversos ambientes e chegou a certas conclusões que deverão servir como guias em todas as situações concernentes aos jovens.

"Mocidade e adoração" — "Mocidade e liderança" — "Mocidade e consagração" — foram os assuntos dos principais discursos, que despertaram nos membros do grupo conferencista pensamentos sérios a debates acêrca destas questões básicas da Educação de Jovens.

Várias mensagens foram trazidas, como as de Luiz Vellalpando, da Bolívia; de C. Vincent Mendes, do Ceilão; do Bispo Gattinoni, de Buenos Aires; do Dr. C. S. Miao, da China; e do Prof. Le Roy Huff, dos Estados Unidos da América do Norte, apresentando o assunto sob o ponto de vista Oriental, Ocidental e Latino e conduzindo o pensamento unido do grupo a profícuas orientações. Discussões referentes ao problema da organização e direção do trabalho entre os jovens, o preparo de programas adequados de educação cristã, como assegurar a consagração vital da juventude de hoje às necessidades crescentes de Jesus e seu Reino, trouxeram à luz convicções importantes que podem ser assim sumariadas:

(1) Ha entre os jovens do nosso tempo fome de experiências espirituais e existe evidentemente uma grande capacidade para tais experiências, quando a ocasião surge com a oportunidade.

A mocidade presta culto com emoção mais intensa, sente mais profundamente e experimenta a realidade da religião com mais sinceridade do que é geralmente reconhecido, de modo que a ênfase crescente no culto deve ser uma das primeiras considerações no trabalho entre jovens modernos.

(2) Os jovens devem auxiliar a construir os seus programas e determinar as suas próprias atividades, si esperam conseguir uma consagração genuína a um trabalho importante. Em sua maioria, os trabalhos de jovens em cada fase da vida são dirigidos por adultos, mas em o nosso trabalho de educação cristã os jovens devem fazer parte na direção adulta.

(3) Os líderes da mocidade devem fazer esforços por levar os jovens a um interêsse mais elevado e com a mesma atração com que a recreação comercializada desperta os interêsses menos elevados na nossa vida moderna.

(4) Os programas apropriados à educação cristã dos jovens devem considerar primeiramente interêsses vitais, examinar necessidades morais e espirituais e então dirigí-los de acôrdo e de maneira tal que se formem caracteres perfeitamente fortes e cristãos.

(5) O trabalho pessoal de jovens como líderes entre a juventude é um dos fatores mais importantes para se conseguir uma vida de consagração a Jesus Cristo e isto, conjuntamente com a visão das condições não cristãs do nosso meio, deverá fornecer a dinâmica necessária para conduzir os jovens à conquista e às aventuras formosas da verdadeira vida cristã.

O TRABALHO ENTRE OS ADULTOS

(IRWIN G. PAULSEN, Newark, New Jersey).

Atingimos já, no desenvolvimento do trabalho cristão, ao ponto em que a Igreja começa a compreender que a educação cristã dos adultos deve ser encarada com mais seriedade.

(1) Vivemos em um mundo adulto e conduzido por adultos. A vida contemporânea é controlada pelo pensar de adultos, por motivos e ações de adultos. Qualquer programa para crear e elevar o Reino de Deus na terra tem de ser elaborado á luz dos pensamentos, motivos e ações de adultos, de acôrdo com o crescimento cristão.

(2) O desenvolvimento do trabalho entre crianças e jovens depende de um programa vital de educação religiosa de adultos, paralelo ao da infância e juventude.

(3) Êstes últimos anos têm trazido ao mundo uma concepção modificada de educação. Primitivamente pensavamos no processo educativo como resumo da sabedoria; hoje consideramos a educação como um processo de desenvolvimento pelo qual um indivíduo está constantemente em vias de se tornar uma personalidade completa.

A preservação do desenvolvimento cristão na infância e na adolescência depende da continuação do processo na idade adulta. Jesus reconhecia o infinito valor das pessoas. Por sua reverência à personalidade e ao seu valor, segue-se que Êle deseja para todos os homens uma experiência mais abundante da vida. O alvo da educação cristã de adultos deve centralizar-se no desenvolvimento pessoal, no contínuo e dinâmico crescimento da personalidade e do caráter, no aproveitamento próprio que transpareça em todas as épocas da experiência adulta, a cada passo da vida adulta, isto é, a vida proveitosa, tal como Jesus viveu e ensinou. Qualquer estudo sobre os adultos traz esta confissão de que as nossas igrejas estão cheias de adultos, membros das mesmas, talvez salvos, possuïdores de um bom caráter, mas de quem, mesmo com grande boa vontade, nunca poderemos afirmar que levam uma vida perfeitamente cristã. E por que se dá isto? Necessidades estranhas se interpõem entre essas pessoas e a verdadeira experiência da vida. Disso decorre uma conclusão: — é que a Igreja dê ênfase atual á descoberta dessas necessidades e forme um programa de acôrdo com o que for descoberto.

A filosofia da educação adulta pode-se resumir nisto: — "o crescimento tem lugar através das experiências. A vida em si mesma é uma grande educadora". Obviamente, os resultados, com referência ao caráter e á personalidade, variam de acôrdo com a natureza e a qualidade das experiências que formam a vida de cada um. Assim, os adultos crescerão religiosamente si tiverem experiências religiosas e espirituais significantes. Como educadores cristãos, devemos interessar-

nos pelo caráter, pela qualidade, pelo tom emocional, pela intensidade de experiências que os adultos têm nas igrejas e nas escolas dominicais ou religiosas.

Ha leis definidas do crescimento que são como meios pelos quais as experiências podem ser condicionadas de tal modo que se tornem creativas e elevadas. Bons ensinamentos, quer para a infância, para a adolescência ou para os adultos, são apenas mais ou menos a sequência desta lei de crescimento.

Talvez a nossa melhor idéia quanto ao melhor método para o campo da educação cristã de adultos se resuma em dizer que é o método de conjunto, em que a discussão, o estudo, a investigação, a atividade, os propósitos, as provas e a adoração estejam combinados em uma experiência una e bem coordenada.

Êste método enriquece a experiência do grupo, compartilhando o diretor mesmo da melhor parte. Diga-se, entretanto, que o conhecer os métodos não é suficiente. O lider deve ser, êle mesmo, uma personalidade cristã vitalmente desenvolvida, porque o processo da colaboração falha quando o lider pouco tem que dar a seu grupo. Centraliza-se a educação cristã de adultos no desenvolvimento da personalidade á semelhança da de Cristo. Mas, com que fim? Para melhoramento próprio? Para lucro pessoal? Encarando a vida contemporânea, o estadista cristão encontra um vinco fundo de miséria humana cortando toda a terra, roubando-lhe a vida dessa abundância desejada por Jesus. Nossa estrutura social está amaldiçoada por males sociais — grandes "destruïdores de vidas proveitosas", que são impecilhos á vinda do Reino de Deus. E isto, depois de 1900 anos de se fazer ouvir o comovente apêlo do Mestre a um novo caminho de vida, o caminho do respeito á personalidade humana e a seu valor, o caminho da bondade. Tem faltado á igreja, porventura, paixão social? Não, pois sempre tem havido opiniões representando o idealismo ético e social da igreja. Todavia, é certo que a igreja tem sido impossibilitada de seguir essas opiniões com uma ação social construtiva, que mude realmente as cousas. O que tem faltado é método, e não visão, um método que seja praticável, que dê resultados, um método que reuna e aproveite as energias e a lealdade de nossos milhões de adultos, membros das igrejas, para uma ação social produtiva. Tem a educação cristã de adultos uma contribuïção grande a executar no mundo. Mas, seja qual for a nossa técnica de ação social, precisamos de um método de conjunto, que reuna a vontade coletiva, porque a voz de um é a voz do deserto, enquanto que as vozes de muitos podem se tornar uma fôrça potente, que ninguem poderá resistir.

Mas, essa voz de muitos deve ser inteligente, clara, bem formada e expressa com altura. E' mais um modo de dizer que o método deve ser de conjunto, combinando discussão, investigação, pesquisa de fatos, estudos, leituras e obediência ás fórmulas de ação que denotem melhor unidade e entendimento do grupo. O método de conjunto para ação social

cristã é, por excelência, a essência da educação cristã adulta, porque aquele que se esforça e se cansa para trazer aos outros os proveitos de uma vida abundante é quem mais alcança para si mesmo essa vida". "Aquele que perder a sua vida por minha causa acha-la-á" (Mat,. 10:39).

ESCOLAS BÍBLICAS DE FÉRIAS

(Por Walter M. Howlett, de Nova York)

Realizou-se no Teatro Municipal, das 9 horas ao meio dia de segunda-feira, dia 25 de Julho, uma conferência popular sobre as Escolas Bíblicas de Férias. Encheu a platéia do Teatro mais de metade dos delegados. Os obreiros da Escola Dominical demonstraram grande interêsse no movimento em tôrno das Escolas Bíblicas de Férias. O tema geral foi sobre A História das Escolas Bíblicas de Férias, trazendo o Cristo Vivo aos corações e ás vidas dos rapazes e moças do mundo inteiro.

Cêrca de trinta e três nações achavam-se representadas. Cada orador historiava o desenvolvimento das Escolas Bíblicas de Férias no seu próprio país. Ainda alguns admitiam que êste belo movimento não estava ainda plenamente incorporado no trabalho das Igrejas locais.

Todos os que conheciam bem o movimento mostravam-se entusiastas sobre as suas possibilidades e os resultados obtidos, como uma das melhores maneiras de atrair rapazes e mocinhas para Cristo, bem como, de algum modo, seus pais também. O fundador do movimento, o Dr. Robert G. Boville, estava presente e recebeu cordial saüdação da assembléia.

Uma parte muito interessante do programa da manhã foi a demonstração prática de uma E. B. F. dirigida pelo Rev. W. W. Enete, Secretário do trabalho das Escolas Bíblicas de Férias da Igreja Batista no Brasil. Si havia ainda alguma dúvida na mente de qualquer presente a respeito da eficiência e valor das Escolas Bíblicas de Férias, como parte permanente do trabalho de uma Igreja também eficiente, esta demonstração deu fim a essa dúvida.

Todos os presentes á sessão sentiram-se impressionados com o grande valor e a importância das Escolas Bíblicas de Férias.

PASTORES E SUPERINTENDENTES

(Pelo Dr. George P. Howard, de Santiago, Chile).

Estas conferências foram feitas em três manhãs, durante a Convenção. O método adotado foi o de fazer um orador escolhido ler um artigo sobre o assunto designado para cada manhã, sendo o tempo restante utilizado para questões e discussões. Como era de esperar, o

problema apresentado e as discussões subsequentes foram intimamente relacionados com as necessidades e dificuldades dos trabalhos das Escolas Dominicais da América do Sul.

O objeto geral da sessão de abertura foi o da Educação religiosa. O Prof. Le Roy Huff, da Universidade de Drake, Iowa, enumerou os seguintes princípios básicos que servem de início ao programa de Educação Religiosa: 1. A natureza humana pode ser modificada, mudada ou transformada e regenerada. 2. E' modificada por meio de cultura e desenvolvimento. 3. Na modificação da natureza humana, as influências sociais e psicológicas são muito ativas. 4. O conhecimento pessoal tem lugar importante nas relações sociais. 5. A técnica da cultura religiosa é essencialmente feita pelo contacto com pessoas que já alcançaram as qualidades e requisitos desejados. 6. E, finalmente, o princípio básico é que o amor, no contrôle da vida, é o centro do programa da Educação Religiosa. Na segunda manhã o Rev. William Leslie, de Brookline, Mass., apresentou uma tese sobre: — "O Pastor e a Educação Religiosa". As atitudes que um pastor pode assumir para com o trabalho da Escola Dominical foram assim enumeradas: *Atitude de antipatia; de apatia; de assistência parcial* e, finalmente, a de uma *direção sábia e espiritual*. Todos concordaram que o Pastor deve: 1. Ter interêsse real e inteligente para com a Escola Dominical; 2. Dar-lhe valor; 3. Arrolar e preparar líderes; 4. Cooperar com seus auxiliares e encorajá-los e elevar a moral de seu povo; 5. Tornar toda a Igreja preparada para ter a experiência real de uma vida cristã; 6. Procurar viver o que ensina.

Na terceira manhã, a discussão foi sobre "O Superintendente e a Educação Religiosa" e foi dirigida por B. A. McGarvey, da Pensylvania Sabbath School Association. Chegou-se á conclusão de que a tarefa da Escola Dominical é auxiliar pessoas a se tornarem mais semelhantes a Cristo, ajudando-as a passar por experiências semelhantes á dêle. O Superintendente deve contribuir para tanto, devendo ter conciência de sua responsabilidade para com Deus, para com os alunos, para com a Igreja, para com o lar, para com a sociedade e para consigo mesmo.

A Escola Dominical deve desenvolver o espírito de reverência e contribuir para o enriquecimento da vida devocional.

E' essencial que o Superintendente dê grande atenção aos exercícios de culto, bem como a todas as atividades que tendam a desenvolver o espírito de obreiros e cavalheiros cristãos. Foi reconhecida a necessidade e a importância de se dar treinamento aos professores e aos oficiais e preparo aos novos superintendentes.

PROBLEMAS DO PENSAMENTO E DA VIDA CONTEMPORÂNEA

(Dr. João A. Mackay, México)

1. Sumário: — *O Estado.* O Estado como nova entidade absoluta. O Estado Fascista. O Estado Comunista.

Existe no pensamento contemporâneo a tendência de considerar absoluto aquilo que é relativo. Isto se percebe na ideologia moderna sobre o Estado. O Fascismo, por exemplo, se converteu num absolutismo religioso, isto é, numa religião. A razão principal da controvérsia havida entre Mussolini e o Vaticano era si a Igreja Católica poderia apoiar o ideal político de Mussolini. Caso fosse afirmativa a resposta, o Duce estaria pronto a chegar a um acôrdo com o Papado; ao contrário, nada se faria. Mussolini considera a religião meramente sob o ponto de vista sociológico. Êle favorecerá qualquer religião que esteja ao lado do govêrno.

Outro exemplo é o Comunismo, que é, hoje, o maior desafio atirado ao Cristianismo. Que é que ha no coração do Comunismo que lhe dá tanto poder? E' mistér admitir que ha no comunismo uma grande paixão; todavia, não se baseia êle em um programa social proletário. O objetivo fundamental do Comunismo não é elevar a condição social do operário. Sua fôrça e poder radicam-se antes numa grande idéia metafísica, isto é, que no progresso evolutivo da raça soou a hora em que o próprio Universo favorece a supremacia do proletariado. Estando, destarte, em harmonia com o coração e a alma do universo, o Comunismo deverá prevalecer. Desta idéia metafísica origina-se a tremenda paixão. Assim o comunismo já se transforma numa religião.

Antes do advento do comunismo e do fascismo, a democracia representava o grande ideal dos homens. Mesmo nos governos democráticos existe notável tendência para moldar o pensamento aos interêsses do Estado. A democracia, com o seu grande ideal de liberdade e igualdade, transformou-se antes em um *fim,* em vez de ser um *meio* pelo qual a humanidade fosse beneficiada. A idéia da democracia é hoje considerada como um fim. Por isso está em grave perigo de morrer. O problema, pois, é: — "Como podemos tornar a democracia o meio de servir a interêsses, além de si mesma?"

2. Sumário: — *Cultura.* A tendência de se considerar toda a realidade em têrmos da beleza e pensamento.

O segundo substituto de Deus, no mundo contemporâneo, é a cultura. Esta asserção parece paradoxal; entretanto, é verdadeira. Vivemos num século em crise e que critica tudo, menos a sua própria cultura. Pensamos com muita simplicidade que ha um método moderno e eterno de encararmos as cousas. Transformamos simples postulados em verdade. Nunca tomamos tempo para refletir si tais postulados são verdadeiros ou falsos. Aceitamô-los sem provas. O que é necessário para nossa

época não é menos espírito crítico, mas algo mais fundamental e penetrante. Ha grande necessidade de uma crítica mais intensa, um radicalismo que penetre mesmo até ás raízes do mundo hodierno e que julgue os postulados mesmos em que se fundamenta.

A educação contemporânea também se converteu num absolutismo. Que é que significa a educação? A educação moderna é mais formal do que real. Falta-lhe sentido. Não obstante o grande progresso material do século, o homem hodierno sente uma grande incerteza em seu espírito. Observa que sua cultura aparente está se corrompendo. O grande missionário Schweitzer nos diz que o que nos falta completamente é a verdadeira cultura. Não temos idéia certa do que seja a cultura. O ponto de vista moderno é que o homem educado é aquele que pode observar a vida em tôrno de si, calma e serenamente. Oscar Wilde diz num dos seus livros: "Nunca faço objeção ao que fazem os indivíduos polidos da sociedade". A atitude moderna diz tàcitamente que o pecado é admissível, desde que seja praticado graciosa e estèticamente; seria reprovável, sem dúvida, cometido de maneira vulgar.

3. Sumário: — *Religião.* Religião e Igreja como finalidades.

De dois modos podemos tornar a religião uma finalidade em si mesma e, portanto, um substituto de Deus.

(I) — *A Ortodoxia* — A expressão do fiel ortodoxo é uma devoção absoluta á igreja. A igreja deverá ser um meio de servirmos a Deus, mas tais pessoas convertem a igreja numa finalidade em si mesma.

(II) — *O Humanismo* — (Discussão pelo Dr. Weigle). "Ha muitas pessoas hoje que usam a palavra religião para aplicá-la a muitas cousas. Por exemplo, o método científico faz isto. Burtt, em seu livro — "A religião num século científico", diz que toda a verdade deveria ser deduzida e estabelecida pelos métodos científicos. Nesta base, Burtt descreve o caráter que um homem deveria ter: — mente livre de preconceitos, atitudes livres, etc.

Burtt afirma que é impossível ter tais qualificações aos que crêem em Deus. Diz êle que precisamos de libertar-nos da crença em Deus creador e imanente. Si Deus é absoluto e imutável, não podemos conhecê-lo pelo método científico. Portanto, Deus não existe para nós. Entretanto, Burtt usa a palavra "religião", aplicando-a á sua nova ciência.

De acôrdo com João Dewey, o grande filósofo americano, a religião é o senso íntimo das possibilidades de existência e devoção a essas possibilidades. Conforme Weigle, a religião é devoção ás mais altas possibilidades de valores para o indivíduo, sem saber quais são êsses valores. O psicólogo William James diz que a religião significa isto: "Nossa relação para com Deus é semelhante a um "jogo de damas" entre o mestre e o aprendiz. O mestre não sabe qual pedra o aprendiz irá mover, mas sabe enfrentá-lo em cada movimento. Os detalhes podem ser diferentes, mas o resultado final é seguro e certo". Ha uma dificuldade nesta analogia entre as relações de Deus com o

homem. E' esta: No jogo, um tem que perder ou empatar. N.la, os dois ganham ou perdem. Uma ilustração melhor seria entre o tre e o aluno. O mestre nem sempre conhece os conceitos falsos fo... pelo estudante, mas sabe fazer face a cada um dêles.

(III) — *Obstáculos para sermos perfeitos discípulos de Cris Dificuldades intelectuais.*

Esta questão é básica em todas as religiões. Implica em du cousas: um ideal concientemente adotado e o poder de realizá-lo. Co relação ao Cristianismo, esta verdade tem-se tornado mais evidente ap o brilhar de 20 séculos: Na nossa fé a essência do Cristianismo Cristo. Uma das mensagens mais luminosas que veiu do Congres de Jerusalém foi a insistência de que o nosso Evangelho é Crist Tomando Cristo como ponto de partida, como definimos nosso apost lado cristão? Por longos anos a igreja cristã tem andado a procura uma expressão mínima do Cristianismo. O Cristianismo deve recupera a sua máxima expressão original. Sòmente as expressões máximas têm oportunidade de vencer o mundo moderno. A igreja passou por um período crítico, em que procurou uma expressão média do cristianismo, e ensinou uma tolerância covarde. Um novo dia só virá quando o cristianismo se manifestar em sua máxima expressão. Portanto, é nosso dever descobrir-lhe esta máxima expressão. Logo que a descobrirmos, devemos ser intransigentes. Nestes dias parece que surge uma antítese entre Jesus e Cristo. Ha uma tendência de se opôr Paulo a Jesus. Alguns consideram Paulo o Falsificador do Cristo. Ha uma opinião crescente que Paulo e Jesus são inseparáveis e que a figura histórica dos Evangelhos sinóticos não se pode separar do Cristo Vivo de São Paulo.

E' a mesma personalidade observada sob dois pontos de vista: o da História e o da Eternidade. O personagem histórico deveria ser cada vez mais a norma do homem, o exemplo do que o homem deveria pensar acêrca de Deus, a norma do que deveriam ser as atitudes do homem para com o seu próximo.

Os Evangelhos não nos fornecem um programa fixo, definido, tabulado, mas em Cristo temos um, concreto e vivo. Si houvesse só e meramente uma norma de vida no cristianismo, êste não existiria. Teriamos belos ideais, mas não poder de realizá-los. O Novo Testamento, porém, dá-nos duas grandes realidades; a verdade, isto é nossa apreensão de Deus e da Graça e a apreensão que Deus tem de nós e que nos torna capazes de realizar os ideais. Ou seja *Sabedoria* e *Poder*. Sabedoria é algo intelectual. Mas o poder não vem do intelecto. João diz: "Nele ha verdade e graça". Em Cristo ha satisfação para as eternas necessidades da natureza humana. Sem isto não temos o verdadeiro Cristianismo. Falar meramente nos ideais de Cristo é levar o povo ao desespêro. Ninguem sabe imitar a Cristo. Os ideais representam um aspecto, a lei. O outro é o poder que nos capacita a cumprir a lei. Podemos ser semelhantes a Cristo, si Êle estiver conosco, dentro de nós,

Visita dos oficiais executivos da Convenção ao Exmo. Chefe do Govêrno Provisório

DR. GETÚLIO D. VARGAS

PALÁCIO DO CATETE — RIO DE JANEIRO

COMISSÃO EXECUTIVA DA ASSOCIAÇÃO MUNDIAL DE ESCOLAS DOMINICAIS

ao nosso lado, auxiliando-nos. Com Cristo faremos aquilo que doutra forma ser-nos-ia impossível. O impossível torna-se possível com Cristo. A figura histórica é a norma como devemos viver. Em Cristo, o ideal se transforma em carne e em atualidade. Cristo está em *minha* vida e age através da *minha* vida. O grande missionário Schweitzer reconhece isto. A frase — "em Cristo" encontra-se cento e sessenta e três vezes nas cartas paulinas.

Êste introito parece necessário afim de que possamos unir e coordenar cousas muitas vezes separadas, que representam um cristianismo completo e capaz de transmitir luz e poder aos homens.

Quais são os obstáculos intelectuais, isto é, os que impediriam alguem de ser um cristão no sentido em que Paulo era cristão? Neste problema da existência de Deus deveremos formular logo um postulado ou hipótese, si vamos ser crentes ou filósofos. O postulado é o seguinte: — Não podemos pensar inteligentemente sobre o Universo sem fazer no comêco uma suposição, isto é, que a suprema e absoluta realidade do Universo é boa. Ha pessoas, entretanto, que se desesperam e desejam desafiar toda a ordem cósmica. Alguem disse: "Não ha lugar para o homem na ordem cósmica. O homem está perdido". Tais indivíduos julgam que o Universo é essencialmente hostil ao homem.

Quais são as dificuldades concernentes a Deus?

Em primeiro lugar. Existe Deus ou não? O problema é: — Si Deus existe ou si é sòmente uma projeção de nossos próprios pensamentos. Ha alguns que julguem ser Deus uma idéia, ou Deus é uma realidade distinta de nós e que tem comunhão conosco? Êste é o problema principal. Lippman, no "Prefácio da Moralidade", diz que quando a conciência da humanidade crer que Deus é tão sòmente a projeção de sua mente perderá totalmente sua religião. A religião extinguir-se-á. Ha um dilema. Esta qualidade de Deus não transformará a vida humana. Quasi todos os homens darão um adeus ao Senhor, porque o coração humano procura um sêr absoluto. Si o coração crê que não ha vida, sente que não ha poder.

O segundo problema é: E' Deus um Ente pessoal ou não? E' Deus um princípio cósmico ou um sêr pessoal? Um Deus impessoal não é Deus. Devemos definir essa idéia de Deus, ou não haverá nela significação alguma. Não podemos saber o que é um princípio cósmico. Asseveram alguns que a personalidade implica uma limitação de Deus; logo, um Deus pessoal não poderia ser um Deus infinito. Êste argumento não é inteiramente válido. Deus deve ser pelo menos tudo o que é a personalidade humana, afim de que apresente uma significação precisa para nós. A dificuldade é que nos faltam vocábulos para descrevermos Deus. O problema principal é si Deus toma a iniciativa ou não, si Deus reservou para si poder creador ou não. Êste era o problema principal durante a guerra. O escritor inglês H. G. Wells discute êste problema em um dos seus livros. Afirma êle que Deus é finito e que luta contra as fôrças malignas no Universo. Ha muitos que, em

desespêro, aceitam essa idéia, porque resolve certos problemas, como, p. ex., a moralidade de Deus. Si Deus é finito, isso salva sua moralidade, porque um Deus infinito não permitiria a existência do mal no mundo. Logo, Deus, deve ser finito e o campeão das fôrças do bem no Universo. De acôrdo com esta idéia ha ocasiões quando Deus está em grandes dificuldades. Na opinião do Dr. Mackay, parece um sacrifício precário tornar Deus finito para salvar sua moralidade. Neste ponto entra a questão da existência do mal no Universo. Será mistér abandonar a concepção de um Deus infinito, afim de encararmos o problema do mal no mundo? Do ponto de vista da personalidade humana recebemos luz. Si Deus considerou sèriamente a creação de sêres capacitados para decisões morais, implica isso a existência do mal no mundo. Poderiamos, porventura, conceber a idéia de personalidade sem o poder de tomar deliberações morais? Seria possível a existência da personalidade sem o poder da escolha e, ás vezes, de má escolha? Noutra base o homem seria um autômato. Si eliminássemos o mal do mundo, perderiamos a personalidade. Isto parece ser verdadeiro si a base da personalidade é o poder de dizer *sim*, ou *não*. Si eliminássemos o mal do universo, o caráter seria algo muito menos maravilhoso. O caráter se desenvolve ùnicamente nesta luta contra o mal. Foi assim com o caráter de Cristo. A verdadeira personalidade implica a possibilidade de escolha moral. Santo Agostinho disse que conseguimos um mundo melhor sòmente quando existe uma luta entre o bem e o mal. A vontade de Deus será realizada ùnicamente por meio desta luta. Isto deixa de lado todos os problemas naturais referentes á existência de Deus.

Outro problema é o problema do Cristo, como pode Êle ser realmente ao mesmo tempo homem e Deus. Um filósofo dinamarquês disse que Cristo é o maior paradoxo do pensamento humano. A razão sòzinha não resolve o problema. O mero pensamento sobre a questão inevitàvelmente conduz a êste paradoxo. Contudo, é preferível ter êste paradoxo do que encontrar o Mestre nas raízes da humanidade. Não obstante, êste problema merece o melhor pensamento dos homens contemporâneos. O pensamento do futuro deverá considerar o problema da descontinuïdade, isto é, ha problemas que a razão não pode resolver.

Ha, entretanto, um problema ainda mais sério: — Como podemos ligar a verdade a uma personalidade histórica? Como podemos limitar a verdade eterna a um vulto histórico? Reconhecemos que as verdades cardiais do Cristianismo não são racionais. Isto constitue uma crítica de toda a esfera racional e a afirmativa que a razão não tem o direito de dizer que pode resolver todos os enigmas do universo. Temos algo na fé cristã que não recebe prova racional, mas que se identifica pela fé. Ha duas espécies de verdades: gerais e pessoais. Podemos demonstrar as verdades matemáticas, mas as pessoais não podemos. Precisamos experimentá-las. A fé é uma grande aventura.

O outro problema intelectual é a Bíblia. Ha três opiniões fundamentais sobre a Bíblia:

1 — A Bíblia é um livro sobre religião. Representa a história do Espírito humano á procura do Eterno.

2 — A Bíblia não sòmente contém a vontade de Deus, mas é também a autoridade final sobre os fatos.

3 — A Bíblia revela o plano divino da redenção e não pode ser violada pelo criticismo.

Martinho Lutero disse que a Bíblia era o berço em que Jesus estava deitado. Disse ainda que cria na Bíblia porque cria em Cristo. Êste é o problema principal. Antigamente o problema se referia ao que a Bíblia ensinava. Depois passou para a Bíblia mesma. Mais tarde o problema concentrou-se em Cristo e hoje se refere á existência de Deus. Êste é o verdadeiro campo de batalha hoje. Existem as filosofias fundamentais que encaram o mundo hodierno: o Cristianismo e a nova filosofia. O problema é si aceitamos o ponto de vista bíblico sobre Deus, si também aceitamos o novo ponto de vista que o homem é a medida de todas as cousas. Afinal — é o homem o centro ou é Deus. Êste é o problema cruciante do pensamento contemporâneo.

Obstáculos morais.

O principal obstáculo em nos tornarmos discípulos completamente leais a Cristo é a falta de vontade de abandonarmos certas atitudes incompatíveis com o espírito cristão. A maior dificuldade á aceitação do Cristianismo não é intelectual, é moral. Muitos sabem que ser um discípulo verdadeiro de Cristo implicaria o abandono de muitas atitudes assumidas dantes na vida. Dr. Mackay falou de uma visita que fez uma ocasião ao famoso laboratório Cavendish, em Cambridge, Inglaterra, onde o átomo havia sido recentemente dividido. Enquanto estava lá, perguntou ao cientista Eddington por que êle e Bertrand Russell eram tão diferentes. Eddington disse que estava muito admirado. Êle cria em Deus e Russell não; entretanto, Russell recebeu a ciência de Eddington e êste a filosofia de Russell. Eddington é um homem de vida pura. Russell teve relações infelizes com cristãos em sua mocidade; além disto, êle proclama o direito do amor livre que não é compatível com o amor cristão. Quando o indivíduo reconhece que o ser cristão implica uma verdadeira abnegação, — sòmente uma pequena minoria se decide a aceitar o desafio.

O movimento Buchman focaliza novamente uma verdade velha, isto é, que o melhor meio de tocar o coração humano é procurar descobrir a dificuldade escondida na vida e quando encontrada deve tornar-se o principal campo de batalha. A filosofia teve sua origem em proteger as atitudes fundamentais da vida. Lotze diz: "Os sistemas filosóficos são frequentemente uma justificação das atitudes da vida que assumimos em nossa mocidade". Nossa filosofia justifica estas atitudes e preconceitos.

Atitude presente dos cristãos na vida nacional.

Ha algo incorrigìvelmente humano no espírito humano de colocar a idade de ouro no passado. Não adotaremos essa atitude; entretanto, ha muita evidência que estamos passando por uma grande transformação moral, talvez tão intensa como a que ocorreu na Reforma e na Renascença. Estamos numa grande época de transição. O tempo é profético, apocalíptico, mas é a Primavera de Deus. A briza divina está derretendo os preconceitos acumulados durante séculos. Tremendas torrentes varrem os excessos de séculos. Deus opera seu destino. Ha, entretanto, muita razão para sérias considerações. Com isto em mente, encaremos a presente crise. Abandonamos a idéia de um progresso humano inevitável numa linha reta. Temos o progresso de Deus, não dos homens.

A questão do nacionalismo.

Cada cristão é cidadão de alguma nação. Qual deverá ser aí a atitude cristã? Em primeiro lugar, deve ser um cidadão leal. Deve manter dois princípios: 1°, a completa liberdade e não permitir que nenhum govêrno viole as liberdades fundamentais em nome de teorias políticas ou viole o amor cristão; 2°, em suas relações internacionais não deve permitir que sua nação viole o princípio do amor. O amor cristão deve ser um padrão real. Aquí surge a questão sobre si o que chamamos o Reino de Deus não é maior do que qualquer nação. Talvez marchemos para um período de verdadeiras perseguições e martírio. Êstes naturalmente tomarão novas formas. A questão é profunda. Ha derivações subtís no nacionalismo em que cada nação tem sua expressão religiosa. Até mesmo missionários têm incentivado tipos nacionais de religião. Sem dúvida cada nação terá sua forma de religião, mas essa deve estar em conexão com o Eterno.

A questão da ordem social e econômica.

O primeiro dever de cada cristão é entender a situação presente. Ninguem deveria afastar-se da vida social ao ponto de não compreender o que se está passando, que fôrças estão operando, que resultados podemos esperar, etc.

A ordem econômica presente é um fenômeno na civilização: a riqueza é objetivo de todos, mas, grande poder econômico está nas mãos de indivíduos. O que deveria ser um instrumento, tornou-se um fim em si mesmo. Em cada país moderno ha duas espécies de govêrno: — o visível e o invisível. O invisível se constitue de um número limitado de financistas, sem cujo consentimento o govêrno visível não opera. Êsse grupo constitue uma pequena minoria, mas poderosa. Esta situação trará cada vez mais sofrimento á sociedade humana. Observamos hoje grandes países que não podem dar trabalho a homens necessitados.

Produz grandes paradoxos — muito dinheiro e pobreza; muito alimento e fome. Os campos missionários também estão em grandes embaraços. O povo não pode separar as missões do capitalismo. Ha completa falta de contrôle na situação presente. Os grandes banqueiros não sabem o que fazer. Ha muitos homens sinceros que fariam algo si soubessem como agir. A condição moderna evidencia perfeitamente que alguns princípios divinos fundamentais foram violados. Spengler assevera que temos a psicologia da rã. Olhamos tudo sob duas dimensões. Devemos olhar a situação, vendo-a de cima. Precisamos abandonar essa duplicidade psicológica.

O comunismo se apresenta hoje como o maior desafio ao cristianismo. O cristianismo precisa descobrir-se a si mesmo, voltar á sua paixão original.

E' mistér que o cristão considere um segundo princípio, isto é, deve tomar uma deliberação inabalável de não participar em cousa alguma que porventura venha trazer sofrimento a quem quer que seja.

Em terceiro lugar, deve haver um esfôrço gigantesco por parte de todos os cristãos em estimular verdadeira justiça social. Precisamos ser realistas e reconhecer que a mera redistribuïção da riqueza não solverá o problema.

Não ha remédio para a situação a não ser que cada qual sinta a sua alta vocação.

A questão da família.

A família é fundamental em toda sociedade. O esfôrço contrário á vida familiar é improfícuo. O casamento não é finalidade em si. Caso procuremos a felicidade individual nele, não a encontraremos. Nada humano pode constituir-se para um fim em si mesmo. O casamento é um bem, mas para a família e para o lar. Sem o casamento não ha meios lícitos de se propagar a raça. O casamento é um dos mais altos ideais. Naturalmente ha um lugar para o verdadeiro celibatário. Nesta questão de casamento, a disciplina da personalidade se esquece presentemente. Dificuldades surgem no lar e o domínio próprio e a disciplina são fatores que enriquecem a personalidade no regime do casamento. Aquí se nota o fracasso do casamento provisório. Êste é uma aliança temporária entre duas pessoas, com a idéia de não terem filhos. Ora, todos os casais sabem que lutas e dificuldades surgem quando vêm os filhos, de modo que o casamento relativo não apresenta base sólida para os nubentes saberem si serão felizes ou não. O casamento tem por objetivo ideais comuns dentro e fora do lar. Si for meramente egoista não fará contribuïção alguma á sociedade. Um pensador argentino disse que uma das maiores falhas das sociedades antigas era a falta do lar.

Benjamin Kidd disse: "A mulher tem a chave da civilização. Sua fôrça está em sua habilidade de emocionar o ideal, e êste maravilhoso processo só se realiza com maior eficiência no lar".

QUINTA PARTE

RELATÓRIOS E INFORMAÇÕES

RELATÓRIO DA SECÇÃO BRITÂNICA

APRESENTADO A' COMISSÃO EXECUTIVA DA A. MUNDIAL DE EE. DOMINICAIS, REUNIDA EM 22 DE JULHO DE 1932, NO RIO DE JANEIRO

(PELO DR. JAMES KELLY, secretário geral da Secção Britânica)

O TRABALHO NO CAMPO

Conquanto tenha sido notável o progresso do trabalho de Educação Cristã no ano de 1924 a 1928 nos países com os quais coopera a Secção Britânica da Associação, pode-se afirmar, com absoluta segurança, que o avanço durante o quadriênio 1928-1932 é ainda mais digno de comentário. A Secção Britânica tem contacto agora, pràticamente, com todos os países do continente europeu, exceptuando a Rússia. Durante o quadriênio, como resultado de visitas feitas aos campos, principalmente em consequência das conferências regionais reunidas em diferentes centros, estabeleceram-se em muitos países juntas de Escolas Dominicais e Conselhos de Educação Cristã, representando todas as fôrças protestantes dos respectivos países. Na Estônia, Bulgária, Rumânia, Iugo-Slávia, Itália, Espanha e Portugal o trabalho de Educação Cristã por meio da E. D. foi reorganizado com muito bom êxito. Além disto, estabeleceu-se contacto com a única Escola Dominical em atividade na Albânia, dando-se um auxílio para facilitar o desenvolvimento do trabalho naquele país. Na Índia também, por ocasião da visita do Secretário, no inverno de 1930/31, puseram-se em execução muitos planos novos que vieram despertar interêsse e exercer larga influência.

Durante o quadriênio, a Secção Britânica sustentou financeiramente Escolas Dominicais missionárias em oito países, havendo dado auxílio para treinamento de professores e para produção de literatura em larga escala.

O relatório que se segue toca apenas em alguns dos acontecimentos mais vitais do trabalho durante o quadriênio: é um resumo do que se fez.

ALBANIA: A Albânia é o menor reino da Europa. Ha plena liberdade religiosa nesse país; porém, por falta de meios, existe um único trabalho evangélico protestante organizado na cidade de Kortcha. Nesse centro o Rev. Phineas B. Kennedy e sua senhora, da América do Norte, mantêm uma pequena Missão unida á única E. D. existente na Albânia. Essa escola tem 120 alunos, alguns dos quais são mussulmanos e outros de pais ortodoxos. E' o único lugar no país em que a Bíblia é ensinada e, a despeito de sua limitada capacidade, é considerável a influência que exerce essa Missão. Por escassez de recursos materiais, correu esta E. D. o grave perigo de extinguir-se, o que importaria em prevalecer uma das duas alternativas: o catolicismo ou o maometismo.

Tal acontecimento poderia também significar o colapso total da obra evangélica no país. Foi possível á Secção Britânica fazer um donativo á Missão para habilitá-la a manter o trabalho entre os jovens, e bem assim ajudá-la na produção de literatura por meio da qual é possível divulgar o conhecimento da Educação Cristã numa área mais vasta.

ÁUSTRIA: Em 1928, o número de EE. DD. na Áustria perfazia um total de 172. Êste número está hoje aumentado para 265, o que mostra um sextuplo crescimento da E. D. desde 1924, época em que havia apenas 46 escolas em todo o país. Tão satisfatório avanço é devido, em grande parte, ao trabalho do missionário, Rev. Gustavo Luntowski, que se dedica inteiramente a êste serviço, e que muito tem feito pelo desenvolvimento da União Austríaca. Um dos acontecimentos mais notáveis do quadriênio foi a organização, em Viena, de um Seminário para treinamento de professores da E. Dominical. O trabalho de treinamento de professores vai se fazendo sistemàticamente, culminando cada ano numa Conferência de Verão em Salzerbad, para pastores e professores. Esta Conferência atrai delegados de todo o país. Em 1931 foi assistido por 150 professores. Foi muito apreciado o fato de haverem tomado parte no trabalho da Conferência 52 estudantes de teologia e seus professores, bem como número regular de professores de religião de escolas primárias e secundárias.

BÉLGICA: Conquanto não esteja ainda unido em uma associação interdenominacional de escolas dominicais, progride ràpidamente o trabalho na Bélgica. Um número crescente de escolas está seguindo as lições estabelecidas pela Ass. Francesa de E. Dominicais, o que significa que os alunos podem percorrer a Bíblia toda uma vez em cada quinquênio. As Escolas Missionárias constituem uma parte importante da obra das EE. DD. na Bélgica. Isso se nota particularmente em Courcelles, onde funcionam três escolas e em que 90 % dos alunos são de origem não-protestante. Essas escolas funcionam geralmente num dia de semana. Estão-se fazendo esforços no sentido de unir numa Associação Interdenominacional as EE. DD. de todo o país.

BULGÁRIA: A obra das Escolas Dominicais na Bulgária vai progredindo, se bem que vagarosamente. Ha atualmente 76 EE. DD. com 3.786 alunos e 197 professores. Ùltimamente vão surgindo várias realizações encorajadoras em conexão com o trabalho entre a juventude, dos quais um dos mais importantes é o gradual desenvolvimento da obra de Educação Cristã na Igreja Grega Ortodoxa. O Comité Búlgaro de EE. DD. foi bem sucedido em pôr em execução o plano duma Biblioteca Ambulante para professores. Organizaram-se três destas bibliotecas, que são mandadas de lugar para lugar, á medida que são reclamadas, onde ficam por um certo tempo. Recentemente, o Ministro da Educação do Govêrno Búlgaro emitiu sua aprovação ao periódico para crianças, publicado pelo Comité de Escolas Dominicais, concedendo, com a aprovação, o privilégio de trabalhar entre os profes-

sores das Escolas Públicas, assegurando destarte mais larga circulação das nossas publicações. Está sendo considerada pelo Comité Búlgaro a necessidade de um Missionário que dedique todo o seu tempo ás Escolas Dominicais, esperando-se conseguí-lo em futuro próximo.

CHECO-SLOVÁQUIA: O número de Escolas Dominicais na Checo-Slováquia quasi triplicou desde a organização da Associação de Escolas Dominicais neste país. Perto de 6% da população não têm filiação eclesiástica, o que faz da Checo-Slováquia um campo missionário único da Europa Central. Muitos mandam seus filhos ás Escolas Dominicais protestantes, estabelecendo, por êsse meio, um laço de união com a Igreja Cristã. Um feito notável no trabalho da Associação é o Campo de Treinamento de Professores, inaugurado em Brno em 1929, que veio auxiliar extraordinàriamente o trabalho dos Ministros e demais obreiros. A primeira Convenção Nacional de Escolas Dominicais reuniu-se no novo Campo, com a presença de 103 delegados oficiais. Em 1931 a assistência foi de 170, com o acrescimo de 75 professores de escolas diárias, que acompanharam os trabalhos durante três dias. Grande parte do sucesso do trabalho da Ass. Checo-Slováquia deve-se aos esforços do Rev. Adolfo Novotny, que se dedica exclusivamente á obra das Escolas Dominicais, e cuja iniciativa tem trazido a Associação e seus objetivos em favor da educação cristã da mocidade em contacto vital com a vida religiosa do país.

DINAMARCA: O trabalho das Escolas Dominicais na Dinamarca continua sobre bases satisfatórias. Em Copenhague existe uma biblioteca livre para professores da E. D., enquanto que na mesma cidade os professores se reunem regularmente uma vez por semana para estudar a lição da Escola Dominical. Além disto, funcionam, em todo o país, cursos de instrução para os jovens que desejam consagrar-se ao magistério da E. Dominical. Ha, atualmente, pelo menos uma Escola Dominical em quasi todas as paróquias na Dinamarca, perfazendo um total de 1740 escolas com 111.831 alunos. O Comité Dinamarquês de E. D. dá um belo exemplo de espírito missionário, fazendo com que suas escolas se responsabilizem, por certo tempo, em cooperação com o Comité Britânico, por parte da manutenção financeira, duma E. D. Missionária na Islândia.

ESTÔNIA: De acôrdo com a resolução da 1ª Convenção Nacional de Escolas Dominicais, reunida nos fins de 1928, foi organizada a União Estoniana de EE. DD. Ha presentemente 242 EE. DD. no país, com 7.957 alunos. Em se considerando o fato de só em 1925 ter tido início o trabalho das EE. DD. na Estônia, não se pode deixar de reconhecer que progride de modo notável. Várias Escolas Dominicais foram também organizadas por jovens refugiados russos, dos quais ha um grande número no país. O missionário Sr. Jan Serra, que se dedica exclusivamente ás EE. DD., está encarregado do trabalho e tem prestado ótimos serviços, tanto na organização de Escolas Dominicais, como no preparo

de professores. O fato saliente do trabalho do quadriênio é a publicação do primeiro Hinário Estoniano para Escolas Dominicais.

FINLANDIA: O trabalho na Finlândia prosegue normalmente. Ainda que haja pequena diferença estatística durante o quadriênio, contudo é evidente constante progresso na eficiência do ensino nas EE. DD. Estão organizados com toda a regularidade os Cursos para Treinamento de Professores, que funcionam de duas semanas a três meses. As EE. DD. finlandesas celebram seu centenário neste ano e estão se esforçando por comemorar esta data com a aquisição duma sede definitiva para um instituto de treinamento de professores.

FRANÇA: O número total das Escolas Dominicais de França é aproximadamente de 1350, com 48.000 crianças e jovens. Êste número vai crescendo gradualmente, á medida que os ministros e os leigos vão se compenetrando da necessidade da educação religiosa tanto nas pequenas vilas como nas grandes metrópoles. Convicta da eficácia das Conferências Locais e Distritais e dos Cursos de Treinamento de Professores, a Associação Francesa de Escolas Dominicais, sob a liderança do Rev. Jean Laroche, com um assistente missionário, esforçou-se durante o quadriênio por organizá-las em toda parte em que fosse possível.

ALEMANHA: O trabalho de Escolas Dominicais é dirigido na Alemanha pela Associação Nacional de Escolas Dominicais da Alemanha e pela A. de EE. DD. da Igreja Livre, proseguindo ambas na realização dum ótimo trabalho. Comparando-se as estatísticas de 1913 e 1931, observa-se que durante êsses anos cresceu para mais de 80 % o número de alunos das EE. DD. no país. Uma das maiores ameaças ao desenvolvimento do trabalho das EE. DD. na Alemanha são os esforços que fazem as organizações comunistas para atrair a mocidade. E' tremenda a tarefa da Igreja Protestante na Alemanha entre grande número de jovens que estão inteiramente fora de qualquer influência cristã.

HÚNGRIA: O treinamento de professores é um dos aspectos mais interessantes do trabalho da União Húngara de Escolas Diminicais. As classes de treinamento têm-se reunido com crescente interêsse e bom êxito em todo outono e inverno e aumenta ràpidamente o número de estudantes, que as assistem sob a direção do Sr. John Victor, missionário das Escolas Dominicais. A Conferência de Verão, realizada em Tahi, continua a atrair todos os anos, muitos professores e jovens obreiros de valor. A Primeira Convenção Européia de Escolas Dominicais, reunida em Budapest, no verão de 1931, deu ainda maior impulso ao trabalho da União Húngara, e uma de suas consequências mais notáveis é o grande desejo de aumentar de uma semana para dois meses os cursos de treinamento de professores, que se realizam em diferentes lugares.

ISLANDIA: Em 1929, com a cooperação financeira das EE. DD. da Dinamarca, foi possível enviar á Islândia, por três meses, um missionário especialista em Educação Religiosa. O trabalho lá organizado, tem sido

dirigido pelo Comité Islandês, sob a presidência do Prefeito Reykjavik. Funcionam 80 Esc. Dominicais, com 2.650 alunos e 102 professores. Ha grande necessidade de literatura, tanto para estudantes como para professores. Considerando ser muito pequena a população, é naturalmente caro o trabalho tipográfico. Daí ser um grave problema a produção de novo material. E' bem interessante relatar que um representante da Islândia assistiu á Convenção Européia em Budapest.

Itália: O número de estudantes das Escolas Dominicais na Itália é aproximadamente de 10.000, com quasi 1.000 professores. São grandes as dificuldades em virtude dos esforços, que faz o clero Católico Romano, no sentido de afastar a mocidade das Escolas Dominicais Protestantes. E' de grande importância o Livro Texto de Educação Religiosa publicado durante o quadriênio, principalmente como agente de evangelização entre a mocidade e suas famílias nominalmente católicas romanas. Foi necessário tirar uma 2ª edição do livro para atender aos pedidos. O Conselho Italiano de Escolas Dominicais, sob a direção do Rev. V. Alberto Costabel, D.D., moderador da Igreja Valdense, representa todas as fôrças protestantes do país e está levando a cabo uma obra de grande alcance, particularmente na produção da literatura.

Iugo-Slávia: Tem tomado um novo impulso, nestes últimos anos, o trabalho das Escolas Dominicais na Iugo-Slávia. Muito tem feito o Comité de EE. DD. da Iugo-Slávia, para desenvolver o trabalho de ensino cristão, a ponto de haver hoje 149 escolas com 8.766 alunos Um dos pontos principais do trabalho é a organização de EE. DD. na parte do país conhecida como a "Retaguarda" ou "Back Area". Organizaram-se, durante os dois últimos anos, duas classes de treinamento para professores e pastores, ás quais se deve o aumento da eficiência do ensino religioso. Ha grande necessidade de se aumentar o número de classes de treinamento, bem como de produzir mais literatura, quer para professores, quer para alunos.

Letônia: A comparação de estatísticas de Esc. Dominicais na Letônia demonstra um progresso animador. Em 1920, o número de Escolas Dominicais era de 89; em 1927 de 167. Hoje é de 259. Em 1927 havia 7.729 alunos e presentemente 12.128, com 1.119 professores. Um dos mais sérios entraves ao desenvolvimento do trabalho na Letônia, é o espírito anti-religioso do ocidente. E' doloroso dizer que muitos professores anti-religiosos, das escolas primárias, incitam seus alunos a não assistirem ás Esc. Dominicais. O Rev. Paulo Peltscher, B. D., missionário, que se dedica exclusivamente á obra das Escolas Dominicais, tem auxiliado extraordinàriamente no desenvolvimento da educação cristã, já no treinamento de professores, já na organização de Escolas Dominicais e de classes bíblicas.

Holanda: O trabalho das Escolas Dominicais progride satisfatòriamente. Ha cêrca de 250.000 alunos e quasi 10.000 professores. Além da Conferência Nacional, realizam-se conferências locais, numa média de 30 por ano.

Noruega: O trabalho das Escolas Dominicais na Noruega é dirigido pela A. Norueguesa de EE. DD. (Igreja Luterana) e pela União Norueguesa de Escolas Dominicais (Igrejas Livres). Os cursos de treinamento de professores constituem uma parte importante do trabalho em ambas as organizações. Organizaram-se recentemente laços de união entre a E. D. e os membros da Igreja. Trienalmente reune-se um Congresso Nacional e quadrienalmente uma Convenção Escandinava.

Polônia: A Polônia é um dos campos mais necessitados e dificultosos que é possível encontrar, em virtude de ser constituída a população de numerosos núcleos raciais. Nos dois últimos anos passados, estabeleceu-se trabalho entre dois dêsses grandes núcleos, notadamente entre os russos brancos e os ucranianos. A publicação da literatura nas respectivas línguas, como subsídio para professores e alunos, foi uma das realizações mais úteis. A maior necessidade da Polônia é o treinamento de líderes não só para o povo polonês, como também para os referidos núcleos. Além disso, é necessário haver mais cooperação entre as corporações protestantes. A União Polonesa de Escolas Dominicais acaba de publicar um livro sobre a organização e administração de Escolas Dominicais, o que esperamos virá a ser um bom auxílio para os obreiros. Um fato animador é o interêsse mostrado pela Igreja Grega-Ortodoxa no movimento de Escolas Dominicais. Outro fato auspicioso é que a Igreja Metodista da Polônia instituiu no ano pretérito sua primeira classe de treinamento de professores em Wilno, enquanto um advogado grego estabeleceu uma Escola Dominical na Igreja de Grodno.

Rumania: O Comité das Escolas Dominicais da Rumânia, recentemente organizado, representa todas as denominações protestantes do país. Ha 1.556 Escs. Doms. com 50.397 alunos e 3.166 professores. A maioria dessas escolas está nos territórios recentemente anexados á Rumânia. No velho Reino da Rumânia, só agora é que está começando a se desenvolver o trabalho de Escolas Dominicais, onde 44 % do número total de escolas e 62 % do de alunos pertence ao núcleo de língua húngara. A igreja Ortodoxa da Rumânia tem mostrado ùltimamente vivo interêsse no trabalho entre a juventude, fato êste que o Comité das EE. Dominicais da Rumânia considera como mui significativo e promissor.

Espanha e Portugal: Depois de visitados pelo Secretário Britânico, tomou novo impulso o trabalho das Escolas Dominicais nestes dois países. Num esfôrço digno de menção, procuram os Comités reorganizados aproveitar, da melhor maneira possível, as magníficas oportunidades que o momento presente oferece ao desenvolvimento da obra de educação cristã entre a juventude. Aproveitando a nova liberdade de que gozam os protestantes na Espanha, começaram a incrementar o ensino e o treinamento da mocidade, por intermédio das Escolas Dominicais e classes bíblicas.

SUÉCIA: Ha aproximadamente 9.000 Escolas Dominicais na Suécia com 400.000 alunos. O trabalho é dirigido pelo Conselho Sueco de EE. Dominicais, que é um Comité Interdenominacional. O treinamento de professores constitue uma parte vital do programa do Conselho.

SUISSA: O Comité Suisso Francês das Escolas Dominicais e o Comité Suisso Alemão continuam responsáveis pelo trabalho das EE. DD. nas Áreas em que se fala respectivamente a língua francesa e a alemã, não tendo sido calculadas, porém, as estatísticas.

O MOVIMENTO RUSSO DE ESCOLAS DOMINICAIS. — O movimento russo de Escolas Dominicais surgiu, ha alguns anos passados, do Movimento Cristão de Estudantes Russos, que vivem fora do país. Com raras exceções, a antiga Rússia não conhecia esta forma de trabalho. O movimento Russo de Escolas Dominicais tem que lutar contra a campanha ateista e contra a de destruição da vida familiar. Sob os auspícios dêste movimento organizaram-se EE. Dominicais em muitos centros de imigração russa, notadamente na Checo-Slováquia, Letônia, Estônia, Polônia e Finlândia. Estas escolas são de imenso valor, não só como local de estudo mas também por tomar o lugar que a vida de família ocupava outrora em circunstâncias mais felizes. A Secção Britânica prestou considerável auxílio aos jovens refugiados russos e espera poder fazer um trabalho mais concreto num futuro próximo.

1ª CONVENÇÃO EUROPÉIA DE ESCOLAS DOMINICAIS. — Um dos trabalhos mais importantes do Comité Britânico, durante o quadriênio foi a realização da Primeira Convenção Européia de Escolas Dominicais em Budapest, na Húngria, em Agosto de 1931. Reuniu-se esta Convenção a pedido de muitas Igrejas e líderes da mocidade do continente europeu. A-pesar-de ter sido uma "aventura" havia o firme propósito de vencer e a convicção absoluta de que seriam afastados todos os obstáculos. As dificuldades que derivaram da situação política, tão bruscamente alterada no continente, constituíam uma constante ameaça. Além disto, duas semanas antes da data do início da Convenção, era assás precário o estado de cousas, cansado pela crise financeira da Europa Central. E a Convenção, a-pesar-do ambiente carregado, correu sem a menor perturbação. Responderam á chamada, na noite da abertura, 235 delegados registrados, representando 27 Nações e 12 Denominações. Veiu 1 delegado da Islândia e 2 de Marrocos (Possessão Francesa). Os Estados Bálticos e os países Balcânicos enviaram sua quota. A Palestina e a Síria estavam representadas, respectivamente nas pessoas do Arcebispo Timotheus Themelis, da Igreja Grega-Ortodoxa, de Jerusalém, e do bispo Shahe Kasparian, da Igreja Armênia. A delegação, verdadeiraemnte seleta, era constituída de homens e mulheres identificados com o trabalho de educação religiosa nos colégios, igrejas, escolas diárias e dominicais, e bem assim ministros notáveis e obreiros de várias igrejas e países. O fato de se ter reunido a Con-

venção é sinal evidente de que muito ha progredido, em vários países, o trabalho das Escolas Dominicais. E seus resultados serão, por certo, tão satisfatórios, que hão de justificar e mesmo exigir futuras convenções. Releva notar que toda a despesa da Convenção, incluindo a viagem de vários delegados de alguns países europeus, foi feita por um pequeno número de amigos da Escócia e da Inglaterra, oferta esta de que participou, portanto, o Comité Britânico da Associação.

Índia: Assinalaram o quadriênio dois fatos de real importância, tanto mais quanto se trata da União das Escolas Dominicais da Índia longínqua. Trata-se da nomeação de uma missionária adjunta para o trabalho entre moças e senhoras, sustentada pela Soc. Auxiliadora de Senhoras da Escócia, e da decisão do Comité Britânico de enviar o seu secretário em visita á Índia. Nesta visita, percorreu o secretário, grande parte do campo indiano e tomou parte na Reunião Anual da União das Esc. Dominicais da Índia, em Bangalore. Muitas modificações se fizeram no programa de ação da União das EE. Dominicais da Índia, pelo que se espera uma nova fase de progresso para o trabalho. Está se dando a maior atenção ao trabalho das Sociedades Auxiliadoras de Senhoras. A decisão de desdobrar o pequeno número de grandes sociedades em muitas sociedades pequenas já está produzindo bons resultados e demonstrando o acêrto da nova orientação. Toda a Índia foi visitada durante o ano transato por um ou outro diretor da União Indiana de Escolas Dominicais, inclusive as províncias do nordeste do país e as regiões limítrofes com a China. O Sr. V. M. Koshy fez um minucioso exame das Escolas Domincais em Madras, onde está empenhado num intenso trabalho. Esteve, outrossim, largo tempo nas montanhas de Garo e Manipur, onde o progresso é evidente. O Rev. N. Franklin, de conformidade com a nova orientação, gastou todo o ano passado na visita das Sociedades Auxiliadoras, levando a efeito um trabalho de grande alcance. As missionárias Miss Moreland e Miss Stern têm trabalhado com muito bom êxito, notadamente entre professoras e moças dos Ginásios e dos colégios oficiais. O Sr. e Sra. Annett, além de organizarem escolas de treinamento no Instituto de Santo André, em Coonoor, além de produzirem, com notável perseverança, bastante literatura vernácula, viajaram pelo país, organizando e dirigindo oito escolas diárias para os que não podiam gastar o tempo necessário para um curso regular no Instituto de Treinamento de Santo André. Está sendo estudada a possibilidade de se nomear mais um obreiro europeu para a Índia, bem como um ou dois trabalhadores indianos para desenvolver a obra das Escolas Dominicais nas Soc. Auxiliadoras. Prevê-se que essas nomeações se façam ainda antes do fim do corrente ano.

Madagasgar: Ha poucou, chegou ao Comité Britânico um pedido, para que fosse nomeado e sustentado um missionário para auxiliar ao pastor Ramambasoa, que está fazendo um trabalho maravilhoso na cidade

de Tananarive, capital da Ilha de Madagascar. Urge que alguem viaje pela Ilha fazendo propaganda da Escola Dominical e das classes bíblicas, organizando também e dirigindo cursos de treinamento de professores. E' importante esta declaração quando nos lembramos de que, com uma viagem de Tananarive de um dia apenas de barco-motor, encontram-se vilas pagãs, onde é desconhecido o trabalho das Escolas Dominicais. Mesmo nas localidades cristãs é incipiente ainda o trabalho entre os jovens, sendo vital a necessidade de dirigentes preparados. O Comité Britânico concordou em sustentar, por três anos, um missionário auxiliar para as Escolas Dominicais, nomeando em 1° de Junho dêste ano, um erudito ministro, o Reverendo Joseph Rakotoarianala.

AUSTRÁLIA: O Conselho Nacional de Educação Religiosa da Austrália relata um satisfatório aumento do número de alunos das Esc. Dominicais: de 522.239 alunos em 1929, passaram ter agora 558.628. Cresce também o interêsse pelo treinamento de professores. A Secção Britânica da Associação Mundial de Esc. Dominicais está grandemente interessada na obra missionária do Conselho Nacional nas ilhas do Sul do Pacífico, onde está sendo feito um excelente trabalho sob os auspícios de várias sociedades missionárias. A verba votada pelo Conselho Nacional para o trabalho da A. Mundial de Escolas Dominicais no Pacífico-sul tem sido empregada sòmente no preparo de elementos nacionais, que deverão assumir a direção da educação religiosa em sua pátria.

ESCÓCIA: E' responsável pelo movimento de Escolas Dominicais na Escócia a União Escocesa de Escolas Dominicais e Educação Cristã, que é formada pelos representantes oficiais indicados pelo Supremo Conselho das Igrejas e pelos representantes eleitos das Uniões Locais e Provinciais. A União existe para dar impulso á educação cristã entre a mocidade por intermédio das Escolas Dominicais, bem como para acompanhar e auxiliar, de todas as maneiras possíveis, o trabalho de educação cristã em todo o mundo. A União está relacionada principalmente com a E. Dominical, treinamento de professores e publicação de literatura. Desenvolveu-se bastante o trabalho de treinamento de professores, por intermédio dos cursos de leitura, conferências e demonstrações, muitas das quais foram feitas sob os auspícios dos ramos provinciais da União. Além disto tem lugar, no outono de cada ano, uma Conferência Nacional com delegados de todo o país. As escolas de verão, que constituem uma parte importante do trabalho da União, estão graduadas para os professores dos vários departamentos da Esc. Dominical. E' também parte vital das atividades da União o preparo de literatura, inclusive esquemas de lições e revistas para professores, as quais se usam na maioria das escolas escocesas. Os esquemas de lições são publicados anualmente em três graus; primário (incluindo principiantes), intermediário e secundário. As revistas para essas duas últimas categorias se publicam mensalmente, e para principiantes e alunos do curso primário, trimestralmente. Êste ano se registará o 21° aniversário

da organização do primeiro departamento primário da Escócia. Data dêste acontecimento o progresso do sistema de cursos graduados na Escócia, e é justo notar que o aperfeiçoamento dos métodos modernos tem aumentado extraordinàriamente a eficiência do trabalho das Escolas Dominicais no país. Um dos trabalhos mais notáveis do ano foi o relatório da Comissão de Educação Religiosa, nomeada pela União Escocesa de Escolas Dominicais. A Comissão, composta de homens e mulheres com bastante preparo e experiência, foi formada com o fim de examinar o "Currículo" e os métodos de educação religiosa e fazer recomendações práticas no tocante á obra da Escola Dominical e á elaboração dos esquemas das lições. O relatório saiu a lume em forma de livro e intitulado — *"Tendências Modernas da Educação Religiosa"*. A seu respeito escreveu, no prefácio, o Reverendíssimo D. S. Cairns, Diretor de Aberdeen: — "E' visível que a União Escocesa de Escolas Dominicais tem prestado um valioso serviço no sentido de dirigir a atenção do povo para a magna questão da importância do método na educação religiosa". Ha, pelo menos, 6.802 Escolas Dominicais na Escócia, com 498.170 alunos e 66.185 professores. Durante o ano pretérito cresceu consideràvelmente o número de escolas, alunos e professores.

INGLATERRA E PAÍS DE GALES: A obra das Escolas Dominicais na Inglaterra e no País de Gales é incentivada pela União Nacional de Escolas Dominicais da Inglaterra e País de Gales e pelos Comités da Mocidade da Igreja Anglicana e das Igrejas Livres. Dois fatos animadores se tem observado ùltimamente em relação á obra das Esc. Dominicais: o primeiro é que houve um grande progresso na assistência, crescendo o número de alunos e de professores; o segundo é que tomou mais vulto ainda o trabalho de treinamento de professores. Ao mesmo tempo que se agrava a situação financeira das Escolas, a ponto de haver muitos professores fora da atividade, vão-se multiplicando as escolas de verão. Os relatórios acusam um aumento do número de alunos das Escolas de Treinamento. Os institutos teológicos estão também mais compenetrados da necessidade de treinar os seus estudantes para o trabalho educativo. Ha três anos passados reuniu-se o Conselho de Educação Religiosa, com representantes oficiais das Igrejas Livres, da União das Escolas Dominicais da Inglaterra e País de Gales, do Conselho Britânico de Lições e do Colégio de Treinamento de Westhill. O objetivo dêsse Conselho é habilitar as Igrejas Livres da Inglaterra e as organizações associadas a ter uma ação conjunta no que concerne á educação religiosa. Todas as secretarias das associações da mocidade estão representadas no Executivo, cujas reuniões mensais são um centro de coordenação de planos e trabalho. Começou a campanha pela adopção de um novo sistema de literatura pedagógica em todas as zonas sob a jurisdição do Conselho. Volta-se ao problema fundamental dum sério treinamento bíblico para os professores das escolas diárias. Quanto á

educação cristã fora das igrejas, o fato mais notável, além da adopção no novo sistema já mencionado, é o crescente interêsse dos professores por um perfeito treinamento para o trabalho. Uma prova disto é a criação da nova Associação dos Professores de Religião. A União Nacional da Inglaterra e País de Gales esteve empenhada durante o ano passado numa intensa campanha, cujo objetivo primordial é treinar líderes para o trabalho entre os adolescentes. Mais de cem uniões locais na Inglaterra começaram a trabalhar sistemàticamente nesta Campanha, com ótimos resultados para si mesmas e para as igrejas locais. A Associação Internacional de Leitura da Bíblia, que celebra seu jubileu neste ano, está desenvolvendo grande atividade para elevar a um milhão o número de seus associados. De grande valor para os professores é o trabalho feito pela Corporação Britânica de Rádio, preparando conferências especiais aos domingos e mesmo nos dias de semana em tôrno da educação religiosa.

Irlanda: O trabalho de Escolas Dominicais na Irlanda está sob a direção da Sociedade Irlandesa de Escolas Dominicais (Presbiteriana) e dos Comités Denominacionais. O número de escolas no país está calculado em 1.421, com 123.269 alunos e 11.689 professores. Durante os últimos cinco anos, tem surgido uma nova concepção do movimento das Escolas Dominicais, que é ir ao encontro das necessidades da presente época. As Escolas de Verão para Superintendentes e Professores formam atualmente uma parte regular do novo programa. Como primeiro passo para pôr a Escola Dominical em linha com o sistema de cursos graduados, organizaram-se numerosos departamentos primários e bem assim classes de treinamento, com o desejo de aumentá-las á medida que se forem descobrindo diretores idôneos. Para solver o problema da falta de dirigentes, estão se professando nos Institutos Teológicos, cursos de leitura a respeito de psicologia educacional e métodos de ensino. Essas leituras são consideradas da mais alta importância para o futuro da Escola Dominical e de todas as formas de educação cristã na Irlanda. Notamos, outrossim, com satisfação que vai crescendo o número de jovens assistentes das Classes Bíblicas.

Serviço do Secretário: Durante o quadriênio, empregou o secretário grande parte do seu tempo em visitas aos campos. Na primavera de 1929, fez uma longa excursão pelo centro e sudoeste da Europa. A jornada missionária foi muito bem sucedida, trazendo reais vantagens para o trabalho. Visitaram-se oito países, nos quais se realizaram conferências com líderes das Igrejas e da obra entre a juventude, e, em vários casos, com Ministros de Educação. Na primeira parte do ano de 1930, o secretário visitou a Polônia e os Países Bálticos. Muitos dias proveitosos foram gastos na Letônia, Estônia e Polônia, em reuniões com líderes da Igreja e do Estado, e com os Comités de Escolas Dominicais dêsses países. Em consequência desta visita, instituiu-se um novo

trabalho entre os Russos Brancos e os Ucranianos da Polônia. Entrou-se também em entendimento no sentido de se conceder auxílio material a um grande número de jovens refugiados russos tanto na Polônia como na Estônia. No verão dêste ano, o Secretário assistiu ás reuniões do Executivo Geral da Associação Mundial de Escolas Dominicais em Toronto. No outono, partiu para uma grande viagem ao Oriente Próximo e á Índia, passando pela Húngria, afim de iniciar os preparativos para a Primeira Convenção Européia das Escolas Dominicais. A visita ao Oriente Próximo se fez a pedido do Secretário Executivo Geral da Associação Mundial de Escolas Dominicais, tendo sido efetuadas, no interêsse da obra de Educação Cristã, conferências em vários centros com líderes das Igrejas Orientais. Na visita á Índia, percorreu parte do campo, tendo feito os preparativos o Sr. E. A. Annett, Secretário da União das Escolas Dominicais da Índia. Na primeira parte do ano de 1931, fez o secretário no interêsse da Convenção Européia, duas visitas á Húngria e a outros países no centro e sudoeste da Europa, em consequência do que aumentou o número de delegados á Convenção. Em Janeiro de 1932, viajou novamente o secretário, indo até a Espanha e Portugal, passando, ao mesmo tempo pela França e Itália. Benéficos resultados advieram desta visita, principalmente na reorganização da obra das Escolas Dominicais nos dois primeiros países. Quanto ás Missões Nacionais, gastou o secretário muito tempo no interêsse da obra da Associação. Teve também o privilégio de ocupar vários púlpitos importantes da Inglaterra e Escócia, em consequência do que cresceu o interêsse pelo aspecto financeiro da obra. Deu, outrossim, muito pensamento e esfôrço pessoal ao desenvolvimento das atividades financeiras da Secção.

RELATÓRIO DA SECÇÃO AMERICANA

APRESENTADO Á COMISSÃO EXECUTIVA DA ASSOCIAÇÃO MUNDIAL DE ESCOLAS DOMINICAIS EM SUA REUNIÃO NO RIO DE JANEIRO, EM JULHO DE 1932.

(Pelo Dr. Robert M. Hopkins, secretário geral da Secção Americana)

SECÇÃO I — O QUATRIÊNIO PASSADO

Com a celebração desta 11ª Convenção Mundial de Escolas Dominicais aquí no Rio de Janeiro completa-se o primeiro quatriênio da reorganização da Associação Mundial de EE. DD., efetuada em Los Angeles em 1928. Êstes quatro anos demonstraram perfeitamente que a Associação Mundial das EE. DD. tornou-se na letra e no espírito uma federação universal com base nacional, internacional e interdenominacional de associações das EE. DD. ou conselhos de Educação

Religiosa. A Comissão Executiva que dirige a Associação Mundial das EE. DD. se compõe de representantes escolhidos por estas organizações nacionais e internacionais. Quarenta e oito organizações destas nomearam seus representantes para servirem nesta capacidade. Delas, 45 têm sòmente um representante. A Austrália, a Inglaterra e a América do Norte têm 2, 15 e 30 representantes, respectivamente.

Após a Convenção em Los Angeles houve duas reuniões da Comissão Executiva: a primeira em Toronto, Canadá, em 21 de Junho de 1930, em conexão com a Convenção quatrienal do Conselho Internacional de Educação Religiosa. Havia presentes 31 representantes de 13 nações. A segunda reunião foi em 22 de Julho de 1931, em Londres, Inglaterra, apenas com 3 meses de aviso e, por isso, só houve presentes 7 organizações com 19 representantes. Percebe-se que não é mais possível a um só grupo nacional governar assim esta organização universal. A lei exige que a Comissão Executiva sòmente se reuna si houver pelo menos 15 membros presentes, representando nunca menos de 3 organizações nacionais ou internacionais.

Entre as reuniões da Comissão Executiva, duas comissões administrativas dirigem o trabalho da Associação Mundial das EE. DD. as quais estão sob a jurisdição da Comissão de Referência e Conselho.

Urge que ao terminar o quatriênio apresentemos um relatório do serviço que a Associação Mundial de EE. DD. tem feito nas bases adotadas. Isto se torna ainda mais urgente, considerando-se a depressão econômica internacional, que reduziu consideràvelmente nossos fundos, refletindo isso inevitàvelmente na redução dos serviços úteis prestáveis.

Convenções Mundiais

O serviço da Associação Mundial de EE. DD. começou, històricamente falando, com a realização das Convenções Mundiais. A primeira se reuniu em Londres, Inglaterra, em 1889. Reuniões subsequentes se realizaram em São Luiz, América do Norte, em 1893; em Londres, em 1898; em Jerusalém, em 1904; em Roma, em 1907; em Washington, 1910; Zurich, 1913; Tókio, 1920; Glasgow, 1924, e em Los Angeles, América do Norte, 1928. Durante 20 anos o único trabalho realizado pela Associação foi a celebração destas reuniões internacionais, com intervalos de 3 a 4 anos. A influência destas 10 Convenções Mundiais tem sido grande e construtiva.

Apropriações para Campos Missionários

Na Convenção em Roma, em 1907, na sessão de 22 de Maio, adotou-se um programa em que a Convenção Mundial de EE. DD. seria conhecida como "Associação Mundial de EE. DD." Elegeu-se uma Comissão Executiva para promover a organização de Uniões e Associações de EE. DD. e estender o trabalho "especialmente nas

regiões do mundo, onde houvesse maior necessidade". A Índia, China, Japão e Coréia foram os primeiros lugares atendidos. Em 1917 a Associação foi incorporada, afim de se atender mais eficientemente a esta fase de seu trabalho. Êste plano de auxiliar áreas financeiramente tem desenvolvido tanto durante 25 anos que a Inglaterra e a América do Norte estão prestando valioso auxílio, por meio de cooperação financeira, em vários países. Relatórios que vêm dêsses países indicam o trabalho construtor que está sendo feito. Durante o quatriênio, auxílios foram enviados da América do Norte ao Brasil, Burma, Ceilão, Chile, China, Equador, Egito, Grécia, Japão, Coréia, Manchúria, México, Palestina, Perú, Ilhas Filipinas, Sul da África, Síria, Argentina, Paraguai e Uruguai e também auxílio ao trabalho na Igreja Apostólica da Armênia e á Igreja Ortodoxa.

Visitas.

A-pesar-de constantes visitas feitas pelos dirigentes da Executiva durante muitos anos, a reorganização da Associação em Los Angeles, em 1928, indicou definitivamente que a visita aos campos missionários se tornasse uma das atividades principais da Associação. Nossas leis estatuem que — "os deveres principais dos secretários da Associação serão: iniciar, desenvolver e encorajar estas associações ou conselhos nas várias nações, para cujo fim deverão empregar muito de seu pensamento e tempo em visitas aos vários países, afim de se tornarem familiarizados com os problemas locais e auxiliá-los em desenvolver programas e delineando uma organização adequada". De acôrdo com esta lei, o secretário geral da Secção Americana visitou durante o quatriênio os seguintes países: — Egito, Palestina, Síria, Turquia, Grécia, Japão Coréia, China, Ilhas Filipinas, México, Brasil, Uruguai, Argentina, Paraguai, Chile e Perú. Alguns dêstes países foram visitados mais de uma vez. A pedido dos dirigentes evangélicos da China, o Dr. Jesse Lee Corley passou um ano na China, onde uma comissão especial de 4 membros o auxiliou num serviço eficiente. O secretário geral e mais 4 membros da América do Norte visitaram o Oriente; e em duas visitas ao México foi o secretário também acompanhado por outros. Tais visitas auxiliam muito o trabalho e, sem elas, o auxílio financeiro não seria aconselhável. Si a Associação persistir em seu objetivo de auxiliar e desenvolver as associações nacionais e internacionais ou conselhos em organizações indígenas, tendo em vista que estas se tornem completamente independentes em finanças e em liderança é evidente que visitas frequentes são indispensáveis.

Sede da Associação

As leis da Associação, estatuem que a sede da Associação Mundial de EE. DD. seja localizada na cidade de Nova York e que se torne

tanto quanto possível o centro de todo o trabalho da Associação. Os documentos da Associação são guardados na sede, e as atas das reuniões da Comissão Executiva, e da Comissão de Referência e Conselho e outros documentos da Associação são distribuídos dêste escritório. Os fundos permanentes da Associação são também administrados pelo tesoureiro da Associação, sob a direção da Comissão de Referência e Consenho e com o conselho da Comissão Financeira, com sede na cidade de Nova York. Entretanto, até o presente estas facilidades da organização não têm sido aproveitadas; si forem trarão grandes benefícios ao trabalho.

Deu-se, contudo, um passo importante quando a Comissão Executiva, em sua reunião em Toronto, 1930, resolveu (Item 969) fazer continuar o trabalho da Comissão de Métodos e Materiais para a Educação Religiosa nos Campos Missionários. Creou-se uma comissão permanente na América do Norte, denominada Comissão de Métodos e Materiais, composta dos seguintes membros *ex-officio*:

Secretário do Conselho Missionário Internaiconal — Dr. A. L. Warnshuis.
Secretário da Conferência de Missões Estrangeiras da América do Norte — Rev. Leslie B. Moss.
Secretário do Comitê de Cooperação na América Latina — Dr. S. G. Inman.
Secretário do Conselho Internacional de Educação Religiosa — Dr. Hugh S. Magill.
Presidente da Comissão de Educação do Conselho Internacional de Educação Religiosa — Dr. Luther A. Weigle.
Secretário da Secção Americana da Associação Mundial de Escolas Dominicais — Dr. Robert M. Kopkins.

e Dr. Eric M. North, ex-secretário da Comissão de Métodos e Materiais e atual presidente da Comissão Permanente.

A Comissão de Métodos e Materais tem por objetivo coligir e coordenar todos os materiais para educação religiosa provenientes dos campos da Secção Americana. Será de desejar haja uma comissão semelhante na Secção Britânica. Desta forma haverá possibilidade de todas as unidades constitutivas da Associação Mundial se valerem de material novo e progressivo, bem como tomarem conhecimento dos modernos métodos de trabalho em elaboração em todos os campos onde se desenvolva a educação religiosa.

Relatório financeiro

Provàvelmente será de interêsse o conhecimento dos dados financeiros, na Secção Americana, durante êstes 4 anos.

Fundo Geral da Secção Americana

Ano	*Orçamento*	*Recebido*	*Gastos*	*Balanço em mão em 31 de Dez.*
1928	$57.341.25	$56.266.55	$54.573.25	$6.481.65
1929	68.745.00	57.605.60	64.397.49	782.24
1930	65.750.00	58.075.64	57.987.43	22.12
1931	70.000.00	49.468.93	54.408.03	1.931.53
1932	61.000.00			

Crédito em depósito no Banco — $5.000

Os recebimentos totais de fundo permanente e as despesas da Comissão Britânica estão inclusos nos anos de 1928 e 1929. Começando com 1930, essas quantias foram distribuídas fora do orçamento da Secção Americana. Notemos que os recebimentos em 1929 e 1930 aumentaram, mas em 1931 decresceram. Quando consideramos, entretanto, que os fundos para a Secção Britânica, que apareceram nos totais de 1928 e 1929, não estão incluídos em 1931, perecebe-se que os recebimentos de 1931 foram mais ou menos os mesmos para a Secção Americana que em 1929. E' muito provável, contudo, que os recebimentos em 1932 apresentem um decrescimo considerável, pois a depressão geral é grande.

O orçamento de 1932 tem um total provável de $61.000 dólares e, a não ser que a situação financeira melhore, as despesas de 1932 terão de ser computadas abaixo de qualquer ano dêste quatriênio. Essa diminuïção do orçamento, todavia, não indicará falta de interêsse no trabalho ou falta de administração eficiente. Pelo contrário, os amigos que sustentam êste trabalho reconhecendo não ser possível ofertar com a mesma liberalidade anterior, devido á crise presente, lamentam profundamente não auxiliarem tanto quanto queriam, em cartas que nos escrevem em resposta aos nossos apêlos.

O relatório do tesoureiro mostra que em 30 de Junho todos os compromissos naquela data estavam liquidados, ainda que houvesse *um saldo devedor de $4.000* em 1931. A comissão de finanças tem considerado cuidadosamente a situação financeira todos os meses. Grandes reduções orçamentárias foram estabelecidas em 1° de Janeiro em todos os salários, na sede, com o entendimento de que o orçamento seria ainda revisto novamente em 1° de Abril. Nessa data novas reduções foram necessárias e realizamo-las. Certos auxílios destinados aos campos missionários e que estão inclusos no orçamento regular foram classificados como condicionais; tais quantias só serão enviadas mediante oferta especial que se venha a obter. Estas reduções têm ocasionado certas dificuldades no nosso serviço; entretanto, a comissão financeira acha absolutamente necessário conservar as despesas ao alcance dos recebimentos.

Como reduzir o serviço

O decréscimo em finanças implicou redução do serviço. A Convenção Mundial de EE. DD. se reune em 1932. Os preparativos para a

Convenção exigiram uma grande parte do tempo e esfôrço do escritório em Nova York. Visto ser pequeno o número de empregados no mesmo, tornou-se impossível a execução de todos os serviços que se esperavam. Na base dos fundos de que dispomos torna-se impossível o preparo adequado á Convenção no Rio, em prover fundos para auxiliar os campos missionários e fazer visitas aos mesmos, afim de ter contactos pessoais tão necessários. Precisamos, portanto, pensar maduramente como reduzir estas atividades durante o tempo em que as finanças estão reduzidas.

O secretário de negócios.

E' com profundo pesar que anunciamos a morte do Dr. Samuel D. Price, nosso secretário de negócios, em 17 de Maio. Ainda que não estivesse passando bem por muitos meses, insistiu em visitar a costa do Pacífico em Fevereiro e Março, especialmente interessado no trabalho da Associação no México e na China, onde contraiu forte resfriado que lhe acentuou o sofrimento do coração. Em 2 de Abril sofreu um ataque cardíaco de que não mais recuperou a saúde.

Desde 1917, o Dr. Price tem sido membro oficial da Associação Mundial de EE. DD. Veio á Associação de pastorados eficientes em Shrewsbury e Camden, N. Jersey, da Igreja Presbiteriana nos EE. UU. Era muito preparado e recebeu a grau de Bacharel em Ciências e Letras da Universidade de Nova York, em 1893, e de Bacharel em Teologia e Mestre em Artes no Seminário de Princeton, em 1896. Em 1917 a Universidade de Nova York conferiu-lhe o título honorífico de Doutor em Divindades.

Na Convenção Mundial de EE. DD., reunida em Los Angeles, em 1928, o Dr. Price foi eleito secretário de negócios da Secção Americana da Associação Mundial. Deu atenção especial ás finanças e á publicidade. Por muitos anos foi o editor de "Notícias Mundiais das EE. DD.", que vai regularmente aos principais jornais eclesiásticos e profanos interessados, em todo o mundo. Preparando-se para a 11ª Convenção êle reunia as estatísticas da E. D. em todo o mundo. Neste trabalho de estatística e em colocar material extra nos campos missionários prestou serviço eficiente.

Outras grandes perdas.

A morte nos tem arrebatado alguns de nossos valiosos amigos e auxiliadores financeiros, desde a última reunião em Julho de 1931, em Londres. Faleceram os seguintes:

W. H. Hoover, — em 25 de Fevereiro, 1932
David C. Cook Jr., — em 16 de Março, 1932
Floyd W. Tomkins, — em 25 de Março, 1932
Mr. & Mrs. Horace E. Coleman e Horace Coleman Jr., — em 29 de Março, 1932
Prof. Erasmo Braga, — em 11 de Maio de 1932

O Senhor nos deu êsses amigos. O Senhor os levou. Bendito seja o seu nome. Levantemo-nos e nos consagremos com maior devoção á causa sagrada para que não fracasse!

SECÇÃO II — A CONVENÇÃO DO RIO

A realização da 11ª Convenção Mundial de EE. DD. foi realmente um desafio ás fôrças universais da Escola Dominical. A situação econômia do mundo tem-se tornado cada vez peor e o mundo talvez nunca tenha tido de ser chamado a resolver vários problemas entre os mais comuns da vida com tão grande depressão financeira. Sentimos profundamente a ausência de homens representativos do mundo comercial nesta Convenção. Grande tem sido a sua contribuição na expansão do Cristianismo Evangélico; porém, a crise impediu a presença dêles no Rio.

A Secção Americana, que foi incumbida da iniciativa dos preparativos desta Convenção, nomeou em 1930 uma eficiente Comissão Geral da Convenção, da qual foi eleito presidente o Sr. L. W. Sims, de St. John, New Brunswick, Canadá. Várias sub-comissões tinham também o desempenho de tarefas específicas nos preparativos para a Convenção. O programa foi organizado sob a jurisdição do Dr. Luther A. Weigle. O moto da Convenção foi adotado de acôrdo com as sugestões originais da Secção Britânica, porém, mais tarde foi modificado com prévia consulta aos representantes brasileiros, — para "O CRISTO VIVO". As principais sessões da Convenção serão preenchidas com estudos sobre o progresso da educação cristã em diversos ramos da Associação. Os oradores são líderes em educação religiosa em todos os continentes. As conferências populares darão oportunidade para discussão de métodos e planos de trabalho nas Escolas Dominicais locais, enquanto os grupos de especialização estudarão problemas específicos. O Prof. H. Augustine Smith dirigirá a música e a representação alegórica da Convenção. Uma exibição da obra educativa será feita pelo Sr. H. E. Cressman. Realizar-se-á o Concílio da Mocidade, algumas de cujas sessões serão expandidas numa Convocação da Mocidade, sob a direção do Dr. George Stewart, que organizará, pela primeira vez, a mocidade num grupo representativo em conexão com estas Convenções Mundiais. Reuniões, após a Convenção, serão dirigidas pelo Dr. S. G. Inman, em São Paulo, Montevideu, Buenos Aires, Santiago, Lima e em outras cidades Sul-Americanas. Fizemos também arranjos afim de que alguns especialistas permaneçam um pouco mais em certos países, afim de se aproveitar sua especialização.

Os preparativos locais para a Convenção foram maravilhosos. A Providência nos deparou com o Dr. Benjamin Hunnicutt para a liderança local, no Rio de Janeiro. Foram facilitados os seus serviços pela cooperação financeira de várias juntas de missões que operam na América do Sul. Um espírito otimista prevaleceu em todas as Comissões no Rio, desde o início, o que garante o sucesso da 1ª Convenção Mundial da América do Sul.

Tanto quanto possível, ficaram as fôrças evangélicas do Brasil incumbidas da direção da Convenção. Os distintivos e programas da Convenção foram feitos no Brasil. O Livro da Convenção, apresentando relatórios, discursos, etc., será impresso também no Brasil. A atitude do Govêrno brasileiro foi muito amistosa desde o comêço. O auxílio financeiro local foi liberal, a-pesar-da crise financeira que atravessa o país. Estamos na espectativa de que esta Convenção seja uma grande bênção para a causa de Educação Cristã em toda a América Latina.

SECÇÃO III — RELATÓRIOS DOS CAMPOS MISSIONÁRIOS

Considerando os relatórios dos campos, a Comissão Executiva deveria lembrar que as organizações nacionais e internacionais que constituem a Associação Mundial de EE. DD. são independentes e são responsáveis sòmente ás igrejas e missões e outros grupos reconhecidos que os organizaram. Vamos dar agora uma revista das unidades federadas á secção americana.

A Igreja Armeniana

Em Janeiro recebemos uma carta cordial de Papken I, agora católicos de Cilícia, na Igreja Apostólica da Armênia, da qual estraímos o seguinte trecho.

"Pelos esforços do Sr. Levon Zenian nossas Escolas Dominicais estão bem organizadas. O povo armeniano em sua fidelidade á Igreja Mãe, tem feito todo o possível pelo seu progresso material e moral. Infelizmente, devido á situação econômica dêste grupo exilado, não podemos desenvolver o trabalho como gostariamos e a crise financeira mundial tem nos deixado em circunstâncias críticas. Urge, pois, que tenhamos o auxílio da Associação Mundial das EE. DD., até que nossas Escolas se tornem independentes".

A mesma atitude de apreciação, bem como de carência, foi observada pelo Dr. W. E. Doughty, que visitou a Síria em 1931 e apresentou-nos detalhado relatório do trabalho do Sr. Zenian. O Sr. Zenian tem prestado valioso auxílio no estabelecimento de EE. DD., no serviço de Escolas de Antilyas, e á mocidade que compõe a Liga Oriental. São variados os trabalhos em que se faz sentir a influência do Sr. Zenian. Vários manuscritos estão para ser publicados, todos referentes a assuntos da Escola Dominical, também se prepara um hinário para a Escola. A espôsa do Sr. Zenian o auxilia muito em todo êste trabalho. Ambos são consagrados obreiros, e bem preparados para êste excelente trabalho.

Terras Bíblicas

A redução dos orçamentos para a obra nas Terras Bíblicas causou-nos verdadeiro embaraço. A-pesar-de as contribuïções conseguidas nos

campos serem maiores que as concedidas pela Associação Mundial, a quantia total não tem satisfeito ás necessidades do campo. Com o decréscimo das verbas do estrangeiro e nacionais, o Sr. Scherer suspendeu a Casa Publicadora, que é a única nas Terras Bíblicas que imprime a literatura para a Escola Dominical, para a Escola Bíblica de Férias e para as sociedades da juventude. Não ha outra agência que supra livros de histórias para crianças ou que tenha contacto com publicações religiosas contemporâneas na América e Inglaterra e que facilite publicações em árabe e armênio da Imprensa Americana na Síria e da Imprensa do Nilo, no Egito. Até o presente não conseguimos que esta Casa Publicadora ficasse independente, pois sempre teve um subsídio da Associação.

A União das EE. DD. das Terras Bíblicas, com profundo pesar, não abrirá presentemente um centro de Conferências em Choueir, nas montanhas de Líbano, um pouco acima de Beirut, como projetava. Tivéssemos o auxílio financeiro e teríamos organizado uma escola para treino de líderes, uma conferência para líderes da Escola Bíblica de Férias, uma Convenção do Esfôrço Cristão, em retiro no campo, de duas semanas cada, para rapazes e moças. Êstes planos foram adiados para um ano mais tarde, na esperança de conseguirmos os fundos almejados.

Brasil

As atividades da União das EE. DD. do Brasil foram naturalmente orientadas para a Convenção Mundial. O Dr. H. S. Harris, Secretário Geral e o Dr. B. H. Hunnicutt, o Secretário da Convenção, foram muito ativos e mui eficientes no desempenho de seus cargos respectivos. A União das EE. DD. do Brasil como hospedeira desta reunião da Comissão Executiva pode falar por si mesma; mas é com grande prazer que notamos a impressão favorável do progresso feito neste país em pról da Educação Cristã.

Burma

A União das EE. DD. de Burma reorganizou seu trabalho. Outros trabalhos obrigaram o Rev. George D. Josif resignar a posição de Secretário Geral e o Rev. C. E. Olmstead o substituiu. O Sr. C. R. Hackett continúa como presidente e Sr. Josif continuará a servir como membro da Comissão Executiva e superintendente especial da E. B. F. em Burma. O Rev. Saya U. On Kin, de Thongwa, foi escolhido delegado oficial á Convenção Mundial no Rio. A depressão financeira é considerável; acrescente-se a isso a rebelião. A União das EE. DD. de Burma apreciará profundamente a continuação da assistência financeira.

Ceilão

A União das EE. DD. de Ceilão envia o seu Secretário Geral, Sr. J. Vincent Mendis, ao Rio como delegado oficial para assistir á reunião da Comissão Executiva da Associação e também da Convenção. Ha muito tempo que Ceilão se representou na Convenção e pensam seus dirigentes que sua participação nesta contribuirá grandemente para o desenvolvimento do trabalho. A obra se desenvolve sob a direção do Sr. Mendis.

China

A Comissão Nacional de Educação Religiosa na China está pondo em ação um programa vigoroso. Esta nova agência é a Comissão de Educação Religiosa do Conselho Cristão Nacional e Conselho de Educação Religiosa da Associação Chinesa de Educação Cristã. Entre as unidades cooperativas, cujos representantes compõem a Comissão Nacional de Educação Religiosa, estão o Conselho Batista Chinês, as Igrejas Chinesas Independentes de Shantung, a Sociedade de Literatura Cristã, a Igreja Episcopal (Chung Hua Sheng Kung Hui) a Igreja de Cristo na China, a Igreja dos Irmãos Unidos, Missão Evangélica, Metodistas, Congregacionais, Igreja Unida, Igreja Metodista Britânica, Igreja Unida do Oeste da China, A. C. M. e A. C. F.

O orçamento total da Comissão atinge a $30.000 Mex. Cêrca de $11.000 mex (equivale a 3.000 dólares) são pedidos anualmente, durante dois anos, á Associação Mundial de EE. DD. Sentimos até o presente não termos conseguido satisfazer a êsse pedido.

Prepara-se na China muita literatura nova, que se publica tão ràpidamente quanto possível. Mesmo as operações bélicas em Shantung não interromperam êsse trabalho, a-pesar-de ter sido o relatório chinês dos delegados destruído pelo fogo, em Chapei. A edição inglesa de 1.000 cópias foi vendida largamente, havendo já necessidade de uma segunda edição.

No programa dos cinco anos de trabalhos especiais projetados pelo Conselho Cristão Nacional se adotaram objetivos definidos de educação religiosa pela Comissão Nacional de Educação Religiosa para a igreja local, para cada denominação e um programa de larga escala nacional.

Temos recebido muitas cartas insistindo por nossa generosa cooperação financeira e moral com a citada comissão. Entre os que nos escreveram contam-se — Dr. A. R. Kepler, secretário geral da Igreja de Cristo na China; Rev. Paul Bently Kern, Bispo da Igreja Metodista do Sul; Rev. Logan H. Roots, Bispo da Igreja Episcopal em Hankow; Rev. P. Lindel Tsen, Bispo da Igreja Anglicana na diocese de Honan; Dr. J. Leighton Stuart, Presidente da Universidade de Yenching; Rev. L. C. Hylbert, secretário da Missão Oriental Chinesa da Missão Americana Batista; S. P. Leung, secretário geral da Comissão Nacional da A. C. F.; Edwin Marx, secretário da Sociedade Missionária

Cristã Unida e Sr. Earle H. Ballou, secretário geral da Missão Americana Congregacional em Peiping.

O Dr. Jesse Lee Corley voltou em 1° de Janeiro, após um ano de serviço na China, e continua prestando valiosos serviços em dar sugestões e cooperação pessoal. O Dr. Corley chama a atenção ao fato que os fundos já investidos no projeto chinês são demasiado grandes para serem negligenciados neste período crítico de seu desenvolvimento. Ganhamos grau notável de confiança dos líderes chineses no estrangeiro e no país de modo que a utilidade e a reputação da Associação Mundial de EE. DD. estão numa situação delicadíssima. A Comissão Cristã Nacional já manifestou o seu desejo e esfôrço de conseguir sua independência e já tem evidenciado sua eficiência como organização nacional. Não podemos abandonar a China.

Egito

Depois de muita correspondência e consultas pessoais na América e no Egito, aprovou-se o pedido feito pela Comissão das Terras Maometanas no sentido de a Junta de Missões da Igreja Presbiteriana da América substituir o Rev. Stephen van R. Trowbridge pelo Rev. R. T. McLaughlin, da Missão Americana no Egito. Sr. McLaughlin goza de alta estima das várias unidades que cooperam nas terras maometanas.

O plano pede que o Sr. McLaughlin continue como missionário da Junta com o seu respectivo salário e demais pagamentos, de acôrdo com a Junta, incluindo o aluguel de casa da missão e despesas, quando em férias; mas, que seu trabalho e tempo fiquem concentrados na obra da Escola Dominical e educação religiosa no Egito e Sudão e território contíguo, que for incluso na Comissão de Terras Maometanas pela Associação Mundial. A Junta de Missões da Igreja Presbiteriana da América, sob a direção do Dr. W. B. Anderson, tem sido uma generosa contribuinte ao trabalho da Associação Mundial de EE. DD.

Êste arranjo com o Sr. McLaughlin tornar-se-á efetivo em 1° de Maio de 1933.

Um número recente do Boletim do Conselho Cristão Oriental dá um número de referências ao grau elevado do trabalho da Associação Mundial que se realiza no Oriente. Nossa Comissão em Argel foi reconstituída e o trabalho de vários outros campos contíguos ao Egito esperam o trabalho ativo do Sr. McLaughlin. A Associação Mundial se congratula especialmente em ter ganho a confiança de dois dos mais importantes prelados do Oriente: o Patriarca de Alexandria, Sr. Melétios, e o arcebispo de Atenas, Sr. Crisóstomo.

Igreja Grega Ortodoxa

Em princípios de Janeiro recebemos uma carta muito cordial do Arcebispo de Atenas, Sr. Crisóstomo, expressando seu prazer e de

sua igreja no aumento de comunhão espiritual que estavam gozando com a Associação Mundial. Numa convenção geral recente dos bispos da Grécia, estabeleceu-se um departamento de educação religiosa, sendo eleito presidente o metropolitano da Síria. Uma comissão especial de professores das universidades foi nomeada para auxiliar a educação religiosa das crianças e da mocidade da Igreja. O arcebispo chama a atenção aos melhoramentos feitos na educação religiosa da mocidade nas escolas do Govêrno. Crê-se que o trabalho da Escola Dominical suplemente o das escolas seculares. Considerando a situação presente, não nos parece prudente enviar outro obreiro á Grécia para continuar a obra eficiente feita pelo Sr. George Alexander, por ocasião de sua visita. O arcebispo nomeará mais tarde um representante, afim de haver mais intensa cooperação com a Associação Mundial.

A Zoe Sociedade, de Atenas, apresenta-nos um relatório inspirador, relativamente ao crescimento das escolas religiosas da Igreja Grega Ortodoxa. Aumentou o número de Escolas em Atenas e subúrbios de 14 para 25, do ano passado para êste, com a matrícula de 5.491 estudantes. Em toda a Grécia, durante um ano, o aumento destas Escolas foi considerável: de 102 escolas para 341 e de 8.300 alunos para 28.594. A Zoe Sociedade publica muita cousa, jornais religiosos, periódicos semanários, livros de ética e religião. O objetivo fundamental desta literatura é "influir na inteligência e coração para a formação de convicções evangélicas e caráter cristão e realizar um laço de união com a Igreja". Paralelamente com o ensino têm havido vários projetos pedagógicos. A Zoe Sociedade tem vários obreiros que viajam por todo o país em pról da educação religiosa.

Só foi ha pouco que o arcebispo de Atenas impetrou a bênção sobre a Zoe Sociedade e os prelados gregos se encorajaram com isso e propagam a sociedade de todos os modos.

Japão

Alegramo-nos em relatar que arranjos satisfatórios foram feitos com o Sr. Eduardo G. Sperry, testamenteiro do falecido Dr. Elmer A. Sperry, completando o compromisso assumido pelo mesmo para o fundo de construção da Associação Nacional de EE. DD. do Japão. O compromisso total é de 10.000 dólares, dos quais 6.000 já foram enviados para o Japão. 4.000 serão pagos das propriedades do Sr. Sperry em 1934, com o juro de 5%, começando em 1° de Janeiro de 1932, até estar tudo liquidado. O Sr. Sperry acrescenta ainda que se tenciona fazer o pagamento dentro de 1 ou 2 anos, si as condições financeiras melhorarem. Desejo que a Associação Mundial saiba que os herdeiros do Sr. Sperry sentem a responsabilidade de proseguir na realização dos desejos de seu pai a respeito do edifício em Tókio.

Devido a condição favorecida do dolar no Japão a remessa de 6.000 dólares produziu 16.216.21 iens, moeda japonesa, em vez de 12.000.

Si fosse possível de algum modo se adiantar os 4.000 dólares que faltam, o débito que pesa sobre o edifício em Tókio seria removido. O Dr. Oxling, secretário do Concílio Cristão Nacional e o Sr. Yasumura, Secretário Geral da Associação Nacional de Escolas Dominicais do Japão solicitaram da Comissão Executiva da Associação Mundial de Escolas Dominicais que considerem sèriamente um plano para adiantar êste pagamento.

Os irmãos japoneses ficaram muito satisfeitos com a atitude liberal do Sr. Sperry e apreciam imensamente o auxílio prestado pela Associação Mundial de EE. DD.

O edifício da sede satisfaz a uma necessidade real do programa Cristão no Japão. E' de interêsse também saber o que o Conselho Cristão Nacional terá sua sede no edifício e o "Movimento Kagowa", conhecido como o "Movimento do Reino de Deus", também terá sua sede no mesmo. Destarte se realiza o sonho de muitos líderes na América e no Japão de haver um edifício central da Escola Dominical utilizado para toda a obra Cristã no Japão. Todavia, continuamos com a nossa cooperação financeira no orçamento estipulado á Associação Nacional de EE. DD. do Japão. Antecipamos, contudo, que pagando o débito do edifício, as rendas do mesmo poderão torná-lo independente. Os japoneses almejam essa independência sèriamente.

Coréia

Com a morte do Sr. W. H. Hoover, a Associação das EE. DD. da Coréia perdeu um grande amigo. Por muitos anos o Sr. Hoover foi o único auxiliar da Associação das EE. DD. da Coréia, e nesta emergência ainda não lhe encontramos um substituto. Nosso orçamento dêste ano baixou de 5.000 dólares para 1.000, prometidos por fé, que temos enviado em quantias mensais regulares. Uma dádiva final de 1.000 dólares para a sede em Seoul, Coréia, foi confiada á Associação, das propriedades do Sr. Hoover, que será entregue mediante o cumprimento de certas obrigações na Coréia.

Esta redução financeira exige uma revisão fundamental no trabalho da Associação Nacional da Coréia. Parece necessária a construção de um departamento presbiteriano de educação religiosa em paralelo ao departamento metodista de educação religiosa, ambos para serem coordenados por uma igual, porém pequena representação na Associação Nacional de EE. DD. da Coréia, de ambos os grupos. O trabalho de cooperação ficaria muito menor que o que se tem feito no passado. Espera-se que as lições da E. D. e da E. B. F. sejam feitas em cooperação e outras publicações, como a revista de crianças, sejam continuadas. As convenções na Coréia são realizadas quatrienalmente. Em 1933 deverá realizar-se uma em Taiku, em que se espera organizar um novo programa á luz dos recursos disponíveis. Devido ás economias feitas em anos anteriores e á situação favorável do câmbio, é possível que a Associação Nacional de EE. DD. continue na mesma base até Setembro de 1932.

SECRETÁRIOS GERAIS DA ASSOCIAÇÃO MUNDIAL

JUNTA NACIONAL EXECUTIVA DA CONVENÇÃO

Êstes são dias difíceis para os amigos da Coréia, especialmente para o Dr. J. G. Holdcroft, que tão consagradamente tem trabalhado durante muitos anos nestas emprêsas cooperativas. Lembraremos sempre que o Dr. Holdcroft é contribuição da Missão Coreiana da Igreja Presbiteriana da América para o trabalho da Associação de EE. DD. na Coréia.

México

Combinações foram feitas pelo Prof. G. Baez Camargo para ir de seu país representando toda a América Latina na reunião do Concílio Missionário Internacional que se realizará em Herrnhet, Alemanha, de 23 de Junho a 4 de Julho. Assim temos pleno reconhecimento da influência crescente do diretor da educação religiosa no México. Seu trabalho no México progride. E' reconhecido como um dos nossos melhores representantes alí.

Infelizmente não mantivemos o círculo de amigos que auxiliavam êste trabalho, e, a não ser que encontremos novos amigos, o auxílio financeiro ficará sèriamente prejudicado. Será uma situação ignominiosa para a Associação Mundial, começando tão importante tarefa, ter agora que abandoná-la. Estamos pensando maduramente sobre as circunstâncias do México.

Ilhas Filipinas

O Dr. A. L. Ryan partiu de Manila em 21 de Março para os Estados Unidos. Desde êsse tempo o Conselho Filipino de Educação Religiosa, sob a direção do novo Secretário Geral, Sr. Cipriano Navarro, não tem tido a liderança e o conselho do Dr. Ryan.

Pouco antes da partida do Dr. Ryan, a Comissão Executiva do Conselho F. de E. Religiosa com a assistência representativa, considerou cuidadosamente todo o programa do trabalho. O Sr. Navarro e senhora, D. Avelina Lorenzanna, secretários do currículo, gozam de alta estima. A depressão financeira, contudo, impossibilita o Conselho de continuar, tendo êstes dois valiosos obreiros. Os relatórios apresentados por ambos são detalhados, claros e dizem do esplêndido trabalho realizado. O Conselho Filipino de Educação Religiosa preparou uma caixa de "lenços internacionais de Boa Vontade" para serem distribuídos de acôrdo com a vontade da Comissão Executiva Mundial, no Rio. Alunos das EE. DD. de Filipinas prepararam êstes lenços para serem distribuídos ás crianças das EE. DD. do mundo. Esperamos que a distribuição dêsses lenços desperte uma amizade mais íntima e mais inteligente entre as fôrças da E. D. no mundo. Os lenços são lindos, têm a Bíblia e a bandeira filipina bordadas nos mesmos.

África Meridional

A Associação Africana Meridional Nacional de EE. DD. completou um ano de sucesso em 1931. O Sr. A. C. Scott, presidente da Comissão Executiva, relata que os prospectos jamais foram tão inspiradores e que as oportunidades e responsabilidades nunca tão grandes. "Estamos no começo de um formidável avanço na obra da E. D.", diz o Sr. Scott. "Damos ênfase especial ao treino dos professores e ao desenvolvimento da Escola Bíblica de Férias". Alegramo-nos em relatar que o Sr. John G. Birch, Secretário Geral, está muito melhor de saúde, e com o Secretário Auxiliar, Sr. Karlton C. Johnson, dirige um trabalho intenso presentemente. O Sr. Johnson foi contratado novamente, com fundos em vista, até Outubro, e espera-se que fique permanentemente, pois seus serviços são muito apreciados. O relatório anual está cheio de notas sobre as esplêndidas atividades desta organização.

América do Sul

Além do trabalho no Brasil, tivemos alguns contactos com a obra no Chile, Equador, Perú, Argentina, Paraguai e Uruguai. A cooperação financeira se realiza por meio de auxílios á Escola Bíblica de Férias. O Sr. Pedro Zottele, do Chile, Srta. Gladys Shepherd, do Equador, S. P. Hauser, do Perú, e H. C. Stuntz, das Repúblicas Platinas, apresentam excelentes relatórios dos trabalhos feitos sob sua direção. Estamos na expectativa de que um grande programa de educação religiosa para o continente Sul-Americano, mesmo para toda a América Latina, vai resultar da Convenção no Rio e das reuniões continentais que se seguirão. A Associação Mundial de EE. DD. está presentemente cooperando na literatura de educação religiosa para toda a América Latina, sob a direção da Comissão de Educação Religiosa do Comité de Cooperação na América Latina.

Estados Unidos e Canadá

O Conselho Internacional de Educação Religiosa é a unidade Norte Americana da Associação Mundial que serve ao Canadá e aos Estados Unidos. Já completou 10 anos, após sua reorganização. E' geralmente reconhecido como a agência das fôrças cristãs protestantes dos EE. UU. e Canadá. Por êle se desenvolvem princípios básicos de um programa compreensivo de educação cristã para o uso de Juntas de Educação das denominações que cooperam no preparo de materiais para as igrejas locais e para o uso interdenominacional. A Comissão de educação trabalha para a formação de lições e currículo para grupos de idades diferentes, em treinamento de líderes e em trabalhos de investigação. Esta comissão e suas sub-comissões limitam seu trabalho de currículo á preparação de esboços e não produzem manuscritos. O

Conselho Internacional tem demonstrado na América do Norte eficiência, economia e cooperação no trabalho de educação religiosa.

O ano passado o Conselho lutou com grandes dificuldades, especialmente financeiras; mas, o trabalho proseguiu maravilhosamente. Um excelente grupo de auxiliares trabalha na sede em Chicago, sob a liderança do Dr. Hugh S. Magill, Secretário Geral. Êste grupo inclue o Dr. P. R. Hayward, como diretor do trabalho da mocidade, Dr. Forrest L. Knapp, como diretor do treinamento de líderes, Srta. Mary Alice Jones, como diretora dos trabalhos das crianças, Sr. Harry C. Munro, como diretor dos trabalhos da administração e trabalho entre adultos, Sr. Roy A. Burkhart, diretor das escolas internacionais de verão, Sr. Otto Mayer, auxiliar para investigações e Paul D. Eddy, diretor das Escolas de Férias e Escolas Bíblicas Diárias.

Naturalmente é impossível em poucas palavras fazer um esbôco das várias atividades de que está incumbido o Conselho. Talvez o seu trabalho mais notável seja o do treinamento de líderes. No ano passado 170.232 certificados foram concedidos a líderes treinados nos EE. UU. e 13.811 no Canadá, — dando o total de 184.043. As Escolas de Verão para o treino de líderes e retiros com conferências para adolescentes, de ambos os sexos, continuam a oferecer inspiração a cêrca de 1.000 jovens dos mais inteligentes e a líderes de educação religiosa.

Novos campos

Alegra-nos saber que o Rev. L. Bentley, da Missão Americana da Igreja Presbiteriana dos EE. UU., em Hamadan, Pérsia, foi escolhido para o trabalho da E. Dominical na Pérsia. Assim, o movimento organizado entra em novo campo. Solicitaram ao Dr. Scherer, das Terras Bíblicas, que lhes fizesse uma visita e os auxiliasse na organização do seu trabalho. Visto que ha muitos armênios na Pérsia esperamos que o Sr. Levon Zenian possa ir também á Pérsia dentro em breve. A Pérsia deseja afiliar-se á Associação Mundial.

O Sião está também almejando uma comunhão mais íntima com a Associação Mundial. O Conselho Cristão Nacional, sob a direção da senhora E. B. McFarland, progride consideràvelmente. O Dr. Corley visitou o Sião, voltando da China para os EE. UU. O Conselho Nacional enviou-nos convite insistente, pedindo-nos o auxiliássemas no trabalho de educação religiosa em Sião. Lições graduadas da Escola Dominical, em vernáculo, estão sendo confeccionadas para breve. O C. C. Nacional solicita que a Sra. Paul H. Fuller, missionária presbiteriana, seja eleita difinitivamente para o trabalho de Educação Religiosa em todo o Sião. Uma pequena despesa aquí daria grandes resultados.

Recebemos apelos urgentes no sentido de inaugurar trabalho entre os Armênios, na Grécia, semelhante ao que o irmão Levon Zenian faz entre os Armênios, na Síria. Sua Excelência, o Sr. Garabad Maxlemian,

o Arcebispo dos Armênios na Grécia, achou no Sr. G. A. Guclebolian pessoa habilitada e que está pronta a iniciar a obra, logo que estejamos de posse dos fundos. Com a cooperação da Fundação Oriental planeja-se abrir êste trabalho no outono.

O continente escuro é mais escuro na Região do Congo, quanto ao trabalho de EE. DD.. Emory Ross, secretário do Conselho Protestante do Congo, pede auxílio para organizar o trabalho da Escola Dominical no Congo. Planeja-se a 1ª Conferência Angola-Congo em Dondi em 1934 e uma visita ao campo, precedendo a Conferência, seria de grande auxílio ao aperfeiçoamento do trabalho da E. D. nacional e internacional na África do Centro. O novo secretário para a África Equatorial da Sociedade Bíblica Britânica realiza agora uma viagem de 6 meses por Angola e Congo, com resultados bem animadores. Semelhantes resultados se esperam si tais visitas forem feitas sob os auspícios da E. Dominical, com auxílio financeiro, para ir melhorando as condições até a celebração da Conferência em 1934. Isto talvez seja a melhor entrada ao coração da África que jamais confrontou a Associação Mundial.

Recebemos outra comunicação do Rev. Charles S. Deming, de Harbin, Manchuria, em data de 17 de Março de 1932. As condições normais estão naturalmente muito perturbadas nesse local, entretanto, parece que nunca houve tão grande necessidade de se administrar educação religiosa aos cristãos coreianos e seus amigos, como presentemente. Sentimos que até agora não nos fosse possível abrir trabalho nessa zona, de acôrdo com o nosso desejo. A entrada aí, por meio de 1.000.000 de coreianos, parece-nos que seria estratégica, pois se nos afigura que o local se torna cada vez mais um campo de luta entre o Cristianismo e o Comunismo.

Escolas Bíblicas de Férias.

A Associação Internacional de Escolas Bíblicas de Férias continua sua cooperação enviando auxílios para as Escolas Bíblicas de Férias em muitos campos missionários. Fundos foram enviados á América do Sul, incluindo o Brasil, Chile, Equador, Perú, Repúblicas Platinas, Burma, Egito, Grécia, Japão, Coréia, México, Ilhas Filipinas, Palestina e Síria. Si bem que os fundos foram menores do que os de anos anteriores, contudo, foram muito apreciados e grandes trabalhos se realizaram nos respectivos campos. As Escolas Bíblicas de Férias têm-se tornado um valioso auxílio na obra da educação cristã.

Sob a direção do Sr. Paul D. Eddy, diretor executivo da Associação Internacional de Escolas Bíblicas de Férias, a Comissão Estrangeira de Extensão da organização tem se tornado mais importante. Tem havido relações mais fraternais com o Movimento Missionário de Educação. Assim conseguimos material muito atraente para o ensino da

educação missionária. Esperamos a realização de um programa próprio á educação missionária para todas as Escolas Bíblicas de Férias. Como resultado, o movimento das E. B. de Férias de cunho missionário poderá ser muito propagado nos campos.

Nenhum trabalho, em que temos investido tão pouco dinheiro, tem dado tantos resultados satisfatórios como êsse da obra das Escolas Bíblicas de Férias.

SECÇÃO IV — RECOMENDAÇÕES Á COMISSÃO EXECUTIVA

Recomendações do Secretário Geral:

1. Que se considere como de importância para as atividades do secretário geral: (a) os preparativos para as Convenções Mundiais, (b) levantar e administrar os fundos para os campos missionários, (c) visitar os campos, — pessoalmente e em representações, e (d) fazer de seu escritório um centro de informações e estudos e uma agência de educação religiosa para todas as unidades constitutivas da Associação Mundial.

2. Que a Comissão Nacional de Educação Religiosa Cristã da China seja reconhecida como uma unidade da China na Associação Mundial das EE. DD. e que todos os fundos para a educação cristã na China sejam enviados mediante a Comissão Executiva, e que se reconheça a importância estratégica em auxiliar o Conselho Nacional Cristão de E. Religiosa com 3.000 dólares no ano corrente.

3. Que a Comissão Executiva concorde que o Rev. R. T. McLaughlin seja o sucessor do Rev. Stepham Van R. Trowbridge, secretário da Comissão de Terras Maometanas e que a Comissão Administrativa da América seja autorizada a fazer a revisão necessária na superintendência do trabalho da Associação Mundial de EE. DD., considerando a situação presente da América do Norte, e da Ásia Ocidental, nas linhas de uma cooperação eficiente com as agências para a educação religiosa atualmente operantes nesta zona.

4. Que se dê ênfase á crescente comunhão espiritual da Associação Mundial de EE. DD. com as Igrejas Gregas Ortodoxas na obra da Educação Religiosa.

5. Que se considere cuidadosamente o pedido feito pelos líderes japoneses quanto ao adiantamento da quantia restante da doação feita pelo Sr. Sperry, em conexão com a construção do Edifício no Japão, na cidade de Tókio, que vai servir de sede para a obra cristã. Chamar-se-á o novo edifício — KIRISUTOKYO KAIKAN — "Edifício do Cristianismo" em Tókio.

6. Que a Commissão Executiva receba com louvor e apreciação os "Lenços de Boa Vontade Internacional" enviados pelo Conselho Filipino de Educação Regiliosa, e que resolva a melhor maneira de sua distribuïção.

7. Que os pedidos da Pérsia e do Sião no desejo de serem reconhecidos como unidades da Associação Mundial sejam aceitos e que a cooperação da Associação Mundial de EE. DD. nestes campos seja referida á secção norte-americana, que providenciará como julgar conveniente sobre o caso.

8. Que o apêlo do Congo seja referido á secção norte-americana, para a devida investigação e consideração á Comissão de Referência e Conselho.

TRIBUTO DE HONRA

Ao encerrarmos o presente quatriênio, curvemos-nos reverentemente em um tributo de louvor a Deus e de honra a líderes da obra da Associação Mundial de Escolas Dominicais, que deixaram êste mundo em demanda do além:

Prof. Erasmo Braga,	Rio de Janeiro, Brasil
Mr. & Mrs. H. E. Coleman,	Tókyo, Japão
David C. Cook, Jr.,	Elgin, Illinois
James S. Crowther, J. P.,	Londres, Inglaterra
Rt. Hon. T. R. Ferens,	Hull, Inglaterra
Bispo J. C. Hartzell, D. D.,	Cincinnati, Ohio
W. H. Hoover,	Canton, Ohio
Rev. F. B. Meyer, D. D.,	Londres, Inglaterra
Ex-Presidente da Associação Mundial de EE. DD.	
Rev. Samuel D. Price, D. D.,	Nova York
Secretário de Nogócios da Secção Americana	
Rev. J. C. Robertson, D. D.,	Toronto, Canadá
Sr. Edward Sherp, Bart.,	Maidstone. Inglaterra
Elmer A. Sperry, D. Sc. D. Eng.,	Philadelphia, Pa.

Pela liderança eficiente, vidas consagradas, inspiração e fé inabalável no Cristo Vivo de todos êsses nossos mui queridos irmãos, que estão na presença do Senhor, rendemos graças ao nosso Deus e Pai.

"Seja nos dado, ó Deus de Amor, a graça
infinda de seus passos seguir".

RELATÓRIOS DOS GRUPOS DE ESPECIALIZAÇÃO

LIDERANÇA NA EDUCAÇÃO CRISTÃ

(Dr. Frank Langford, de Toronto, Canadá).

I. *A NECESSIDADE*

Os líderes da Educação Cristã necessitam de preparo, porque:

1. Estão tratando com o material mais importante do mundo — vidas humanas.

2. Estão de posse da maior mensagem que jamais veio ao mundo, a mensagem do Cristo Vivo, que veio para que todos pudessem ter vida e a tenham abundantemente.

3. A mocidade hodierna está vivendo numa época de grande tensão e vê-se a braços com importantes problemas, exigindo soluções que tenham por base princípios sãos.

4. O professor ou lider deve conhecer e harmonizar entre si — o crescimento e desenvolvimento da personalidade do aluno; o Cristo Vivo, o único que pode dar-lhe vida abundante; e êste mundo complexo, em que a personalidade enriquecida do aluno redimido auxiliará a estabelecer o Reino de Deus. Para uma tarefa desta natureza é preciso o melhor preparo.

II. *PRE-REQUISITOS*

Os que desejam se tornar líderes da educação religiosa necessitam de:

1. Caráter e experiência genuìnamente cristãos.
2. Amor aos seus alunos e capacidade para uma amizade real para com êles.
3. Bom senso, inteligência e a melhor educação possivel.
4. Capacidade e vontade de aprender sempre.
5. Boa vontade para servir.

III. *COMO DESCOBRIR E ALISTAR LÍDERES PARA PREPARAR*

Devemos procurá-los:

1. Por apêlos públicos de voluntários.
2. Escolhendo moços capazes e instando com êles pessoalmente para frequentarem uma classe de preparação.
3. Dando á Escola Dominical oportunidade para escolher um professor, oferecendo ao mesmo facilidades para o seu preparo.
4. Instando com os que são convidados a frequentarem a classe de preparação. Deve-se fazer sentir a cada um que é uma alta honra e uma grande responsabilidade ser professor da Escola Dominical.
5. Orando ao Senhor da Seara que mande obreiros para o seu trabalho.

IV. *O CURRÍCULO PARA O PREPARO DOS LÍDERES:*

1. O currículo para o preparo de líderes deve surgir da experiência e ser adaptado ás necessidades particulares do país em que for usado. Ainda que muitos livros de texto de uso corrente em vários países tenham sido traduzidos de outras línguas, é desejável que tão rápido quanto possível, sejam os mesmos escritos de modo a satisfazer as necessidades e problemas peculiares a cada grupo que se utiliza de certa língua. Êstes deverão ser escritos por pessoas que possam servir-se

da língua com tanta facilidade quanto escritores com bom preparo e experiência.

2. O Padrão de Currículo para o Preparo de Líderes, do Conselho Internacional de Educação Religiosa nos Estados Unidos e Canadá, representa o tipo nivel do preparo que se deve almejar. Reconhece-se, entretanto, geralmente, que ha necessidade por toda a parte de cursos de preparação mais simples e elementares, destinados especialmente para aqueles que começam os seus exercícios, e cujas bases de educação são limitadas. Uma vez que várias igrejas nas diversas partes do mundo dependem destas pessoas para líderes e professores da Escola Dominical, parece necessário dar-lhes os cursos de preparação que são capazes de acompanhar, auxiliando-os, assim, no seu trabalho.

V. *AGÊNCIA DE PREPARO DE LÍDERES*:

Entre as agências de preparo para líderes mais vastamente conhecidas e usadas, encontram-se: Escolas de Verão para preparo de Líderes, Acampamentos, Escolas Padrão de Preparo, Escolas de Pastores e Classes Normais nas igrejas locais.

Ainda que se estejam preparando nestas escolas e classes dezenas de milhares de oficiais e professores, os membros do Grupo foram levados a crer que estamos apenas no comêço e que uma obra gigantesca de preparo de líderes apresenta-se ás fôrças evangélicas de todos os países. A Igreja Cristão precisa compenetrar-se de que êste trabalho é comparável ao que o Estado enfrenta com o preparo dos professores de suas escolas públicas, devendo, portanto, receber apôio moral e financeiro adequados.

Além destas agências gerais para preparo popular de líderes, os colégios, seminários teológicos e escolas graduadas de educação religiosa em universidades, oferecem oportunidade para especialização no preparo de líderes. Os pastores e líderes profissionais de educação religiosa devem se valer dessas oportunidades para o preparo vocacional e profissional que estas agências proporcionam. E' sòmente quando os ministros das igrejas são preparados para conceber o trabalho de igreja em terreno educacional que podemos esperar pelo sucesso nos trabalhos de educação religiosa cristã.

VI. *MANTENDO O PASSO COM OS GRANDES OBJETIVOS*

Os membros do grupo são de parecer que em nosso trabalho de preparação nunca devemos perder de vista os objetivos fundamentais da educação religiosa cristã, que devem subjazer todos êstes processos, isto é, despertar e aprofundar o sentimento individual do aluno, da presença e poder de Deus, creando e desenvolvendo dentro dêle um conhecimento íntimo e confiança no Cristo Vivo, que deverá refletir-se nas várias relações da vida.

A EDUCAÇÃO CRISTÃ NAS ESCOLAS E COLÉGIOS

(PELO REV. ALEXANDER MCLEISH, Londres)

Afim de bem entendermos êste relatório é mistér que notemos o seguinte fato: além dos Luteranos, ha atualmente uma comunidade evangélica total, no Brasil, computando mais de 400.000 membros, dos quais pelo menos 200.000 são crianças de idade escolar. Provàvelmente, não ha dessas mais que 10.000 crianças na escola primária e 10.000 nas escolas secundárias, da igreja evangélica; a metade destas crianças vêm de lares onde o Evangelho é desconhecido. Assim, parece que sòmente 1 criança, entre 20, de pais crentes, está em uma escola evangélica.

Tendo isto em mente, consideremos agora o problema da educação cristã, que ocorreu, várias vezes, nas discussões de nosso grupo. Inicialmente, cumpre fazer distinção entre a educação cristã de crianças de lares evangélicos e a instrução religiosa de crianças que não têm base cristã em seus lares. E' preciso evitar a injustiça ás crianças de lares evangélicos de tratá-las do mesmo modo que outras que o não são.

Nosso Grupo chegou á conclusão de que a educação destas crianças deve ser especìficamente cristã, ao passo que a daquelas deve ser de natureza evangelística.

Sob o ponto de vista psicológico e pedagógico, ha dois problemas diferentes.

A natureza da educação cristã foi detalhadamente discutida no Congresso de Montevidéu e se enfatizou o seguinte: que a instrução religiosa não é necessàriamente educação cristã; que a finalidade da educação cristã não é simplesmente a formação do caráter, mas do *caráter cristão;* que a educação de caráter cristão baseia-se na fé pessoal a crescer cada vez mais em devoção a Jesus Cristo. Portanto, a educação cristã deve colocar Cristo em primeiro lugar e reforçar em toda a vida a supremacia de Cristo. Tanto o mestre como o aluno devem entrar cada vez mais em íntima e profunda comunhão com Jesus.

Em tudo isto, as necessidades espirituais da criança cristã são centrais e devem governar os objetivos e os métodos de qualquer programa educativo.

Nosso alvo deve ser: — crescimento na vida espiritual, na conduta cristã e nos hábitos devocionais.

Chamamos vossa atenção para dois pontos, agora:

1. A instrução religiosa não se pode separar da inspiração espiritual sem sério perigo.
2. A educação cristã existe sòmente quando se praticam os ideais e os ensinos de Cristo. A fé cristã não se herda; é transmitida, aceita e vivida por toda a criança. Sem fé em Cristo não pode haver educação cristã apreciável.

Êste problema específico da educação cristã, presentemente, é considerado de modo completo. As necessidades especiais da criança evangélica não recebem a atenção que deviam, por serem a minoria nas escolas, e recebem assim a mesma instrução das crianças não evangélicas.

A Escola não é o único fator na educação cristã da criança; ha também o lar cristão, a igreja cristã e a Escola Dominical.

O problema da educação cristã não deve ser considerado ùnicamente em conexão com a Escola; a educação que se visa na escola deve ser relacionada com a do lar e a da igreja. Por esta razão não se deve considerar sòmente a eficiência do professor cristão. A do pastor é também muito importante.

No Brasil, o pastor é muitas vezes também professor, até mesmo em escolas secundárias, particulares ou oficiais. Assim, é de necessidade o treino definido em pedagogia religiosa para os pastores, sejam ou não professores.

Devido ao crescente contrôle que o Govêrno exerce em toda a instrução no Brasil e em toda a parte, as escolas cristãs lutam sempre com grandes dificuldades. As escolas estaduais e nacionais tomam o lugar das escolas paroquiais e, assim, a edùcação religiosa nas escolas missionárias está sendo ameaçada. A' vista disso, a responsabilidade da educação cristã pesa cada vez mais sobre a igreja. A igreja local e os concílios nacionais da igreja deveriam considerar esta questão e resolver como conseguir a educação cristã de seus filhos em circunstâncias que estão sempre mudando.

Enfatizamos a necessidade de um preparo, mais apropriado, dos pastores sobre a educação religiosa, afim de que o pastor seja o guia em cada desenvolvimento educativo, em quaisquer circunstâncias. A igreja é central em todas as questões da educação cristã de sua juventude e os interêsses da criança devem ser supremos em todas as suas atividades.

Temos analisado detalhadamente êste ponto, porque julgamô-lo fundamental na educação cristã dada pela Escola. Quanto á escola, o professor é o centro de toda a situação.

Vejamos agora outros aspectos dêste assunto.

A) A grande maioria de crianças de lares evangélicos, está em escolas do govêrno. E' preciso, pois, considerar a possibilidade de prover educação religiosa mais apropriada a tais alunos. Onde a instrução religiosa é ministrada nas escolas, por outros grupos, a igreja evangélica deverá também com mais fortes razões prover instrução religiosa ás suas crianças. Caso isto não seja possível, algo no sentido de educação religiosa semanal deverá ser feito. A questão, como se vê, é complicada e assim é absolutamente necessária a cooperação entre as igrejas.

B) Talvez seja possível e oportuno estabelecer pensões evangélicas em conexão com as instituïções educativas do govêrno.

C) Dever-se-á investigar a possibilidade de um registro permanente de alguns departamentos de preparação de professores em conexão com as escolas missionárias. Entretanto, si isto implicar na eliminação do ensino religioso, as missões não deverão aceitá-lo.

Ha necessidade de urgente providência no sentido de se aprofundar a vida espiritual dos professores cristãos e melhorar a vida devocional do corpo docente, em reuniões regulares de oração e consideração cuidadosa dos problemas do culto cristão e em conferências e retiros espirituais.

Também devem ser feitos estudos sérios sobre o treino dos professores das escolas secundárias e sobre métodos de pedagogia religiosa. Sugerimos que esta necessidade seja satisfeita por cursos de correspondência e por institutos de ensino em ocasiões determinadas.

Todos os missionários estrangeiros, empenhados no trabalho educativo, deverão receber preparo específico dos princípios e métodos de ensino, bem como de educação cristã.

Não é pessimismo dar ênfase a estas necessidades fundamentais. Devemos examinar sem mêdo os fatos, como dizia o saudoso Dr. Erasmo Braga, si quisermos vencer dificuldades.

Ensinar crianças cristãs é uma elevada vocação. Exaltemos de todos os modos possíveis a nobre tarefa do professor cristão.

Nossa oração é que todos possamos seguir dignamente os passos de nosso grande Mestre, sabendo que sòmente êle pode fazer frutíferos nossos trabalhos.

A COOPERAÇÃO NA OBRA DA EDUCAÇÃO CRISTÃ

(Pelo Rev. Dr. Samuel G. Inman, Nova York)

Êste grupo, que estudou as condições da espiritualidade e a moralidade do mundo, bem como a sua precária situação econômica e social, observa que ha, por toda a parte, uma verdadeira ânsia de melhoria dessas mesmas condições e crê chegada, para a Igreja de Cristo, a hora oportuna de encarar de frente êsses problemas, previstos, aliás, nas profecias bíblicas.

Os homens inspirados pelo Espírito Santo, devem, sem mais demora, altear suas vozes, dentro e fora da Igreja, para que possam ser ouvidos, como o foram os profetas, nos tempos críticos da história de Israel. Torna-se mesmo uma necessidade, na presente hora social, que é genuìnamente anti-cristã, o cultivo, entre os evangélicos, de um santo espírito de sagrada rebelião contra a derrocada que ameaça o mundo, para que possam guiar seus passos, no torvelinho atual, pelos puros ensinamentos de Cristo.

A PAZ E A GUERRA

Sendo a guerra o maior flagelo da humanidade e constituindo ainda o mais alto entrave ao estabelecimento da concórdia entre os homens, devemos declarar-nos abertamente contra ela. Para combatê-la, sugerimos:

1) Plasmar o coração das crianças de todos os países no ensinamento de um mútuo espírito de confraternização, que deverá constituir princípio básico em todas as nações, usando, para tal fim, dos variados recursos que a psicologia e a pedagogia modernas põem ao nosso alcance, revelando-lhes fatos históricos inspirados no espírito fraternal e fornecendo-lhes uma nova literatura, toda ela vasada nesse mesmo espírito; extinguir as datas comemorativas de feitos nacionais guerreiros e crear outras, universalmente dedicadas á Paz; intensificar o intercâmbio do livro; provocar uma melhor interpretação do Amor Cristão; dar nomes de países estrangeiros a escolas públicas; lançar mão do cinema e do rádio para colimar êsses fins.

2) Cultivar e intensificar o espírito de cordialidade entre os estudantes de todos os países, quer por visitas ou delegações, quer por correspondência.

3) Trabalhar no sentido de ser incluída nos orçamentos das nações uma verba destinada á manutenção de um Departamento Nacional, denominado "Pró-Paz". Citamos aquí, para exemplo, o nobre gesto da Espanha, que reduziu suas despesas anuais com armamentos, para destiná-las á propagação da paz.

4) Rever os antiquados programas ainda em uso em muitas universidades, colégios secundários e escolas públicas, no que concerne ao ensino da Sociologia, Leis Internacionais, Economia Política e História da Humanidade.

5) Integrar o feminismo nesses ideais de paz e de concórdia.

6) Orientar a opinião pública de todas as classes sociais, em favor dos trabalhos da Liga das Nações, ensinando-a a interpretar o bom espírito que a anima em favor da paz universal, a-pesar-de algumas imperfeições.

7) Procurar que as igrejas, escolas, clubes, sociedades esportivas e jornais, todos os ramos de atividade evangélica adotem o mais completamente possível, essas sugestões, e tomem a seu cargo difundí-las.

O VALOR INDIVIDUAL

Observando a sociedade atual, chegamos á conclusão que o grande problema moderno é resultante da pouca evolução do ser humano, no que concerne ao espírito.

1) A ignorância do valor incomensurável da VIDA, tal como nos foi ensinado por Cristo, conduziu a Humanidade aos caminhos satânicos do industrialismo e do capitalismo.
2) O desvirtuamento da finalidade biológica do homem, e a inércia de sua vida espiritual geraram uma ambição insofrida e sempre crescente, cujos resultados não poderiam ter sido peores; e aí temos, a exploração do alcool e o tráfico de escravas brancas.
3) A indiferença das classes sociais mais elevadas pela sorte das menos favorecidas, provocou a degenerescência de grandes multidões, sacrificou as raças e instituiu o império das doenças, criando, ainda, a classe dos sem-trabalho.
4) O descaso dos governos na alfabetização do povo deixa-nos ver a enorme proporção de sêres ignorantes, que, melhor guiados e instruídos, poderiam concorrer para o aperfeiçoamento das gentes.

A IGREJA EM FACE DOS ATUAIS PROBLEMAS DA HUMANIDADE

Acreditamos que a Igreja Cristã tem grande responsabilidade na presente e confusa situação a que chegou o mundo, porque ainda não quis compreender em toda a sua amplitude, o caráter de sua missão redentora. Precisamos agir. Os princípios que se seguem, são, ao nosso ver, indispensáveis, para o bom resultado de uma campanha positiva e eficiente, nesse sentido:

1) As diversas denominações evangélicas devem fazer causa comum, para melhor serem compreendidas e imporem seus ensinamentos, sem que, contudo, essa união as prive do gôzo de uma integral liberdade. Seu trabalho não deve ser desarticulado e, sim, orientado no sentido de integrar a Igreja Universal, tendo por único intuito trazer para Cristo indivíduos e nações. Todo esfôrço dispendido em proveito de tal ou qual denominação é nulo em face daqueles que desejam contribuir para o triunfo completo da Igreja de Cristo, em seu conjunto.

2) O fracionamento das fôrças evangélicas já tem gerado muitas confusões, e perdido muitas almas desejosas de conhecer a verdade. É, portanto, aconselhável a eliminação de toda a idéia de competição entre as diversas denominações, para que, um dia, possamos todos juntos, indivisíveis, coesos, gozar daquela paz e daquele amor que achamos em Cristo. Muito faremos em pról da Humanidade si nos apresentarmos unidos perante o mundo, ostentando o expressivo e único título de "Igreja Evangélica", acrescido, quando muito, da denominação, em parênteses.

3) O movimento de cooperação, não visa, absolutamente, cercear a autoridade ou exercer o contrôle das organizações independentes, como muitos, errôneamente, pensam. Torna-se mesmo necessário, para o perfeito esclarecimento dêsse assunto, um estudo minucioso sobre o movimento de cooperação, que outro objetivo não tem, sinão o de prestar um serviço inestimável ao mundo atual.

A ESCOLA BÍBLICA DE FÉRIAS

(Dr. Walter M. Howlett, de Nova York).

Conclusões:

1. A Escola Bíblica de Férias é parte tão integrante e essencial do programa paroquial, quanto a Escola Dominical. Propomos, portanto, que na próxima Convenção Mundial das Escolas Dominicais, em 1936, no mínimo 30 % das igrejas do mundo participem das Escolas Bíblicas de Férias.

2. Uma das necessidades do mundo é uma experiência positiva e viril de Deus, por meio de Cristo, por parte dos estudantes dos colégios. Deve-se dar a todos os estudantes, moços e moças, especialmente os dos colégios da igreja, a oportunidade e o privilégio de terem esta experiência pelo ensino nas Escolas Bíblicas de Férias.

3. A Escola Bíblica de Férias pode evangelizar dez milhões de crianças nos próximos quatro anos. Convidamos a Associação Mundial das Escolas Dominicais para assinar quotas para as organizações participadoras.

4. Velemos para que o Evangelho que ensinamos seja um Evangelho cheio do "Cristo Vivo", um Evangelho que cristianize a vida em todos os seus aspectos.

5. De acôrdo com a prática geral, todas as Escolas Bíblicas de Férias devem solicitar uma oferta a ser empregada na creação de novas Escolas Bíblicas de Férias.

6. Pede-se ás Escolas Bíblicas de Férias, de todo o mundo, que dirijam a sua atenção para o problema de promover a Paz Mundial, e á Comissão do Currículo da Escola Bíblica de Férias que continúe os seus métodos de promover a boa-vontade internacional por meio de vários planos de amizade, e crear outros métodos para fazer a amizade mundial mais prática.

7. A Associação Mundial de Escolas Dominicais é convidada a agir como um Farol do Mundo para prestar informações referentes ás Escolas Bíblicas de Férias por todo o mundo.

8. Pede-se á Associação Mundial das Escolas Dominicais que coloque uma pessoa no campo, que possa consagrar o seu tempo para visitar todos os países do mundo, e que possa vêr em cada lugar si o trabalho das Escolas Bíblicas de Férias está bem estabelecido.

9. Pede-se á Associação Mundial das Escolas Dominicais que consiga em cada país da América do Sul uma pessoa que se responsabilize pelo trabalho da Escola Bíblica de Férias.

Dá-se a seguir a citação de um trecho de uma carta recebida de Russell Colgate, Presidente do Concílio Internacional de Educação Religiosa:

"Nos últimos anos tem se procurado, com sucesso, fazer uma tentativa para construir um caráter cristão na criança. A Escola Bíblica de Férias principiou em Nova York ha 30 anos passados. De um pequeno comêço o movimento desenvolveu-se nos Estados Unidos até chegar a um total de mais de 12.000 escolas com uma matrícula de cêrca de 1.200.000. A época em que o caráter forma-se mais ràpidamente é durante as férias, quando os meninos e meninas não ficam limitados á rotina do trabalho e podem pensar e agir por si mesmos. Dando-se á criança oportunidade de frequentar por várias semanas uma escola de verão, que ofereça um programa atraente de preparo cristão, como cantos, trabalho e jogos, convertem-se as férias de verão em um ativo e não em um passivo. Êste movimento está se desenvolvendo ràpidamente, mas não teremos alcançado a nossa meta enquanto não houver uma escola para cada igreja.

Mas as Escolas Bíblicas de Férias não se limitam á América do Norte. Por intermédio da Associação Mundial de Escolas Dominicais e outras associações, têm se espalhado em todos os países em que os cristãos estão ativamente trabalhando. Estão alcançando milhares de crianças que não têm outra fonte de preparo religioso, contribuindo diretamente para o levantamento do caráter cristão. As crianças da América do Norte têm como seu grito de guerra — "A Million Adventures in Sharing", que quer dizer que um milhão de alunos dará êste verão os seus tostões para maior difusão das escolas das férias ao redor do mundo".

A EDUCAÇÃO RELIGIOSA: ESCOLAS PAROQUIAIS E CURSOS DIÁRIOS

(Dr. W. A. Squires, Filadélfia, Pa.)

Esta Secção estudou todos os relatórios recebidos, referentes á Educação Religiosa nos cursos semanais, nos Estados Unidos da América, Canadá, Inglaterra, Austrália, Nova Zelândia, América Latina, China, Japão, Filipinas, Egito e Ceilão.

I. Êste movimento de Educação Religiosa originou-se do esfôrço para satisfazer a situação concreta, nesses países, de solucionar sérios e embaraçosos problemas: (1) — O fato de que o ensino religioso só aos domingos é insuficiente, sendo claro, por outro lado, que o ensino metódico semanal pode resolver o problema. A educação religiosa nas escolas paroquiais, etc., dá áquela mais tempo, podendo ainda aumentar materialmente, o ensino. (2) Nossas Escolas Dominicais sós não podem alcançar a infância e a mocidade com uma instrução eficiente e adequada, pois é fato que sòmente metade das crianças, em muitas partes do mundo, se acha inscrita nas Escolas Dominicais e, em muitas outras partes do mundo, a percentagem de frequência é ainda menor. A educação religiosa pelas escolas diárias na Grã-Bretanha, Estados Unidos, Austrália e em Nova Zelândia tem mostrado como se pode levar o ensino cristão a todas as crianças nas comunidades onde se ofereçam oportunidades. E' um agente promissor para alcançar os meninos pobres e esquecidos do mundo. A Educação Religiosa pelas escolas diárias é um meio de proteger a educação da criança da onda do secularismo e das filosofias anti-religiosas que estão se espalhando pelo mundo. As escolas mantidas pelos governos, em geral, em muitas terras, estão caindo sob a influência de tais tendências más. Ora, um bom trabalho feito em leal cooperação com as Escolas mantidas pelos Governos, levará o ensino religioso ás crianças que não são atingidas por outro ensino cristão; assim, o movimento diário da Igreja poderá sustentar êsse elemento religioso que está em perigo de se perder do programa.

II. A Educação Religiosa por cursos semanais está sendo oferecida mediante quatro tipos diferentes: (1) Em todas as partes do Império Britânico, de fala inglesa, e em algumas nações protestantes da Europa, a educação pública e a religiosa se acham ìntimamente relacionadas. Nesses países a Educação Cristã é promovida e fortalecida. (2) Nos Estados Unidos da América do Norte e em alguns outros países, o Estado permite que as crianças tenham licença para sair das escolas respectivas e receberem a instrução provida pelas Igrejas e outras organizações. Nos Estados Unidos mais de 2.000 cidades e vilas têm organizado escolas religiosas paroquiais e mais de meio milhão de crianças estão matriculadas nessas escolas. (3) Em muitas nações Latino-Americanas, a instrução religiosa se acha excluída do programa das Escolas Públicas, conquanto em duas destas nações haja a facultação para ser dada a instrução religiosa nas escolas públicas. Tais

privilégios, entretanto, não têm sido aproveitados por causa da rigidez das exigências legais. (4) Em algumas outras nações, especialmente na China e no Japão, esboça-se a tendência para excluir o ensino religioso, não sòmente das escolas públicas, como também das particulares e ainda das de missões e paroquiais.

III. Êstes tipos tão divergentes de Educação Religiosa sugerem a necessidade de um entendimento claro sobre a natureza da religião e das relações que deve haver entre a Igreja e o Estado na educação do povo. Cremos que a educação cristã consiste em criar, desenvolver e preservar o tipo de caráter individual resultante de um sentimento que entrega completa e inteligentemente a sua inteira personalidade á personalidade vitoriosa de Jesus, como um Ideal, como Senhor e como único e pessoal Salvador. Bem entendido, êste objetivo deverá ter a aprovação de todos os Governos. Embora que uma definida educação cristã não possa nem deva ser dada por escolas mantidas pelo imposto do povo, onde a população não tem a mesma fé religiosa, é, no entanto verdade, que uma íntima cooperação entre as Escolas das Igrejas e as Escolas Públicas é em tudo desejável e praticável. Tal cooperação deverá ser baseada no reconhecimento, por parte das Escolas do Estado, das verdades religiosas básicas sobre as quais todas as religiões se apoiam. Quando tal reconhecimento for negado, as escolas do Estado tenderão a se tornarem, de um lado, anti-religiosas na sua influência e, de outro, agentes da descrença autoritária.

A situação atual da Educação Religiosa apresenta um problema muito sério. Ha sessenta e cinco milhões de crianças e jovens de idade escolar na Índia; setenta e cinco a oitenta milhões, na China; centenas de milhões em outros países. As nações onde se acham êsses milhões promissores de jovens estão vagarosamente organizando o seu sistema de escolas, mantidas pelos Governos. Quais serão as bases dessa crescente maré de educação? Serão de um sistema de filosofia não religiosa e de valores seculares, tendo como objetivo sòmente o conhecimento, a aptidão, o poder e o sucesso material, ou serão de um sistema de educação que tenha no seu fundo uma filosofia da vida comparável com os melhores valores que Deus nos tem revelado em Jesus Cristo, nosso Senhor? Cremos que a educação sem Cristo leva ao caos e á destruïção. Assim, recomendamos, com vigor, aos líderes religiosos do mundo que incrementem êste belo movimento de Educação Religiosa mediante o ensino diário, metódico e seguro.

CURRÍCULO INDÍGENA DE EDUCAÇÃO CRISTÃ

(PROFESSOR G. BAEZ CAMARGO, de México).

Foram os seguintes os resultados dos estudos neste Grupo:

I. *CURRÍCULO PARA EDUCAÇÃO CRISTÃ:*

1. Consiste o Currículo não sòmente de livros de estudo, ou programas de assuntos para estudo, mas da atividade e experiência do

aluno sob orientação e direção. Deve-se incluir também na acepção da palavra *currículo* os objetivos gerais e específicos, matéria subjetiva, métodos de ensino e meios de verificar os resultados.

2. O culto tem um lugar central no currículo, e o aprendizado de líderes para o culto deve ser de importância na educação cristã.

3. Existe, entretanto, perigo de uma possível eliminação da instrução ou informação, como parte importante do currículo. Conhecimento, doutrina e crença têm um lugar justo na educação, quando a) não se considere a informação como um fim em si mesma; b) se dá ao aluno, não como um trabalho forçado, mas como a resposta a suas pesquisas e necessidades; e c) é cuidadosamente graduada.

II. *CURRÍCULO INDÍGENA*:

1. Meras traduções e adaptações não podem constituir um currículo indígena. Por um currículo indígena deve se entender um que resulte das situações, necessidades, problemas, meio e fundamentos sociais e históricos do povo que vai adoptá-lo.

2. O requisito essencial do organizador do currículo indígena, não é a mera nacionalidade ou lugar de nascimento, mas um conhecimento profundo, e identificação completa com a vida e necessidades de um povo ou raça. Quando existem êstes requisitos, uma pessoa, seja nativa ou estrangeira, pode empreender, com sucesso, a organização do currículo; todavia, a grande necessidade é evidenciada pela preferência de líderes nativos, preparados para êste trabalho.

III. *PROCESSOS E ORGANIZAÇÃO*:

A preparação do currículo indígena é um trabalho difícil e um processo vagaroso, especialmente na América Latina, não só devido ao seu caráter experimental, mas também porque ha falta de líderes preparados. Reconheceu-se, assim, a impossibilidade de um único país Latino Americano tomar sòzinho a seu cargo o trabalho, fazendo-se resaltar a necessidade de uma cooperação mais unida e bem organizada.

OS MALES MODERNOS E A ESCOLA DOMINICAL E AS ESCOLAS PAROQUIAIS

(Por Miss Flora E. Strout — Rio de Janeiro).

Conquanto nos anos passados já se venha conseguindo e realizando algo em relação ao mal da bebida e seus congêneres, com o despertar da conciência pública e a adopção de leis proïbitórias ou restringentes, ainda persiste, todavia, uma influência subtil atuando sobre a moral e os ideais da mocidade.

Tornam-se mais enfáticas a moda e a elegância do que a bondade e o caráter. O resultado dessa atitude é deplorável e comprovado pelo hábito de fumar que se tem desenvolvido grandemente entre as senhoras e as meninas que nele se iniciam desde tenra idade. Um fato para o qual devemos dispensar urgente atenção, nós que temos a mocidade em nossos corações, é sem dúvida, o da falta de escrúpulo patenteada nos anúncios das manufaturas de fumo, com o firme e único propósito de atrair os moços de ambos os sexos.

A moda dos *cock-tails* assume proporções alarmantes em todo o mundo. A falsa e indevida exteriorização da violação da Lei Sêca, nos E. Unidos, de par com os esforços bem organizados e melhor financiados para tornar sem efeito essa lei, constituem fatos e assuntos que deviam empolgar os pais e professores, incitando-os á luta.

Finalmente as facilidades das relações entre os dois sexos e o desrespeito á autoridade e á lei são, como os demais fatores, bastante evidentes e que tanto os professores como os pais devem encarar sèriamente. O ensino de temperança deve ter lugar proeminente nas escolas paroquiais e dominicais.

1. Porque a Bíblia encerra êsse ensinamento.

2. Porque por meio dêle, não sòmente se convence a criança, cuja idade é então mais impressionável, mas também os jovens e os adultos, cuja orientação de pensamento e sentimento sejam cristãos.

3. Porque a soma de dinheiro desperdiçada com vícios é desviada sempre de aplicação mais útil.

4. Porque o nosso corpo é o templo do Espírito Santo.

5. Porque a bebida e os vícios congêneres impedem o bom trabalho do Espírito Santo, e são por esta razão os inimigos do Evangelho de Cristo.

6. Porque a Igreja Evangélica deve estar á frente e dirigir êste movimento de combate.

FINALIDADES DO ENSINO DE TEMPERANÇA

1. Impedir o terrível desperdício proveniente dêstes vícios, desperdício físico, intelectual, espiritual e financeiro também.

2. Fortalecer a resistência ás tentações, desenvolvendo o poder máximo do aperfeiçoamento pessoal.

3. Criar forte sentimento de relação social e obrigação moral melhor compreendidos.

4. Intensificar e aprofundar a vida espiritual do indivíduo.

MÉTODOS DE ENSINO

O Professor deverá estar seguro dos ensinamentos que administra, assim como deverá ter uma atitude correta em relação aos hábitos, afim de poder incutir respeito.

CRIANÇAS

Nada melhor do que o uso de histórias verdadeiras ou simbólicas, mas que as mesmas sejam de forma a empolgar a criança, deixando-a tirar suas próprias conclusões.

Noções científicas acêrca dos diferentes males, ao alcance das crianças, e uso de desenhos, cartazes e objetos.

JOVENS

O material usado deve ser cuidadosamente compilado, compreendendo todos os métodos, tais como debates, discussões, conferências, etc.

O verdadeiro professor não deve impor sua opinião e convicção, e sim deixar que os jovens tirem suas próprias conclusões.

ADULTOS

Para adultos o campo é vastíssimo. Ha Domingos de Temperança nos quais os tópicos dos programas são discutidos.

APLICAÇÃO

Em todas as lições e discussões salientar o lado prático, não deixando predominar o lado teórico.

1. Tomar como incentivo a cidadania bem compreendida. Não pode ser bom cidadão aquele que enfraquece a saúde do corpo e da alma com maus hábitos e vícios.
2. Aplicação ao serviço social. Nossa responsabilidade em procurar o melhoramento das condições individuais e sociais.
3. Aplicação á obediência á lei por amor á pátria. Maus resultados do desrespeito á lei e á autoridade.
4. Aplicação ao desenvolvimento espiritual e á vida da igreja. Como causa dêstes vícios fica prejudicado o trabalho do Espírito Santo.

A EDUCAÇÃO RELIGIOSA NA AMÉRICA DO NORTE

(Dr. Frank Langford, Toronto, Canadá).

A obra de Educação Religiosa nos Estados Unidos e no Canadá está sendo levada a efeito entre — 32.000.000 de membros das igrejas evangélicas com cêrca de 23.000.000 de alunos, oficiais e professores, em mais de 185.000 escolas dominicais. Diante de oportunidade tão vasta, os líderes nestas igrejas e escolas dominicais só podem exclamar: "Quem é capaz para tudo isto?" Reconhecem sua dependência da

direção do Espírito de Deus e procuram oferecer-lhe as agências humanas melhores que lhes é possível organizar. Assim, dividem estas fôrças por denominações, por Estados e Províncias, por nações e no Conselho Internacional de Educação Religiosa.

O Conselho Internacional de Educação Religiosa é um trabalho de cooperação, representando mais de quarenta denominações protestantes e as associações de escolas dominicais dos Estados e das Províncias dos dois países. Pelo Conselho Internacional são desenvolvidas as diretrizes e princípios básicos que formem o alicerce de um programa compreensivo de educação cristã. As Juntas de Educação Religiosa das denominações cooperantes são usadas nos empreendimentos dos vários distritos e na obra internacional.

O Conselho Internacional promove de quatro em quatro anos uma grande Convenção popular, para o treinamento e inspiração dos líderes de Educação Religiosa. Os membros da Comissão Executiva de Educação e todos os trabalhadores profissionais são chamados a reunião em Chicago, no mês de Fevereiro de cada ano. E' nesta reunião e nas das comissões e várias divisões, durante o ano, que as diretrizes e modos de agir são discutidos e resolvidos. Todas as conclusões do Conselho, do melhor modo possível, representam o juízo e o consenso de opiniões das unidades cooperantes, exercendo uma influência enorme em todas as denominações, e nos Estados e Províncias.

As agências provinciais e denominacionais do Canadá de Educação Religiosa organizaram o Conselho Canadense de Educação Religiosa, para o fim útil de correlacionar as diretrizes, programas e atividades destas várias agências operantes no Domínio do Canadá. Êste Conselho mantem relações as mais cordiais para com o Conselho Internacional de Educação Religiosa e com a Associação Mundial das Escolas Dominicais.

Em muitos dos Estados e Províncias os conselhos cooperantes de Educação Religiosa são organizados como auxiliares do Conselho Internacional e como agências oficiais das denominações que juntas cooperam. Por intermédio dos Conselhos estaduais o movimento cooperativo alcança os distritos menores como os municípios, os distritos e as cidades. Assim, cada igreja e cada escola dominical pode ser posta em contacto com uma liderança ativa na obra educacional.

Cada denominação tem agências próprias que levam esta direção ás suas igrejas e escolas dominicais. Tais agências incluem estabelecimentos de ensino, seminários teológicos, juntas de educação religiosa com secretários para administração e para trabalhar entre as igrejas, redatores e publicadores que preparam e publicam a maior parte da literatura para as escolas dominicais e, ainda mais, todos os concílios das denominações.

E' significativo notar que nestes últimos anos, na América do Norte, não é que as denominações fazem menos do que antes nesta atividade de Educação Religiosa; pelo contrário, estão operando mais ano após ano, e crescendo sempre, fazendo cada vez mais trabalho de educação cristã, cooperando, consultando e ajudando uns aos outros.

"O Jornal Internacional de Educação Religiosa" é publicação oficial do Conselho Internacional, sai mensalmente, sob os auspícios editoriais do Conselho.

As Escolas Bíblicas de Férias estão crescendo em número e influência nos Estados Unidos e Canadá. Alunos em número de quasi um milhão frequentaram estas escolas no verão de 1931.

O ensino religioso durante a semana, geralmente feito em escolas primárias públicas, com hora designada pelas autoridades, continúa a ser um trabalho importante.

Já se fez um início de trabalho de Educação Religiosa pelo rádio em algumas cidades. Os oficiais do Conselho estão experimentando êste campo de atividade, e esperam bons resultados.

Os acampamentos de verão são um trabalho eficiente nas rodas de Educação Religiosa, tanto nos Estados Unidos como no Canadá, muito contribuindo para aprofundar a vida espiritual dos moços e das moças da idade adolescente, e da idade mais avançada, treinando-os para liderança atual e futura. Ha milhares dêstes acampamentos onde se realizam retiros e conferências religiosas em cada verão, com reuniões de sete a quinze dias, com grandes resultados, tanto religiosos como educacionais, para multidões de moços e moças que as frequentam.

As experiências na obra de Educação Religiosa cooperativa levam os trabalhadores a terem maior confiança com os trabalhadores dos vários territórios e denominações. A confraternização entre os obreiros os tem levado a um amor mais firme e profundo para com o Senhor e Mestre de todos nós, a quem tributamos agradecimentos por tudo quanto de bom que nossas mãos têm feito ou têm idealizado nossos corações.

O TRABALHO DA INFÂNCIA
NA
AMÉRICA DO NORTE

(Pela Srta. Hazel Lewis, S. Luiz, Missouri)

Trago-vos as saüdações dos obreiros que trabalham entre as crianças nos Estados Unidos e especialmente da Srta. Mary Alice Jones, diretora do Trabalho Infantil do Conselho Internacional de Educação Religiosa, que esperava estar presente, mas não lhe foi possível vir á Convenção. A Srta. Alice Jones tomou parte na confeição dos planos para as conferências de obreiros dêste departamento e reuniu material para a exposição; além disto responsabilizou-se pelo pequeno livro de cânticos juvenis que a comissão local mandou imprimir para as nossas conferências. Os obreiros do Departamento de Jovens têm trabalhado juntos nos EE. UU. por muito tempo. Atualmente temos um grupo de mais de

50 profissionais que se reune uma vez por ano simultâneamente com o Conselho Internacional e leva a cabo, durante o ano, estudos cuidadosos do trabalho entre as crianças, tanto dentro da Igreja como fora. O relatório dessas reuniões forma as bases para a reunião anual e constitue uma fonte de material para todos os obreiros. Promovem-se também preleções de especialistas no assunto. No ano passado o orador foi um perito do movimento juvenil do govêrno americano.

O grupo profissional inclue: diretores denominacionais, diretores estaduais, editores, professores de educação religiosa e outros líderes.

Ha um grupo menor que se denomina Comissão de Educação Religiosa, a qual tem uns 18 membros e que se reune ao menos duas vezes por ano.

Vai para 5 anos que esta Comissão trabalha no preparo de currículos, um livro de programas para o trabalho entre crianças. O primeiro exemplar dêste livro me veio ás mãos quando eu já estava de viagem para a Convenção e pode ser de proveito para as pessoas que se interessam por êste assunto. E' bom que se note que o dito livro não é um curso de lições; mas, uma fonte, da qual os escritores e as comissões podem tirar planos e material para lições. Inclue ao mesmo tempo a interpretação dos objetivos da educação religiosa para diferentes idades, estudos de experiências juvenis, descrições de regimentos de ensino e casos de organização e liderança.

Êste livro é apenas uma parte do trabalho da Comissão, aliás, a mais importante.

O resultado mais valioso desta cooperação se nota na camaradagem e na inspiração que resultam do trabalho unido. A atividade de cada obreiro se fortaleceu e aumentou como resultado de nossa mútua colaboração.

Para nós será um privilégio estender esta camaradagem por todos os modos e conseguir contacto com os líderes e diretores do trabalho juvenil em todo o mundo.

A EDUCAÇÃO RELIGIOSA

ENTRE OS HOMENS DE CÔR DA AMÉRICA DO NORTE

(Por Horácio S. Hill, de Nova York).

Trago-vos as saüdações de vinte milhões de homens de côr dos Estados Unidos. Um livro do tamanho dêste auditório não poderia dar idéia das dificuldades e obstáculos que se antepõem á obra de educação religiosa entre o meu povo; dentro, porém, do tempo de que disponho chamar-vos-ei a atenção para dois pontos capitais do nosso trabalho. O primeiro se relaciona com a educação e a religião. Ha muita gente que pensa serem a educação e a religião dois campos separados. Muitas

vezes se argumenta que a religião é de origem divina e a educação de origem secular e que cada uma deve realizar a sua tarefa dentro de sua própria esfera.

A nova concepção de religião fez com que os educadores religiosos dos negros norte-americanos passassem a considerar a educação como associada á religião no estabelecimento do Reino de Deus.

Ha quinze anos passados, eu não conhecia um negro norte-americano especialista em educação religiosa. Atualmente, porém, ha doze já especializados neste assunto, estando outros a se preparar, enquanto centenas se matriculam nos cursos de treinamento de líderes.

Algumas igrejas de negros já adotaram o programa para o treinamento de líderes, esperando-se eliminar, dentro de um lustro, todos os professores sem êste curso. A influência da educação sobre a religião passará a ter cada vez maior importância. E' interessante observar que seis das maiores igrejas de negros em Nova York, cujo número de membros comungantes vai de 2.000 a 10.060, estão reajustando seus programas escolares, de sorte que no fim de 1932 se principiará a execução dum plano quinquenal de educação cristã, sob a direção de competentes especialistas, que farão marchar lado a lado a religião e a educação. Mais importante, porém, é desenvolver o método científico nas igrejas, orientando os professores no uso de escalas, de "tests" e de outros processos pedagógicos modernos.

Contudo, deve-se considerar de mais valor ainda trazer a religião de Jesus para a vida do indivíduo. O maior problema da nossa época não é pedagogia religiosa, nem redução de armamentos ou achar-se trabalho para os vários milhões de desempregados; é, antes, trazer á vida de cada pessoa a religião de Jesus.

Tivemos sucesso em introduzir na vida o platonismo mórbido, o materialismo e o mecanismo; mas, tudo isto está indo por água abaixo. Tivemos sucesso em introduzir em nossas vidas uma religião *acêrca* de Jesus; mas, dessa "religião" os resultados foram êstes: a guerra, a luta com o capitalismo, os atritos de raça em vários países. A diversas causas se procura atribuir essa depressão sem paralelo que atingiu o mundo nestes três últimos anos. Reformadores e profetas da paz perderam-se num verdadeiro labirinto, esperando em vão que se aceite a Liga das Nações ou se faça um tratado, que venha pôr fim á guerra. Os que estudam os conflitos de raça procuram uma solução definitiva para êste grave problema. As classes laboriosas procuram uma base justa para distribuïção da riqueza, enquanto os interessados nas reformas políticas se iludem com uma fórmula utópica, que faça com que para todos os homens, sem distinção de raça, credo ou côr, se inaugure uma fase de paz, prosperidade e felicidade.

O sofrimento e a vicissitude não são experiências novas para os negros norte-americanos. Nos dias de escravidão êles se "formaram" na arte de sofrer, aprendendo melhor ainda a colocar a religião de

Jesus na vida. Grande parte do sofrimento do mundo de hoje, e muitos dos nossos conflitos pessoais e sociais, políticos e econômicos, raciais e inter-raciais, nacionais e internacionais, — são interpretados pelos educadores religiosos dentre os negros dos Estados Unidos como consequência de haver o critianismo do século vinte se esquecido da cruz de Jesus e de grande parte da nossa religião não ser a *religião de Jesus,* mas *acêrca* de *Jesus.*

Nesta grande tarefa de trazer para a vida do indivíduo a *religião de Jesus* como o único remédio para os nossos males sociais, o negro norte-americano está pronto a tomar a cruz e a caminhar lado a lado com as outras grandes raças do mundo para o aperfeiçoamento humano, para o respeito á personalidade e para a fraternidade universal.

O TRABALHO DE EDUCAÇÃO RELIGIOSA NA CHINA

(Por Dr. Arthur Black, e Dr. C. S. Miao).

"O Desafio Mundial da Educação Religiosa" teve uma interpretação das mais dramáticas de todas as sessões convencionais. Oficialmente foi feita a apresentação de Robert Raikes pelo Dr. Chester S. Miao, de Changai, na China, no meio do maior entusiasmo.

O tema do culto do dia, o cântico — "Marchando através dos Séculos", com os dois cânticos orfeônicos — "O Novo Céu" e "Abrí-vos, ó portas eternas!" deram início á cerimônia memorável.

O Dr. Arthur Black, de Londres, discursou sobre o tema — "A Nossa Herança". De uma maneira admirável passou em revista o histórico das Escolas Dominicais nestes últimos 150 anos. Levantando na mão a lanterna que o próprio Robert Raikes usou, ia iluminando assim as verdades do seu discurso.

Os presentes penetraram-se do espírito de seu discurso e o acompanharam com interêsse intenso. Assim, todos reviveram aqueles tempos agitados da antiguidade. A herança que nos legou Robert Raikes se tornou numa grande realidade, como numa herança que devemos guardar como sagrada, e administrar com fidelidade. Certa hora o orador proclamou a grande verdade de que é nosso dever enriquecer ainda mais o rico legado e todos os presentes com êle concordaram. "A lanterna, a vela de Robert Raikes, tornou-se o grande farol de educação e liderança internacional", disse o orador.

Ainda fez lembrar que numa época de inércia e confusão, só um espírito corajoso pode alcançar resultados dignos e valorosos. Robert Raikes perguntou a si mesmo: "Que posso fazer?" e uma voz lhe respondeu: "Experimenta!" E de seus esforços nasceu todo o movimento das Escolas Dominicais. Havemos de ter sempre em memória

a figura do Sr. Black e sua lanterna, e êste pensamento não passará jamais. "Nossa Herança" é uma responsabilidade que aceitamos de coração.

O Dr. Robert M. Hopkins, secretário geral, levantou-se para falar, demonstrando como as luzes fracas da lanterna de Raikes se avolumaram através da obra da Escola Dominical. Quatro fatores, na presente situação mundial, foram apresentados á convenção como significativos para a nossa época e sob o ponto de vista da Educação Cristã. Foi lembrado que uma vez que os aviadores modernos já contornaram o mundo em oito dias, a viagem imaginada por Júlio Verne — "Ao Redor do Mundo em 80 dias" — bem parecia uma possibilidade.

Em um mundo onde o que se fala nos bastidores se ouve por toda a esfera terrestre, urge tenhamos cuidado *como e o que falamos;* e num mundo onde os contactos são universais, temos que tomar cuidado com o que fazemos.

Disse o Dr. Hopkins que o programa de Educação Cristã, irradiado com fervor evangélico, está sendo bem recebido por milhares de homens e mulheres hoje. Aqueles que acham duvidosos muitos outros métodos, acham que nós temos o processo certo e de resultados seguros para resolver os problemas mundiais. Melhor ainda: um número cada vez maior de homens e mulheres crêem que só o "Cristo Vivo" oferece a chave para o enigma mundial.

Em seguida a êstes dois discursos entusiastas, foram apresentadas as necessidades da China. O novo Conselho de Educação Religiosa da China, da qual é secretário o Dr. Chester S. Miao, mostrou a necessidade que tinham em ser ajudados no levantamento do seu orçamento anual de $3.000 (três mil dólares). Foi feito um apêlo, tendo-se levantado $1.500 dólares em dinheiro e compromissos (vinte contos de réis). Houve na coleta bastantes moedas, notas e cartões de compromissos como garantia de que todos os presentes fizeram as suas contribuïções.

Ainda que não seja para se julgar extraordinária a importância levantada, foi enorme o entusiasmo. Tivemos uma hora de visão e inspiração. A possibilidade de ganhar a China para Cristo, perece-nos bem um fato, quando refletimos sobre a liderança nacional das mais brilhantes de que agora se acha dotado aquele país abençoado. O que começou como uma cerimônia muito digna, terminou como um sacramento glorioso. Mais uma vez "O Cristo Vivo" apareceu como a esperança do mundo, pois sòmente quando personalidades impulsionadas por Cristo são por Êle criados, é que podemos descansar as nossas esperanças sobre realidades, e podemos servir com coragem renovada a nosso Salvador e Senhor.

Enquanto ouvimos a passagem em revista dos acontecimentos mundiais, e experimentamos fazer a interpretação dos mesmos, lembramo-nos do seguinte incidente: "Hilaire Belloc e um amigo exploravam as montanhas dos Pyrineus, e acamparam-se para passar a noite num terreno mais elevado. Pouco antes de romper o dia, houve uma grande tem-

pestade que derrubou as barracas frágeis, levando-as para a escuridão, cairam pedras enormes e as árvores curvaram-se á fúria do vento.

Os viajantes agarraram-se a um pinheiro envergado. "Isto parece que vai ser a nossa última noite" disse um dos amigos: "Não, respondeu Belloc. E' assim mesmo que rompe a aurora aquí nos Pyrineus! Quando aparece o trovão no horizonte é que está para romper a aurora!"

COMISSÃO CENTRAL DE EDUCAÇÃO RELIGIOSA NA AMÉRICA LATINA

(Pelo Rev. Hugh Stuntz, Buenos Aires, Argentina).

Começos. — Em 1925 representantes do trabalho evangélico na América Latina reuniram-se em Montevidéu para estudarem os problemas do trabalho. A secção de educação religiosa unânimemente recomendou a formação de uma Comissão Central de Educação Religiosa para examinar as necessidades existentes, preparar um programa e prosseguir no desempenho de um trabalho compreensivo sobre a educação religiosa para toda a América Latina.

No Brasil, Rio da Prata e Chile, Comissões Regionais foram organizadas e deram início ás investigações que concretizaram-se na primeira reunião de uma Comissão Central representativa, em Buenos Aires, no ano de 1927, sob a presidência de nosso amado amigo e irmão, Dr. Erasmo Braga, do Brasil.

Dois anos mais tarde, no Congresso de Obra Cristã, em Havana, o nosso trabalho abrangia as regiões nordestes da América Latina, México, Cuba, Porto Rico e América Central. Agora a nossa Comissão Central é composta de representantes de toda a América Latina; e estamos levando avante um trabalho que inclue vinte países espalhados desde o Estreito de Magalhães até o Rio Grande.

Manutenção. — A Comissão de Cooperação da América Latina encarregou-se de arranjar o sustento financeiro dêste programa e tem conseguido o auxílio generoso de sociedades missionárias, que cooperam nessas regiões. Assim é que temos o desenvolvimento de um programa original sobre a educação religiosa custeado pelos amigos da América do Norte.

O Programa. — O nosso programa tem dois objetivos principais: o treino de líderes e currículo nacional. O primeiro dêstes fins foi o primeiro a ser atendido. Temos organizado dois cursos de treino que correspondem ás nossas necessidades: um, Elementar, e outro, um Curso Modêlo. Sessenta manuais são necessários para fazer face ás exigências dêstes dois cursos. Dez dêstes livros já foram publicados pela Comissão Central e doze mais têm sido publicados por agências de cooperação, e adaptados ao nosso programa. Mais de cinco mil moços e adultos

completaram satisfatòriamente um ou mais dêstes estudos e estão continuando o estudo tão ràpidamente quanto nos é possível mantê-los com o material necessário. Podemos dizer com toda a modéstia que o nosso trabalho nessa linha está indo avante.

O segundo objetivo é um trabalho muito mais intenso, exigindo um grande esfôrço no terreno de investigação, experimentação e estudo. Já produzimos vinte cursos de experiência, que estão sendo praticados em diversas situações, nas Escolas Dominicais, nas Escolas Diárias, nas Escolas Bíblicas de Férias e nos lares, pois o nosso programa abrange todo o terreno de educação religiosa. Temos publicado quatro cursos para Escola Bíblica de Férias, que estão sendo utilizados com sucesso na América Espanhola. Ha pouco, publicamos o primeiro volume de curso nacional para uso das Escolas Dominicais e Escolas Diárias. Uma dúzia de manuscritos está agora sendo revista para a publicação. Uma carta recentemente recebida informa que a primeira unidade das "Séries Primárias" está em caminho, vindo de Cuba. Assim é que podemos outra vez dizer com toda a modéstia e verdade que o nosso programa do curso indígena está progredindo.

A comissão do Brasil trabalha como uma unidade á parte na preparação e publicação de obras para êsses objetivos, em língua portuguesa; mas, juntamente estamos todos trabalhando em harmonia e estimulando uns aos outros com idéias novas e cooperando para o mesmo fim. O Professor Camargo, a Senhorita Jorquera e muitos outros delegados aquí presentes estão colaborando nesta obra e contìnuamente estamos encontrando autores práticos e bons cooperadores.

Conclusão. — Temos em mão, pois, um trabalho de grande responsabilidade. Enfrentamos inúmeros obstáculos. Mas, a nossa esperança é inabalável e o nosso propósito claro. E' preciso apresentar o Cristo Vivo ás crianças e aos moços da América Latina, de tal forma que todo o joelho se dobre e toda a língua confesse que Jesus Cristo é Senhor e Salvador!

CONGRESSO DA MOCIDADE

(Resumo do Relatório apresentado pelo Dr. George Stewart. Stamford Con., U. S. A.)

As reuniões do Congresso da Mocidade se realizaram de terça-feira até sábado, durante a semana da Convenção. Foram registradas cêrca de cem pessoas, sendo a frequência média de sessenta e quatro. O Congresso não se limitou ás sessões públicas. Vivendo a maioria dos delegados no mesmo colégio em que foram carinhosamente hospedados, deve-se dizer que as discussões começaram ás 6.30 e se prolongaram até a meia noite. A' tarde e á noite todos assistiram ás reuniões plenárias da Convenção.

Transcrevemos, em seguida, algumas das conclusões que foram aceitas no Congresso, tudo num ambiente de promissoras esperanças.

Resumo da sessão de *terça-feira* (de manhã). O tema foi — CRISTO E O NACIONALISMO.

Os delegados consideraram, pràticamente, o que êles poderiam fazer e qual a atitute a assumir, em referência a êste problema e na situação atual, admitindo-se que as circunstâncias são comuns a quasi todas as terras.

1. — Manter a fé em Deus como a fonte de vida e de verdade. A grandeza de uma nação reside no cidadão, individualmente.
2. — Repelir toda a fraude e recusar privilégios especiais.
3. — Indentificar-se e a todos os seus esforços com os menos privilegiados.
4. — Trabalhar para assegurar iguais direitos a todos os capazes de usá-los.
5. — Trabalhar por todos os meios legítimos a favor da elevação da mulher em todos os respeitos, e para a libertação dos menores das condições desfavoráveis ao seu desenvolvimento.
6. — Obedecer as leis e lutar em favor da modificação das que forem más.
7. — Resolução de sofrer pelos nossos ideais.
8. — Recusar apôio a qualquer ato que fira a personalidade de outrem.
9. — Cooperar em toda a obra que vise ao bem geral.
10. — Tornar todo o negócio ou profissão genuìnamente cristão.
11. — Fazer sentir a nossa influência junto dos estadistas, em favor da paz e boa vontade entre os homens.

Sessão de *quarta-feira*. O tema foi — CRISTO E A ORDEM SOCIAL.

Deu-se ênfase ao que nós poderiamos fazer como cidadãos, de um ponto de vista prático, para exprimir as nossas convicções sobre a matéria.

1. Organizar grupos de estudo nas escolas, clubes, igrejas, etc., de debater teorias e estimular a prática, á semelhança dos grupos de estudo denominados — "English Fabian Society".
2. Tomar parte em toda a forma de serviço social útil: clubes de moços e moças, congressos, campanhas de higiene, organizações esportivas, campanhas de alfabetização, etc.
3. Promover e educação das massas mediante:
a) — palestras
b) — ensino
c) — incitando-as a aproveitar as escolas já existentes.
4. Votar em todas as eleições.
5. Escrever pela imprensa sobre êstes problemas.
6. Discutir os problemas sociais em nossas igrejas, e despertar as conciências em referência aos mesmos.

7. Tornar a Igreja cada vez mais cristã, em todos os respeitos.
8. Exprimir o amor cristão nos nossos lares e nas nossas relações.
9. Tornar-nos nós mesmos cristãos.
10. Estarmos prontos para pagar o preço, seja em trabalhos, seja em sacrifícios, em favor do levantamento do nível da vida dentro do país.

Sessão de *quinta-feira*. Tema — CRISTO E A GUERRA.

Que poderemos fazer?

1. Organizar grupos de estudo, tomando como base para discussão livros do tipo do "Desarmamento", de Mardiaraga, os volumes Kirby Page, J. M. Keynes e Norman Angell.
2. Praticar a paz em nossa própria vida, creando ao menos uma pequena área de perfeita harmonia no mundo.
3. Apoiar os empreendimentos da natureza da Liga das Nações, Côrte da Justiça e Conselho Internacional do Trabalho.
4. Cooperar com as organizações locais e nacionais do tipo da "Foreign Policy Association", dos Estados Unidos, a "British League of Nations Union", etc.
5. Organizar debates e conversações de estudantes sobre o desarmamento, guerra, revoluções, orçamentos militares, e outras medidas chamadas de proteção aos cidadãos e ao Estado.
6. Travar relações com grupos de outras nações que estão lutando pelo mesmo ideal, e, sendo possível, promover uma conferência com os mesmos.
7. Propagar um patriotismo pacifista que vise ao bem estar dos cidadãos. Obter, para isto, o concurso dos escritores, jornalistas, poetas, músicos e artistas.
8. Darmos, nós mesmos, o exemplo.

Sessão de *sexta-feira*. O tema — CRISTO E A CONDUTA PESSOAL.

A conduta resulta da vida habitual do indivíduo — "da abundância do coração fala a bôca".

1. Aprofundar nossa vida espiritual. O espírito humano, como o corpo, necessita de alimento, ar e exercício.

a) — *Alimento* — Ir ás fontes do poder espiritual: a Bíblia, biografias, contos morais, amizades, jornais evangélicos e revistas.

b) — *Ar* — Oração e aspiração, hora devocional — oração matinal, oração habitual, oração espontânea, disciplina da oração, consagração á oração.

c) — *Exercícios* — A conduta cristã tem um reflexo externo: viver como cristão no estudo, na aula, no lar, nos campos de jogos, e nas relações sociais. Ganhar outros para uma fé racional e vital em Jesus Cristo como Salvador, Senhor e Amigo.

2. *Perdão* — Perdoar *a quem* e *onde* quer que seja, ao que nos tenha ofendido, e tratá-lo como si nada tivesse havido.
3. Reparar algum erro ou prejuízo que tenhamos cometido, até onde isto for humanamente possível.

4. Pedir perdão a quem tivermos ofendido.

5. Um único padrão de moral para o homem e a mulher, e um novo espírito de cavalheirismo em todas as nossas relações entre moços e moças da nossa geração.

6. Pureza de vida, de leitura e de diversões.

7. A honestidade em toda a sua extensão e compreensão.

8. Libertação de todo o egoismo, regulado o nosso desprendimento por uma perfeita amizade. Nunca ferir a personalidade de outrem na saúde, no corpo, na mente, nas emoções ou estados dalma.

9. Cultivar o amor até o ponto de ver em cada homem, mulher ou criança, duas pessoas — a que êles são agora e a que poderão ser no futuro.

10. Submeter-nos ativamente e corajosamente á vontade de Deus.

11. Unir-nos com todos os homens e cooperar com êles para a realização dêstes fins.

Sessão de *sábado*. O dia foi dedicado a receber os RELATÓRIOS.

Sábado de manhã, representantes de umas doze nações falaram sobre projetos e programas, produzindo no espírito de todos grande impressão. Dissolveu-se a reunião ás 13 horas levando os delegados consigo novas energias, nova consagração e novas afeições que nem o tempo, nem a separação, nem nenhum evento da história conseguirão jamais desfazer.

A tarde de sábado, 20 horas, por uma gentileza da Convenção, foi ocupada, no plenário, pelo Congresso da Mocidade, sendo executado o programa seguinte:

Prelúdio — Manoel Flores, do México.

Hino — "Santo, Santo, Santo".

Leitura — Porção escolhida do Evangelho de João, por Manoel Flores.

Oração, por Josias Lopes, Universitário. B. Horizonte.

Saüdações pelos representantes das diversas nações á mocidade evangélica do Brasil e do mundo.

1. Walter Parker, da Igreja Reformada dos Estados Unidos.

2. William Genné, da Universidade de Yale, pelo Conselho da Mocidade dos Estados Unidos e Canadá.

3. Manoel Flores, da mocidade do México.

4. Srta. Dorothy Edwards, da mocidade do Chile.

5. Srta. Maruyca Ibarra, do Uruguai.

7. Adriel Mota, do Brasil.

8. Rev. Sílvio Long, da Igreja Waldense da Argentina.

9. John Connell, do Conselho da Mocidade de Nova Jersey e da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos.

10. Dr. George Stewart, em nome das fôrças voluntárias religiosas de 800 colégios e universidades dos Estados Unidos.

Hino — "Conta-me a velha história".

Três discursos e quarteto, por membros do Congresso.

CRISTO E NACIONALISMO, por Eduardo Pereira de Magalhães, do Brasil, interpretado pelo Dr. John Mackay.

CRISTO E A ORDEM SOCIAL, pela Srta. Célia Mieres, do Uruguai, interpretada pelo Dr. J. Mackay.

Quarteto e côro do Congresso.

CRISTO E A CONDUTA PESSOAL, por Minot Morgan, da Universidade de Princeton, interpretado pelo Dr. Oscar Machado.

Hino — "Avante, avante ó crentes".

Discurso — "O desafio de Cristo á moderna juventude". Dr. George Stewart, da Ig. Presbiteriana, Stamford, Conn., e Prof. da Escola Teológica da Universidade de Yale.

Oração de consagração pelo Dr. William Genné, da Escola Teológica da Universidade de Yale.

Hino — "Eu tenho prometido".

Bênção — Dr. George Stewart.

PEREGRINOS MUNDIAIS

"A Associação de Peregrinos no Mundo" é composta de todos aqueles que têm assistido a alguma Convenção Mundial. Havia na Convenção, no Rio, pessoas que tinham assistido já a 6 e 9 convenções mundiais. Naturalmente, para a grande maioria, esta foi a primeira. Em todas as convenções realiza-se um banquete de confraternização dos delegados, chamado — "O Banquete dos Peregrinos". O do Rio de Janeiro foi menor que os de costume, mas nada lhe faltou em interêsse e em entusiasmo. O Dr. W. C. Pearce, de Los Angeles, Califórnia, presidiu ao grupo dos peregrinos, todos muito alegres, e fez o histórico impressionante da organização.

Foram eleitos então os seguintes oficiais da "Associação dos Peregrinos".

Presidente, — Sr. José Luiz Fernandes Braga Jr., Rio de Janeiro, Brasil.

Vice-Presidentes, — Rev. Sabrow Yasumura, Tókio, Japão
Rev. Jean Laroche, Paris, França
Sr. Theron Gibson, Toronto, Canadá
Sr. Levon Zenian, Beirut, Síria.

Secretária, — Miss Luci Main, Filadélfia, Penn, E. U. do Norte.

REUNIÕES DA COMISSÃO EXECUTIVA

Os estatutos da Associação Mundial de Escolas Dominicais estipulam que o seu corpo administrativo seja conhecido como — Comissão Executiva. — Esta consiste de representantes eleitos pelas diversas associações ou concílios constitutivos interdenominacionais, nacionais e internacionais, juntos com os oficiais da Associação e mais dez membros honorários eleitos pela Comissão Executiva.

REDATORES DO RELATÓRIO DA CONVENÇÃO

Dr. W. C. POOLE
Buenos Aires
Ex-presidente da Associação Mundial e redator do volume em inglês.

Rev. GALDINO MOREIRA
Rio de Janeiro
Presidente do Conselho Evangélico e redator do volume em português.

SECRETÁRIOS DO CONSELHO EVANGÉLICO DE EDUCAÇÃO RELIGIOSA DO BRASIL

Rev. HERBERT S. HARRIS
Rio de Janeiro
Secretário Geral

Rev. RODOLFO ANDERS
Rio de Janeiro
Secretário Auxiliar

OFICIAIS DA JUNTA NACIONAL EXECUTIVA

DR. BENJAMIN H. HUNNICUTT
LAVRAS — MINAS
Secretário Executivo

REV. DR. ATHALÍCIO PITHAN
BAGÉ — RIO GR. DO SUL
Secretário Auxiliar

SR. J. L. F. BRAGA JUNIOR
RIO DE JANEIRO
Presidente

REV. BISPO W. M. M. THOMAS
PORTO ALEGRE — RIO GR. DO SUL
1º Vice-Presidente

REV. DR. H. C. TUCKER
RIO DE JANEIRO
Tesoureiro

Realizaram-se durante o quatriênio, de 1929 a 1932, três reuniões da Comissão Executiva.

1. *Toronto — 1930.* — A primeira teve lugar em Toronto, Canadá, a 21 de Junho de 1930, em conexão com a Convenção Quadrienal do Conselho Internacional de Educação Religiosa. Estiveram presentes trinta e um representantes de treze nações. O principal assunto foram os negócios financeiros ocasionados pela reorganização da Associação, efetuada em Los Angeles, em 1928. Êstes incluíam adopção de um orçamento geral, providenciavam para uma visita anual ás unidades constitutivas da Associação, para obtenção de donativos á sua manutenção, certas decisões fundamentais quanto aos fundos da Associação e o apôio de um plano de anuidades. A Associação Nacional de Escolas Dominicais da Alemanha foi formalmente reconhecida e recebida como membro constitutivo da Associação Mundial de Escolas Dominicais.

2. *Londres — 1931.* — A segunda reunião da Comissão Executiva realizou-se, com aviso prévio de três meses, em Londres, Inglaterra, com sete unidades nacionais representadas por dezenove membros presentes. A reunião foi especialmente convocada para considerar certo número de questões de organização, que afetavam em particular o trabalho da Associação na América do Norte. Depois de cuidadosa consideração, tanto por parte da Comissão de Referência e Conselho, como na própria Comissão Executiva, foram êstes assuntos incorporados como emendas aos estatutos, para serem adotados pela Comissão Executiva por ocasião de sua reunião no Rio de Janeiro. Na reunião de Londres também se deu muita atenção á próxima Undécima Convenção Mundial, no Rio de Janeiro, cujo programa e arranjos gerais foram cuidadosamente revistos pela Comissão Executiva.

3. *Rio de Janeiro — 1932.* — A terceira reunião da Comissão Executiva realizou-se no Rio de Janeiro, Brasil, de 22 a 30 de Julho de 1932. Estiveram presentes quarenta membros da Comissão Executiva, vindos de vinte e quatro unidades constitutivas da organização. O caráter mundial da Associação tornou-se bem definido nesta reunião, devido á revisão de seus estatutos. Dos quarenta membros presentes apenas dezeseis eram dos Estados Unidos, de forma que a maioria da votação na Comissão estava com os representantes de outros países que não os campos comumente designados como campo nacional (home base).

Os principais atos da Comissão Executiva, em sua reunião no Rio de Janeiro, foram êstes:

(1) Emenda dos estatutos, removendo-se toda a ambiguidade quanto ao nome, autoridade e função das duas comissões administrativas da Associação, outrora conhecidas como a Secção Norte Americana e a Secção Britânica, mas agora denominadas Comissão Administrativa Norte Americana e Comissão Administrativa Britânica e, ao mesmo

tempo, tornando clara a responsabilidade da Associação para com estas agências administrativas, tanto nos negócios de finanças como nos da administração e orientação.

(2) Aprovação da concessão de fundos retirados dos capitais da Associação sem designação ás comissões administrativas da Associação, dentro de uma quantia limitada e quando justificada pelas reais emergências dos campos.

(3) Esclarecimento da matrícula das unidades constitutivas da Associação Mundial de Escolas Dominicais, por meio do qual quarenta e seis unidades constitutivas foram aceitas definitivamente e, nominalmente, abrangendo o trabalho em quarenta e oito países.

(4) Recomendação a todas as unidades constitutivas da Associação no sentido de ser considerada durante o próximo quatriênio a importância das atividades dos secretários gerais da Associação Mundial de Escolas Dominicais: a) em prepararem as Convenções Mundiais de Escolas Dominicais; b) em levantar e administrar fundos destinados aos campos; c) em visitar os campos pessoalmente ou mediante delegações; d) em servir como agências centrais de pesquisas e de entendimento com todas as unidades associadas com a Associação Mundial de Escolas Dominicais.

(5) Uma das feições não menos importante, em conexão com esta reunião da Comissão Executiva, no Rio de Janeiro, foi o fato de se ter reunido, pela primeira vez, na América do Sul, em resposta ao convite reiterado da União de EE. DD. do Brasil. A comunhão internacional oferecida nesta reunião por meio da presença de delegados oficiais de tão grande número de unidades nacionais foi excepcionalmente esplêndida e apreciada.

REUNIÕES POST-CONVENÇÃO

(Pelo Dr. S. G. Inman)

Não tendo sido possível, em consequência das perturbações políticas e do curto tempo á disposição dos delegados, executar em todas as Capitais da América Meridional, os planos propostos de realizar nelas reuniões de propaganda da Convenção após as sessões no Rio, contudo a Comissão que esboçou estas visitas, achou viáveis muitos dos planos para levar a mensagem da Convenção a vários países dêste Continente, assim como de outras partes do mundo, e desta forma empreendeu sua importante tarefa.

Reuniões especiais foram organizadas e realizadas oficialmente nas cidades de Montevidéu, Buenos Aires, La Paz, Assunção, Santiago, Valparaíso, Lima, Buenaventura, e Port of Spain (Trindade).

Depois da grande Convenção, partiu do Rio um grupo de delegados

a bordo do "Southern Cross", em 7 de Agosto de 1932, com destino á região meridional do continente. Quasi cem delegados foram incluídos neste grupo. Ao chegar em Montevidéu, a 10 de Agosto, a comissão local, presidida pelo Rev. E. C. Balloch, recepcionou o grupo e o levou numa excursão em redor dessa interessante cidade. Foi feita uma visita ao Crandon Institute, assim como a outros centros evangélicos da cidade. Foram recebidos pela Associação Cristã de Moços. Ao mesmo tempo, outro grupo de delegados, especialmente os educadores, foi recepcionado pelo Reitor da Universidade. A' tarde, todos os delegados foram ao palácio do Presidente Terra, presentes outros oficiais do govêrno. Ás seis horas, o Professor Gonzalo Baez Camargo, do México, fez um discurso na Universidade, sendo apresentado pelo Reitor. O Professor Camargo falou a uma grande e interessada multidão sobre a sobriedade e a temperança.

Em Montevidéu houve muitas outras sessões sobre a Convenção do Rio de Janeiro, dirigidas pelos delegados locais e pelo Dr. Inman, que fez alguns discursos. O grupo montevideano, no Rio de Janeiro, foi uma das delegações mais entusiásticas e os jovens dêsse grupo fizeram uma impressão profunda na Convenção. Quando regressaram a Montevidéu celebraram numerosas reuniões com os evangélicos da cidade, para discutirem as recomendações feitas pela Convenção do Rio. Êste grupo de jovens publica um jornal, "Elevación", e os números que saíram depois da Convenção foram dedicados extensivamente a entrevistas com delegados e a relatórios das sessões convencionais.

Os outros delegados saíram de Montevidéu em 10 de Agosto, chegando a Buenos Aires no dia seguinte, de manhã. Foram recebidos pela comissão local de Buenos Aires, presidida pelo Dr. Webster E. Browning. A primeira cousa que se fez foi um passeio em automóvel, pela cidade, em visitas especialmente ás diversas escolas e igrejas evangélicas. A' noite, foi celebrada uma sessão em inglês na Igreja Escocesa, onde o Dr. Luther A. Weigle e o Dr. George Stewart falaram sobre a Convenção do Rio de Janeiro. Na mesma hora, outra sessão era celebrada em espanhol na Segunda Igreja Presbiteriana, onde estavam presentes numerosos delegados; a Senhorita Laura Jorquera, o Rev. Frederico Munoz, Mr. G. Cliff, Rev. Juan B. Aracena, e o Dr. Inman falaram. No dia seguinte diversas outras reuniões foram feitas, tendo falado os especialistas sobre as atividades dos jovens, as escolas de férias, o departamento dos adultos, a instrução religiosa diária, etc. Um almôço foi oferecido pela Junta de Diretores do Ward College, a cêrca de 40 delegados. Nesta ocasião as atividades dessa escola cristã foram relatadas. Depois do almôço, os delegados foram ao novo "campus" do Ward College, onde se celebraram cerimônias da dedicação do Oldham Hall e do Pfeiffer Dormitory.

O Dr. W. C. Poole, Pastor da Igreja Americana, em Buenos Aires, presidiu a essas cerimônias. A oração de abertura foi oferecida pelo

Dr. Robert M. Hopkins, Secretário da Associação Mundial de Escolas Dominicais. O Dr. Fred Aden, do Colégio, falou sobre a história da escola. O Dr. Daniel L. Marsh, Presidente da Universidade de Boston, proferiu um breve discurso; o Dr. Inman oferecera as saüdações do "Board of Trustees", nos Estados Unidos, fazendo referência também ao Bispo Oldham e aos senhores Pfeiffers, em cujos nomes os edifícios novos foram dedicados. A oração dedicatória foi oferecida pelo Dr. Luther A. Weigle, Deão da Universidade de Yale. O último discurso foi feito pelo Rev. Robert R. Nooe, Pastor da Cristian Church, de Nashville, Tenn. A bênção foi pronunciada pelo Bispo Juan Gattinoni, da Igreja Metodista.

Diversas interessantes sessões foram realizadas nas quais as delegações tiveram oportunidade tanto de falar a respeito da Convenção do Rio de Janeiro, como de conhecer pessoas e atividades da cidade de Buenos Aires. O "Argentine-North America Cultural Institute" obsequiou os delegados com uma recepção e deu um almoço especial a um número limitado de educadores.

A sucursal argentina da Women's Christian Temperance Union organizou uma sessão sobre temperança na National Preparatory School; o Prof. Baez Camargo e diversos outros delegados falaram.

Em Buenos Aires a delegação se dividiu para seguir rumos diferentes. O Dr. e Senhora Hopkins, o Dr. e Senhora Weigle e outros voltaram para Nova York, pela costa oriental. Uma grande delegação tomou o trem internacional, via Argentina e Bolívia, para Antofagasta, donde partiu a bordo do "Santa Barbara", que a levou para Nova York, depois de paradas em Lima, Buenaventura, Panamá, etc. Esta delegação viajou três dias de trem e, a-pesar-da altura excessiva alcançada, em algumas partes da viagem, teve as mais interessantes experiências.

Outra delegação fez, três dias depois de sua chegada a Buenos Aires, uma viagem ao Chile, em pequenos grupos, pelas linhas do Pan-Air. Cêrca de 30 delegados voaram através dos Andes, constituindo o maior grupo conduzido pela Pan-Air até aquela data, numa vez.

Atravessar os Andes por avião é uma experiência maravilhosa. Vai-se de Buenos Aires, por avião ou por estrada de ferro, a Mendoza, e depois de passar a noite num bom hotel, voa-se no dia seguinte de manhã. O avião não parte si não recebe boas notícias a respeito do tempo, em Santiago, que é o outro extremo da viagem, assim como da "estação de tempo", que se acha no alto da serra. Mesmo sendo boas estas notícias, o tempo muda-se repentinamente, muitas vezes. Um amigo nosso disse que iniciou certa feita esta viagem e girou no ar durante muito tempo, descendo finalmente outra vez em Mendoza, em vez de atravessar os Andes. Recebemos notícias favoráveis ás nove e meia e fomos embarcar. Pesaram-nos a todos cuidadosamente e o avião, que tem acomodações para doze pessoas, foi limitado a seis passageiros, mais o pilôto e o operador de rádio, e muito pouca bagagem.

O avião precisa subir a uma altura bem grande, no princípio da viagem, para poder, em caso de acidente, voar sem motor através dos Andes e descer do outro lado. Subimos ràpidamente e depois de muito pouco tempo nos encontravamos entre espessas nuvens. Não se podia ver nada dentro de poucos pés de distância, e pensavamos que seria fácil chocar com algum monte! A' medida que subiamos mais alto, a luz começou a penetrar nas nuvens e, de repente, vimos o resplendor brilhante do sol, acima das eternas neves chilenas.

Estavamos no ar já fazia uns 40 minutos quando o pilôto nos deu a senha, que tinhamos combinado, para significar que estavamos no ponto local onde se acha o Cristo dos Andes, a mais maravilhosa estátua do mundo. Está no alto do Upsiata Pass, a uns 12.000 pés de elevação. Estavamos quasi a 8.000 pés acima da estátua, mas o pilôto desceu conosco um pouco mais para perto. Assim pudemos vê-la claramente.

Que impressão profunda produz nalma ver aquela estátua do Cristo no alto das serras isoladas, rodeada de neve, de gêlo, de montes altos! E' uma experiência espiritual que comove. Deus está em toda parte! Até aquí, entre as altas serras, o homem se lembrou dêste fato e construiu esta grande estátua de bronze para comemorar a ocasião quando a Argentina e o Chile, em vez de se guerrearem, se acordaram para a paz aos pés do seu Redentor!

Demoramos uma hora e cincoenta minutos nesta viagem, desde Mendoza a Santiago, numa distância de cêrca de 120 milhas diretas. Fizemos a viagem de volta, de Santiago a Mendoza, numa hora e quinze minutos, pois a diferença dos ventos, de certo, favorece a carreira do avião. A única cousa desagradável, na viagem, exceção feita das pessoas que enjoam no avião, são os "buracos no ar". Êstes ocorrem de repente dando-se pulos no ar. Ás vezes a queda no vácuo é de diversas centenas de pés. Á medida que iamos voando muito tranquilamente, de repente sentiamos nossas cadeiras, como que descendo, "sumindo", e vi os papeis que estavam sobre minha cadeira repentinamente voarem para o teto do avião. A gente se agarra aos braços da cadeira do mesmo modo como se faz quando o dentista toca um nervo... Mas tudo quasi termina antes de começar.

De 2 a 4 aviões atravessaram os Andes cada dia, para levarem nosso grupo com tempo de tomar os navios da Linha Grace, que partiram de Valparaíso em 17 de Agosto.

Três dos delegados deram tempo a maior para o Chile, Bolívia e Perú, a Senhorita Hazel A. Lewis, em Chile; o Prof. Baez Camargo, no Perú, e o Rev. Irwin G. Paulsen, na Bolívia. A Senhorita Lewis foi acompanhada pela Senhorita Laura Jorquera, de Santiago, esta jovem maravilhosa que tanto tem feito em próI das atividades dos moços chilenos. Mr. Irwin Paul, o Dr. George P. Howard e outros colaboraram também em promover sessões em Santiago, Valparaíso e outras cidades menores, onde a Senhorita Lewis não só falou sobre a Convenção do Rio de Janeiro, mas deu discursos especiais aos professores primários

nas escolas dominicais sobre o seu trabalho. A melhor notícia veio do Chile a respeito do trabalho da Senhorita Lewis e do grupo que a acompanhou em suas numerosas reuniões. Além dêste grupo, diversas outras pessoas fizeram discursos e conferências no Chile. Sessões especiais de conjunto foram dirigidas pelo Presidente Daniel L. Marsh e pelo Dr. S. G. Inman.

Os delegados que foram de avião ao Chile tomaram o "Santa Barbara" na quarta-feira, 17 de Agosto, juntando-se em Antofagasta com o outro grupo que tinha chegado, de Buenos Aires, via estrada de ferro. Todos viajaram de retôrno ás suas terras, juntos. O grupo do "Santa Barbara" teve um dia muito ocupado na cidade de Lima, onde foram recebidos pelas fôrças evangélicas daquele centro. O Prof. Baez Camargo ficou alí afim de executar duas semanas de trabalho intensivo, principalmente entre os obreiros locais. Seu programa incluia 36 discursos dirigidos a vários grupos das igrejas e escolas evangélicas de Lima e Callao. Três sessões foram feitas em conferência com os trabalhadores da Aliança Evangélica, discutindo-se os problemas de cooperação no Perú.

Um dos principais missionários do Perú, escrevendo a favor da Aliança Evangélica do Perú (representando pràticamente todas as fôrças evangélicas do Perú), diz: "Seria difícil imaginar um homem que pudesse melhor fazer o trabalho que foi designado ao Prof. Camargo! Êle fez tudo tão bem. Devido á sua presença simpática e ao fato de que é um hispano-americano, foi-lhe possível fazer amizades com todos os grupos e em toda parte aonde foi; parecia compendiar a unificação de todos os tons de opinião entre nossos grupos evangélicos e simbolizar a fraternidade cristã. Gostamos logo dêle, depois de ouví-lo uma ou duas vezes. Modesto, sem pretenções, reune a espiritualidade com a fôrça intelectual em grau destacado. A variedade de matérias de que tratou foi por si mesmo um tributo ao seu hábil e excelente preparo. Em doze dias, o Prof. Camargo fez cêrca de 36 discursos e, cada vez, com a mesma novidade e fôrça. Deu-nos êle o relatório da Convenção do Rio de Janeiro, o qual foi especialmente interessante, pois a Aliança Evangélica de Perú não pôde mandar um delegado direto ao Rio, e, além do curto discurso do Dr. Marsh, estavamos junto aos delegados durante poucas horas, e não tivemos nenhum contacto com a Convenção, a não ser pelo Dr. Camargo depois".

O Prof. Camargo visitou as principais igrejas de Lima e suas diversas escolas dominicais. Seu trabalho nestas escolas foi de inestimável importância. Em uma delas se dirigiu á "Associação dos Pais" e deu excelentes discursos sobre os problemas sexuais, demonstrando-se igualmente familiar com os aspectos científicos e morais da questão.

A comissão de educação religiosa da Igreja metodista organizou um congresso de moços evangélicos, que se reuniu durante uma tarde e duas noites. O Prof. Camargo falou primeiro sobre o tópico — "Que está fazendo a mocidade hispano-americana?" Depois foi o con-

gresso dividido em quatro grupos e discutiu as seguintes matérias: o preparo de líderes; divertimentos e vida social; a cultura da vida espiritual; o cristão e suas obrigações civís. De noite, o Prof. Camargo falou a respeito das condições religiosas da América Latina. Um grande apêlo foi dirigido á mocidade das igrejas evangélicas afim de não permitirem que as discórdias e as divisões, especialmente as que herdaram de seus pais, impedissem sua marcha no Reino de Deus.

A opinião geral dos evangélicos peruanos é que a visita do Prof. Camargo trouxe "inspiração, um novo impulso e nova vida á causa evangélica na capital peruana, cousas que podem ser sentidas melhor do que medidas".

Quando o "Santa Barbara" chegou a Buenaventura, na Colômbia, encontrou uma delegação de missionários colombianos aguardando o grupo de visitantes da América do Norte. Um dos missionários escreve: "Fomos a bordo ás onze e meia da manhã e caímos literalmente nos braços daquela boa gente a bordo do "Santa Barbara", que nos convidou a falar a respeito da Colômbia. Com um grande mapa lhes descrevemos o pequeno programa, cada um dos missionários dando-lhes uma curta história de sua missão". Cada um contou a sua história. Mais tarde nos obsequiaram com um almôço e fizeram-nos muitas boas perguntas. Depois, todos fomos, em lanchas, a uma excursão de três horas, rio acima, sempre falando de todas as fases do trabalho. Homens semi-nús remavam as canôas; cazinhas de sapê se achavam ás margens do rio, e tudo estava verde e molhado. Os delegados gostaram de ver esta vida primitiva. A Senhorita Hoskins falou em diversas reuniões. Ela teve uma grande recepção em Girardot e passou duas semanas em Bogotá, antes de voltar pela mesma rota.

De Buenaventura o grupo passou pelo Canal de Panamá e, finalmente, separou-se em Nova York. Desde então as notícias que chegam indicam que seus membros estão muito ocupados contando a outros, em várias igrejas, ás escolas dominicais e a outras reuniões, a história da Convenção Mundial no Rio de Janeiro.

Não houve, na Convenção, nenhum delegado da Bolívia, que se acha numa posição muito isolada. A comissão combinou que o Rev. Irwin G. Paulsen passasse duas semanas na Bolívia. Teve muito bom acolhimento aí e passou muito tempo com os trabalhadores e com o Instituto Americano em La Paz, falando sobre a Convenção e sobre os métodos de trabalho para os adultos, que é a sua especialidade.

Em Assunção, Paraguai, a Senhorita Mary I. Orvis e o Senhor Claudio Pavetti Morin, delegados paraguaios á Convenção, falaram várias vezes a respeito da Convenção. Também o Dr. S. G. Inman, que voltou do Chile para visitar Assunção, e novamente Buenos Aires, Montevidéu e Rio de Janeiro, usou da palavra para tratar da Convenção Mundial.

Outro resultado valioso da Convenção foram as experiências de

dois delegados que passaram uma semana na Ilha de Trindade, rumo de sua terra. Quando a Igreja Unida de Canadá soube que dois de seus membros, o Dr. Frank Langford e o veterano de muitas convenções, o Senhor Theron Gibson, de Toronto, pensavam em ir á Convenção do Rio de Janeiro, pediu que parassem em Trindade afim de passar uma semana com êles.

Quando alí chegaram foram recebidos pelo Dr. J. A. Scrimgeous e o Rev. H. MacDonald. O programa incluiu quatro sermões no domingo, com um passeio de 125 milhas para Mr. Gibson e 70 para o Dr. Langford, tendo o Senhor Gibson de prègar de manhã, na Morton Memorial Church, Guaito, construída em memória de John Morton, que fundou a missão canadense em 1864, e o Dr. Langford, na Igreja em Tunapuna, onde o Dr. Harvey H. Morton, filho do fundador, é o diretor. A' noite, ocuparam os púlpitos do Rev. J. C. McDonald, São Fernando, e de R. O. Macintosh, em Princes Town. Tiveram esplêndidas assembléias e os mais atentos e interessados ouvintes. Na terça e quarta-feira ficaram ocupados com várias reuniões, do Presbitério de Trindade, e concluíram tudo com um serviço da comunhão na Susamacher Church.

Em seguimento a estas sessões e reuniões a Associação de Escolas Dominicais de Trindade e Tobago, realizou sua Convenção Anual local, e, entre outros assuntos, foi dado um relatório completo da Convenção do Rio de Janeiro, que foi muito apreciado pela esplêndida assembléia.

Os irmãos metodistas, tendo uma congregação em Port of Spain, dirigida pela Sociedade da Inglaterra, e sabendo que os delegados iam visitá-los, convocaram uma grande reunião em sua igreja.

Excusado é dizer que nossos delegados gostaram muito de sua semana de trabalho neste lugar e dizem que raras vezes encontraram mais atentos ouvintes ou mais consagrados obreiros cristãos do que os das Antilhas. O fato de que vinham do Canadá aumentou muito o aprêço que lhes foi demonstrado.

RELATÓRIO DO TESOUREIRO

DA

ASSOCIAÇÃO MUNDIAL DE ESCOLAS DOMINICAIS

1 Janeiro — 31 Dezembro, 1931

EM CAIXA, FUNDO GERAL, 1 de Janeiro de 1931......			$147.21
Receita: 1 de Janeiro — 31 de Dezembro de 1931			
Renda de fundos permanentes..........		$12,412.17	
Juros sobre promissórias pagos pela Secção Americana..................		19.95	
Juros acumulados......................		255.75	
Renda de anuidades....................		132.27	
Juros de saldos em branco..............		104.65	
Contribuições das unidades nacionais:			
ÁFRICA DO SUL, Associação Nacional de EE. DD. da África do Sul............	$75.00		
ALEMANHA, Associação Nacional de EE. DD. da Alemanha.	7.27		
AMÉRICA DO NORTE, Conselho Internacional de Educação Religiosa............	225.00		
AUSTRÁLIA, Conselho Nacional de Educação Religiosa da Austrália.	34.30		
ÁUSTRIA, União de Escolas Dominicais da Áustria......	14.55		
BRASIL, Conselho Evangélico de Educação Religiosa do Brasil.	50.00		

BURMA, União de Escolas Dominicais de Burma.......	25.00
CEILÃO, União de Escolas Dominicais de Ceilão..........	36.10
CHECO-SLOVÁQUIA, Associação de Escolas Dominicais de Checo-Slováquia.	48.50
CORÉIA, Associação de EE. DD. da Coréia............	50.00
DINAMARCA, União Dinamarquesa de EE. DD.	24.25
EGITO, Comissão para Terras Maometanas.	12.50
ESTÔNIA, União de Escolas Dominicais de Estônia.........	4.85
FRANÇA, União de EE. DD. da França..................	19.40
GRÃ-BRETANHA, Secção da Grã-Bretanha.	121.25
HOLANDA, União Holandesa de EE. DD.	9.70
HÚNGRIA, União de EE. DD. da Húngria................	24.25
ILHAS FILIPINAS, Conselho de Educação Religiosa das Filipinas.	50.00
ÍNDIA, União das Escolas Dominicais da Índia..........	48.50
ITÁLIA, Conselho de Educação Religiosa da Itália..........	24.25
JAPÃO, Associação Nacional de EE. DD. do Japão........	200.00

LATVIA, União de EE. DD.	4.85		
MÉXICO, Conselho Nacional de Igrejas Evangélicas.........	50.00		
NOVA ZELÂNDIA, União de Escolas Dominicais de Nova Zelândia.	24.25		
POLÔNIA, Associação de EE. DD. da Polônia..........	21.10		
SUÉCIA, Conselho de EE. DD. da Suécia..................	19.40		
TERRAS BÍBLICAS, União de EE. DD. das Terras Bíblicas	15.00	$1,239.27	$14,164.06

Despesas, 1 de Janeiro — 31 de Dezembro, 1931

A' secção Britânica, de rendas sobre fundos permanentes....................	$5,535.14	
A' secção Norte-Americana, de rendas sobre fundos permanentes............	5,535.14	
Pagamentos de promissórias............	300.00	
Pagamentos de juros....................	132.25	
Despesa de Mimeógrafo e Impressos....	139.76	
Despesas da Comissão de Referência e Conselho.	$1,150.89	
Juros acumulados de dinheiro invertido..	363.47	
Casa forte...........................	1.00	$13,157.65

EM CAIXA, FUNDO GERAL, 31 de Dezembro de 1931	$1,153.62
Renda total da Associação Mundial de EE. DD. Fundo Geral.................................	$14,311.27

Renda total da Secção Americana.................... $62,390.83

A secção Americana contribuiu financeiramente para o trabalho no Brasil, Burma, Ceilão, Chile, China, Equador, Egito, Grécia, Japão, Coréia, México, Perú, Ilhas Filipinas, Repúblicas do Rio da Prata, Síria e Palestina, África do Sul, á Igreja Armênia, e á Deputação da Igreja Ortodoxa da Grécia.

Renda total da Secção Britânica...................... $19,747.61

A secção Britânica contribuiu financeiramente para o trabalho na Áustria, Bélgica, Bulgária, Checo-Slováquia, Estônia, França, Húngria, Islândia, Índia, Itália, Látvia, Polônia, Rumânia, Iugo-Slávia, para literatura para a Europa e despesas com a Convenção Européia.

TOTAL GERAL DAS RECEITAS Da Associação Mundial de EE. DD. $96,449.71

Paul Sturtevant, Tesoureiro.

Os livros do tesoureiro foram devidamente examinados e aprovados, em 31 de Dezembro de 1931, pelos Senhores Lambrides & Profeta, contadores e auditores, 543 Fifth Ave., New York City. Seu relatório certificando que os livros e contas do tesoureiro estão certos está arquivado na sede da Associação Mundial de Escolas Dominicais, 216 Metropolitan Tower, New York City, e uma cópia está á disposição da Comissão Executiva, em sua reunião, no Rio de Janeiro.

SUMÁRIO DA ESTATÍSTICA DAS ESCOLAS DOMINICAIS DO MUNDO

(PREPARADA PARA A 11ª CONVENÇÃO MUNDIAL DE ESCOLAS DOMINICAIS, 1932, RIO)

De quatro em quatro anos a Associação Mundial de Escolas Dominicais recolhe a estatística do movimento das EE. DD. em todo o mundo. Para poder apresentar a mais completa estatística possível á 11ª Convenção Mundial de Escolas Dominicais, realizada no Rio de Janeiro, a Associação enviou suas fórmulas a 124 países. Os algarismos contidos no presente relatório representam 110 dêstes países.

Estas listas foram compiladas principalmente das fórmulas devolvidas pelos correspondentes e responsáveis das 46 unidades nacionais constituintes da Associação Mundial de Escolas Dominicais, e que abrangem 48 países, acrescentando-se de outras áreas os dados que a Associação pôde obter. Em alguns raros casos foram suplementados pelas listas já existentes de anos anteriores ou por materiais de outras

fontes. Foram êstes números examinados cuidadosamente e, em alguns casos, revisados mesmo pelos delegados da Convenção, no Rio, e que vieram de todos os continentes do globo. Além dos serviços dos dois Secretários Gerais da Associação, muito auxílio nesta coleção, compilação e revista foi prestado pelo Dr. Samuel D. Price, de saudosa memória, pelo Dr. Robert M. Hopkins Jr., de Nova York, e por Sir Arthur Black, de Londres.

Cremos que a relação contém as informações mais completas que até agora foram publicadas pela Associação Mundial. São informações vindas de todos os principais países do mundo, menos da Rússia que, um ano antes de começar a guerra mundial, relatou o número de 896 escolas dominicais, com a matrícula de 72.254 professores, oficiais e alunos em sua área. A Associação agradecerá a quem puder fornecer, com segurança, correções ou acréscimos a êste sumário estatístico.

Para que o leitor possa apreciar o desenvolvimento da obra em todo o mundo dá-se, no fim da lista, um quadro comparativo entre totais do ano de 1907, quando a Associação começou definitivamente o seu serviço de mandar missionários e de estender seu auxílios aos vários campos, e os totais de 1913, o ano anterior á grande guerra.

E' motivo de satisfação verificar que todos os continentes partilham do aumento da obra aquí registrado agora. A Europa, que muito tem sofrido, em sua vida e riquezas, a consequência da grande guerra e dos subsequentes casos de nacionalismo, comunismo e secularismo, tem um aumento menor.

Deve-se levar em conta que êstes dados não representam o número total de crianças ou jovens que, através do mundo, recebem regularmente, fora de seus lares, alguma instrução religiosa cristã. Uma compilação geral, neste sentido, ainda não foi feita. Sabe-se, todavia, que é mantido nas Escolas de Férias e nas escolas paroquiais, realizadas nos dias úteis (Week-day Church Schools) um ensino religioso bem definido e que crescentemente vêm influenciando milhões de vidas preciosas.

Causa imensa satisfação o fato de que num período tão curto o movimento da Escola Dominical pode apresentar aumentos tão significativos. Tendo tido comêço ha cêrca de cento e vinte anos como uma instituïção inglesa, já se estendeu a quasi todos os países do mundo. Durante êste último quatriênio os maiores aumentos, proporcionalmente, são fornecidos pela África e pela América Latina.

Uma tarefa solene e tremenda aguarda a "Igreja que ensina". Os dados dêste sumário, e para que se convida a atenção cuidadosa do povo evangélico, são motivo de render graças a Deus por sua direção e, ao mesmo tempo um repto, a que se dedique á Educação Cristã, em todas as nações e em todas as esferas da vida humana, um interêsse mais inteligente e um servigo mais ativo.

ESTATÍSTICA DA ESCOLA DOMINICAL

(POR PAÍSES E CONTINENTES)

ÁFRICA

	N.º de Escolas	N.º de oficiais e professores	N.º de alunos	Total da Matrícula
1. (*) Abissínia	3	31	314	345
2. (*) África Oriental Portuguesa	200	672	9,408	10,080
3. Algéria	42	55	2,088	2,143
4. (*) Angola	103	863	12,085	12,948
5. (*) Bechuanalândia	123	500	5,831	6,331
6. (*) Camarões (Possessão francesa)	1,123	7,542	105,594	113,136
7. (*) Congo Belga	988	5,436	54,366	59,802
8. (*) Costa do Marfim e África Ocidental Francesa	104	858	8,580	9,438
9. (*) Costa do Ouro	649	3,401	47,609	51,010
10. (*) Daomé	90	69	2,245	2,314
11. Egito e Sudão	600	1,750	44,000	45,750
12. (*) Gâmbia	4	28	490	518
13. Guiné Portuguesa	—	—	—	—
14. Libéria	1,719	4,054	46,929	50,983
15. Madagascar	2,803	7,239	108,590	115,829
16. (*) Marrocos	3	20	87	107
17. (*) Nigéria	2,300	13,000	182,002	195,002
18. (*) Protetorado do Niassa	1,008	1,907	26,698	28,605
19. (*) Região do Sudoeste	9	8	77	85
20. (*) Rio Muni e Fernão do Pó	26	140	1,404	1,544
21. Rio do Ouro	—	—	—	—
22. (*) Rodésia	336	1,879	26,319	28,198
23. Senegal	—	—	—	—
24. (*) Serra Leôa	220	981	13,741	14,722
25. (*) Tanganica	21	124	1,731	1,855
26. (*) Território de Kénia	128	428	5,990	6,418
27. Togo	—	—	—	—
28. Tripolitânia	—	—	—	—
29. (*) Tunes	3	18	90	108
30. Uganda	—	—	—	—
31. (*) União Sul-Africana	6,000	20,000	300,000	320,000
Totais para a África	18,605	71,003	1,006,268	1,077,271

(*) Incompleto, ou da última estatística.

	N.º de Escolas	*N.º de oficiais e profes-sores*	*N.º de alunos*	*Total da Ma-trícula*
América Central				
32. (*) Costa Rica.	11	74	744	818
33. (*) Guatemala.	242	633	7,447	8,080
34. (*) Honduras.	38	291	2,909	3,200
35. (*) Honduras Britânicas .	16	88	1,830	1,918
36. (*) Nicarágua.	54	498	4,980	5,478
37. Panamá.	51	636	9,607	10,243
38. (*) S. Salvador.	40	96	964	1,060
Totais para a América Central	452	2,316	28,481	30,797
América do Sul				
39. Argentina.	566	2,524	31,405	33,929
40. (*) Bolívia.	50	29	3,103	3,132
41. Brasil.	2,276	8,664	117,842	126,506
42. Chile.	478	1,835	27,340	29,175
43. Colômbia.	30	87	1,692	1,779
44. Equador.	21	70	1,025	1,095
45. (*) Guiana Holandesa. . .	25	139	1,954	2,093
46. (*) Guiana Inglesa. . . .	243	960	13,441	14,401
47. Paraguai.	37	80	894	974
48. (*) Perú.	165	595	8,333	8,928
49. Uruguai.	80	400	3,100	3,500
50. (*) Venezuela.	48	152	2,125	2,277
Totais para a América do Sul.	4,019	15,535	212,254	227,789
Índias Ocidentais				
51. (*) Cuba.	193	1,606	16,056	17,662
52. (*) Haití.	58	197	1,972	2,169
53. (*) Ilha das Virgens. . .	20	262	2,615	2,877
54. (*) Ilhas das Bahamas. .	112	651	6,507	7,158
55. (*) Ilhas Bermudas. . . .	1	5	51	56
56. (*) Jamaica.	847	8,429	84,289	92,718
57. (*) Pequenas Antilhas. . .	129	1,452	14,523	15,975
58. Porto Rico.	534	2,389	46,062	48,451
59. (*) S. Domingos.	28	168	1,685	1,853
60. (*) Trindade e Tobago. .	161	1,175	11,748	12,923
Totais para as Índias Ocidentais	2,083	16,334	185,508	201,842
Totais para a América Latina.	6,554	34,185	426,243	460,428

(*) Incompleto, ou da última estatística.

	N.º de Escolas	*N.º de oficiais e professores*	*N.º de alunos*	*Total da Matrícula*
61. Alasca.	68	347	3,839	4,186
62. Domínio do Canadá .	10,853	107,208	1,047,321	1,154,529
63. Estados Unidos da América do Norte .	173,714	2,084,698	19,523,064	21,607,762
64. Groenlândia.	—	—	—	—
65. Havai.	293	2,870	24,962	27,832
66. Labrador.	—	—	—	—
67. México.	406	1,652	24,091	25,743
68. (*) Terra Nova.	49	625	4,375	5,000
Totais para a América do Norte	185,383	2,197,400	20,627,652	22,825,052
ÁSIA				
69. Afganistão.	—	—	—	—
70. Arábia.	5	5	151	156
71. Bucara.	—	—	—	—
72. (*) Burma.	789	2,649	37,093	39,742
73. Ceilão.	586	2,667	30,038	32,705
74. (*) China.	5,698	12,291	259,261	271,552
75. Cipro.	2	15	130	145
76. Coréia.	6.048	33,230	369,081	402,311
77. Formosa.	190	1,514	11,895	13,409
78. Ilhas Filipinas. . . .	1,253	6,314	74,946	81.260
79. Índias.	18.500	30,700	710,000	740,700
80. (*) Indo-China.	57	127	1,909	2,036
81. Japão.	2,927	12,662	180,863	193,525
82. Malásia.	128	474	6.635	7,109
83. (*) Manchúria.	296	1,191	11,137	12,328
84. Mesopotânia.	5	13	116	129
85. Palestina.	51	195	4,141	4,336
86. (*) Pérsia.	40	17	1,689	1,706
87. Sião.	115	588	5,209	5,797
88. Síria.	128	668	14,788	15,456
89. Tibet.	—	—	—	—
90. Turquestão.	—	—	—	—
91. Turquia.	—	—	—	—
Totais para a Ásia.	36.818	105,320	1,719,082	1,824,402
AUSTRALÁSIA E OCEANIA				
92. Austrália.	7,601	70,121	558,628	628,749
93. (*) Ilhas do Pacífico do Sul.	1,793	3,252	74,695	77,947

(*) Incompleto, ou da última estatística.

	N.º de Escolas	N.º de oficiais e profes-sores	N.º de alunos	Total da Ma-trícula
94. (*) Índias Orientais. . .	98	1,411	19,757	21,168
95. Nova Zelândia. . . .	2,528	17,603	162,153	179,756
Totais para a Australásia e Oceania.	12,020	92,387	815,233	907,620
EUROPA				
96. Albânia.	1	20	225	245
97. (*) Alemanha.	14,508	55,545	1,111,359	1,166,904
98. Áustria.	265	386	12,124	12,510
99. Bélgica.	95	245	2,616	2,861
100. Bulgária.	76	197	3,786	3,983
101. Checo-Slováquia . . .	481	1,019	15,622	16,641
102. Dinamarca.	1,740	7,976	111,831	119,807
103. Escócia.	9,998	70,581	630,416	700,997
104. Espanha.	63	164	3,806	3,970
105. Estônia.	242	609	7,957	8,566
106. Finlândia.	9,639	20,878	216,082	236,960
107. (*) França.	1,500	6,200	65,000	71,200
108. (*) Grécia.	119	1,037	9,333	10,370
109. Húngria.	892	2,724	63,521	66,245
110. Inglaterra e Gales. .	40,351	554,898	5,152,920	5,707,818
111. Irlanda.	3,216	14,742	156,016	170,758
112. Islândia.	18	102	2,650	2,752
113. (*) Itália.	350	1,000	10,000	11,000
114. Iugo-Slávia.	149	170	8,766	8,936
115. Látvia.	259	1,119	12,128	13,247
116. (*) Lituânia.	20	70	800	870
117. Noruega.	2,472	10,639	189,146	199,785
118. Países Baixos. . . .	2,400	10,000	250,000	260,000
119. Polônia.	30	35	1,500	1,535
120. Portugal (continente e ilhas).	75	274	4,566	4,840
121. Rússia.	—	—	—	—
122. Suécia.	9,000	30,000	400,000	430,000
123. (*) Suissa.	2,250	7,693	158,000	165,693
124. Transilvânia.	1,556	3,166	50,397	53,563
Totais para a Europa.	101,765	801,489	8,650,567	9,452,056
Total Geral.	361,145	3,301,784	33,245,045	36,546,829

(*) Incompleto, ou da última estatística.

RESUMO DA ESTATÍSTICA

	N.º de Escolas	*N.º de oficiais e professores*	*N.º de alunos*	*Matrícula total*	*Aumento no quatriênio*	*Percentagem do aumento*
África. . .	18,602	71,003	1,006,268	1,077,271	287,613	36.4
América Latina. .	6,554	34,185	426,243	460,428	79,949	21.0
América do Norte . .	185,383	2,197,400	20,627,652	22,825,052	2,854,423	14.3
Ásia. . . .	36,818	105,320	1,719,082	1,824,402	148,396	8.8
Australásia e Oceania	12,020	92,387	815,233	907,620	27,190	3.9
Europa. . .	101,765	801,489	8,650,567	9,452,056	134,306	1.4
Totais em 1932. .	361,145	3,301,784	33,245,045	36,546,829	3,531,877	10.7
Para comparação						
1913. . . .	310,057	2,669,630	27,345,407	30,015,037	(Aumento 1913-32) 6,531,792	21.8
1907. . . .	255,544	2,419,444	22,618,392	25,037,836	(Aumento 1907-32) 11,508,993	45.9

RESUMO DA ESTATÍSTICA DA 11ª CONVENÇÃO MUNDIAL DE ESCOLAS DOMINAIS:

Delegados brasileiros presentes.	660
" " inscritos, que não compareceram..........	229
" sul-americanos.	58
" dos demais países.....................................	220
" brasileiros, com registro parcial.........................	149
Membros do Côro da Convenção, além dos coristas-delegados. .	312
" da Representação Alegórica, além dos inscritos como delegados.	221
Total..............................	1.849

Fizeram-se representar 33 países, e ás sessões noturnas assistiram sempre entre 2.000 e 2.200 pessoas.

E' a seguinte a distribuïção dos 889 delegados brasileiros, devidamente inscritos, por Estados e Denominações:

Por Estados

Capital Federal	352
Estado de São Paulo	188
" " Minas Gerais	154
" do Rio de Janeiro	66
" " Rio Grande do Sul	40
" " Espírito Santo	31
" de Paraná	18
" da Baía	11
" de Pernambuco	8
" do Ceará	5
" de Santa Catarina	5
" " Mato Grosso	3
" da Paraíba do Norte	3
" de Goiás	3
" " Alagôas	1
" do Maranhão	1
Total	889

Por Denominações

Presbiterianos	329
Metodistas	253
Congregacionais	109
Batistas	64
Presbiterianos Independentes	48
Episcopais	28
Igreja Cristã	6
Diversos	52
Total geral	889

SEXTA PARTE

RESOLUÇÕES E ORGANIZAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO MUNDIAL DE ESCOLAS DOMINICAIS

RESOLUÇÕES DA CONVENÇÃO

Visto que ha sentimentos comuns que deverão ser expressos em nome dos 1.200 delegados de 33 nações que assistiram á 11ª Convenção Mundial de Escolas Dominicais, representando mais de 35.000.000 nas Escolas Dominicais em todo o Universo, recomendamos as seguintes resoluções:

Em vista das gentilezas dispensadas, que expressemos nossa apreciação cordeal e sinceros agradecimentos:

Ao Govêrno da República do Brasil e autoridades municipais do Rio de Janeiro pela concessão do Teatro Municipal e João Caetano e Escola Nacional de Belas Artes.

Ao interventor do Distrito Federal, Dr. Pedro Ernesto, pela carta atenciosa de boas-vindas enviada aos oficiais da Convenção.

A' União das Escolas Dominicais do Brasil pelo convite para a realização da 11ª Convenção Mundial de Escolas Dominicais na cidade do Rio de Janeiro; ao presidente local, oficiais e membros da Comissão Executiva, especialmente aos Srs. José L. F. Braga Júnior, Dr. H. C. Tucker, Dr. Benjamin H. Hunnicutt e Dr. Herbert S. Harris.

Ao presidente, ministros do Evangelho e oradores, especialmente aos intérpretes, pela sua valiosa contribuïção. Um agradecimento especial ao Dr. F. F. Soren, presidente da Comissão de Intérpretes.

Ao côro da Convenção, ao côro de crianças, aos cantores, músicos e aos membros da representação alegórica, com agradecimentos especiais pelos serviços prestados pelo professor H. Augustine Smith, da Universidade de Boston.

Aos vários floristas da cidade, que embelezaram o Teatro em cada sessão da Convenção.

Aos organizadores e promotores do excelente mostruário de livros sobre educação e missões, com agradecimento especial ao Sr. Harvey F. Cressman, de Filadélfia, pelo metódico arranjo.

A' imprensa, pela bondade e gentileza das notícias concedidas ao público.

Aos escoteiros e porteiros da Convenção, pela cortezia e serviços prestados.

Ao presidente, oficiais e Comissão da Associação Mundial de Escolas Dominicais, pela presteza com que atenderam a todas as necessidades da Convenção.

A todos os que de alguma forma contribuïram para o sucesso da Convenção.

Resolvemos também que demonstremos nossa gratidão a Deus pelo interêsse crescente que se observa em todo o mundo pelo bem-estar da criança e pelo desenvolvimento e poder da Escola Dominical na vida universal.

Resolvemos manifestar nossa convicção do grande valor dos obreiros da Escola Dominical nas contribuïções que fizeram nas conferências e estudos, e que agradeçamos aos que hàbilmente os guiaram.

Visto que confrontamos certos problemas sociais, recomendamos:

1. Que o uso de bebidas alcoólicas sendo prejudicial e destrutivo, especialmente á mocidade de todas as nações, recomendamos o ensino frequente e eficiente sobre o alcool nas Escolas Dominicais e Escolas Diárias, visando a proïbição da venda de bebidas alcoólicas, pela instrução, preceito, exemplo e pela lei.

2. Que honremos em nossa conduta e apoiemos pela nossa influência o acôrdo de Haya, com respeito a proïbição da venda ilegal de ópio, morfina e outras drogas perniciosas, e que encorajemos outros a assim agir.

3. Que enèrgicamente protestemos contra a mania do jogo tão comum em nossos dias. Apelamos aos guias da Escola Dominical para prestarem todo o seu concurso nesse sentido.

4. Deploramos a inferioridade dos films exibidos nos cinemas na América Latina e em todo o mundo e apelamos aos produtores e distribuïdores de films que retifiquem, reformem aquilo que se tem tornado uma ameaça á amizade internacional.

5. Num mundo que se transformou num vizinho e que se transforma pouco a pouco numa irmandade, demonstramos nossa apreciação pelos serviços prestados pelo rádio internacional e aplausos aos guias da Escola Dominical que aproveitem esta oportunidade o mais que puderem, intensificando a amizade internacional.

6. Que em vista da situação espiritual, moral, social e econômica presente, do mundo, da ânsia por melhoria em toda a parte, esta Convenção crê que a Igreja Cristã tem hoje a sua maior oportunidade de confrontar com as vozes proféticas na solução dos problemas modernos.

7. A guerra é o perigo principal dos povos hoje, e nos colocamos ao lado do movimento pró-paz e sentimos a necessidade urgente de ensinar ás crianças o sentimento de fraternidade universal.

8. Que expressemos nossa gratidão a Deus pelo progresso das negociações de paz, redução das reparações e consequente alívio dos grandes orçamentos; apelamos ás fôrças das Escolas Dominicais para que se propague a paz até que se acabem todas as guerras.

9. Resolvemos expressar nossa profunda gratidão a Deus pelos relatórios do desenvolvimento da Escola Dominical e outros ramos de educação cristã trazidos pelos delegados de todos os continentes; que reconheçamos nestas oportunidades um grande desafio e pedimos as orações pessoais e o auxílio financeiro para levarmos avante a grandiosa obra da Associação Mundial de Escolas Dominicais.

A 12ª CONVENÇÃO MUNDIAL DE ESCOLAS DOMINICAIS

"Onde será realizada a próxima Convenção"? Eis um problema realmente difícil.

A Comissão nomeada pela Comissão Executiva da Associação Mundial de Escolas Dominicais teve de considerar vários convites presentes, e resolveu escolher o norte da Europa, por ser a proposta mais fortemente apoiada. O convite veio de Oslo, Noruega.

A cidade a se designar para a realização da Convenção ficará a critério da Secção Britânica da Associação Mundial de Escolas Dominicais, por isso que o continente da Europa está sob sua jurisdição.

Ficou assente, ainda mais, que o local definitivo será escolhido entre as Capitais do Norte da Europa, de acôrdo com as necessidades da época.

1936 — é o ano da próxima convenção. — Fazei vossos planos afim de assistí-la. O local a ser escolhido certamente agradará a todos!

A ASSOCIAÇÃO MUNDIAL DE ESCOLAS DOMINICAIS

A Associação Mundial de Escolas Dominicais é uma federação de Conselhos de Educação Religiosa e Associações de Escolas Dominicais interdenominacionais, nacionais e internacionais de todo o mundo. Quarenta e oito destas organizações constituem a federação. Cada uma é representante eletivamente das igrejas, missões e outras corporações reconhecidas e que desejam trabalhar em cooperação.

Matrícula das Escolas Dominicais

Nos quarenta anos de existência da Associação Mundial de Escolas Dominicais o número de membros matriculados subiu de 19.715.781, em 1889, para 37.083.662 em 1930. O aumento, nos últimos quatro anos, tem sido á razão de um milhão por ano. Missionários e trabalhadores têm sido distribuídos estratègicamente, no campo das Escolas Dominicais, em muitas nações, pela Associação Mundial, e o desenvolvimento da Educação Cristã, sob sua liderança, tem sido altamente compensador.

Orçamento Anual

Fizeram-se orçamentos em 1931 para auxiliar a obra de educação religiosa nos seguintes campos:

África do Sul
Argentina
Áustria
Bélgica
Brasil
Bulgária
Burma
Ceilão
Chile
China

Egito
Equador
Estônia
França
Grécia
Húngria
Índia
Islândia
Itália
Iugo-Slávia
México

Palestina
Papua
Paraguai
Perú
Filipinas
Polônia
Rumânia
Síria
Checo-Slováquia
Japão

Convenções Mundiais

Dez Convenções de Escolas Dominicais já foram realizadas pela Associação Mundial, com ampla representação de muitos países.

1.ª	Londres,	1889	6.ª	Washington,	1910
2.ª	São Luiz,	1893	7.ª	Zurich,	1913
3.ª	Londres,	1898	8.ª	Tokio,	1920
4.ª	Jerusalém,	1904	9.ª	Glasgow,	1924
5.ª	Roma,	1907	10.ª	Los Angeles,	1928

A Convenção no Rio de Janeiro é a 11ª da série.

Desenvolvimento Indígena

A função da Associação Mundial de Escolas Dominicais é cooperar com as igrejas indígenas nascentes para assegurar a cooperação e liderança no adiantamento da educação cristã da infância e mocidade. A Escola Dominical, Escola Bíblica de Férias e Classe Bíblica, o preparo de pastores, professores e dirigentes e a produção de literatura indígena são alguns dos meios usados. Visitas recentes aos campos têm revelado muitas oportunidades estratégicas. Os pedidos de auxílio são urgentes e numerosos. E' chegado o tempo em que esta obra de educação cristã internacional, interracial e interdenominacional deve e pode avançar decididamente para ótimo futuro.

A OBRA DA ASSOCIAÇÃO MUNDIAL DAS ESCOLAS DOMINICAIS

DEPENDE PRINCIPALMENTE DOS DONATIVOS INDIVIDUAIS QUE ASSEGUREM A SUA MANUTENÇÃO

Vossa vida tem sido enriquecida pelas experiências da Escola Dominical.

Declarai, pois, no vosso testamento o legado que destinais àquela instituïção, para que bênçãos semelhantes se patenteiem na vida de outras creaturas, por meio da Associação Mundial das Escolas Dominicais.

Podereis escrever o seguinte:

"Lego á Associação Mundial das Escolas Dominicais ......dólares, que serão utilizados na manutenção da referida instituïção".

Mencionai essa instituïção no vosso testamento.
Sede generoso, porque o campo é o mundo.
A oferta será depositada num "Fundo Permanente".
A renda será vossa contribuïção anual.

O plano de "Anuidades" garante-vos um emprêgo seguro e lucrativo dos vossos capitais. Podereis contar, portanto, com uma renda segura do vosso dinheiro, por toda a vida.

Escrevei, para melhores informações, á Associação Mundial das Escolas Dominiacis, 216, Metropolitan Tower, New York City, N. Y.

ESTATUTOS DA ASSOCIAÇÃO MUNDIAL DE ESCOLAS DOMINICAIS

REVISTOS NO RIO DE JANEIRO, EM 23 DE JULHO DE 1932

I — *Dos fins*

Os fins e os objetivos desta organização são de ordem espiritual, educacional, missionária e beneficente, sendo seu propósito particular promover a educação cristã, incluindo a obra organizada das Escolas Dominicais, encorajar o estudo da Bíblia e cooperar na propagação da religião cristã e no desenvolvimento do caráter cristão, em todo o mundo.

II — *Da organização*

(1) — A Associação Mundial de Escolas Dominicais é uma federação na base das Associações Nacionais ou Internacionais e Interdenominacionais de Escolas Dominicais, ou Conselhos de Educação Religiosa, ou Conselhos Cristãos Nacionais, nos países em que tais Conselhos incluem Educação Religiosa e Escolas Dominicais, dentro do escopo de sua organização, e onde quer que tais grupos existam ou venham a se formar.

(2) — O principal método para a execução dos propósitos da Associação é o de promover a organização dêsses Conselhos ou Associações, Internacionais ou Nacionais, em entidades autônomas, com capacidade para o seu próprio sustento, direção e propagação, sob a liderança de nacionais, em inteira comunhão com as corporações congêneres.

(3) — Tais Associações ou Conselhos serão constituídos de modo a satisfazer as necessidades de qualquer país ou grupo de países que os representantes das igrejas e missões cooperantes determinarem. Tais Associações ou Conselhos deverão ser financiados, logo que possível, com os seus próprios recursos.

III — *Dos membros*

Sòmente os membros das Igrejas que mantêm a fé evangélica poderão ser eleitos para fazer parte da Associação. Os oficiais ou membros da Comissão Executiva da Associação, como adiante se estipula, constituirão a assembléia da Associação Mundial das Escolas Dominicais, conforme se determina no Certificado de Incorporação.

IV — *Dos oficiais*

Os oficiais da Comissão Executiva da Associação Mundial de Escolas Dominicais são: um presidente, três vice-presidentes, um tesoureiro, um secretário-arquivista e dois secretários gerais, que serão eleitos pela Comissão Executiva, para um exercício de quatro anos, ou até que os seus sucessores sejam regularmente eleitos.

V — *Da Comissão Executiva*

(1) — A Comissão Executiva consistirá dos representantes eleitos pelas diversas Associações ou Conselhos, Nacionais e Internacionais que constituem esta Federação, como adiante se determina, juntamente com os oficiais eleitos da Associação e mais dez membros livremente escolhidos pela Comissão Executiva por um têrmo de quatro anos, ou até que seus sucessores sejam regularmente eleitos. O atual presidente da Convenção e todos os anteriores serão, *ex-officio,* membros da Comissão Executiva.

(2) — Cada Associação ou Conselho, Nacional ou Internacional, aceito pela Comissão Executiva como membro desta Federação, terá direito a um representante na Comissão Executiva e a um representante adicional para cada meio milhão de membros ou a maior fração dêste número, de acôrdo com o relatório apresentado na última Convenção, desde que nenhuma corporação venha a ter mais de um terço dos membros da Comissão Executiva, inclusive os membros de livre escolha.

(3) — Os representantes das várias corporações serão eleitos por um têrmo máximo de quatro anos, ou até que seus sucessores sejam regularmente eleitos.

Tais corporações nomearão substitutos e preencherão quaisquer vagas.

(4) — A Comissão Executiva, tendo conhecimento das indicações feitas pelas respectivas "Comissões Administrativas", como adiante constituídas, elegerá os Secretários Gerais da Associação. O principal dever dos Secretários Gerais será criar, desenvolver e animar os Conselhos ou Associações dos diversos países, para o que muito do seu tempo deverá ser gasto em visitas demoradas aos referidos países, afim de se tornarem conhecedores dos problemas locais e para auxiliarem na execução dos programas, na administração das Associações e na sua organização.

(5) — Os Secretários Gerais exercerão sua atividade sob a direção da Comissão Executiva, que coordenará os seus trabalhos.

(6) — A Comissão Executiva terá uma reunião ordinária, em conexão com a Convenção Mundial das Escolas Dominicais.

Reuniões extraordinárias poderão realizar-se durante o quatriênio e serão convocadas pela Comissão de Referência e Conselho, constituida como adiante se indica, e com três meses, ao menos, de antecedência.

(7) — Quinze membros da Comissão Executiva constituïrão *quorum*, desde que se achem representadas três Associações ou Conselhos.

(8) — A Comissão Executiva indicará para o quatriênio uma Comissão de Referência e Conselho, e quantas comissões se tornarem necessárias.

(a) — A Comissão de Referência e Conselho se comporá dos seguintes membros: do Presidente da Comissão Executiva, que será seu presidente; do presidente de cada Comissão Administrativa; dos Secretários Gerais e do Tesoureiro, *ex-officio;* de um membro indicado pela Comissão Administrativa Britânica; de outro pela Comissão Administrativa Americana; de dois membros adicionais, eleitos pela Comissão Executiva. A Secção Britânica, bem como a Americana, poderá nomear um procurador substituto do seu representante.

(b) — A Comissão de Referência e Conselho tem poderes para representar a Comissão Executiva, de acôrdo com os Estatutos e a praxe da Associação, podendo considerar e resolver qualquer assunto urgente, no interregno das reuniões da Executiva.

(c) — Em cada reunião quatrienal da Comissão Executiva far-se-á um orçamento da receita e despesas da Associação, para o quatriênio seguinte, inclusive as quantias a serem dispendidas pelas duas Comissões Administrativas da Associação, ao sustento da obra nos vários campos, de acôrdo com o orçamento apresentado por uma e outra Comissão. A Comissão de Referência e Conselho, representando a Associação, fiscalizará a aplicação das verbas orçadas e o funcionamento do plano financeiro geral da Associação, com direito de fazer quaisquer modificações que se tornarem necessárias nos orçamentos.

VI — *Comissões de Administração*

(1) — Entre as reuniões da Comissão Executiva, os trabalhos da Associação serão administrados por duas Comissões Administrativas: — a Comissão Administrativa Britânica e a Comissão Administrativa Norte-Americana, que trabalharão em caráter cooperativo direto com as associações ou conselhos nacionais que constituem, nas suas respectivas áreas, as unidades componentes da Associação.

(2) — As Comissões de Administração serão eleitas pela Comissão Executiva da Associação nas datas das Convenções Quatrienais, para quatro anos, ou até que sejam regularmente escolhidos seus sucessores.

A maioria dos membros de cada Comissão Administrativa será de membros da Comissão Executiva da Associação. As vagas que se verificarem nestas Comissões, durante o quatriênio, deverão ser preenchidas pela respectiva Comissão e com a confirmação final por parte da Comissão de Referência e Conselho.

(3) — A Comissão Executiva da Associação designará definitivamente as zonas de ação de cada uma dessas Comissões, para os fins de promoverem o desenvolvimento da obra em seus campos respectivos, tudo em cooperação com as associações ou conselhos já creados ou a serem creados nos lugares designados.

(4) — A Comissão Executiva determinará as responsabilidades financeiras totais que assume cada quatriênio, em benefício das Comissões de Administração, sujeitando-se, porém, êste orçamento a qualquer revisão que, durante o quatriênio, a Comissão de Referência e Conselho julgar necessário executar.

(5) — Cada Comissão Administrativa determinará sua organização interna para o quatriênio, elegendo seus oficiais e nomeando as comissões que achar necessárias, com o fito de promover eficazmente a obra educativa religiosa em seus respectivos campos. Poderá adotar os estatutos e regulamentos que achar convenientes, desde que não entrem em conflito com o Certificado de Incorporação e com os Estatutos da Associação.

(6) — Por ocasião das reuniões ordinárias da Comissão Executiva, nas épocas das Convenções Quatrienais, cada Comissão Administrativa indicará o nome de um Secrátario Geral para o quatriênio seguinte. A eleição, porém, só será feita pela Comissão Executiva.

(7) — A Comissão Executiva designará, de cada Comissão Administrativa, um dos dois Secretários eleitos para ser o oficial executivo dessa Comissão. Cada Comissão Administrativa organizará seus trabalhos e determinará o ordenado do Secretário Geral assim designado.

(8) — O Presidente, com o Secretário Geral de cada Comissão Administrativa, fará anualmente, á Comissão de Referência e Conselho da Associação, um relatório dos trabalhos da Comissão, inclusive uma relação completa de seu estado e negócios financeiros. Êstes oficiais farão também um relatório quatrienal á Comissão Executiva da Associação, bem como darão qualquer relatório e informações que forem pedidos pelo Presidente da Comissão Executiva.

VII — *Dos Fundos da Associação*

Os Fundos da Associação, quer os recebidos em forma de legado, quer os ofertados para os fundos permanentes, serão devidamente invertidos em meios garantidos, pelo tesoureiro da Associação e com aprovação da Comissão de Referência e Conselho, e a renda, a não ser que o doador estipule outra forma, será usada para os trabalhos missionários da Associação, sendo que dez por cento se destinam ás despesas administrativas.

VIII — *Da sede*

A sede da Associação será em Nova York, onde, logo que possível, deverá ser construído o seu escritório central.

IX — *Convenção Mundial*

(1) — A Associação realizará, de quatro em quatro anos, tanto quanto possível, uma Convenção Mundial de Escolas Dominicais, em lugar e tempo designados pela Comissão Executiva.

(2) — Os oficiais da Convenção serão um presidente e doze vice-presidentes, indicados pela Comissão Executiva e eleitos pela Convenção, para o quatriênio.

X — *Do sêlo*

O sêlo da Associação conterá as palavras: "Associação Mundial das Escolas Dominicais — Incorporada (ou registrada) de acôrdo com as leis do distrito de Columbia, Estados Unidos da América do Norte, Abril, 21, 1927".

XI — *Emendas*

Êstes Estatutos podem ser emendados em qualquer reunião da Comissão Executiva, desde que tenha havido notificação escrita das emendas, propostas numa reunião anterior.

CERTIFICADO DE INCORPORAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO MUNDIAL DE ESCOLAS DOMINICAIS

(Segundo as Leis do Distrito de Colúmbia)

As pessoas abaixo assinadas, em número de cinco, maiores, todas cidadãos dos Estados Unidos, a maioria das quais cidadãos do Distrito de Colúmbia, desejando associar-se para certos fins enumerados na Secção 599 do Sub-capítulo III, do Capítulo XVIII, de "Um decreto para estabelecer um código de lei para o Distrito de Colúmbia" em vigor desde 3 de Março de 1901, agora aquí fazem, assinam e reconhecem êste certificado de incorporação, e certificam como segue:

CONSIDERANDO que tem existido por alguns anos uma organização voluntária não incorporada (sem existência jurídica ou legal) conhecida pelo nome de "Associação Mundial de Escolas Dominicais", a qual tem realizado, em ocasiões diferentes e em diferentes partes do mundo, convenções, conhecidas pelo nome de *Convenções Mundiais de Escolas Dominicais,* a última das quais se verificou na cidade de Zurich, Suissa, de 8 a 15 de Julho de 1913;

CONSIDERANDO que em tais convenções certos oficiais e uma comissão conhecida como a Comissão Executiva da *Associação Mundial de Escolas Dominicais,* têm sido escolhidos para dirigir os trabalhos da Associação até a reunião da convenção seguinte; e

CONSIDERANDO que os ditos oficiais e comissão executiva desejam incorporar-se sob o nome de *Associação Mundial de Escolas Dominicais*: Resolvem,

Primeiro: — O nome ou título pelo qual esta corporação será conhecida legalmente é "ASSOCIAÇÃO MUNDIAL DE ESCOLAS DOMINICAIS".

Segundo: — A Associação terá duração perpétua.

Terceiro: — As atividades e objetivos especiais desta corporação são filantrópicos, caritativos, educacionais, religiosos, missionários, e estimular o mútuo aperfeiçoamento, sendo o seu propósito principal promover o trabalho organizado da Escola Dominical; animar o Estudo da Bíblia; auxiliar a disseminação da religião Cristã e desenvolver o caráter cristão por todo o mundo.

Quarto: — As seguintes pessoas (seguem-se os nomes das oitenta e sete pessoas da Comissão Executiva então existente) e as que forem eleitas segundo as regras e estatutos a serem adotados pela dita associação, serão sócios desta associação.

Quinto: — Os oficiais da associação serão um presidente, um ou mais de um vice-presidente, um ou mais de um secretário, um ou mais de um tesoureiro, com outros tantos oficiais e comissões quantos a associação venha a escolher, que manterão seus cargos, nomeações ou empregos, de conformidade com o prescrito nos estatutos. A associação pode, por cláusula estatutária, crear uma comissão executiva para agir no interregno das reuniões da associação, declarados os seus deveres e poderes nos estatutos.

O número de administradores do patrimônio (trustees), diretores ou gerentes desta corporação para o primeiro ano de sua existência será de setenta e cinco pessoas, ora componentes da comissão executiva, e tais administradores do patrimônio, diretores ou gerentes serão conhecidos como a comissão executiva da *Associação Mundial de Escolas Dominicais*.

Sexto: — A dita Associação, poderá, si julgar aconselhável ou vantajoso ao seu desenvolvimento nos diferentes países do mundo, dividir-se em duas ou mais secções, cujos nomes, poderes e limitação serão declarados e definidos por estatutos, e cada uma das ditas secções, quando assim definida e organizada, terá todos os poderes aquí declarados, tudo, porém, de acôrdo com as leis e regulamentos dos países nos quais tiver jurisdição, de modo que a nenhuma secção assista o direito e o poder de crear qualquer onus que venha pesar sobre a associação como todo, ou sobre qualquer outra secção da mesma. Cada secção poderá ter uma diretoria (board of managers) cujos deveres e poderes serão prescritos pelos estatutos.

Setimo: — A associação poderá fazer, adotar ou modificar, á vontade, as regras e estatutos (rules and by-laws) que julgar necessários ao seu govêrno, nunca, todavia, em conflito com esta carta, com a constituïção dos Estados Unidos da América e com as leis em vigor no Distrito de Colúmbia, e prescreverá o tempo das reuniões, o número que constituïrá *quorum* para discutir as regras de caráter comercial, como os votos dos sócios serão contados e outros assuntos

que venham a se considerar necessários e convenientes aos objetivos da associação.

Oitavo: — A associação não terá capital em ações, e a propriedade particular de seus sócios não responderá pelas dívidas da corporação.

Nono: — O escritório principal da associação funcionará na Cidade de Nova York, no Estado do mesmo nome, um dos Estados Unidos da América. As reuniões da associação poderão realizar-se em qualquer lugar escolhido pela associação, convocadas de acôrdo com os estatutos.

Décimo: — A dita corporação será um corpo juridicamente organizado, e com êsse nome poderá usar e ter um sêlo comum, alterar e modificar o mesmo á vontade, podendo tomar, receber, guardar conduzir toda a propriedade real e pessoal necessária aos fins da corporação, assim como poderá tomar, receber, guardar e conduzir outra propriedade real e pessoal, e a renda líquida anual, a qual não excederá do valor de vinte e cinco mil dólares, ($25,000). A referida corporação terá o poder de contratar, bem como capacidade legal para demandar e ser demandada, em todas as côrtes legais.

Em testemunho do que, assinamos êste a 19 de Abril de 1917.

As firmas de H. J. Heinz e James W. Kinnear estão reconhecidas por Berth Troth.

H. J. Heinz
James W. Kinnear.

As firmas de William Dalton, Justin Morrill Chamberlin e Charles Wheeler, estão reconhecidas por E. J. Newcomb.

William Dalton
Justin Morrill Chamberlin
Charles Wheeler.

Condado de Allegheny
Estado da Pensylvania.

Eu, Berth Troth, notário público no Condado de Allegheny, Estado da Pensylvania, certifico por esta que H. J. Heinz e James W. Kinnear foram partes numa certidão de incorporação da Associação Mundial das Escolas Dominicais, a qual tem a data de 19 de Abril de 1917, junto a êste, e compareceram perante mim no dito Condado e Estado os mesmos H. J. Heinz e James W. Kinnear, meus conhecidos, sendo os mesmos que fizeram a referida certidão, que reconheço como feita e escrita por êles.

Assinada por mim e com o meu sêlo, em 19 de Abril de 1917.

(Chancela do notário)

Berth Troth.

Minhas funções terminam a 2 de Fevereiro de 1919.

DISTRITO DE COLÚMBIA, SS.

Eu, Edward J. Newcomb, notário público no Distrito de Colúmbia, acima mencionado, por esta certifico que William Dalton, Justin Morrill Chamberlin e Charles Wheeler, partes na certidão junta da incorporação da Associação Mundial das Escolas Dominicais, a qual tem a data de 19 de Abril de 1917, compareceram pessoalmente perante mim no aludido Distrito os mesmos William Dalton, Justin Morrill Chamberlin e Charles V. Wheeler, por mim pessoalmente conhecidos como as pessoas que fizeram e assinaram a certidão, e individualmente reconheceram que a dita certidão foi por êles feita e assinada.

Em testemunho do que, vai a minha chancela com o sêlo oficial.

(Chancela do notário)

Edward J. Newcomb
Notary Public. D. C.

OFICIAIS DA ASSOCIAÇÃO MUNDIAL DE ESCOLAS DOMINICAIS

Presidente

Sir Harold Mackintosh, Halifax, Inglaterra

Vice-Presidentes

W. C. Pearce, L. H. D., Los Angeles, California
Charles Francis, Nova York
James Cunningham J. P., Glasgow, Escócia
Col. John A. Roxburgh, D. L., LL. D., Glasgow, Escócia
Bishop C. P. Wong, Changhai, China
Mr. Tadaski Yammomoto, Tokyo, Japão
Dr. Charles Anderson, Capetown, África do Sul
Sr. José Luiz F. Braga Jr., Rio de Janeiro, Brasil
Rev. John Mackenzie, Melbourne, Austrália
H. J. Schonwenberg, Amsterdam, Holanda
Rev. A. C. Harte, LL. D., Jerusalém, Palestina
Rt. Rev. Bishop Johan Lunde, Oslo, Norway, Noruega

OFICIAIS E MEMBROS DA COMISSÃO EXECUTIVA DA ASSOCIAÇÃO MUNDIAL DE ESCOLAS DOMINICAIS

Presidente

Deão Luther A. Weigle, Ph, D., New Haven, Conn.

Vice-Presidentes

H. C. Tucker, D. D., Rio de Janeiro, Brasil
S B. Chapin, Nova York
J. Arthur Rank, D. L., Reigate, Surrey, Inglaterra

Tesoureiro

Paul Sturtevant, Nova York

Secretário Arquivista

Hugh S. Magill, LL. D., Chicago, Illinois

Secretários Gerais

Robert M. Hopkins, D. D., LL. D., Nova York
James Kelly, D. D., Glasgow, Escócia

Vogais da Comissão Executiva

Theron Gibson, Toronto, Ontário, Canadá
Rev. Frank Rednar, Praga, Checo-Slováquia
Paul Sturtevant, Nova York
A. L. Warnahuis, D. D., Nova York
H. C. Tucker, D. D., Rio de Janeiro, Brasil
Takeshi Uhai, D. D., Kamakura, Japão
Charles R. Watson, D. D., Cairo, Egito
Rev. Wm. Paton M. A., Londres, Inglaterra
Rev. Hugh C. Stuntz, Buenos Aires, Argentina
Bishop J. R. Chitamber, Índia

Ex-Presidente — Membro Honorário da Comissão Executiva

W. C. Poole, D. D., Buenos Aires, Argentina

COMISSÃO DE REFERÊNCIA E CONSELHO

Deão Luther A. Weigle, New Haven, Connecticut
L. W. Simms, St. John, New Brunswick, Canadá
H. G. Chessher, Kent, Inglaterra
Sir Harold Mackintosh Halifax, Inglaterra
J. Arthur Rank, Reigate, Surrey, Inglaterra
Hugh R. Monro, Montclair, Nova Jersey
Hugh S. Magill, Chicago, Illinois
Paul Sturtevant, Nova York
Robert M. Hopkins, Nova York
James Kelly, Glasgow, Escócia

A COMISSÃO ADMINISTRATIVA NORTE-AMERICANA

W. B. Anderson
S. F. Areson
Jesse H. Arnup
Wade Crawford Barclay
Charles E. Burling
S. B. Chapin
Russell Colgate
George Copland
R. E. Diffendorfer
Harold I. Donnelly
John T. Faris
Theron Gibson
Mrs. Henry V. K. Gilmore
W. W. Hall
Wm. Albert Harbinson
Robert M. Hopkins
R. L. Howard
Walter M. Howlett
Samuel G. Inman
Frank Langford
John R. Mackay
Hugh S. Magill
R. E. Magill
W. H. Main
Daniel L. Marsh
Henry H. Meyer
Hugh R. Monro
Minot C. Morgan
Leslie B. Moss
Eric M. North
Harry E. Paisley
Frank E. Parkhurst
D. R. Poole
H. A. Reed
Ernest W. Riggs
Harold McA. Robinson
Roy G. Ross
L. W. Simms
Miss Irene Sheppard
Fred P. Stafford
Edward G. Sperry
George Stewart
Paul Sturtevant
A. L. Warnshuis
Luther A. Weigle
Sidney A. Weston

A COMISSÃO ADMINISTRATIVA BRITÂNICA

Stephen C. Bailey
Arthur Black
James Blackwood
Carey Bonner
Ernest C. Braham
Herbert G. Chessher
George H. Cook
James Cunningham
Miss Emily Huntley
Dr. James Kelly
Sir Harold Mackinstosh
George A. Mills
William Paton
J. Arthur Rank
Basil A. Yeaxlee

REPRESENTAÇÃO DAS UNIDADES CONSTITUTIVAS DA ASSOCIAÇÃO MUNDIAL DE ESCOLAS DOMINICAIS NA COMISSÃO EXECUTIVA

Africa do Sul — ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EE. DD. DA ÁFRICA DO SUL
Dr. Charles Anderson, Capetown

ALEMANHA — ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EE. DD. DA ALEMANHA — IGREJA ESTABELECIDA
ASSOCIAÇÃO DAS EE. DD. DAS IGREJAS LIVRES DA ALEMANHA
Rev. D. Piersig, D. D., Bremen
Rev. J. W. E. Sommer, M. A., D. D., Frankfort-on-Main

ARGENTINA — EL COMITÉ DE COOPERATIÓN DE LAS REPÚBLICAS DE LA PLATA
(incluindo Argentina, Paraguai e Uruguai)
Rev. Hugh C. Stuntz, Buenos Aires

AUSTRÁLIA — CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO RELIGIOSA DA AUSTRÁLIA
Rev. A. V. Ballard — Melbourne
Rev. John Mackenzie, M. A. — Melbourne

AUSTRIA — UNIÃO DE ESCOLAS DOMINICAIS DA ÁUSTRIA
Rev. Henrich Bargmann, Viena

BRASIL — CONSELHO EVANGÉLICO DE EDUCAÇÃO RELIGIOSA DO BRASIL
Rev. Galdino Moreira, Rio de Janeiro

BULGÁRIA — CONSELHO DE EDUCAÇÃO CRISTÃ DA BULGÁRIA

BURMA — UNIÃO DE ESCOLAS DOMINICAIS DE BURMA
Rev. C. E. Olmstead, Thongwa

CEILÃO — UNIÃO DE ESCOLAS DOMINICAIS DE CEILÃO
Sr. J. Vincent Mendis, Dehiwala

CHECO-SLOVÁQUIA — ASSOCIAÇÃO DAS ESCOLAS DOMINICAIS DE CHECO-SLOVÁQUIA
Rev. Frank Bedner, D. D., Praga

CHILE — COMISIÓN DE EDUCACIÓN DEL COMITE DE COOPERATIÓN
Sr. Pedro Zottele C., Santiago

CHINA — COMISSÃO NACIONAL DE EDUCAÇÃO RELIGIOSA CRISTÃ NA CHINA
Rev. Chester S. Miao, D. D., Changhai

CORÉIA — ASSOCIAÇÃO DE ESCOLAS DOMINICAIS DE CORÉIA

Rev. James K. Chung

DINAMARCA — UNIÃO DINAMARQUESA DE ESCOLAS DOMINICAIS

Dr. P. D. Koch, Copenhague

EGITO — COMISSÃO PARA AS TERRAS MAOMETANAS

Prof. Tawfik Saleh, Assiut

ESPANHA — UNIÃO DE ESCOLAS DOMINICAIS DA ESPANHA

Rev. Ambrósio Celma, Barcelona

ESTADOS UNIDOS E CANADÁ — CONSELHO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO RELIGIOSA

Sr. S. F. Areson, Nutley, N. J.
Sr. Wade Crawford Barclay, D. D., Chicago
Sr. Charles Burling, Nova York
Sr. S. B. Chapin, Nova York
Sr. Russell Colgate, Nova York
Sr. John T. Faris, D. D., Filadelfia
Sr. Wn. Albert Harbison, Nova York
Sr. Robt. M. Hopkins, D. D., LL., Nova York
Sr. Hugh S. Magill, LL. D., Chicago
Sr. R. E. Magill, Richimond, Va.
Sr. W. H. Main, D. D., Filadelfia
Sr. Hugh R. Monro, Montclair, N. J.
Sr. F. E. Parkhurst, Wilkes-Barre, Pa.
Sr. H. McAfee Robinson, D. D., Filadelfia
Sr. Roy G. Ross, Indianopolis, Ind.
Sr. L. W. Simms, St. John, N. B.
Sr. Fred P. Stafford, Briarcliff Manor, N. Y.
Sr. Luther A. Weigle, D. D., Ph. D., New Haven, Conn
Sr. Sidney A. Weston, D. D., Boston

Por indicação da Conferência de Missões Estrangeiras da América do Norte

Sr. W. B. Anderson, D. D., Filadelfia
Sr. Jesse H. Arnup, D. D., Toronto
Sr. R. E. Diffendorfer, D. D., Nova York
Sr. R. L. Howard, D. D., Nova York

Sr. Leslie B. Moss, Nova York
Sr. Eric M. North, D. D., Nova York
Sr. Ernest W. Riggs, Boston
Miss Irene Sheppard, Nova York

Por indicação do Conselho de Educação Religiosa do Canadá

Sr. Frank Langford, D. D., Toronto
Sr. D. R. Poole, Toronto

ESTÔNIA — UNIÃO DE ESCOLAS DOMINICAIS DE ESTÔNIA
Srta. Tabea, Corjus, Tallinn

FINLANDIA — ASSOCIAÇÃO DE ESCOLAS DOMINICAIS DA IGREJA LUTERANA EVANGÉLICA DE FINLÂNDIA
Rev. E. W. Pakkala, Helsinki

FRANÇA — UNIÃO DE ESCOLAS DOMINICAIS DE FRANÇA
Rev. Jean Laroche, Clamart, Seine

GRÃ-BRETANHA — UNIÃO NACIONAL DE ESCOLAS DOMINICAIS DE INGLATERRA E GALES

UNIÃO ESCOCESA DE ESCOLAS DOMINICAIS PARA A EDUCAÇÃO CRISTÃ

A SOCIEDADE DE ESCOLAS DOMINICAIS DE IRLANDA

Rev. Stephen C. Bailey, Londres
Sr. Arthur Black, Londres
Sr. James Blackwood, Kilmarnock, Escócia
Rev. Carey Bonner, Londres
Rev. Ernest G. Braham, Londres
Sr. Herbert G. Chessher, Herne, Bay, Kent
Sr. George H. Cook, J. P., Great Bookhan, Surrey
Sr. James Cunningham, J. P., Glasgow
Miss Emily Huntley, Sunderland
Dr. James Kelly, Glasgow
Rev. George A. Mills, M. A., Glasgow
Sir Harold Mackintosh, Halifax
Sr. J. Arthur Rank, D. L., Reigate Heath, Surrey
Rev. Basil A. Yeaxlee, B. A., Ph. D., Birmingham

HOLANDA	— UNIÃO HOLANDESA DE ESCOLAS DOMINICAIS G. P. Marang, D. D., Utrecht
HÚNGRIA	— UNIÃO DE ESCOLAS DOMINICAIS DA HÚNGRIA Sr. John Victor, Budapest
ILHAS FILIPINAS	— CONSELHO DE EDUCAÇÃO RELIGIOSA DAS FILIPINAS Sr. Manoel A. Adeva, Nova York
ÍNDIA	— UNIÃO DAS ESCOLAS DOMINICAIS DA ÍNDIA Bispo J. W. Robinson, D. D., Delhi
ITÁLIA	— CONSELHO DE EDUCAÇÃO RELIGIOSA DA ITÁLIA Dr. James Kelly (Procurador) Glasgow
IUGO-SLÁVIA	— CONSELHO DE ESCOLAS DOMINICAIS DE IUGO-SLÁVIA
JAPÃO	— ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE ESCOLAS DOMINICAIS DO JAPÃO Rev. Sabrow Yasumura, Tokyo
LÁTVIA	— UNIÃO DE ESCOLAS DOMINICAIS DE LÁTVIA
MADAGASCAR	— UNIÃO DE ESCOLAS DOMINICAIS DE MADAGASCAR
MÉXICO	— CONCÍLIO NACIONAL DE IGREJAS EVANGÉLICAS Prof. G. Baez Camargo, México, D. F.
NORUEGA	— ASSOCIAÇÃO DE ESCOLAS DOMINICAIS DE NORUEGA ASSOCIAÇÃO DAS ESCOLAS DOMINICAIS DAS IGREJAS LIVRES DE NORUEGA Rev. Abraham Anderson, Oslo
NOVA ZELANDIA	— UNIÃO DE ESCOLAS DOMINICAIS DE NOVA ZELÂNDIA Rev. L. B. Busfield, Auckland

PÉRSIA — COMISSÃO DE EDUCAÇÃO DE PÉRSIA
Rev. L. Bentley, Hamadan

PERÚ — ALIANÇA EVANGÉLICA DO PERÚ
Rev. S. P. Hauser, Lima

POLÔNIA — ASSOCIAÇÃO DE ESCOLAS DOMINICAIS DA POLÔNIA
Rev. Edmund Chambers, Varsóvia

PORTUGAL — UNIÃO DE ESCOLAS DOMINICAIS DE PORTUGAL
Rev. Eduardo H. Moreira, Lisboa

RUMANIA — CONSELHO DE ESCOLAS DOMINICAIS DE RUMÂNIA

SIÃO — CONSELHO NACIONAL CRISTÃO DE SIÃO
Mrs. Paul H. Fuller, Bangkok

SÍRIA E PALESTINA — UNIÃO CRISTÃ DAS ESCOLAS DOMINICAIS DAS TERRAS BÍBLICAS
Sr. Levon N. Zenian, Beirut, Síria

SUÉCIA — CONSELHO DE ESCOLAS DOMINICAIS DE SUÉCIA
Sr. Gustav Blomberg, B. A., Lidingo

UNIDADES CONSTITUTIVAS DA ASSOCIAÇÃO MUNDIAL DE ESCOLAS DOMINICAIS

ÁFRICA DO SUL — ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EE. DD. DA ÁFRICA DO SUL
Cabos — SUNSCHOOL, Port Elizabeth.
Presidente — A. C. Scott.
Secretário Geral — John G. Birch
Auxiliar — Karlton C. Johnson.

ALEMANHA — ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EE. DD. DA ALEMANHA
IGREJA ESTABELECIDA.
Presidente — D. Piersig, D.D., Rolandstrasse 9, Bremen.
ASSOCIAÇÃO DAS EE. DD. DAS IGREJAS LIVRES DA ALEMANHA.
Presidente — J. W. E. Sommer, M.A., D.D., Landstr 180, Ginnheimer, Grankfurt on Main.
Secretário — Rev. Karl Krull, Duisburg.

ARGENTINA — EL COMITÉ DE COOPERACIÓN DE LAS REPÚBLICAS DE LA PLATA (incluindo Argentina, Paraguai e Uruguai)
Paseo Colon 185 — Buenos Aires.
Cabogramas (All American): COOPERACION, Buenos Aires.
Presidente — Bispo J. E. Gattinoni
Secretário Executivo — W. E. Browning, D.D.
Secretário de Educação Religiosa — Rev. Hugh C. Stuntz.

AUSTRÁLIA — CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO RELIGIOSA DA AUSTRÁLIA
156 Collins Street, Melbourne
Presidente — Rev. John Mackenzie, M.A.
Secretário Geral — G. E. Peart.

ÁUSTRIA — UNIÃO DE ESCOLAS DOMINICAIS DA ÁUSTRIA.
Presidente — Rev. Henrich Bargmann, Sechshauser — Strasse 56, Viena
Missionário de EE. DD. — Rev. Gustav Luntowski, Schopenhauerstrasse 18, Viena XIII.

BRASIL — CONSELHO EVANGÉLICO DE EDUCAÇÃO RELIGIOSA DO BRASIL.
Av. Erasmo Braga, 12 — Sala 3.
Caixa Postal, 260
Endereço telegráfico — ESDOM
Rio de Janeiro
Presidente — Rev. Galdino Moreira
Secretário Geral — Rev. Herbert S. Harris
Secretário Auxiliar — Rev. Rodolfo Anders.

BULGÁRIA — CONSELHO DE EDUCAÇÃO CRISTÃ DA BULGÁRIA
Presidente — Rev. W. C. Cooper, 12, Dragovetz Street, Philippopolis
Secretário — Rev. Stephen Gradineroff

BURMA — UNIÃO DE ESCOLAS DOMINICAIS DE BURMA.
Presidente — P. R. Hackett, Moulmein
Secretário Geral — Rev. C. E. Olmstead, Thongwa.

CEILÃO — UNIÃO DE ESCOLAS DOMINICAIS DE CEILÃO
Presidente — Rev. A. Stanley Beaty
Secretário — J. Vincent Mendis, ,"Indiana" Dehiwala.

CHECO-SLOVÁQUIA — ASSOCIAÇÃO DE ESCOLAS DOMINICAIS DE CHECO-SLOVÁQUIA
Presidente — Rev. Prof. Frank Bednar, D.D., Nad Kralovskuoborou 45, Prague VII.
Missionário de Escolas Dominicais — Rev. Adolf Novotny, Hradec Kralove 293.

CHILE — COMISIÓN DE EDUCACIÓN DEL COMITÉ DE COOPERACIÓN
Presidente — Roberto Elphick, Casilla 133 — D, Santiago.
Secretário — Pedro Zottele C., Casilla 67, Santiago.

CHINA — COMISSÃO NACIONAL DE EDUCAÇÃO RELIGIOSA CRISTÃ NA CHINA
23 Yuen Ming Road, Changhai
Cabos: CHICONCOM, Changhai.
Presidente — Dr. T. T. Lew
Secretários Executivos — Chester S. Miao, D.D.; Rev. Ronald D. Rees.

CORÉIA — ASSOCIAÇÃO DE ESCOLAS DOMINICAIS DE CORÉIA
Chongno 2-91, Seoul, Korea (Keijo, Chosen)
Secretário Geral — Rev. M. B. Stokes
Auxiliar — Rev. James K. Chung.

DINAMARCA — UNIÃO DINAMARQUESA DE ESCOLAS DOMINICAIS.
Presidente — Rev. Enrique With, Strandboulevard 105, Copenhagen
Secretário — P. Th. Petersen, Jagtvej 115, Copenhagen.

EGITO — COMISSÃO PARA AS TERRAS MAOMETANAS
Presidente — Charles R. Watson, D.D., American University, Cairo

Secretário Geral — Rev. R. T. McLaughlin, American Mission, Cairo.
Secretário viajante — Sheikh Metry S. Dewairy, American Mission, Ezbekia, Cairo

---

ESPANHA — UNIÃO DE ESCOLAS DOMINICAIS DA ESPANHA
Presidente — Rev. Ambrosio Celma, Calle San Agustin 14, Barcelona
Secretário — Rev. S. H. G. Saunders, Calle Carril 63, 20, Barcelona.

ESTADOS UNIDOS E CANADÁ — CONSELHO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO RELIGIOSA.
203 North Wabash Avenue, Chicago.
Presidente — Russell Colgate
Presidente da Com. Executiva — H. McAfee Robinson, D.D.
Secretário Geral — Hugh S. Magill, LL. D.

ESTÔNIA — UNIÃO DE ESCOLAS DOMINICAIS DE ESTÔNIA.
Presidente — Rev. A. Kuum, Vallikraavi 18, Tartu
Missionário de EE. DD. — Jan Serra, Toostuse 1-6, Tartu, Tallinn.
Secretária — Srta. Tabea, Corjus, Vaike Tartu 29-2, Tallinn.

FINLANDIA — ASSOCIAÇÃO DE ESCOLAS DOMINICAIS DA IGREJA LUTERANA EVANGÉLICA DE FINLÂNDIA.
Presidente — Arcebispo Lauri Johannes Ingman, D.D., Helsinki.
Secretário — Rev. Urho Paljakka, Temppelikatu 17 a, Helsinki.

FRANÇA — UNIÃO DE ESCOLAS DOMINICAIS DE FRANÇA
Presidente — Rev. Prof. Alexander Westphal, D.D., 102 Boulevard Arago, Paris.
Missionário de EE. DD. — Rev. Jean Laroche, 218 Victor Hugo Avenue, Clamart, Seine.
Ajudante — M. Lucian Ottmann, 24 Rue de Clamart, Fontenay-aux-Roses, Paris.

Grã-Bretanha — UNIÃO NACIONAL DE ESCOLAS DOMINICAIS DE INGLATERRA E GALES
56 Old Bailey, London, E.C. 4.
Presidente — Srta. Dorothy Cadbury
Secretário Geral — Rev. Ernest G. Braham, M. A.

UNIÃO ESCOCESA DE ESCOLAS DOMINICAIS PARA A EDUCAÇÃO CRISTÃ
70 Bothwell Street, Calsgow, Scotland.
Cabos: — CHILDHOOD, Glasgow
Presidente — Srta. Frances H. Melville, B.D., LL.D., Queen Margaret College, Glasgow W.
Secretário Geral — Rev. George A. Mills, M. A.. 70 Bothwell Street, Glasgow.

A SOCIEDADE DE ESCOLAS DOMINICAIS DE IRLANDA
Presidente — O Moderador da Assembléia Geral.
Diretor — Rev. E. MacLarnon, B.D., 41 College Park Avenue, Belfast.

Holanda — UNIÃO HOLANDESA DE ESCOLAS DOMINICAIS
Presidente — G. P. Marang, D.D., Dillenburgstraat, Utrecht.
Secretário — H. A. de Boer, Lingel 58, Amsterdam.

Húngria — UNIÃO DE ESCOLAS DOMINICAIS DA HÚNGRIA
Presidente — Rev. Prof. Stephen De Bilke Pap, Raday 4-28, Budapest IX
Missionário de Escolas Dominicais — John Victor, Zenta Utca, 5 IV., 4 Budapest 1.

Ilhas Filipinas — CONSELHO DE EDUCAÇÃO RELIGIOSA DAS FILIPINAS
P. O. Box 2235, Manila
Presidente — Gavino Tabunar
Secretário Geral — Cipriano Navarro
Secretária de Currículo — Srta. Avelina Lorenzana.

Índia — UNIÃO DAS ESCOLAS DOMINICAIS DA ÍNDIA
Presidente — O Revmo. Bispo de Lucknow, Allahabad.

Secretário — E. A. Annett, St. Andrew Teacher, Training Institute, Coonoor.
Sec. auxiliar — Rev. N. Franklin, 19 Kariappa Mundali Street, Vapery, Madras.

ITÁLIA — CONSELHO DE EDUCAÇÃO RELIGIOSA DA ITÁLIA
Presidente — Rev. Sig. V. Alberto Costabel, D.D., 107 Via Novembre, Roma 1
Secretário — Rev. Alfredo Naldi, Roma
Secretário Editorial — Prof. Eduardo Taglialatela, Rome

IUGO-SLÁVIA — CONSELHO DE ESCOLAS DOMINICAIS DE IUGO-SLÁVIA
Presidente — P. H. Sitters, Y.M.C.A., Belgrade
Secretário — Rev. F. J. Renz, Novi Banovci via Nova Pazova.

JAPÃO — ASSOCIAÇÃO DE ESCOLAS DOMINICAIS DO JAPÃO
8 Itchome Nishiki-cho, Kanda, Tokyo
Cabos: — SUNRISE, Tokyo.
Presidente — Dr. T. Yamamoto
Secretário — Rev. Sabrow Yasumura.

LÁTVIA — UNIÃO DE ESCOLAS DOMINICAIS DA LÁTVIA
Presidente — Rev. E. Kaimins, Liepaja
Secretário — R. Putnaerglis, Gravmuizasiela 7, Riga
Missionário de EE. DD. — Rev. Paul Peltscher, B.D., Brivibasiela 93, dz. 34, Riga.

MADAGASCAR — UNIÃO DE ESCOLAS DOMINICAIS DE MADAGASCAR
Presidente — Rev. Thomas Tester, Caxton, Farachitra, Tananarive.
Secretário — Rev. M. Rammambasoa, Ambavahadimitafo, Tananarive
Missionário — Rev. Joseph Rakotoarianala, Tananarive.

MÉXICO — CONCÍLIO NACIONAL DE IGREJAS EVANGÉLICAS
Apartado 1753, México, D.F.
Presidente — J. T. Ramirez
Secretário — Prof. G. Baez Camargo

NORUEGA — ASSOCIAÇÃO DE ESCOLAS DOMINICAIS DE NORUEGA
Presidente — Revmo. Bispo Johan Lunde, Kontor Universitetsgaten 11, Oslo
Secretário — Rev. J. C. Larsen, Kontor Universitetsgaten 11, Oslo
ASSOCIAÇÃO DAS ESCOLAS DOMINICAIS, DAS IGREJAS LIVRES DE NORUEGA
Presidente — Rev. J. A. Ohrn, Tabernaklet, Oslo.
Secretário — Chr. Svensen, Mollergaten 20, Oslo.

NOVA ZELANDIA — UNIÃO DE ESCOLAS DOMINICAIS DE NOVA ZELÂNDIA
323 Queen Street, Auckland
Presidente — J. Tyler
Secretário Geral — Rev. L. B. Busfield.

PÉRSIA — A COMISSÃO DE EDUCAÇÃO RELIGIOSA DE PÉRSIA
Secretário — Rev. L. Bentley, American Mission, Hamadan.

PERÚ — ALIANÇA EVANGÉLICA DO PERÚ.
Secretário — Rev. S. P. Hauser, Apartado 1386, Lima

POLÔNIA — ASSOCIAÇÃO DE ESCOLAS DOMINICAIS DA POLÔNIA
Presidente — S. Skierski, D.D., Varsovia
Secretário — Rev. Edmund Chamberg, Mokotowska 12, Varsovia
Secretário Editorial — Herman Brzozowski, Varsovia.

PORTUGAL — UNIÃO DE ESCOLAS DOMINICAIS DE PORTUGAL
Presidente Interino — Robert Moreton, Praça Luiz de Camões, 20 — Lisboa.

RUMANIA — CONSELHO DE ESCOLAS DOMINICAIS DE RUMÂNIA
Presidente — Rev. Prof. Louis Imre, D.D., Calea Victoriei, 38, Cluj.
Secretário — Dr. Arthur Tompa, Luna de Jos Kemdilona, u. p. Rascruci jud, Cluj.

SIÃO — CONSELHO NACIONAL CRISTÃO DE SIÃO
Secretária — Mrs. Geo B. McFarland, Banghok.

SÍRIA E PALESTINA — UNIÃO PARA EDUCAÇÃO CRISTÃ DAS ESCOLAS DOMINICAIS DAS TERRAS BÍBLICAS.
P.O. Box 582, Beyrouth, Liban, Syrie
Cabos: — BLESSU, Beyrouth
Secretário Geral — Rev. George H. Scherer
Secretário para a Igreja Armeniana — Levon N. Zenian.

SUÉCIA — CONSELHO DE ESCOLAS DOMINICAIS DE SUÉCIA
Presidente — Rev. Fritz Ahlen, Stockholm.
Secretário — Gustav Blomberg, B. A., Lidingo 1.

COMISSÕES FILIADAS Á COMISSÃO BRITÂNICA

BÉLGICA — ASSOCIAÇÃO DE ESCOLAS DOMINICAIS DAS IGREJAS EVANGÉLICAS DA BÉLGICA
Presidente — Rev. Paul Rochedieu, Bruxellas
Secretário — Rev. F. Buse, La Bouverie les Mons
ASSOCIAÇÃO DE ESCOLAS DOMINICAIS DA IGREJA CRISTÃ MISSIONÁRIA DA BÉLGICA.
Presidente — Rev. Emile Hoyois, B. D., Mons
Secretário — Rev. Rene Dedye, 5 Rue de Temple, Courcelles.

ISLANDIA — COMISSÃO DE ESCOLAS DOMINICAIS EM ISLÂNDIA
Presidente — Knud Zimsen, Mayor of Reykjavik
Secretário — Rev. S. A. Gislason, Reykjavik.

SUISSA — ASSOCIAÇÃO FRANCESA DAS ESCOLAS DOMINICAIS DA SUISSA

Presidente — Rev. Henri Mottu, Chene Bougeries, Genebra.

ASSOCIAÇÃO ALEMÃ DAS ESCOLAS DOMINICAIS DA SUISSA

Presidente — Rev. Johannes Schlatter, Zurich

Secretário — Devan Bremy, Zurich.

ESCRITÓRIOS CENTRAIS

Secretário Geral da Secção Americana — Robt. M. Hopkins, D.D., LL. D., 216 Metropolitan Tower, Nova York, N. Y.

Cabos: — DAYBREAK, Nova York

Secretário Geral da Secção Européia — James Kelly, D.D., 70 Bothwell St., Glasgow, Escócia

Cabos: — CHILDHOOD, Glasgow.

SETIMA PARTE

APÊNDICE

O CONSELHO EVANGÉLICO DE EDUCAÇÃO RELIGIOSA DO BRASIL

APÊLO ÁS IGREJAS DE JESUS CRISTO NESTE PAÍS

O Conselho reconhece e sente profundamente que as grandes e prementes necessidades do Brasil e do mundo não são apenas de ordem material ou econômica; são eminentemente de natureza moral e espiritual, isto é, a-pesar-das grandes riquezas de que o mundo e a ciência têm dotado a humanidade, o homem, como dispenseiro e mordomo delas, tem falido lamentàvelmente, não tendo capacidade moral para administrar as fôrças e valores que êle próprio descobriu ou desenvolveu, tornando-os, ao contrário, em instrumentos de destruïção e ruína.

As condições que atualmente prevalecem no Brasil e no mundo em geral são:

— a desorganização social, política e industrial;

— o exagerado nacionalismo (ou falso patriotismo) alimentado por interêsses pessoais;

— os movimentos armamentistas e a crescente tendência de recorrer ás armas para resolver dificuldades pessoais ou políticas;

— a crescente indiferença á religião de qualquer espécie e ás sanções que a religião impõe á conduta humana;

— a idéia pervertida da liberdade que só cria o desrespeito para com as leis de Deus e humanas;

— o colapso da disciplina familiar pela invasão do mundanismo e individualismo.

Cremos sinceramente que existe apenas um remédio para êsses inúmeros males e condições: — é o de implantar no coração da humanidade confiança e fé em Jesus Cristo, como o único sábio Guia, capaz de tirar os homens de seu presente estado de miséria e de encaminhá-los a uma "vida mais abundante", e o espírito de lealdade e obediência a Jesus, seja qual for o seu custo.

Êste remédio é certo e seguro e, diante da necessidade de obtermos o meio adequado para ministrá-lo, nós, os membros do Conselho, não hesitamos em declarar que não existe outro sinão o educativo, incluindo nele a prègação do evangelho. E' necessário, porém, salientar, cada vez mais, nesse meio, o que se chama o currículo de educação religiosa, ou seja o conjunto de todos os fatores (influências do lar ou estudos na escola) que cooperam para determinar o caráter religioso do indivíduo. Eis a finalidade da obra de Educação Religiosa, sendo o objetivo do Conselho elaborar de tal forma os planos, programas e materiais de Educação Religiosa que as igrejas fàcilmente possam aproveitá-las, aplicar eficazmente o "remédio" e assim fazer melhor a sua parte na grande campanha da libertação completa do homem.

Quanto ás escolas sustentadas pela igreja, sejam Dominicais, do lar, paroquiais, Escolas Bíblicas de Férias, são todas agências de educação religiosa, cujo ideal é formar de cada criancinha no lar e de cada aluno na escola uma personalidade completamente cristã, dominada pelos princípios de Jesus Cristo e integrada, pela fé, na pessoa do "Cristo Vivo", nosso Salvador, Mestre e Guia.

O Conselho, conciente do muito que ainda falta a realizar para siquer aproximar-se de seu ideal de serviço a favor de todas as igrejas, e também impressionado, como nunca, com a infinita grandeza, com o glorioso alcance da obra de Educacação Religiosa e com a responsabilidade que lhe hão confiado as denominações do Brasil, lança êste apêlo a toda a igreja de Jesus Cristo nesta terra, pedindo:

1. Que todos orem sem cessar, afim de que a igreja no Brasil reconheça e aproveite o seu dia de oportunidade.

2. Que os pastores e oficiais de cada igreja, com os obreiros da E. D., estudem cuidadosamente a literatura de Educação Religiosa, para saber com exatidão do que se trata.

3. Que, á luz de tais estudos, elaborem um esquema de tudo o que sua igreja deve e pode fazer para que o seu programa de Educação Religiosa atinja os melhores resultados.

4. Que estabeleçam estudos e cursos normais para a melhor preparação de seus obreiros.

5. Que organizem os trabalhos educativos da igreja, lembrando-se das necessidades do lar e das vantagens que oferecem Escolas filiais, Escolas Bíblicas de Férias e escolas paroquiais.

6. Que remetam ao C. E. E. R. B. os relatórios anualmente pedidos e façam sugestões de como o Conselho mais os possa auxiliar.

7. Que orem constantemente afim de que o Mestre Divino dirija e abençôe todos os seus esforços.

E o Conselho, sustentado pelas orações e pelas ofertas das igrejas, compromete-se a melhorar cada vez mais os seus serviços, confiando na cooperação mútua e na contínua direção do Espírito Divino, que tornará nossa obra a mais urgente na implantação do reino do Senhor Jesus Cristo no Brasil.

Orai! Estudai! Elaborai programas! Preparai obreiros! Organizai trabalhos! Orai!

(Votado em reunião plenária do Conselho Evangélico de Educação Religiosa do Brasil, em 18 de Novembro de 1932).

Presidente, Galdino Moreira
Secretário Geral, H. S. Harris
" Auxiliar, R. Anders

ESCÔRÇO HISTÓRICO
DO
EVANGELISMO NO BRASIL

1555 — 1932

Por Domingos Ribeiro

(Publicado no "O Puritano", órgão oficial da Igreja Presbiteriana do Brasil, em seu número especial de 20 de Julho de 1932, dedicado á 11ª Convenção Mundial de Escolas Dominicais, sendo a presente reedição revista e melhorada pelo autor).

Saüdando, com sincero e intenso júbilo, os nobres delegados á 11ª Convenção Mundial de Escolas Dominicais, cuja reunião de abertura se realizará a 25 do corrente, nesta Capital, e rogando sobre os trabalhos e as resoluções de tão memorável e egrégia Assembléia as mais ricas bênçãos da parte do Altíssimo, pedimos vênia, entretanto, para apresentar do Evangelismo no Brasil, rápido escôrçc histórico, aliás oportuníssimo e, quiçá, indispensável na hora em que se verifica o maior acontecimento pedagógico-religioso em nossa estremecida Pátria, desde o seu descobrimento até a atualidade.

Esta visão retrospectiva nos conduz necessàriamente ao

SÉCULO XVI

Sumário: — Gênese da expedição francesa — Chegada da Missão Calvinista á Guanabara — A primeira Igreja no Brasil — Apostasia de Villegaignon — A retirada dos fieis — Martírio de cinco huguenotes — Eficiência da propaganda calvinista.

Certo dia, na cidade de Brest, quando juntos faziam a refeição costumeira, o vice-almirante Nicolas Durand de Villegaignon ouvira o seu comensal — um preposto do tesoureiro da Marinha — aludir ás maravilhosas terras do Brasil e exaltar-lhe, entusiasmado, a beleza e serenidade do céu, a fertilidade do solo, a superabundância de víveres, enfim — as riquezas naturais e cousas outras de todo desconhecidas dos antepassados. Já de si desmarcadamente ambicioso, a narrativa, empolgando-o, ainda mais aguçára a cobiça do vice-almirante, passando êle desde logo a excogitar o melhor meio de se apoderar da nova e encantada região meridional. Para seguro êxito de seu secreto objetivo, tratára de captar, em Genebra, as simpatias das figuras mais prestigiosas da Religião Reformada, afirmando-lhes o mais veemente desejo e até o decidido propósito de conseguir um sítio de repouso e tranquilidade. onde os perseguidos em França por causa do Evangelho se pudessem

estabelecer, inteiramente fora do alcance da crueza e tirania dos homens. E o refúgio ideal — acrescentava — seria o Brasil, cuja amenidade de clima e cuja opulência natural todos os navegantes enalteciam sem reservas e deslumbrados.

Porque revelasse, destarte, magníficas intenções e dêle não suspeitassem, sem embargo de seu passado de atrabiliário, lográra Villegaignon ser crido por aqueles a quem se dirigira, entre os quais se achava o almirante Gaspard de Coligny. Animados todos do mesmo motivo afetado pelo primeiro, e gozando Coligny do favor de Henrique II, então reinante em França, fàcilmente obtiveram, que a Villegaignon fossem dados dois belos navios equipados e munidos de artilharia, bem como dez mil libras para a viagem.

Algumas pessoas de toda a honorabilidade, persuadidas pelas doces promessas de Villegaignon, deliberaram acompanhá-lo. Assalariados os trabalhadores — entre êles vários condenados nas prisões de Paris e Rouen — completada a guarnição e tudo preparado, os navios, enfunadas as velas, zarparam do Havre a 15 de Julho de 1555 e, após viagem longa, tormentosa e cheia de acidentes, transpuseram afinal a Guanabara no dia 10 de Novembro do mesmo ano.

Aquí — instalára-se Villegaignon primeiro na ilha Ratier, hoje fortaleza da Lage, passando-se depois para a ilha de Serigipe, a que chamára de Coligny e que tem atualmente o seu nome, como a perpetuar-lhe a memória execranda. Entregando-se sem tardança ás obras do forte no cimo da colina, sobrecarregára por tal modo com trabalhos forçados os colonos, infligira-lhes tão maus tratos, houvera-se com tal deshumanidade que êstes, para se libertarem da servidão do déspota, resolveram eliminá-lo; mas a conjuração fracassára, por haverem sido traídos por três marujos escoceses, que denunciaram ao vice-almirante toda a trama. Presos os conspiradores, ao todo 16, um dêles, arrastando-se até o muro, atirou-se á água, afogando-se; um outro foi estrangulado; os demais passaram a servir como escravos.

Reconhecendo a necessidade do influxo cristão e que a maioria de seus colonos fôra mal escolhida, Villegaignon, por emissário especial, o seu sobrinho Bois-le-Conte, solicitára á Igreja de Genebra lhe enviasse um ou dois ministros, para estabelecimento da Religião Reformada no país, e, outrossim, gente boa e de ofícios, pessoas de ambos os sexos, casadas ou solteiras, elemento imprescindível ao êxito da emprêsa, sendo que a todos asseguraria o melhor dos acolhimentos, assim no decurso da viagem como na América. E, em idêntico sentido, escrevera também a Coligny. A demais, o emissário dava as melhores referências de Villegaignon e, da parte dêste, asseverava que os operários seriam bem remunerados, as mulheres casadas receberiam pensões e a todos se concederia o direito de livremente regressarem á França, caso não se adaptassem á nova terra e não fossem recebidos alí de acôrdo com o prometido.

Em face de tais notícias e reiteradas súplicas, a Igreja de Genebra, reunida em Assembléia, dera graças a Deus por abrir em tão longínquas paragens uma porta á expansão do Reino de Jesus Cristo.

Ainda por interferência de Coligny, que representára a Henrique II a necessidade de sustentar a colônia no Brasil, aprestou-se nova expedição de três navios com perto de 300 tripulantes e muitos colonos e aventureiros, cuja maioria, como a da primeira, era católica ou irreligiosa. Por seu turno, J. Calvino e a Igreja de Genebra escolheram a seguinte comitiva: Filipe de Corguileray, cognominado du Pont, chefe; Revds. Pierre Richier e Guillaume Chartier, ministros; Pierre Bourdon, Matthieu Verneuil, Joan du Bourdel, André La-Fon, Nicolas Denis, Jean Gardien, Martin David, Nicolas Raviquet, Nicolas Carmeau, Jacques Rousseau, artistas, e Jean de Lery, historiador — ao todo 14 huguenotes. Esta Missão, que saíra de Genebra a 10 de Setembro de 1556, só chegou á França dois meses depois, incorporando-se a seguir á expedição em Honfleur, Normândia. Dêste porto á Guanabara, a que os franceses chamavam rio Coligny, e onde estas caravelas chegaram a 7 de Março de 1557 — viagem aliás muito penosa e cheia de peripécias — foram gastos quatro meses completos.

Villegaignon recebera os huguenotes e a expedição alviçareira e festivamente, pois a sua chegada lhe parecera "um dom do Céu". E, após examinar as credenciais dos ministros assignadas por Calvino, rogára-lhes organizassem desde logo a Igreja de perfeito acôrdo com as doutrinas, leis e regras da de Genebra, o que se verificou nesse mesmo mês e ano, isto é, a 21 de Março de 1557, domingo, sendo que o primeiro culto fôra realizado no dia 10, quarta-feira, data do desembarque de todos os recemchegados. Celebrara-se, então — a 21 — pela primeira vez, em terras da América, a Santa Ceia. Fôra o Governador o primeiro a apresentar-se á Mesa do Senhor, recebendo, de joelhos, o pão e o vinho das mãos do ministro e fazendo por essa ocasião, duas preces em alta voz, em as quais confirmava a sua fé evangélica. Todos os dias havia prègação e, aos domingos, duas vezes.

O huguenote Carmeau, por sofrer de nostalgia, regressára á França e levára para lá uma carta do vice-almirante, em que êste agradecia a Calvino a vinda dos ministros e demais fieis.

Iam-se operando conversões entre os colonos da primeira expedição e, até, entre os índios amigos. Entrementes, violenta, estourára a apostasia na comunidade. Dera-lhe causa o prurido de evidência do ex-frade Jean Cointac, douto da Sorbonna, em quem Richier e Chartier presto descobriram, não um protestante confirmado, mas apenas um homem de talento e sem unção religiosa, saturado dos preconceitos do Papismo, de que se dizia desligado. Êle desejava a superintendência eclesiástica. Os ministros resistiram-lhe, inabaláveis. Despeitado, passára a criticar os sermões com acrimônia e suscitára acérrima discussão sobre a Eucaristia, afirmando ser essencial e, portanto, indispensável o emprêgo, na Santa Ceia, de pão sem fermento e de vinho misturado

com água. Ainda mais: pretendia que o Batismo se fizesse também com sal, óleo e saliva. Finalmente, proclamava que para participar do pão eucarístico, indiferente era que o comungante exercesse ou não a fé cristã e que se deviam levar as sobras aos doentes e a quantos as solicitassem. Refutado vitoriosamente pelos ministros, parecera arrependido e retratára-se perante a Igreja. Julgava-se terminada a polêmica, quando, por se sentir diminuído, levantára novamente Cointac as mesmas questões, isto a 3 de Abril de 1557. Acompanhara-o o Governador: era a apostasia virtual de ambos. Villegaignon resolvera não mais frequentar os cultos e dalí por diante abstivera-se de comer com os pastores á mesma mesa. E, com o malévolo intuito de impedir a continuação do serviço religioso, organizára, com a colaboração de Cointac, uma relação dos pontos controvertidos, mandando-a a Calvino por Chartier, seguindo êste viagem para a Europa a 4 de Junho de 1557. Interditára a celebração, na ilha, do serviço divino, até que chegasse de Genebra a resposta solicitada. Tudo pretexto, porquanto o Governador e Cointac haviam já deliberado não se submeterem sinão á Sorbonna de Paris. A interdição aludida só se consumára após a retirada dos navios, em que viera a expedição. Além dos pontos daquele relato, e contra o parecer de Cointac, é certo, Villegaignon acrescentára ainda a transubstanciação, a invocação dos santos, as orações pelos mortos, o purgatório e o sacrifício da missa. O vice-almirante passára a perseguir e afligir a Igreja. Destituira do comando da fortaleza a Thoret, um dos colonos convertidos. Ao próprio Jean Cointac, acadêmico da Sorbonna e que provàvelmente em Paris se juntára á Missão genebrina, a êste seu correligionário na apostasia e a outros colonos expulsára do forte em Junho, considerando-os bôcas inúteis, pelo que Cointac amaldiçoava o dia em que conhecera o tirano. Os fieis e o ministro Richier eram alvos de zombarias e doestos continuados. Em Outubro, para escapar á vingança do Governador, a Missão Calvinista abandonára a ilha e fôra para terra firme, afim de alí aguardar o primeiro navio que a reconduzisse á Europa; mas continuava, neste interim, a propagar o Evangelho — e com pleno êxito. Concebera então o Governador o diabólico desígnio de mandar um apaniguado seu interrogar a Richier sobre os pontos controversos; e depois ainda outro para tomar por têrmo os artigos capitais de sua fé. Mais adiante se verá o que visava o déspota com tal inquérito.

Enfim, a 4 de Janeiro de 1558, a bordo do *Jacques,* puderam du Pont, Richier e 14 fieis genebrinos demandar a Europa, libertando-se do apóstata. Mas, quando apenas a 18 léguas da costa, o velho barco fazia água. Daí, e por escassíssimas as provisões de bôca, indispensável se tornára diminuir o número de passageiros. Tocára a cinco huguenotes retrocederem numa chalupa, logo arriada, para terra. Eis os seus nomes: Pierre Bourdon, Jean du Bourdel, Mathieu Verneuil, André La-Fon e Jacques le Balleur.

Recebera-os com benevolência Villegaignon. Mas, a seguir, metera-se-lhe na alma danada a suspeita de que êles eram espiões. Assim,

A OBRA DA ESCOLA DOMINICAL EM TODO O MUNDO

OS NÚMEROS REPRESENTAM A MATRÍCULA TOTAL EM CADA [illegible]ÍS

A PARTE SOMBREADA REPRESENTA OS PAÍSES EM QUE A OBRA NÃO ESTÁ DEFINIT[illegible]MENTE ORGANIZADA

resolvido a eliminá-los, buscava um pretexto para encobrir o crime. Exigira-lhes respondessem dentro de 12 horas aos artigos de fé que lhes enviára. Jean du Bourdel escrevera; os outros assignaram a sua Confissão de Fé, á exceção de Jacques le Balleur, que logo se escapára á sanha sanguinária do Governador. Encontra-se ela, *ipsis litteris*, em nossa obra — *Tragédia da Guanabara*. Erasmo Braga, beletrista, filósofo-cristão e teólogo, apreciando tal documento, diz: — "Definições concisas, de profundeza, porém, admirável, é a caraterística da Confissão dos mártires de Villegaignon. E' uma Confissão Calvinista; é a Confissão dos nossos maiores; responde particularmente ás heresias de Roma — é a primeira Confissão redigida na América, na primeira Igreja do Brasil. E foi selada com sangue".

Chamados á presença do Governador e interpelados sobre se mantinham a confissão de Fé, intrépidos, responderam-lhe na afirmativa e que a sustentavam em absoluto. Num dos interrogatórios, o vice-almirante vibrára em pleno rosto de Jean du Bourdel tremenda bofetada, fazendo-lhe jorrar sangue da bôca e do nariz, ao mesmo tempo que se lhe deslizavam pelas faces lágrimas escaldantes, silenciosas... O perseguidor não se comovera, antes cobrira de zombarias o paciente.

Era a terceira bofetada histórica: a primeira em Jesus e a segunda em Paulo, apóstolo, na cidade de Jerusalém; a última em du Bourdel, na baía de Guanabara, Brasil.

Postos a ferros no cárcere três dêles, pois no continente ficára Pierre Bourdon por motivo de moléstia, alí oravam e recìprocamente se animavam êstes heróis da fé.

Surgira a trágica e histórica madrugada de sexta-feira, 9 de Fevereiro de 1558. Villegaignon ordena a execução dos quatro huguenotes. Na ilha, silêncio absoluto. Apenas se ouve o rumor das ondas turgidas da baía, a desfazerem-se em alva espuma na escalada perpétua e desesperada dos arrecifes.

E' trazido Jean du Bourdel para o cadafalso — uma lage. De joelhos, ora. Ergue-se, em camisola, e entrega-se ao carrasco. Êste estrangula-o e arroja-o ao mar ainda com vida, fazendo-o com inexcedível brutalidade. E, assim, rendeu Jean du Bourdel o espírito ao Creador.

Segue-se-lhe Matthieu Verneuil. Enquanto suplica: — "Senhor Jesus, tem piedade de mim!" o esbirro esgana-o e lança-o ás ondas. E, destarte, passou á eternidade Matthieu Verneuil.

A vez pertence agora a André La-Fon. Ha interêsse em salvá-lo. Villegaignon faz retardar a execução. Medita. O condenado é o único alfaiate na colônia. Seus serviços não podem ser dispensados. A demais, êste declarára que si lhe provassem, pela Bíblia, que estava em erro — tal a sua certeza de impossibilidade da prova, — êle se retrataria. Vê, nisto, o vice-almirante a tendência, por parte do huguenote, para a abjuração do Calvinismo. — "Tirem-lhe as algemas e deixem-no ir, ordena. Mas fique-lhe por prisão a fortaleza e passe a servir como alfaiate da colônia".

Graças, pois, ao seu ofício, André La-Fon escapou á pena de morte.

Vem, por fim, o quarto calvinista — Pierre Bourdon. Fôra transportado do continente quasi moribundo. Não se enternece o vice-almirante. — Pensa na alma, lhe recomenda o carrasco. — Então o paciente, olhos fitos no céu e braços cruzados, pressentindo que os seus amados irmãos em Cristo têm já alcançado vitória sobre a morte, pronuncia tocante e veemente prece a Deus, exorando-lhe perdão e auxílio no instante derradeiro. A seguir resolutamente se submete ao algoz, que o sufoca e estrangula, atirando-lhe ao mar o corpo inanimado.

E, por esta forma, Pierre Bourdon expirou no Senhor.

Finalizára a hórrida tragédia. Ás dez horas dêsse mesmo dia, reunira o Governador toda a sua gente e, numa breve alocução, concitára a todos a evitarem a doutrina dos reformados, sob pena de terem os seus adeptos sorte igual á dos justiçados. E, em sinal de regozijo pela execução dêstes, mandára fazer larga distribuïção de víveres aos colonos. Mas, alguns dias depois, a metade dêstes desertára com mêdo do celerado e embrenhara-se pelas florestas ou vagava pela costa á espera que algum navio francês os tomasse.

Entrementes, o *Jacques* a cujo bordo seguira a Missão genebrina, prosseguia a sua rota, navegando para a França, onde só chegou a 25 de Maio. O comandante do navio, no momento da partida da Guanabara, recebera de Villegaignon um cofre envolvido em pano encerado, contendo, além de cartas para diversos, um processo por êle feito contra os 16 huguenotes sem que o soubessem êstes, baseado nas declarações doutrinárias que astutamente conseguira obter de Richier e a que já aludimos. Dava êle ordem expressa, ao primeiro juiz, a quem fossem entregues em França para os prender e queimar como herejes!

Felizmente nada lhes acontecera. Mas a traição de Villegaignon, a quebra de todas as suas promessas e as execuções já referidas — tudo isto justifica plenamente o estigma que encerra o epiteto com que êle passou á história — Caim da América.

"Êste sinistro tirano — acentúa Rocha Pombo — renovou aquí das cenas monstruosas de Denys, o antigo, completando com esta horrível tragédia aquela obra de demência e de crime. Algoz de nobres vítimas, zombou de todas as leis divinas e humanas".

Dez anos após êstes acontecimentos, isto é, a 20 de Janeiro de 1567, quando se lançavam os fundamentos da cidade do Rio de Janeiro, foi Jacques le Balleur enforcado, por ordem de Mem de Sá e com a assistência de José de Anchieta, pelo único crime de prègar o Evangelho! Trata-se do quinto huguenote que, voltando á Guanabara, lograra subtrair-se á fúria assassina do vice-almirante, em Fevereiro de 1558. Êle viera para o Brasil na primeira expedição. Além de eloquente e teólogo, era versadíssimo nas línguas espanhola, latina, grega e hebraica. Após a sua fuga, aparecera na capitania de S. Vicente, no começo de 1559, onde chegara numa canoa dos tamoios e onde se reunira a outros três calvinistas franceses. Não cessava, alí, de anunciar a boa doutrina

e de combater os erros de Roma. Opôs-se-lhe o padre Luiz da Grã. Êste mandou prendê-lo. Remetido para a Baía, lá esteve no cárcere e a ferros durante quatro anos. Condenado á pena última, por hereje, apelára da sentença em Julho de 1562. Foi trazido depois para o Rio de Janeiro, "afim de ser justiçado ás mãos de um algoz no lugar onde começara a vomitar as suas heresias", como chamam ainda os católicos á prègação das genuinas doutrinas da era apostólica (Vide *O Martyr le Balleur,* obra de Alvaro Reis).

A propaganda do Evangelho pela Missão Calvinista fôra eficiente e de ótimos resultados. Segundo o testemunho do padre José Anchieta, "muitos meninos dos gentios foram por ela preparados para depois serem mestres". Enfim, pela encosta inteira se fizera um serviço regular de evangelização entre os índios, e com muito fruto, màximé de Cabo Frio a S. Vicente.

Digno de especial registro é, por certo, o movimento evangelizante no

SÉCULO XVII

Sumário: — A missão holandesa em Pernambuco e capitanias vizinhas — A expansão do trabalho — Catequese — Seu zêlo e sua atividade — Igrejas, escolas e hospitais — Questão do divórcio — Disciplina eclesiástica — Escravatura.

Durante o domínio holandês no Brasil (1624-1654), os reformados estabeleceram um trabalho intenso e extenso de catequese em Pernambuco e capitanias vizinhas.

Assim é que fundaram igrejas e escolas em Recife, Olinda, Serinhaem, Itamaracá, Cabo de Santo Agostinho, Paraíba, Forte Norte da Paraíba, Forte Sul da Paraíba, Restinga, Muribeca, Porto Calvo, Santo Antonio do Cabo, Rio Francisco, Cinco Pontas, Forte Ernesto, Goiana, Forte Orange, Ceará, Mauritiá, Tapacerica, Iguarassú e em diversas aldeias. Crearam também hospitais e em todos os acampamentos havia consoladores de enfermos muito zelosos e dedicados. O Governador Maurício de Nassau, diante da imperiosa necessidade de manter as escolas e os hospitais, confiscára os subsídios ao culto católico romano, empregando-os na manutenção daqueles serviços. Em seu livro — *Religiões Acatólicas* — J. C. Rodrigues nota: — "Inteligentes, bem educados e de uma dedicação sem limites, o govêrno era devedor aos pastores de grande auxílio na consolidação da colônia, sobretudo pelo seu zêlo missionário entre os índios, que, como se sabe, ficaram muito afeiçoados aos holandeses". E, citando a Netscher: — "Êste diz que o Conde de Nassau teve de admirar o zêlo com que os ministros ou pastores protestantes, que vieram da Holanda, se desvelavam na instrução e conversão dos indígenas".

Enormes obstáculos, todavia, entravavam a obra da Missão holandesa. A ignorância, a idolatria e a licenciosidade de costumes eram simplesmente espantosas. A depravação do povo era tal que na véspera da incursão holandesa, como assevera Varnhagem, "o Brasil bradava aos céus, pelos seus costumes pervertidos, pedindo uma invasão". Sem embargo, os missionários trabalhavam com êxito cada vez maior. E as igrejas eram de um puritanismo e atividade modelares. Êste asserto é comprovado pelas *Atas Classicais e Sinodais,* traduzidas do holandês pelo Dr. Pedro Souto Maior, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, e que figuram em "Apêndice" em nossa obra — *Tragédia da Guanabara*. A Missão tomava precauções severas contra predicantes desregrados na doutrina, na vida ou na ordem; exigia dos ministros que chegavam do exterior ótimos atestados de suas pessoas, quanto á instrução, vida e aptidões para o govêrno eclesiástico; não permitia algazarra ao redor ou junto das igrejas; prescrevia que por ocasião da Santa Ceia os comungantes deixassem as suas assinaturas em livro para isso destinado; impunha aos fieis a santificação absoluta do domingo, não lhes permitindo trabalhassem ou participassem de folguedos públicos nesse dia; disciplinava também pelos pecados de jurar e praguejar, então muito em voga; não admitia o divórcio sinão por adultério, si bem que no caso de fuga de um dos cônjuges, aliás muito frequente entre indígenas, a Assembléia Classical de Recife assim decidira em 1638: — "O fugitivo que abandonou o cônjuge deve ser citado pelo juiz, por meio de um edital, a reunir-se ao seu cônjuge e, expirado o prazo, a pessoa abandonada será livre e desembaraçada da outra para sempre".

A disciplina, conquanto rigorosa, era temperada pela caridade. A eliminação sòmente em extremo se realizava. Houve um caso típico. Uma senhora pertencente á Igreja da Paraíba prostituíra-se e, embora admoestada e convidada ao arrependimento, obstinava-se em seu pecado. A' Assembléia Classical a Igreja da Paraíba fizera subir uma consulta sobre se devera ou não desde logo aplicar a pena máxima — a excomunhão. Eis a decisão do Concílio: — "Visto E. G. nunca haver gozado de boa reputação e visto persistir em sua obstinação, que se tenha paciência por mais dois meses e nesse interim os irmãos do Conselho Eclesiástico na Paraíba admoestem-na séria e constantemente, e si ainda nada houverem conseguido, apliquem o segundo meio, seja com o nome patente ou oculto, conforme o Conselho Eclesiástico achar melhor. E si nos quatro seguintes meses não puder vencer por contínuas exortações a sua obstinação, a Igreja da Paraíba tem o direito de empregar a excomunhão ou eliminação contra ela e praza a Deus que a sua alma se salve por êste meio".

A Assembéia Classical representára, ainda, á autoridade civil a conveniência de editais que reprimissem certos abusos dos judeus, dos papistas e dos escravocratas. Também requisitára um outro sobre o casamente em geral, a prostituïção e o adultério, visto como êstes dois

últimos pecados — ponderava ela — "em tão grande escala se cometem, e por tantos, que não causaria surpresa si a cólera de Deus abrangesse toda esta terra".

Os judeus revelavam-se desabusados e insólitos na realização de seu culto, opondo-se á propagação da verdade cristã, e escandalizavam grandemente os crentes e os portugueses. Construíram, até, sem licença das autoridades, uma sinagoga em Recife. Por seu turno, os papistas, não se contentando com a permissão do culto dentro dos templos, ostentavam pùblicamente as suas procissões em honra de seus santos. Além disso, entre outras cousas reprováveis, açulavam a cobiça do povo. fincando postes com bandeiras nos topes e dando prêmios aos que as tirassem. Os vigários amedrontavam com excomunhões, que abrangiam o espiritual e o temporal — e houve casos em que chegaram, até, a mandar matar — aos católicos que abraçassem a doutrina reformada. Finalmente, os senhores de escravos proïbiam a êstes de ir á igreja: separavam, na compra e venda, as pessoas casadas; não os puniam nos casos de adultério e prostituïção; obrigavam-nos a trabalhar aos domingos; numa palavra: em tudo havia entre êles grande desordem e irreligião.

Daí — a deliberação eclesiástica de solicitar ao poder civil leis especiais para, mediante a aplicação rígida de suas determinações, sanar todos êstes malefícios.

Na discussão, em plenário, do assunto — a escravatura, o Concílio não julgára oportuno pronunciar-se sobre a legitimidade da compra e venda, por parte de um cristão, de negros para os escravizar. Sua decisão obedeceu aos seguintes têrmos: — "Visto que os doutores cristãos opinam que o principal fim da aquisição dos negros é o de os trazer ao conhecimento de Deus e á salvação, urge, portanto, levá-los á igreja e instruí-los na religião cristã, quando as circunstâncias o permitirem, não importando de que religião sejam os donos; essa condição deve ser imposta na venda dos negros. Mais: a) Devem nomear-se capitães piedosos e caridosos que os façam ir á Igreja; b) deve-se tomar cuidado na compra e venda, para que se não separem as pessoas legalmente casadas; c) devem ser proïbidos pela autoridade entre êles, como entre os cristãos, o adultério e a prostituïção, punindo-se os que infringirem a lei; d) devem observar o preceito do descanso dominical, não trabalhando nem para os senhores nem para si mesmos, ficando os donos com quem estiverem responsáveis por qualquer transgressão neste sentido".

E, como alguns dos próprios holandeses — por mal compreendido liberalismo — consentissem que no princípio da moagem, segundo o uso dos papistas, fossem os seus engenhos consagrados com bênçãos e aspergimento de água benta, dentro das casas e fora delas, exortara-os o Concílio a cessarem essa prática de uma vez por todas.

O zêlo e a intransigência que transparecem de tais medidas — e por isso mesmo — têm levado alguns críticos de história a qualificar

de "intolerantes" os reformados holandeses. Êste juízo, entretanto, parece-nos demasiado severo, injusto mesmo a certos respeitos.

Nas *Atas Classicais e Sinodais* — período 1636-1644 — se acham declinados os nomes de 24 ministros, cujo número global, considerados os de novas requisições, se pode computar em mais de 40, afora os presbíteros, consoladores de enfermos e mestres em cifra superior a esta.

A Missão preparára catecismos em português e espanhol e, de par com seu trabalho de alfabetização e beneficência, semeára a boa doutrina em milhares de corações em nosso país. Mas, após a sua retirada do Brasil, tudo fizeram os jesuitas por anular a obra evangélica por ela realizada com magníficos resultados.

Chegamos agora ao

SÉCULO XVIII

Sumário: — Desamparo espiritual — Brasileiros sob as garras da Inquisição — Obscurantismo e leis extravagantes.

Êste século, no Brasil, fôra de verdadeiro desamparo espiritual. Que saibamos, nenhum arauto das boas novas de salvação, ministro algum do genuíno Evangelho de Jesus Cristo aportára ás nossas plagas.

Foi o século da soberania da Inquisição e do obscurantismo, de leis extravagantes e infrene desmando moral. Na citada obra — *Religiões Acatólicas* — ha a respeito, entre outros, os seguintes notáveis informes: — "Varnhagem em duas comunicações ao Instituto Histórico nos dá alguns pormenores interessantes sobre a Inquisição no Brasil. Das listas dos autos de fé que pôde ver em Portugal, a Inquisição perseguiu o Brasil de 1704 a 1767. Em 1713 sentenciaram-se 66 colonos do Brasil, compreendendo 31 mulheres, não por heresias mas pela maior parte só por terem sangue judeu. Dos 25 sentenciados de 1714 (11 mulheres) havia 2 cristãos novos, de 67 anos de idade, um dos quais fôra "relaxado" em carne e osso. Nesse mesmo ano falecera nos cárceres a viuva de André Barros de Miranda, do Rio de Janeiro, com 81 anos de idade. Em 1720 ardera na fogueira Tereza Paes de Jesus, de 65 anos. E assim por diante. Varnhagem pensa que o número de condenados pela Inquisição em Lisboa, de pessoas do Brasil, orça por 540, das quais 450 foram daquí presas. Das 540, total, um têrço era de brasileiros natos.

Até a abertura dos portos do Brasil aos navios de todas as nações, limitadíssimo era o número de estrangeiros entre nós, e êsses mesmos nem formavam grupos nem podiam ter outro culto religioso que o do recôndito de suas casas.

A Carta Régia, em 1726, estabelecera que mesmo um cristão católico romano, casado com uma preta, não podia servir cargo nas câmaras, pois, segundo as leis são "reprovados, vis, indignos, infames e inhábeis".

Em 1771, a um índio que se casára com uma preta foi dado baixa de capitão-mór, porque "se mostrava de tão baixos sentimentos que casou com uma preta, manchando o seu sangue".

Um Bando de 1772, do Governador do Maranhão, cominava as penas de multa, cadeia, calceta e surra — segundo a qualidade das pessoas — aos que continuassem na cultura do arroz vermelho da terra em vez do branco da Carolina, único permitido.

Até a transmigração da família real, não havia uma só tipografia no Brasil. "A grande massa — observa Southey — permanecia no mesmo estado como si a imprensa não tivesse sido inventada. Muitos negociantes ricos não podiam ler e não era fácil achar caixeiros e guarda-livros para os negócios".

Armitage assinala: — "A educação quasi não progredíra e feliz era o indivíduo que reunia ao mau latim, que era o que quasi só lhe ensinavam os eclesiásticos, algum francês. A condição dos brasileiros era, na verdade, digna de compaixão comparada com a dos europeus".

Mas Deus reservara melhores tempos ao Brasil no

SÉCULO XIX

Sumário: — A liberdade de cultos — As primeiras Igrejas de várias denominações — Sua ordem cronológica — Perseguições — Concurso das Sociedades Bíblicas na propaganda evangélica.

Assim pelo Tratado de Comércio outorgado á Inglaterra em 1810 por D. João VI, como pela Constituinte de 1823 e pela Carta Constitucional de D. Pedro I, ficára, afinal, no Brasil assegurada a liberdade religiosa permitindo-se aos acatólicos a celebração de seus cultos em casas para isso destinadas, porém sem forma alguma exterior de templos, restrição que prevalecera até a implantação da República.

Tornara-se destarte exequível ao Evangelismo estabelecer-se permanentemente aquí, embora tivesse que arrostar dificuldades quasi insuperáveis, pois o ambiente era sobremodo hostil, dada a oposição tenaz e perseguição atroz do clero e fieis católicos. Nada, porém, intimidaria os evangélicos, êles que, mesmo no Brasil, já haviam no século XVI experimentado o batismo de sangue e cuja têmpera vitoriosa o transcorrer dos séculos não conseguira diminuir.

Nesta fase de desenvolvimento histórico do Evangelismo no Brasil, cronològicamente, coube a primazia á

IGREJA ANGLICANA

que, celebrando os seus cultos, desde 1810, a bordo de algum navio de guerra inglês ou na residência do ministro Lord Strangford, lançou

á 12 de Agosto de 1819, no Rio de Janeiro, á rua dos Barbonos, hoje Evaristo da Veiga, a pedra fundamental de sua capela. O Rev. Grane foi o primeiro capelão. Em 1898-99 procedeu-se á reconstrucção do edifício, desta vez com a forma exterior de templo — a gótica.

Em segundo lugar iniciou no Brasil o seu trabalho evangelizante a

IGREJA METODISTA,

pois em 1836 o Rev. R. Justin Spaulding aquí chegado nesse mesmo ano, organizára no Rio de Janeiro uma congregação de 40 pessoas entre elementos da colônia. A vinda dêste ministro fôra o resultado do trabalho de exploração missionaria levado a efeito pelo Rev. Fontain E. Pitts, que desembarcara em nosso porto a 19 de Agosto de 1835. Visitara Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Aires. Regressando aos Estados Unidos e lá chegando na primavera de 1836, recomendou em seu relatório fossem estabelecidas missões na primeira e na última das referidas cidades. Para auxiliarem o Rev. Spaulding vieram de Boston, em Novembro de 1837, o Rev. Daniel P. Kidder e, como professores, R. M. Murdy e respectiva espôsa. Os missionários desenvolveram no Rio de Janeiro grande atividade, prègando o Evangelho e derramando, em profusão, Bíblias, Novos Testamentos e tratados religiosos. Com a retirada dos missionários para os Estados Unidos, verificando-se a do Rev. Kidder em 1840 e a do Rev. Spaulding em fins de 1841, entrara em declínio o trabalho metodista, até que ficara reduzido á familia Walker, a qual veiu a constituir o traço de união entre as missões Spaulding e Newman. Passado êste interregno de 25 annos de inatividade, o Metodismo reencetou sua obra no Brasil. No verão de 1867 desembarcou no Rio de Janeiro o Rev. Junius E. Newman, como obreiro da Igreja Metodista Episcopal do Sul e nomeado pelo Bispo W. M. Wightman. Em consequencia do novo trabalho, organizou-se no 3° domingo de Agosto de 1871, em localidade limítrofe de Santa Bárbara, a primeira igreja metodista desta segunda fase, com nove membros apenas, mas cujo número de comungantes presto se elevara a cincoenta.

O templo principal desta denominação, na Capital da República, estílo gótico, acha-se localizado á Praça José de Alencar.

O terceiro lugar pertence á

IGREJA ALEMÃ

Esta realizou o seu primeiro culto á rua Matacavalos, agora rua Riachuelo, inaugurado, a 27 de Julho de 1845, a sua capela á rua dos Inválidos. O Rev. Neumann foi o seu primeiro pastor. O templo, estilo colonial, é agora á rua Carlos Sampaio. Pastor — L. Hoepffner.

Em quarto lugar veiu a

tendo-a fundado entre nós o Rev. Roberto R. Kalley, cujo desembarque se verificára em 1855, indo residir em Petrópolis, onde permanecera celebrando o serviço divino até 1858, quando se transferiu para esta Capital. Organizou nesse mesmo ano a Igreja, estando o seu templo hoje situado á rua Camerino — estilo gótico. Os cultos eram primitivamente realizados á Travessa das Partilhas, depois á rua Larga de S. Joaquim.

Em quinto lugar está a

IGREJA PRESBITERIANA

Fundou-a o Rev. Ashbel Green Simonton a 12 de Janeiro de 1862, á rua Ouvidor n. 31, 2º andar, nesta Capital. Começára, alí, a prègação pública a 19 de Maio de 1861, não o havendo feito antes, porque entre 12 de Agosto de 1857, quando aportára ao Rio de Janeiro, e esta data, entregára-se êle ao estudo da língua portuguesa. O templo desta comunidade, da qual o Presbiterianismo se irradiou por todo o Brasil, está sendo reconstruído em estilo gótico singelo e no mesmo local do primitivo, isto é, á rua Silva Jardim, 23, Rio de Janeiro. E' seu pastor atual o Rev. Mattathias Gomes dos Santos.

Conquanto o presente ensaio obedeça ao máximo de condensação, é de assinalar que as raízes históricas do Presbiterianismo no Brasil penetram no século XVII e, ainda mais fundo, no século XVI, dado o seu estreito vínculo com o Calvinismo.

"O superno movimento religioso conhecido pelo nome histórico de Reforma, cindindo a Igreja Católica Ocidental em duas grandes parcialidades, dera origem ás várias organizações eclesiásticas do Evangelismo, cujos ramos principais — o Luterano, na Alemanha e Suécia, o Calvinismo, na Suissa, França, Holanda e Escócia, e o Anglicano, na Inglaterra — se tornaram, por seu turno, a raiz de outras denominações".

Eram os calvinistas chamados presbiterianos na Escócia e huguenotes em França.

Ora, como se sabe, Calvinistas eram as Missões genebrina e holandesa que nos séculos XVI e XVII, respectivamente, fundaram no Brasil as primeiras igrejas evangélicas, embora não lograssem sinão por breve tempo, pela concomitância e superveniência de fatores adversos, estabelecer trabalho permanente nesta parte da América do Sul; pelo que, em face do exposto, é de inteira justiça reivindicar para a denominação presbiteriana as origens da obra evangelizante no Brasil. O Presbiterianismo, portanto, abrange: 1ª época — Tentativas para o estabelecimento de igrejas: a) Ciclo genebrino e b) ciclo holandês. Fases: consistorial, classical e sinodal. 2ª época — Estabelecimento permanente de igrejas: a) Ciclo norte-americano e b) ciclo nacional: pre-autônomo e autônomo. Fases: consistorial, presbiterial, sinodal e assembléial (releve-se-nos a expressão).

Ocupa o sexto lugar a

IGREJA BATISTA

Enviados pelas Igrejas Batistas do Sul dos Estados Unidos, fixaram residência no Brasil. em 1881, acompanhados de suas respectivas espôsas, os seus primeiros missionários, Revs. William Buck Bagby e Z. C. Taylor. No ano seguinte, isto é, a 15 de Outubro de 1882, fundaram êles a Igreja Batista da Baía. Mas a êsse tempo já existia em nosso país a denominação batista, porquanto em Santa Bárbara — S. Paulo — se organizára, em 1871, a comunidade batista de americanos para americanos. Distinguindo, assinalaremos: 1ª Igreja Batista — colonial e 1ª Igreja Batista — catequética. Esta última — a missionária — estabelecera trabalho também no Rio de Janeiro, sendo a Igreja fundada com quatro membros, pelo Rev. Bagby a 24 de Agosto de 1884, á rua Dr. Cassiano, de onde depois se transferira para diversos locais, até que, a 1 de Janeiro de 1928, inaugurou á rua Frei Caneca o seu belo templo em estilo grego-clássico, de ordem jônica, sob o pastorado do Rev. Francisco Fulgêncio Soren. Segue-se, pois, que a Igreja Batista do Rio é a segunda ou, com mais rigor, a terceira dessa denominação no Brasil.

O sétimo lugar é da

IGREJA EPISCOPAL,

a qual se organizou a 1 de Junho de 1890, á rua Voluntários da Pátria, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, pelos Revs. Lucien Lee Kinsolving e Watson Morris. No Rio de Janeiro, o principal templo desta denominação está situado á rua Haddock Lobo.

As comunidades supra são as principais; quanto a agremiações outras, serão computadas nas estatísticas da secção seguinte.

Em fins, quasi, do século XIX, 4 de Julho de 1893, Myron Augusto Clark, êsse nobre e grande espírito, fundou nesta Capital a Associação Cristã de Moços, poderosíssimo fator na formação física, intelectual e moral da juventude brasileira. Myron Clark dera a êsse gigantesco trabalho — em grau jamais alcançado por seus sucessores — um caráter acentuada e visivelmente espiritual — aliás o de sua legítima e última finalidade.

As exíguas proporções dêste esbôço não nos permitem relatar a enorme série de perseguições de que foram alvo, por parte das hostes clericais, os evangélicos neste século: — ignomínias, apedrejamentos, chufas, baldões, doestos, incêndios, agressões insólitas, calúnias vís, injustiças clamorosas, toda a sorte de intrigas e perfídias verdadeiramente satânicas. Mas improficuamente, mas em vão; porque os dignos sucessores dos proto-mártires do Evangelismo no Brasil, no século XVI, impertérritos, indomáveis, firmes na fé, ainda mais do que sobre fundamento de granito, sopesando todos os preconceitos, não se abalaram com as trepidações formidandas dêsse terremoto de angústias — ao contrário, mercê do socorro divino, a tudo resistiram! tudo venceram! *Sursum corda!*

A despeito dos entraves que se lhes opunham e da aspereza do trabalho, as igrejas cresceram e multiplicaram-se por todo o território nacional.

Encontraram, elas, como o provam os dados estatísticos de sua atuação, poderosíssimas alavancas nas Sociedades Bíblicas Britânica e Americana, as quais, por seus abnegados colportores, facilitavam ao povo o exame direto das Sagradas Escrituras, tarefa que ainda continúa e não permita Deus que jamais se interrompa.

A obra cristã reformada, progredindo sempre, assim entrára no

SÉCULO XX

Sumário: — Fundação da Igreja P. Independente — Surtos do Evangelismo — Exército de Salvação — Escolas Dominicais — A Palavra de Deus — Estatística — Que é Evangelismo? — Sua pujança e mentalidade — Reflexão final.

E assim continúa com a bênção do Altíssimo.

A 31 de Julho de 1903, em S. Paulo, cindira-se a Igreja Presbiteriana, de que resultou a organização da I. P. Independente, pelo Rev. Eduardo Carlos Pereira e outros eminentes ministros. A causa dêsse movimento separatista fôra a "questão maçônica", que ha longo tempo se debatia na imprensa presbiteriana, aliás de modo exhaustivo e com rara veemência. Reunido o Sínodo naqueles dias — Julho de 1903, — fôra o assunto levado a plenário. Pretendia-se irredutìvelmente que o Egrégio Concílio declarasse, ao menos, a incompatibilidade da Maçonaria com a Palavra de Deus. A resolução sinodal foi a de se deixar o caso á conciência individual dos fieis. Tornara-se, destarte, inevitável a cisão. Decadência do Presbiterianismo? Não. Sinal de vitalidade — sim. O próprio ramo independente aí está pujante, como se verifica dos dados estatísticos adiante enumerados.

Nestas três décadas esplêndidos têm sido os surtos do Evangelismo. Diversos de seus membros se tornaram vultos insignes em quasi todas as províncias do saber humano. Ha no país hoje, por iniciativa e sob direção evangélicas, vários hospitais, orfanatos, estabelecimentos de ensino primário, secundário e superior, sociedades de beneficência, religiosas e até missionárias, periódicos, seminários denominacionais e um interdenominacional, etc., etc.

Merece também uma referência especial o Exército de Salvação, que está fazendo ótimo trabalho evangelizante nas praças públicas e em locais alugados, sem embargo de os seus métodos — indumentária, aparelhamento militar e prègação ao ar livre — não encontrarem ambiente favorável entre nós, màximé na Capital da República. Mas o povo já se vai acostumando e talvez em futuro próximo o preconceito

e a idiossincrasia desapareçam. No Brasil esta obra foi iniciada em Agosto de 1922 pelo Coronel David Mich. A milícia é um exército internacional composto de homens e mulheres voluntàriamente sujeitos á disciplina militar. Seu objetivo é difundir o Evangelho entre as camadas mais baixas da sociedade, bem assim entre as classes proletárias e desafortunadas, entre os que vivem fora de qualquer influência religiosa. Organização mundial fundada em Londres, em 1865, por William e Catherine Booth, opera hoje em 84 países e colônias. A sede do Quartel General Nacional é no Rio de Janeiro. Seu comandante geral no Brasil é agora o General Edward John Higgins.

Na propaganda evangélica, revelara-se excepcional e sem par o Rev. Alvaro Reis, pastor, de 1897 a 1925, da Igreja Presbiteriana do Rio. Foi a figura de mais larga projeção no cenário religioso de seu tempo. Abaixo de Deus, deve-lhe o Evangelismo as mais assinaladas etapas de sua expansão no Brasil e, sobretudo, na Capital da República. Orador eloquentíssimo, as multidões acorriam ás suas conferências de propaganda. Exercia sobre os auditórios, quando lhes anunciava o Evangelho, grande fascinação — comovendo-os, atingindo-os, arrastando-os aos pés da cruz de Jesus Cristo. Por seu intermédio, o Divino Espírito converteu muitos pecadores.

O presente ensaio ficára berrantemente lacunoso, si não aparecera nele êste lineamento.

Vão, outrossim, tomando incremento as Escolas Dominicais, em que a Bíblia é regular e sistemàticamente estudada, havendo classes, em todas as igrejas e congregações, para ambos os sexos e todas as idades. E oxalá se acentue cada vez mais êsse progresso e haja maior avidez no estudo da Palavra de Deus, porque, além de sua influência santificante, e iluminadora, estranha é a fecundidade do texto sagrado. — "Meditai — diz Plantier — meditai uma palavra do homem, e em breve havereis atingido os seus últimos limites, seja qual for a sua profundeza, pois tudo que procede de uma inteligência creada é finito e indigente. Não assim com a Escritura: esta — em cada uma de suas sílabas — oculta abismos; as balisas dos seus pensamentos, á medida que os meditardes, irão recuando diante de vossos olhos do mesmo modo que parece afastar-se e fugir o horizonte dos mares diante do navio que os sulca; por toda a parte ela vos apresentará algo de inexgotável e infinito como a divina essência, de que é uma emanação".

A gênese das Escolas Dominicais — no Brasil — não é o período 1855-1858 como em geral se supõe e ao qual em publicações recentes — *Organized Sunday School Work in Brasil* e *A Brief Sketch of Congregationalism in Brasil* — se reportam os Revs. H. S. Harris e A. Telford, respectivamente. Porque se trata de história, cumpre desfazer o equívoco. O início dêsse trabalho de alfabetização sacra retroage ao ano de 1836, mês de Junho. Com efeito, nessa data, o Rev R Justin Spaulding, metodista, abrira no Rio de Janeiro uma escola dominical com 30 alunos, dos quais alguns eram brasileiros (Vide a

obra — *Cincoenta Anos de Metodismo no Brasil,* de James L. Kennedy). A 19 de Agosto de 1855, em Petrópolis, a Senhora Sara P. Kalley, espôsa do Rev. Dr. Roberto Kalley, congregacional (êle fôra presbiteriano), organizara uma escola dominical na residência do embaixador norte-americano Webb. Os primeiros alunos foram as crianças dêste e as de outras famílias estrangeiras. A história de Jonas constituíra a lição inaugural. Foram depôis formadas classes para as crianças das famílias luso-brasileira, alemã e inglesa, sendo o ensino ministrado nas respectivas línguas.

Resulta, portanto, que a primazia do movimento escolar-bíblico, no Brasil, cabe ao Metodismo. A denominação congregacional vem em segundo lugar nas origens históricas da Escola Dominical.

Desenvolve-se — e cada vez mais promissoramente — o espírito missionário no seio das igrejas nacionais, o que demonstra desprendimento egoístico, havendo já trabalho evangelizante, por elas custeado, entre os índios e, mesmo, em Portugal, de que se ha colhido e estão colhendo abundantíssimos frutos, mercê da bênção divina.

Releva, ainda, consignar que, a 15 de Dezembro de 1929, por iniciativa do Dr. Gustavo Armbrust, presbítero da Igreja Presbiteriana do Rio, foi constituída nesta Capital a Sociedade Brasileira Propagadora do Evangelho, cuja finalidade é indicada por seu próprio título. Ela, de então até junho dêste ano, distribuiu já 80.000 exemplares de Evangelhos.

Esta anotação lembra a conveniência de algo dizermos sobre

ESTATÍSTICA

São rigorosos e oficiais os seguintes dados:

ESCRITURAS — Até 1930 e desde o seu início, as Sociedades Bíblicas fizeram das Escrituras, Novos Testamentos e de diversos livros da Bíblia larga disseminação no Brasil. Eis as cifras: pela Britânica — 2.931.312; pela Americana — 2.382.256; por outras organizações — 700.000. Total 6.013.568 exemplares distribuídos! Bendita sementeira! *Sursum corda!*

ESCOLAS DOMINICAIS — Consoante os dados estatísticos oficiais agora públicos e que, por isso, nos abstemos aquí de discriminar, o número global e total, em 1932, — último censo — de escolas dominicais, no Brasil, atinge a 2.276, o de professores e oficiais a 8.664 e o de alunos a 117.842, numero total de 126.506.

Auspicioso, entusiástico e belo movimento! *Sursum corda!*

PROPRIEDADES — As estatísticas oficiais eclesiásticas, no concernente ao valor das propriedades, estão muito aquem da realidade. Aquisições antigas, a preço hoje ridículo, raras vezes aparecem valorizadas na contabilidade. Donativos feitos em materiais por ocasião das

construções cu os de mobiliários, por igual, quasi nunca se computam nas contas correspondentes do ativo.

As propriedades da Igreja Metodista Brasileira, em 1926, segundo a estatística oficial, subiam a vinte mil contos.

Ora, tomado êste dado como base de cálculo, e si neste se compreenderem: templos, residências pastorais, seminários, colégios, hospitais, orfanatos, associações, mobiliários, etc., pertencentes ás diversas denominações e instituïções cristãs — autônomas e coloniais, — poder-se-á estimar em, mais ou menos, quinhentos mil contos de réis o valor das propriedades do Evangelismo no Brasil.

EVANGÉLICOS — Em 1930, no Brasil, os algarismos de seu número eram como seguem: — Comunidades evangélicas nacionais com concílios autônomos — comungantes adultos: presbiterianos, 45.600; batistas, 41.200; metodistas, 15.500 congregacionais, 4.001; episcopais, 3.500; membros de vários nucleos independentes, 27.000. Total dêste 1° grupo — 136.801. Comunidades evangélicas entre as colônias estrangeiras e seus descendentes — comungantes adultos: luteranos da Igreja Alemã, 230.000; luteranos da Missão Ohio e Missouri, 20.500; anglicanos, 1.000. Total dêste 2° grupo — 251.500 Total geral dos membros comungantes das Igrejas — 388.301.

Intuitivo é, porém, que, para avaliar as fôrças evangélicas existentes no país, mistér se faz computar os menores batizados ou consagrados, bem assim os aderentes e catecúmenos.

Tudo considerado:

Comungantes.	388.301
Menores arrolados............................	400.000
Aderentes e catecúmenos....................	300.000
Total global....................	1.088.301

Isto em 1930. Hoje a cifra é muito mais elevada.

Em todo o país existem cêrca de 2.500 igrejas, capelas, locais para o culto e instrução religiosa. Número de ministros (evangelistas e pastores) — 955.

Avanço, neste particular, bem significativo, porquanto, segundo o Departamento Nacional de Estatística, as outras Confissões Religiosas dispõem de: — Igreja Católica — 2.364 paróquias, 29 curatos e 13 capelas curadas e 2.426 padres. — Igreja Artodoxa — 8 igrejas e 8 padres. — Igreja Israelita — 9 sinagogas.

Dos dados estatísticos acima exarados resulta que o total no Brasil, de pessoas que constituem a esfera do Evangelismo ascende A MAIS DE UM MILHÃO!

E' pouco. Mas o bastante para, ainda uma vez, exclamarmos: — *Sursum corda!*

Cabe aquí, entretanto, um esclarecimento: — Embora dividido em pontos secundários, dando razão de ser ás várias denominações, o Evangelismo mantem entre si unidade fundamental. Êle é, atualmente, a parte mais ativa e progessiva da Cristandade. "Rejeita a autoridade do Papa, o caráter meritório das boas obras para alcançar a salvação, as indulgências, o culto religioso da Virgem Maria, dos santos, das relíquias e das imagens, os sete sacramentos, com exceção do Batismo e da Eucaristia, o dogma da transubstanciação e o sacrifício da missa, o Purgatório e as orações pelos mortos, a confissão auricular, a instituïção monástica e o uso do latim no culto público. A Palavra de Deus é a suprema autoridade no seio de Evangelismo". Êste de nenhum modo despreza ou rejeita a autoridade da Igreja como tal, mas ùnicamente a subordina á Bíblia, e pela Bíblia aquilata do seu valor", crendo, todavia, em uma interpretação progressiva dela, segundo assevera Eduardo Carlos Pereira, á medida que a conciência da Cristandade se expande e aprofunda. "Retem todos os artigos dos antigos Credos Católicos e muitas das tradições rituais e disciplinares, repelindo ùnicamente aquelas doutrinas e cerimônias, para as quais não acha claro apôio na Bíblia, antes oposição de sua letra ao espírito". Seu princípio *subjetivo* é — *a justificação pela fé sòmente* ou, antes, pela livre graça através da fé geradora de boas obras. Êle contradiz, quanto a êste ponto de soteriologia, a doutrina romana "e substancialmente sancionada pelo Concílio de Trento, que faz a fé e as *boas obras fontes* coordenadas da justificação, pondo, porém, a ênfase principal sobre as obras". O Evangelismo, "de modo nenhum, rejeita ou menospreza as boas obras, êle ùnicamente nega o valor delas como fonte ou condição de justificação; insiste, porém, sobre o valor delas como frutos necessários da fé e evidência da justificação. A doutrina da salvação de graça pelos merecimentos de nosso Senhor Jesus Cristo, mediante a fé viva do pecador, é a própria essência do Evangelho, o caráter fundamental e exclusivo do Cristianismo". O Apóstolo S. Paulo a proclama com insistência e clareza em suas Epístolas, màximé nas endereçadas ás Igrejas da Galácia e de Roma. As boas obras, longe de serem a fonte da graça, são a corrente, o fruto, "o caminho que Deus preparou para andarmos nele". Em suma: O Evangelismo "não é uma religião nova que apareceu, mas apenas a reforma de uma religião antiga, a restauração do Catolicismo dos primeiros séculos". — E' o Catolicismo sem o Romanismo.

A ligeira exposição supra de tais princípios doutrinários, embora incompleta, não deixará de ser útil ao leitor porventura ainda incipiente em conhecimentos religiosos.

Dentro do Evangelismo não ha, quasi, analfabetos. Religião da Bíblia *aberta* — religião de luz e que na luz se desenvolve, florindo e frutificando — move os que ingressam nas igrejas, si analfabetos, a aprenderem a ler, compenetrados êstes da veracidade das palavras de Jesus: — *Não só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que*

sai da bôca de Deus. São frequentes os casos de anciãos de 60, 70 ou mais anos se alfabetizarem só para poderem ter o gôzo de ler por si mesmos as Sagradas Escrituras.

No concernente á literatura evangélica, em vernáculo, são já numerosas as produções de reconhecido e incontestável merecimento. Si maior não é o acervo, explica-o o fato de quasi todas as pessoas cultas entre nós conhecerem o francês ou o inglês e de preferirem elas compulsar as obras nas línguas originais.

A imprensa religiosa do Evangelismo, conquanto não seja ainda o que podia ser, o que deve ser e o que ha de ser, vai progredindo lentamente. Sem embargo de algumas descaídas raras, ha nela, hoje, mais elegância de atitudes, melhor ética, diretrizes mais consentâneas com o meio ambiente. Vão os seus redatores compreendendo que a propaganda por "infiltração" supera, em eficiência, á tumultuária e rudemente "agressiva". Além de tudo, sente-se — viva, premente, urgentíssima — a necessidade de os órgãos de propaganda não se ocuparem de questiúnculas internas. Estas devem ser relegadas a publicações especiais, de circulação restrita ás igrejas.

Ha, em todas as parcialidades evangélicas, penas fulgurantes. Si lhes quisessemos referir os nomes, apenas uma dificuldade se nos deparára — a de os coordenar.

Como ressalta da estatística compreendida neste perfuntório retrospecto, o número de cristãos evangélicos é já — social e polìticamente — assás apreciável em nosso país. E a 11ª Convenção Mundial de Escolas Dominicais a realizar-se ainda no corrente mês nesta Capital, com a presença de, mais ou menos, dois mil delegados, sendo talvez cincoenta por cento brasileiros e os demais vindos do exterior e de quasi todas as nações do globo — formoso e inédito espetáculo no Brasil, evento que ficará, em bronzeas páginas, gravado em nossa história religiosa, — êsse Congresso Internacional, de que participarão centenas de delegados brasileiros, é a prova irrefragável da pujança da Igreja Cristã Reformada em nosso país e no mundo.

A mentalidade evangélica, por igual, ha evoluído de modo notável. O "exclusivismo" estreito e vesgo dos velhos tempos está agonizante, si é que por desventura ainda existe algures. A era atual é francamente "cooperativista" — provam-no êsses Congressos frequentes, essas Convenções periódicas, essas grandes Assembléias interdenominacionais, em que todos colaboram leal, espontânea e cordialmente. E provam mais — que a tendência é "cooperativista", anseio e ideal dos espíritos cristãos mais agudos e clarividentes, como Erasmo Braga, de inolvidável memória, e outros vultos peregrinos, que os ha, graças a Deus, em todas as denominações evangélicas.

Para remate dêste despretensioso trabalho histórico, seja-nos permitido externar breve reflexão, que envolve uma profecia, aliás autorizada pelos fatos, assim do pretérito como de nossos dias:

— Ontem, onda; hoje, vaga; amanhã, oceano: — tal, com justeza, se pode afirmar do Evangelismo no Brasil.

Sursum corda! — Elevai os corações!

RELAÇÃO DOS DELEGADOS BRASILEIROS Á 11.ª CONVENÇÃO MUNDIAL

Nota da Secretaria: — Em virtude de alguns delegados haverem completado a sua inscrição na última hora, e de outros a terem em devido tempo cancelado ou transferido, é bem possível haver omissões nesta lista, de todo involuntárias, pelo que, desde já, pedimos excusas a quem porventura tenha pago integralmente a sua inscrição e não figure na relação abaixo:

Almeida, Rev. Nemesio de	Rio de Janeiro
Armstrong, Mrs. D. G.	Missionária em Minas
Allen, Miss Bessie	Castro, Paraná
Almeida, Adalberto	Petrópolis, Est. Rio
Almada, Itagiba de Mello	Maristela, S. Paulo
Avila, Rev. Augusto Paes	Santos, S. Paulo
Abreu, Vicentina M.	B. Horizonte, Minas Gerais
Almeida, Judah	Juiz de Fora, Minas Gerais
Andrade, Moysés	Juiz de Fora, Minas Gerais
Andrade, Izabel Coelho	Juiz de Fora, Minas Gerais
Anders, Rev. Adolpho	Manhumirim, Minas Gerais
Anders, Amelia Lopes	Manhumirim, Minas Gerais
Azevedo, Maria A. C.	Cidade de São Paulo
Almeida, Paulo Pires de	Rio de Janeiro
Aguiar, Cap. Moysés C.	Penápolis, S. Paulo
Aguiar, Belmira M.	Penápolis, S. Paulo
Amaral, Leda Andrade	Cidade de S. Paulo
Alt, João	Campos, Est. do Rio
Almeida, Paulo Sebastião	Rio de Janeiro
Almeida, Antonio	Rio de Janeiro
Almeida, Antonio Augusto	Rio de Janeiro
Almeida, Francisco Martins	Rio de Janeiro
Abreu, Joaquim Cambraia de	Campo Belo, Minas Gerais
Almeida, Maria Botelho de	Araraquara, S. Paulo
Anders, Rev. Rodolfo	Rio de Janeiro
Anders, Elvira Bastos	Rio de Janeiro
Arantes, Rev. Clertan A.	Rio de Janeiro
Almeida, Benedicta Machado	Cidade de S. Paulo
Armbrust, Dr. Gustavo	Rio de Janeiro
Amaral, Alfredo	Campos do Jordão, S. Paulo
d'Avila, Jurema Coutinho	Rio de Janeiro
Araujo, Augusto	Campinas, S. Paulo
Assumpção, Bernardo de	Rio de Janeiro
Almeida, Maria, A. da Silva	Rio de Janeiro
Azevedo, Guiomar	Rio de Janeiro
Aquino, Rev. Jonathas Thomaz	Rio de Janeiro

Abreu, José Froes de	Cabuçú, Est. do Rio
Almeida, Maria Augusta de	Rio de Janeiro
Araujo, Marina de	Rio de Janeiro
Argollo, Francisco	Prado, Minas Gerais
Atayde, Mercedes	Rio de Janeiro
Araujo, Pastor Tiago Correia	Recife, Pernambuco
Allen, William Edson	Rio de Janeiro
Allen, Mrs. W. E.	Rio de Janeiro
Amaral, João A. do	Cataguazes, Minas Gerais
Avilla, Josias Correia	Niteroi, Est. do Rio
Assumpção, Maria	Rio de Janeiro
Azevedo, Antonio Luiz de	Rio de Janeiro
Azevedo, Belarmino	Porto Feliz, Sta. Catarina
Azevedo, Rev. Alfredo P.	Rio de Janeiro
Bickerstaph, Mrs. J. G.	Rio Capinzal, Sta. Catarina
Bickerstaph, Rev. G. D.	Rio Capinzal, Sta. Catarina
Brown, Miss Rosalie	Ribeirão Preto, S. Paulo
Best, Miss Louise	Santa Maria, Rio Gr. Sul
Bowe, Mrs. V. P.	Cidade de S. Paulo
Bowe, Mr. V. P.	Cidade de S. Paulo
Brito, Virgilio de	Ilha do Governador
Borchers, Rev. Walter G.	Campinas, S. Paulo
Braga, Rev. J. R. Carvalho	Niteroi, Est. do Rio
Braga, Alexandrina	Niteroi, Est. do Rio
Braga, Rev. Erasmo	Niteroi, Est. do Rio
Bowden, Miss Eula H.	Juiz de Fora, Minas Gerais
Baker, Mrs. Peter G.	Baía, Est. da Baía
Beck, Mrs. Hiltrud	Castro, Paraná
Burns, Miss Aultie	Rio de Janeiro
Buyers, Rev. Paul	Rio de Janeiro
Brito, Ermelinda	Suzano, S. Paulo
Baker, Rev. F. F.	Lavras, Minas
Baker, Mrs. F. F.	Lavras, Minas
Braga, Dr. Galileu	Anta, Est. do Rio
Barreiras, Eduardo	Passo Fundo, Rio Gr. do Sul
Braga, Henriqueta Fernandes	Rio de Janeiro
Braga, Henriqueta Rosa Fernandes	Rio de Janeiro
Braga, Dr. Remigio Fernandes	Rio de Janeiro
Braga Junior, J. L. Fernandes	Rio de Janeiro
Braga, Domingos G. Fernandes	Rio de Janeiro
Braga, Christininha Fernandes	Rio de Janeiro
Bandeira, Sadoc Ubaldo	Rio de Janeiro
Bittencourt, Felinto de A.	Rio de Janeiro
Biccas, João Rodrigues	Cidade de S. Paulo
Becker, Eugenia	Ribeirão Preto, S. Paulo
Barbara, Martha	Ribeirão Preto, S. Paulo
Betts, Rev. D. L.	Uruguaiana, Rio Gr. do Sul

Boamorte, Rev. Avelino	Mogi-Mirim, S. Paulo
Boamorte, Ruth Ferraz	Mogi-Mirim, S. Paulo
Biato, Abilio Augusto	Rio de Janeiro
Borges, João C.	Umuarama, S. Paulo
Borges, Magdalena	Umuarama, S. Paulo
Bidoli, Humberto	S. José dos Campos, S. Paulo
Buonaduci, Fernando	Cidade de S. Paulo
Barros, Augusto Loureiro S.	Cidade de S. Paulo
Brandão, Americo Marinho	Rio de Janeiro
Barros, Rev. João L.	Cachoeiro de Itapimirim, E. Santo
Becker, Etelvina Dias	B. Horizonte, Minas Gerais
Braga, Aletta Lobo Fernandes	Rio de Janeiro
Braga, José Lobo Fernandes	Rio de Janeiro
Bergo, Ema	B. Horizonte, Minas Gerais
Barros, Rita da Fonseca	Rio de Janeiro
Barreto, Dolores	Rio de Janeiro
Baptista, Nathanael D.	Rio de Janeiro
Bookwalter, Leroy K.	Santa Barbara, S. Paulo
Bandeira, Arthur Fialho	Manhumirim, Minas Gerais
Braga, Flavio de Araujo	Rio de Janeiro
Barbosa, Maria Pinto	Rio de Janeiro
Barreira, Baltazar	Fortaleza, Ceará
Barros, Guiomar A.	Rio de Janeiro
Barros, Dr. Agenor	Rio de Janeiro
Biato, Agostinho de Jesus	Rio de Janeiro
Braga, Luiz Lobo Fernandes	Rio de Janeiro
Buster, Prof. Ray	Pouso Alegre, Minas Gerais
Bichels, Camilla	Rio de Janeiro
Barreto, Dr. Heraldo	Penápolis, S. Paulo
Calhoun, Rev. L. G.	Lavras, Minas Gerais
Calhoun, Mrs. L. G	Lavras, Minas Gerais
Cardoso, A. Jeremias	Rio de Janeiro
Cook, Rev. Harold	Castro, Paraná
Cook, Mrs. Harold	Castro, Paraná
Cobb, Miss Allie	Rio de Janeiro
Costa, Josephina Andrade	Petrópolis, Est. do Rio
Castro, Rev. Basílio	Ilhéus, Baía
Caldas, Ten. Walfredo	Rio de Janeiro
Costa, Ten. Dorotheu A.	Rio de Janeiro
Cooper, Miss Blossom	Suzano, S. Paulo
Cesar, Rev. Benjamim	Campos, Est. do Rio
Cesar, Elvira L. A.	Campos, Est. do Rio
Chaves, Ottilia de O.	Juiz de Fora, Minas Gerais
Chaves, Rev. Derly de A.	Juiz de Fora, Minas Gerais
Carr, Rev. Wesley M.	Juiz de Fora, Minas Gerais
Clark, Miss Mary Helen	Rio de Janeiro
Coutinho, Rev. Silas Gedeão	Cristianópolis, Goiás

Couto, Rev. João Pereira	Muriaé, Minas Gerais
Cesar, Dr. Paulo L. A.	Rio de Janeiro
Cesar, Marcia	Rio de Janeiro
Cook, Miss Muriel Joy	Castro, Paraná
Christine, Miss Emma	Ribeirão Preto, S. Paulo
Cordeiro, Alípio	Rio de Janeiro
Catão, Ligia Duque	Lima Duarte, Minas Gerais
Coelho, Euclydes Mendes	Indiana, S. Paulo
Campos, Albina Amaral Pires	Cidade de S. Paulo
Costa, José Florentino	Abre Campo, Minas Gerais
Campos, Adelaide	Juiz de Fora, Minas Gerais
Cruz, Lauro M. da	Cidade de S. Paulo
Costa, Dr. Aguinaldo	B. Horizonte, Minas Gerais
Costa, Lucília	B. Horizonte, Minas Gerais
Costa, Livia Bueno	B. Horizonte, Minas Gerais
Castro, Antonio F. Lannes	Campos, Est. do Rio
Cortez, Rev. Natanael	Fortaleza, Ceará
Cortez, Nina	Fortaleza, Ceará
Campos, Dr. Carlos Mendes	Rio de Janeiro
Couto, Rev. Lino do	Ipanema, Minas Gerais
Clark, Chiquita	Rio de Janeiro
Condeixas, Antonio Pires S.	Niteroi, Est. do Rio
Campello, Candida	Rio de Janeiro
Curi, Kamil	Rio de Janeiro
Cortes, José Luiz	Serra do Salitre, Minas Gerais
Correia, Adolfo Machado	Rio de Janeiro
Cezar, Ten. Januario G.	Rio de Janeiro
Costa, Carlos Maurício	S. João del-Rei, Minas Gerais
Costa, Idelfonso	Cidade de S. Paulo
Costa, Amelia S.	Cidade de S. Paulo
Cardoso, Raul	Campo Belo, Minas Gerais
Castilho, Irene Lemos	Rio de Janeiro
Cruz, Manoel Cypriano da	Garanhuns, Pernambuco
Clark, Roberto	Biriguí, S. Paulo
Cêa, José Ribeiro	Rio de Janeiro
Carvalho, Odilla Brêtas de	Rio de Janeiro
Crabtree, Rev. A. R.	Rio de Janeiro
Clay, Maria Cunha	Rio de Janeiro
Carvalho, Francisca Ferreira	Cidade de S. Paulo
Cardoso, Iridina Almeida	Vitória, Esp. Santo
Castro, Benício Barbosa de	B. Horizonte, Minas Gerais
Carvalho, Antonio Nunes de	Itajubá, Minas Gerais
Caminha, Octacilio A.	Rio de Janeiro
Campos, Benedicto Marciano	Cillos, S. Paulo
Castilho, Clara Xavier de	Passa Quatro, Minas Gerais
Castilho, Olga Xavier de	Passa Quatro, Minas Gerais
Camargo, Lazaro	Castro, Paraná

Campos, Ismael Gonçalves	Rio de Janeiro
Campos, Iracema Castro de F.	Rio de Janeiro
Cesar, Salustiano Pereira	Rio de Janeiro
Costa, Boanerges de Araujo	Rio de Janeiro
Couto, Júlio Xavier Marques	Rio de Janeiro
Camara, Emílio Perestrello	Rio de Janeiro
Camara, Wanda Perestrello	Rio de Janeiro
Camara, Tereza Perestrello	Rio de Janeiro
Coimbra, Dr. Felinto	Rio de Janeiro
Cunha, Maria Franca da	Manhumirim, Minas Gerais
Coimbra, Clarisse da Silva	S. João de Muquí, Esp. Santo
Campelio, Dr. Américo	Rio de Janeiro
Carvalho, Antonio Dias	Rio de Janeiro
Conceição, Angelina da	Rio de Janeiro
Couto, João Pereira de	Rio de Janeiro
Campos, Adair R.	Juiz de Fora, Minas Gerais
Couvino, Eurídice Morais	Rio de Janeiro
Corbett, Miss M. T.	Rio de Janeiro
Clay, Gertrudes	Rio de Janeiro
Carneiro, José	Rio de Janeiro
Camargo, Prof. Joaquim P.	Cidade de S. Paulo
Carvalho, Luiz Augusto de	Araraquara, S. Paulo
Cormack, Thomaz	Niteroi, Est. do Rio
Deslandes, Itiberé	Rio de Janeiro
Duarte, João	Rio de Janeiro
Daniel, Mrs. J. W.	Porto Alegre, Rio Gr. do Sul
Denison, Miss Alice	Piracicaba, S. Paulo
Dawsey, Rev. C. B.	Marília, S. Paulo
Duque, João de Deus	Juiz de Fora, Minas Gerais
Davis, Rev. E. M.	Rio de Janeiro
Dias, Rev. Brasilino Flausino	Cidade de S. Paulo
Davis, Rev. A. L.	Varginha, Minas Gerais
Dias, Eduardo Gonçalves	Rio de Janeiro
Dantas, Júlio	Rio de Janeiro
Deslandes, Rev. Euclides	Rio de Janeiro
Deslandes, Noemia	Rio de Janeiro
Deslandes, Antonio Luiz	Rio de Janeiro
Damasceno, Osias	Itajubá, Minas Gerais
Dias, Antonio de Pádua	Cidade de S. Paulo
Dias, Noemy Dorothea	Alto Jequitibá, Minas Gerais
Drumond, Rev. Fernando	Cachoeira de Itapemirim, Esp. Santo
Dietschi, Pastor Theophilo	Nova Hamburgo, Rio Gr. do Sul
Deter, Rev. A. B.	Curitiba, Paraná
Dias, Antonio	Rio de Janeiro
Dias, Fernando Cerqueira	Rio de Janeiro
Dornelas, Rev. Sebastião H.	Valença, Est. do Rio
Dickie, Rev. Miguel	Cidade de S. Paulo

Dickie, Mrs. Julia C.	Cidade de S. Paulo
Epps, Miss Leila F.	Cidade de S. Paulo
Ellis, Rev. James E.	Uruguaiana, Rio Gr. do Sul
Ellis, Mrs. James E.	Uruguaiana, Rio Gr. do Sul
Eiras, Rev. Alberto Fernandes	Ubá, Minas Gerais
Ermel, Affonso	Cidade de S. Paulo
Ermel, Walter	Cidade de S. Paulo
Ermel, Sylvio	Cidade de S. Paulo
Evangelista, Severina O.	Presidente Prudente, S. Paulo
Enete, Rev. William Walter	Rio de Janeiro
Enete, Mrs. W. W.	Rio de Janeiro
Ebersback, Pastor Hans	Rio de Janeiro
Esher, Dr. N. R. S. do Couto	Cidade de S. Paulo
Esher, Anna Soares do Couto	Cidade de S. Paulo
Esher. Annita Couto	Cidade de S. Paulo
Fernandes, Antonio Joaquim	Niteroi, Est. do Rio
Fraga, Arthemisia	Rio de Janeiro
Fraga, Dr. Jovino	Rio de Janeiro
Ferreira, Rev. Armando	Friburgo, Est. do Rio
Filho, Cesar Dacorso	Juiz de Fora, Minas Gerais
Ferreira, Candido Alves	Serra do Salitre, Minas Gerais
Foster, Miss Edith R.	Campo Belo, Minas Gerais
Ferreira, Rev. José R.	Rio de Janeiro
Figueiredo, Rev. José Antonio	São José d'Além Paraíba, Minas Gerai
Ferguson, Miss Lydia	Ribeirão Preto, S. Paulo
Fráis, José Varella	Rio de Janeiro
Ferraz, Gertrudes Ermel	Cidade de S. Paulo
Frossard, Dermeval	Manhumirim, Minas Gerais
Filho, Rev. Romano A.	Biriguí, S. Paulo
Filha, Presciliana Morais	Paraíba do Sul, Est. do Rio
Flexa, Cel. Miguel	Rio de Janeiro
Flexa, Ernestina	Rio de Janeiro
Flexa, Ruth	Rio de Janeiro
Fragata, A. F.	Rio de Janeiro
França, Rev. Luiz Pereira	Jabotão, Pernambuco
Ferreira, Antonio Maria	Rio de Janeiro
Filho, Joaquim Soter	Porto Alegre, Rio Gr. do Sul
Filho, Francisco A. Souza	Rio de Janeiro
Flores, Cherubina Pereira	Macuco, Est. do Rio
Ferraz, Nair	Cidade de S. Paulo
Ferraz. Anita	Cidade de S. Paulo
Ferraz, Rev. Salomão	Cidade de S. Paulo
Freire, Antonio	Rio de Janeiro
Freire, Laura	Rio de Janeiro
Ferreira, Henriqueta Vieira	Rio de Janeiro
Fordham, Dr. Chester C.	Rio de Janeiro
Ferreira, Daniel	Rio de Janeiro

Fialho, Diniz de Azambuja	Rio de Janeiro
Fernandes, Carolina Rolim	Rio de Janeiro
Filho, José Emerick	Alto Jequitibá, Minas Gerais
Ferreira, Julio	Campinas, S. Paulo
Figueiredo, Silvino	Campinas, S. Paulo
Ferreira, Nathalia Vieira	Rio de Janeiro
Fonseca, Dra. Laura V. F.	Rio de Janeiro
Fuyat, Mrs. H. N.	Rio de Janeiro
Ferreira, Esther Assumpção	Rio de Janeiro
Fragata, Idalina	Rio de Janeiro
Filho, José Pinheiro	Rio de Janeiro
Ferraz, Rev. Lafayette Dias	Rio de Janeiro
Ferraz, Rev. Dr. Sillas	Rio de Janeiro
Filho, Rev. Laudelino de O. L.	Rio de Janeiro
Freitas, Pedro Fernandes	Rio de Janeiro
Freitas, Mariana Fernandes	Rio de Janeiro
Funcke, Bispo Gottlieb	Porto Alegre, Rio Gr. do Sul
Farias, Lourival	Rio de Janeiro
Filho, José G. Pereira	Rio de Janeiro
Fraga, Rev. A. P.	Belo Horizonte, Minas Gerais
Fialho, Antonio José	Rio de Janeiro
Goulart, Rev. Jorge	Lavras, Minas Gerais
Goulart, Inez C.	Lavras, Minas Gerais
Gonçalves, Rev. Almir S.	Vitória, Esp. Santo
Gordon, Dr. Donald C.	Baía
Gordon, Mrs. Donald C.	Baía
Glenn, Miss Loyan	Rio de Janeiro
Guimarães, Irineu	Juiz de Fora, Minas Gerais
Gordon, Miss Elizabeth	Campo Belo, Minas Gerais
Good, Rev. Reynolds Edward	Rosário Oeste, Mato Grosso
Godinho, Rev. Carlos	Rio de Janeiro
Garcia, Jacyra Teixeira	Cidade de S. Paulo
Garcia, Junia	Ribeirão Preto, S. Paulo
Guimarães, Carmen	Ribeirão Preto, S. Paulo
Godoy, Olympio	Penápolis, S. Paulo
Godoy, Yriny	Penápolis, S. Paulo
Godoy, Rev. Antonio	Alegre, Esp. Santo
Gonçalves, Rev. Antonio de C.	Niteroi, Est. do Rio
Graham, Rev. Franklin F.	Planaltina, Goiás
Gueiros, Dr. Esdras	Recife, Pernambuco
Gammon, Miss Willie	Lavras, Minas Gerais
Grigorowitsch, Rev. Karlis	Cidade de S. Paulo
Gueiros, Rev. Israel F.	Recife, Pernambuco
Gebara, Julia S.	Rio de Janeiro
Giusepe, Cozzulino	Rio de Janeiro
Gomes, Mercedes	Rio de Janeiro
Goulart, Iva	Lavras, Minas Gerais

Garastamú, Mario	Bagé, Rio Gr. de Sul
Grotthouse, Margaret P.	Baruerí, S. Paulo
Gebara, Emily S.	Cidade de S. Paulo
Guimarães, Lidia	Vitória, Esp. Santo
Gonçalves, Claudia	Rio de Janeiro
Guimarães, Horacio	Rio de Janeiro
Guerra, Rev. J. A.	Belo Horizonte, Minas Gerais
Gadelha, Rev. João	Veado, Esp. Santo
Gil, Lourenço Bernardez	Rio de Janeiro
Granja José E. de Aquino	Rio de Janeiro
Garcia, Francisco	Rio de Janeiro
Garcia, Hilda Pinheiro	Rio de Janeiro
Grosmann, Maria	Rio de Janeiro
Gomes, Julio	Resplendor, Minas Gerais
Huber, Anna	Palmas, Est. do Rio
Hesser, Miss Francis	Patrocínio, Minas Gerais
Hurst, Rev. George H.	S. Sebastião do Paraíso, Minas Gerais
Hurst, Mrs. Hazel E.	S. Sebastião do Paraíso, Minas Gerais
Hyde, Miss Eva L.	Rio de Janeiro
Hoeschl, Miss Lieselette	Lages, Sta. Catarina
Hoehne, Dr. F. C.	Cidade de S. Paulo
Hunnicutt, Dr. Benjamin H.	Rio de Janeiro
Hastings, Miss Annie L.	Cuiabá, Mato Grosso
Holt, Miss Nancy	Cidade de S. Paulo
Holland, Carlos	Cidade de S. Paulo
Heringer, Luiz G.	Manhumirim, Minas Gerais
Hecke, Rev. Paulo	Curitiba, Paraná
Harris, Rev. H. S.	Rio de Janeiro
Harris, Mrs. H. S.	Rio de Janeiro
Harper, Rev. C. Roy	Baruerí, S. Paulo
Harper, Mrs. Evelin D.	Baruerí, S. Paulo
Hirth, Rev. Benedicto	Cidade de S. Paulo
Hoehn, Margarida	Cidade de S. Paulo
Hoepffner, Pastor F. L.	Rio de Janeiro
Hastinger, Pastor Ismael	Taquarí, Rio Gr. do Sul
Harper, Miss Annie L.	Juiz de Fora, Minas Gerais
Hardie, Helena	Uberlândia, Minas Gerais
Hatcher, Rev. William L.	Petrópolis, Est. do Rio
Harms, Mary Letitia	Rio de Janeiro
Hohl, Pastor	Petrópolis, Est. do Rio
Hartman, G. E.	Cidade de S. Paulo
Instituto Central do Povo	Rio de Janeiro
Ito, Rev. John Yasoju	Cidade de S. Paulo
Iso, Rev. Paulo	Registro, S. Paulo
Ishido, Rev. Guchi	Lussanvira, S. Paulo
Inke, Rev. Richard J.	Rio de Jáneiro
Inke, Mrs. Sophia W.	Rio de Janeiro

Izabel, Maria de Santa	Baía
Ischerfinger, Mrs.	Rio de Janeiro
Jarrett, Miss Rachel	Cidade de S. Paulo
Johnston, Rev. John K.	Carmo do Paranaíba, Minas Gerais
Johnston, Mrs. Teressa Reid	Carmo do Paranaíba, Minas Gerais
Junior, J. Ferreira de Mello	Reduto, Minas Gerais
Junior, Henrique Todt	St. Ana do Livramento, Rio Gr. do
Junior, Rev. João Ramos	Alegre, Esp. Santo
Junior, João Mazzotti	Rio de Janeiro
Jannuzzi, Com. Antonio	Rio de Janeiro
Jones, Zahira M.	Rio de Janeiro
Junior, Ismael da Silva	Rio de Janeiro
Junior, M. G. White	Rio de Janeiro
Johnson, Pastor J. Berger	Estação S. Bernardo, S. Paulo
Junior, W. H. Moore	Juiz de Fora, Minas Gerais
Kuhlmann, Edmundo	Paraíba do Sul, Est. do Rio
Kolb, Miss Ida E.	Curitiba, Paraná
Kolb, Ann Mary	Cidade de S. Paulo
Kolb, Grace	Cidade de S. Paulo
Kolb, Mrs. Keriah B.	Cidade de S. Paulo
Kolb, Miss Bella	Rio de Janeiro
Kennedy, Rev. James L.	Cidade de S. Paulo
Kennedy, Mrs. Daisy Pyles	Cidade de S. Paulo
Kobayashi, Tojiro	Cidade de S. Paulo
Karl, Guilherme	Lages, Sta. Catarina
Kerr, Rev. William C.	Cidade de S. Paulo
Krischke, Rev. Egmont M.	Pelotas, Rio Gr. do Sul
Kilgore, Miss Rhoda C.	Recife, Pernambuco
Kuhlmann, Hordalia	Rio de Janeiro
Krischke, Rev George M.	Porto Alegre, Rio Gr. do Sul
Leite, Rev. Lisanias Cerqueira	Rio de Janeiro
Leite, Amelia Cerqueira	Rio de Janeiro
Long, Rev. Chas. A.	Petrópolis, Est. do Rio
Long, Mrs. Lucy Y.	Petrópolis, Est. do Rio
Lima, Else E. de Magalhães	Cidade de S. Paulo
Long, Frank M.	Porto Alegre, Rio Gr. do Sui
Long, Mrs. Frank M.	Porto Alegre, Rio Gr. do Sul
Lyra, Rev. Sinesio	Recife, Pernambuco
Laluna, Nicolau	Leopoldina, Minas Gerais
Lichtwardt, H. H.	Rio de Janeiro
Lane, Miss Margaret	Patrocínio, Minas Gerais
Luz, Rev. Fortunato	Passa Três, Est. do Rio
Lehman, Rev. H. I.	Ourinhos, S. Paulo
Leão, Hermet Nunes C.	Ribeirão Preto, S. Paulo
Lopes, Annanias Ferreira	Divisa, Esp. Santo
Lopes, Josias de Araujo	Belo Horizonte, Minas Gerais
Lindemberg, Dr. Oswaldo	Niteroi, Est. do Rio

Lennington, Rev. Robert F.	Campinas, S. Paulo
Lennington, Mrs. Addie H.	Campinas, S. Paulo
Lindwall, Alf. Em.	Rio de Janeiro
Leão, Rev. José B.	Sta. Maria, Rio Gr. do Sul
Leão, Candida da Rocha	Sta. Maria, Rio Gr. do Sul
Lewis, Mary	Rio de Janeiro
Lobo, Dr. Souza	Rio de Janeiro
Lannes, Philogomiro	Vitória, Esp. Santo
Lannes, Emma Soares	Vitória, Esp. Santo
Lopes, Olindina Silva	Cidade de S. Paulo
Leite, Adelina Mota C.	Cidade de S. Paulo
Luz, Dalila	Perdões, Minas Gerais
Leitão, Rev. Julio	Recife, Pernambuco
Landes, Miss Charlotte H.	Rio de Janeiro
Lima, Americo	Alto Jequitibá, Minas Gerais
Leitão, David de Almeida	Caratinga, Minas Gerais
Lyra, Jorge Buarque	Rio de Janeiro
Leite, Rev. Manoel Baptista	Rio de Janeiro
Loureiro, Romilda	Rio de Janeiro
Lopes, Jair	Rio de Janeiro
Lins, Nair Soares	Formiga, Minas Gerais
Lima, Lygia Reis	Niteroi, Est. do Rio
Leimann, Rev. Carlos	Alegre, Esp. Santo
Lima, Rev. Laudelino de O. L.	Rio de Janeiro
Lira, Rev. Anisio Pereira	Rio de Janeiro
Landrum, Miss Minnie	Rio de Janeiro
Lichtwardt, Guida Ruth	Rio de Janeiro
Lima, Luiz Augusto de O.	Rio de Janeiro
Lemos, José Nicolau	Juiz de Fora, Minas Gerais
Lima, Caridade Flor de	Rio de Janeiro
Landes, Mrs. R. C.	Rio de Janeiro
Lopes, José E.	Rio de Janeiro
Landes, R. C.	Rio de Janeiro
Lopes, Mercedes	Cidade de S. Paulo
Lopes, Anninhas	Cidade de S. Paulo
Labrunie, Jean	Rio de Janeiro
Labrunie, Nelly	Rio de Janeiro
Léonard, Laure	Rio de Janeiro
Luchese, Alibrando	Rio de Janeiro
Lee, Rev. W. B.	Santo Amaro, S. Paulo
Moreira, Rev. Victorino	Cachoeiro de Itapirim, Esp. Santo
Moura, Rev. Epaminondas	Rio de Janeiro
Matthews, Miss Viola	Rio de Janeiro
Machado, João Augusto	Varpa, S. Paulo
Marchant, Miss Genevieve	Três Corações, Minas Gerais
Mourão, Christiana D.	Lavras, Minas Gerais
Mourão, Altamiro	Lavras, Minas Gerais

Moore, W. H.	Juiz de Fora, Minas Gerais
Moore, Mrs. Nell P.	Juiz de Fora, Minas Gerais
Moore, Emeline	Juiz de Fora, Minas Gerais
Morais, Arino Ferreira de	Juiz de Fora, Minas Gerais
Monteiro, Ana	Rio de Janeiro
Morais, Rev. Synval	Resplendor, Minas Gerais
Mathis, Miss Maud A.	Rio de Janeiro
Machado, Sebastião	Cabo Verde, Minas Gerais
Martins, Olivia M.	Belo Horizonte, Minas
Muirhead, Rev. H. H.	Rio de Janeiro
Muirhead, Mrs. Alyna	Rio de Janeiro
Muirhead, Miss Bessie	Rio de Janeiro
Muirhead, Miss Elena	Rio de Janeiro
Moraes, Alcides Ferreira	Paraíba do Sul, Est. do Rio
Milazzo, Rev. Giacomo	Anta, Est. do Rio
Martins, Rev. Manoel	Rio de Janeiro
Moreland, Prof. J. Earl	Porto Alegre, Rio Gr. do Sul
Machado, Emygdio Francisco	Rio de Janeiro
Monteiro, Henrique	Rio de Janeiro
Malafaia, Reinaldo	Caratinga, Minas Gerais
Machado, Dilza F.	Juiz de Fora, Minas Gerais
Moura, Palmira	Rio de Janeiro
Masumoto, Seizo	Cidade de S. Paulo
Moser, Prof. H. C.	Cuiabá, Mato Grosso
Maciel, Antonio Dias	Patos, Minas Gerais
Moreira, Rosa Ferreira	Fortaleza, Ceará
Moreira, Francisco Pereira	Cidade de S. Paulo
Mara, Atlanta	Rio de Janeiro
Magalhães, Eduardo Pereira	Rio de Janeiro
Moreira, Candido Olegario	Fortaleza, Ceará
Martins, Avelino Pereira	Rio de Janeiro
Martins, Dr. Alceo Ozias	Cidade de S. Paulo
Moraes, Cap. João Dam. R.	Rio de Janeiro
Matschulat, Rev. F.	Nova Wurttemberg, Rio Gr. do Sul
Moreira, Henrique S.	Rio de Janeiro
Menezes, Maria José Ribeiro	Cidade de S. Paulo
Moura, Camilo Francisco	S. João del-Rei, Minas Gerais
Motta, Augusto Mello da	S. João del-Rei, Minas Gerais
Machado, Roberto	Cruz Alta, Rio Gr. do Sul
Mendonça, Veriato Xavier de	Cidade de S. Paulo
Macintyre, J. C.	Cidade de S. Paulo
Macedo, Paulo Duarte de	Vassouras, Est. do Rio
Marinho, Rev. Josebias F.	João Pessoa, Est. da Paraíba
Muzio, Carmen de	Baurú, S. Paulo
Mello, Zaqueu de	Lavras, Minas Gerais
Martins, José Duarte	Rio de Janeiro
Mattos, Silva	Lavras, Minas Gerais

Moraes, Rev. Odilon de	Rio de Janeiro
Macedo, Abigail	Rio de Janeiro
Moura, Venina Tavares	Cidade de S. Paulo
Moraes, Alvaro Ferreira de	Ourinhos, S. Paulo
Meira, Marcellino	Rio de Janeiro
Meira, Maximina	Rio de Janeiro
Matta, Rev. José Henrique V.	Carangola, Minas Gerais
Morais, Justiniano Antonio	Rio de Janeiro
Morais, Izabel da Costa	Rio de Janeiro
Moreira, Evangelina	Rio de Janeiro
Moura, Demethildes	Niteroi, Est. do Rio
Martins, Porfirio	Rio de Janeiro
Martins, Zoraide Carvalho	Rio de Janeiro
Moura, Glaucia	Rio de Janeiro
Miranda, Eliza C. de Almeida	Rio de Janeiro
Madureira, Olga	Rio de Janeiro
Menezes, Joel de	Rio de Janeiro
Moreira, Augusto	Rio de Janeiro
Motta, Adriel de Souza	Juiz de Fora, Minas Gerais
Meirelles, Orlando	Rio de Janeiro
Mendes, Augusto da Silva	Rio de Janeiro
Marques, José Dias Moura	Rio de Janeiro
Maranhão, Roberto Albuquerque	Rio de Janeiro
Moreira, Rev. Galdino	Rio de Janeiro
Moreira, Ilze	Rio de Janeiro
MacCrow, Reginald C.	Rio de Janeiro
Mendes, Lourival Augusto	Niteroi, Est. do Rio
Marques, Prof. Evonio	Rio de Janeiro
Mirandella, João Duarte	Niteroi, Est. do Rio
Muniz, João	Rio de Janeiro
Maxfild, Miss Lilian	Rio de Janeiro
Marques, Dr. José de Souza	Rio de Janeiro
Monteiro, João Galdino	Rio de Janeiro
Moore, Pastor Ennis V.	Cidade de S. Paulo
Mury, Paulo Braga	Niteroi, Est. do Rio
Nobre, Rev. Abdias	Belo Horizonte, Minas Gerais
Nicacio, Norivaldo	S. Sebastião do Paraíso, Minas Gerais
Nóra, Rev. Annibal	Castelo, Esp. Santo
Nóra, Constancia L.	Castelo, Esp. Santo
Neto, José de Araujo C.	Cidade de S. Paulo
Nobre, Gustavina	Mogi-Mirim, S. Paulo
Neves, Manoel da Costa	Lages, , Sta. Catarina
Nishizumi, Massayoci	Cidade de S. Paulo
Neto, José Luiz Fernandes Braga	Rio de Janeiro
Neves, Mario Pinto	Rio de Janeiro
Nocetti, Rev. Francisco G.	Presidente Prudente, S. Paulo
Nogueira, Rev. Julio C.	Rio de Janeiro

Nicolau, Victorina	Rio de Janeiro
Neel, Bernice	Rio de Janeiro
Neuharth, Rino Carlos	Rio de Janeiro
Nelson, Pastor Otto	Baía
Nystrom, Pastor Samuel	Rio de Janeiro
Oliveira, Paulo de	Rio de Janeiro
Oliveira, Teotcnio Alves	Larangeira, Est. do Rio
Oliveira, Domingos da Silva	Rio de Janeiro
Oliveira, Eunice	Rio de Janeiro
Oliveira, Izabel	Rio de Janeiro
Oliveira, Christina F. da Silva	Rio de Janeiro
Oliveira, Ruth da Silva	Rio de Janeiro
Oliveira, José Sebastião	Campina Grande, Est. Paraíba
Oliveira, Maria das Dores	Campina Grande, Est. Paraíba
Olmos, Rev. Mario R.	Dom Pedrito, Rio Gr. do Sul
Oliveira, Jovelino Alves de	Pedra Dourada, Minas Gerais
Oliveira, Adalgisa	Ponte Nova, Est. da Baía
Oliveira, Sebastião Monteiro	Sta. Barbara, S. Paulo
Oliveira, J. da Silva	Rio de Janeiro
Oliveira, Edméa de Souza	Rio de Janeiro
Oliveira, Alayde Maciel de	Rio de Janeiro
Oliveira, Loide	Rio de Janeiro
Oliveira, Cecilia Maria S.	Rio de Janeiro
Oliveira, Manoel Gomes de	Muquí, Esp. Santo
Peixoto, Bethuel E.	Rio de Janeiro
Pacitti, Rev. Vicente	Ourinhos, S. Paulo
Porto, Miguel S.	Assis, S. Paulo
Putnam, Miss Lela	Belo Horizonte, Minas Gerais
Paiva, Maj. Alfredo Gomes de	Rio de Janeiro
Pantolla, Francisco S.	Paraíba do Sul, Est. do Rio
Pantolla, Margarida S.	Paraíba do Sul, Est. do Rio
Pantolla, Deolinda S.	Paraíba do Sul, Est. do Rio
Parker, Rev. G. D.	Porto Alegre, Rio Gr. do Sul
Pereira, Manoel Clemente	Muriaé, Est. da Minas
Pinheiro, America	Cidade de S. Paulo
Pinto, Dr. F. de Miranda	Rio de Janeiro
Pinto, Alice de Miranda	Rio de Janeiro
Pinto, Elisa de Miranda	Rio de Janeiro
Pinto, Brasileira de Miranda	Rio de Janeiro
Pinto, Manoel Pereira	Raul Soares, Minas Gerais
Pereira, José F.	Rio de Janeiro
Porter, Rev. Thomaz	Campinas, S. Paulo
Podesta, Anita Ornelas de	Cabo Verde, Minas Gerais
Pereira, José M.	Rio de Janeiro
Pereira, Julia dos Santos	Rio de Janeiro
Pinto, Cesarina Xavier	P. Jandira, S. Paulo
Pessoa, Elisa Leite	Rio de Janeiro

Pinheiro, José P.	Porto Alegre, Rio Gr. do Sul
Paes, Ruben M.	Nova Rezende, Minas Gerais
Paiva, Emerenciana	Varginha, Minas Gerais
Pires, Dra. Carmen Escobar	Cidade de S. Paulo
Pessoa, Stella Salazar	Rio de Janeiro
Paiva, Olinta	Belo Horizonte, Minas Gerais
Paixão, Lauro	Niteroi, Est. do Rio
Paixão, Dr. Manoel	Niteroi, Est. do Rio
Paixão, Estephania	Niteroi, Est. do Rio
Pérez, Antonia M.	Rio de Janeiro
Paranaguá, Emma Weguelin N.	Rio de Janeiro
Paranaguá, Dr. Tancredo W. N.	Rio de Janeiro
Pinto, José M. de Oliveira	Rio de Janeiro
Pezrson, José C.	Lins, S. Paulo
Pacitti, Antonio	Campinas, S. Paulo
Pinto, Antonio de Oliveira	Rio de Janeiro
Pinto, Maria da Costa	Rio de Janeiro
Pereira, Affonso	Rio de Janeiro
Pereira, Eneas da Silva	Rio de Janeiro
Peçanha, Hamilton	Rio de Janeiro
Protasio, Nympha	Baía
Pereira, Dr. Alberto Gomes	Rio de Janeiro
Pereira, Abel Vindes	Rio de Janeiro
Pereira, Dinorah Santos	Rio de Janeiro
Paschoa, Anselmo	Rio de Janeiro
Pereira, Rev. Juvenal de S.	Belo Horizonte, Minas Gerais
Pereira, Rev. Bernardino	Niteroi, Est. do Rio
Patrocinio, José do	Rio de Janeiro
Pinheiro, Rosinha	Rio de Janeiro
Pinheiro, Dulce	Rio de Janeiro
Pinheiro, Mercedes	Rio de Janeiro
Pinheiro, Rosa Neves	Rio de Janeiro
Pinto, M. de Miranda	Rio de Janeiro
Provenza, Paulo	Rio de Janeiro
Prado, Rev. Hermogenes A.	Cidade de S. Paulo
Prado, José de Oliveira	Jacutinga, Minas Gerais
Pesatori, Cap. Mario	Rio de Janeiro
Reno, Rev. Loren M.	Vitória, Esp. Santo
Reno, Mrs. Loren M.	Vitória, Esp. Santo
Rodrigues, Antonio	Rio de Janeiro
Reginato, Federico	Ponta Grossa. Paraná
Regis, Edelvira	Bonfim, Est. da Baía
Redo, Antonio Augusto	Rio de Janeiro
Regis, Edgar	Baruerí, S. Paulo
Rocha, Onesimo Ferreira	Alto Jequitibá, Minas Gerais
Rocha, Olga Rimes	Alto Jequitibá, Minas Gerais
Rocha, Adriano Soares	Rio de Janeiro

Rickli, Anna	Castro, Paraná
Ribeiro, Andréa	Manhuassú, Minas Gerais
Rodrigues, Carlos José	Cidade de S. Paulo
Racy, Stella	Cidade de S. Paulo
Reiter, Nicolau Haster	Juiz de Fora, Minas Gerais
Rocha, Felisbina	Curitiba, Paraná
Rickli, Martinho	Rio de Janeiro
Rangel, Edino	Campos, Est. do Rio
Ramalho, Zeny	Paulo Frontin, Est. do Rio
Rodrigues, Joaquim	Rio de Janeiro
Reis, Rev. Sebastião da S.	Rio de Janeiro
Ribeiro, Osias Damasceno	Rio de Janeiro
Ribeiro, Fausta	Manhuassú, Minas Gerais
Reis, Joaquina	Porto Alegre, Rio Gr. do Sul
Raeder, Leonor	Rio de Janeiro
Ramos, Rev. Clodoaldo R.	Rio de Janeiro
Rodrigues, Octaviano José	Cidade de S. Paulo
Reis, Viuva Rev. Alvaro	Rio de Janeiro
Randall, Ruth M.	Rio de Janeiro
Ribeiro, Mily	Manhuassú, Minas Gerais
Ramalho, Rev. José Barbosa	Rio de Janeiro
Regis, Canuto Roque	Rio de Janeiro
Reis, Benjamin da Silva	Rio de Janeiro
Roubieu, Mrs. E. M.	Rio de Janeiro
Ribeiro, Andréa	Manhuassú, Minas Gerais
Roberts, Albert N.	Porto Alegre, Rio Gr. do Sul
Ribeiro, Deodoro Vieira Lopes	Rio de Janeiro
Rossi, Orlando	Barra Mansa, Est. do Rio
Silva, Francisco Martins da	Belo Horizonte, Minas Gerais
Sydenstricker, Rev. J. M.	Campo Belo, Minas Gerais
Sydenstricker, Mrs. J. M.	Campo Belo, Minas Gerais
Souza, José Jonas de	Pureza, Est. do Rio
See, Rev. Robert C.	Nepomuceno, Minas Gerais
See, Miss Ruth B.	Nepomuceno, Minas Gerais
Santos, Rev. Renato Ribeiro	Rio Claro, S. Paulo
Shaffer, Rev. H. Ross	Cidade de S. Paulo
Shaffer, Mrs. H. Ross	Cidade de São Paulo
Stewart, Dr. C. T.	Cidade de São Paulo
Stewart, Mrs. Leonor C. F.	Cidade de São Paulo
Stelle, Miss Lucy E.	Varginha, Minas Gerais
Smith, Rev. C. L.	Cidade de São Paulo
Smith, Mrs. C. L.	Cidade de São Paulo
Sneeden, Miss Martha Elizabeth	Belo Horizonte, Minas Gerais
Sathler, Orlando	S. João del-Rei, Minas Gerais
Sprogis, João	Nova Europa, S. Paulo
Siqueira, Rev. Cicero	Alto Jequitibá, Minas Gerais
Siqueira, Cecilia Rodrigues	Alto Jequitibá, Minas Gerais

Sathler, Rev. Apolinario	Figueira do Rio Doce, Esp. Santo
Soren, Rev. F. F.	Rio de Janeiro
Schisler, Prof. W. R.	Passo Fundo, Rio Gr. do Sul
Schisler, Mrs. W. R.	Passo Fundo, Rio Gr. do Sul
Sá, Juvenal de	Além Paraíba, Minas Gerais
Santos, Rev. João Cesario	Olimpia, S. Paulo
Santos, Abihail Ribeiro	Rio Claro, S. Paulo
Soares, Raymundo C.	Seio de Abrão, Minas Gerais
Stipp, Miss H. Schalch	Piracicaba, S. Paulo
Souza, Antonio Fernandes	Rio de Janeiro
Schlottfeldt, Adolpho	Juiz de Fora, Minas Gerais
Silva, Oscar Machado da	Juiz de Fora, Minas Gerais
Souza, Joaquim Correia de	Rio de Janeiro
Segovia, Rev. Josué Carrano	Rio de Janeiro
Souza, Iza de	Rio de Janeiro
Soren, Mrs. Jane F.	Rio de Janeiro
Silva, Rev. Raul Fernandes	Cachoeiro do Itapemirim, Esp. Santo
Schwab, Rev. Augusto	Presidente Prudente, S. Paulo
Saraiva, Eliezer dos Santos	Cidade de São Paulo
Silva, Rev. Severino da	Rio de Janeiro
Silva, Oswaldo Luiz da	Taubaté, S. Paulo
Silva, Laura F. da	Cidade de São Paulo
Silva, Cecilia da	Rio de Janeiro
Schuler, Carlinda M.	Livramento, Rio Gr. do Sul
Silva, Maria Gloria F. C.	Bicas, Minas Gerais
Souza, Sarita	Curitiba, Paraná
Silva, João Chrisostomo da	Ouro Fino, Minas Gerais
Sergel, Rev. C. H. C.	Livramento, Rio Gr. do Sul
Sergel, Mrs. H.	Livramento, Rio Gr. do Sul
Silva, Manoel Ramos	Rio de Janeiro
Santiago, Eulalio Meiga	Rio de Janeiro
Schutz, Rev. Norberto	Porto Alegre, Rio Gr. do Sul
Salgado, Albertina G.	Capital de São Paulo
Silva, Zelia F. C.	Bicas, Minas Gerais
Silva, Domingos Felipe	Campos, Est. do Rio
Silva, Dewet Moreira	Rio de Janeiro
Santos, Benedicto Ferreira	Serra do Salitre, Minas Gerais
Sucasas, Rev. Izaias	Manhuassú, Minas Gerais
Sucasas, Jacyra	Manhuassú, Minas Gerais
Souza, Jorge de	Messia de Pina, São Paulo
Silva, Lidia Fernandes Salgado	Rio de Janeiro
Santos, Cel. Joaquim Ribeiro dos	Rio Claro, S. Paulo
Santos, Augusta Ribeiro dos	Rio Claro, S. Paulo
Silva, Maria Augusta da	Rio de Janeiro
Silva, Rev. J. Timotheo da	São Gabriel, Rio Gr. do Sul
Souza, Eugenio Vieira	Sta. Margarida do Manhuassú, Minas Gerais
Santos, Maria Magdalena dos	Rio de Janeiro

Silva, Daniel de Souza e	Cidade de São Paulo
Silva, Augusto Ribeiro da	Campo Belo, Minas Gerais
Silva, Dolores Firmo Moreira	Rio de Janeiro
Silva, Dolores Corrêa da	Rio de Janeiro
Strout, Miss Flora	Rio de Janeiro
Seabra, Mercedes	Porto Alegre, Rio Gr. do Sul
Santos, Anna	Rio de Janeiro
Silva, Maria Eugenia	Rio de Janeiro
Santos, Maria Dias	Rio de Janeiro
Santos, Antonio Lino dos	Conceição dos Ouros, Minas Gerais
Silveira, Rev. Guaracy	Cidade de S. Paulo
Schleskey, João	Castro, Paraná
Simpson, Blanche	Rio de Janeiro
Santos, Rev. Mattathias G.	Rio de Janeiro
Silva, Dr. Severino	Rio de Janeiro
Souza, Sebastião L. Guedes de	Agudos, S. Paulo
Siqueira, Maria Barros	Belo Horizonte, Minas Gerais
Surerus, Alda Guacyaba	Rio de Janeiro
Sampaio, Elza	Rio de Janeiro
Souza, Sebastião Faria de	Cachoeiro do Itapemirim, Esp. Santo
Silva, Manoel Simões e	Juiz de Fora, Minas Gerais
Santos, João Coutinho dos	Niteroi, Est. do Rio
Silva, Francisco Santos da	Niteroi, Est. do Rio
Santos, Jonatas dos	Rio de Janeiro
Soren, Edgar G.	Rio de Janeiro
Silva, Ismael Theodoro da	Rio de Janeiro
Sá, Francisco Benedicto	Rio de Janeiro
Schuhli, Rev. Jeremias W. B.	Rio de Janeiro
Souza, Manoel Avelino de	Niteroi, Est. do Rio
Sobrinho, Rev. Almeida	Rio de Janeiro
Slade, Louise Irene	Niteroi, Est. do Rio
Souza, Aulino Lourenço de	Conservatória, Est. do Rio
Sammet, Mrs. Bertha	Rio de Janeiro
Simões, José Vieira	Rio de Janeiro
Souza, Emilio Lourenço de	Rio de Janeiro
Stover, Rev. T. B.	Rio de Janeiro
Schneider, Chester C.	Niteroi, Est. do Rio
Tavares, João Gomes	Ponta Grossa, Paraná
Terrel, Mrs. J. M.	Juiz de Fora, Minas Gerais
Tucker, Dr. H. C.	Rio de Janeiro
Tucker, Mrs. H. C.	Rio de Janeiro
Terry, Mr. A. J.	Rio de Janeiro
Terry, Mrs. Lulu	Rio de Janeiro
Terry, Miss Susan Elizabeth	Rio de Janeiro
Telford, Rev. Alexandre	Rio de Janeiro
Telford, Mrs. Annie	Niteroi, Est. do Rio
Teixeira, Ida Ozorio	Cidade de S. Paulo

Tavares, Avelino José	Paulo Frontin, Est. do Rio
Tavares, Aracy	Rio de Janeiro
Torres, David	Baía, Est. da Baía
Teixeira, Rev. Livio Borges	Bebedouro, S. Paulo
Teixeira, Ruth	Rio de Janeiro
Talarito, Alfredo	Cidade de São Paulo
Teixeira, Francisco	Rio de Janeiro
Teixeira, João Ignacio	Cidade de São Paulo
Tavares, Rev. Avelino M.	Rio de Janeiro
Tweedie, Annie	Rio de Janeiro
Thomas, Mrs. Sarita E.	Rio de Janeiro
Tarboux, Bispo J. W.	Rio de Janeiro
Tranjan, Eugenia	Rio de Janeiro
Terrell, Henrique E.	Santa Barbara, S. Paulo
Tavares, Max Doumar	Rio de Janeiro
Tavares, Dr. João Evangelista	Rio de Janeiro
Telles, Mario	Campinas, S. Paulo
Thomé, João Baptista	Sacra Família, Est. do Rio
Terrell, Misss Marie	Juiz de Fora, Minas Gerais
Terrell, J. M.	Juiz de Fora, Minas Gerais
Truscott, Rev. Dr. T. A.	Rio de Janeiro
Ungaretti, Adolfo M.	Alegrete, Rio Gr. do Sul
Vieira, Octavio Luiz	São Gonçalo, Est. do Rio
Vale, Filipim Borges do	Franca, S. Paulo
Valle, Eunice	Rio de Janeiro
Val, Estilma do	Rio de Janeiro
Villon, Carlos Luiz	Rio de Janeiro
Villon, Amadeu	Jundiaí, S. Paulo
Vollmer, Dr. João	Rio de Janeiro
Vollmer, Ponciana C.	Rio de Janeiro
West, Miss Edith	Vitória, Esp. Santo
Wade, Miss Lucy A.	Belo Horizonte, Minas Gerais
Weaver, Rev. A.	Juiz de Fora, Minas Gerais
Weaver, Mrs. Eunice G.	Juiz de Fora, Minas Gerais
Wills, William Gershon	Rio de Janeiro
Wills, Nithinia Cerqueira	Rio de Janeiro
Woodson, Rev. J. R.	Barretos, S. Paulo
Woodson, Mrs. J. R.	Barretos, S. Paulo
Wagner, Ramiro	Campos, Est. do Rio
Weber, Rev. Mario Bohrer	Porto Alegre, Rio Gr. do Sul
Waddell, Dr. W. A.	Baruerí, S. Paulo
Waddell, Mrs. L. A. C.	Baruerí, S. Paulo
Wagner, Aurora N.	Porto Alegre, Rio Gr. do Sul
Werner, Dionesio	Alto Jequitibá, Minas Gerais
Wills, Henry George	Rio de Janeiro
Werner, Arthur Romualdo	Alto Jequitibá, Minas Gerais
Weaver, Margaret	Rio de Janeiro
Westcott, H. B.	Niteroi, Est. do Rio

Westin, Maria A. Vasconcellos	S. João da Boa Vista, Est. do Rio
Wills, Joyce	Rio de Janeiro
Ward, Arthur B.	Rio de Janeiro
Ward, Emily	Rio de Janeiro
Xavier, Agenor Pedro	Rio de Janeiro
Zahn, Rev. J.	Rio de Janeiro
Marques, Jorge da Silva	Rio de Janeiro
Santos, Rev. Messias Cezario dos	Rio de Janeiro